

~~[Scribbled text]~~

~~[Scribbled text]~~

CF
A
—
1
—
29



Comunide

22

TRATADO
DAS SIGNIFICAC, OENS
D A S
P L A N T A S,
FLORES, E FRUTTOS,

*QUE SE REFEREM NA SAGRADA ESCRITTURA,
TIRADAS DE DIVINAS, E HUMANAS
letras, com suas breves considerações,*

P E L O P A D R E,

FR. ISIDORO DE BARREYRA,

Religioso da Sagrada Ordem de Christo. 25.X.971



Sala	CF
Est.	4A
Tab.	1
N.º	29



L I S B O A. 25555 of.

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA,
& à sua custa.

M. D C. X C. V I I I.

Com todas as licenças necessarias.

da Communidade

TRATADO
DAS SINGULARES
DAS

PLANTAS
FLORES E FRUTOS

QUE SE RECONHECEM NA ESCOLA DE MEDICINA
DE ALFAMA DE DIVINAS DE ALFAMA

DE ALFAMA

FRANCISCO DE BARRETTA

Religioso da Sagrada Ordem de Christo



LISBOA

Na Officina de MANOEL JOES FERREIRA
e a sua casa

M. D. C. C. C. L. I. I. I.
Com todos os direitos reservados



PROLOGO.



Experiencia das cousas foi a que descobrio a natureza dellas, & dos effeitos que vio, appropriou a muitas os significados que tem. Os das plâtas daqui tiveraõ sua origem, ainda que os mais delles naõ foraõ taõ descubertos por industria humana, como sabedoria divina: porque quando esta em diversos

lugares da sagrada Escrittura fala de plantas, & flores, mais quer que por ellas se entendaõ as significações que tem, que as palavras que soaõ. Donde quando Deos dizia ao povo Judai- *Jer. 9.*
co, q̄ lhe havia de dar a comer Absynthio, herua muito amargosa, mais queria significar as amarguras, que a esse povo por suas ingratições havia de dar, que o Absynthio, ou Lofna, q̄ lhe houvesse de fazer comer. Recolherse a Pomba à Arca de Noè com ramo de Oliveira no bico, & naõ de Cedro, ou Platano, final he, que no ramo de Oliveira quiz o Ceo significar o que no Cedro, ou Platano taõ propriamente naõ significava. Comparar David o Justo à Palma, & naõ ao Alemo, ou Loureiro, final he, que descobrio na Palma propriedades que para seu intento naõ achou no Alemo, nem no Loureiro. Dizer o Divino Esposo, que he Lirio dos valles, & naõ Cravo, Rosa, ou outra flor, que a terra cria, bem se deixa ver, que para se comparar ao Lirio achou nelle virtudes, & excellencias, que a outras flores naõ deu. Apontar o Evangelista S. Lucas, que a arvore em que Zaqueo subio para ver a Christo, era Sicomoro, mostra sem duvida, que algũa significação tem *Luc. 19.*

Mat. 21.
Mirc.
11.

o Sicomoro, ou Figueira douda, que outra arvore não tem. E o amaldiçoar o mesmo Christo a Figueira, que achou sem fructo, indício he que considerou nella algũa malignidade, q̃ a outras arvores não convêm. Pelo que as significações, que as plantas tem, do Ceo as tem, & não dos homens. O que deve ser causa, para que curiosos de alcançar segredos occultos, vejaõ os que de presente declaramos, pois muitas vezes lhes succede falar em alguns significados de plantas, sem saberem o principio, & fundamento delles. Da natureza das plantas escreveo Salamaõ, Jolas Bithino, Asclepiades, Heraclides, Dodoneo, Cratevas, Plinio, Theofrasto, Dioscorides, Matheolo Apuleio, Clusio, Dalemchampion; mas das significações que essas plantas tem, nenhum Author escreveo, que viesse à nossa noticia, tirando Pierio Valeriano, que tratou de algũas no seu livro de geroglyficos; mas como sua profissão foi tratar das figuras Egypcias, (como põem por titulo das suas obras) & conforme isso a cada planta dà tantos, & tão differentes significados, que não sabem os leyttores qual escolhaõ por mais conveniente, neste livro não ha isto de ser assim, fenaõ que a cada planta havemos de dar hũa propria significação, & essa não tirada de figuras Egypcias, mas da Escritura sagrada, conforme a exposição dos Santos Padres, & Doutores Theologos; & quando estes faltarem na confirmação de alguns significados, entaõ de necessidade havemos de recorrer a letras humanas, & verosimeis razões. Quem com attenção vir as presentes, acharà que não custou pouco descobrir as muitas que neste tratado se apontaõ, pela difficuldade que ha de alcançar segredos que estas cousas encerraõ. Materia muito digna de se saber, para que das considerações que nella fazemos, se aproveitem os Fieis de Deos, & tirem doutrina espiritual para luz do entendimento, & salvação de suas almas.

TABOADA

DAS PLANTAS, FLORES, E FRUTTOS,
 que na Primeira, & Segunda Parte deste livro
 se contêm, com seus proprios significados,
 & considerações.



<i>Arvore</i>	<i>significa Vida humana.</i>	fol. 1
<i>Flores</i>	<i>significa Esperanças.</i>	16
<i>Fruttos</i>	<i>Obras.</i>	25
<i>Ramos</i>	<i>Desejos.</i>	29
<i>Folhas</i>	<i>Palavras.</i>	35
<i>Raizes</i>	<i>Cuidados.</i>	42
<i>Raiz</i>	<i>Segredo.</i>	50
<i>Balsamo</i>	<i>Misericordia.</i>	53
<i>Palma</i>	<i>Vittoria.</i>	64
<i>Frutto da Palma</i>	<i>Doctrina.</i>	70
<i>Cinnamomo</i>	<i>Zelo.</i>	75
<i>Cedro</i>	<i>Excellencia.</i>	80
<i>Nardo</i>	<i>Devoção.</i>	84
<i>Oliveira</i>	<i>Paz.</i>	91
<i>Myrrha</i>	<i>Mortificação.</i>	100
<i>Platano</i>	<i>Alteza.</i>	107
<i>Calamo Aromatico</i>	<i>Confissão.</i>	112
<i>Cypreste</i>	<i>Incorrupção.</i>	119
<i>Sandalo</i>	<i>Tribulações.</i>	124
<i>Romã</i>	<i>Conformidade.</i>	131
<i>Flor de Romã</i>	<i>Perfeição.</i>	138
<i>Casca de Romã</i>	<i>Modestia, Pejo.</i>	142
<i>Vinho de Romã</i>	<i>Lagrymas.</i>	149
<i>Incenso</i>	<i>Oração.</i>	155
<i>Videira</i>	<i>Alegria.</i>	165
<i>Videira, &c.</i>	<i>Alegria perturbada.</i>	171
<i>Flor de vinha</i>	<i>Bons intentos.</i>	172
<i>Folhas de vinha</i>	<i>Esperanças perdidas.</i>	179
<i>Macieira</i>	<i>Amor.</i>	183
<i>Amendoeira</i>	<i>Esperanças seguras.</i>	192
<i>Flor de Amendoeira.</i>	<i>Velhice do homem.</i>	196

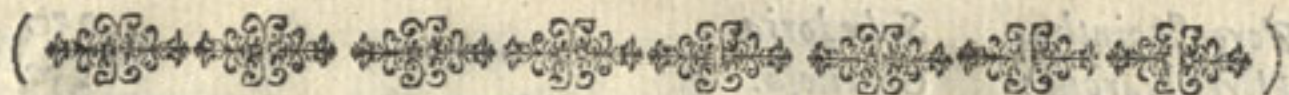
Figueira,

Figueira	Doçura.	202
Figos lampãos	Bens anticipados.	207
Figos verdes	Frutos sem proveito.	209
Folhas de figueira	Penitencia.	212
Figueira brava	Temperança.	218
Figueira douda	Vaidades.	222
Terebintho	Augmento.	223
Murta	Dor.	226
Pinheiro	Morte.	232
Alemo	Mudança.	240
Salgueiro	Herança.	245
Abeto	Contemplaçõ.	249
Buxo	Innocencia.	254
Amoreira	Prudencia.	258
Olmo	Amparo, Favor.	264
Nogueira	Virtude.	265
Giesta	Lembrança.	272
Zimbro	Peccado.	276
Raiz de Zimbro	Avareza.	282
Pereira	Ira, Indignação.	287
Zambugeiro	Humildade.	292
Enzinheiro	Tristesa.	296
Casia, ou Canella	Nobresa.	300
Cypro, ou Alcanfor	Caridade.	306
Carvalho	Fortalesa.	308
Junco do Egypto	Abstinencia.	314
Espinheiro	Delicias.	317
Aroeira	Serviço.	319
Limaõ	Vontade.	320
Pessequeiro	Guerra.	324
Castanheiro	Restauração.	328
Teixo	Danno.	329
Loureiro	Triunfo.	330

SEGUNDA PARTE.

R Osa	Graça.	332
Rosa com espinhos.	Gostos da vida.	337
Lirio	Puresa.	339
Lirio cessen	Saudades.	343
Lirio de cor do Ceo.	Eloquencia.	348

Flores Jacinthas	Sabedoria.	350
Flores Narcisas	Gentileza.	353
Violas	Conhecimento.	356
Hera	Ambição.	361
Espigas	Fartura.	365
Grao de Mostarda	Fè.	367
Madre sylva	Entendimento.	371
Cornucopia	Liberalidade.	378
Canna	Inconstancia.	382
Aboboreira	Esperanças vãs.	386
Hervas	Brevidade.	391
Feno	Gloria do mundo.	394
Arruda	Castidade.	397
Ortelã	Cruesã.	401
Endro	Preguiça.	405
Cominhos	Pragas, Maldições.	409
Coentro	Esquecimento.	411
Junco	Fingimento, hypocrisia.	417
Açafrão	Paciencia.	421
Losna	Remordimento da alma, amarguras.	429
Aypo	Pranto.	435
Hysopo	Limpeza.	439
Mandragora	Boa fama.	442
Linho	Santidade, justificação.	446
Favas	Demandas.	450
Espinhos	Riquezas.	455
Abrolhos	Trabalhos.	460
Sylva	Prisão.	468
Ortigas	Murmurações.	472
Cardo.	Tormento.	481
Grãos	Conservação.	482
Milho	Multidão.	484
Joyo	Inveja.	487
Feto	Segurança.	490
Feto, & Canna	Odio capital.	492
Alecrim	Ciumes.	497
Jasmim	Perigo.	500
Dormideira	Justiça.	502
Legação	Verdade.	505
Mangerona	Prazer.	509



L I C E N Ç A S.

P Ode-se tornar a imprimir o livro, de que esta petição faz menção, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrà. Lisboa 7. de Settembro de 1688.

*Jeronymo Soares. Joaõ da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro.
Fr. Vicente de Santo Thomàs. Estevaõ de Britto Foyos.
Joaõ de Azevedo.*

P Ode-se tornar a imprimir o livro, de que a petição faz menção, & depois tornarà para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 15. de Outubro de 1688.

Serraõ.

T Orne-se a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 20. de Outubro de 1688.

Mello P. Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.

V Isto estar conforme com seu original, póde correr. Lisboa 31. de Janeiro de 1698.

Castro. Foyos. D.V. J.C. Fr.G.

P Ode correr. Lisboa 15. de Fevereiro de 1698.

Fr.P.

T Axão este livro em quatro centos & sincoenta reis. Lisboa 20. de Fevereiro de 1698.

Roxas. Marchaõ. Ribeyro. Oliveira.



PRIMEIRA PARTE

Arvore.

Vida humana.

Consideração primeira.



ARVORE he figura do homem, & proprio significado seu: porque nella diz Santo Ambrosio, que ha viver, & morrer: crescer, & descrescer, como no homem. Nella diz Plinio que ha mocidade, & velhice: doenças geraes, & particulares, como no homem. Della diz Columella, que padece fome, & sede, como o homem, & que tanto lhe faz mal a sobejidaõ do alimento, como a falta delle. Desta diz Santo Augustinho, que vive em quanto reverdece, & morre quando secca, & murcha. Plutarco por encarecimento diz, que as arvores tem fraqueza, & mostraõ que sentem dores, quando lhes quebraõ, ou cortaõ os ramos. O Sol as secca, frios as queimaõ, nevoas lhes fazem mal, quenturas as abrazaõ, agoas as apodrecem, ventos as combatem, tempestades as destroem, & emfim muitas cousas lhes saõ adversas, & outras favoraveis, como succede aos homens. Também se diz das arvores, que a poz admiraveis concebimentos de cada anno, tem fecundos partos, com os quaes apparecem, quando descobrem flores, & entaõ tem cuidado de

Ambr.

Plinius.

Colum.

August.

Plutarc

Plinius.

A

crear

Theoph. crear os filhos, que dão os fruttos maduros, & sazonados. As arvores são amigas entre si, & folgaõ hũas com a companhia das outras. Theofraſto diz, que aſſi como o exterior do homem mostra os poucos, ou muitos annos que tem, aſſi as arvores nas apparencias mostraõ ſua idade.

Gregor. Por eſtas, & muitas raões tem as arvores muita ſympathia, & ſemelhança com os homens: & metaforicamente ſão elles ſignificados nellas. Aſſi diz S. Gregorio, que o homem em ſua creação he arvore, que cresce, & na tentação folha, que ſe move, & na fraqueza flor que cahe. He o homem arvore, & por iſſo em Grego ſe chama Antropos, que quer dizer arvore que tem as raizes para ſima, & os ramos para baixo. Eſta arvore agora ſe planta na terra para depois ſer transplantada no Ceo: agora he poſta no Paraizo da Igreja, & regada com a fonte de ſuas agoas mananciaes, que he o Sangue de Chriſto, para que quando ſouber ſer planta de vontade racional, comprindo a Ley de Deos, ſerã como arvore plantada junto às correntes das agoas, para dar fructo a ſeu tempo. Eſte não dão as arvores, que não participao das influencias do Ceo, & nem os homens pòdem dar fructo de virtudes, ſe primeiro não participao da graça divina, porque eſta he a que rega noſſas almas, para que floreaõ, & dem fructo ceſtial.

Pſal. I.

Conſideração ſegunda.

August.

Santo Auguſtinho diz, que não he o Inverno o que cõ ſuas chuvas faz experiencia nas arvores, mas o Eſtio cõ a falta dellas; & que os homens não ſe experimentao nas riqueſas ſignificadas nas agoas, mas na falta dellas, que ſão os tempos de neceſſidades, & apertos, como plantas a que no Veraõ faltaõ as agoas, que no Inverno lhes ſobejaõ. Diz o meſmo Santo, que quando chegarmos ao pé de hũa arvore freſca, olhemos para as folhas, que tem verdes, & viçoſas, &

& para as que no chaõ cahiraõ seccas, & murchas; & entaõ consideremos, que as do chaõ pódem dizer às de cima, que algũa hora foraõ verdes, viçosas, & alegres, como ellas de presente o saõ, que já floreceraõ, & reverdeceraõ, como ellas: mas que passou sua verdura, & o tempo as poz depressa naquelle estado, em que ellas cedo se haõ de ver, caindo no chaõ, como ellas cahiraõ. Assim os mortos, que come a terra fria, pódem com rafaõ dizer aos que florecem no melhor da idade, que se lembrem que saõ folhas verdes, que depressa haõ de murchar, & cair no chaõ, vendo-se da mesma sorte, que elles nas sepulturas se vem, que depressa haõ de deixar de florecer, quando deixarem de viver: pois saõ folhas, & flores, cuja verdura depressa passa.

Somos arvores, diz o mesmo Santo em outro lugar. As arvores crescem, & sobem para cima: façamos o mesmo: & para subir muito, abaixemonos primeiro muito: porque as arvores primeiro descem, que cresçaõ para cima; primeiro lançaõ raizes no centro da terra, para se levantarem ao Ceo; sem humildade não fazem ellas fundamento, & nós sem ella o queremos fazer, para subirmos ao Ceo; sem raizes pretendemos levantarnos sobre as nuvens. Não he isto crescer, mas descrescer; não he subir, mas descer. Quando como arvores quisermos crescer, seja como diz o Apostolo S. Paulo: *In charitate radicati, & fundati*; lançando raizes, & fazendo fundamento na caridade, de que procede a verdadeira humildade, & todas as mais virtudes, para que possamos crescer a todo o enchimento de graça. A grandes cousas pretendemos chegar, começemos pelas pequenas, & alcançaremos as mayores. Subirà a muito quem se abai-xar a muito: que para a arvore subir ao alto, busca primeiro o mais baixo da terra.

August.

Ephes. 3.

Consideração terceira.

Marc. 8.

Perguntou o Salvador do mundo a hum cego, a quem milagrosamente pouco, & pouco foi dando vista; se via algũa cousa, & respondeo o cego, que algum tanto começava a ver, & que os homens lhe parecião como arvores que hão andando: *Video homines velut arbores ambulantes*. E disse muito bem; porque os homens são como arvores, que em tudo se parecem com ellas, tirando em o

August.

andar: *Nobis vivere cum arboribus commune est*. Diz Santo Augustinho, o nosso viver he commum com as arvores, quasi que temos as mesmas condições, & natureza, que ellas tem. As arvores hãs são frescas, & agradaveis de forte, que deseão todos chegar-se à sua sombra, outras são tão asperas, & espinhosas, que todos fogem dellas. Ha homens tão brádos, & suaves em seu trato, & conversação, que convidão chegarem-se todos a elles; outros ha tão duros, & intrataveis, que todos fogem delles. Ha arvores, que dão muy fermosos fruttos, & esses com muita facilidade, a quem se quer aproveitar delles, outras ha, que àlent de os não darem bons, para os arrancar ha mister muita força, & às vezes ferro. Chegais a hũa maceira, & lançais mão de hũa maçã; eis que a larga tão facilmente, que às vezes a poz hũ pommo deixa cair muitos. Chegais a algũa pessoa com necessidade, ver a facilidade com que vos dão a cousa, & a presteza com que lanção mão à bolsa para vos acodirem logo. São arvores boas, que dão bom fructo, & de boa vontade repartem os bens, que Deos lhes deu. Ver a dificuldade que ha em tirar hum ouriço do ramo do castanheiro, & a castanha do mesmo ouriço. Ver o trabalho que he alcançar algũa cousa de homens esquivos, & avarentos, que não dão a esmola senão como forçada, & violenta, depois que lhe representais mil misérias. Por isso dizia muito bem
o cego,

o cego, que lhe parecia os homens como arvores, hũa faceis em dar fructo, outras difficultosas em o largar de si.

Consideração quarta.

AS arvores nem todas são iguaes, nem da mesma natureza: hũa são differentes das outras. Os homẽs nem todos são de hũa sorte, nem das mesmas condições; huns são grandes, & poderosos, como arvores, que sobem às nuvens, outros tão pobres, & miseraveis, que já mais poderão levantar cabeça. Das arvores hũa dão fructo, & outras não. Os homens nem todos aproveitam no mundo, hũa ha, que com suas partes aproveitam a si, & aproveitam os outros; outros ha que de nenhum proveito são entre os homens, nem servem no mundo mais que de ocupar lugar: *Per omnia inutiles facti*, diz S. Paulo: para tudo inúteis, & decepados. Tal se julgava Aquilles, quando por agravos que tinha de Agamẽon, Emperador do exercito Grego, não querendo sair a pelear com os Troyanos, dizia: *Sedeo hic inutile pondus*. Aqui estou assentado hum homem sem proveito, que de nenhuma cousa sirvo, mais que de ocupar este assento. A estes que nada aproveitam, parece que está dizendo Isaias: *Audi terra, & plenitudo ejus*. Ouve homem terra, & enchimento de terra, que não serves mais que de ocupar lugar, & encher a terra com tua pessoa sem proveito.

Rom. 3.

Homer.

Isai. 34.

Nos lugares desertos ha arvores que dão fructo, & não tem possuidor proprio: o fructo comem no bestas feras, & aves do Ceo; outras estão em povoados, que dão fructo, & tem possuidores. Ha pessoas perdidas nos desertos de suas proprias almas, que tendo partes para aproveitar a muitos, não servem seus fructos mais que para gente perdida, & dissoluta, & para os corvos, & minhotos do inferno, que são os demonios. São arvores que só para o inferno dão fructo:

porém outras ha proveitosas aos homens, & ao mesmo Deos, que he seu possuidor, & folga de ter tão boas plantas no seu jardim, como são os Justos, arvores que aproveitando a si, & ao proximo, respondem com bom fructo a seu eterno possuidor.

Consideração quinta.

AS arvores em nascendo são direitas ao Ceo, se por algum defeito se não entortão, ou desvião a alguma parte: porém o seu natural he subir sempre para cima. O homem que Deos formou em corpo direito (como diz Santo Augustinho) com os olhos na mais eminente parte delle, he admoestado olhar sempre para o Ceo, & buscar as cousas que estão em cima, suspirar por ellas, & trabalhar por ellas: *Factus est homo in terra ad Cælum contemplandum.* Diz este Santo. Foi o homem feito na terra à imagem de Deos, conforme a ração do dominio, & não da forma, por natureza couza pequena, & fragil, mas grande na virtude; imagem de Deos, não em o corpo, mas segundo o que interiormente he; foi feito para contemplar o Ceo, por cuja causa esse Ceo se fez, & não o homem por amor do Ceo: & por isso he elle mais excellente, & muito melhor, que o mesmo Ceo: *O quàm contemptares homo est, nisi supra humana se erexerit:* diz Seneca Filosofo. Que couza tão desprezada he o homem, se se não levanta sobre as cousas humanas, pois foi creado, & constituido em hũa ditosa vida, para contemplar segredos celestiaes; cuja meditação deve ser sustentação sua, & argumento de sua immortalidade; q̄ assi o soube dizer singularmente o mesmo Filosofo Gencio: *Cùm homo divina contemplatur, alitur, & crescit, & hoc habet divinitatis suæ argumentum, quòd illum divina delectant.* Contemplando o homem cousas celestiaes, sustenta se, & cresce, & este argument) tem de ser obra divina, que

que o deleitão cousas divinas. Fóra isto não tem o homem em si mais que ser materia baixa, & vil, inclinado ao vicio, propenso ao mal, facil de cair, difficultoso de se levantar. Fóra isto não fica sendo mais do que Aristoteles diz, o qual sendo perguntado que ccusa era o homem, respondeo: *Homo est imbecillitatis exemplum, temporis spoliū, fortunæ lusus, inconstantia imago, invidia, & calamitatis trutina, reliquum verò pituita, & bilis.* Que quer dizer. O homem he de buxo, & traslado da mesma fraquesa, despojo do tempo, escarneo da fortuna, imagem da inconstancia, balança aonde inveja, & calamidade ficão em peso igual: & fóra isto tudo, o mais que nelle ha he fleima, & colera.

Tambem Solon Salamino, hum dos sette Sabios de Grecia, deu singular diffinição ao homem, quando perguntado pelo que era, respondeo: *Homo putredo est in exortu, bulla in vita, esca vermium in interitu.* O homem no seu nascimento he podridão, no discurso da vida bolha, que a agoa levanta, & no seu fim manjar de bichos. Todas estas tres cousas vem a dizer que he terra vil. E não sem mysterio chamou Jeremias tres vezes ao homem terra: *Terra, terra, terra, audi sermonem Dei.* Terra pelo principio que teve, sendo formado della: terra, pelos espinhos, & abrolhos, que ao presente produz de si; & terra, porque por fim se ha de tornar em terra. Plutarco chamou ao homem hum mundo de miserias: *Mundus miseriarum.* Porque como todas as criaturas estão cifradas no homem, & cada hũa dellas he miseravel, & fugeita a miserias, vem o homem a ser hum mundo de miserias: & daqui se consegue o que Homero diz, que das miseraveis creaturas q̃ o mundo tem, não he possivel haver algũa, que tanto o seja, como o homem. Santo Athanasio diz excellentemente, que o homem he rosto da terra. Os males do corpo logo vem ao rosto, & alli se vem mais claros que em outra parte: assi os

Aristot.

Solon.

Salam.

Jer. 22.

Plutarc.

Homer.

Athanas.

Ovid.

males, & miserias da terra ao homem se vem, que he rosto da terra, & por isso nelle se vem mais claros, & manifestos, que em outra coufa. Bem considerou estas condigões do homem o Filosofo Sileno, que sendo cattivo em justa guerra, perguntandolhe Midas seu senhor, que coufa na vida havia melhor para o homem, depois de se mostrar pensativo, respondeo: *Optimum esse nunquam nasci, proximũ quã citissimè aboleri.* Fora muy boa coufa ao homem nunca nascer, & pois nasceo, melhor lhe fora morrer muy depressa. Por esta resposta foi Sileno posto em sua liberdade; & forão estas palavras preço de seu resgate, porque dellas se contentou mais Midas, que do muito ouro, que pelo cattivo lhe podião dar.

Consideração sexta.

Chrysof.

A Ssim como ha boas, & mãs plantas, ha bons, & maos homens; mas se nas plantas ha bom, & mao, nem por isso devem ser reprovadas as coufas mãs, que juntamente forão creadas com as boas, como diz S. Chrysofotomo; porque dizendo Deos que todas as coufas que tinha creado, erão muyto boas, ninguem se atreva a reprehender o que Deos creou, & louvou. As arvores, ainda que muitas são infructuosas, não deixão de dar algum proveito, que outras não dão, & emfim não as creou Deos de balde, como nem as feras, nem outros animaes: porque huns nos servem de alimento, outros de serviço quotidiano, outros para mefihnas, & remedios da vida, & outros para cautela, & providencia della. Permite Deos que haja bons, & maos homens, para que os maos se emendem com a conversação dos bons, ou os bons com os maos tenham exercicio de merecimento santo, pelo que diz Santo Augustinho, que ninguem cuide que de balde ha gente mã no mundo, como plantas mãs entre as boas, que todas servem de algũa coufa.

August.

O Baptista dizia que estava o machado posto ao pé da arvore para o cortar: *Securis ad radicem arboris posita est.* Aonde S. Jeronymo quer que pela arvore se entenda o homem, & pelo machado a palavra de Deos, que então corta, & decepa ao homem, quando o aparta do mundo, & lhe persuade que se negue a si mesmo: *Abneget semetipsū.* Luc. 9. Acs peccadores chama claramente o Apostolo S. Judas na sua Epistola Canonica arvores do Outono sem raizes, duas vezes mortas, infructuosas, & sem proveito: arvores do Outono, que quando as outras tem dado fructo a seu tempo, ellas tem ainda o seu por dar, & tão tarde o dão, que já se não aproveitão d'elle, porque nem tem sabor, nem acabou de amadurecer, para nada presta. Homens ha, que não querendo acodir com fructo no Verão de sua idade, no Outono da morte o querem dar fóra de tempo, & quando já não ha lugar, nem espaço de penitencia. Arvores do Outono diz Santo Thomàs: *Quia fructus ad rectam maturitatem non perducunt.* Porque não chegão a dar fructos maduros, & sazonados. Arvores duas vezes mortas: *Bis mortuæ.* Porque duas vezes são mortas: *In ramis bonorum operum, in radice bonæ voluntatis.* Mortas nos ramos das boas obras, & na raiz da boa vontade; porque vivem perdidamente: duas vezes mortas (como diz Lyrano) porque o erão antes do Baptismo, & depois d'elle ainda o são por peccados que commettem. Sem raizes, porque não tem caridade, que he raiz de todo o bem. Sem raizes, porque (como diz São Thomàs) peccadores que tem feito callos nos vicios, costumados a obrar mal, não tem forças, nem vigor para obrar bem, & escaçamente lhes fica esperança de dar algum fructo.

Matth. 3.
Luc. 3.
Hieron.

Luc. 9.
Indas.

D. Tho.

D. Tho.

Lyrano.

D. Tho.

Hũa das principaes razões, porque a arvore he figura do homem, consiste em ser muito combatida de ventos, & tēpestades, que a movem a hũa, & outra parte. Sempre a vida do homem padece tribulações. Ninguem deixa de as
ter:

ter: os pequenos as passãõ de continuo, & os grandes não escapão dellas; que as mais altas arvores são combatidas cõ mayor furia de ventos, & mais depressã quebrão com a força delles, que as humildes plantas. Com tudo, quando aquellas estão firmes, & bem arreigadas, nenhum vento as arranca, antes os combates de cada dia as fazem mais firmes, & seguras. Os justos, & os que tem feito raizes no cẽtro das virtudes, nenhũas tribulações os abalão, nem ventos os movem, nem males os enfraquecem, antes os fazẽ mais fortes, & preparão para mayores rigores: como succedeo ao Santo Job, a quem males, & amarguras da vida não derribãrão, antes o fortalecẽrão para mostrar mayor confiança, & firmeza de coração.

Consideração settima.

Seneca.

Diz Seneca Filosofo, que muitas arvores por descuido de quem tem cuidado dellas, nascem tortas, & crescem com defeitos: o que não fora, se no principio lhes acodirão. Os filhos são plantas que Deos commette aos pays, para que tenham cuidado dellas, & cresção sem defeito, & desordem da vida; mas como diz S. Chrysoftomo:

Chrysoft.

Filiorum nunc est minor, quàm possessionum cura. Menos cuidado tem agora os pays dos filhos, que da fazenda. Para as suas quintas buscão os homens boas plantas, bons enxertos, & quem tenha bom cuidado dellas. Sõ para a criação dos filhos se descuidão, não lhes emendando defeitos, com que de pequenos se inclinão aos vicios, nem buscando Mestres, a que commettão o ensino, & doutrina de tão boas plantas, donde vem perderemse muitos, & crescerem com grandes dissoluções da vida. Dizia Crates, que se lhe fora licito, todos os dias se pusera a gritar da mais alta torre da Cidade, dizendo: *Quò ruitis cives?* Para onde caminhais moradores da Cidade? Tanto fervor, & sollicitão

Crates.

para

para negocios da vida, & nenhum cuidado para a reformação de vossos filhos? Não ides bem. Trattay primeiro dos filhos que em casa deixais, que das riquezas que por fóra buscais. Bom he ter riquezas que gozeis, mas muito melhor he ter bons filhos, a quem as deixeis.

Importa muito ter summa vigilancia com estas novas plantas, que são os filhos, doutrinando-os de pequenos bê, & cômettendo-os a quem delles tenha bom cuidado. Nascendo Alexandre Magno, escreveu seu pay Philippe hũa carta a Aristoteles, em que dava graças aos deoses, não tanto por lhe nascer hum filho tão desejado, como por lhe nascer em tempo do mesmo Aristoteles, que havia de ser seu Mestre; porque só a elle se podia commetter tal planta, que era famoso por suas letras, & virtudes. Assi foi, que por ordem deste insigne Filosofo se crecu o menino, & sendo de mayor idade, se entregou delle, para o doutrinar: & quando pelo tempo adiante não podia assistir nas guerras junto a Alexandre por causa de indisposição, mandava em seu lugar a Callisthenes discipulo seu, que o acompanhasse.

*Francis.
Senēsis.*

Consideração oitava.

NA sagrada Escriitura he commum entenderse homēs por arvores: as quaes quando em alguns lugares della diz Deos que ha de cortar, ou lançar no fogo, são ameaças, que por figuras faz aos peccadores. Assi quando no Apocalypse se diz, que a terceira parte das arvores se queimou, entende Ruperto, & outros Doutores Theologos, pelas arvores aos homens, cuja terceira parte se condena. A Nabucodonosor declarou Daniel, q̄ elle mesmo era aquella grande arvore, que em sonhos tinha visto, cujos ramos se estendião por toda a terra, a qual Deos mandou cortar, que era o mesmo, que querelo Deos castigar, & privar do Reyno por suas maldades. Tinha esta arvore aos pés muitos animaes,

*Apoc. 8.
Rupert.
Anc.
Bed.
Richar.
Dan. 4.*

4. Reg.
23.

animaes, & diversidade de bestas feras; & a ella são comparados os grandes, & poderosos, a cuja sombra se ampara gente perdida, & dissoluta, como ociosos, ladrões, murmuradores, blasfemos, & adulteros. Estas arvores manda Deus que as cortem depressa, porque não quer que por muito tempo sejam occasião de peccados. O mandar Josias Rey de Israel cortar bosques, & arvores do junto de Jerusaleem, foi em ração, que debaixo delles idolatravão os Israelitas, & commettião enormes peccados: que sente Deus muito aquelles que se commettam à sombra de Prelados, & pessoas eminentes, comparados às arvores dos bosques, & por isso os manda cortar, & tirar do mundo.

Athan.

Diz Santo Athanasio, que o passar Christo nosso bem, hũa, & outra vez à vista da figueira, & ter sempre que entender com ella, olhando-a se tinha folhas, se fructo, & por fim amaldiçoalla, era, que já de proposito trazia Deus os olhos na figueira, depois que servio de amparo aos primeiros peccadores, que no mundo houve, que forão Adão, & Eva. Tanto aborrece Deus cousas que servem de amparar offensas commettidas contra sua Divina Magestade. Quer que os homens sejam arvores espirituaes, que dem bõ fructo, a cuja sombra descancem pobres, & afflictos, & sejam remediados em suas necessidades. Boa arvore era o Apostolo S. Pedro, a cuja sombra saravão enfermos, que se chegavão a elle, tendo por grande ventura: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum.* Que pelo menos qualquer delles participasse de tão boa sombra, para ter saude. Arvore soberanissima era o Salvador do mundo, a cuja sombra concorria infinita multidão de gente, huns para participar de sua doutrina, outros para ser fãos de suas enfermidades: *Ut sanaretur à lãguoribus suis.* A esta arvore do Paraíso se chegou o Bom Ladrão, quando a vio com fructo da vida, & teve vida, & achou Paraíso: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

Matth.

21.

Marc.

11.

Act. 5.

Luc. 6.

Luc. 23.

Se Nabucodonosor figurado na arvore, que atras temos dito, de todo não foi tirado da terra (pois ainda ficou com vida, & tornou a ser restituído a seu Reyno) foi porque com ser Rey soberbíssimo, não fazia cõ tudo notaveis desordens em materia de dar a cada hum o que era seu. Aquella arvore de Daniel em seus ramos agasalhava aves do Ceo, *Dan. 4.* & ao pé tinha animaes da terra. Perverso era este Rey, porém as aves do Ceo (porque se entendem os sabios, & prudentes Varões) punha elle em lugar alto, & em seus proprios ramos, que era trasellos nas palmas das mãos: ao pé tinha os animaes, porque se entendem os nescios, & ignorantes. os quaes ainda que os amparava, davalhes o seu lugar na terra vil; mas os que erão Aguias no entendimento, punha em lugar eminente: o que hoje fazem pelo contrario os que são arvores grandes nas Prelasias, & Dignidades, que põem em lugar alto aos nescios, & ignorantes, gente vil, & baixa, destes fazem caso, & os trasem sobre as cabeças. As aves do Ceo, que são os prudentes, & avisados, põem em lugar inferior, & debaixo dos pés, perseguidos, & desprezados, sendo elles merecedores de lugar eminentíssimo. Diz o Ecclesiastes, que vio hum grande mal debaixo do Sol, causado quasi por erro do Principe: *Positum stultum in dignitate sublimi, & divitem sedere seorsum.* Vio ao nescio posto em sublime dignidade, & ao rico de bens da alma, & dões da natureza estar assentado abaixo delle: *Vidi servos in equis, & Principes ambulantes super terram.* Vi os homens de pé postos acavallo, & os Principes andar a pé. Mundo às avessas, desordem grande, confusão notavel, que aquelles que por boas partes, & seus talentos erão dignos de Imperios, & Dignidades, andem aniquilados, & tidos em pouco, & os que por seu pouco saber, & baixa geração, são indignos de todas as honras, sejaõ collocados nellas, cõ tanta desigualdade, como he andar o senhor a pé, & o seu negro a cavallo. Esta desordem attribue Salamaõ quasi a erro

Eccl. 10.
Lyran.

erro do Principe, & dos que governaõ: *Malum quasi per errorem egrediens à facie Principis.* Aonde erro quer dizer ignorancia, & imprudencia.

Consideração noua.

Isai. 1.

POr aquelles que sendo cabeças, fazem estas injustiças, diz Deos por Isaias, falando com o seu povo Judaico: *Principes tui infideles, socij furum.* Povo meu, estes que te governaõ, & tem nome de Principes, & sapatras do mundo, são infieis que não tem alma, nem consciencia, nem fé; são ladrões, que vão forros a partir com ladrões: porque se nas Republicas os ha, elles furtaõ com elles; se os criados roubaõ, os senhores os consentem; se vendem a justiça, elles daõ ordem para isso; & se se tomaõ peitas, para elles se tomaõ: *Socij furum.* Tem parcialidade com ladrões. São arvores a cuja sombra se commettem delictos, & offensas de

Dan. 4.

Deos, & a estas manda Deos cortar, & tirar da terra: *Succidite arborem.* Hũa das poderosas razões porque Deos castiga a muitos severamente, & a outros apressa a morte antes de tempo, he que sendo arvores, que com o fructo, & com a sombra haviaõ de aproveitar a huns, & amparar a outros, pelo contrario o fazem. Ninguem ha que não tenha deter-

Job 14.

minado seus dias na vontade Divina: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non possunt,* diz Job: Ordenastes, Senhor, termos certos à vida do homem, os quaes se não podem passar. Mas muitas vezes parece que os annos se lisaõ, & os dias se diminuem, & a morte se apressa, por particulares juizos de Deos, & o principal he, por desordens, & injustiças, que os homens commettem, sendo outros arvores que não daõ fructo, outros que só servem de occupar lugar. Lugar occupa (como diz S. Gregorio) o avarento, que podendo ser bom a muitos com os bens que lhe sobejaõ, inutilmente os retem consigo. Lugar occupa o que tendo

S. Greg.

par-

partes para aproveitar a outros com suas letras, & entendimento, o não quer fazer, & vive só para si. Lugar occupa o que se pudera exercitar em boas obras, por preguiça as deixa de fazer: tal arvore como esta, diz Christo por S. Lucas: *Succidite eam, ut quid enim terram occupat?* Corte-se esta arvore, porque não dando fructo, não tem para que occupar terra. Assim succedeo àquelle rico avarento, que de repente Deos mandou tirar do mundo, como arvore infrutuosa, não por se vestir de purpura, nem por comer preciosos manjares, nem por se tratar com mimo, & regalo, mas porque usou infrutuosamente das cousas da vida como proprias: *Quia infructuosus proprijs usus perhibetur.* Gregor.

E que fora de nós, se todas as vezes que Deos nos manda pôr o machado ao pé, não rogassem por nós os Anjos, & os Santos advogados nossos, com aquellas palavras dos que guardão a vinha do Senhor: *Domine dimitte illam & hoc anno.* Permitti Senhor, que ainda este anno se não corte, & decepe esta arvore. Vejamos se com viver mais, tem algũa emenda, & responde com bons fructos. As arvores para alli se inclinão, aonde tem melhorar, & mais humor da terra. Somos arvores, que Deos plantou no campo desta vida, inclinemonos para aquella parte, donde nos vem o ser que temos, o que somos, & o que esperamos ser com a graça de Deos. Subamos com os pensamentos, & obras ao Ceo, como ellas com seus ramos, & fructos lóbem a elle. Respondamos a Deos com o que de nós espera, porque como diz S. Chrystomo: não sois arvores plantadas por Deos, se não respondeis a Deos com o fructo que de vós espera. Chryf.

Flores.

Esperanças.

Consideração primeira.

AS flores em commum significão esperanças: porque assi como das flores se esperaõ fruttos, que ellas promettem, assi das esperanças bens, porque ellas a guardaõ; & dizemos bens, porque sempre esperanças se tem a respeito de bens, & não de males. Os bens esperaõ-se, & os males temem-se, estes com receyos, & aquelles com ansias. Não se diz que das cousas aduersas se tem esperanças, como das prosperas que haõ de vir: ainda que nunca venhaõ, como se esperaõ: porque de ordinario as esperanças promettem muito, & daõ pouco, ou nada, como de ordinario as flores promettem abundancia de fruttos, com que depois faltaõ. Quando vemos a Primavera cuberta de flores, dizemos q se veste Abril de esperanças, com que pela mayor parte falta no melhor do Veraõ. Muitas promessas faz o tempo, que ao diante não cumpre: & em tudo o mais assi he. Largas esperanças, fins nunca alcançados: grandes promessas, escasos comprimentos: vindo muitas veses mais depressa o q se não espera, que aquillo que se espera, como disse o Filosofo: *Insperata sæpius accidunt, quàm quæ speres.* Nem nesta vida se andaõ mais compridas jornadas das que vaõ do prometter ao cumprir, & do esperar ao possuir: pondo-se de por meyo grandes desertos de inconvenientes, & mões de impossibilidades: & chegando muitas veses a morte, antes que chegue o bem que se espera: & faltando primeiro a vida, que se possua o que tarde se alcança. Esta he a razão, porque a esperança se acompanha de dous irmãos, que saõ o sofrimento, & trabalho: porque ahi não ha esperar, sem

Aristot.

sem muito sofrer. O Apóstolo S. Paulo diz que por sofrimento se espera: *Per patientiam expectamus*. Assim he, que perdida a paciência, a ninguém fica lugar de esperar. He o trabalho o segundo irmão da esperança. Donde dizia Socrates, que nunca a boa esperança sem o trabalho podia alcançar cousa que fosse de honra, ou proveito: *Nunquam spes bona absque labore quidquam utile peperit*. Porém por grande que seja o trabalho, bem o sofre a esperança com a lembrança do premio, que lhe fica em lugar de consolação, como disse o outro: *Ex spe præmij solatium fit laboris*. Antes a firme esperança diminue muito o vigor do trabalho, como disse Estobeo: *Spes præmij labor em minuit*. Pela mesma razão levam esperanças sempre receyos, & temores à vista, & mudam as cores conforme os successos. Anna que depois foi mãe de Samuel, em quanto vivia de esperanças de ter filhos, era triste, & desconsolada, depois que da parte do Ceo esteve certa que os havia de ter: *Vultus illius non sunt in diversa mutati*. Nunca mais se lhe mudaram, nem variaram as cores do rosto, já o não mostrava triste, nem pallido, nem amarello.

São pois as esperanças significadas nas flores, a poz as quaes he proprio seguirem-se fructos, como se vio na vara de Araõ, da qual diz a divina Escrittura, que estando secca lançou de repente botões, que descobriam flores, a poz das quaes appareceram fructos, que foram suavissimas amendoadas: *Turgentibus gemmis eruperant flores*. As flores agradam, & delectam, & assim delectam, & agradam as esperanças. Perguntaram a Bias, que cousa havia que mais agradasse aos homens, & respondeo que a esperança. As flores tem cor alegre, cheiro suave, sabor jocundo, & brandura delectosa com que recream os sentidos; & as esperanças com o que mostram, elevam; com o que representam, agradam; & com o que promettem, alentam, confortam, & dão vida. Santo Augustinho diz: *Spes vires ministrant*. As esperanças

Rem. 8.

Socrat.

Publ.

Mi.

Stob.

1. Reg. 1.

Num. 17.

Plutarco.

Brusis.

August.

Tibul.
Amb.

Cicer.
August.

Terent.

Plutar.

daõ forças, & alento: *Credula vitam spes fovet*. Diz Tibullo. Esperanças firmes conservaõ a vida: & se faõ proximas daõ a mesma vida, como disse Santo Ambrosio: *Dat vitam spes proxima*. Esperanças nas mayores tribulações faõ as que alentaõ a alma, & a ellas he muito necessario recorrer na mayor afflicção: *Sola spes hominem in miserijs consolari solet*, diz Cicero. Ancoras firmes chama Santo Augustinho às esperanças, que nas mayores tempestades asseguraõ a nao. Por isso dizia o Comico, que as esperanças eraõ de tanto valõr, que não tinhaõ preço, nem se compravaõ por dinheiro, como as demais cousas: *Spem pretio non emo*. Com prata, & ouro posso comprar quanto quizer, esperanças com nenhum preço as compro. Pelo menos quem tem esperanças finge quanto quer. Donde diz Plutarco, que esperanças imaginaõ quanto querem, fazendo das cousas grandes pequenas, & das pequenas nada: o que se entende acerca do desprezar perigos, parecendo-lhe os grandes pequenos, & os pequenos nenhũa cousa à vista do que espera.

Consideração segunda.

Lucan.
Senec.

POr isso a mocidade he significada nas flores, porque esta idade promette a todos bens, & bons successos ao diante, pela pouca experiencia que tem das cousas da vida: & ainda que se engana no comprimento dellas, sustenta-se com tudo no esperar por ellas. Assim faõ chamados flores aquelles que na mocidade daõ esperanças de grandes progressos, como Lucano chama a hum mancebo: *Flos Hesperie*. E Seneca a outro: *Flos Græciæ*, que quer dizer, esperança de Hespanha, esperança de Grecia: & como em tal guerra dizemos, que se perdeu a flor do Reyno, que eraõ aquelles em que o Reyno tinha postas suas esperanças.

Pelo contrario não pôde a velhice ser significada na flor, como a idade juvenil, nem dizerse que os velhos se sustentaõ

sustentaõ de esperanças, como os mancebos; mas que se acompanhaõ de temor, & desconfiança. Donde vem serem os velhos timidos, & desconfiados; porque como nelles cessou o vigor, & brio dos primeiros annos, começaõ nelles a crescer os temores, os receyos, & desconfianças, com outros mais defeitos que aquella idade tem: *Nihil habet quod speret, quem senectus ducit ad mortem*, diz Seneca Filosofo, nenhũa cousa tem que esperar quem a velhice vai levando à morte: olhe para ella, & não para o que lhe fica atras: da vida não espere mais que hũa boa hora em que se despeça della. ¶ Porque flores significaõ esperanças, diz Estobeo, que aquelles que antiguamente hiaõ pedir algũa

Stobeus.

cousa a outrem, levavaõ nas cabeças cappellas de flores em sinal das esperanças que tinhaõ de alcançar o que pretediaõ. A Pastora do Ceo no dialogo dos Divinos Amores não sabia falar senão em flores, como quem só vivia do significado dellas. Por isso convidava ao soberano Esposo, que sahisse com ella ao campo: *Egrediamur in agrum*, a ver se appareciaõ nelle flores, & se essas flores produziaõ fruttos: *Si flores parturiunt fructus*: que taõ natural he seguirem-se estes a poz ellas, como obras a poz esperanças. Do mesmo modo o seu morar não era, senão em hortas, & jardins, por gozar das flores figura de suas esperanças: *Quæ habitas in hortis*. Sobre o qual diz S. Gregorio: *In hortis unaquæque anima habitat, quæ viriditate spei, & bonorum operum est repleta*. Em hortas, & jardins mora toda a alma, q̄ está cheia de verdura de esperanças, & boas obras. A mesma Pastora em outro lugar advertio as amigas, que quando a vissem desmayada, lhe acodissem com flores: *Fulcite me floribus*. Porque quem tanto como ella vivia de esperanças do Ceo, só flores a podiaõ alentar, porque só estas são alimento do amor, em quanto não he de mayor idade: são esperanças cordeaes, que se daõ a este enfermo. ¶ Mandou hum Anjo a Esdras que sahisse a hum câpo cheyo de flores

Cant. 7.

Cant. 8.
Gregor.

4. *Esd.* 9. infinitas: *Ibis in campum florum*: & por espaço de sette dias não comesse feno deffias flores do campo: *Manducabis solummodo de floribus*. No q̄ lhe deu a entender, que o mandar lhe comer flores era sustentallo de esperanças dos bens q̄ se lhe haviaõ de seguir, como foraõ soberanas revelações, q̄ do Ceo teve: pelo q̄ de novo tornou a comer outros sette dias flores, & a sustentarse de novas esperanças de as tornar a ter.

Consideração terceira.

Isidor. **E** Speranças comparaõ-se a flores, porque duraõ taõ pouco como as flores, & padecem tantos inconvenientes como ellas. Santo Isidoro diz que o nome de flor vem desta palavra, *Fluo*, que em Latim quer dizer correr a agoa para baixo. Assim saõ as esperanças de cousas do mundo, q̄ correm depressa, & desapparecem, como agoas q̄ vaõ para o mar. ¶ Ainda q̄ as esperanças prolongadas affligem a alma, com tudo prolongadas devem ser as do Christaõ, & sua vida hũa perpetua esperança: *Si non usque in finem speraveris, deletur totum, quod speraveras*, diz Santo Augustinho. Se a vossa vida não depender de esperanças até a morte, perdereis quanto de principio esperastes, q̄ he hũa triste perda: como do navegante, que carregado de riquezas se vem a perder no porto: & como do lavrador, q̄ estando para cegar o pão, se lhe queimou a seara: & como do q̄ edificou a casa, que estando para morar nella, lhe cahio no chão: & como a criança, q̄ depois de trabalhoso parto, nasceo morta. Por isto dizia David: *Cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me*. Senhor, atégora espero, & não falleço, não me desampareis vòs, quando o alento me faltar no artigo da morte. Pouco aproveita ao soldado pelear, se no fim da batalha não fica com vittoria. Pouco aproveita ao caminhante fazer grandes jornadas, se por fim não chega aonde esperava. Pouco aproveita

ao enfermo melhorar, se por fim não alcança saúde. Pouco aproveita dar a arvore flores, se não chega a dar fructo. E pouco aproveitão esperanças de toda a vida, se por fim faltão na morte.

Quando esperanças prolongadas parecerem insofriveis, lembremnos, que hum bem eterno sempre fica barato, dando-se por esperanças dilatadas. He ignorancia querer que valha pouco, o que val muito. Diz Santo Augustinho que se o bem perduravel se houvesse de comprar por preço conveniente, por trabalho eterno se havia de comprar: & dà-o Deos por esperanças de quatro dias. E se nellas dizeis que padeceis muito, porque esperança que se dilata, afflige a alma, como diz o Espirito Santo: *Spes que differtur, affligit animam*: com tudo não tem esta afflicção comparação com os bens, que por fim se hão de possuir. Confidéra S. Gregorio Nisseno o que passa hum avarento, & o que padece pela esperança de fazer thesouro. Pois considerai vós o que vay de thesouro a thesouro, de trabalho a trabalho, & de esperança a esperança. A experiencia nos ensina, que as cousas que se fazem depressa, depressa se acabão. Hũa flor depressa nasce, & depressa murcha. A Palma cresce devagar, & dura muito tempo. Zuxis com pintar hũa imagem em largo tempo, dizia que pintava devagar, porque a sua pintura era para eternidade: *Aeternitati pingo*. E enganava-se, porque nenhũa imagem sua ficou para sempre. O Christão com seu trabalho, & larga esperança, pinta para eternidades, imagem da gloria, em que espera ver-se. Chama o Poeta Latino à esperança: *Cana fides*, como que a esperança està chea de cãs: & assi he, que esperança, que não he antigua, & de largo tempo, não he segura: porque toda a sua finesa consiste em perseverar, & não afroxar até o fim, aonde qualquer froxidão he perigosa para o bem que se espera.

E porque a esperança do justo he tão firme, que eterna-

August.

Prov.
13.

Gregor.
Niss.

Seneca.

Virgil.

Bern.

Sap. 4.

mente a tivera, se eternamente vivera, recebe Deos esta esperança por eterna, porque o desejo igualmente fora eterno: & por isso lhe dà Deos galardão de eterna vida. Donde S. Bernardo chama à esperança do Justo fome eterna: *Aeterna justis esuriet aeternam meretur saturitatem.* Por isso pouco tempo que o Christão espere, merece grande galardão, porque o seu intento era esperar tempo eterno, se Deos o permittira eterno: *Consummatus in brevi explevit tempora multa.* Morre hum moço na flor da idade, mas porque os intentos que tinha de perseverar no serviço de Deos, erão de toda a vida, & de mil vidas que tivera, ainda que a morte lhe atalhou os dias da vida mortal, não lhe tirou o premio da vida immortal: acabou em breve, mas encheo largos tempos, porque esses erão seus desejos.

Consideração quarta.

Ier. 17.

Senec.

Mich. 7.

Gen. 40.

Chrysof.

Esperanças só em Deos se hão de pôr, & não em os homens: *Maledictus homo, qui confidit in homine:* diz Jeremias. Maldito he o homem, que põem sua esperança no homem, sabendo que para o homem não ha cousa mais falsa, que o mesmo homem, nem mayor inimigo, que esse homem. Seneca diz: *Homo homini demon.* Hum homem para outro homem he o mesmo demonio. E quando quiser confiar d'elle, porque o tem por amigo: *Nolite credere amico,* diz Miqueas. Não ha que confiar no amigo, nem no parente, porque em tudo ha engano. Diz Chrysofotomo que Joseph posto no carcere, desejando sair d'elle, punha suas esperanças nos homens, como o significou ao copeiro de Faraò, a quem pedio, que vendo-se restituído à sua dignidade, se lembrasse d'elle, & por isso se achou enganado: *Ut disceret in hominibus non esse fidendum, sed spem omnem in Deum dirigendam.* Para que aprendesse, que não havia que confiar em homens, mas que esperanças só em Deos se hão de pôr,

Aquella

Aquella maldição dos que confião nos homens, incorrem ricos, & poderosos, que confião em suas riquezas, & aquelles que devendo pôr suas esperanças em Deos, as põem no mundo. Aos ricos diz S. Paulo, que não tem que esperar na incertesa de seus haveres: *Nec sperare in incerto divitiarum suarum.* Aos outros admoesta Deos em figura dos Israelitas, que quando se vião opprimidos dos Assyrios, pedião soccorro ao Egypto: *Sperantes in auxilio, & fortitudine Pharaonis, & habentes fiduciam in umbra Egypti.* Põem suas esperanças no soccorro de Faraõ, & não em Deos. Assim são os homens do mundo, que não sabem recorrer a Deos, senão ao mundo: neste põem suas esperanças, & não no soccorro de Deos. Aquelles eraõ prudentes, que em suas necessidades recorriaõ a Jesus, como o fez a Magdalena, que tirando as esperanças do mundo, as poz em Christo, lançando-se a seus pés: & como fez a Cananea, que lhe foi pedir remedio para sua filha: & como faziaõ aquelles: *Qui venerant ut audirent eum, & sanarentur à languoribus suis.*

Hier. 17.

1. Tim. 6.

Isai. 30.

Luc. 7.

Matt. 15.

Luc. 6.

Consideração quinta.

O Salvador do mundo se compára à flor, porque como diz Santo Augustinho, & Ruperto Abbade, chama-se flor do campo: *Flos campi.* Porque he unica, & verdadeira esperança do mundo. S. Bernardo, & Cassiodoro dizem, que he flor do campo; porque como esta nasce sem industria de cultivador, assim nasceo Christo da Virgem Senhora Nossa sem obra de varaõ, flor cujo cheiro se espalhou por toda a terra. Santo Ambrosio diz que se chama flor do campo, porque em sua Payxaõ foi pizado, ferido, & maltratado, como a flor do campo o he dos que passaõ por cima della. Flor do campo, & não do jardim, porque a do jardim he só do que a cultiva; & a que nasce no campo he

August.

Rupert.

Cant. 2.

Bernar.

Cassiod.

Amb.

de quantos a querem gozar. Christo he flor do campo, que para bem de todos veyo do Ceo à terra, para todos nasceo no Presépio de Belém, para todos se poz na Cruz, para todos está nos Ceos, & para todos se poz no Divinissimo Sacramento da Eucaristia. He flor em que consiste toda a graça, & esperança da vida. Desta nos havemos de sustentar: estando certos (como diz o Apostolo S. Paulo) que se Deos nos deu a seu Filho Unigenito, esperança do mundo, com elle nos ha de dar tudo o mais que tem para nos dar: *Quomodo non cum ipso omnia nobis donavit?* E Santo Thomàs diz, que tudo Deos nos deu com dar a seu soberano Filho. Deu-nos as tres Divinas Pessoas, para as gozarmos, os Espiritos Angelicos para os acompanharmos, & as cousas inferiores para usarmos dellas. Deste modo se cūpreo que diz S. Paulo: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi.* Alegrai-vos Fieis, que todas as cousas são vossas, & vòs de Christo. Santo Ambrosio diz, que todos os premios promettidos darà Deos ao Christaõ, quando lhe chegou a dar a seu Filho dador de todo o premio: *Omnia præmia repromissa credentibus dabit, qui dedit Filium totius præmij largitorem.* E Theofilato diz: *Qui dedit nobis Dominum, dabit & facultates ejus.* Quem nos a nõs deu taõ rico, & poderoso Senhor, tambem nos darà suas riquezas, & farà participante de seu Reyno celestial. Nestas esperanças vivamos, & nestas perseveremos até a morte, aonde achemos a immortal vida, porque ellas esperaõ, de que diz o Espirito Santo: *Spes illorum immortalitate plena est.* A esperança dos Justos he cheia de immortalidade.

Rom. 8.
D. Th.

1. Cor. 3.
Amb.

Theoph.

Sap. 3.

(?)

Fruttos.

Fruttos.

Obras.

Consideração primeira.

PElos fruttos que as plantas dão, se entendem na sagrada Escriitura as obras, que cada hum faz: porque se pela arvore se entende o homem, pelos fruttos della se devem entender suas obras. Assi o affirmão os Doutores sagrados. Por isso disse Christo nosso bem, que pelo frutto se conhece a arvore, & que a boa planta dà bom frutto, & a maligna os dava malignos. Assi como a boa arvore dà bõ frutto, assim o bom homem da bondade de seu coração produz boas obras: & o perverso da malicia interior produz obras perversas; porque cada hum faz as obras exteriores conforme a qualidade do coração. O Apostolo S. Paulo exhorta os Colossenses, que vão avante nos bons propositos, fruttificando em toda a boa obra, & crescendo na sciencia de Deos: *In omni opere bono fructificantes.* David falando com Deos, diz que a terra será farta do frutto de suas obras. E da mulher santa se diz nos Proverbios, que plantou hũa vinha no frutto de suas mãos: que quer dizer, que soube grangear, & adquirir celestial fazenda, das obras que fez em sua vida. Com este frutto devemos todos responder a Deos, o qual (como diz Santo Augustinho) he o amor de Deos, & do proximo, porque sem elle ninguem póde obrar bem, & o frutto deste amor he chegar a ver a Deos, como diz S. Bernardo. Por isso se diz no livro da Sabedoria, que he glorioso o frutto de nossos trabalhos, pois por boas obras chegamos a alcançar o glorioso fim que esperamos. Diz S. Chrysostomo que os fruttos da boa arvore nunca se perdem, porque não quer Deos que se per-

*Hieron.**Chrysof.**August.**Matth. 7**Luc. 6.**Coloss. 1.**Ps. 103.**Prov. 13**August.**Bernard.**Sap. 3.**Chrysof.*

cão

cão os fruttos de nossos trabalhos : poucos que sejam os
 aceita por grandes, pequenos que pareçam faz pelos ac-
Luc. 21. crescer. Por pouco nos promette gloria : & occasiões
Mat. 10. ha, em que a dà por dous ceitiz, & por hum pucaro de agoa,
Marc. 9. por hũas lagrymas, & por hum gemido.

Consideração segunda.

NEsta comparação dos fruttos com as obras ha esta
 differença, que as arvores dão frutto em certos tem-
 pos, mas o homem em todos o ha de dar, porque havendo
 instantes que falte com o frutto a Deos, he mercedor de
 castigo. Esta he a ração, porque amaldiçoou Christo a fi-
 gueira, que achou sem frutto, sendo assi, que não tinha obri-
 gação de os ter, como aponta S. Marcos, dizendo q̄ não
 era tempo de figos, quando o Salvador do mundo passou
 por esta figueira : *Non erat tempus ficorum.* Pois se o não
 era, que culpa tinha para ficar amaldiçoada, pergunta Ori-
 genes? Que obrigação tinha de dar figos fora de tempo?
 Mas não nos admiremos diz este Autor, porque como nes-
 ta planta se representava o homem : ao homem quer Deos
 achar sempre com frutto de boas obras, não se dando mo-
 mento, em que esteja sem ellas. He verdade que as arvores
 nem sempre o tem, & se o dão no Verão, não o dão no In-
 verno, cessão a tempos : porém o homem he arvore, que
 sempre ha de estar com frutto, porque no instante que fal-
 tar com elle, póde ficar reprovado, & com a maldição de
 fogo eterno : que para isto lhe não faltão tantos, & tão grã-
 des favores do Ceo, nem a graça do Espirito Santo, nem o
 socorro dos divinos Sacramentos, nem as continuas voca-
 ções, & inspirações de Deos, o qual aos homens está dizê-
 do, que são deoses pelas riquezas, & grandezas, que possuem,
 das quaes se não aproveitão muitos, porque não querem.
 Mandava Deos na Ley Velha, que junto ao Templo não
 houvesse

Marc.

11.

Origen.

Ps. 81.

houvesse bosques, & arvoredos: *Non plantabis lucum, & arborem juxta altare Dei.* A razão he, porque como os bosques conltao sempre de arvores frescas, como freixos, alemos, platanos, & outras semelhantes, estas costumão ser infructuosas, & por ellas entende Santo Isidoro os homẽs, que não dão fructo celestial, como Gentios, & peccadores, arvores que só à vista parecem bem, & no demais são sem proveito. Taes arvores como estas não quer Deos apar de si, porque junto a elle não podem ficar peccadores, nem almas infructuosas. Singularmente pondẽra Santo Ambrosio o cobrirse Adão de folhas de figueira depois que peccou, vendo que estava nu, & cuidando que com folhas podia encobrir seu peccado: sendo assi, que para encobrir peccados, devia antes cobrirse de fruttos, que de folhas. Mas isto tem o peccador, que para se cobrir busca folhas, & o Justo para se adornar escolhe fruttos: *Justus fructus eligit, peccator folia.* Porque assi como o vestido cobre o corpo, as boas obras cobrem a alma, como diz S. Gregorio. Pois bemaventurado he aquelle que vigia, & guarda seus vestidos, porque não ande nu: *Beatus qui vigilat, & custodit vestimenta sua, ne nudus ambulet.* Santa cousa he cobrirse a alma de boas obras, que he o fructo com que deve responder a Deos. Bemaventurado he aquelle que o sabe dar a seu tempo, como diz David: *Fructum suum dabit in tempore suo,* palavras que tem mysterio: porque como diz S. Bernardo, muitos respondem com fructo, que não he seu, como os hypocritas, que com Simão Cyreneo levão Cruz às costas, mas Cruz que não he sua; & assi nem o fructo he seu, porque carecem de boa tenção. Pois bemaventurado he o que dà seu fructo, & não o alheyo. Tambem outros dão fructo, o qual ainda que seja seu, não he dado a seu tempo: como são aquelles que antes de tempo querem ser tidos por santos, & fazer milagres. Outros o dão fora de todo tempo: & são aquelles que sendo toda a vida arvores

Deut.
16.

Isidor.

Ambr.

Isidor.

Gregor.

Apoc. 16

Psal. 1.

Bernar.

infru-

Matth.
25.

infructuosas, na hora da morte querem sair com fructo, que vivendo nunca deraõ, & entaõ o daõ forçados do temor da morte: que he hũa sorte de gente figurada nas Virgens loucas, que fora de tempo quizeraõ prover as alampadas, & apparecer com boas obras, & ficaraõ reprovadas. Muitos peccadores com o medo da morte, que tem à vista, sahem com fructo de boas obras, mandando fazer esmolas, & repartir riquezas que tinhaõ juntas: & ainda que isto he bom, muito receaõ os Santos que sejaõ estes fructos fora de tempo, & que já naõ aproveitem. A hum Santo Bispo revelou hum Anjo, que mais montava hum real dado por esmola em vida, que montes de prata repartidos a pobres depois da morte: & que mais aproveitava hũa Missa, que se ouve em vida, que se depois da morte mandassemos por amor de nòs hũa pessoa descalça, & de joelhos à Terra Santa. O acertado he fazer fructos em quanto he de dia, & naõ vem a noite da morte. Cada hum tem tempo seu, & horas suas para fazer penitencia, que he o fructo que o Baptista mandava fazer digno de penitencia.

Luc. 3.

Consideração terceira.

Raban.

Ro Abano diz que ha quatro especies de arvores: hũas totalmente seccas, como os infieis: outras verdes, mas sem fructo, como os hypocritas: outras que daõ fructo, mas fructo peçonhento, como os hereges. As ultimas saõ as que daõ bom fructo em tempo opportuno. E estas ultimas diz S. Gregorio que lança o inimigo a perder de tres modos. O primeiro, quando faz que se mude a boa tençaõ em perversa, & que saya maculado o que em seu principio era limpo, & puro. A outros deixa ir bem no principio, & no meyo do caminho os assalta, como ladraõ, roubando a boa tençaõ. A outros deixa ir no principio, & no meyo dissimula com elles; mas no fim os lança a perder,

Psal. I.

Gregor.

der, & quanto mais finge que está longe delles, tanto com mais astucia dà de repente sobre elles, & prega a lança. Respondamos pois a Deos com o que de nós espera: porque (como diz S. Chrystomo) não sois arvore plantada por Deos, se não respondeis a Deos com o fructo devido. Porque querendo o Celestial Rey da Gloria dar ao mundo hũ defengano do espirito, que cada hum tem, ordenou que o fructo de qualquer planta seja o final de sua bondade, & suas obras titulo do que nelle ha. As arvores diferentes em especie, muitas vezes parecem semelhantes na fôrma: porque a folha dellas he quasi a mesma, a flor não se differença nada, & muito menos a cõr, a verdura, & feição dos ramos: só no fructo ha dissimelhança: que hũas o dão de hum modo, & outras de outro. As videiras não pôdem dar peras, nem a moreira maçãs, nem a oliveira nozes. Cada hũa responde com seu particular fructo. O esmalte desta Filosofia em cada hum de nós se estampa. Arvores somos plantadas por mão do Altissimo no campo deste mundo: pouca differença temos huns dos outros nas apparencias, & condições, mas não a temos nos fructos, que cada hum dà: porém todos o demos de sorte, que (como diz o Apostolo S. Paulo): *Repletifruetujustitiæ*, cheyos de fructo da justia caminhemos para a terra da verdade: *Inspe fructus percipiendi*, com a esperança de recebermos o fructo que nossas obras merecem.

Chryf.

Philip. 1.

Cor. 9.

Ramos.

Desejos.

Consideração primeira.

Considera o glorioso S. Bernardo, que pelos ramos se devem entender nossos desejos. Somos arvores plantadas

Bernar.

tadas no campo deste mundo, as flores são nossas esperanças, os fructos nossas obras, os ramos nossos desejos: *Rami nostri desideria nostra sunt*. A arvore para onde pende, senão para onde seus ramos a inclinão mais? Nós outros para onde pendemos, senão para onde nossos desejos nos levão a poz si? A arvore quando a cortão, para onde cahe, senão para onde o peso dos ramos a faz cair? Nossos ramos são nossos desejos: cada hũ de nós ha de cair para onde a copia dos ramos he mayor: *Unde maior est copia ramorum, inde casuram ne dubites*. Não tenhais duvida, q̄ sendo arvore, como fois, haveis de cair senão para onde os ramos carregão, & vossos desejos vos inclinão mais. He notavel engano dos que cuidão, que gastando a vida em satisfação de seus desejos, na morte hão de ter aborrecimento do que em vida amãrão, & que então bastará inclinaremse a desejos do Ceo: sendo assi, que a arvore quando se corta, cahe para onde o peso he mayor. Acaba o homem conforme vive, & quando este de tempo antigo he arvore carregada de vicios, estragado o gosto, tem fastio a toda a mézinha, que o póde remediar. E muitos quando mais cheyos de merces de Deos, dão em desejar cousas com que mais o offendem. Os filhos de Israel tão mimosos, & favorecidos de Deos no deserto, derão em desejar carne: *Petierunt, & venit coturnix*. Fartou-os Deos, dandolhe innumeraveis codornizes, & foi esta fartura a muitos delles occasião de sua morte. *Pf. 104*. Cahirão como arvores que Deos mandou cortar, & cahirão para a parte onde os inclinavão seus ramos, que erão seus desejos, & por isso se lhe pos por epitafio de sepultura: **SEPULCHRA CONCUPISCENTIÆ**, que vem a dizer: Aqui jazem sepultados appetites cõ seus servos. Assi he, que de ordinario se sepultão appetites cõ os que em vida os amão, & servem como a senhores. Esta he a ração porque S. Paulo nos admoesta, que saibamos refrear appetites, & não nos deixemos levar de perversos desejos, como os Israelitas

Num. 11

Ps. 104

Num. 11

Israelitas

Israelitas no deserto; porque o seu castigo foi figura do que nos póde acontecer, & acontece a muitos, que morrem cõ os appetites na bocca: *Hæc autem in figura facta sunt, ut non sitis concupiscentes malorum, sicut illi concupierunt.* I. Cor. 2.

Consideração segunda.

A Os desejos chama Santo Augustinho grilhões da alma, pois a prende de forte, que se não sabe livrar delles, senão quando os exercita: se entãõ não fica mais presa. E se os desejos são de cousas prohibidas, he o appetite mais forte, & violento, & o fructo mais agradavel, como diz o mesmo Santo: o qual dando diffinição ao desejo, diz que he: *Concupiscentia eorum, quæ absunt.* O desejo he appetite das cousas que temos ausentes, & de qualquer modo nos faltaõ. Diz mais que o desejo dilatado se converte em pena que atormenta a alma. E S. Gregorio acrescenta, que se os desejos com a dilacão não crescem, ou se com ella enfraquecem, sinal he que não foraõ desejos, porque ao se rem, cõ a tardança houveraõ de ser mayores, & mais intensos. ¶ O desejo do coração humano diz S. Bernardo, que he insaciavel por muitos modos: porque se appeteece bens do mundo, entra com elle a cobiça, que já mais se contenta com o que adquire. Se o desejo he de deleites da vida, entra a sensualidade, que não sabe pòr limite à sua intemperança. Se de comer, & regalar o corpo, entra a gula, vicio naturalmente insaciavel. Se de mandar, & ter imperio, entra a ambição, & soberba, que se não satisfazem com menos que titulos de deoses: *Eritis sicut Dii.* De sorte, que desejos do homem nunca se daõ por satisfeitos. Assi diz o mesmo Santo: *Stultum est ea semper appetere, quæ nec satient, nec temperent appetitum.* He grande locura, & summa deudice, desejar sempre aquellas cousas, que nem fartaõ, nem enchem o appetite. Daqui vem que o coração do homem anda de continuo

August.

Gregor.

Bernar.

Genes.

Bernar.

continuo

continuo vagueando por gostos da vida, & cançando-se cõ trabalho vão, não soccega com os que tem, porque por muitos que alcance, tudo he pouco para o que deseja alcançar; & assim não com menos ansia deseja o coração o que não tem, do que com temor possui o que tem: & he certo que com temor possui o que com trabalho alcança: & quando não tenha certeza de quando o pôde perder, está certo que em algum tempo o ha de perder. ¶ Os homens desejão as cousas, & correm a poz ellas, ou andão ao redor dellas, como dos peccadores diz David: *In circuitu impij ambulat*, buscando naturalmente aonde aquietem seu appetite, & não sabem lançar mão do remedio com que dem fim a esse appetite.

Ps. 11.

Os perversos desejos bem considerados são pinaculos donde os homẽs se lançaõ abaixo, & vão cair no inferno. E os bons são escadas muy seguras por onde se sobe ao Ceo, figurados nos degraos do assento de Salamaõ: *Ascensus ejus purpureus*. Entaõ se sobe por elles quando os desejos são celestiaes, que levaõ a alma a Deos. São cubertos de cõr purpurea, porque custa muitas vezes gottas de sangue effectuar bons desejos pelas difficuldades que se offerecem, & os bons desejos cobrem-se de trabalhos, & tribulações, que se padecem na execuçaõ delles. Ou he a cõr purpurea, porque desejos santos acendem-se nas chammas do Divino Amor, & sobem a Deos, como o fogo a sua esfera. ¶ Tambem os desejos malignos tem suas chammas ardentissimas, que acendem, & inflammaõ a alma que os admite. Onde Oseas os chama fornalhas acesas: *Omnes calefacti sunt sicut clibanus, quia applicuerunt quasi clibanum cor suũ*. Os que daõ lugar a perversos pensamentos, ficaõ feitos como hũa fornalha, porque applicaõ seu coração, como fornalha, para admittir toda a lenha de malignos pensamentos com que se acende mais o fogo. São estes aquelles covis de Leões, & aquelles montes de Leopardos, donde

Osea 7.

Deos

Deos chama à alma que se tire delles, & encaminhe para o Ceo, pedindolhe que venha, & se aparte: *De cubilibus leonum, de montibus pardorum*. Covis de leões, porq̃ nos perversos pensamentos se escondem, não só hum demonio, mas muitos juntos. E basta dizer S. Pedro: *Quia adversarius vester diabolus tanquam leorugiens circuit, querēs quem devoret*. O demonio nosso adversario sempre anda rodeando, buscando a quem trague. São montes de leopardos, porque quem em si recolhe malignos pensamentos, logo está cheyo de maculas diferentes, & varias nodoas de peccados, como leopardos de varias, & diferentes cores. E então nos corações humanos se escondem estes malignos pensamentos, como leões nas cavernas, & como leopardos nos montes.

Consideração terceira.

DEve se considerar, que a vida do Christão ha de ser hum puro desejo, & este desejo só de bens eternos. O vosso desejo (diz S. Augustinho) seja a vossa oração, & para que o desejo seja continuo, seja continua a oração. ¶ O desejo do Justo he de tres modos, como diz S. Bernardo. Deseja o Justo passar a vida em graça de Deos, que he o mesmo que morar na Casa de Deos todos os dias de sua vida, como David lhe pedia só isto por merce: *Ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitæ meæ*. ¶ Deseja o Justo alcançar vittoria do mundo, & verse livre delle, como S. Paulo deu a entender naquellas palavras: *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* ¶ Deseja mais o Justo chegar a gozar da presença de Deos, conforme o dizia o mesmo Apostolo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo*. ¶ Mas os contemplativos, que penetrão mais a substancia dos bñs desejos, dizem que delles para com Deos ha quatro modos, dos quaes Isaias declara os dous primeiros naquellas palavras: *Anima mea desideravit te in nocte, sed &*

Cant. 4.

1. Pet. 5.

August.

Bernar.

Ps. 26.

Rom. 7.

Philip. 1.

Isai. 26.

C

spiritu



spiritu meo in praeordijs meis de mane vigilabo ad te.

Como se dissera: A minha alma Senhor, vos desejou nas trevas da noite, mas pouco aproveitara este meu desejo confuso, se com grande fervor de espirito no mais intimo de meu coração pela manhã vos não buscara. ¶ Ha hum desejo imperfeito na noite da ignorancia, quando por natural propensão se deseja aquelle ultimo fim, do qual escassamente se tem conhecimento; mas tanto que este se começou a conhecer, do mesmo modo que o entendimento se vai illustrando com a graça preveniente, vai com acto mais vehemente, sendo mayor o desejo, que ainda com imperfeição diz que vigia, & busca a Deos. ¶ Mas o terceiro desejo manifesta David quando diz: *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas in omni tempore.* Como se dissera: Senhor, tanto que vos conheci, ainda que com fé implicita, & quasi imperfeita, desejei-vos a vós Deos, & Senhor meu.

Psf. III.

Mas tambem entendo que além deste desejo, ha outro mais perfeito que me falta, como he o de perfeita justificação em todo tempo, para que justificado me assente à sombra donde se passa ao ultimo desejo de vos gozar. ¶ Deste ultimo

Cant. 2.

fala a Alma Santa, quando diz: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi.* Chegueime ao mais perfeito desejo, que he suspirar por me ver com Deos, & gozar de sua presença: quieta estou à sombra delle, esperando que me amanheça tão ditoso, & alegre dia. Este desejo alcança quem de veras

2. Pet. I.

Psf. 101.

o pretende, porque Deos está prompto para cumprir desejos que se fundam bem: como David lho sabia agradecer:

Qui replet in bonis desiderium tuum. E nisto nos está incitando a que procuremos alfayar a alma de bons desejos, porque Deos os sabe cumprir com enchimento de graça:

Psal. 10.

tendo elle o que ouve o desejo dos pobres: porque esta he a voz sonora, que Deos não pôde deixar de ouvir: he hũa lingua muy expedita, que sabe falar, & propor muito bem suas cousas diante do Throno Divino. Pois ditoso aquelle que

naõ

naõ deseja mais que manifestar seus desejos a Deos, nẽ passar com elles de Deos, nem vestir-se, & adornar-se mais que de desejos dos Ceos: *Beatus vir qui implevit desiderium suum ex ipsis.* ¶ Estes saõ os desejos significados pelos ramos: no qual sentido parece dizer S. Paulo: *Si radix sancta, etiam rami sancti erunt.* Se a raiz he santa, tambem os ramos seraõ santos: como se dissera. Se o homem tem feito raiz da santidade, se he arvore fundada em virtude, os seus ramos, que saõ seus desejos, mostraraõ santidade, porque do coração limpo procedem os bõs propositos, & da alma santa os bons desejos: *Si radix sancta, etiã rami sancti erũt.*

Psal. 126.

Rom. IX.

Folhas.

Palavras.

Consideração primeira.

HE consideração de Santo Augustinho cõ outros mais Padres, que pelas folhas se entendem as palavras: & assim quando declaraõ aquelle verso do primeiro Psalmo de David, aonde Christo nosso bem he comparado à arvore, cujas folhas naõ cahem: *Et folium ejus non defluet:* dizem elles, que pela folha se entende a palavra, a qual sendo divina, naõ cahe, nem póde cair no chaõ, porque como diz Isaias: Toda a carne he feno, & a gentileza do homem como flor do feno, secca-se este, & cahe sua flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre: *Verbum autem Domini manet in æternum.* Como se dissera: Nenhũa coisa da vida tem firmesa, em tudo ha mudança, & variedade: no homem, na sua belleza, & disposição, nas suas promessas, & palavras: só a de Deos he firme, & permanente, naõ póde nella haver fallencia, he folha que naõ cahe: *Et folium ejus nõ defluet,* ou como tẽ outra letra: *Foliũ ejus nõ erit irritũ.*

August.

Psal. I.

Isai. 40.

Cij

Con:

Consideração segunda.

Gregor.

Diz S. Gregorio que nenhũa cousa da vida passa mais depressa, que a palavra do homem, que he inconstante como elle o he. Mas a palavra de Deos he eterna, & permanece sem alteração do tempo. ¶ He a palavra de Deos poderosissima, porque faz luz, & cria Ceos, move montes, & faz tremer a terra. He efficacissima, & tem força maravilhosa. He livre, & isenta de todo o impedimento, & como diz S. Paulo, não se póde prender, nem atar. He hum rayo do Ceo, que não tem resistencia, & rompe as mais oppostas forças. Tem para com os homens raros effeitos, porque desfaz peccados, & não só os póde perdoar, mas restituir peccadores à perfeição Angelica. Inflamma os corações dos homens, & por isso David diz, que a amava muito, porque frio, & enregelado que estivesse, a palavra de Deos o abrazava: *Ignitum eloquium tuum*. A vossa palavra Senhor, he hum vivo fogo, thesouro a chamou Salomão, só digno de se desejar, & mais precioso que o ouro, & que todas as pedras preciosas. Os soldados muito se alegrão com repartir despojos: *Quando dividunt spolia*, para os filhos de Deos não ha mais alegres despojos, que a palavra de Deos. Alegrarmehey com vossas palavras diz David, como o q̄ achou muitos despojos: *Sicut qui invenit spolia multa*. As abelhas acodê às flores com cobiça do mel. Para os filhos de Deos não ha mel tão doce, como a sua palavra: *Super mel ori meo*. A hūs levão tras si os licores preciosos, a outros os comeres excellentes, a outros os cheiros suaves. Aos servos de Deos a palavra de Deos: *Quia meliora sūt ubera tua vino. fragrãtia unguētis optimis*. ¶ Por ser a palavra de Deos thesouro tão rico, hase de procurar ouvir cõ tecaõ, & plátarfe no interior da alma, como dizia David q̄ o tinha feito: *In corde meo abscondi eloquia tua*. Ouvirse a
palavra

palavra de Deos cõ gosto he final de predestinação, como he de condenação não folgar de a ouvir, & terẽ alguns perdido o gosto às cousas do Ceo. A estes conta a divina Escrittura no numero dos reprovados. O Espirito Santo diz. O que errar o caminho da doutrina, não querendo ouvir a palavra de Deos, serà contado no numero dos gigantes, aonde por gigantes se entendem os reprobos, & precitos: *Vir qui erraverit à via doctrinae, in caetu gigantium commorabitur.* Ha almas tão ditosas que já nella vida o Ceo as reconhece por suas: são estas as que de boa vontade ouvem a palavra divina, porque como gente naturalizada nessa gloria, alegrãose muito todas as vezes que lhe dão novas do Ceo, referidas nas palavras de Deos, & folgão de ouvir falar da terra, aonde já tem quinhão. Quem estas não ouve cõ muito prazer, final dà de quão afastado anda do caminho do Ceo: *In caetu gigantium commorabitur.* Ouvia Faraõ a palavra divina por bocca de Moyses, & não obedecia a ella, porque tinha o coração muy alheyo de Deos, estava empedernido, & obstinado. Chamou Elias a Eliseu, & tocou-o cõ a sua cappa, & trouxeo a poz si, porque o achou disposto para obedecer à palavra de Deos, figurada naquella milagrosa cappa, que com tocar a Eliseu teve virtude para o trazer a poz Elias, largando arado, & boes, porque tudo obedece sem tardança à palavra divina.

Prov. 21.

Exod. 7.

3. Reg.
19.

Consideração terceira.

Considerando Santo Augustinho em outro lugar aquellas palavras que o Salvador do mundo disse a Nathaniel, quando o vio debaixo de hũa figueira, diz assim: Se Deos não olhãra para nós, como olhou para Nathanael, ou ficaríamos como arvores seccas, ou fomite em nós, se acharião folhas, & não fructo. Elle naquella arvore vio só folhas, porq̃ no genero humano (de q̃ aquella plãta era figura)

August.

- August.* achou só palavras sem obras: *Verba habebat, facta non habebat*; faltavão ao mundo obras, não lhe faltando palavras, que erão folhas. Mas nós tenhamos palavras, que digão cõ as obras, porque pouco aproveita falar, se não houver obras:
- August.* *Parum est verbis agere, & exemplis agendum est.* Nada monta appresentar palavras aonde as cousas se hão de tratar com obras, & exemplo. ¶ Considera o Profeta David, que os homens com suas boas acções pódem dar musica a Deos, & para que esta seja bem ordenada, quer elle que se lhe dê com duas cousas, que logo aponta: *Cum cantico, & cithara.* No cantico entende as palavras, na cithara as obras. E aquelle sabe dar musica a Deos, que o serve com palavras, & obras: *Cum cantico in verbo, cum cithara in opere.* Suave musica a que se dà a Deos com voz tão sonora, & instrumento tão agradavel, este de bem obrar, aquella de bem praticar, voz com que se pronuncia o bem, & cithara com que se exercita o mesmo bem. ¶ Dizia Diogenes aos que falavão da virtude, & não vivião conforme a ella, que erão semelhantes à cithara, que agradava com o som aos outros, não sentindo ella em si suavidade, pois não tinha orelhas para a ouvir. S. Paulo diz, que se eu falar todas as linguas dos homens, & dos Anjos, & não tiver caridade, ficarei sendo como hũa soalha, ou instrumento de metal, cujo som agrada aos outros, & a si aproveita nada: *Quàm multi sonant voce, & corde muti sunt*, diz Augustinho. Que muitos são os que são com a voz, falam, & praticão bem, sendo mudos no coração. E que muitos callão com a bocca, que com o effeito falam avisadamente com Deos, cujos ouvidos recebem muito bem a voz do coração do Justo: porque assim como os ouvidos do homem são para as palavras do homem, assi os ouvidos de Deos são para o coração do homem. Falalhe com o coração, que elle vos ouvirá. Muitos com as boccas fechadas são ouvidos de Deos, & muitos com gritarem muito não são ouvidos: com

os effeitos mais que com palavras devemos agradar, & dar
música a Deos: *Cum cantico in verbo, cū cithara in opere.*

Consideração quarta.

NAs palavras deve haver muita consideração, como
quer S. Gregorio, que as pronunciemos com quatro
circunstancias, advertindo o que dizemos, a quem o dize-
mos, quando o dizemo^s, & de que maneira o dizemos. A
esta ultima circunstancia pertence, que as palavras sejião
poucas, & bem ordenadas, & que nellas se evite toda a fo-
begidão, & impertinencia. O multiplicar de palavras (diz
Salamão) que he de nescios: *Stultus multiplicat verba;*
porque as pronuncia sem ordem, & sem consideração. Plu-
tarco diz que quizera que os homens deixassem superflui-
dade de palavras, & vão modo de dizer: *Copiam ipsam, ac
vanitatem dicendi prætercas velim.* Trattai de lhanesa, &
simples modo de propor as cousas, deixai ornato, & enfei-
tes de oração, & procurai o fructo della: não seiais como os
que andando pelos prados, só trattão de colher flores, que
cheirão, & agradão na apparencia. Imitai as abelhas, que
passando pelas rosas, & outras boninas, desprezando a to-
das, vão colher a amargosa flor do thymo, & della fazem
mel laboroso. S. Chrystomo diz que he vicioso o super-
fluo concerto de palavras, & curiosidade de oração? *Ver-
borum, & orationis superflua est curiositas.* Porém então
he esta curiosidade mais insofrivel, & digna de reprehensão,
quando muitos usaõ della para agradar no que dizem, sem
entender isso que dizem. Diz S. Gregorio que ha quatro
fortes de gente que prattica, & propõem as cousas. Huns q̄
sentindo bem o que dizem, ainda o pratticão melhor do q̄
o sentem: outros que sentindo as cousas, não as sabem de-
clarar como as sentem: outros, que sentindo as mal, peyor
as declarão: & outros, que as dizem, & pratticão excellen-

Gregor.

Eccl. 10.
Plutar.

Chryf.

Gregor.

temente sem as entender, nem alcançar. É desta ultima sorte de gente ha hoje muitos que andão no numero dos estimados do mundo, só pelo que representão como figuras de auto, sem terem louvor de letras que os adorne. Desta laya devião ser aquelles amigos de Job, que o molestavão com impertinencia de palavras, como elle se queixava, dizendo: *Nunquid finem habebunt verba ventosa?* Por ventura hão de ter fim palavras cheas de vento? De vento (diz

Iob 16.

Gregor.

S. Gregorio) que estão cheas as que mostrão vaidade, & mais trazem soberba, que proveito espiritual. Além disso muitas vezes dizem os homẽs boas cousas, mas porque não as dizem bem, ficão dizendo palavras de vento: & porque seus dittos sendo excellentes, são com tudo cheyos de vento, pela inchação, & vã gloria com que os dizem: *Sape*

Gregor.

mali verba bona dicunt, sed quia bene non dicunt, ventosa verba proferunt. E como diz Santo Augustinho, destes

August.

se póde dizer, que vendem palavras, nas quaes sómente se ha de amar a verdade, & não a vaidade com que se dizem. Quando estas são desta sorte, cahem no chão como folhas de arvore. As boas não podem cair, porque são verdadeiras, & proveitosas.

Consideração quinta.

DEve-se considerar, que pois comparamos o homem à arvore, as obras aos fruttos, & as palavras às folhas, por estas tambem he significada a fraqueza, & inconstancia do mesmo homem, porque assim como as folhas estão expostas a muitos contrastes do tempo, assim está o homem a muitas variedades da vida. Neste sentido dizia Job: *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam tuam?* Como se dissera. He possível Senhor, que levantaiis tão grande pé de vento contra hũa folha de tão fraco espirito?

Iob 3.

Isai. 25.

Se vòs (como diz Isaias) fois fortaleza ao pobre, ancora na

tem.

tempestade: *Fortitudo pauperi, spes à turbine*, porque permittis que seja combatida hũa folha de tanta fraqueza, que quando vossa mão a não destrua, sua propria inconstância a leva à summa desconfiança?

Consideração sexta.

T Ambem pelas folhas das arvores querem muitos entender a escuridão de palavras com que alguns falam enigmaticamente, encobrendo seus conceitos de baixo de palavras escuras, como fazião os Profetas, & Sibillas. Porque assim como o fructo da arvore se esconde entre as folhas da mesma arvore, assim se encobre o sentido de algũa proposição entre palavras mysteriosas. Por onde diz Hesiquio, que quando os curiosos trabalhamos por entender algum passo difficultoso: *Folium literæ aperimus*, abrimos a folha da letra para que descubramos o fructo do mysterio escondido. Deste modo fica facil de entender aquillo que Eneas disse à Sibilla Cumea: *Folij tantùm ne carmina manda*. No que a advertia, que não trattasse de lhe encobrir sua resposta com palavras escuras, & escondidas a seu entendimento. Que lhe falasse por termos claros, & não por figuras, & metáforas difficultosas de entender: *Folij tantùm ne carmina manda*. ¶ De todos estes significados o que primeiro demos às folhas he mais conveniente, & approvedo dos Santos Doutores, & Padres antigos. E pois folhas significão palavras, ponhamos fim a ellas com o que diz Santo Augustinho: *Verba tua inveniantur in vita tua*. As vossas palavras achemse em vossa vida. Se louvais a virtude, sede virtuoso: se a castidade, guardai castidade: se dizeis bem do que he bem, obrai sempre bem, & fugi do mal: *Verba tua inveniantur in vita tua*.

Virgil.

Raizes.

Raizes.

Cuidados.

Consideração primeira.

- Gregor.* **P**Elas raizes quer S. Gregorio que se entendão cuidados, os quaes se escondem no intimo do coração, como raizes no centro da terra: *Quid radicum nomine,* (diz elle) *nisi latentes cogitationes accipimus, quæ in occulto prodeunt?* Que outra cousa devemos entender pelas raizes, senão cuidados occultos, que secretamente vão lavrando no mais escondido do coração? ¶ O mesmo diz em outro lugar, certificando que este he o sentido que as raizes tem na sagrada Escrittura: *In sacro eloquio radicis nomine occulta cogitatio designari solet.* É assim declarando aquellas palavras de Job: *Nec mittet in terra radicem,* diz que o peccador não lança raiz na terra, porque entendendo-se por esta terra a região do Ceo, aonde eternamente se vive, não lança o peccador nella raizes, porque não sabe plantar nella pensamentos de vida eterna, não sabe depositar no Ceo cuidados dignos de premio soberano. Pois arvore que não lança raiz nesta terra, entenda que ha de cair com qualquer pé de vento que lhe der. ¶ O mesmo Santo declarando aquelle passo de Isaias: *Mittet radicem deorsum, & faciet fructum sursum,* diz que aquelle lança raiz para baixo, & dà fructo superior, que interiormente tem bons pensamentos, & por obra executa o bem que cuidou.
- Iob 15.* ¶ E declarando aquellas palavras de Job: *Radix mea aperta est secus aquas,* diz que o cortar a raiz pela terra dentro até chegar à agoa, he dilatar-se o bom pensamento occultamente com o santo proposito que tem, até chegar a gozar dos arroyos da verdade, porque então chegamos a partici-
- par

par do favor, & graça do Espírito Santo, que com bons cuidados, & fantas considerações interiormente nos vamos chegando à fonte perennal de eterna vida, que he o mesmo Deos.

Consideração segunda.

A Os cuidados chama Santo Augustinho linguas do coração, porque dentro nelle se trattão muitas vezes cousas, cuja prattica só Deos entende, a quem se não encobrem pensamentos occultos. Por isso quando Christo falava com os Fariseos, costumava communmente não lhes responder ao que elles perguntavão, mas ao que cuidavão em seus corações, a isto respondia, & não a suas palavras exteriores. E algũas vezes os reprehendia do que claramente via que estavão imaginando dentro na alma: *Quid cogitatis in cordibus vestris?* E em muitos outros lugares dizem os Evangelistas que via Christo os pensamentos dos Judeos. E esta era a mayor molestia que elles tinhão, ver que os alcançava Christo em seus pensamentos, & que nada se escondia a seus olhos divinos, sendo assim que nem Anjos tem vista para descobrir hum pensamento escondido no coração. Mas Deos he hum açor de corações, & tem olhos mais que de lynce para ver as mais profundas entranhas das creaturas: por isto o chama a divina Escritura esquadrinhador de corações, porque não ha lugar occulto, aonde se esconda hum pensamento, que Deos não veja. E por isto disse Job, que os olhos do Senhor andão sobre os caminhos dos homens, elle considera seus passos, & não ha sombra aonde se lhe esconda o malfeitor. Mandava Deos na Ley velha que o Candelabro de sette luzes effivesse sempre ardendo em sua presença de dia, & de noite, em significação que na presença de Deos tudo he luz, & claro conhecimẽto. Assi disse Deos a Cain quando o vio com pensamentos de matar a seu irmão Abel, que se fizesse mal, & consentisse

August.

Luc. 24.

Matth. 9. & 12.

Luc. 5. & 6. & 9.

D. Th.

Ier. 17.

Iob 34.

Exod 21

Lev. 24.

Gen. 4.

no pensamento que andava traçando, logo elle veria seu peccado, como se o puzesse à porta da rua: *Statim in foribus peccatum tuum aderit.* Porque o mais secreto coração do homem para Deos he rua publica. Por isso a Alma Santa vendo quão presente estava Deos a todas suas obras, &

Cant. 2.

pensamentos, dizia que a estava seu Esposo vendo por detrás da parede: *En ipse stat post parietem*, & assim não se atrevia a desmandar em nada, entendendo que tem Deos

Ps. 50.

feito nos corações dos homens janelas, & portas occultas por onde de dentro está vendo quanto entra, & quanto sahe, & que nenhum pensamento por minimo que seja escapa a seus olhos. Razões erão estas para qualquer alma Christã se encher de hum santo temor, vendo que de continuo está Deos olhando suas obras, & seus pensamentos, para q̃ se não atreva a offendello, por mais que se encubra aos olhos do mundo, que he grande locura do homem, que só tem respeito ao mundo não saber suas culpas, & não teme offender os olhos de Deos. Isto he o que lamentava David, quando dizia: *Tibi soli peccavi.* O que mais sinto Senhor he, que só contra vòs pequei, & só de vòs não fiz caso, nem vos tive respeito: tive-o a meus criados para me esconder delles, tive-o a Urias trabalhando por lhe encobrir meu peccado, tive-o a meu Reyno, receandome que soubesse delle, & assim acho por minha conta que só a vòs não respeitei, nem pequei: contra outros olhos, senão contra os vossos: pois a todos tive respeito, senão aos vossos: *Tibi soli peccavi.*

Consideração terceira.

Chryf.

OS cuidados tem azas velocissimas para voar aonde querem, como diz S. Chrysofomo, por isso podemos ir com elles ao Ceo ligeiramente, sem haver quem nos impida tão difficultoso caminho; tão ligeiras azas deu o Senhor à alma, para da terra fazer voo ao Ceo: *Adeò leves*

ves cogitationum alas animæ dedit Deus. ¶ Da mesma maneira são cuidados olhos que vem, & penetraõ tudo. Olhos corporaes muito vem, & alcançaõ, mas dando em corpo denso, & opaco, não passaõ avante com a vista. Porém os pensamentos são olhos, que por mais paredes, & muros que diante se lhes ponhaõ, por mais altas serras, & montes que se offereçaõ à vista, passaõ por tudo, & sem impedimẽto chegaõ aonde querem; fazem suas diligencias, & tornaõ com recado. ¶ Aos cuidados importunos chama S. Gregorio moscas do Egypto, & rãs que vozeã dentro na alma, & a inquietaõ muito. As moscas (diz elle) são importunas, & inquietas; & nellas que se póde entender, senaõ os molestos pensamentos da vida. Salamaõ diz: *Musca morientes perdunt suavitatem unguenti.* Moscas que morrem lançaõ a perder a suavidade do unguento, no que se dà a entender, que cuidados sobejos tiraõ a consolaçaõ, & suavidade do espirito, porque estas importunas moscas não deixaõ gozar da doçura celestial, que hũa alma pretende. Pois entaõ sente o Egypto esta praga de moscas, & estas rãs palmeiras, quando nosso coração he inquieto com a multidaõ de cuidados mundanos, de sorte que senaõ póde ver livre delles sem soccorro do Ceo. E quando Deos o quer dar, & entrar em nosso coração para lhe dar vida, & alento, lança primeiro delle toda a confusaõ que o molesta. Donde quando o Salvador do mundo entrou para resuscitar a filha do Principe, se diz que primeiro lançou fóra a muita gente que estava dentro em casa: *Et cum eiecta esset turba, intravit.* Entaõ diz S. Gregorio, se lança fóra a multidaõ de gente, para que a donzella se levante viva, quando do aposento de hũa alma se despede a multidaõ de pensamentos, & milagrosamente he resuscitada a que intrinsecamente estava morta: porque em quanto se diverte por innumeraveis cuidados do mundo, faz-se incapaz de receber a graça de eterna vida, & està como morta a Deos.

Gregor.

Eccl. 10.

Exod. 18.

Matt. 9.
Gregor.

Bernar.

Aos cuidados nocivos chama tambem S. Bernardo vi-
boras, a que mataõ seus filhos nas mesmas entranhas que os
gerãraõ: porque do proprio modo nos mataõ nossos pen-
samentos, creados em nossos corações, & delles sahẽ vi-
boras, & feras peçonhentas, que sãõ peccados, & abomina-
ções, como por sua bocca disse nosso Redemptor, que do
coraçãõ sahiaõ perversos pensamentos, os homicidios, adul-
terios, blasfemias, furtos, & falsos testemunhos. Por isso o
Espirito Santo nos avisa, que com toda a cautela guarde-
mos nosso coraçãõ, porque delle procede a vida. E como
diz Santo Augustinho, aonde estãõ nossos cuidados, estã a
nossa vida. ¶ O mesmo Santo que chama aos cuidados vi-
boras, lhes chama tambem escorpiões, cujas cabeças em ap-
parecendo deve cortar o manhoso Christãõ: *Cùm cito ap-
paruerit scorpis, contere caput ejus.* O vosso perverso pẽ-
samento, como o sentirdes em casa, levantaivos contra elle,
& cortailhe a cabeça, a qual entãõ se corta, quando se atalha
a culpa, & emenda o delicto no lugar aonde se commette.
Desto escorpiãõ pede o Sabio a Deos que o livre, & que o
naõ deixe nas mãos de seu pensamento, antes lhe açoute o
tal pensamento. Notavel modo de falar, pois pede que seu
pensamento seja açoutado com delicados açoutes feitos
das considerações dos castigos, & juizos de Deos. Estes sãõ
os açoutes do pensamento que chegãõ ao vivo da alma, &
castigãõ o atrevimento do coraçãõ desordenado, dandolhe
tal golpe no peito, que o faz vivo sangue da alma, sem o
deixar vir a consentimento do mal. Este castigo he muy ne-
cessario a todos, mas poucos o sabem, porque açoutar o
corpo, & castigallo, muitos o sabem fazer, mas açoutar
hum pensamento, & saber guiar o golpe, que de frecha vã
dar nelle, & o destrua, & despedace sem ficar final delle,
isto poucos ha que o saibaõ fazer.

*Matth.**Prov. 4.**August.
Bernar.**Eccl. 23.*

Consideração quarta.

Cuidados da vida bem considerados são sonhos de quem está acordado. O que dorme, & sonha, imagina varias cousas, hora que peleja, hora que o mataõ, aqui compra, alli vende, já navega, & lhe parece que se vai ao fundo, já corre a cavallo, & vai para cair delle: taes diz S. Gregorio que são os cuidados dos homens, sonhos de gente acordada, que está imaginando como ha de valer, & agradar, como tomará vingança de quem o aggravou, & como enganará a quem o enganou: já se imagina Rey, já cuida que tem grandes riquezas: *Ipsi sibi somnia fingunt*: fingem sonhos que são proprios pensamentos: *Qui tot phantasmata cordi imprimi, quid aliud quam vigilans somnium videt*. Também os cuidados por parecer deste Santo se devem com rasoão chamar desertos, aonde se perdem muitos. Estes são (como Job diz) *Qui edificant sibi solitudines*: os que edificao para si desertos aonde entraõ, quando se dilataõ no campo de suas imaginações, & se perdem dentro em si, como em desertas montanhas. ¶ O mesmo Santo compara os cuidados aos cabellos da cabeça, que por mais que a tempos os cortem, & tosquiem, tornaõ de novo a crescer. Não ha versẽ ninguem livre de pensamentos, pois por mais que os corte, & lance de si, tornaõ a vir, & de continuo crescem huns a poz outros. Aos Levitas mandava Deos que não trouxessem cabelo algum nas cabeças: *Levitæ radant omnes pilos carnis*: porque como diz S. Gregorio, os que se querem dar ao serviço de Deos, devem apparecer diante delle limpos de todos os perversos pensamentos: *Quia is, qui in obsequium Dei assumitur, debet à cunctis carnis cogitationibus mundus apparere*. Esta limpeza de pensamentos pede Deos à alma Christã, porq̃ para suas obras serem limpas, são primeiro necessario pen-

Gregor.

Virg.

Gregor.

Iob 3.

Gregor.

Num. 8.

Gregor.

pen-

Isai. 1.

pensamentos limpos. Isaias diz. Lavai-vos, & sede limpos, & para isso tiray primeiro o mal de vossos pensamentos: como se differa. Se quereis alimpar vossas obras, alimpai primeiro vossos pensamentos; que para a agoa correr limpa, he necessario alimparse a fonte donde nasce. ¶ Estes

*Num. 8.
Hieron.*

eraõ os cabellos que Deos mandava cortar aos Levitas: estes os que S. Jeronymo aconselha a Eustoquio que naõ deixe crescer, porque naõ queria ver nelle cuidado algum do mundo, nem de vaidades da vida: *Nolo sinas cogitationem crescere.* Estes saõ os inimigos que em quanto saõ de pequena idade, & naõ tem forças, se haõ de matar: & bema-

Pf. 136.

venturado he aquelle que sabe dar com elles na pedra que he Christo: de modo que em apontando o perverso pensamento, se deve arrojá-lo a Deos, para que elle veja que naõ saõ aquelles os hospedes que a alma quer em casa. Mas esta differença ha nisto, que ao inimigo por fraco que seja, naõ está sempre na nossa mão tirarlhe a vida; porèm a estes contrarios pequenos, ou grandes que sejaõ, em nós está extinguilos, & aquietar o campo de nosso espirito. Diz S. Bernardo a este proposito, que naõ está na mão do piloto amassar as ondas do mar quando está bravo, mas que na nossa está assocegar nosso coração, quando a tempestade de pensamentos for mais desfeita, lançando de nós todo o vaõ desejo de cousas mundanas, porque os que nellas se occupaõ, saõ como aves carniceiras, que tendo azas para voar ao alto, de ordinario as vemos na terra comendo entre porcos, & outros animaes immundos.

*Bernar.**Consideração quinta.**August.*

A Cerca das raizes significarem cuidados, considera Santo Augustinho duas raizes plantadas por dous lavradores em diversos campos. Húa planta Christo nos corações dos bons, que saõ bons pensamentos, que nelles põem:

põem : outra planta o demonio nos corações perversos, que são perversos pensamentos com que os incita a maldades : quem estes tem, responde com os fruttos conforme a planta, & plantador : mas o que tem bons pensamentos, responde com boas obras, porque não pôde ser que as tenha malignas quem vive de santos pensamentos. ¶ O Divino Espofo diz nos Cantares, que lhe tomem as raposas pequenas, q̄ lhe destroem as vinhas : *Capite nobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas* : pelo que Origenes, & outros Padres entendem os perversos pensamentos, que destroem as almas, que são as vinhas do Senhor : & para que estas florecção, & respondão com bom fructo, quer Deos que haja summa vigilancia em se tomarem estas raposas, que tudo lanção a perder, perturbando os sentidos, & inquietando os corações. Pensamentos que não são de Deos, tomem se logo em nascendo às mãos, que estas são as raposas que de tres modos se pôdem tomar, ou prendendo as de sorte, q̄ não possaõ andar pelas vinhas, ou matando-as com fazer com ellas tiro à pedra que temos ditto, ou queimando-as junto às covas aonde habitão. Prendem se cuidados, quando com imperio da vontade se refrea nossa imaginação. Matãose quando combatidos delles recorremos à firme pedra que he Christo, cuidando em sua morte, & Payxão. E então se queimão estas raposas, quando aos perversos pensamentos se põem diante hũa fermosa meditação do fogo infernal. De qualquer destes modos haja resistir a todo genero de pensamentos, que não forem do Ceo. Ao Santo Varão Esdras admoestava hum Anjo que tirasse de si os molestos pensamentos que o cansavão : *Depone molestissima tibi cogitamenta*, como que em nossas mãos està muitas vezes deixar molestos pensamentos, pondo-os em Deos, aonde se acha verdadeiro descanso, & alimento, como David nos aconselha : *Iacta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet*, ponde vosso cuidado em Deos, & elle vos

Cant. 2.

Orig.

Gregor.

Niss.

Ambr.

Bernar.

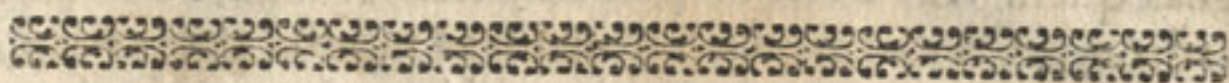
4 Esdr.

14.

Psal. 54.

August.

sustentará de forte, que nenhũa cousa vos falte, não vos faltando Deos: porque como diz Santo Augustinho, a alma que tem a Deos, que mais pretêde; se vòs baltais para Deos, baste Deos para vòs: *Anima cujus est Deus, quid amplius querit? si sufficis tu Deo, sufficiat tibi Deus.*



Raiz.

Segredo.

Consideração primeira.

Laert.

Aristot.

PElas raizes quiseraõ tambem os antigos fossiem significados os segredos: porque estes assim se escondem no coração, como as raizes na terra, & assim deve estar encuberta a raiz na terra, como o segredo no peito do homem: & assim se deve esconder o segredo aos homens, como as raizes aos que passaõ por cima dellas, que vendo a arvore, vem a raiz em que se sustenta. O segredo com tanta difficuldade se ha de descobrir, como com ella se arranca a raiz da terra, ainda que hoje se faz isto pelo contrario, pois não ha cousa mais facil, que descobrir segredos. E já o Filosofo Chilon perguntado que cousa mais difficultosa havia no mundo, respondeo: *Arcanum reticere.* Encobrir segredo, & não o communicar a outrem. Tão grande he a impaciencia de alguns, que por muito tempo não pôdem reter, sem que o digão a todos. Perguntado Aristoteles quem era tão senhor de si, que pudesse guardar segredo, respondeo: Que o podia guardar, o que na lingua soffresse hũa brasa de fogo: *Qui carbonem ignitum lingua retinere possit.* Bem se deixa logo ver quão perigoso he communicar o homem seu segredo a outrem: porque descobrindo-o a amigo, que não he verdadeiro, certo està o perigo de se manifestar depressa. E se o amigo então parece fiel, & verdadeiro, ainda algum

algum hora corre vosso segredo perigo na sua bocca : porque Seneca diz muito bem , que de tal modo tenhamos o amigo , & confiemos nossas cousas delle , como que ao diante pode ser inimigo nosso : *Amicum sic habeas , posse ut hunc fieri inimicum putes.* ¶ Quando nos Proverbios se diz : *Secretum extraneo ne reveles.* Não descubrais vosso segredo a homem estranho : quer dizer , que o não descubramos a pessoa de cuja fidelidade nos não consta por larga experiencia , como naquelle lugar declara a Glossa ordinaria , ou entende por estranho o homem inconsiderado q̄ em algũas occasiões manifesta em publico , o que em segredo lhe dissestes. ¶ Catão Senior dizia , que lhe pesava de tres cousas que algũas vezes tinha commettido , como era tẽpo q̄ gastara sem aproveitar nelle , ter andado por agoa , o q̄ pudera andar por terra , & ter descoberto segredo a molher , porq̄ rara he a que o sabe guardar. ¶ Metello Macedonio Capitão famoso , a ninguem queria comunicar sua determinação , & segredo de guerra , mas hum dia perguntado de hum amigo , que determinava fazer aquella tarde , respondeo q̄ queimaria seu proprio vestido , se imaginasse que era elle sabedor de seus pensamentos , quanto mais os homens : *Tu. Plinius.*
unicam meam exurerem si eam consilium meum scire existimarem. ¶ Quasi o mesmo succedeo a Tiberio Cesar , que sendo notado de não comunicar suas cousas aos amigos , respondeo : Que o coração do Principe , a ninguem se deve manifestar : & pelo menos , q̄ raro havia de ser o homem a quem elle se descobrisse : *Principis animum nemini , aut Dion.*
paucis cognitum esse oportet. Mas assi como o Principe fica de bom partido , não descobrindo a alguẽ seu segredo , de mayor fica o seu amigo q̄ o não sabe. O Poeta Filipiades sendo muito estimado del-Rey Nyfimaco , era muitas vezes importunado delle , que lhe pedisse merces , ao q̄ o Poeta respondeo hũa vez , que lhe fizesse quantas merces quisesse , tirando descobri-lhe segredo seu : *Quodcumque voles Brus.*

fac Rex, modò ne arcani quidpiam. Fazeime Rey quantas merces quizerdes, com tañto que me não descubrais segredo vosso, porque sei do perigo que minha vida corre, sendo sabedor delle. ¶ Entre os Lacedemonios houve muita pòtualidade em guardar segredo, & até nos convites era obrigação do convidado mais velho mostrar as portas aos mesmos que vinhão entrando, dizendo que nenhũa cousa que alli passasse, sahisse dellas para fóra: *Per has nullus egredietur sermo.* Costume que tinha manado de Lycurgo, como escreveo Plutarco. ¶ Hiero Filosofo dizia, que quem descobre segredo, faz mal a si, & a quem o houve: porque igualmente aborrecemos a quem o manifesta, como a quem o houve, sendo assim que o avisado, em advertindo que lhe descubrem segredo de outrem, deve afastarse de o não querer ouvir, & se o ouve, já mostra que procede mal. ¶ O segredo significavão tambem os antigos em hum monstro chamado Esfinge, que tinha rosto de molher, pés de leão, azas grandes nas costas, o qual se vio entrar na Cidade de Thebas a propor hum enigma escuro. E por isso os Egypcios nos seus Templos tinhão pintados Esfinges, dando a entender, que quanto a gente visse naquelles lugares, tinha segredo, que a poucos se descobria. Augusto Cesar não usava de outro sinete nas cartas, & provisões que assinava, senão da figura da Esfinge, dando a entender, que o bom governo do Principe depende do segredo que se ha de ter em executar mandados seus. ¶ Do que fica ditto àcerca das raizes se entenda, que ou por ellas se signifiquem cuidados, ou segredos, de hũa, & outra cousa são ellas accommodados geroglyficos, porque por semelhante modo se encobrem cuidados, & segredos no coração, que raizes na terra.

Balsamo.

Balsamo.

Misericordia.

Consideração primeira.

SE o melhor lugar se deve ao mais excellente, de todas as plantas que o mundo tem, nenhũa o he mais que o Balsamo, & por isso se lhe deve primeiro lugar entre as plantas. He o Balsamo arvore que sómente se acha em hum valle de Judea, como diz Origenes, & Theofrasto: a mais generosa, & salutifera planta de quantas a terra tem para laude, & conservação do genero humano. E dos sinaes que Deos mostrou de especial amor para com o povo Judaico, foi este hum, de o fazer possuidor de hũa terra aonde tinhão a mais preciosa, & aromatica planta, que o rico Oriente tem. Esta he a que na sagrada Escrittura se chama: *Engaddi*; & Josefo historiador chama a região *Iericuntina*, por ficar junto à Cidade de Jericò, aonde ha tão frescas hortas, & jardins, que os chama Paraisos. Mas aquelle ingrato povo tão mal soube estimar este bem, como os mais que Deos lhe fiserá, em o trazer à terra de Promissão. Pelo que convertido o amor em odio, & as merces em vinganças, querendo Deos ultimamente castigar aquelle povo cõ aquella terrível, & lastimosa destruição, que padeceo por Tito, & Vespasiano, vendo os perversos Judeos seu ultimo fim, & então mais obstinados, & encruelicidos huns contra os outros, depois de os maridos matarem as mulheres, & as mãys comerem os filhos, arremetèrão com furia às innocentes arvores do Balsamo, cortando-as, & arrancando-as de sorte, que nem raiz dellas deixarão, se os soldados Romanos não acodirão a defendellas com mão armada: não

Origen.
Theoph.

querendo esta mã gente, que ficassem tão boas plantas para remedio do mundo. Hũa destas arvores trouxe Vespasiano a Roma, & levou publicamente no dia de seu triunfo entre os ricos despojos que de Judea trazia, para que visse Roma a melhor planta que o mundo tinha, & dahi entendesse que boa terra era a da Palestina, que elle tinha fugeita ao Imperio Romano. Das poucas que em Judea ficaraõ, tiverão os Romanos cuidado de as multiplicar de sorte, que em pouco tempo houve abundancia dellas nas mesmas vinhas de Engaddi. Desta planta se tira o Balsamo, assim dos seus cachos, como de suas varas, & troncos, dandolhe alguns golpes, & feridas, não com ferro, mas com vidro, ou pedras agudas, o que não carece de mysterio: porque como o Balsamo he figura da misericordia, esta por ser compassiva, & piedosa, aborrece o ferro, que diz crueldade, & rigor. Chama-se pois esta planta Balsamo, & o seu licor Opobalsamo, o seu fructo Carpobalsamo, a sua madeira Xilobalsamo, que tambem he suavissima, como he o seu licor, & o seu fructo. O Opobalsamo he proveitosissimo para muitas enfermidades dos homens, & em especial para feridas, & chagas do corpo. Por elle querem os Doutores que se signifique a misericordia, a compayxão, & todas as virtudes que dizem piedade, & clemencia: porque como este licor procede do intimo de sua planta, assim diz S. Bernardo, que o Balsamo da compayxão procede das entranhas da caridade, & que o Medico espirital (como outro Samaritano do Evangelho) para curar feridas do proximo ha de ter Balsamo de brandura, & misericordia. E que quem entender de si que possui este rico Balsamo de misericordia, seguramente póde applicarse a curar feridas lastimosas daquelle pobre homem que cahio em mãos dos ladrões, imitando ao piedosissimo Samaritano, que o remediou. Origenes diz, que o Balsamo tem virtude para aquentar, & fomentar chagas, & para sarar feridas, & males do corpo, condição da

Bernar.

Luc. 10.

Origen.

da misericordia, que aqueenta, & agasalha a pobres, remedeia afflicto, consola a tristes, & une corações, & vontades diferentes.

Consideração segunda.

Como a misericordia de Deos seja ineffavel, & a que mais resplandece sobre todas suas obras, prezando-se este Senhor mais de misericordioso, que de outro algum attributo dos infinitos que tem, atreveo-se a Alma Santa nos Cantares a comparallo ao Balsamo, vendo que a mesma Sabedoria eterna a elle se comparou, dizendo: *Sicut Balsamum aromatizans odorem dedi.* Chama ella pois a seu Divino Esposo Balsamo, porque quanto nelle considera, são misericordias para com ella. Chama-lhe Balsamo, porque assim como o cacho deste se compõem de folhas, & grãos, sendo elle hum: assim em Christo sendo hũa só a Pessoa, ha duas naturezas unidas. E como duas folhas do Balsamo saindo de hum lugar, vem a fazer hum cacho, assim sendo duas as naturezas, Humana, & Divina, distinctas entre si, hum he Christo, Deos, & Homem, porque hum he o supposto, em o qual ambas aquellas naturezas juntamente estão unidas com união hypostatica. E como no cacho do Balsamo ha muitos grãos, que todos fazem hum cheiro suavissimo, assim em Christo ha todas as graças, & perfeições infinitas, que tem hum cheiro de Divindade, & fragancia de perfeitissimo Balsamo. He Christo Balsamo, porque he principio de toda a graça, porque assim como o Balsamo mana do cacho, ou da planta que o dà, assim o preciosissimo Balsamo da graça de Christo procede, nem tem outro principio, senão o mesmo Christo, como diz S. João: *Gratia, & veritas per Iesum Christum facta est.* É se o Padre he o que nos dà esta graça, dà-a pelos merecimentos de Christo, os quaes elle ab æterno vio, & por isso (como diz S. Paulo) nos pre-

Cant. 1.

Eccl. 24.

Ioan. 1.

Eph. 15.

destinou segundo o proposito de sua vontade, para louvor de gloria, & graça sua. E assim como das feridas desta planta sahe o unguento do Balsamo, assim de Christo ferido, & encravado na Cruz, de suas chagas, & feridas mana a graça que elle mereceo por dores, & angustias, para com ella nos salvar, como diz o mesmo Apostolo: *Cujus gratiã estis salvati*. Muito se presa este Senhor de misericordioso, & de hum certo modo parece que na misericordia põem sua perfeição: porque quando por S. Mattheus diz a seus Discipulos, que sejam perfeitos como seu Pay celestial he perfeito, declara S. Lucas, que perfeição seja a do Padre, dizendo: *Estote misericordes, sicut & Pater vester celestis misericors est*. Sede misericordiosos, como vosso Pay celestial he misericordioso. Como se dissera. Sabei que a perfeição de Deos he a sua misericordia. Pelo que se quereis ser perfeitos, sede misericordiosos, porque a misericordia he summa perfeição, assim em Deos, como nos homens. Tem mais a misericordia, que he gloria do mesmo Deos, pelo que diz S. Paulo; todos peccarão, & tem necessidade da gloria de Deos: pudera o Apostolo dizer, que todos tem necessidade da misericordia de Deos, porque peccadores hão mister misericordia, mas para com Deos o mesmo he ter necessidade de sua misericordia, que de sua gloria, porque a sua misericordia he a mesma gloria sua: donde diz Isaias: *Exaltabitur Deus parcens vobis*. Serà Deos exalçado, & glorioso perdoandovos a vòs, porque no seu perdoar està o seu engrandecimento, no seu compadecerse sua exaltação.

Consideração terceira.

Dous são os attributos com que mais frequentemente louvamos a Deos, sua misericordia, & sua justiça: *Pf. III. Miserator Dominus, & justus*. Estes dous attributos declara

clara a Pastora dos Ceos por figura, dizendo que seu Divi-
no Esposo he candido, & rubicundo, significando na bran-
cura sua misericordia, & na vermelhidão sua justiça, porque
a cor branca he sinal de misericordia, & a vermelha de justi-
ça. É primeiro a Pastora lhe chama candido, que rubicun-
do, porque mais se presa este Senhor de misericordioso, que
de justiça, ou porque de tal modo he candido por mise-
ricordia, que quando algũa vez ha de fazer justiça, se faz
vermelho, como que se peja, & tem vergonha de a fazer,
correndo-se disso, como de cousa alhea de sua condição,
como diz Isaias falando com os peccadores. Vòs fazeis que
Deos se agaste contra vòs: pois elle se agastará: *Irascetur*
ut faciat opus suum, alienum, opus ejus. Elle se indignará
contra vòs, ainda que em fazer isso faz hũa obra alhea de
sua natureza, porque esta he perdoar, & não castigar. Assim
o diz o mesmo Senhor por Ezequiel: *Nunquid voluntatis*
meæ est mors impij, & non ut convertatur à vijs suis, &
non vivat? Por ventura he de minha vontade a morte do
peccador? Que outra cousa quero eu, senão que se conver-
ta, & afaste de seus caminhos, para que viva, & se salve. As
obras de misericordia em Deos são de sua bondade interna,
& o dar vida he de sua vontade: *Vita in voluntate ejus,*
diz David. Para castigar ha mister muito, com pejo o faz,
vemlhe a cor vermelha ao rosto, mas o dar vida sempre he
de sua vontade, sempre està em seu querer. A vermelhidão
do rosto nasce do sangue que a elle acode: peccados são si-
gnificados no sangue, & assim a vermelhidão no rosto do
Esposo nasce dos peccados dos homens. É não he impro-
prio dizerse, que se corre Deos de fazer obras de justiça,
como o que ha de castigar a outrem, que o faz com muito
pejo seu, & fóra do que pede sua condição. Como diz Isaias,
que este Senhor dà gemidos, & ays quando ha de fazer al-
gum castigo, ainda que seja em inimigos seus: *Heu consô-*
labor super hostibus meis, & vindicabo me de inimicis
meis.

Cant. 5.

Isai. 28.

Ezech. 10.

Pf. 16.

Isai. 1.

meis. Ah, diz elle, que hey mister ser consolado em matéria de inimigos meus, porque quando por serem estes, he necessario tomar vingança delles, eu sou o que sinto isto mais que elles, necessario he que me consolem. He pois a misericordia natural em Deos, como a cor branca em o rosto, & a justiça com o accidental, qual a cor vermelha nelle. E isto ao nosso modo de falar, que de outro modo tão misericordioso he Deos, como justo, & tão justo como verdadeiro, sendo nelle todos os attributos infinitamente perfeitos, mas quando dizemos com David, que suas misericordias são sobre todas as suas obras, & que a sua misericordia se prefere à sua justiça: he modo de falar humano, porque em Deos não se dá mais, nem menos, nem se engrandece mais com hum attributo, que com outro; porque tudo o que nelle ha, he nelle simplicissimo, & perfeitissimo, tendo suas perfeições igual immensidade. E porque os Justos, & Santos contemplão mais em suas misericordias, que em outros attributos, donde procede que lembrados dellas o amão mais, o que não tem os peccadores, os quaes porq̃ se esquecem de suas misericordias, se afastão mais delle:

Pf. 144.

Pf. 105.

Pfal. 88.

Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae, diz David: Não se lembrarão Senhor, da multidão de vossa misericordia, por isso se apartarão de vosso amor: Quem se lembra dellas, tem de que o louvar, & por isso dizia o mesmo Profeta Rey: Que eternamente cantaria as misericordias de Deos: *Misericordias Domini in aeternum cantabo.* Por todas estas razões he Deos comparado ao Balsamo de que trattamos, porque o titulo de que mais se honra, he de ser misericordioso, & com este, & outros semelhantes o abrandavão os Patriarcas, & Profetas Santos, chamandolhe misericordioso, compassivo, benigno, & piedoso, nomes de que muito se agrada.

Consideração quarta.

A Misericordia chama S. Chrystomo arte liberal, *Chryf.* que tem sua officina nos Ceos, & por Mestre a Deos, & não a homem algum. Arte he a misericordia mais excelente que todas as artes; porque as outras com a vida acabão, & cõ seus artifices enfermão, não são permanentes suas obras, aprendem-se de vagar, & com muito trabalho, mas esta permanece depois da morte, resplandece na outra vida, acompanha-vos nesta, & sempre com vosco se occupa, nunca vos deixa, nunca vos larga. Esta arte mais sabe fazer que calçado, & vestidos; pois sabe fazer edificios nos Ceos, sabe aparelhar moradas eternas. Esta faz que se não apaguem nossas alampadas, esta lava nossos vestidos, & os torna mais brancos que a neve para o dia do desposorio. Esta faz que não sejamos lançados aonde aquelle rico avarento he atormentado, mas vinhos guiando ao Seyo de Abrahão por caminho direito. As demais artes respeitão a hum só fim, a agricultura à sua lavoura, a pintura à sua imagem, o oleyro ao seu pucaro de barro; porém hũas artes tem necessidade de outras, pois o lavrador não pôde lavrar sem o ferro do arado que o ferreiro lhe ha de fazer, a enxada, a fouce, & o alveão, & assim as mais artes que se ajudão de outras: porém a arte da misericordia para se exercitar, só tem necessidade de nosso querer, & vontade, & se cuidais que para isso haveis mister muito cabedal, lembrevos a viuva do Evangelho, que com dous ceitis exercitou esta arte. *Luc. 21.* E se sois tão pobre, que nem isso tendes, dai a vontade, & desejo que tendes de dar esmola, & com isto satisfazeis *Marc.* muito. Se não podeis dar hum pão inteiro, dai hum pedaço, & chegareis ao cume desta arte. Della nos vem maiores bens, que Reynos, & Imperios; porque não sómente se avanta a às outras artes, porq̃ não tem necessidade *12.* dellas,

- dellas, mas porque ella só nos dá mayores riquezas nesta vida. & na outra. Quem mais se occupa nesta arte, mais se enriquece de bens celestiaes. A pessoa que dá, & distribue a
- Pf. 111.* pobres, como diz David: *Dispersit, dedit pauperibus*, a justiça que tem de galardão eterno, para sempre fica com elle: *Iustitia ejus manet in seculum*. Salamão diz que quem se compadece do pobre, dá dinheiro emprestado a
- Prov. 19.* Deos com ganho sabido: *Fæneratur Domino, qui miseretur pauperis*. Quem empresta dinheiro a fim de cambio, ou usura, sempre se lhe restitue a forte principal com augmento de cambio. Quem dá ao pobre, dá ao mesmo Deos, porque a elle se faz o que ao pobre se faz: elle toma à sua conta o galardão disso. Os pobres (diz Christo por S. Lucas) não tem com que vos pagar o bem que lhe fazeis:
- Luc. 14.* *Non habent retribuere tibi, retribuetur enim tibi in resurrectione mortuorum*. Não tem pobres com que vos dar o galardão, mas este só vos dará na outra vida: & vosso Pay celestial o dará, porque elle vê a esmola que fazeis às escondidas: *Pater tuus qui videt in abscondito, reddet tibi.*
- Matt. 8.*

Consideração quinta.

- P**orque a misericordia tem tão bom galardão, quer Deos que suas obras se fação com prazer, & alegria: *Non ex tristitia*, como diz S. Paulo: não com tristeza, ou por necessidade: *Hilarem enim datorem diligit Deus*. Ama Deos a quem dá com alegre rosto, que he o mesmo que tinha ditto o Espírito Santo no Ecclesiastico: *In omni dato hilarem fac vultum tuum*. Em tudo o que houverdes de dar mostrai risinho, & alegre rosto. E então parece que a obra de misericordia se faz alegremente, quando se faz com prestesa, de forte, que em se vendo a necessidade, logo se acuda a ella. Mandava Deos na Ley velha, que entre os Judeos não houvesse pobres: *Omnino non erit indigens,*
- Deut. 15.*

gens, & mendicus inter vos. Olhai que não haja pobre, ou pedinte entre vós. Mas não quer isto dizer, que os lançassem de si; mas que em vendo ao pobre, lhe acodissem com tanta pressa, que não padecesse necessidades, em vendo as misérias, logo as remediassem, & assim não haveria entre elles pobres, & necessitados, porque logo erão soccorridos. Assim chama David bemaventurado ao que entende sobre o pobre, & necessitado: *Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem.* E diz que he bemaventurado o que entende, porque aquelle que antes de ver com os olhos a necessidade, já com o entendimento a percebe de antes, & a soccorre, entendendo que a póde haver, com rafaõ já nesta vida se póde chamar bemaventurado. Os homens aonde ha necessidades, fazem que não as vem: & se as vem, dissimulão com ellas, & quando não podem dissimular, remedeão nas tão de vagar, & tão pesadamente, que perdem muito merecimento da obra que fazem. Muitas vezes lemos nos Evangelistas sagrados, que Christo nosso bem indo andando parava: *Stans autem Iesus.* E o seu parar sempre era para remediar misérias, porque como era official de misericordias, em vendo misérias parava para soccorrer com misericordias. Nos homens tudo são vagares, & dilações para fazerem algum bem: *Ne dicas amico tuo: Vade, & cras tibi dabo, cum statim possis dare,* diz Salamão nos Proverbios: Nunca digais ao vosso amigo: Ide, tornai à manhã, q̄ então vos darei o que pedis, dai logo a cousa que logo podeis dar: porque quem dilata a merce que se lhe pede, em algũa cousa repàra, & se repàra, logo afronta a quem dilata a merce: donde delicadamente disse Seneca, que merces vagarosas erão injurias muito apressadas: *Præcipites injurie beneficia lenta,* porque quem de vagar vos faz merce, depressa vos afronta: & quem faz a obra de misericordia com tibiesca, & tardança notavel, afronta ao mesmo Deos a quem a faz. Por isso lemos de Zaqueo, que quando houve

Psal. 40.

Marc.

10.

Luc. 18.

Prov. 3.

Seneca.

de

Luc. 19.

de agasalhar a Christo em sua casa: *Festinus descendit in domum suam*: depressa, & a correr se foi a sua casa, para mostrar a vontade com que o recebia. A mesma diligencia mostrou quando disse, que logo queria dar a pobres a metade de sua fazenda: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus*. Não disse que daria ao diante, & que faria suas repartições, mas que logo dava, logo repartia, mostrando que já tinha tudo na mão para o dar: *Ecce*, eis aqui Senhor o que dou por amor de vós: não o dilato para à manhã, em vossa presença quero que seja: para que esta obra seja perfeita, & meritoria em tudo.

Consideração sexta.

Osea 6.

SÃO as obras de misericórdia tão aceitas a Deos, que mais as estima, que sacrificios, & holocaustos. Assim diz elle por Oseas: *Misericordiam volo, & non sacrificiū*.

Hebr. 3.

Quero misericórdia, & não sacrificio, porque a misericórdia he o verdadeiro sacrificio, que lhe agrada muito: pelo que diz o Apóstolo S. Paulo, que nos não esqueçamos de fazer bem a outros, porq̃ com taes sacrificios se aplaca Deos de sorte, q̃ chama sacrificios às obras de misericórdia: *Talibus enim hostijs placatur Deus*. E assim os sacrificios q̃ Daniel aconselhava a el Rey Nabucodonosor q̃ fizesse por seus peccados, eraõ de esmolas, & obras santas de piedade: *Peccata tua elemosinis redime*, dizia elle, *& iniquitates tuas misericordijs pauperum: forsitan ignoscet delictis tuis*. O-

Dan. 4.

lhai Rey, q̃ setendes cõmettido muitos peccados, tendes remedio de perdaõ delles, este se vos depàra nas esmolas cõ q̃ podeis remir vossas culpas, & nas obras de misericórdia para cõ pobres com q̃ se apagaraõ vossas maldades: não vos acõselharei q̃ façais outros sacrificios, aonde tendes estes que saõ de tanto cheiro, & fragrancia ao mesmo Deos. Muito se satisfaz Deos destes sacrificios da misericórdia, grande cheiro,

cheiro, & suavidade tem diante delle, por isso a quem lhos
 offerece diz elle em figura do Esposo Divino: *Odor unguē-* Cant. 4.
torum tuorum super omnia aromata. No q̄ vem a dizer,
 ainda q̄ todas as virtudes tenhaõ suave cheiro diante de mi,
 este que procede das obras de misericordia o tem suavissi-
 mo, porque saõ ellas unguentos de suavissima fragrancia, q̄
 se avantajão aos mais suaves, & preciosos cheiros.

Consideração settima.

AS excellencias da misericordia até os Gentios as co-
 :nheceraõ, & as apregoaraõ. Seneca disse, que a mise-
 ricordia se sabe fortalecer de bons presidios, porque as boas
 obras que faz saõ torres, & castellos aonde se faz segura: *Bo-*
na comparat presidia misericordia. Esta diz elle em outro
 lugar, aonde quer que mora, tem por vezinha a miseria, &
 de continuo vai estar em casa della, & com a miseria ser po-
 bre, sempre a misericordia acha que trazer de sua casa, sem-
 pre tem que apanhar para se enriquecer: *Misericordia vi-*
cina est miseriae, habet enim aliquid, trahitque ex illa. Se
 a misericordia leva algũa cousa a casa da miseria, tãbem tras,
 nunca fica de perda. O homẽ q̄ se lembra do miseravel, de si
 se lembra, & para que sempre tenha lembrança de si, lèbre-se
 sempre dos pobres: *Qui in homine calamitoso est miseri-* Laert.
cors, meminuit sui, diz elle em outro lugar. E aquelle que
 podendo soccorrer ao miseravel o naõ soccorre, tiralhe a vi-
 da, pois vendo o padecer o naõ quer ajudar: *Qui succurre-*
re perituro potest, cum non succurrit, occidit. Reprehen-
 deraõ hũa vez Aristoteles certos amigos seus, porque fa-
 zia bem a hum homem perverso, & elle respondeo: *Non*
mores, sed hominem commiseratus sum. Naõ me compa-
 deço de sua maldade, mas de sua humanidade, naõ olho a
 seus costumes, mas vejo que he homem, & de o ser me cõ-
 padeço, porque naõ he bem que morra de mera pobreza:

Etiam

Etiam improbis in necessitate succurrit vir bonus. O bõ varão ainda aos perversos soccorre em suas necessidades, porque se deve esta obrigação à natureza, quando a merecimentos não for devida: quanto mais, que quem me diz, q̃ esse perverso se não tornará bom? Certamente que a boa obra que eu lhe faço, o pôde tornar ao estado bom. Perguntarão a Demosthenes, que cousa fazia aos homens semelhantes a Deos, ao que elle respondeo: *Benignè facere.* O bem fazer, o bem obrar faz o homem semelhante a Deos. Veirão que mais podia dizer nesta materia hum Doutor sagrado. Conta Eneas Sylvio, que hum eminente varão que tinha sido Cancellario de tres Emperadores Cesares, costumava dizer, não desejar outra cousa, senão que os Reys antes de o serem fossem pobres, & necessitados, para depois se compadecerem delles; porque mal se pôde compadecer bem delles quem nunca foi miseravel, quem não sentio apertos de fome, faltas de gente afflicta.

Max.

Palma.

Vittoria.

Consideração primeira.

Ambr.

Aul.

Gel.

Plutar.

Pausan.

Santo Ambrosio, Aulo Gelio, Plutarco, Pausanias, & muitos mais Autores dizem, que a Palma he arvore triumphal, dedicada antigamente ao Sol, significadora da vittoria, porque as suas folhas são iguaes em sua proporção, & iguaes devem ser os premios dos vencedores: & porque a materia da palmeira he incorruptivel, & porque sempre reverdece, & nunca perde as folhas, & porque os mesmos ramos imitam muito a circular figura do Sol. Mas a principal razão, de significar vittoria, he o não ser arvore opprimida com peso algum, que em cima lhe ponhão,

nhão, porque as outras com o peso se abatem, & dão de si, inclinando-se para a terra, & a palma com elle se levanta ao alto, mostrando que então vence quando cuidão que a abatem. Por esta ração dizia David, que o Justo florecerá *Psal. 91.* como a palma, porque tendo animo sofredor de trabalhos, ainda que seja opprimido com males, nunca com elles he abatido, porque nem trabalhos o vencem, nem males o cansão, nem oppressões o sopeão, a todas as molestias fica superior, como os Israelitas, que estando no Egypto em poder de Faraò, quanto mais erão opprimidos, tanto mais crescião, & se multiplicavão. *Exod. 1.*

Consideração segunda.

Santo Augustinho diz que a palma he symbolo da victoria, & que os ramos da palma com que os de Jerusaleem sahirão a receber o Senhor, significavão a vittoria, com a qual morrendo havia de vencer a morte, & triunfar do principe das trevas no alto da Cruz. O mesmo Santo diz, q os Bemaventurados estarão no Ceo diante do Throno de Deos coroados, & com palmas nas mãos, como se diz no Apocalypse: *Palmæ in manibus eorum*: porq pelas mãos se significão obras, & palmas nas mãos mostraõ premios nas obras, vencimento nas adversidades. ¶ S. Gregorio diz, q a palma crescendo sempre ao alto, reverdece, & dà fructo: & que na sua significação apregoa victoria: & donde a Esposa figura da Igreja diz, que os cabellos de seu Esposo saõ como os principaes ramos da palma: *Sicut elatæ palmarum*: porque os escolhidos sempre se levantão ao alto das virtudes, & pela constancia com que pelejão, & perseverança cõ que vão avante, chegão à victoria; & porque o mesmo Filho de Deos cabeça de todos os predestinados pelejou, & venceu, não com ferro, senão com o lenho da Cruz, como elle por S. João diz: *Confidite, ego vici mundum*. Tende confiança, porque eu venci o mundo. *Ioan. 16.*

Eucher.

Euquerio diz que a palma nisto se differença das outras arvores, porque estas por grossos que tenham os troncos, em saindo sobre a terra já os vão adelgaçando, & fazendo menos do que são junto às raizes: mas a palma apparecendo sobre a terra, vai dilatando, & engrossando mais o tronco. A exemplo que os mundanos, como as outras arvores, na terra tem os pensamentos, os appetites, & malignos desejos, nelles se dilatação, & fazem robustos nos vicios, & peccados, mas para as cousas do Ceo enfraquecem, & são diminutos. Sofrerão grandes trabalhos por pequenos bens da terra, & pelos grandes dos Ceos não querem tomar hũa minima molestia: canção por adquirir gloria do mundo, & nada fazem pela do Ceo. Porém os Justos são como a palma, que para as cousas de Deos tem sempre mais força, & mayor vontade, crescem nos bons propositos, & santos exercicios, não curam de bens terrenos, nem delles fazem fundamento, porque ao Ceo levantam os desejos, nas alturas moram, ali conversam, & tem seu assento, comprindo-se nelles aquillo de David: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea.* Porque a alma do Justo sempre se enche, sempre se dilata, & engrossa na fartura, & abundancia do comer espiritual.

*Psal. 91.**Psal. 62.**Consideração terceira.**Cant. 7.**Cassiod.**Philo.**Apon.**Beda.**Cyprian.*

Aquellas palavras que o Esposo Divino diz nos Cantares: *Ascendam in palmam*, subirei à palmeira, quer Cassiodoro, Filo Carpathio, Aponio, Beda, & outros mais, que se attribuaõ a Christo nosso bem, que por eterno decreto determinou, & pelos Profetas notificou que havia de subir sobre a vencedora palma da Cruz, & abi havia de colher os fructos da mesma palma, pelos quaes ou entendia sua mesma gloria, ou a conversação do mundo, ou as virtudes, & obras santas dos seus Fieis, que tudo isto foram fructos da arvore da Cruz. Assim diz S. Cypriano, ou

ou aquelle cuja he hũa oração que anda entre as suas obras: *Ascendisti Domine ad palmam.* Subistes Senhor à palma, porque aquella soberana arvore da vossa Cruz significava o triunfo, que havieis de ter do demonio, & vittoria dos principes, & espiritos infernaes. E Hugo Victorino diz, q̃ a esta palma deve subir a alma santa com o pensamento, & coração; & se a subida parecer difficultosa, diminue-se o trabalho do que sobe com o suave cheiro do fructo que na arvore se sente; a doçura do gosto tira a difficultade da subida: *Palma est Christus fructus, ejus salus, spes salutis in ligno Crucis.* Esta palma he Christo, o seu fructo he salvação, a esperança da nossa està na arvore da Cruz: *Ascende igitur in palmam.* Sobì alma Christã a esta palmeira, convem saber, considerai a vittoria da Cruz, & pela escada dessa mesma Cruz ireis ao assento do vencedor. Tomai tambem vossa Cruz, & seguì a de Christo. Beda diz que subindo Christo à palma da Cruz, colheo o fructo de sua gloriosa Resurreição, & Ascensão aos Ceos, levando consigo as almas dos Santos Padres, que esperavaõ este dia de seu triunfo. Ruperto Abbade diz, que o dizer o Esposo, que subiria à palma, foi o mesmo que dizer, que seria exaltado sobre a victoriosa Cruz, & nella colheria fructos, que seriaõ a salvação de todos os crentes, & que a poz isso se apregoaria no mundo a doutrina Evangelica.

He opiniaõ de graves Autores, que hum dos quatro lenhos, de que constou a Cruz de Christo, foi a palma, o que redundava em grande louvor desta arvore, que não sómente foi figura da Cruz, mas na realidade principal parte da mesma Cruz. Foi o divino trofeo, que o Leão vécedor adornou de ricos, & preciosos despojos. Foi o soberano Estandarte q̃ os Apostolos arvoráraõ por todo o mundo, contra o qual não prevalecem as portas do inferno. Foi o Throno Real, aonde o Rey da Gloria dividio os despojos, Cadeira Magistral aonde o scientifico Mestre da vida està ensinando se-

Hugo.

Beda.

Rupert.

Cant. 7.

Ioan. 12.

Apoc. 5.

Isai. 53.

gredos celestiaes de vida eterna. A esta palma subio para fazer a presa, & trazer tudo a si.

Consideração quarta.

August.

Pier.

Val.

Hesiod.

Porpb.

August.

Ioan. 16.

Pier.

Val.

Pausan.

Considera Santo Augustinho no livro da Cidade de Deos o muito caso que os antigos fiserão da vittoria, pois pela terem sempre favoravel, a adoravão por deosa, & em Roma teve templo sumptuoso junto à praça principal; offereciãolhe sacrificios com esta differença, que pela vittoria alcãçada com sangue lhe sacrificavão hum boy, & pela que se alcançava com quietação, hũa ovelha. Mas os Lacedemonios pelo contrario, na vittoria pacifica offereciãohum touro, & na sanguinolenta hũ gallo, julgando q̄ mais excellente era a que se alcançava com socego, que com ferro, & sangue. Hesiodo diz que davão à vittoria tres irmãos, o zelo, esforço, & potencia, os quaes assistião de continuo diante de Jupiter, sem os quaes nem elle podia ter Imperio, nem os Principes do mundo dominio, porque impossivel he conservar-se Reyno, aonde faltão estes tres poderosos irmãos. Porfyrio diz que Jupiter se pintava com hum sceptro na mão esquerda, & na direita a vittoria, mostrando no sceptro que era Rey, & na vittoria que só elle era vencedor, & não podia ser vencido. Ao que Santo Augustinho diz, que se não entenda isto por Jupiter, falso deos da Gentilidade; mas daquelle verdadeiro Deos, a quem só convem o sceptro de Rey, que he de todos os Reys, em cuja mão está sempre a vittoria para vencer, como elle diz, que já venceo, & sempre ha de ser vencedor.

Pintava-se a vittoria com azas, porque levantando-se da terra, voa ligeiramente por todo o mundo, & sua fama se espalha por diversas partes. Mas os Athenienses não a querião com azas, como refere Pausanias, porq̄ a querião ter sempre immovel comsigo, & não de modo q̄ voando lhe fugisse, &

& os deixasse : porque azas significão inconstancia , pela ligeireza com que se movem, & por isso o amor se pinta com ellas, porque he mudavel, & inconstante. Antes querião que a vittoria tivesse nas mãos romãs fermosas , que são figura do amor, porque com amor querião elles que a vittoria se conservasse entre elles. Mas àcerca de se attribuir azas à vittoria, notavel foi o sonho que teve Cyro , aonde lhe parecia que via a seu contrario Dario com duas azas nos hombros, com que fazia sombra à Asia, & Europa, o que foi prognostico de duas grandes vittorias , que fiserão senhor a Dario das duas principaes partes da terra. O mesmo Dario trazia na sua opa real tres açores recamados de ouro , & perolas, em final de tres vittorias, que no mundo o fiserão famoso. E o açor he geroglyfico da vittoria, como diz Pierio , pelo modo com que peleja, & artificio com que vence a todas as aves: donde veyo que Antioco pelas muitas vittorias que alcançou, se chamou *Accipiter*, que quer dizer Açor ave de rapina.

Pier.

Val.

Pier.

Val.

Consideração quinta.

D Iz S. Gregorio , que muitas vezes nasce a vittoria da desesperação, porque o vencido com desesperação da vida toma forças, & brio para fazer por ella todo o possível : donde disse o Poeta Latino :

Gregor.

Una salus victis nullam sperare salutem.

Virgil.

O vencido hum só remedio tem, & este he imaginar que totalmente não tem remedio. Este pensamento de desesperação o faz forte para esperar vencimento, aonde já o não tinha. Etentão he esta vittoria mais excellente, que outra qualquer que se alcança por seu commum estylo de guerra: *Excellentior nascitur ex desperatione victoria*, diz S. Gregorio. A mais excellente vittoria nasce da mayor desesperação. S. Augustinho diz que as vittorias muitas vezes são

Gregor.

August.

1. Cor.
15.

Chryf.

castigos dos vencidos por seus peccados, & não por merecimentos dos vencedores, nem por justiça que de sua parte haja. E por divino juizo servem as vittorias de humilhar aos vencidos, para que tenham emenda de vida. A nossa vittoria seja dada por Deos, como diz S. Paulo, elle he o que nos dà vittoria. Mas esta não se alcança senão soffrendo, & padecendo-se muito por seu amor: porque como diz S. Chrysofotomo: *Victoria ferendo paratur, & sine victoria nullus miles coronatur.* Com soffrimento se alcança a vittoria, & sem vittoria não chega a ser coroado o que peleja.

Frutto da Palma.

Doutrina.

Consideração primeira.

Cant. 7.

DOs fruttos que a palma dà, fala a divina Escrittura, quando nos Cantares diz o soberano Esposo: *Ascendam ad palmam, & apprehendam fructus ejus.* Subirei à palmeira, & colherei os fruttos della. Aonde a commua opinião dos Doutores sagrados he, que pelos fruttos desta arvore se entenda a doutrina que hũa alma colhe, chegando-se a Christo, ou ao conhecimento da verdade, a qual doutrina por trabalhos, & tribulações nos faz entrar no Reyno dos Ceos. E tambem querem que pela palmeira se entenda a santa Sé Apostolica, que aos olhos de todos he a mais alta dignidade do mundo, da qual procede toda a boa doutrina, decretos santos, & reformação de vida inculpavel. Os fruttos desta arvore colhem os Fieis de continuo, que leguem tudo o que ella diz, & estão pelo que ella ordena, participando de seus suffragios, & thesouros celestiaes, que a Igreja tem cuidado repartir com os seus filhos. Estes fruttos havemos de receber: *Apprehendam fructus, ejus*

ejus, porque nelles està toda a doçura, & suavidade, estes são os que nos sustentão; estes os que nos dão vida. Fóra daqui todos os mais fruttos que se possaõ colher de outras arvores, que não sejam palmas da Igreja Catholica, são fruttos de morte, cheyos de enganos, & falsidades. He doce esta doutrina como o frutto da palma, porque como diz Theodoretto: *Doctrina quæ ex ore Dei fluit, quacumque suavitare jucundior est.* A doutrina que procede da bocca de Deos, he mais deleitosa, & agradavel, q̃ toda a suavidade da vida, porque toda està cheia de amor, fundada em virtudes, rica de graças, com a qual não sómente instrue o entendimento, mas tambem move o affecto. S. Gregorio diz que se ha de preferir a doutrina ao alimento corporal, porque mais importa dar refeição à alma, que ha de viver para sempre, com o pasto da palavra divina, que sustentar o corpo q̃ ha de perecer, com manjar terreno. E assim como o manjar da doutrina he tão proveitoso, são aquelles que a dão aos outros, tão louvados, que não se comparão a menos que às Estrellas: *Qui erudiunt multos, quasi stelle in perpetuas eternitates.* Os que ensinão, & doutrinão a muitos, são como Estrellas para perpetuas eternidades, são Estrellas que resplandecem em lugar mais alto, ficando eminentes, & superiores a todos. Assim como o homem aonde quer que està se avantajã a todos os animaes pela rafaõ, & entendimento que tem; assim o Sabio, o Mestre, o Prégador, & o pay de familias se ha de avantajã aos inferiores, ou seja falando, ou callando, ou comendo, ou deixando de comer, em qualquer obra, & occasião procure dar doutrina, seja Estrella, que de continuo resplandeça. Por isso David dizia, q̃ ensinaria os caminhos de Deos aos perdidos: *Docebo iniquos vias tuas*, não porque houvesse de subir ao pulpito para os ensinar, porque não era isso da Magestade Real, senão porque com seu exemplo, & procedimento de vida inculpavel edificaria a todos, & seu trato, & conversação

Theod.

Gregor.

Dan. 12.

ferviria a muitos de sermões altíssimos, com que se emendarão, & seguirão os caminhos de Deos.

Consideração segunda.

Seneca.

A Doutrina por ser de tanto proveito, ha-se de aprender, para depois de aprendida se dar aos outros: *In hoc gaudeo aliquid doceri, ut doceam*, dizia Seneca. Por isso folgo de aprender algũa cousa, para que depois a ensine; nem haverà algũa por grande que seja, que só para mim queira saber. E se me dessem saber (eu mais que todos) com condição, que não havia de comunicar aos outros o que

Seneca.

soubesse, não o aceitaria: porque *Nullius boni sine socio jucunda possessio est*, nenhum bem se póde possuir com alegria, não havendo companhia na possessão d'elle. Se me recolhi muito tempo, (diz elle em outro lugar) se não sahia fóra de casa, & nella me escondia, era porque pudeffe aproveitar a muitos. Nenhum dia deixei passar ociosamente, a mayor parte da noite estudava, sobre os livros adormecia, & tornava logo a despertar sobre elles. Descuideime de todas as cousas, & principalmente das minhas, porque trato de aproveitar aos vindouros, para elles escrevo cousas que aprendão, conselhos porque se governem, & admoestações que tenham diante dos olhos, & nisto não faço tão pouco, pois mostro a outros o caminho, que tarde, & com trabalho conheci. Em outro lugar diz, que não sómente aproveitaõ à Republica os que tem nella officios publicos, do bom governo, & administração della, mas os que ensinaõ

Seneca.

bons costumes aos mancebos, & lhes daõ bons preceitos: os que declaraõ que cousa seja justiça, piedade, sabedoria, fortaleza, desprezo das cousas, & sobre tudo: *Quàm gratuitum bonum sit bona conscientia*, que bem tão engraçado seja a boa consciencia. Não vence soldo na milicia o que só peleja no arrayal, mas também o que no muro vigia, ou
fica

fica guardando as portas da Cidade; huns, & outros merecem igual premio. Não a proveita só ao bem commum o q̄ manda, & governa com justiça, & armas, mas tambem os que daõ boa doutrina, & conselhos a outros, porque nisto fazem negocio publico.

Consideração terceira.

A Doutrina não se ha de deixar de dar por sentimento que haja de parte de quem a recebe, porque ensinar, & reprehender muitas vezes he com dor alheya; mas o pay para emendar não espera com prazer ao filho, nem o Cirurgião ao doente, a quem ha de dar o cauterio, nem o Medico ao febricitante, a quem receita a purga amargosa. Diz S. Chrysofomo, que ha tres fermosissimas matronas, de que nascem filhos feyos. São estas, a conversação da terra, a esperança do mundo, a verdade. Na vida não ha cousa mais agradavel, que a boa conversação, nem tempo melhor gastado, que o que se gasta conversando, pois vede o que dahi se gera, Despreso. Que cousa mais fermosa que a esperança, que tem em pé a paciencia, & sofrimento, pois della nasce a desesperação, que quem espera, desespera. Fermosa he a verdade, muito namora, muito agrada a todos, sendo todos os que desejaõ que lhes falem verdade. Pois da verdade nasce o aborrecimento: *Veritas odium parit.* A verdade tem hum filho que pario, & este he o odio. Porém ninguem a deixe por elle, nem se deixe a boa obra pela contradicção que tem, nem a doutrina santa, porque se recebe mal, que só malignos a pódem receber mal: *Doctrina justitiae displicet peccantibus*, diz S. Chrysofomo, a doutrina da justiça descontenta aos que peccaõ, sabe-lhe mal, sendo ella taõ necessaria a todos, como o paõ que comemos; & he assim, que famintos nos houveramos de chegar sempre à sagrada doutrina, advertindo que

Chryf.

Terent.

Chryf.

que a que hoje se nos prega, & ensina, he chea de tanta doçura, & suavidade, quanto a da Ley velha era pesada, & rigorosa: & se tinha algum alivio, era em figura do que havia de ser, que no demais era doutrina de temor, mas a nossa he de amor. He doutrina que se dà a filhos, & não a servos; dà-a hum Pay benigno, & não hum Senhor terribel. Aquella quando se deu: *Cœperunt audiri tonitrua, micare fulgura*, começãrão-se a ouvir trovões, ver se relâpagos, cair raios, & coriscos, espessas nuvens, que cobrião o monte, & o fazião medonho, não he assim na Ley da Graça, que quando se ha de dar, tudo são finaes de amor, & chammas do Espirito Santo: *Factus est repente de Cælo sonus*. Foi feito do Ceo hum sonido como de vehemente espirito, que encheo toda a casa, com este apparecêrão hũas linguas de fogo, repartidas sobre as cabeças dos que alli estavão: *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto*. Todos ficãrão cheyos do Espirito Santo, que não he outra couza senão amor, & do amor não ha mais efficaz final, que o fogo; & quando esta doutrina do Ceo se houvesse de escrever com letras de amor, com que melhor final se podia significar, que com linguas de fogo. Era doutrina de amor, tudo nella são finaes de amor, & não de temor: não ha aqui trovões, raios, nem coriscos, nem nuvens medonhas: antes a doutrina de Christo tirou do mundo tres males que nelle havia, como eraõ trevas muy densas na noite do peccado; bestas feras, que erãõ os demonios apoderados delle; & o silencio que nelle havia de se dar gloria, & louvor a Deos. Mas já hoje por meyo della, desfeitas as trevas de nossas ignorancias, & afugentadas as serpentes que despedaçavão, & tragavaõ as almas: *In Templo ejus omnes dicent gloriam*. Todos no Templo do Senhor cantaraõ sua gloria, que elle a todos nos conceda.

Exod.
19.

Act.

Psal. 28.

Cinnamomo.

Zelo.

Consideração primeira.

O Cinnamomo he arvore de muita excellencia, composta de subtilissimas qualidades, o seu cheiro suavissimo, o seu sabor agudo, & aromatico, não dissemelhante ao da canella, mas de muito mayor fragancia, as suas virtudes muitas, & todas admiraveis: o verdadeiro poucos o temos visto. Os Principes que antiguamente podião alcançar parte de sua madeira, a estimavão tanto, q̃a mandavão guardar em seus thesouros. E prova disto he, q̃abrindo-se em nossos tempos em Roma a sepultura de hũa insigne matrona chamada Maria, irmã dos Emperadores Arcadio, & Honorio, mulher de Esthilicon, que havia mais de mil & quatrocentos annos q̃ estava enterrada no Vaticano, entre outras cousas muito ricas que estavão dentro depositadas, se achou hum pedaço de Cinnamomo tão incorrupto, & inteiro, & com tanta suavidade de seu cheiro, & agudeza de sabor, como se então o tirarão da arvore. Pelo que não sem fundamento disse Aponio Padre antigo, que o Cinnamomo conserva sua viveza por muito tempo. E não sem mysterio he esta hũa das plantas que se achão no jardim do Esposo Divino: *Nardus, & crocus, fistula, & Cinnamomum.* Os Doutores sagrados considerando a agudeza do sabor do Cinnamomo, q̃ queima, & inflamma cõ suavidade de cheiro, querem q̃ por elle se entenda o zelo santo, & tudo aquillo q̃ diz hũa viveza, & fervor de espirito, acompanhando de invencivel, & celestial fortaleza, para acodir pela honra de Deos, & de sua Igreja. Assim vemos que o bom zelo he fervor de espirito, ou como propriamete se diffine,

he

*Aponius**Cant. 4.*

he hum amor vehemente, que se acompanha de algum impeto, ou desejo de tornar pelo bem da cousa amada. He hũa affeição fervorosa, que se redus a mayor perfeição, não podendo ver danno no bem que ama, & vingando afrontas, que se lhe fazem.

Consideração segunda.

Exod.

20.

Exod.

34.

Ierem.

31.

1. Reg. 5.

E Ste zelo tem Deos perfeitissimo para com os homens, & elle mesmo se nomea muitas vezes por Deos zelador: *Deus zelotes*, o que nelle diz perfeição, & ainda que em Deos se não pôde dar alteração algũa de impeto, ou de dor, dizemos com tudo que he zelador, & que se doe de nós, & se indigna contra peccadores, & que nas entranhas sente nossos males, como elle diz por Jeremias: *Adhuc recordabor ejus, idcirco conturbata sunt viscera mea super eum*. Ainda me lembrarei do peccador, que por isso se commovèraõ minhas entranhas a compayxaõ. E em se dizer que tem Deos zelo de nossas almas, se mostra o grande amor que nos tem, o qual não sofre que empregemos nosso amor, senão nelle, & de ver o contrario disto tem grande impaciencia, donde succede tirarnos muitas vezes desta vida as pessoas, que mais amamos, porque nos roubaõ o amor que houveramos de dar a Deos. Puseraõ os Filisteos a Arca do Senhor junto ao seu deos Dagon: & a Arca de Deos tendo sua colera, & payxaõ, deu com o idolo em terra, quebrando-lhe as mãos, & a cabeça, & lançando-o a seus pés, tudo com zelo, vendo que este idolo lhe usurpava sua honra, & roubava os tributos de seu amor, porque aquelle que os homens lhe haviaõ de ter, tinhaõ a hũa estatua de pao. Este he o seu zelo, por isso se chama Deos zeloso, porque o he de nosso amor. Tãbem o zelo fãto q̃ os homens tem, nasce do amor q̃ a Deos tem; nẽ se acha verdadeiro zelo, senão em almas abrasadas em seu amor.

He

He o zelo hum fogo que queima suavemente, como o Cinnamonomo, com o qual foraõ os Santos inflammados, como Elias, que padecendo muitas afflicções por zelar a Ley de Deos, dizia: *Zelo zelatus sum pro Domino exercituum.* 3. Reg. 19.

Deste estava cheyo o Apostolo S. Paulo, quando admoestando, & reprehendendo vicios, & defeitos, dizia aos de Corinto, que os zelava com zelo de Deos, & amor paternal. S. Chrystomo considerando o fervor, & cuidado com que Timotheo discipulo de S. Paulo trattava as cousas da Fé, & a diligencia com que hia a hūas, & outras partes, sendo enfermo, & fraco, diz que a tudo o ajudava o zelo de Deos, este lhe dava forças, & azas para voar: *Tantum valet zelus in Deum, tam leves efficit alas.* Chryf.

Tanto val o zelo para com Deos, taõ ligeyras azas dà a quem o tem. Os corpos pesados (diz este Santo) sentem mayores inconvenientes quando a natureza da pessoa he mais freimatica, & preguiçosa. Os fracos, & debilitados pódem com muito trabalho quando tem viveza, & fervor de espirito. Quem tiver zelo de Deos, que he fogo de amor divino na alma, nada lhe parecerà difficultoso, nem lhe faltaraõ forças para o acometer. Queima este fogo as almas santas, como queimava a David quando dizia: *Zelus domus tue comedit me.* Psal. 68.

O zelo da vossa casa Senhor, me come, & me consome. O manjar que se come, muda-se em substância de quem o come, assim o que no fogo se queima, he mudado em natureza de fogo. Este se diz que come, & traga, como se fora cousa viva: *Iuvenes eorum comedit ignis,* diz David. Pois deste modo o que zela as cousas de Deos he comido, & tragado Psal. 77.

do fogo de seu santo zelo, & cõvertido em a natureza de fogo, cõ vehemência, & generosidade zela a honra de seu Deos, a sua Ley, os seus preceitos, naõ pretendendo mais q̄ ser este Senhor bem servido, & adorado. Com estas chãmas de zelo divino se fiseraõ muitos taõ constantes, que nem tormentos, nem perseguições, que padeceraõ, os apartaraõ do amor

amor divino. Com estas perseveravaõ os Profetas em admoestar, & reprehender aos Principes, & seus inferiores, sem desfistirem até a morte. Com estas padecèraõ tantos Martyres taõ diversos, & rigorosos martyrios. Com estas dizia o Apostolo S. Paulo q̄ estava aparelhado, naõ sómente a ser preso, mas a morrer por amor de Christo Jesu: *Ego non solum alligari, sed & mori paratus sum.*

Act. 11.

Consideração terceira.

S Aõ mysteriosas aquellas palavras dos Canticos, aonde a Alma Santa diz, que o zelo he duro como o inferno: *Dura sicut infernus æmulatio.* Aonde *æmulatio* quer dizer zelo: & chamarlhe duro como o inferno he pelas grandes dores que padece quem tendo zelo de Deos, vê que he esse Senhor offendido, como dizia David: *Tabescere me fecit zelus meus*: este meu zelo me consome, & acaba com dores, todo me vay myrrhando, & cõsumindo. A rafaõ logo a dà: *Quia oblitum sunt verba tua inimici mei.* Morro com ver que se esquecem de vossas palavras meus inimigos. Vejo que se naõ guardaõ vossas leys, que vos offendem muitos sem temor algum, dores de inferno para mim. E em outro lugar o diz claramente: *Dolores inferni circumdederunt me.* Dores do inferno me cercaraõ; porque naõ se sentem menos as offensas que se fazem contra vòs meu Deos.

Ps. 118.

Ps. 118.

Ps. 17.

Compara-se o zelo ao inferno, porque ainda que as dores que com elle se padecem, sejaõ de morte, com tudo naõ acaba de morrer com ellas quem as padece, julgando-as por eternas, como saõ as do inferno. Ou porque assim como o inferno se naõ farta com receber mais, & mais, assim o zelo santo se naõ dà nunca por satisfeito com grandes augmentos que veja na honra, & gloria de Deos: deseja que vaõ sempre avante, & procura accrescentallos sempre mais. Chama-se tambem o zelo inferno, porque querendo a Alma Santa

Santa comparar seu grande amor a cousas grandes, & poderosas, comparou-o a tres mais poderosas que achou, como morte, inferno, fogo. E diz que o zelo he duro, porque faz endurecer, & perseverar até a morte os Santos que o possuem: porque assim se mostraõ duros, & empedernidos em levar avante seus santos intentos, que nenhũa força do mundo pôde quebrar taõ duros diamantes da Fé. Esta dureza mostrava S. Paulo quando dizia, que nem trabalhos, nem perseguições, nem tormentos, nem a morte, nem os Anjos, nem os Principados o poderiaõ apartar do amor de Deos. Esta he a viveza do Cinnamomo, esta sua perpetuidade, este seu fervor, suavidade, & fragrança.

Rom. 8.

Consideração quarta.

S Gregorio Papa dà outras razões, porque o zelo se chama duro: & compara-o àquella certã, ou frigideira de ferro, que Deos mandava a Ezequiel, que a pusesse entre si, & o muro da Cidade. O ferro he metal, diz elle, & na certã se frege o comer, pois que se entende por ella, senão o zelo forte: porque tudo o espirital zelo frege, & atormenta a alma de quem o tem. E entã se afflige esta quando vê deixarem-se as cousas eternas, por se amar as terrenas. Que cousa era o coração de S. Paulo, senão hũa frigideira de ferro, em que ardia o zelo de Deos contra os vicios, & o amor das virtudes contra os peccados? *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Dizia elle. Quem está enfermo, que eu com elle o não esteja? Quem se escandaliza, que eu me não queime? *Quod enim urebatur sartago erat.* Diz este Santo: em se queimar mostra que era certã. Ardia, & queimava-se na amargura, mas nella aparelhava alimentos de virtudes. Mandava Deos, que certo sacrificio que se lhe havia de offerecer feito com farinha, & azeyte, fosse frito na certã; & entã diz este Santo, que se frigia este sacrificio: *Cum mun-*

Gregor.

2. Cor. 12

Gregor.

Levit. 6.

Gregor.

da

da mens justis per zelum sancti amoris crematur : quando a limpa alma do Justo era queimada pelo zelo do divino amor. O sacrificio na certã he o coração posto na afflicção do espirito ao zelo, o qual he affligido com a sollicitação das almas, & entã he sacrificio muito aceito a Deos.

Assim como ha zelo bom que leva a Deos, tambem ha zelo maligno que aparta de Deos, & leva ao inferno, & este he quando a pessoa he levada a zelar as cousas com odio, & payxaõ que tem, & com elle deseja vingança de quem zela. Deste zelo fala S. Chrysoftomo quando diz. Louvo porque vos doeis da ignavia de vossos irmãos, & espantome do zelo, porque quiserã que temperasseis zelo com misericordia: *Zelus enim Dei veniam negans, potius furor est, quàm zelus.* Zelo de Deos que zelando a afronta que se lhe faz, não quer perdoar, não he zelo senã furor de odio, & payxaõ; porque o bom zelo, acompanha-se da caridade, & esta perdoa, & não sabe negar perdaõ; esta tudo faz com brandura, & misericordia. Pelo que diz o Santo: peço-vos muito que sem payxaõ olheis as feridas de vossos irmãos: compadecei-vos de seus males, porque acheis quem se cõpadeça dos vossos quando os tiverdes.

Chrysf.

Cedro.

Excellencia.

Consideração primeira.

O Cedro he arvore muy celebre nas divinas letras, & proveitosissima para muitas cousas, que nasce nos mais altos montes de Fenicia, cuja madeira não sente corrupção, nem bicho a toca, nem o tempo tira o cheiro, & della diz Santo Ambrosio muitos louvores. Teve entre os Hebreos principal lugar das arvores, & Salamaõ lho deu, pois

pois consta da divina Escriitura, que escrevendo elle da natureza, & virtude de todas as plantas, a primeira porque começou, foi o Cedro, & a ultima em que acabou, foi o Hyssopo: *Qua nascitur in pariete*. Não pôde tão excellente arvore deixar de ter bom significado, & metaforicamente se toma as mais das vezes na sagrada Escriitura à boa parte, significando-se por ella tudo o que diz excellencia. Por isso a Alma Santa nos Cantares compára seu divino Esposo ao Cedro: *Electus ut Cedrus*, chamalhe escolhido como Cedro, porque na excellencia, & dignidade não tem semelhante, entre os filhos dos homens superior a todos, como o Cedro a todas as plantas. A elle se compára a mesma Sabedoria Divina, dizendo de si, que he levantada como o Cedro do monte Libano: porque tem excellencia, magestade, & soberania sobre todas as cousas nesses eternos montes, aonde está alumeando. Libano quer dizer monte alvo, & nelle se significa a Igreja Catholica, pura, & candida, na qual a Sabedoria de Deos he exaltada, & engrandecida, como o Cedro he nos montes de Fenicia, aonde cresce, & se levanta em admiravel altura. E como Lyrano diz: Christo Sabedoria de Deos tomando carne humana, & nascendo humildemente no Presepio de Belém, como Cedro se foi logo levantando, visitado-o Pastores, apregoando-o Estrelas, & adorando-o Reys do Oriente. A poz isso se foi mostrando excellente em virtudes, & milagres até o alto da Cruz, aonde vendo-o a Pastora do Ceo, lhe chamou: *Electus ut Cedrus*, porque alli mostrou sua grandesa, alli deu cheiro suavissimo que trouxe tudo a si. Dalli sendo sepultado na terra, não sentio corrupção, porque era Cedro escolhido. He em excellencias, & maravilhas aquelle grande Cedro, de que diz Ezequias: *Erit in Cedrum magnam, & habitabunt sub ea volucres Celi*. Ainda que o vejais Menino em hum Presepio, he grande no poder, & farse-ha hum grande Cedro, debaixo do qual se agasalharão aves do Ceo,

3. Reg. 4.

Cant. 5.

Eccl. 24.

Lyrano.

Cant. 5.

Psal. 15.

Ezech.

17.

aonde Theodoretto nota, que não diz, que debaixo deste Cedro se agafalharão animaes da terra, mas aves do Ceo; porque à sombra de Christo, arvore soberanissima, não se agafalhão infieis, nem peccadores, que como animaes terrestres andão pelo chão, mas as almas santas, que cõ as azas da Fé, & da Esperança voão às alturas do Ceo. He Christo Cedro, que disse de si aos Judeos, que muito antes de Abrahamo nascer já elle era: *Antequam Abraham fieret, ego sum.* ¶ Estranhando Deos a arrogancia de Joaquim Rey de Israel, diz que o havia de abater, porque se comparava ao Cedro: *Quoniam confers te Cedro.* Porque se fazia excellente, & levantado como o Cedro, gloriando-se em seu poder, & riquezas, imaginando que não tinha igual, & que era entre os homens como Cedro entre as arvores.

Ioan. 8.

Hier. 22

Consideração segunda.

Porque o Cedro significa excellencia, por elles são entendidos os Patriarcas, Profetas, & Doutores sagrados da Igreja de Deos, que forão excellentes em virtudes, & graças soberanas. Santo Augustinho, & S. Jeronymo declarando aquelle verso de David: *Operuit montes umbra ejus, & arbusta ejus Cedros Dei,* dizem que então cobrio a sombra os altos montes, & o arvoredos os Cedros de Deos, quando o povo Christão significado neste arvoredos, abraçou o que os Profetas, & Doutores sagrados differão com tanta excellencia de mysterios, que com rasoão são chamados montes, & Cedros de grandezas, & prerogativas. Por isso o Justo he comparado ao Cedro do monte Libano: *Sicut Cedrus Libani multiplicabitur:* porque cada dia cresce, & se multiplica mais com o cheiro das virtudes, com a excellencia da contemplação, & com o desejo de eterna vida, & incorrupção de santos costumes. Por isso comparou o Espirito Santo o Summo Sacerdote Onias ao Cedro: *Sicut plantatio*

August.

Hieron.

Psal. 79.

Psal. 91.

Eccl. 30.

plantatio

plantatio Cedri in monte Libano: porque julgou por digno de louvores excellentes, o que na verdade o foi em virtudes, & raro resplendor de santidade. Também quando Baalão vio a quietação, & locego do povo de Israel, situado em hũa campina com suas tendas, & tabernaculos, os cóparou aos Cedros junto das agoas: *Quasi Cedri prope aquas*: Num 24. julgando os por gente justa, & inculpavel, povo que Deos favorecia, & crescia em grandezas, como Cedros junto das agoas. Por isso diz David, que louvem ao Senhor as arvores fructiferas, & todos os Cedros: *Ligna fructifera, & omnes Cedri*. Entendendo os Justos, & Santos varões, que sendo dotados de excellencias altissimas, pôdem louvar o soberano Rey da Gloria. Por Isaias diz Deos, que porà no deserto o Cedro: *Dabo in solitudine Cedrum*. O que expondo S. Jeronymo, diz que no deserto da Gentilidade, & nas brenhas da idolatria poz Deos a excellencia da Fé de Christo, a virtude dos Apostolos, & a santidade dos Justos, com que se multiplicará como Cedro o fructo da Igreja Catholica de forte, que o que de antes era deserto, se converteo em hum vergel, & paraíso de deleites. *Isai. 4.*

Do Cedro significar excellencia nasceo, que quando vemos a alguem falar cousas subidas, & excellentes, dizemos delle: *Cedro digna locutus*: falou cousas dignas de se adornarem com Cedro; porque as boas sentenças, poeias, & epigrammas, que antigamente contentavão aos curiosos, mandavão se escrever em taboas com guarnições, & perfis de Cedro, que era a mais presada madeira que naquelle tempo havia em Roma: ou porque como o Cedro he incorrupto, assim julgavão que aquellas scritturas merecião ser immortaes, & daqui nasceo este proverbio: *Cedro digna locutus*. ¶ Na sagrada Escriitura não se con- 4. Reg. tão fabulas; mas se alguma parabola, ou comparação 14. tem semelhança de fabula, he aquella que se conta do Cedro do monte Libano, a quem o Cardo mandou

hũa embayxada, que lhe dèsse hũa filha para molher de hũ seu filho: *Carduus Libani misit ad Cedrũ, dicens: Da filiam tuam filio meo uxorem.* E que tratando-se disto, vierão as bestas feras por aquelle monte que pisavão, & maltratavão o Cardo, do que elle se deu por aggravado. Debai-xo desta figura quiz o autor della, Joas Rey de Israel, dar a entender a outro Rey seu visinho, que entre elles havia tão grande desigualdade, como vay do Cardo ao Cedro altissimo do monte Libano, sendo elle por geração tão nobre, & excellente como o Cedro, & o outro tão baixo, & vil, como he o Cardo. Assim que ainda neste lugar o Cedro significa excellencia, & superioridade.

Nardo.

Devoção.

*Consideração primeira.**Cant. 4.*

O Nardo he hũa das plantas aromaticas do mysterioso jardim do Esposo, de que se fala em outros mais lugares da sagrada Escriitura. Acha-se em hum monte da Syria região propinqua à de Palestina, & em hũa montanha da India, junto da qual passa o Rio Ganges. He planta muy excellente, & muy cheirosa, que conserva por muito tempo a suavidade do seu cheiro; o sabor amargo, & agudo. Chama-se o Nardo ordinariamente Espicanardi, não porque seja espiga, senão porque o parece ser o fructo, que d'elle vem a estas partes para remedio de muitas enfermidades. Como do Nardo, & Cypro se faça aquelle unguento precioso, & de muita fragrancia, com que a Magdalena Santa ungiu a Cabeça do Salvador do mundo, por elle he significada a devoção, & fervor de espirito, que tão suave cheiro tem na presença de Deos.

*Ioan. 12.**Luc. 7.*

Com

Com este Nardo da devoção nos chegamos a elle por muitas obras santas, & virtuosas mortificados ao mundo, & renunciando suas cousas. ¶ Então diz Cassiodoro se acha o Nardo no jardim da Igreja, quando os Justos com a virtude da devoção cuidão, & meditaõ na morte, & Payxaõ de Christo, & lhe daõ muitas graças de querer morrer por amor dos homens. Entaõ diz Ricardo Padre antigo, floresce o Nardo na horta da Igreja, entaõ se unge com elle o Corpo do Redemptor, quando devotamente, & de coração amamos a Deos, & he tal o fervor de nosso espirito, que não somos vencidos com o fogo da tribulação, porque a graça de Deos nos fortalece, & a devoção nos tras recolhidos com ella. A fermosura da santidade com a devoção se alcança. O agradar hũa alma a Deos como paraíso de deleites seus, està em ser devota, & muy afervorada em seu serviço, & amor. A devoção por isso he significada debaixo da metafora de unguento, & confeições cheirosas, porque em nenhũa cousa se póde melhor representar a suavidade, & fragrancia que Deos recebe de nossa devoção, que em cousas cheirosas. E porque a alma he levada a Deos com a doçura da devoção, estes são os unguentos a poz os quaes (como diz S. Bernardo) a Alma Santa deseja correr: *Curremus in odorem unguentorum tuorum*: porque quando se vê falta de espirituas consolações, deseja que lhe dè o cheiro suave da devoção, para com ella voar a Deos, porque tanto que lhe der este cheiro na alma: *Ascendet torpor, & revertetur devotio*, diz o Santo, tanto que me chegar a fragrancia deste unguento afastar-se-ha a tibieza, & frouxidaõ que tenho, & tornarà a devoção que agora me falta.

Cassiod.

Ricard.

Ioan. 12.

Bernar.
Cant. 1.

Bernar.

Consideração segunda.

HE a devoção aquella nevoa de perfume cheiroso, que se levanta pelo deserto, de que espantados os Anjos perguntão: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertum sicut virgula fumi ex aromatibus?* Esta nevoa de perfume se levanta do fogo da caridade. E porque Deos disse, que morava na nevoa: *Dominus dixit inhabitare in nebulam*, então se diz, que morava Deos nella, quando estando a alma cheia de devoção, & fervor de espirito, faz aposento nella, tirandolhe que não veja outra cousa mais, que a elle mesmo, & se esqueça de tudo. Quando o caminhante caminha em manhã de nevoa, não vê mais que o caminho a par de si, & nada mais adiante, passada a nevoa, vê tudo o que se lhe escondia; a devoção he fumo espiritual, & nevoa que Deos levanta na alma do Justo, & tem esta natureza, que durando ella, não deixa ver mais que esse caminho que leva ao Ceo. Passada a devoção ve-se tudo o mais que melhor fora não ver, conservando-se sempre a nevoa, se fora possível. Sóbe esta devoção pelo deserto, porque a alma devota quer-se só, & sem companhia que a inquiete: & esta soledade ha de ser corporal, & espiritual, buscando-se hũa em deserto, & outra na alma. A do defeito buscavão antigamente os Santos nos ermos, & agora os Religiosos na clausura de suas Religiões, a da alma busca quem de veras se quer dar a Deos em toda a parte, afastando de si toda a companhia de pensamentos, que não sejam de Deos, porque pouco monta estar solitario com o corpo, se a alma muitas vezes anda vagueando com o pensamento por diversas partes. Por este deserto sóbe a devoção: *Sicut virgula fumi*, levantando-se das chammas da caridade, & offerecendo-se a Deos como o perfume da caçoula sóbe ao alto, lançando cheiro suavissimo. Assim quer S. Paulo que pela devoção levantada do

fogo

fogo do amor de Deos, offereçamos a esse mesmo Senhor nossa alma: *Hostiam viventem in odorem suavitatis.* A alma devota cheira a todas as virtudes: porque sendo devota, he humilde, paciente, & afervorada, abstinente, & pobre de espirito; cheira a todas as virtudes, & tem de mais excellencia, que as outras virtudes offerecem a Deos o corpo, mas a devoção offerece a alma: as outras appresentão mortificação, penitencia, jejum, & esmolas, mas a devoção a mesma alma, o espirito, a vontade, & coração: *Hostiam viventem*, hum sacrificio, hũa hostia viva para cheiro de suavidade. E tem de natureza appresentarse, & derramar-se toda diante de Deos com affectos do coração mais que do corpo. Assim diz David: *Effundite coram illo corda vestra.* Se sois vaso de cheiro aromatico, se sois caçoula de suave perfume, se tendes unguento de devoção, derramai diante de Deos vossos corações, para que elle se agrade de vosso cheiro. E este derramar de corações quer elle que seja como a agoa: *Sicut aqua effusus sum.* Ou como claramente o diz Jeremias: *Effunde sicut aquam cor tuum ante Dominum.* Derramai como agoa vosso coração ante o Senhor. A agoa quando sóbe, he com aperto que se lhe faz, & assim como sóbe desce tambem. A alma devota sóbe a Deos com as chammas da caridade, & desce pela humildade. Assim acontecia a S. Paulo quando diz de sua devoção: *Sive mente excedimus Deo, sive sobrij sumus vobis, charitas Christi urget nos.* Se com o entendimento me levanto, a Deos me levanto: se com a temperança desço, he para bem, & proveito vosso, & a caridade he a que me aperta, & obriga a tudo isto; se subo a conversar com Deos, tambem desço a tratar com vosco de vosso remedio: sou como agoa, q̄ reprimida sóbe, & desce. O amor de Deos he o q̄ me constringe a tudo isto: *Charitas Christi urget nos.*

Eph. 3.

Psal. 61.

Psal. 21.

Ibren. 2.

2. Cor. 5.

Consideração terceira.

A Devoção faz hũa alma esposa de Christo, com tantas graças, & perfeições, que pondo o mesmo Esposo os olhos nella lhe diz: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa.* Feristefme o coração, Irmã minha Esposa. Aonde he de notar, que chama Deos à alma devota Irmã, & Esposa, Irmã por graça, Esposa por uniaõ. Irmã pela graça com que Christo a justificou, & Esposa pela uniaõ com a qual Christo, & ella são hũa cousa, porque no divino desposorio ficaõ sendo a mesma cousa, a alma devota, & Christo. Como diz S. Paulo: *Qui adheret Deo, unus spiritus est.* Aquelle que se chega a Deos, & se une com elle, he o mesmo espirito com elle, & entaõ o he quando por actual devoção tem sempre a vontade disposta para fazer aquillo que pertence a gloria de Christo, & em outra cousa não cuida, senão as que são de seu Esposo celestial, & assim fica sendo grande perfeição da alma devota chamar-se Irmã, & Esposa de Christo. Porque nem todas as almas que estão em graça são Esposas de Christo, ainda que sejaõ Irmãs de Christo, porque ha muitas que estando sem peccado mortaõ tem graça, mas não alcançaõ esta uniaõ com Christo, sendo como mulheres casadas, das quaes diz S. Paulo, que trazem o pensamento no mundo, & como haõ de contentar ao marido da terra. E estas não pôdem dizer com David: *Mibi autem adherere Deo bonum est, ponere in Domino Deo meo, spem meam.* Bom, & acertado me he chegarme a Deos, & pôr nelle todas minhas esperanças, o que não fazem algũas pessoas, que trattando de estar em graça, não pretendem unir-se muito a Deos por actual devoção, não cuidando mais que como o haõ de amar, & servir; & esta devoção he a que fere o coração do Esposo quando olha para ella: esta he do mesmo modo a Esposa querida, que seu Divino Esposo

Esposo não quer que despertem, quando está adormecida: *Ne evigilare faciatis dilectam, donec ipsa velit.* Quer isto dizer, que quando a devoção está como adormecida para com a alma que se sente tibia, frouxa, & sem espirito de devoção, como muitas vezes succede a algũas, não quer Deos que se faça violencia à tal alma, para que desperte ao antigo fervor, porque conforme escrevem os que trattaõ de exercicios spirituaes, quando hũa pessoa se sente indévota, não deve fazer força ao espirito para alcançar devoção, assim por fazer isso muito mal à faude do corpo, como porque com essa violencia o coração se endurece, & secca mais, fazendo-se alheyo da visitação do Ceo: pelo q̃ dizia o Abbade Isaac aos seus Monges, que nem lagrymas se tiraõ por força, nem a devoção quando está adormecida: quando a alma se sentir assim, proste-se, & humilhe-se diante da presença de Deos, alli represente sua enfermidade, & defeito, & com silêcio, & quietação espere a visita de Deos, ou faça a petição que a mesma Esposa dos Cantares fazia a seu querido Esposo: *Veni dilecte mi, egrediamur in agrũ.* Vinde querido meu, sayamos ao campo, moremos em quintas: pelo campo se entende aqui a devoção, & pelas quintas, as meditações: pois Esposo meu, já que me sinto indévota, sayamos ao prado da devoção, aonde sempre desejo estar, detendome nas meditações de vossa vida: porque da conversação dos homens não alcanço mais que distrairme, & esquecerme de vòs, & ainda que della me resultaraõ grandes bens, não quero outros mayores, que tervos a vòs, falar com vosco, & conversar com vosco, porque não ha gosto como este, nem socego igual a este.

Cant. 2.

Isaac
Ab.

Cant. 7.

Consideração quarta.

E Ste pois he o Nardo da devoção, que quando o Rey está no repouso de seu segredo celestial, entãõ lhe dà cheiro

cheiro de suavidade. La nesse Seyo do Padre aonde repou-
fa o Filho, chega a fragrancia da devoção da Alma Santa:

- Cant. 1.* *Dum esset Rex in accubitu suo, nardus mea dedit odo-
rem suum.* Por este Nardo quer Santo Ambrosio que se
Ambr. entenda neste lugar o cheiro da Fé, que se espalhou por to-
do o mundo, como Christo encarnou nas entranhas da Vir-
Bernar. gem, & acabou a obra de nossa redempção. E S. Bernardo
quer que se entenda por este Nardo o cheiro da humilda-
de, que deste valle de lagrymas sóbe ao mesmo Throno do
Origen. Rey celestial. Origenes diz, que com o unguento de Nar-
do unge a Christo quem a elle se chega com devoção da al-
ma, & obras santas, & que com esta unção recebe o mesmo
Senhor cheiro, & suavidade. ¶ Significa o Nardo devoção
mais que outra algũa planta, porque por muitas virtudes
que hũa alma adquira, faltandolhe a devoção, & fervor de
espírito, fica muy desamparada, & as outras virtudes sem
cheiro, como no unguento do Nardo acontece, do qual
Theod. diz Theodoreto, que por mais confeições aromaticas que
lancem, & misturem, até não lançarem nelle as folhas do
Nardo, não ha comporse o tal unguento.

Tanto significa o Nardo devoção, que ainda a causaõ
aquellas palavras que trattão como a Magdalena ungio cõ
elle a Christo: assim dizia Lourenço Justiniano, que quan-
do queria ter espirito de devoção, repetia comfigo aquellas
palavras do Evangelista: *Maria autem unxit pedes Iesu:*
Ioan. 12. Ungio Maria Magdalena os pés de Jesu. Isto ditto com a
bocca, & considerado no coração, causa não pequena de-
voção a quem procura trazer nelle a Deos: & assim causa-
va na alma deste Varão grandíssima devoção, & fervor de
espírito a repetição destas palavras: *Maria autem unxit
pedes Iesu.*

Laur.
Iust.
Ioan. 12.

(?)

Oliveira.

Oliveira.

Paz.

Consideração primeira.

A Oliveira foi antiguamente consagrada à deosa Minerva, que se pagava de cousas puras, como a oliveira o era: por isso foi preferida a todas as mais arvores por sentença de Pallas. Das principaes que na sagrada Escrittura são referidas, he ella húa, & assim entra no numero daquellas a que se compára a Eterna Sabedoria: *Quasi oliva speciosa in campis.* Santo Augustinho a ella compára a Igreja Catholica: & a mesma Igreja della faz comparação à Virgem Senhora nossa. Dos significados que tem, he mais conveniente o que primeiro lhe foi dado do Ceo, que he Paz, a qual então significou ao mundo, que a pomba tornou à Arca de Noe, trazendo no bico hum ramo de oliveira, em sinal que já Deos estava brando, & trattava de paz com o mundo: donde vem dizer a Igreja na Dominga de Ramos na oração que ao benzer delles faz a Deos. Vós Senhor pelo ramo da oliveira enviaestes a pomba denunciar paz à terra, esta concedei ao vosso povo, &c. Conservou a oliveira esta significação de paz, & communmente quando algúas pessoas querem dar a entender que estão em paz com outras, com mostrar hum ramo de oliveira se ficão declarando bem. Assim conta Virgilio que fez Encas a el-Rey Evandro, quando vencendo-o, de longe lhe mostrou da nao hum ramo de oliveira que tinha nas mãos: *Paciferaeque manu ramum prætendit olivæ.* Com este pin-tavão antiguamente a Mercurio, porque como era Embaxador de Jupiter, & de sua parte hia reconciliar paz com

*Eccl. 24.
August.**Gen. 8.**Virgil.
Plinius.*

Pier.
Val.

Luc. 2.

August.

Marc. 9.

Luc. 24.

Ioan. 14.

Ioan. 12.

Luc. 19.

Ex. 29.

Ex. 40.

Levit. 2.

Num. 7.

com os homens era conveniente que levasse nas mãos ramo de oliveira. ¶ Os Emperadores, & Monarcas do mundo que amaraõ a paz, & puseraõ silencio ao estrondo das armas, mandaraõ esculpir nas suas moedas ramos de oliveira, significadores da paz, que elles tinhaõ grangeado a seus Reynos. ¶ No dia em que nasceo o Salvador do mundo, & os Anjos estavaõ cantando a paz, que elle trazia à terra, se vio correr hũa fonte de azeyte da penedia do monte Tarpeo, que vindo-se recolher no rio Tibre, hia nadando por cima de suas correntes, manifesto sinal da paz que vinha ao mundo, com a qual este Senhor entrou nelle, & se despedio delle, dandoa, & encommendandoa muito a seus Discipulos. ¶ Entrar o mesmo Christo em Jerufalem o dia de seu triunfo, com ramos de oliveira, sinal era da paz que elle ultimamente hia offerecer àquelle povo, aonde sabia que tinha tantos inimigos, & sendo elle o aggravado, era o que cometia a paz, & rogava com ella a seus perseguidores; & quando vio que a naõ aceitavaõ com os bons partidos que lhes fazia, esta foi a rafaõ, porque estando à vista da mesma Cidade se lhe arrasaraõ os olhos em lagrymas, dizendo: *Quia si cognovisses, & tu, quæ ad pacem tibi:* à Cidade como me lastima ver tua perdiçaõ: se tu agora conhecesses os meynos, & modos que busquei para te reconciliar comigo, & tratar da paz que naõ tens: mas basta que nã de mim, nem comigo a queres, & assim te ficaràs sem ella, & sã mim, & comigo em perpetua guerra, que te fuy offerecer a paz, como se te offendera, sendo eu o offendido.

Nas offertas, & sacrificios que se faziaõ na Ley velha, mandava Deos, que por cima delles se lançasse azeyte em sinal que (como dizem os Santos) para nossas orações serem aceitas a Deos, havemos de estar em paz, & concordia com elle, & com o proximo. Offerta, sacrificio, & oraçaõ, que por cima de tudo naõ leva azeyte demonstrador da paz, que antes de tudo quer Deos que se lhe offereça, naõ appareça à sua

fua vista, lançailhe primeiro oleo, reconciliandovos com quem tendes aggravado, & então offerecei sacrificio: que por isso disse o mesmo Senhor: quando fordes offerecer sacrificio ao Altar, & vos lembrades que tendes aggravado ao proximo, torneis a tras, & idevos reconciliar com elle, & a poz isso fazei a Deos os sacrificios que quiserdes, & elle os aceitará bem, levando por cima azeite tão estimado. ¶ Tem este tanta força contra o furor, & alterações, que se movem, que quando o mar anda tempestuoso, sendo lançado sobre as ondas, tem virtude para as abrandar. Tão contrário he este licor de inquietações, & tudo o mais que diz discordia, & guerra: pelas quaes razões he a oliveira symbolo da paz tão necessaria no mundo.

Matt. 5.

Plinius.

Consideração segunda.

A Paz he mãy de todos os bens, como diz S. Chrysofotomo, & aonde ha paz, vão todas as cousas em prosperidade: *Ubi pax est, ibi omnia prosperabuntur*. Por isso dizia muy bem Marco Agrippa, varão que alcançou grande nome, por fazer boas pazes em tempo de guerras, que não achava mais certa sentença, nem ditto mais para se estimar, que este: *Concordiã parvæ res crescunt, discordiã dilabuntur*, pequenas cousas crescem muito, havendo concordia, & sem ella as muito grandes cahem, & vem ao chão, porque he grande perda a da paz: *Pacis amissio non parva jactura est*, diz Chrysofotomo. Perguntando Scipião a Tiresio Principe dos Numantinos, porque rasoã Numancia, que antes fora invencivel, viera a ser vencida, & posta por terra, respondeo elle: *Concordia victoriam, discordia exitum præbuit*. A concordia lhe deu as vittorias que teve, a discordia lhe trouxe seu ultimo fim, & destruição: *Pace nihil præstantius, nihil contentione damnosius*, diz Chrysofotomo. Nenhã cousa ha mais excellente que a paz, ne-

Chrysf.

Brus.

Chrysf.

Brus.

Chrysf.

nhã

nhã mais dãnosa, que a contenda: por isso nos aconselha, que busquemos paz com os homens, paz com a alma, & paz com a propria inclinaçõ, & appetite natural. ¶ Sobre *Pfal. 71.* aquellas palavras do Profeta David: *Orietur in diebus ejus justitia, & abundantia pacis*: que com a vinda do Salvador do mundo à terra havia de nascer a justiça, & abundancia de paz: diz o mesmo Santo, que esta abundancia de paz tem agora os que sendo filhos da ira, & inimigos de Deos, se vem adoptados em filhos, & grandes amigos seus, sendo o mesmo Deos o que tirou estas inimidades, & o que fez estas pazes, porque elle he paz nossa, que nos reconciliou a sua divina graça. Esta abundancia de paz gozão os *Ephes. 2.* que entre as guerras, que a carne tem com o espirito, sopeão todos os affectos, & appetites sensuaes, vivendo em sũmo socego, & tranquillidade da alma: & então se acha esta abundancia nas torres, comprindo-se o que diz o mesmo *Pf. 121.* David: *Fiat pax in virtute tua, & abundantia in turribus ejus*; quando hũa pessoa por conservar o dom da paz, vai subindo de virtude em virtude, como de degrao em degrao, até que chegue ao mais alto desta torre: porque o vècer o homem os impetos da colera, pot não perder a paz, he o primeiro degrao que sóbe: & o reconciliar-se com seu irmão quando o sente aggravado, por ter paz com elle, he o segundo degrao em que se põem: & o que não dà mal por mal, nem procura vingança, por conservar o bem da paz, sóbe ao terceiro degrao: o que perdoa a injuria que se lhe faz, fica outro degrao mais a cima: & o que quer bem a seu inimigo, & roga por elle a Deos, vai outro degrao adiante: o que està aparelhado a perder todos os bens da vida por amor de Deos, & de possuir a paz de Deos, mais alto que todos sóbe: mas aquelle que chega a possuir a verdadeira caridade, que he o vinculo da paz, este he o que chega a cima da torre, & goza daquella abundancia de paz, que David diz: *Et abundantia in turribus tuis*. He proprio da paz

paz trazer consigo abundancia de gostos, & por isso o mesmo David diz falando dos pacificos, & mansos: *Delectabuntur in multitudinc pacis*, delectar-se-hão na multidão da paz: sobre o que diz Santo Augustinho, que os peccadores se delectão em riquezas do mundo, na multidão de bens, multidão de ouro, multidão de prata; mas os Justos delectão-se na multidão da paz; as suas riquezas he a sua paz, o seu ouro he a paz que tem; a sua prata a paz de que gozão: *Aurum tuum pax: argentum tuum pax: prædia tua pax: vita tua pax: Deus tuus pax.* Alegrate Justo, porque possuindo a paz, nenhũa cousa te falta, tudo tens em abundancia, tens a Deos, que he summa paz: o que he ouro, não póde ser prata, o que he vinho, não póde ser pão, a luz não póde ser agoa, que bebas: *Deus tuus totum tibi erit.* O teu Deos que possues, te fica sendo tudo o que queres.

Psal. 36.

August.

August.

Consideração quinta.

Querendo David mostrar as grandezas da celestial Cidade de Jerusalem, & os grandes bens, que ha na Gloria, diz: *Qui posuit fines tuos pacem*, como se dissera: Que póde faltar naquella soberana Cidade, que toda he pacifica, & não sómente tem dentro em si perpetua paz, mas tambem os seus terminos, & confins a possuem de sorte, que ninguem os inquieta: tudo alli he paz, & isso quer dizer o mesmo nome da Cidade, porque Jerusalem significa visão de paz: *Visio pacis*: por isso diz Santo Augustinho: *Omnes qui habent, & amant pacem, benedicuntur in ea.* Todos os que tem, & amão a paz, alcanção nesta Cidade benção de eterna paz: & diremos eterna, porque a paz desta vida chama-se transitoria, & a da outra permanente: ambas prometteo, & deixou Christo a seus Discipulos, quando despedindo-se delles

Psal. 147.

August.

Ioan. 14.
Gregor.

Thre. 8.

Osea 14.

delles lhes disse: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do-
vobis*: Deixovos a paz, douvos a minha paz: como se dis-
fera (diz S. Gregorio) *Relinquo transitoriam, do mansu-
ram*: Por hora vos deixo a paz transitoria, & tambem vos
dou a que para sempre ha de durar. A paz do mundo he
compolta como de remendos, faz-se muitas vezes a poder
de condições, & partidos capitulados de paz, que ainda q̃ o
mundo lhe chama paz, para com Deos (como diz o Pro-
feta) muitas vezes não he paz, senão guerra dissimulada de-
baixo de nome de paz, porque as entranhas dos pacifica-
dos ainda ficão cheas de odios, & rancores, esperando oc-
casião em que tornem a romper com mayores offensas que
as passadas: mas a paz que Deos tratta com os homens he
verdadeira, & alheya de toda a ficção, he paz que elle de-
seja conservar eternamente com as almas que creou: paz q̃
offerece de boa vontade, porque chegou aquelle tempo
que elle por Oseas tinha ditto: *Diligam eos spontanea,
quia aver sus est furor meus ab eis*. De minha propria von-
tade amarei aos homens, porque já me passarão as indigna-
ções que contra elles tinha, do instante que meu Filho se
fez homem; alli se sepultarão aggravos antigos, & se fiserão
pazes solenniſsimas.

Consideração quarta.

Bernar.

C Onsiderando S. Bernardo as excellencias da paz, di-
zia que nenhũa outra cousa queria senão paz, nenhũa
outra cousa desejava senão paz: *Pacem volo, pacem desi-
dero, & nihil amplius*: Nada quero, nem desejo mais que
paz, porque a quem não basta a paz para cuidar que tem
todo bem, nem vós Senhor lhe bastais, que soes o summo
bem, & soes a nossa paz: *Cui enim non sufficit pax, non suf-
ficis tu. Tu enim es pax nostra*. Quando a outros não bas-
tar isto, a mim só isto me basta, só isto me he necessario, ter
paz

paz com vosco, & ter paz comigo, reconciliarme com vosco, & reconciliarme comigo: *Hoc mihi satis est reconciliari tibi, reconciliari mihi.* Isto me he necessario assi, porque depois que o peccado me fez contrario vosso: *Factus sum mihi metipsum gravis:* Eu mesmo me fiz pesado, & molesto a mim, porque dentro em mim sinto grandes contradicções, ando em perpetua contenda, tenho inimigos de portas a dentro: *Pacem volo, pacem desidero:* Quero paz, & desejo paz. *Bernar.* Em outro lugar diz o mesmo Santo, que não deve o homem nesta vida buscar gloria, senão paz: *In terra homini non gloria, sed pax est querenda, pax cum Deo, pax cum semetipso.* Diz que busquemos paz com Deos, & conosco mesmos, porque fóra d'isto não ha no mundo acharse verdadeira paz. A Alma Santa dizia, que com ser muro, & torre fortissima: *Ego murus,* castello fortalecido de muitas graças, & perfeições, quando muito chegou quasi a achar paz neste mundo: *Facta sum coram eo quasi pacem reperiens,* cheguei quasi a achar paz: & a razão de não possuirmos verdadeira paz na vida he, que como nella não desistimos de cometer peccados, & culpas novas, impossivel he termos paz com aquelle Senhor, que não teve peccado, nem o podia ter, antes morreo por tirar peccados do mundo.

Cant. 8.

I. Pet. 2.

Rom. 17.

I. Cor. 15.

Consideração quinta.

HE a paz interior aquelle leito, em que a Alma Santa busca a Deos quando dizia: *In lectulo meo per noctes quaesivi quem diligit anima mea.* Em o mayor sossego da paz que possuhia, busquei todas as noites o amor da minha alma. Chama leito à paz, porque nella descansa o espirito, assim nas prosperidades, como nas adversidades: & claramente chama Isaias leito de descanso à paz, quando diz: *Veniat pax, requiescat in cubili suo.* Venha a paz, & descance no leu aposento, porque da paz he descansar, & dar descanso, & agasa-

Cant. 3.

Isai. 57.

Cant. 3.

lhar-se no aposento da alma, ficando servindo a essa alma de leito brando, & amoroso: mas como diz esta mesma Alma, q' o não acha, quando o busca neste leito de paz? *Quaesiui eum, & non inveni.* Como o busca, se o tem consigo, pois aonde ha paz, ahi se acha Deos? Mas a isto se responde, que he verdade, que quem no leito da paz busca a Deos, ahi tem consigo a Deos, nem póde deixar de o ter consigo: mas he Providencia de Deos, esconder-se muitas vezes Deos a essa alma no leito da paz, permittindo que se ache só, desconfolada, & sem companhia; faz Deos que está longe della, para ver como essa alma sente sua ausencia, & soledade; como o busca, & persevera em o buscar, ou para lhe fazer mayores favores quando lhe torna a apparecer, & em fim esconde-se para mayor perfeição dessa alma.

Consideração sexta.

Apoc. 2.

Cant. 2.

Rom. 14.

HE a paz hum suavissimo mannà, que Deos dà aos escolhidos, significado naquellas palavras que elle disse: *Vincenti dabo mana absconditum*: ao que vencer darei hum mannà escóddido. Chamalhe escóddido, porque a sua doçura não se manifesta a todos; porque nem todos a gostão: & só a gostão aquelles que se assentão à sombra da verdadeira arvore da vida, & comêdo do seu fructo, dizem: *Fructus ejus dulcis gutturi meo.* Esta doçura da paz tendo S. Paulo gostado, comparou elle à mesma doçura do Ceo, quando disse: *Regnum Dei non est esca, & potus, sed justitia, pax, & gaudiũ in Spiritu Sancto.* Ninguem cuide que tem o Reyno do Ceo a doçura, que cà se acha nos comeres, & manjares laborófos, que estes são corporaes, & só a tempos tirão a fome, & sede do corpo, que os ha mister, & não se hão de chamar doces, em comparação da doçura celestial, que consiste na justiça, na paz, & prazer em o Espirito Santo: aonde justiça quer dizer justificação, da qual resulta paz em a alma justificada,

cada, & della paz prazer em o Espirito Santo; & este he o fructo mais doce que todas as doçuras, este he o suavissimo manna que Deos promette ao vencedor: *Vincenti dabo manna absconditum.*

Consideração settima.

Considerando David a paz de que muitas vezes gozão os peccadores, & de quão bem lhe succedem as cousas, & as prosperidades do mundo, vendo pelo contrario aos justos opprimidos, & atribulados com miserias, & afflicções, dizia que andava attonito: *Pacem peccatorum videns.* Via *Psal. 72.* que tem, & alcanção quanto querem: *Transierunt in affectum cordis,* respondem-lhe as cousas à medida de seus desejos; para elles não ha molestias, nem trabalhos: *In labore hominum non sunt.* Pois no mundo ha mais paz, & quietação q̄ esta? Ha mais descanso, & alegria que esta? Mais ha que isto. Porque a verdade he que os peccadores não tem paz, nẽ a podem possuir: *Non est pax impiis,* diz Isaias. Porque estes que vivem em gostos, & tem trabalhos, estes de que David se espanta: *Pacem peccatorum videns,* tem hora determinada de sua condemnação, & por isso no mesmo lugar, aonde fala de suas bonanças, apregoa seus tormentos quando diz: *Non est respectus morti eorum,* cu como verte, Santo Augustinho: *Non est declinatio morti eorum.* Não ha fugir da morte, que lhes está aparelhada, na qual se lhe não ha de ter respeito, quando forem julgados a penas eternas: *Et firmamentum in plaga eorum;* na sua chaga haverà firmeza, porq̄ sua pena, & dor serà firme, & eterna. Este mesmo espanto era de Abacuc, quando via a desigualdade que vai entre os justos, & peccadores, estes tão favorecidos do mundo, & aquelles tão desprezados, & opprimidos d'isto, fazia a Deos grandes queixumes, & propunha muitos aggravos; até que Deos lhe respondeo: *Scribe visum.* Escrevei, Profeta queixoso, o que agora vedes, & ouvis, & fique isto em perpetua memoria, para *Abac. 1.* *Abac. 2.*

que vós consoleis, & consolem todos aquelles que representão semelhantes queixas: *Veniens veniet, & non tardabit.* Saibão os queixosos de tão grandes desigualdades, que ha de vir dia, & hora, em que Deos tire estes aggravos, quando vi-
Mat. 25. rem que dà Deos hũa sentença tão favoravel para os justos, & outra tão terribel para os peccadores. Virã dia em que estes afflictos, & desprezados do mundo se dem por satisfeitos de seus trabalhos, & os malignos fiquem com o castigo de suas insolencias; entre tanto não se espante David, nem se maravilhe o justo: *Pacem peccatorum videns*: que debaixo desse nome de paz se encobre o de sua condemnação.

Myrrha.

Mortificação.

Consideração primeira.

A Myrrha de q̄ muitas vezes se fala em a sagrada Escritura, nasce à maneira de lagrymas de hũa arvore de Arabia, que como diz Plinio, he a commua lenha, de que os sabios usaõ para o fogo: a perfeita, & verdadeira não a ha entre nós. Casiodoro, Philo, Aponio, Ricardo, & outros Padres antigos, querem que por ella se entenda a mortificação. E S. Gregorio o diz claramente: *Per myrrham carnis nostræ mortificatio figuratur.* Pela myrrha he figurada a mortificação de nossa carne. A myrrha com sua virtude livra os corpos de corrupção, & a mortificação com seu rigor, & amargura livra as almas da podridão dos peccados. Por isso dizia S. Paulo, que mortificava, & castigava seu corpo: *Castigo corpus meum, & in servitutem redigo.* E por isso faço isto, porque não acerte de ficar podre com peccados, & os outros incorruptos, & immortaes por se saberem aproveitar de minhas pregações. A myrrha alimpa o corpo de malignos humores, & a mortificação lança fóra todos os humores de perversos pensamentos,

*Plinius.**Casiod.**Philo.**Aponi.**Ricard.**Bed.**Iust.org.**Gregor.**1. Cor. 9.*

famentos, & desejos sensuaes, dos quaes se gerão febres de ar-
dentes payxões, que põem a alma em miseravel estado: a
myrrha tira o maligno cheiro, & dà o suavissimo aõde quer q̃
a applicão: o que mais efficaçmente faz a mortificação em a
alma, donde tira todo o contagio, & corrupção do peccado,
& põem fragrancia suavissima de virtudes, & cheiro de boa
fama para com os homens, de sorte que pôde hũa alma dizer:
Sicut myrrha electa dedi suavitatē odoris. A myrrha para *Eccl.24.*
fer verdadeira tem fragrancia, & amargura; pelo cheiro diz
Plinio, que muitas vezes se falsifica; mas pelo gosto diz Theo- *Plinius.*
phrasto que se não pôde falsificar: assim a mortificação ver- *Theoph.*
dadeira em ambas estas cousas se conhece, no cheiro, & na
amargura: no cheiro pôde enganar, como engana a dos hy-
pocritas, mas não em o gosto, quando bem provada a virtu-
de da pessoa, se experimenta que he verdadeira, como o co-
mer que se gosta na bocca, no que não pôde haver engano:
& além disso a mortificação dos virtuófos tem isto, que se se
gosta sua amargura, não se come, nem enche as entranhas; o
que pelo contrario succede na dos peccadores, que he amar-
gura que se come, & bebe, & entre as entranhas, como diz
Jeremias em figura do povo Judaico: *Replevit me amari-* *Thren.3.*
tudinibus. Encheo-me Deos de amarguras por peccados
meus, de sorte que não sōmente mas deu a gostar, mas fez-
mas comer, & tragar, encheo-me as entranhas de amarguras.

Consideração segunda.

QUando a Alma Santa quer mostrar que pretende dar-
se ao estudo da mortificação, debaixo da metáfora de
myrrha diz q̃ determina ir ao monte da myrrha: *Vadam ad Cant.4.*
montem myrrhæ. E primeiramente chamalhe monte, por-
que tudo parece que he subir costa assim a quem se houver
de mortificar a cousas da vida; tudo o que hũa alma procu-
ra fazer de bem, he contra sua natureza; do que se queixava

Rom.7.

S. Paulo dizendo: *Carnalis ego sum venundatus sub peccato*. Como se dissera: não me espanto cultarme tanto seguir o caminho da virtude pelo rigor da mortificação, porque sou de carne humana, vendido debaixo do preço do peccado; & por isso diz: *Non quod volo bonum, hoc ago, sed quod odi malum, illud facio*. Como minha natureza he tão inclinada ao mal, dahi me vem, que querendo fazer o que he bem, não o faço, & aborrecendo o que he mal, faço o mal: conheço o bem, & não o faço; entendo o mal, & obro mal, tudo me nasce de minha perversa inclinação: chama-lhe monte, porque por tribulações, & trabalhos se fôbe a elle, ou tambem monte pela altura de fortaleza, & magnanimidade, que chega a alcançar hũa alma mortificada ao mundo: pois a este monte de myrrha se vai o justo em quãto vive:

Cant.5.

2.Pet.1.

Donec aspiret dies; nelle diz que quer estar em quanto a vida lhe durar, até que lhe amanheça o Divino Sol de Justiça, porque já entãõ lhe não serã necessario ir ao monte de myrrha, mas ao monte na eternidade, aonde Deos eternamente està alumeando.

Psal.75.

A mesma Alma Santa diz, que estando adormecida, se levantou para abrir a seu Divino Esposo, & logo apoz isso suas mãos destillãõ myrrha: *Surrexi ut aperirem dilecto meo: manus meae stillaverunt myrrham*: porque como hũa pessoa se determina abrir portas às inspirações do Ceo, & recolhe a Deos na sua alma, logo suas mãos destillaõ mirra, porque logo tem particular contrição, as lagrymas são continuas, os suspiros, & prantos, logo trata de fazer penitencia, & se dispõem a obrar bem, logo suas mãos destillaõ myrrha, porq̃ em tudo mostra que trata de se mortificar, & dar cheiro suavissimo de virtudes, sendolhe suaves todas as obras que faz por amor de Deos. Tambem em outro lugar diz: *Labia ejus lilia stillantia myrrham primam*, porque da mortificação se tira gosto de que se não pôde perder hũa só pinga. Os beijos da Alma Santa são lirios que des-

Cant.5.

tillaõ

tillão myrrha muy approvada; porque as tribulações, q̄ Deos communica aos Santos, ainda que no primeiro tacto parecera myrrha muito amargosa, (porque a mais amargosa he a que se chama myrrha prima) com tudo essas tribulações são lírios, & rosas de que recebem suavissimo cheiro, & não pequeno gosto. Assim diz o Apostolo S. Pedro: *Communicantes Christi passionibus, gaudete.* Quando os que seguis a Christo, communicardes das payxões de Christo, que são as tribulações que por amor delle padeceis: *Gaudete*, folgai com isto: tende prazer, & alegria, porque trabalhos por Christo são gostos que dà nesta vida aos seus, se verdadeiramente sabem ser seus. Bem sentia estes gostos em suas tribulações o Apostolo S. Paulo quando dizia: *Repletus sum consolatione, superabundo gaudio, in omni tribulatione nostra.* Em qualquer tribulação que padeço, me vejo cheyo de consolação, o meu prazer he excessivo, não sei encarecer o gosto que com isso recebo: isto dizia, porque participava da suavidade desta myrrha approvada, & porque Deos nas tribulações lhe communicava esta fragrancia de gostos. Que quando communica a alguem, he final que o ama como a filho, pois quando o vê attribulado, lhe sahe ao encontro com celestiaes consolações; & então como diz o mesmo Apostolo: *Tanquam filiis se offert Deus: quis enim filius, quem non corripit pater?* Como a filhos sahe Dees ao encontro com as consolações. E que filho ha, a quem o pay não reprehende, se elle o ama, & sabe ser bom pay? Pois assim nos sabe Deos castigar, & mortificar muitas vezes; mas como he Pay, & Deos de toda a consolação, com ella se nos offerrece quando menos cuidamos: *Tanquam filiis se offert Deus.*

1. Pet. 4.

2. Cor. 7.

Hebr. 12

2. Cor. 1.

Consideração terceira.

Bern.

O Glorioso S. Bernardo tambem pela myrrha quer entender a mortificação, que se compõem de trabalhos, & tribulações. A myrrha (diz elle) he amargosa, & amargosas são as tribulações que mortificão a húa alma santa; porém a força do amor da doçura a essa amargura, vencendo a molestia do trabalho. Nesta vida tudo he myrrha, tudo mortificação a quem se entrega a Deos, porque não ha tratar se não de asperesas, jejuns, oração, cilicio, tentações do demônio, & perseguições do mundo; mas quando se lembra o que Christo padeceo por elle, & quão mortificado viveo, & morreo por amor d'elle, diz com a Esposa dos Cantares:

Cant. 1.

Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur. O meu querido he para mim ramallete de myrrha, porque ainda que o vejo mortificado em húa Cruz, ahi me parece muy fermoso, & agradavel, ahi me lança de si hum cheiro suavissimo: he hum ramallete de flores, no peito o trarei, no coração lhe darei lugar.

Consideração quarta.

Bern.

Mat. 27.

Ps. 105.

E Ste Senhor (diz o mesmo Santo) não quiz em a Cruz beber a myrrha, que lhe derão misturada com vinho, porque como a myrrha diz mortificação, & o vinho alegria, (conforme diz David) elle só tinha sede de mais mortificação, & de padecer mais pelos homens, & não de gostos, & alegrias, que se guardavão para sua santissima Resurreição. Não quiz naquelle lugar cousa, que o pudesse alegrar, quando desejava padecer tanto, que se queixava a seu Eterno Padre de lhe abreviar o tempo de sua Payxão: por isso *Dabant ei bibere myrrhatum vinum, & non accepit.* Davão lhe a beber myrrha, & vinho, que elle não quiz, porque a sua sede

Marc.

15.

era

era de padecer mais, & não de aceitar alivio, que o vinho lhe podia dar. Ou como diz Santo Augustinho, não quiz este Senhor beber o vinho que lhe davão misturado com myrrha, porque tambem de mistura levava fel: *Dederunt ei bibere vinum cum felle mixtum*. O fel he alimento apropriado aos que estão no inferno, que perpetuamente estão bebendo fel amargoso. E Christo Jesu, ainda que padeceo grandes tormentos, & foi rodeado com dores do inferno: *Dolores inferni circumdederunt me*, com tudo não estava sujeito ao inferno; gostou ao vinho em que havia myrrha de amargura, que padecia; mas não o bebeo, porque de mistura levava fel, que os dñados no inferno bebem de continuo.

Mat. 27.

Psal. 17.

Acerca do que o Apostolo S. Paulo diz, que o mundo estava crucificado a elle, & elle ao mundo: diz S. Chrysostomo, que ha duas mortificações: hũa, estar as cousas do mundo mortas a hũa alma; & a outra, estar essa alma morta ao mundo, & a tudo o que nelle ha. Pois por isso Paulo repete aquellas palavras: o mundo a mim, & eu ao mundo, porque não podem cousas do mundo cattivar a hum morto, nem hum morto deixarse levar de seus desejos: *Nihil hac mortificatione felicius*. Não ha mayor dita, que esta mortificação, não ha mayor ventura que este morrer ao mundo, & o morrer do mundo a hũa pessoa.

Ad Epl.
Chryf.

Chryf.

Consideração quinta.

OS Gentios Filósofos se satisfazião tanto da virtude da mortificação, que sem ter lume da Fé, he de maravilhar o muito que a amirão, & differão della, fazendo muito caso da mortificação da alma, que tem sujeito a si, os desordenados appetites, que lhe fazem guerra, dos quaes diz Seneca: *Effugere cupiditates regnum est vincere*. O vencer malignos desejos, he vencer hum Reyno. E em outro lugar diz, que por mais esforçado se ha de ter o que sujeita

Senes.

os perversos desejos, que os ferozes inimigos. Pois se que-
reis alcançar grande honra, eu vos darei hum grande Impe-
rio: *Impera tibi*, mandai-vos a vòs, refreai-vos a vòs mes-
mo, mortificai vossa condição, tende mando, & imperio de
vòs mesmo. Isto cuidemos dentro, & fóra de casa, este mo-
do de vida tenhamos, que sejamos faceis para os outros, &
para nòs inexoraveis, que quando perdoarmos a todos, só a
nòs não saibamos perdoar.

Socrat.

Socrates dizia, que os homens se havião de mortificar
tanto, que não devião comer manjares, que por si estavão
convidando a quem não tem fome, nem se havia de beber
licor, que por si chamasse a beber a quem não tivesse sede, &
que importava muito evitar todas as representações, & espe-
táculos publicos de que nenhũa necessidade temos, sendo a
perda grande, pois sempre nos deixamos ir a poz o mal que
isto tem. O homem (diz Plutarco) ha de ser como o bom
hortelão, que aparta a maligna herva da boa, & para que al-
gũas venhão a aproveitar, tem cuidado dellas, cortando-as,
atando-as, & cobrindo-as a tempo de terra, para que em al-
gum seião sazoadas, & se possaõ comer. Pindaro diz, que
aos desordenados affectos d'alma se ha de buscar modo con-
veniente de os domar, como o cavallo se applica ao coche, o
boy ao arado, o galgo à lebre, & sabujo ao porco montez.

Plut.

Pindar.

Soerat.

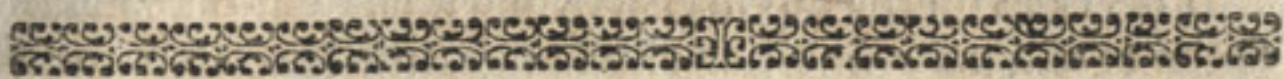
Vindo Socrates com outros muitos desejosos de beber, &
vendo que remettião todos a hũa fonte, elle o não quiz fa-
zer, & sendo perguntado porque não bebia, respondeo: *Ne
consuescam obsequi affectibus*, não bebo, porque me não
costume obedecer a meus affectos; quero me mortificar, por
não pòr maligno foro a meu appetite. Democrito costumava
dizer, que não tinha só por homem varonil o que em ar-
mas levava vantagem aos demais, mas tambem aquelle que
fazendo muitas vezes a batalha com seus appetites, alcançava
segura vittoria. Federico Emperador vencendo na Ungria
aos Guncienfes, disse a seus soldados: Grande he a obra que
temos

Democ.

Æn.

Sil.

temos feito, resta que façamos outra mayor, & he que se vé-
cemos aos inimigos, vençamos agora a nós mesmos; ponha-
mos freyo a nossa cobiça, & avaresa, concedamos a vida a
quem desejou darnos a morte: *Vincamus nos metipsos*:
vençamo-nos a nós, porque neste vencimento consiste ma-
yor louvor, que he perdoar ao inimigo quando o temos de-
baixo dos pés.



Platano.

Altesa.

Consideração primeira.

O Platano com ser arvore principal entre as que são fres-
cas, & fazem agradavel sombra, não se acha tantas ve-
zes referida em as letras sagradas, como outras o são. Déve
ser, porque a sagrada Escritura não faz tanto caso de algumas
plantas de que os Gentios o fiserão muito para leus fingimē-
tos, & fabulas, como a de Jupiter, & Europa, que entre Au-
tores Gregos, & Latinos fez celebre o Platano de Gortina
em a Ilha de Creta, que nunca perde a folha. Nenhum co-
nhecimento havia do Platano nestas partes Occidentaes, co-
mo diz Plinio, & depois que pelo mar Jonio o trouxèraõ a *Plinio.*
Grecia, dahi veyo a Italia, & Hespanha, por ser de muita
frescura, & ter a sua sombra propriedade de resfriar, & afastar
de si a quentura do Sol, a qual pelo contrario no inverno re-
cebe, & retém mais que as outras arvores, donde veyo a ser
tão estimado entre os Romanos, que para ser viçoso, & cres-
cer depressa o regavaõ com vinho, o que se achou por ex-
periencia, que os fazia crescer depressa: donde disse n uito
bem Plinio, que os Romanos até as arvores ensinàraõ a be- *Plinio.*
ber vinho, fartando delle aos Platanos, que estimavaõ
por sua fresca sombra, fazendo muitas vezes convites de-
baixo delles, como Licinio Muciano Consul, que à som-
bra

bra de hum deo convite a vinte & quatro convidados, va-
rões nobilissimos, o que relataõ alguns Autores a respeito, de
ferem os Platanos arvores de admiravel grandesa', de folhas
grandes, & largas, agradaveis à vista, & de muy deleitosa fres-
cura. Aristando Autor Grego conta por grande maravilha,
que chegando El-Rey Xerxes a Laodicea, hum Platano se
converteo em Oliveira.

Tres vezes que na Divina Escrittura se fala em o Platano,
se deixa entender que por elle se significa Alteza, & tudo
aquillo que representa magestade, tendo quasi o mesmo sig-
nificado que o Cedro: como o comparar-se no Ecclesiastico
a immensa Sabedoria na alteza ao Platano, que se levanta so-
bre as agoas: *Quasi Platanus exaltata sum.* E como tam-
bem se entende aquelle lugar de Ezequiel, aonde fala o Pro-
feta da presumpção de Assur, & Faraõ, que se tinhaõ por mais
altos, & sublimes, que os Platanos, pelo muito que se engran-
deciaõ, & levantavaõ em soberba: *Platani non fuerunt
aque.* Com isto confórma o que S. Gregorio diz, declaran-
do este lugar de Ezequiel em sentido mais alto, que ne-
nhuma outra cousa se póde entender pelos Platanos, &
Cedros, senaõ aquelles esquadrões das celestiaes Virtudes
de muy sublime alteza, que nesse soberano Paraiso de delei-
tes, saõ como arvores altissimas, plantadas na verdura de
eterna, & perduravel alegria: & entaõ diz que os Platanos
se naõ igualaraõ às folhas do Cedro no monte Libano, quan-
do a multidão de Espiritos Angelicos, Platanos que eraõ
na alteza de suãs perfeições, naõ chegaraõ a igualar a bel-
lesa do fermoso Cedro, que era Lucifer, preferido a to-
dos os mais nas graças, & excellencias, com que Deos o
creou, vestindo-o de todas as pedras preciosas: de sorte,
que o commum sentido do Platano he significar cousas
altas, & soberanas, como elle he arvore real; & este foi o res-
peito, porqu e de muy remotas regiões o trouxeraõ a primei-
ra vez a Ilha de Diomedes, para cercarem a sua sepultura
de

de Platanos, significadores do Real sangue, de que elle descendia, & das proezas, & heroicos feitos de tão famoso Capitão: dahi os trouxe Dionysio Tyranno a Sicilia, para os jardins de seus Paços Reaes; & não he o Platano só estimado por sua frescura, & sombra frigidissima, mas tambem pelas muitas virtudes que tem: & Plinio relata, como de suas bagas, que são medicinaes contra a peçonha de serpentes, & escorpiões, & para reter o sangue; a sua casca boa para dor de dentes, & as suas folhas proveitosas para a vista dos olhos, & outras mais virtudes, o que não he de nossa profissão.

Consideração segunda.

HE consideração de Santo Thomàs, que supposto que o appellido de Altesa por participação se dê a algúas creaturas, com tudo só a Deos se deve o titulo de Altesa, & Magestade, com culto, & adoração de Latria, porque elle he o que só se chama, & deve chamar Altissimo, & o mesmo he Deos Altissimo, que Deos a quem se deve summa adoração, & reverencia, como diz Lyrano. He mysteriosa aquella visão de Isaias, quando vio a Deos sentado: *Super solium excelsum, & elevatum*: aonde S. Jeronymo nota, que estar Deos sentado em throno, mostra que he Rey, & por isso lhe compete assento Real: *Ut habitum regnantis ostenderet*: ou como diz Chrysoftomo, no throno denota a summa eminência, que tem a respeito dos inferiores: mas em ser eile throno levantado, mostra a incomprehensibilidade de sua divina natureza, a qual se levanta sobre todo o entendimento; & estas expolições dizem muito com a letra. Daqui veyo perguntarem os Magos por aquelle que era nascido Rey: *Ubi est qui natus est Rex*: porque só Christo (cujo assento, segundo sua Divindade he levantado sobre todo o entendimento creado) ineffavelmente nessas eternidades nasceo Rey: donde attonito Isaias diz: *Generationem ejus quis enarrabit?* Al

D. Th.

Psal. 82.

Lyran.

Isai. 6.

Hieron.

Chris.

Matt. 2.

Isai. 53.

Altesa

tesa só a Deos compete, porque só elle he Altissimo, & os seus Ministros se chamão Ministros do Altissimo. Assim se diz em *Gen. 14.* o Genesis, que Melchisedec era Sacerdote do Deos Altissimo. *Psal. 49.* E David diz, que só a este Senhor offereçamos sacrificio, *Psal. 82.* porque he Altissimo: *Redde Altissimo vota tua.* E em outro lugar diz, que só elle he Altissimo em toda a terra. Pois levante-se agora (diz Jeronymo) quem quizer, & diga o que quizer, & nós digamos sempre: *Tu solus Altissimus in omni terra.* Por mais que outros digão que tem deoses sublimes, & levantados, nós temos hum Deos que he mais sublime, & levantado que todos, & seu nome mais excellente, que todos os excellentes. Hum Deos, que não sómente he Altissimo, mas tambem o são todas as suas obras, & maravilhas: & assim chama David Altissimas a todas as cousas que fez, conforme sua potencia, ou conforme sua justiça; & isto diz que havia de apregoar a toda a geração vindoura: *Potentiam tuam, & justitiam tuam Deus usque in altissima. que fecisti magnalia.* Entendendo que obrou grandes altissimas, ou nas merces que lhe fiseram, ou na criação dos Anjos, que tambem se chamão Altissimos entre as creaturas, ou das promessas que lhe tinha feito da Encarnação de seu Eterno Filho, às quaes chama Altissimas.

Psal. 111. David diz, que multiplicou Deos os filhos dos homens segundo sua Alteza: *Secundum altitudinem tuam multiplicasti filios hominum.* O que declarando Santo Augustinho, diz que se multiplicão os Justos segundo a Alteza de Deos, quando vão de virtude em virtude. Assim vão os Apostolos, & os Discipulos de Christo; assim vão os Doutores, & Pregadores multiplicando, & aproveitando, porque assim lhes disse o mesmo Senhor: *Ego posui vos, ut eatis, & fructum afferatis.* Porém os Settenta neste lugar trasladão em lugar de *Multiplicasti, Magni fecisti filios hominum:* como se dissera o Profeta Rey. Assim como vós Senhor sois grande, assim engrandecestes aos homens, porque para redempção deles

deffes homens não quiseftes tomar a natureza Angelica, mas a dos mesmos homens, como diz S. Paulo: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahamæ apprehendit*: & assim explicão Jansenio, & Genebrardo, que Deos segundo a Alteza de sua soberania admittio por adoptivos filhos de Deos os filhos dos homens, baixos, & viliffimos, como verte neste lugar a Vulgata, dizendo: *Exaltati sunt viliffimi filiorum hominum*. Os filhos dos homens sendo viliffimos, & muito baixos, por merce de Deos estão levantados, & fez Deos muito caso delles.

Hebr. 1.

Vulgata edit.

Consideração terceira.

Os grandes da terra tomãrão para si este appellido de Alteza, que só a Deos convêm, porque he Altissimo: pagão-se deftes nomes, como se forão immortaes; por elles se póde entender o [que diz Isaias: *Miscuit eis Dominus spiritum vertiginis*. Os poderófos, & levantados do mundo pagão-se tanto de titulos soberanos, que parece que tem vágados na cabeça; deulhes ar, que os fez tontos, não andão em si. Já no principio enfermou Lucifer deste mal, quádo se quiz levantar a ser semelhante ao Altissimo, & ter Alteza como elle: *Similis ero Altissimo*. Por aqui se deixou levar Adão, & Eva, que virião a ter Alteza, & serião como Deoses: *Eritis sicut Dii*. Por aqui caminhou Absalão, Adonias, pretendendo alcançar o sceptro, & coroa de rael. Por querer reynar matou Abimelec a settenta irmãos; Atalia a tantos filhos de Reys: & Aggripina Romana tragou a morte, & não a estimou por se ver Emperatriz do mundo com titulo de Alteza: as enfermidades curãose, os achaques remedeãose, os vicios cessaõ com o tempo; mas a fome de subir à Alteza sempre cresce: & parece que a significa naquellas palavras: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper*. Quem quizer subir à Alteza, fuja da mesma Alteza,

Isai. 26.

Isai. 14.

Gen. 3.

2. Reg.

15.

3. Reg. 1.

Jud. 9.

4. Reg.

11.

Sueton.

Psal. 73.

fa,

sa, porque esta não se pôde alcançar, senão fugindo della, porque se damos em a seguir, ella nos foge, & se fugimos della, vem apoz nós. Se quereis ser illustre, não vos tenhais por esse, que as honras buscão quem não as quer, & desprezaõ a quem as deseja: *Honores non querentem honorant, ambientem aspernantur*, diz S. Chrylostomo. Quem pois deseja Altessa, procure-a com humildade, & por santidade pretenda exaltação; porque então he o homem illustre, que he santo, então muy levantado, que he muy humilde: *Si queris magnificentiam, prius quere sanctitatem, cum sanctificatus fueris, eris magnificus*, diz Santo Augustinho: Se buscais magnificencia, buscai primeiro santidade, porque então fereis magnifico, quando fordes santificado.

Calamo aromatico.

Confissão.

Consideração primeira.

Cant. 4. **O** Calamo aromatico he a planta, que na sagrada Escritura tem nome de Fistula, hũa das que o Celestial Espoço tem no seu mysterioso jardim, & por isso não ha de ficar sem se tratar de seu significado. Esta planta não se tem visto nestas partes, nem madeira sua; he hũa especie de cana cheitosa, que nasce a hũa parte do monte Libano, aonde fição certas lagoas, & tanques grandes de agoa, & assim se tem por certo, que não he sua hũa raiz, que em seu lugar mostrão nas boticas, mas de outra planta chamada Acoro. Tem propriedade de quente, & secco, & aproveita para muitos males do corpo, & aonde quer que se applica, dà cheiro, & suavidade. Hugo de S. Victore quer que por esta planta se entenda a Confissão, a qual quando se faz com as partes requisitas, tẽ calor, & fervor espiritual, & he proveitosa para as mayores enfermidades da alma, não havendo algũa que com este singular

gular unguento não se tire: assim diz S. Chrystomo, que a Confissão he medicamento unico, que o Espirito Santo offerece para remedio de males humanos, que são as culpas, em que os homens cahem. Quem dà este remedio (diz elle) não pretende vingarse, pois offerece perdão, não deseja morte de ninguem, quem a todos descobre mesinha de saude. Tendes chagas, recorrei ao Medico, mostrailhe a ferida, para que a cure; falai só com elle, & descobrilhe tudo: *Confessio enim peccatorum abolitio est delictorum*, a Confissão dos peccados he a que apaga os delittos. Se Lamech não duvidou descobrir peccados seus a suas proprias mulheres, que o não sabião, que castigo merece quem a Deos os não quer confessar, que os sabe todos? E por ventura quer Deos saber vossos peccados porque os não sabe? Em nenhum modo; mas de vossa bocca os quer saber, por ver o pejo que tendes de os confessar, & arrependimento de os terdes commettido. He a Confissão a segunda taboa depois do Bautismo, aonde se salvão os que depois d'elle peccando padecem naufragio. Nella se não fazem despensas de fazenda, não se passão mares, não se andão intoleraveis caminhos, não se arrisca credito, he mesinha muy facil, purga que custa pouco. Deos não manda fazer cousas impossiveis, & carregadas: quer contrição da alma, compuncção do espirito, confissão da culpa, prestesa em a vir confessar; & assi não sómente perdoa, mas justifica. Grande misericordia, infinita bondade de Deos, que em se confessando o peccador alcança perdão, & segurança de ficar justificado. Porque como diz Isaias: *Dic tu prior peccata tua, ut justificeris*. Dizei vós primeiro vossos peccados, para que sejais justificado, adiantai-vos com a Confissão, começai por ella, porque se primeiro não falar o accusado, falará o accusador com o castigo. Não he a Confissão Sacramento difficultoso, como alguns o querem fazer: antes nelle mostrou Deos quaõ amigo he de temperar o rigor da Ley Velha para com os peccadores: porque aquella em muitos

Chryst.

Chryst.
Gen. 4.

Concil.
Trid.

Isai. 43.

cafos descobria os peccados, que absolvía, & publicamente mandava fazer sacrificios por peccados, que erão pregões que os publicavão; porque o povo que via fazer taes sacrificios, logo entendia que erão por taes peccados; & podião as pessoas perder credito, & autoridade. Na Ley da Graça não he assim, que temos hum Sacramento de honra qualificada, com o segredo possível, para que dizendo a pessoa seus peccados secretos ao Confessor, elles fiquem perdoados, & a honra, & credito resguardado. Facilissimo pois he o Sacramento da Confissão: ninguem tenha pejo de se chegar a ella, q̄ assim o diz o Espirito Santo: *Non confundaris confiteri peccata tua.* Não tenhais pejo de confessardes vossos peccados, & não vades contra a corrente do rio; muitas vezes estão os peccados amontoados à bocca do penitente, desejófos de sair para fóra: o peccador com pejo, ou temor não os deixa sair. Deixai-os pois sair, rompa essa presa, corra o rio, & não sejais impedimento a tão proveitosa corrente.

Eccl. 4.

Malac. 1.

Bern.

Malac. 1.

Mat. 10.

Luc. 12.

Consideração segunda.

S Bernardo diz, que a Confissão se ha de acompanhar de dobrado pejo, & dobrado temor. O pejo dobrado, considerando que offendeo a hum Pay, & Bemfeitor. O dobrado temor, lembrando-se que tem contra si a tão bom Pay, & tão bom Senhor: o Pay ama se, porque he Pay, & do Pay he compadecerse, & perdoar. Este quando dà castigo he com a vara, que só quer emenda: pois (diz elle por Malaquias) *Si ego Pater, ubi est honor meus?* Se eu sou Pay, aonde está a minha honra? Corra-se o filho que não honra tão bom Pay, & porque he ingrato a quem tanto bem lhe faz, leve este pejo à Confissão. E leve temor, vendo que offendeo a feu Bemfeitor, & Senhor; considere seu poder, & suas obras, considere que depois de matar ao corpo, tem poder para lançar no inferno a alma. Tema cair em suas mãos,

mãos, & para se livrar dellas, faça essa confissão com as tres condições que são necessarias, humilde, simples, & fiel. Humilde, conhecendo-se por muito peccador, & digno de penas do inferno, folgando que o tenham por esse, porque seus peccados o fiserão vil, & desprezado. Simples, accusando-se o peccador, & não se desculpa, nem diminuindo a culpa; porque às desculpas chama David palavras de malicia, forjadas na officina do coração. Contra si pecca o que se desculpa a si. Não he isso Confissão, mas defensão. Não se abranda com escusas, mas provoca-se a ira de Deos; porque aonde o delicto se reputa por menor, diminue-se a gloria do que dà o perdão, & menos de boa vontade se faz a merce, que com menos gratidão se recebe. Fiel, porque na Confissão vos acompañeis de esperança, não desconfiando do perdão, por graves que sejam as culpas. Cain, & Judas confessarão seus peccados, mas não forão fieis nas confissões, porque desesperarão do perdão.

Job 10.
Ps. 140.

Gen. 4.
Mat. 27.

Consideração terceira.

A Alma Santa em os Cantares diz, que apparecêrão flores em a nossa terra, & que he tempo de amañhar as vinhas: *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* O que em sentido espiritual quer dizer: que quando em nossa alma apparecem flores de contrição, & arrependimento de culpas, he tempo de entender no concerto da vinha, metaphora da Confissão; porque como com ferro se corta a vara da vide, lançando-se fóra o superfluo, & inutil della, assim pela Confissão se cortão, & lanção fóra os inúteis, & danosos peccados: o instrumento com que isto se faz, he a lingua, que na sagrada Escrittura se chama cutello, & espada aguda. E se a lingua se chama espada, porque falando contra o proximo, corta por sua honra, como se o ferira, & matára, também quando essa lingua fala de si, & diz mal de si, não

Cant. 2.

Psal. 56.

Psal. 63.

Job 10.

a quem quer, senão ao Confessor, se chama espada aguda, que corta por si, lançando fóra as culpas, que não deixavão dar a alma fructo. Fala Job em figura do peccador, que se vê feito hũa mata de delittos, & diz: *Quid faciam, tibi, o custos hominum?* Que vos farei, Senhor, que fois guarda dos homẽs, que assim vos offendi? Que remedio terei? *Loquar in amaritudine animæ meæ.* Já sei o que hey de fazer. E he, que cõ a espada de minha lingua hey de cortar por mim, falando contra mim. E ainda que pareça couza amargosa a minha alma, cuidar eu que hey de descobrir meus peccados a hum homem: com tudo mais carregado parece isso, do que na realidade he: hey de falar contra mim: *Dimittam adversus me eloquium meum;* porque quem teve lingua para falar cõtra o proximo, bem he que a tenha para falar contra si em boa Confissãõ. O homem para respirar abre a bocca, & lança fóra o ar quente, com que o coração abafa, & recebe o frio, com que o refrigerá. Assim o que abre a bocca para confessar seus peccados, respira lançando fóra a peçonha que mata a alma, & recebe o fresco ar da graça que dà vida a essa alma. Com o mesmo abrir da bocca lança o peccador fóra de si peccados, & recebe em si graça do Espírito Santo. Pois ponha-se o peccador em estado, que abrindo a bocca a hũa boa Confissãõ, abertas as portas do coração a seu Deos, diga com a Alma Santa: *Surrexi ut aperirem dilecto meo.* Estava como de assento no meu vicio; mas por graça de Deos já me levantei, & abrindo a bocca a huma boa Confissãõ, fiquei abrindo as portas da alma ao meu querido Jesus, que mora dentro nella.

Consideração quarta.

Diz S. Bernardo, que quatro cousas são as que impedẽ o bom concerto desta vinha espiritual, porq̃ quatro são

as que impedem fazerse boa confissão: o Pejo, o Temor, a Esperança, & Desconfiança. Muitos por vergonha deixão de confessar peccados que commetterão, ou circumstancias que os aggravão. E deste pejo diz Salamão: *Est confusio adducens peccatum*: ha hum pejo, & confusão, que traz consigo peccado: assim como ha outro pejo, & confusão, que traz consigo gloria. A muitos impede o temor, fazendo os timidos, & covardes, receando o que lhes hão de dizer, & temendo a penitencia, que se lhes deve dar por suas culpas. Dos quaes diz Job: *Qui timet pruina, irruet super eos nix*. O que teme a chuva, cahirá sobre elle a neve, porque fugindo de menor mal, vai cair em outro mayor. A muitos impede a esperança, & são aquelles que dependem de respeito do mundo; & por isso não querem que ninguem saiba seus peccados, por não perderem reputação com o Confessor; destes diz Christo por S. Mattheus: *Vae pregnantibus, & nutrientibus illis diebus*. Ay daquelles, que naquelles dias andão prenes, & crião: daquelles (digamos assim) que no tempo da penitência andão prenes de pretensões, & desejos do mundo, & a esse fim não fazem boas confissões. Outros ha que nada disto receão, mas totalmente desconfião de se emendar, tendo por certo haverem de tornar à mesma culpa depois da confissão, & esta desesperação os impede, que se não cheguem a ella. A qualquer destes impedidos se pôde dizer aquillo dos Proverbios: *Peccator cum venerit in profundum malorum, contemnit*. Quando o peccador chega ao profundo dos peccados, tudo despreza: de nenhũa cousa se lhe dà, ha se como hum corpo morto em a sepultura: do qual parece que diz o Espirito Santo: *A mortuo, velut qui non sit, perit confessio*. Não ha que tratar de confissão para com o morto, como cousa que já não he, & deixou de ser. Pois venha Christo Jesu, & diga a este sepultado: *Veni foras*, que só a esta voz resurgirá o morto. Que assim he certo, haverse mister milagres do Ceo, para hum peccador se levantar do peccado, que tem por costume.

Eccl. 4.

Matt. 24

Prov. 18.

Eccl. 17.

tume. Para aquelles quatro impedimentos que tirão fazerse boa confissão, ha seus remedios. Os que se peção de confessar peccados, corraõse mais de os commetter, que de os confessar, ou não se envergonhem de os confessar a Deos, a cujos olhos nenhũa cousa se esconde. Se se peção de os descobrir a hum só homem, que pejo será o seu no dia do Juizo, quando seus peccados a todos serão manifestos? Pois estas tres cousas se hão de oppor ao pejo, convem saber: consideração da rafaõ: reverencia de Deos, que tudo vê: comparação de mayor pejo, & confusaõ. Contra o Temor se confidere, quão perpetua seja a pena do inferno, quão intoleravel, & chea de eterno temor. Contra a Esperança haja considerações dos bens eternos, que são sem limite, mais certos, & de mais tempo, pois são eternos; & em sua comparação quanto no mundo se póde desejar, he nada, incerto, & momentaneo. Contra a Desesperação de vencer o peccado, ha tres remedios: firmeza do bom proposito: a graça de Deos, que por humildade se merece: & o socorro que vem da compayxão daquelle, a quem se faz a confissão. Quem de outro modo for, vai cego, & mal encaminhado: *Qui abscondit scelera sua, (diz o Espirito Santo) non dirigitur. Qui autem confessus fuerit, & dereliquerit ea, misericordiam consequetur.* O que esconde seus peccados, não leva bom caminho. Mas o q os confessa, & põem de parte, alcançará misericordia. S. Gregorio diz, que a confissão he caminho que leva às portas do Ceo: porque estas (como diz David) entrãose pela confissão: *Introite portas ejus in confessione.* E quando confessamos nossos peccados por lagrymas, & compuncção, começamos a entrar por estas portas, que são apertadas; & pelo aperto, & angustia da Confissão disse o Senhor: *Intrate per angustam portam:* porque pelo amargoso calix da Confissão se chega ao da eterna Bemaventurança.

Prov.
28.

Gregor.
Psal. 99.

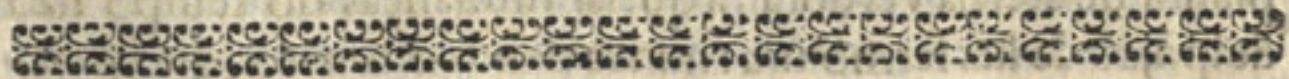
Matt. 7.
Gregor.

Consideração quinta.

A Confissão devota he hũa voz muy esforçada, que chega aos ouvidos de Deos; & então o he, que se acompaña de choro, & pranto; porque ahi ha mais, que confessar peccados; pois ha chorалlos, & sentillos: peccadores muitas vezes os confessaõ, mas não os chorão: os escolhidos se os sabem confessar, tambem os sabem chorar: *Confessionis vocem necesse est ut mæror excutiat.* O pranto he o que ha de tirar com força a voz da confissão; porque o verdadeiro penitente com lagrymas ha de começar a Confissão, & com ellas ha de profeguir, & acabar, dizendo com David: *Dixi, confitebor adversus me injustitiam meam, & tu remisisti impietatem peccati mei.* Como eu disse que confessaria contra mim minha injustiça a Deos, logo elle concedeo perdão a minha maldade. Grande mélinha a da Confissão, pois só desejos della sãraõ, & dão vida; só propositos de a fazer alcanção perdão. Pois então se confessa hũa pessoa contra si, quando de tudo põem culpa a si, & não a outrem, não à occasião, nem ao que induzio, não ao demonio que o tentou, nem ao pensamento que o acompanhou, senão a si mesmo, que peccou porque quiz peccar: & por isso: *Adversus me.*

Gregor.

Psal. 31.



Cipreste.

Incorrupção.

Consideração primeira.

O Cipreste foi antiguamente arvore funebre, & por isso aborrecida de todos, & tida em prejudicial agouro, consagrada a Dites, deos infernal, & significadora de morte, & tudo que diz tristesa, & pranto, pelo que se punha às portas de pessoas eminentes, quando morriaõ, com sinal que ha-

Plinius.

Hijj

via

via alli tristesa, & pompas funeraes, que celebrar. Porèm con- sideradas bem as cousas, o Cipreste sempre foi significador de incorrupção, & immortalidade: & o intento de se pôr Ciprestes às portas dos defuntos, era dar-se a entender ao mû- do. que taõ dignos eraõ aquelles de eterno, & immortal no- me, como o Cipreste he eterno em a verdura, & incorrupto em a madeira. E a verdade he, que naõ pôde deixar de ter excellente significado arvore, de que a sagrada Escrittura faz tanto caso, que compára a ella cousas eminentissimas. Assim se deixa entender, que foi falsa a opiniaõ que se teve da figura desta arvore, tida em maligno agouro. Caminhando o Em- perador Sevéro com sua gente, lhe sahio ao encontro huma negro, para o festejar, com ramos de Cipreste em as mãos, o que elle vendo, começou a gritar, que lhe tirassem aquelle ne- gro de sua presença, tendo em triste prognostico, assim os ra- mos de Cipreste, como a pessoa que os trazia. Fez-se assim: & naõ foi bastante afastar-se o negro de sua vista, para o Em- perador deixar de morrer dahi a poucos dias, comprindo-se o funeral agouro, que elle presentira dantes. Porèm estes prognosticos erão gentílicos, & de gente barbara, & sem co- nhecimento do verdadeiro Deos. A resoluçãõ he, que saõ muitos os louvores, que os Doutores sagrados daõ ao Ci- preste, especialmente Santo Ambrosio, que o nomea por planta de eterna verdura, a quem mudanças do tempo naõ despojaõ de sua fermosura: nunca deixa o ornato, que a na- tureza lhe deu, naõ se veste de novas flores, porque aborre- ce novidades, o mesmo he no Veraõ, que no Inverno; o seu cheiro he aromatico, & excellente, não chega bicho a ella, porque a todos afasta de si: não sente podridaõ, porque he incorrupta, & sempre persevera em o mesmo vigor, & estado:

Sic Apostolica quoque gratia nescit defectum, & venustate sui floret, diz S. Ambrosio, do mesmo modo q̃ o Cipreste flo- rece a graça Apostolica, & sua incorrupta Fé, & doutrina sin- gular, naõ havendo nella defeito, nẽ cousa q̃ diminua sua ad- miravel fermosura.

Con-

Consideração segunda.

A Eterna Sabedoria no Ecclesiastico se compára ao Cipreste: *Quasi Cipressus in monte Sion.* No que se mostra claro, que tem elle bom significado por ordem do mesmo Ceo, muito differente do que a Gentilidade lhe deu de morte, & pranto. Compara-se pois ao Cipreste em o monte de Sion; porque Christo, Sabedoria de Deos encarnada, na Igreja universal he Cipreste de eterna, & immortal verdura, o qual nunca deixou o que húa vez tomou, sempre he o mesmo, & o mesmo persevera em toda a parte, Immenso, Infinito, Incomprehensivel, com fragrancia de cheiro suavissimo. E assim como o Cipreste (quando no Inverno as outras arvores ficão sem folhas) conserva sua verdura, & traz a si os olhos de todos; assim Christo increada Sabedoria de Deos (parecendo em sua comparação apar delle todos os mais Santos arvores seccas, & elle Cipreste altissimo de graça infavel) traz a si os corações de todos, como elle disse por S. João: *Ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Do mesmo modo a sua Ley Evangelica he tão immortal, & incorrupta, que como diz Beda: *Nulla hereticorum astutiã corrumpitur, nulla potest seculi labentis ætate consumi,* nem com astucia de hereges se pôde corromper, nem com mudanças do tempo variar, nem com o successo dos annos consumir. Por isso o Autor dos Cantares (como scientifico, & soberano architecto) quando houve de traçar os aposétos do talamo nupcial da Divina Esposa, guardando as leys da boa architectura, diz naquellas palavras: *Laquearia nostra Cypressina,* que o madeiramento da principal sala havia de ser de Cipreste, que não apodrece, & sempre lança de si suavidade de cheiro, entendendo nisto a espiritual, & immaterial Casa de Deos, que he a sua Igreja Catholica, fundada sobre firme pedra, & fabricada de huma Fé

Eccl. 24.

Joan. 12

Beda,

Cant. 1.

permanente, & doutrina incorruptivel, que o tempo não gaste, nem os annos diminuão, antes persevere sempre em perpetua verdura de belleza, & perfeição: & por mais tormentas, & tempestades que no mundo haja de erros, heresias, perseguições, & inquietações dos homens, & do mesmo inferno, já mais ha de padecer, nem ainda ameaçar ruína, porque como Christo disse por S. Mattheus: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

Consideração terceira.

Anselm. S. Anto Anselmo, Ruperto, Origenes, & outros Autores
Rupert. sagrados querem, que tambem pelos Ciprestes se enten-
Origen. dão os Doutores da Igreja, que com sua constante fé, & agrada-
Hieron. dav el verdura de santa doutrina, & cheiro de singulares vir-
Phil. Ca. tudes permanecem, & florecem no espirital prado da Igre-
Beda. ja de Deos. E com ração se comparão elles a esta arvore gran-
Matt. 5. de no comprimento, & verdura; porque como disse o Sal-
vador do mundo: Aquelle que obrar, & ensinar aos homês,
Eccl. 30. ferà chamado grande em o Reyno dos Ceos: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cælorum.* O Es-
pirito Santo compara no Ecclesiastico a virtude de Simão summo Sacerdote, filho de Onias, ao Cipreste: *Cypressus in altitudinem se extollens*, por suas excellencias, & prerogativas, de que faz largo compendio: chamandolhe Cipreste q se levanta em grande altura. Santo Ambrosio quer que ao Cipreste seja comparado qualquer Justo, cuja virtude se não corrompe, nem os bons intentos se lhe mudão, nem os fructos das boas obras deixão de ser os mesmos, sempre reverdece cõ lêbranças do Ceo, sóbe cõ o pensamento ao alto, & sustenta as virtudes com admiravel fortaleça, & por isso: *Nunquam defluit, nunquam deficit*; né desfallece, nem enfraquece, porq tudo nelle he firme, & immovel, nenhũa cousa varia, nenhũa de sorte, q nella não aproveite, & cresça em altura de
Ambr. Cipreste.

Consideração quarta.

A Incorruptão significada no Cipreste he hum dos do-
tes que terão os corpos gloriófos na outra vida. E quã-
do S. Paulo aos Romanos diz, que Deos darà a cada hum se-
gundo as obras que fizer, aponta que aos que buscão vida
eterna ha de dar gloria, honra, & incorruptão: *Gloriam, & Rom. 2.*
honorem, & incorruptionem querentibus vitam eternã.
E aos peccadores indignação, trabalhos, angustias, & tor-
mentos eternos: & escrevendo aos de Corintho, diz que a *1. Cor.*
carne, & sangue não pódem possuir o Reyno de Deos, nem *15.*
a corruptão terá por premio incorruptão; mas havendo bõ
procedimento de vida, importa então que o corruptivel se
vista de incorruptão, & o mortal de immortal. He a incor-
ruptão hum dos principaes attributos que Deos tem, pelo
qual o nomeão os Santos, que lhe chamão Deos incorrupti-
vel, como o nomea o mesmo Apostolo S. Paulo, escrevendo *Rom. 1.*
aos Romanos, & reprehendendo aquelles, que conhecendo
a Deos, & recebendo d'elle muitas merces, & misericordias,
não o quiserão honrar, & glorificar como a Deos; mas co-
mo se perdèrão o juizo, mudàrão a gloria do incorrup-
tivel Deos, em a semelhança da imagem corruptivel de
homens, animaes, & serpentes, adorando estatuas de pao, &
pedra, & deixando-se ir atraz de seus appetites, & vicios abo-
minaveis: amando as creaturas, & esquecendo-se do immẽ-
so Creador de todas as cousas. Mas nós outros os Christãos
(côfôrme diz S. Pedro) temos que dar muitas graças a Deos, *1. Pet. 1.*
o qual segundo sua infinita misericordia nos regenerou para
hũa esperança viva, pela gloriosa Resurreição de seu Unige-
nito Filho, a hũa herança incorruptivel, incontaminada, &
immaculada, que em os Ceos nos està guardada: *In heredi-
tatem incorruptibilem, & incontaminatam.* Na mesma E-
pistola nos exhorta, que nos lembremos, que renacemos já
para

Sap. 6.

para o Ceo, não de cousa corruptivel, mas incorruptivel, pela palavra de Deos vivo, & permanente: sendo assim que toda a carne he feno, & toda a gloria do mundo como flor de feno: seccouse o feno, & cahiolhe a flor; mas a palavra de Deos permanece para sempre. Pois se queremos possuir este dom da incorrupção, façamos o que nos aconselha o Espirito Santo no livro da Sabedoria, aonde diz: *Custoditio legū, consummatio incorruptionis est, incorruptio autem facit proximum esse Deo.* A guarda da Ley de Deos he certesa do premio da incorrupção, & a incorrupção he aquelle felice dom que nos faz estar chegados a Deos, que tem por particular attributo ser incorruptivel.

Sandallo.

Tribulações.

Consideração primeira.

Cassiod.

Ioan. 19.

Gregor.

Niss.

Theod.

O Sandalo, que por outro nome na sagrada Escriitura se chama Aloe, he arvore do Oriente, cuja madeira (como diz Cassiodoro) he de taõ suave cheiro, que serve para incensar os Altares em lugar de incenso, & della sahe hum licor, que he na virtude semelhante ao da Myrrha, & por isso misturando-se com ella, se compõem hum unguento, q̄ serve de conservar corpos defuntos; & assim diz o Evangelista S. Joaõ, que para sepultar a Christo nosso bem, veyo Nicodemus: *Ferens misturam myrrhae, & aloe quasi libras centū,* trazendo perto de cem arratens de Myrrha misturada com Aloe, que era unguento aromatico para embalsamar corpos defuntos. Chama-se Sandalo, porque a versãõ Hebræa, aonde nõs lemos Aloe, tem Sandalum, que he a arvore, de que procede este licor odorifero, ainda que muito amargoso, & por isso S. Gregorio Nisseno, & Theodoretto com outros mais querem que por ella se entendaõ as tribulações, que saõ

amar-

amargosas, como este licor he, & estas são as plátas, que Deos tem no jardim da Igreja, Myrrha de Mortificação, Sandalos de Tribulações, Balsamo de Misericordia, & assim outras significadoras de virtudes semelhantes. Por isso se ungiu o Corpo de Christo com Myrrha, & Aloes, porque só de amargura, & tribulações foi este Senhor acompanhado em sua Morte, & Payxão. Com estas o deve acompanhar qualquer alma Christã, porque como diz Nisseno, não será participante de sua gloria quem se não conformar com a semelhança de sua morte. Quem não acompanha a Christo com tribulações, diz Santo Augustinho, que ainda não começou a ser Christão. Se Christo foi attribulado, tambem o Christão o deve ser, para se conformar com elle; que esta he a fazenda que deixou aos seus Fieis, tribulações, angustias, afrontas, & trabalhos: estas são suas riquezas, porque na colheita della poz os bens do Ceo. Por isso quando o Divino Esposo vem à sua horta, não se diz, que vem colher rosas, & flores de recreação, mas myrrha de mortificação, & amargura, esta he a sua colheita: *Veni in hortum meum, messui myrrham meam.* E então colhe esta myrrha, quando vê que o attribulado o imita em sua Payxão, sofrendo bem os trabalhos, perdoando a inimigos, & rogando por elles a Deos. E por isso quiz este Senhor ser coroado de espinhos, publicando-se ao mundo por Rey de afflictos, para que todos acudão a elle, como acodião a David perseguido: *Omnes qui erant amaro animo, & factus est eorum dux;* todos os que estavam em amarguras se acolhião a David, & elle se fez Capitão de gente afflicta, Principe de attribulados. Esta pois he a fazenda, & herança que deixou a seus filhos, & então declarou que lha deixava, quando disse a seus Discipulos: *Si me persecuti sunt, & vos persequentur.* Se me a mim perseguirão, tambem vos hão de perseguir a vós. Por isso diz o Apostolo S. Pedro, que quando alguem vir que padece como Christão, dê muitas graças a Deos em este nome, porque nisso mostra q̄ he filho

Cant. 4.

Greg.

Niss.

August.

Cant. 5.

Mat. 27.

Joan. 19.

1. Reg.

22.

Joan. 15

de

de tão bom Pay, soldado de tão excellente Capitão: *Si quis
1. Pet. 4. patiatur, ut Christianus glorificet Deum in isto nomine.*
Delhe muitas graças, quando se vir com tribulações, & fol-
gue com ellas, pois são merces que Deos lhe faz, mostras do
amor que lhe tem, preservativos com que o livra de males, &
Psal. 90. mésinhas com que lhe dà saúde: Cum ipso sum in tribula-
tione, diz elle por David: com o attribulado estou na sua tri-
bulação, eu terei cuidado de o livrar della.

Consideração segunda.

DEve-se considerar, que pela tribulação se desposa hũa
alma com Deos, & a alma então lhe pôde dizer o que
Exod. 4. Sara a Abrahão: Sponsus sanguinum tu mihi es, fois para
mim esposo de sangue, esposo de tribulações hũas a poz ou-
tras, & com tudo fois esposo, que amais, & fazeis merces a
quem admittis em o leito das tribulações, aonde primeiro
vos inclinastes. Foi a Cruz de Christo leito de amarguras,
Psal. 3. aonde se lançou a dormir: Dormivi, & soporatus sum. Foi
Luc. 8. a nao em que hia dormindo, quando fazia grande tempesta-
de, & grande merce faz a quem admitte neste leito, ou nesta
embarcação, aonde na mayor tempestade se sente mais sosse-
go, no mayor estrondo mayor quietação. Por isso dizia o A-
2. Cor. 12. postolo S. Paulo: Placeo mihi in infirmitatibus meis, in
cōtumeliis, in necessitatibus, in angustiis. Muito gosto rece-
bo nas minhas enfermidades, nas afrontas, angustias, & mais
trabalhos: com isto folgo, porque trabalhos me adormecê,
2. Cor. 19. elles me trazem o sono, & me estão dando musica. Elias
quando mais perseguido, & attribulado, então adormece à
sombra da giesta, porque perseguições em os justos são leito
em que passaõ suave sono. Peccadores fogem delle, & vão
cair no lugar de perpetuas tribulações; mas os justos vendo o
leito de seu remedio, com muita pressa se lançaõ nelle, dicen-
Psal. 4. do com David: In pace in id ipsum dormiam, & requiescã.
Aqui

Aqui dormirei, & repoufarei em companhia de meu Christo, em paz, em sossego, & summa quietação; porque assim como nelle ha abundancia de payxões, tambem a ha de cõsolações: *Sicut abundant Passiones Christi in nobis, ita & per Christum abundat consolatio nostra.* Se as payxões de Christo em nòs são em abundancia, tambem a sentimos grande em as consolações que nos dà. E muito he o que Deos se alegra, quando vê que a alma tem gosto das tribulações. A mãy quando vê que o filho come com gosto o manjar que lhe fez, mais se alegra com isso, do que se comera delle, pelo amor que lhe tem. Deos quando vê que a alma attribulada tem gosto dos trabalhos que padece, & os sofre bem, folga de ver q̃ lhe sabe aquillo bem, porque são tribulações manjares, que elle dà a quem mais quer: *Quem diligit Dominus castigat*, diz S. *Heb. 12.* Paulo: *Flagellat autem filium, quem recipit.* A quem o Senhor ama, dalhe castigos, & he certo que açouta ao filho, que recebe; mas elle he o que lhes diz animando-os: *In mundo pressuram habebitis, sed confidite, ego vici mundum.* No mundo os manjares que haveis de ter, são apertos, & tribulações; mas confiai, que eu venci o mundo, & sou o que vos hey de fazer vencedores, & darvos grande premio. São tribulações manjares de que sahe doçura, como Sanção vio que da bocca do Leão morto sahia mel, & assim disse: *De comedente exivit cibus, & de forti egressa est dulcedo*, do q̃ comia gente, & tragava homens, sahia manjar, & do forte doçura; enigma he este, que ninguem soube adevinhar, porque ninguem podia cuidar, que da tribulação sahissem comer, & do trabalho doçura, como do Leão mel, se o mesmo Sanção o não declarara, como Christo figurado nelle declarou aos homens, que das tribulações se colhia gloria, da Cruz premio, do vituperio honra, enigma muy escuro aos homens; por isso disse que erão Bemaventurados os que padecião perseguição por amor da justiça, porque delles era o Reyno dos Ceos, que das tribulações se fazem coroas não corruptiveis, *Matt. 5.*
1. Cor. 9.

mas

mas incorruptas, com que nos Ceos haõ de ser coroados os perseguidos pela justiça. Por isso as tribulações são fruttos suavissimos da Cruz de Christo, flores de sua divina graça, que significão estar perto o Veraõ, tempo de recolher vida eterna: & assim só ao attribulado chama David Bemaventurado; porque ha de comer do frutto de seus trabalhos: *Laboreres manuum tuarum quia manducabis, beatus es.*

Pf. 127.

Consideração terceira.

Iacob 1.

Act. 26.

Cant. 1.

Bernar.

Bernar.

DEve-se considerar, que são as tribulações delicias, porque taes as julgavão os Santos, que as padecião. Por delicias as tinha Santiago quando dizia, que tivessem por todo gosto cair em varias tribulações. S. Paulo dizia, que tudo desejava dar, & communicar aos Fieis, senão as suas tribulações, porque erão delicias suas: *Exceptis vinculis his,* dizia elle ao Proconsul Felix. Desejo diante de Deos, q não sómente vòs, mas todos os que me ouvem, fosseis taes, qual eu sou, & participasseis do que eu participo, tirando estes grilhões, que são gostos, & prazeres meus, que estes não quero eu apartar de mim. Esta he a ração, porque a Esposa Divina desejava para si as tribulações, & as cõsolações para os outros, naquellas palavras: *Trabe me post te, curremus in odorem.* Trazeime Senhor apoz vòs, & correremos ao vosso cheiro: aonde S. Bernardo pergunta, porque não fala sempre de hũ modo, dizendo: Trazeime Senhor, & correime, senão que diz: trazeime, & correremos. O diz o Santo, porque o seguir a Christo se faz com trabalho, & tribulação, diz ella, trazeime Senhor apoz vòs; porque para mim quero o trabalho, & a angustia de vos seguir, mas se he para vos gozar, & participar de vossos bens, *curremus,* quero que corramos muitos. Para os prazeres feção muitos, para as dores vã eu só: *Quod durum videtur retineo mihi tanquam forti, & dico trabe me.* Aquillo que parece duro para mim o quero, que sei de
minha

minha fortaleza, & posso com rigores; porém as consolações sejam para todos. E porque sei que ha almas mimosas, & delicadas, que pôdem menos com os trabalhos, quisera eu que corresse ao premio, & não que comigo apar fossem tralidas: *Volo habere socias consolationis, sed non tribulationis*: quero-as ter por praceiras na consolação, & não em a tribulação.

Consideração quarta.

Tribulações são sombras, que desapparecem, & fogem com a ligeireza que sombras passam. Os Filósofos Gentios conhecerão isto dellas por lume natural, diffinindo todos os males com que somos perseguidos, & dizendo, que afflicções, misérias, & angustias são mera imaginação, & opinião fantastica, não podendo ellas empecer a quem se sabe entender. Podeis ser tão perseguido, (diz Seneca) que vos desterrem, pois aonde vos lançarem, nunca vos tirarão a patria, ainda que tirem o lugar. Para qualquer terra que fordes, ides para a vossa terra; que aquella he a vossa patria, aonde vos vai bem, no homem está, & não em o lugar. Em vós está fazervos a tribulação mal, ou bem. Se sois sabio, não vos fará dano, se o não sois, muito vos cansará. Dizia Attalo Estoico, que mais queria andar com a fortuna em guerra, que em delicias: *Malo me fortuna in castris, quam in delitiis habeat*. quando esta me cança, então me vai bem, quando me attri- bula, então me regala. Dizia Demetrio Filosofo, que lhe parecia não haver cousa mais infeliz, que a pessoa a quem não acontecia nenhũa adversidade, pois os deuses não fazião caso della, nem querião experimentar quem era. Não temo a tribulação, (dizia Seneca) porque he adversario, que com facilidade se vence: *Non opus est in illū totā potentia mea, le- vi comminatione pelletur*. Para vencer adversidades, não he necessario sair com toda a minha potencia, pois com leves

Senec.

Attal.

Senec.

ameaças as a fugento. A fortuna sempre acommette aos mais fortes, passa pelos que o não são, porque os despreza. Entendeo que era forte Mucio, experimentou-o no fogo, a Fabricio na pobreza, a Regulo nos tormentos, a Rutilio no desterro, a Socrates na peçonha, a Catão na morte. Não se acha grande exemplo, senão em grande tribulação. Os varões militares gloriãose das feridas recebidas na guerra, com ellas vê alegres para casa, & com alegria as mostrão; & na verdade assim he, que dos que vem da guerra, mais se attenta para o q̄ vem ferido, que para o que vem saõ: *Ex acie magis spectatur qui saucius redit.* De sorte que a gloria do soldado está nas feridas, & a do homem nas tribulações, nellas se vê quem he, nellas mostra o espirito que tem. Na tempestade se vê o piloto, na guerra o soldado: & assim mal se pôde saber quem a pessoa seja nas adversidades, se sempre viveo em prosperidades; que experiencia pôde fazer contra a pobreza o que tem abundancia de riquezas? Donde saberemos da constancia do outro, contra as ignominias, se foi sempre criado cõ favores, & louvores dos homens? Estes se pôdem chamar miseraveis, que envelhecem nas felicidades do mundo, detendo-os em o mar morto a tranquillidade do caminho: julgando por novo o que ao diante lhes succede. As tribulações, & adversidades, quando são continuas, ainda tem comigo hum bem, que fazem coração de pedra a quem as padece, para não as sentir: *Quos sepe vexat infelicitas, novissimè indurat*, diz Seneca, consolando a Marcia: os que são perseguidos com adversidades de cada dia, vemse a endurecer de forte, que não as sentem. Pois se as tribulações significadas no Sandalo, tem tanto bem, & encerrão tão grandes riquezas, folguemos com ellas, & pelo menos soframolas bem, quando Deos com ellas nos visitar, como bom amigo, & Pay de misericordia.

Senec.

Senec.

Romã.

Conformidade.

Consideração primeira.

A Romã he fructo daquella arvore muitas vezes referida na sagrada Escriptura, que hũas vezes se chama *Malus granata*, outras *Malus punica*, & em Portuguez Romeira. Significa-se nella tudo o que diz conformidade, concordia, & união de vontades; porque assim como tantos grãos estão unidos, & conformes dentro da Romã, crescendo todos igualmente em suas proporções, tendo todos hũa cor, & parecendo-se muito huns com os outros: assim os corações, & vontades que se unem, & conformão, todas juntas ficão fazendo hum corpo, & hũa mystica Republica, conservando-se em hum ser, & não differençando em nada. Por semelhante conformidade dizia David: Que não havia me-

Psal. 31,

sua oração, & sacrificio ser aceito a Deos, havião todos de estar unidos em caridade, & amor fraternal, como estão tantos grãos unidos, & bem ordenados dentro da Romã; & como estes grãos são vermelhos, assim devem estar nossos corações inflammados, & acesos no amor de Deos, & do proximo, repartindo-se igualmente nossa caridade com todos, do modo que dizia David, que a caridade havia de ser como o unguento aromatico, que cahia da cabeça de Aaron à sua barba, & dahi hia correndo todas as mais partes do vestido Sacerdotal, até as extremidades delle, significando nisto, que a caridade não ha de ser só para huns, & não para outros, & os bens que desta caridade manão, não hão de parar só em certas, & limitadas pessoas. Razaõ he, que os bens comecem pelos que são cabeças, & tem superioridade; mas tambem he necessario, que dessas cabeças se repartão esses bens, & venhão aos que ficão abaixo, & são inferiores, & enfim, que desça esse oleo até os pés, & extremidades do vestido, que são os mais pobres, & miseraveis. O que então se faz ao contrario, quando as boas, & proveitosas cousas não passaõ dos grandes, que tudo querem para si, & nada para os outros, fica este unguento sem passar da cabeça. E a outros não passa das mãos, com as quaes apanhão tudo, sem chegar nada aos pés, que são os pequenos, & pobres. Pois por isso diz David, que a caridade ha de ser como este unguento, que da cabeça de Aaron descia até os pés, porque a todos se hão de repartir, & por todos se devem espalhar os bens, que do alto procedem, & a caridade tem de obrigação repartir a todos em géral.

Consideração segunda.

N Este significado da Romã quer Euquerio, & S. Gregorio, se entenda a conformidade, & união da Igreja

Catholica: porque assim como dentro da Romã estão guardados, & fortalecidos muitos grãos, assim a união da Fé está cobrindo, & amparado innumeraveis povos da santa Igreja, os quaes interiormente tem diversidade de merecimentos. E por isso mandava Deos, que naquelle vestido Sacerdotal com as Romãs se ajuntassem campainhas, para que em tudo o que dizemos, & falamos, com muy acutelada observancia, & religiosa doutrina sigamos esta união, & conformidade da Fé. E porque o Sacerdote por onde for fale, & apregoe louvores, & grandezas de Deos, sendo suas palavras ouro finissimo. E quando nos Cantares diz o Esposo, que as faces da sua Esposa são como pedaços da Romã, diz o mesmo S. Gregorio, que isto se entende pelos Pregadores, que são parte desta Romã, que he a Igreja, os quaes estão em a face della, eminentes a todos, & à vista dos povos, para que enfim, & aproveitem aos Fieis. E quando os taes se canção por aquietar, & concordar os proximos, quando se affligem pelo espirital bem da gente, & quando desprezaõ o mundo, & tudo o que nelle ha, & com seu exemplo, & doutrina alentão aos ouvintes, então são pedaços da Romã, de que o povo Fiel come, & sustenta, como de manjar de eterna vida. E então vem o Celestial Esposo à sua horta, ver se florecem as Romãs, quando os perfeitos edificão, & aproveitão os proximos, & com suas pregações, & admoestações do Ceo os guião, & levão a hũa novidade de santa conversação, desejando para elles todos os bens da alma, que hum bom pay pôde desejar aos filhos: como era bom pedaço desta Romã o Apostolo S. Paulo, que cançando-se, & desvelando-se pelo aproveitamento dos que tinha convertido à Fé, com muita brandura os chamava filhos de suas entranhas, que elle de novo trazia à luz em quanto Christo se formava, & transformava nelles. Isto dizemos acerca da Romã, que por significar conformidade, tambem nella se significa a Igreja, que purpurizada (como diz Santo Ambrosio) com o precioso

Cant. 4.

Cant. 6.

e 7.

Galat. 4.

fanguê do immaculado Cordeiro, & com o que apoz elle derramãrão tantos exercitos de Martyres, està representando hũa admiravel fortaleza, bem murada, & resguardada, aonde se encerraõ innumeraveis póvos, dos que crem, com muitos, & muy ricos thesouros, infinitas graças, & prerogativas de q̄ Deos a adornou, & ha de conservar até o fim do mundo.

Consideração terceira.

Cant. 6.

DEsce Deos à sua horta para ver se florecem as Romãs, porque desce Deos à sua Igreja, para ver se acha conformidade nella, & os fruttos que desta conformidade nascem. Desce Deos às Congregações, & Comunidades de gente religiosa, para ver a concordia, & caridade que acha entre elles, a qual deve ser muita, pois para a terem, & para se conservarem nella, vivem todos juntos debaixo da mesma Regra, obedecendo todos a huns preceitos, servindolhe de grande vinculo de caridade o estar juntos. Nota S. Chrysostomo, que sendo Job justo, permittia que seus filhos andassem de continuo em convites, convidando-se huns aos outros, pela ordem dos dias, porque antes pelo contrario parece que os houvera de tirar disso, ensinando-os que fossem abstinentes, & deixassem de frequentar convites. Mas não nos admiremos disto, (diz este glorioso Doutor) porque vêdo Job a grande conformidade que entre si tinhaõ sette filhos, que Deos lhe dera, & entendendo que o demonio invejoso desta união, os havia de dividir, & apartar com differenças, & desgostos, pois os poz entre Cain, & Abel, (que erãõ só dous irmãos no mundo, & não tinhamõ mais guerra, q̄ a desconformidade de corações) para que se conservassem neste amor, obrigava-os a que se convidassem sempre huns aos outros, & fizessem banquetes entre si, sabendo muy bem, que a mesa continua desterrava dissensões; & o comer, & conversar de huns com outros, tirava queixas, quando as pudesse

Chryf.

Job 1.

desse haver: *Quoniam ex mensa continua maligna quedam intercidentia solverentur.* E tanto invejou o inimigo infernal esta conformidade de irmãos, que os matou a todos sette ao meyo dia, em tempo que começando a comer, estavam mais unidos, & conformes em hũa mesma cousa, então os matou: *Cum ad pacem conjungebantur*, quando se ajuntavão para paz, & concordia. Esta he rara entre irmãos, & já parece que a não havia entre Esau, & Jacob, sem haver occasião disso, pois ainda não erão nascidos, quando já tinham batalhas com dor, & sentimento da mãy. Grande era o da Esposa Divina, quando dizia: *Nolite me considerare quòd fusca sim*, ninguem cuide que o ter eu a cor perdida he porque o Sol me queima o carão, & me faz negra, desgostos me tem posto neste estado: *Filii matris mee pugnaverunt adversus me*, os filhos de minha mãy tiverão differenças comigo, não os nomeyo por irmãos, pois mo não merecem: pelejão comigo, & pelejão entre si, não os entendo, nem sei porque me perseguem. Tinha Sciluro oitenta filhos machos, & estando para morrer, chamou a todos, & mandando trazer diante de si hum mólho de varas, mandou a cada hum em particular que as quebrasse; recusando elles de o fazer, porque era impossivel quebrar tantas varas juntas, tomou elle o feixe dellas, & quebrando hũa, & hũa até o fim, lhes disse: *Si concordetis eritis, invicti permanebitis*, se todos fordes conformes, & unidos entre vòs, sereis invenciveis, & conservarvos heis por muito tempo; mas se entre vòs houver differenças, & discordias de sorte, que vos aparteis da uniaõ que agora tendes: *Imbecilles eritis, & expugnabiles*, ficareis com tão poucas forças, que quem quer vos vencerà. Esta he a conformidade de irmãos, amigos, & parentes, que o Sabio louva: *Amicitia fratrum, & concordia proximorum, & vir, & mulier secum consentientes.* E esta he a concordia, & boa amisade, que faz a duas pessoas hũa cidade fortissima, quanto mais quando as vontades concordetis forem de muitos.

Chryf.

Gen. 25.

Cant. 1.

Stobeuſ.

Prov.

18.

Prov.
18.

Frater à fratre adjutus, quasi civitas firma, diz Salamaõ: o irmaõ ajudado de seu irmaõ, ou com o conselho, ou com a boa amisade, & uniaõ que tem entre si, he hũa cidade bem fortalecida. Estavaõ os Lacedemonios hum dia consultando como haviaõ de murar a cidade, que até entaõ tinha só por muro a concordia, & uniaõ de todos os cidadãos della; chegou Iseo Sophista, & vendo-os com alteraçõs entre si, repetio aquelle verso de Homero, que naquella occasiaõ tinha notavel sentido.

Philost.

Scutum haesit scuto, galea galea, atque viro vir.

E quer dizer: Hum escudo se pegou a outro escudo, hum capacete a outro capacete, hum soldado a outro soldado. E accrescentou: Fazei vòs assim Lacedemonios, & ficareis cercados de muros inexpugnaveis: dandolhe a entender, que a fortaleza das cousas consiste na uniaõ dellas, a defenõ d s cidades na concordia dos cidadãos, & a cõservação das Republicas em a paz dos que habitão nellas. Isto foi o que Licurgo depois lhes aconselhou, quando escrevendolhe os Lacedemonios, de que modo se podiaõ defender de seus inimigos, respondeo elle em breves palavras: *Si contentiones mutuas deponatis*: entaõ tereis segura defenõ contra os adversarios, que deixardes contendas, & dissensões entre vòs. Diz S. Gregorio, que por isso a Igreja Catholica he chamada terribel como esquadraõ de gente de guerra bem ordenada:

Plutar.

Cant. 6.

Terribilis ut castrorum acies ordinata; porque os seus Fieis estaõ unidos por caridade, & nunca diferentes por discordia: & por isso os malignos espiritos tem medo da multidão dos escolhidos, porque por meyo da concordia os vem unidos, & fortalecidos contra si: & por isso a Igreja lhes parece terribel como exercito bem ordenado, porque a caridade ordena tudo muito bem. S. Chrysoftomo diz, que aonde ha conformidade de corações, ahi ha abundancia de todos os bens, ahi a paz, & caridade, ahi toda a espiritual alegria: nenhũa guerra, nenhũa dissensãõ, nenhũas inimidades, & contendas,

Chrysf.

tendas, que todas estas se lanção fóra pela concordia, raiz de todos os bens: *Nihil concordia, & mutuae voluntati equi- parandum*, diz elle. Não ha cousa que se iguale à concordia, & vontade, que corresponde com a nossa. Aonde dous, ou dez estaõ conformes, ha este bem, que hum fica representãdo dez, & dez ficão fendo hum; cada hum he como se foraõ muitos, & muitos como se foraõ hum só: em dez achais hũ, & hum em dez: *Invenies in decem unum, in unum decem.* Chryf.

Pelo contrario, quem tem a hum inimigo, não guerra com hum só, mas com muitos: & quem acommette a hum, acõmette a muitos, & se fica vencido de hum, de muitos parece q̄ ficou vencido, porque não he hum só o que vos resiste, & inquieta, senão muitos incorporados em hum fugeito contrario. Esta he a excellencia da conformidade, que faz a huma pessoa invencivel, & multiplicada em muitos, de sorte que aquillo que a natureza não póde fazer, faz a uniaõ de vontades; porque faz que a pessoa, que tem bons amigos, esteja aqui, em Roma, & na Persia, & em muitos lugares; & quando tiver mil amigos, estará em mil partes. Grande excellencia da uniaõ: *Ut mille unus efficiatur*, diz Chryfostomo, que faz de hũa pessoa mil. E pelo contrario, a discordia de mil não faz hum só: & o que não tem amigos, que he grandissima ignorancia, de todos estes bens carece: por isso só de loucos he dizer, que não tem amigos, como diz o Sabio: *Fatuo non erit amicus*, só o louco não tem amigos, porque não cõsidera o bem que he ter amigos. E pois a conformidade he taõ grande bem, conformemo-nos todos no bem, & como diz S. Paulo, unidos todos em hũa vontade, sintamos huma mesma cousa, & daqui se seguirá, que todos conformes em hum espirito, honremos cõ hũa mesma voz ao Eterno Deos, & Pay de Christo Jesu: *Ut unanimes uno ore honorificetis Deum, & Patrem Domini nostri Jesu Christi.* Rom. 15.

Flor de Romã.

Perfeiçãõ.

Consideração primeira.

DA flor das Romãs se fala na divina Escriitura, quando em os Cantares convida o Soberano Esposo a Alma Santa para irem às hortas ver se as romeiras sahem com flor: *Si floruerunt mala punica.* Pela flor desta arvore entendem os Doutores sagrados a perfeiçãõ. Assim diz S. Gregorio, que entãõ vem o Esposo ver se florecem as Romãs: *Quando perfectos quosque respicit,* quando attenta para os que são perfectos, & vê como aproveitaõ cada dia mais no caminho da virtude, conhecendo nas flores os fruttos da arvore. Florecem as romeiras, diz Cassiodoro, quando aquelles que tem aproveitado em a Fé, & obras santas, tem desejo de padecer muito pela justiça, o que he proprio dos perfectos. Philo diz, que aquelles são flores de Romãs: *Qui à floribus virtutum ad fructus pervenere,* os quaes das flores das virtudes chegarãõ a dar fruttos, & fruttos de Romãs, q̃ são mysteriõs.

*Cant. 7.
Gregor.**Cassiod.**Phil. Ca.**Consideração segunda.*

NEsta flor se vem duas cousas, pelas quaes se lhe dà o significado de perfeiçãõ, convem a saber, hũa cor inflã-mada, como chamma de fogo, & a coroa, ou diadema dessa mesma cor; cousas em que os perfectos se assinalaõ, & deixaõ conhecer, como he a ardente caridade para com Deos, & o proximo, & nessa caridade a grande perfeiçãõ em que resplandecem; coroa, & diadema de gloria com que alcançaõ o Reyno dos Ceos, q̃ he Reyno da caridade. Diz pois Deos, que quer ir ver se tem as vinhas flores, & se as flores daõ fruttos, & finalmente se as romeiras florecem, porque primeiro

Cant. 3.

vè

vè se as almas significadas em as vinhas tem flores de bons desejos, & se desses desejos resultaõ boas obras; mas ultimamente busca flores de Romãs, que he perfeição das virtudes; porque como dizem os Santos, para a vida eterna nenhuma cousa aproveitariaõ as obras dos Fieis, por boas, & grandes que fossem, se nellas se não achasse a flor da Romã, que he caridade, & perfeição, significadas nella. A Romã entre todos os pomos conserva sempre consigo a sua flor, como coroa: com ella cresce, & nunca deixa de a ter, até que seja fructo, que se coma. No que se nos dà a entender, que ainda que em todas as boas obras nenhum desejo se guarde para a outra vida, que tudo tiver comprimento, quando da flor sair o fructo: na caridade com tudo sempre se conserva a flor, porque nunca se faz taõ grande obra de caridade, que ainda não fique desejo de se fazerem mayores, & mais sobidas, dando-se mais excellentes mostras de amor no mesmo Ceo: de forte que esta caridade perfeita ainda alli florece. Por isso diz o Apostolo S. Paulo: *Charitas nunquam excidit*, nunca a caridade deixa de ser, não he flor que cahe, sempre permanece, ou se acabem as profecias, ou as linguas cessem, ou a sciencia se destrua; mas quando vier o que he perfeito, quando a flor cair com fructo, & o desejo for cõmutado em obra perfeita, então se acabará todo o desejo que em parte havia, convém saber, aquelle desejo, que não era perfeito, & pelo não ser em parte o havia. Isto que fica ditto he consideração dos Padres antigos, acerca do significado da flor da Romã, que diz perfeição. Esta se alcança dos que pretendem possuilla cõ profunda humildade: assim diz Santo Augustinho: *Perfectio nostra ipsa nostra est humilitas*. A nossa perfeição he a nossa mesma humildade, quem mais humilde for, mais perfeito será, & ninguem ficará mais longe da perfeição, que quem ficar mais perto da soberba, sendo altivo, & arrogante: porq̃ por ditto do mesmo Santo: *Nil sic impedit perfectionem, quomodo superbia*: nenhuma cousa assim impede a perfeição, como

1. Cor.
13.

August.

August.

como

como a soberba, & nenhũa cousa vos tirará serdes perfeito, como cuidardes que sois perfeito; porque de outro modo não podeis ser perfeito, senão souberdes que não podeis ser aqui perfeito. A perfeição (como diz S. Chrysoftomo) não está em hũa pessoa fazer milagres, mas em ter fé, & boas obras. A perfeição de S. Pedro não esteve em resuscitar mortos, & dar vista a cegos, senão em aquella virtude, que elle

Chryf.

Act. 3.

manifestou, quando disse a hum coixo, & manco: *Argentum, & aurum non est mihi, quod autem habeo hoc tibi do:* Eu sou pobre, & não rico, não possuo prata, nem ouro, dou-te o que tenho, & posso dar, que he caridade, & desejos de te ver

Chryf.

saõ em nome de meu Deus, & Senhor: *Quotquot sponte pauperes sunt, omnia bona habent,* diz Chrysoftomo, os q̄ professaõ voluntaria pobreza, esses possuem todos os bens: muito tem que dar, a muitos podem fazer bem, disso se podem alegrar, & não de fazer milagres, como disse Christo a seus Apostolos, que se não quisessem alegrar, porque os demonios lhes obedeciaõ, mas porque seus nomes estavaõ escritos em o livro da vida pela perfeição de virtudes, em que resplandeciaõ.

Luc. 10.

Consideração terceira.

Senec.

HE muito para considerar, ver como Seneca debuxa o estado de hum homem perfeito, sendo Gentio, que não alcançava o em que consistia a verdadeira perfeição. Naquelle diz elle, entendemos que está a virtude perfeita, que sempre he o mesmo, & em toda a operação igual a si, não bom por conselho, mas por costume, & natureza; habituado não sómente a fazer bem, mas a não poder obrar cousa q̄ não seja bem. O que está aparelhado a ver a morte cõ o mesmo rosto, que ouve falar nella. O que em grandes trabalhos mostra mayor paciencia: o que igualmente despreza riquezas presentes, & ausentes, nem mais triste com a perda dellas, nem mais alegre com o accrescentamento dellas. O que não sente

a fortuna,

o fortuna, nem quando lhe entra prospera em casa, nem quando se sahe adversa fóra de casa. O que olha para todas as terras, como se todas forão suas, suas como se forão de todos. O que assim vive, como quem sabe que nasceo para os outros, & com este titulo dà graças à natureza das cousas, que o fez só para todos, & a todos para elle. Aquelle que nem guarda mal isso que tem, nem prodigamente o desperdiça, nem cuida que possue melhor cousa que o bem ganhado, nem lhe parece muito o muito que deu a pessoa digna: o que nenhũa cousa faz por opinião, mas por consciencia, crendo que faz à vista de todo o povo o que faz, sabendo-o elle só; cujo fim de comer he satisfazer a natureza, & não ao appetite; o que he agradavel aos amigos, & aos inimigos facil, & brando; o que concede a cousa antes de ser rogado, sendo o que sahe ao encontro a honestas petições. O que tem toda a terra por seu natural, aos deoses por governadores della, sobre si, & ao redor de si, julgadores de suas obras, & palavras. Aquelle que quando morre sahe deste mundo testemunhando que amou sempre a boa consciencia, os bons propositos, & intentos, não se diminuindo por elle a liberdade de alguem, nem a sua por alguem. Quem assim o fizer (diz elle) *Ad deos iter faciet*, caminha para os Ceos. Quem assim o não fizer, por alto que voe, como outro Faetonte: *Magnis tamen excidet ausis*.

Senec.
Ovid.

Consideração quarta.

A Perfeição Christã consiste em outras cousas, que os Gentios não alcançaráo; porque he hum edificio de vida espiritual, tão alto como torre altissima. Este se levanta de virtudes sobre virtudes, & quando se chega a acabar, mora Deos no homem: donde se diz em o terceiro livro dos Reys, que quando Salamão acabou de todo o edificio da casa do Senhor, lhe appareceo Deos, entrando Sua Divina Magestade no Templo, que estava perfeito, & acabado. Quem se deter.

3. Reg. 9.

determina a seguir o caminho da perfeição, não procura fazer a Deos qualquer casa, mas muy grande casa, semelhante ao Templo de Salamão, que foi perfeitissimo, quanto se pôde imaginar. E ditoso aquelle que assim concerta, & aparelha a casa, & aposento de sua alma, que receba Deos cõ digno aparelho, o qual quando comfigo o tem, he Bemaventurado, & ditoso; mas entã ditosissimo, & muitas vezes Bemaventurado, aquelle que pretendendo alcançar a perfeição, edificou a Deos grande templo, aonde mais perfeitamente goze de Deos, & de merces suas. Muitos começaõ este edificio da perfeição, mas não vaõ com elle avante, de pressa canção. Olhe cada hum que lhe não diga aquillo, que a este proposito diz Christo por S. Lucas: *Hic homo cepit edificare, & non potuit consummare.* Este homem começou a edificar, mas não levou a obra ao fim. Da pouca perseverança destes diz Oseas: *Misericordia vestra quasi nubes matutina, & quasi ros mane pertransiens,* como se dissera: Que bens podeis esperar de mim, os que sempre faltais no bem? Muito vos houvera de dar, se houvera perseverar; mas o mal he, que os vossos bons intentos, o vosso bem obrar, he como nuvem da manhã, que em lhe dando os rayos do Sol, se desfaz, he como orvalho, que em amanhecendo passa; não tendes mais que bons intentos, & esses duraõ pouco tempo.

Luc. 14.

Oseas 6.

Casca de Romã.

Modestia, Pejo.

Consideração primeira.

Cant. 6.

Rupert.

A Casca da Romã he a que na sagrada Escriitura se chama *Cortex mali punici*, falou della o Esposo dos Cantares, comparando o rosto da Divina Esposa a ella, dizendo: *Sicut cortex mali punici, ita & genae tuæ.* Por esta calca quer Theodoretto, Aponio, Ruperto, & outros Padres, que seja

seja significada a modestia, & tudo o que diz pejo, & vergonha; porque a casca da Romã tem de fóra sobre a brancura natural hũa vermelhidaõ graciosa, propriedade de rostos vergonhófos, que tendo algũa perturbaçaõ, mostraõ hũa cor rosada por cima da natural, porque com ligeireza acode o sangue àquellas partes superiores com mais espirito, & viveza, como mostrando-se aggravado, & offendido de alguma cousa que vio, ou ouvio, contraria a seu procedimento. O q̃ não acontece assim em sujeitos dissolutos de gente perdida, & viciosa; porque estes não tem vergonha, & se tem algum movimento, he de medo, & pavor, não lhes vindo o sangue ao rosto, mas acodindo ao coração, para defender sua fraqueza, quando temem sobressaltos. Outros ha que nem tem pejo, nem pavor, porque perderaõ o respeito a Deos, & aos homẽs, tendo o coração obstinado em algũas culpas. Por isso diz Nazianzeno, que quiz Deos que os bons se differençaessem dos malignos, rodeando aos bons de pejo, & aos malignos de desenvoltura, mostrando huns, & outros no rosto quem saõ, & que costumes professaõ. O Espirito Santo diz, que pelos sinais do rosto se conhece o avisado: *Ab occurssu faciei cognoscitur sensatus*, & no mesmo lugar diz, que a libré de que cada hum veste, o seu riso, & o seu andar, diz de cada hum o que he, & o que nelle se contem: *Amictus hominis, & risus dentium, & ingressus hominis enuntiant de eo*, saõ pagens porque se conhece o senhor, libré porque se differençaõ os homens. A modestia, o pejo, & vergonha, saõ vestidos de q̃ se adornaõ almas honradas, com estes mantos se cobrem, destes adereços se vestem. Estes quer o Apostolo que manifestemos a todo o mundo, quando diz que a nossa modestia seja conhecida de todos os homens: *Modestia vestra nota sit omnibus hominibus*. Quando vemos pagens vestidos de algũa libré, sabemos a que senhor servem, & se vem acompanhando diante, ou de redor, entendemos quem alli vai; assim quando vemos gente modésta, & vergonhosa com a libré do pejo,

Nazian.

Eccl. 19.

Eccl. 19.

Philip. 4.

pejo, & honestidade, entendemos a que senhor servem, & acompanhaõ: pelo que he de advertir, que quando o Apõstolo diz, que appareçamos com o vestido da modéstia, ajunta logo, que o Senhor està perto: *Dominus enim prope est*, aonde vem modéstia, pejo, & gravidade, final he que o Senhor està alli perto; porque estes criados dizem, que não vê de longe, mas que està alli: *Dominus enim prope est*. Pois q̄ cousa ha mais fermosa, que a modéstia? Que vestido mais rico, que o pejo honroso? Modéstia no vestido, modéstia na acção, modéstia na prattica, & conversação, he a cappa de q̄ vos cobris, vestido, & ornamento, que vos faz conhecido a todo o mundo.

Pois diz S. Gregorio Nisseno, comparar o Esposo as faces de sua querida às exteriores partes da Romã, foi louvar seu virtuoso pejo debaixo do enigma da Romã; porque assim como esta sustenta, & conserva a doçura do fructo, que dentro tem, assim o pejo, & modéstia alentaõ, conservaõ, & fruttificaõ as mais virtudes, que dentro da alma se contem:

Bernar. *Adverte sponsa verecundiam*, diz S. Bernardo: olhai o santo pejo da Alma Santa, que não sey se nos costumes do homem ha cousa mais agradavel que elle. Deste, como de bella flor, se deve acompanhar a mocidade, não porque em toda a idade não se haja de ter o que he ornato de todas as idades, mas porque a graça desta virtude mais contenta, & agrada naquella primeira idade. Que fermoso ornamento he o da modéstia? Que rica perola no rosto do menino, & do mancebo? Que tão certa pregoeira de boas esperanças, final de sua boa criação, testemunha da innocencia, alampada da honesta alma, que sempre luz, defensora da natural pureza, gloria da consciencia, guarda da fama, honra da vida, assento da virtude, & primicias de todas as virtudes, louvor da natureza, dom que dá gentileza, & graça a quem o tem. Bem sabeis (diz este Santo) que vosso Divino Esposo he modesto, & vergonhoso, pareceivos com elle, porque vos não estranhe; vede que
vos

vos não quer ver, & falar à vista de outrem: *Secede, sed mente, non corpore*, apartaivos, não com o corpo, mas com a alma, mas com a tenção, com a devoção, com o espirito em deserto vos quer para vos falar ao coração. Bernar.

Consideração segunda.

O Espirito Santo diz, que ha pejo, que traz consigo peccado, & pejo que traz consigo bem; porq̃ aquelle que se envergonha do mal que fez, vai-se chegando (como diz S. Gregorio) para a liberdade da vida. E o que tem pejo de obrar bem, vai descaindo do bom estado para o de sua condenação, como o Redemptor do mundo por S. Lucas diz: Aquelle que se envergonhar de mim, ou das minhas palavras, o Filho da Virgem se envergonhará d'elle, não o conhecendo quando vier com sua magestade. Pois aquelle se déve chamar defensor da verdade, que nem recea, nem se envergonha de falar o bem que sente. Deste pejo que alguns tem de se não atreverem muitas vezes a dizer verdades, & reprehender com espirito, parece que falava S. Paulo, quando dizia a seu discipulo Timotheo: *Noli erubescere testimonium Domini, & me vincitum ejus*. Olhai Timotheo, que vos não envergonheis nunca de prégarde a verdade do Evangelho, que he o testemunho do Senhor, & tambem quando inimigos vossos, & meus vos lançarem em rosto, que sois discipulo de hum Mestre, que anda carregado de ferros, por carceres, & masmorras: *Et me vincitum Domini*, não vos faça isso as faces vermelhas, porque mais padeço eu, & mais não me envergonho: *Hæc patior, & non confundor*; antes nunca me tive por mais honrado, que agora com estas algemas, & grilhões. E sou eu tão bom alquimista, que todo este ferro que trago sobre mim, hey de converter em ouro, de q̃ Deos me fará collares ricos, que me lance ao pescoço: por hora *Noli erubescere*, não vos corrais do officio que tendes,

Eccl. 4.

Gregor.

Luc. 9.

2. Tim. 1.

2. Tim. 1.

que fois jornaleiro da vinha do Senhor, & o jornaleiro não se envergonha de trabalhar, nem de tomar a enchada na mão.

A vergonha muitas vezes tira a muitos de commetter mal, & dahi fazem argumento, que se por respeito humano se deixa de fazer mal, quanto mais pelo divino. Assim succede, que com menos mal se escusa outro mayor, como he emendar culpa interior com pejo exterior. Muitos ha, que depois de perder o respeito a Deos, perdem tambem a vergonha ao mundo; & assim os males que fazem, sem vergonha os fazem; porque para os fazerem, malicia propria os incita, & pejo nenhum os afasta, como o Senhor disse de hum Juiz, que nem tinha temor de Deos, nem vergonha do mundo: *Qui Deum non timebat, nec homines verebatur*; era homem que tinha perdido a vergonha a Deos, & aos homens; dous males juntos que Deos castiga com grande rigor, como castigou a gente daquellas infames cidades, havendo muitos que na desenvoltura de offensas divinas não deixaõ de a imitar, como diz Isaias: *Peccatum suum sicut Sodoma praedicaverunt*. Peccaõ sem temor de Deos, & ja-etaõ se dos peccados que commettem, nenhum pejo tem disso, grande castigo se lhes guarda.

Consideração terceira.

DO peccador quer Deos pejo, & vergonha, isto espera d'elle, & tem por satisfação, que se corra de males commettidos. A vingança do pejo quer que lhe fique por castigo. Muito se agrada de ver quem se envergonha de o ter offendido. Santo Ambrosio diz, que por isso louva o Esposo as faces da Alma Santa, dizendo que lhe parecem fermosas: *Quàm pulchræ sunt genæ tuæ*, porque então lhe parecem rosadas, que estão corridas, então fermosas que a alma está rendida. O Profeta David dizia, que todo dia o pejo

an.

andava diante delle, & a confusão do rosto o cobria: *Tota die verecundia mea contra me est, & confusio faciei meae cooperuit me*; sobre o que diz Cassiano, que he louvavel vergonha aquella, que se não acaba logo, nem passa de pressa, senão a que dura todo dia, cobrindo não sómente a face com cor de sangue, mas tambem a alma com dor do espirito. Pelo q̄ aonde houver commetter peccados, haja pejo da commissão delles, & não pejo da confissão, & conhecimento delles, que este he o pejo que traz consigo a morte. Se David o não teve para peccar, nem depois o teve para o confessar: *Ecce labia mea non prohibebo, Domine tu scisti*, dizia elle. Senhor, não me correrei de falar, & confessar meu delitto, como vós fazeis, que se me não corri de vos offender, nem hoje me corro de vos manifestar minha culpa, para esperar o perdão della. Assim diz S. Bernardo, que o bom pejo afugenta o opprobrio, & aparta lha gloria, ou em quanto não admite peccados, ou por penitencia paga os commettidos, & pela Confissão os lança fóra. E alcançou tanto Seneca do merecimento deste pejo, que disse: *Proximum ad innocentiam tenet locum verecunda peccati confessio.*

Cassian.

Eccl. 4.
Psal. 36.

Consideração quarta.

A Modestia, o pejo, & vergonha foraõ dões muy estimados dos antigos, & muy louvados em aquelles que foraõ dotados delles. Vio Diogenes Synico a hum mancebo, q̄ acafo estava corrido, & envergonhado, sem saber o que disse, & disse lhe que estivesse de bom animo, porque a cor que tinha em o rosto, era a da virtude: *Bono animo esto fili, istiusmodi est virtutis tinctura.* Esta he a tinta, com que se faz a pintura da virtude. Cataõ Senior dizia, q̄ muito mais lhe contentavaõ os moços, q̄ por causa do pejo mostravaõ no rosto cores rosadas, q̄ amarellas, & pallidas; porque a rosada manifesta boa criação, & a pallida malicia, & refoho. He excellēte

Laert.

Plutar.

Stobens.

aquella sentença de Democrito: *Disce te ipsum multò magis, quàm alios revereri.* Nem quando estiverdes só cuideis mal, ou façais mal, & aprendei a terdes mais pejo de vòs, que dos outros. E Seneca a este proposito diz, que assim façamos tudo, como se alguem nos estivesse vendo, porque aproveita muito imaginardes que tendes quem vos vigia, & he juiz de vossos pensamentos, para vos correrdes, não só de fazerdes mal, mas nem ainda cuidar nelle: *Sic fac omnia, tanquam spectet aliquis.* Fazei as cousas, como que alguem as vê. Homero tambem teve conhecimento que havia pejo danoso, & pejo virtuoso, como acima fica ditto.

*Homer.**Valde pudor mortale genus leditque, juvatque.*

E quer dizer: o pejo ou dana muito, ou aproveita muito ao genero humano; faz mal àquelle que por timido deixa de acometer cousas boas; faz bem ao q se perturba, & altera de ver cousas mal feitas: *Quisquis pudore vacat, non sentit dolorem ex turpiter factis,* homem que não tem vergonha, nenhũa dor sente das cousas mal ordenadas; mas o que facilmente se envergonha, cedo se perturba, & move, não sómente com o mal que vê, mas com o que tem sombra de mal.

Plutar.

O pejo que faz mal, se mostra no que succedeo a Zenon Filosofo, que encontrando acaso hum mancebo seu amigo, que se escondia de outro, - porque o importunava para testemunhar falso em certo negocio: *Quid agis, inquit, ignave?* Que fazeis aqui homem covarde? Vosso amigo não teve pejo para vòs afrontar, com vos indusir a tanto mal, & vòs o tendes em tornardes pela justiça, & acodir pela verdade? Lançai de vòs tal pejo, & tal vergonha, & aonde elle a não teve para o mal, não a tendes vòs para defender o bem.

Stobens.

Quid agis, inquit, ignave? Que fazeis aqui homem covarde? Vosso amigo não teve pejo para vòs afrontar, com vos indusir a tanto mal, & vòs o tendes em tornardes pela justiça, & acodir pela verdade? Lançai de vòs tal pejo, & tal vergonha, & aonde elle a não teve para o mal, não a tendes vòs para defender o bem.

Vinho de Romãs.

Lagrymas.

Consideração primeira.

O S grãos da Romã espremidos lanção de si lagrymas de licor purpureo, de que em muitas partes se faz vinho de muita doçura, & suavidade. Deste licor se fala em a Divina Escrittura, quando no oitavo capitulo dos Canticos diz a Alma Santa, que ha de dar a seu Divino Esposo: *Poculum ex vino condito, & mustum malorum granatorum meorum.* Hum côpo de vinho composto de confeições aromaticas, & mosto das suas romãs. O que declarando os Doutores sagrados, dizem que no côpo de vinho offerece a Alma a Deos desejos de derramar por elle seu sangue, pois elle o derramou por ella. E no licor das suas Romãs offerece lagrymas de devoção, & compuncção, que ao mesmo Deos haõ de parecer doces, & saborosas. Como se differa: *Dabo tibi poculũ, &c.* Senhor, pelas infinitas merces, que me tendes feito, determino em gratificação offerecervos meu proprio sangue, se me for possivel derramallo por vòs; & assim mais vos offereço hũ côpo de lagrymas minhas, espremidas de dobrado amor, assim para com vosco, como para com o proximo, & por isso minhas, porque sahem de meus olhos, como as pingas dos grãos da Romã. Os Anjos nos Ceos offerecem-vos louvores soberanos, os Santos em a terra offerecem-vos contemplação, & oração, eu que vos posso offerecer, senão lagrymas de meus olhos: *Mustum malorum granatorum meorum*, que eu sei quanto estas vos agradaõ, & a vontade com q̃ as recebeis. São Anselmo, Aponio, Ruperto, & Theodoretto, declarando este lugar dos Cantares, isto querem significar, entendendo pelo mosto das Romãs lagrymas, cõpuncção, desejos de martyrio, & de padecer tribulações por amor de Deos.

Cant. 8.

Anselm.
Aponio.
Rupert.
Theod.

Consideração segunda.

T Em as lagrymas raras excellencias , porque primeira-
mente falaõ, & pratticaõ muito bem, como se tivessẽ
voz humana: *Oculus meus afflictus est, nec tacuit*, diz Je-
Tbren. 3. remias. O ter me eu afflicto, & derramado lagrymas de meus
olhos, o mesmo foi que falar, & não ter silencio; porque co-
mo meus olhos romperão em lagrymas, romperão em pala-
vras, & significarão mais, do que palavras podião dizer. E
muito he o q̃ os olhos dizem, quando chorão, muito o que
Batão declarão. Por isso David estava contentissimo, que suas la-
grymas estivessem à vista de Deos, ou q̃ Deos as pufesse à sua
vista, porque ellas arzeoarião muy bem por elle: *Posuisti*
Psal. 55. *lacrymas meas in conspectu tuo.* Pufestes Senhor minhas
lagrymas à vossa vista, para as verdes, & ouvirdes, como
cousa que vos dà gosto, musica que vos agrada, palavras elo-
quentes que vos suspendem, & elevão. Que parece que a flim
como ninguem sabe tirar os olhos da cousa em que tem gos-
to, nem Deos os tira das lagrymas que vè correr, porque leva
gosto em as ver derramar, & de ouvir sua eloquencia, como
de linguas de muita erudição: *Et tamen hæ lacrymæ pou-*
Ovid. *dera vocis habent*, dizia Brises a Aquilles, que as suas lagry-
mas tinhão peso, & vigor de palavras, porque quem chora,
Ambr. muito significa. Santo Ambrosio diz que lagrymas alcan-
ção muito: *Lacrymæ tacite preces sunt, veniam non po-*
stulant, sed merentur. Lagrymas parecem que callão, mas
saõ linguas que rogão, & fazem instancia, saõ supplicas de
muita efficacia, não pedem perdaõ, mas logo o alcançaõ.
Mat. 26. Quando S. Pedro negou a Christo, que se converteo a elle,
não lemos que falasse, que abrisse a bocca, ou fisesse grandes
exclamações, senão que chorou amargosamente: *Flevit*
Luc. 22. *amarè*, não acho o que diffesse, (diz Ambrosio) nem o que
Ambr. falasse: *Non invenio quid dixerit*, acho que chorou, & não
que

que falou; leyo de suas lagrymas, & não de suas palavras: não de outra oração que fizesse, nem satisfação que tivesse, senão que chorou amargamente. Com lagrymas lavou o delitto q̄ teve pejo confessar com a bocca, porque são ellas orações que não pedem perdão com a voz, mas alcanção no com o merecimento; não allegão justiça, & achão misericordia. Antes tem de excellencia, que palavras muitas vezes enganão, lagrymas não enganão. A practica nem sempre manifesta o negocio que trata, mas as lagrymas descobrem todo o affecto. Por isso não usa Pedro de palavras, com as quaes negou, & perdeu a Fé, porque o não deixem de crer, usa de lagrymas, em que não ha engano, nem suspeitas, & são boas testemunhas da dor que se padece, sinaes certos do coração, que está ferido, linguas que se declaram bem, embayxadas que se mandão ao Rey da Gloria, dadivas que quebrantão penhas: porq̄ para Deos não ha dadivas como lagrymas, que o rendem. Quem tiver culpas soborne com ellas a Divina Justiça, se a quer render; porque ainda que a sentença esteja dada, lagrymas a farão revogar. Nos juizos seculares, dada a sentença de morte, não ha revogar-se, & por mais que a pessoa chore, ha de morrer sem remissão: no juizo de Deos dada sentença de morte pelo peccado cometido, lagrymas do delinquente alcanção perdão, & revogaõ a sentença. Por isso chama Christo Bemaventurados aos que choraõ, porque com lagrymas apagaõ delittos, & alcanção graça, & gloria: *Magnus profectus lacrymarum*, diz Chrystomo. Grande he o proveito das lagrymas. Ellas reconciliaõ o servo à graça do senhor, com ellas o filho mitiga, & abranda o pay, & o peccador afasta de si a ira de Deos, que folga muito de ver chorar a quem erra, daõlhe gosto lagrymas de coração contrito. Assim dizia S. Paulo a Timotheo seu discipulo, que desejava muito velo lembrado de suas lagrymas: *Desidero videre te, memor lacrymarum tuarum*; porque se alegrava de lhe ver de continuo o rosto banhado em lagrymas, que eraõ sinaes do fogo

Mat. 13.

Chryf.

2. Tim. 1.

do amor divino, que dentro em seu coração ardia. E assim
 são estas muitas aonde se acende este ardente fogo, como diz
August. Santo Augustinho: *Lacrymæ multæ, ubi spiritalis ignis
 accenditur.* E como lagrymas procedem de fogo, tem esta
 propriedade, que saindo pelos olhos, não descem para baixo,
 mas sobem para cima, & chegando como fogo à sua esfera,
 convertemse em vivos raios. Sobem contra seu natural, &
 quanto mais vão ao alto, fazem descer abaixo a misericordia
 de Deus. Em fim lagrymas no Ceo vão parar, que se o mar
 de misericordias está sobre os Ceos, lagrymas são rios, & rios
 todos correm ao mar: *Flumina intrant in mare.* Lá vão
Eccl. I. dar nesse immenso mar de misericordia. Crescem lagrymas
 como chuvas em a tempestade. E se apoz a tempestade vem
 bonanças, a poz a chuva Sol, a poz lagrymas apparece o Di-
 vino Sol de Justiça, a poz o pranto vem consolações do Ceo.

Consideração terceira.

Pf. 125. **L**agrymas por onde correm, vão fazendo sementeira, de
 que se colhe copioso fructo: *Euntes ibant, & flebant*
 (diz David) *mittentes semina sua,* como se dissera: chora-
 vão, & semeavaõ, porque quem chora semea, & depois reco-
 lhe abundantemente, colhendo gostos de trabalhos, & de la-
 grymas consolações. E por isto diz logo, que aquelles que se-
 mearaõ lagrymas, virão com alegria trazendo as mãos cheas
Pf. 125. de fructos que recolherão: *Venientes autem venient cum
 exultatione portantes manipulos suos.* O que se semea sem
 lagrymas, se chega a nascer, não chega a dar fructo; porque
 terra sem agoa que fructo ha de dar? *Anima mea sicut terra
 Pf. 142. sine aqua tibi.* São lagrymas agoa que regaõ a terra para dar
 fructo, & tem mais, que sendo agoas da terra, regaõ ao Ceo.
 São lagrymas não sòmente rios que correm ao mar, mas são
 diluvios aonde se afogaõ peccados, como diz Nazianzeno.
 Peccados do mundo ficaraõ alagados com as agoas do dilu-
 vio,

vio, peccados agora ficão afogados no diluvio das agpas, q̄
 faõ as lagrymas. E como diz Chrylostomo, tem força, & vir- *Chryf.*
 tude para apagar o incendio do inferno. Se aquella pinga de *Luc. 16.*
 agoa, que o Rico Avarento desejava no inferno para refri-
 gerio do fogo que padecia, assim como a desejava depois da
 morte, a derramara na vida por seus peccados, bastante fora
 para lhe apagar esse fogo, que já entãõ se lhe apparelhava; mas
 quem na vida não derramou hũa lagryma por suas culpas, jus-
 to he que no inferno suspire por hũa pinga de agoa, para re-
 frigerar o fogo que padece por essas culpas. E quando se es-
 tas derramaõ em vida, saõ de tanto valor, que hũa só lagryma
 apaga grande fogo da ira de Deos. Assim mandou Deos dizer
 por Isaias a El-Rey Ezequias: *Vidi lacrymam tuam.* Tinha- *4. Reg.*
 vos mandado dizer, que cedo havieis de morrer, & que dif- *20.*
 pufesseis de vossa casa, fostes taõ avisado, que ouvindo este
 recado, chorastes. Hora eu vi a vossa lagryma, & revogo a sen-
 tença, ainda vos dou de vida quinze annos, & daqui a tres
 dias ireis ao Templo. E se Deos diz que revoga a sentença de
 morte, porque vio hũa só lagryma, que não farà quando las
 lagrymas forem muitas? Ou se forem como rios, quaes Jere-
 mias quer que se derramem: *Deduc quasi torrentem lacry-* *Thren. 2.*
mas. Derramai lagrymas como rios de agoas, & como David *Psal. 41.*
 as derramava de dia, & de noite, dizendo: que essas eraõ o
 seu paõ, & seu refrigerio; porque quem as chora com espiri-
 to do Ceo, acha nellas grande alivio, & consolação, tendo-
 as por manjar saborosissimo. Assim suspirava Santo Augusti- *August.*
 nho por aquelle tempo de sua conversãõ, em que tinha abun-
 dancia de lagrymas: *Fluebant lacrymæ, & bene mihi erat*
cum illis. Corriaõ de continuo as lagrymas de meus olhos, &
 entãõ me hia bem: andava consolado, & alegre. E se Deos fal-
 ta muitas vezes com esta consolação de lagrymas aos seus es-
 colhidos, ahi se verá que saõ lagrymas riquellas, q̄ Deos muito
 estima; pois com dar cada dia muitos favores às almas, que o
 amaõ, as lagrymas nem sempre lhas dà; & quando as dà, he
 mimo

mimo particular, que lhes faz, & assim ficaõ ellas sendo muy suaves a quem as derrama por amor de Deos; porque ainda quando o coração està triste, com ellas desabafa, & tira a dor, & tristesa, que a alma padece.

São lagrymas taõ fortes, que de hum certo modo fazem força a Deos, & o vencem. Lutou Jacob com Deos toda a noite: as forças com que lutou, dizem que foraõ lagrymas, conforme o testemunho de Oseas, que falando d'elle, diz: *In fortitudine sua directus est cum Angelo, & invaluit ad Angelum, & confortatus est: fleuit, & rogavit eum*, o q̄ vem a dizer: Entrou Jacob em peleja com o Anjo, teve-se com elle em a sua fortaleza, prevaleceo para com o mesmo Anjo, & tomou forças, as quaes consistiraõ em as lagrymas que derramou, & nos rógos que lhe fez: *Fleuit, & rogavit*, de modo que a sua luta foraõ lagrymas, as suas forças lagrymas, & o seu vencimento consistio em lagrymas: *Fleuit*, chorou, & venceo ao mesmo Anjo; porque lagrymas são as que o rendem na mayor luta, & guerra, que hũa alma com elle póde ter.

Consideração quarta.

O Divino Esposo compára os olhos da Alma Santa aos tanques, ou piscinas de Hesebon, que estavaõ à entrada da Cidade de Hesebon, junto a hũa praça que chamavaõ *Porta filiae multitudinis*; diz pois que são seus olhos como piscinas, porque da meditação, ou compuncção de hũa alma hão de correr abundancias de lagrymas, que fação tanques. Hesebon quer dizer, cinto de dor: *Cingulum doloris*, porque a alma que se rodea, & cerca de dor, & de meditações da Payxaõ de Christo, com as lagrymas que derrama, póde fazer piscinas grandes. E por isso piscinas, & não fontes, ou rios; porque as piscinas, & tanques servem de lavar, & conservar peixes dentro. As lagrymas lavão a hũa alma chea de maculas, deixão-na limpa, & pura. Tambem conservaõ os

bons

bons desejos, significados em os peixes, porque (como peixes) correm, & vão os desejosa diversas partes com muita ligeireza. Estão estas piscinas à porta da filha da multidaõ, porque se entende o mundo. Lagrymas só no mundo as ha, nesta confusaõ, & multidaõ do mundo se derramaõ, que quanto na outra vida: *Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis sanctorum*, naquelle lugar alimparà Deos as lagrymas dos olhos dos Santos. O mundo tambem se chama valle de lagrymas, aonde todos tem tanques, & piscinas de agoas, porque todos temos occasiaõ de chorar muitas lagrymas, porque esta he a fazenda que nos ficou depois da inobediencia de nosos primeiros pays. Mas como diz Chrystomo, o q̄ Deos nos deu em pena, converteo depois em saude. O peccado gérou a dor mãy das lagrymas, & esta dor gérendo as lagrymas, matou depois ao peccado. E assim como o bicho nascendo em a madeira, roe depois, & come a essa madeira, de que nasce: assim a dor introduzida no mundo pelo peccado, comeo, & tragou a esse peccado, & isto por virtude das lagrymas, que tem de natureza comer peccados. Assim se chamaõ as lagrymas esponjas de peccados; porque como a esponja chupa, & chama a si a agoa, assim as lagrymas chamaõ, & sorvem em si multidaõ de peccados. Estas como fica ditto, são significadas em o vinho das Romãs. Estas as que a alma offerece a Deos. Estas lhe offereça cada hum de nós: *Poculum malorum granatorum meorum.*

Incenso.

Oração.

Consideração primeira.

Arvore que dà o Incenso, (diz Plinio) que sómente se acha na regiaõ Sabéa, celebre no mundo, pelo Incenso, que por todo elle reparte. Até o seu tempo, & muito depois

Plinius.

depois disso não houve saberse que arvores essas fossem, nem o soberão dizer huns Embayxadores, que em tempo de Plinio vieraõ de Arabia a Roma ; mas sabe-se que se dão em hũs arvoredos, que aquella gente tem em muita veneração, colhendo delles duas vezes no anno o Incenso, (de que os troncos estaõ cubertos) o qual com muitas ceremonias arrancaõ, & trazem às suas povoações, dando dizimo delle aos sacerdotes de hum seu idolo, chamado Sabin. Conhece-se a bondade do Incenso na altura, grandesa, & delicadesa delle, & no arder depressa quando o lançaõ no fogo. Na sagrada Escrittura se fala muitas vezes em Incenso, com o qual mandava Deos que se lhe perfumasse o Altar, sendo esta a principal cerimonia, que havia nos sacrificios antigos, & ainda hoje he na Ley da Graça. O significado que tem, notorio he em a mesma Escrittura, dizendo David, que como Incenso seja sua oração dirigida à presença de Deos: *Dirigatur Domine oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* Assim diz S. Gregorio, que pelo Incenso, que a Deos se offerece, se entende a virtude da oração. Santo Augustinho diz, que a oração puramente dirigida do coração fiel, assim sóbe a Deos, como o Incenso do Altar se levanta às nuvens. S. Chrystomo chama Incenso puro à verdadeira oração, cujo cheiro alegra a Deos, & à sua vista fica sendo muy agradavel. Quereis saber (diz elle) quão preciosa seja a oração? Nenhũa virtude he semelhante ao Incenso, que se offerece a Deos, senão a oração q̄ fazemos a esse Senhor. Deixa-se ver na revelação do Evangelista S. Joã, aonde hum Anjo principal se poz defronte do Altar com hum thuribulo de Incenso muy cheiroso em as mãos, que logo declarou que eraõ as orações dos Justos offerecidas a Deos. Assim como a suavidade do Incenso bem composto deleita ao homem, assim he a oração do Justo suave a Deos. Quereis saber a sua dignidade, diz este Santo Doutor, no mesmo instante que a oração sahe pela bocca de quẽ a faz, he recebida nas mãos dos Santos Anjos, & offerecida ante

*Ex. 29.**Lev. 4.**2. Mac. 2.**Pf. 140.**Gregor.**August.**Chryf.**Apoc. 8.**Chryf.*

ante o throno de Deos, como disse o Anjo a Tobias: *Ego sum* Tob. 12.
qui orationem tuam obtuli ante Deum, eu sou o que offereci tua oração a Deos, pois se quereis saber a sua virtude. A oração dos tres meninos fez que o ardente fogo da fornalha, aonde forão lançados, não os queimasse, nem fizesse mal algum, antes os recreava de sorte, que parecendo chamma em a especie, era na obra alivio de fresca sombra. Dan. 4.

O mesmo S. Chrysoftomo sobre aquelle verso: *Dirigatur* Chryf.
oratio mea, do Psalmo quarenta, nos ensina, que nossas orações sejam puras, & cheirosas, porque tal he a justiça. E assim como o Incenso per si he cheiroso, & então muito mais cheiroso, quando o lanção nas brazas: assim a oração per si mesma he boa, & de muy suave fragrancia, & então muito melhor, quando he offerecida com ardente, & fervoroso animo, & quando o coração inflammado se faz thuribulo, que se acende no vehemente fogo da caridade. O Incenso não se lança, se primeiro não houver fogo aceso, & sem que ardão as brazas: *Hoc ipsum fac tu quoque*. Isto mesmo fazei vós em a vossa alma, acendei-a primeiro com a promptidão, & viveza de espirito, & com soberana alegria do coração, a poz isso lançai o Incenso, offerecei vossa oração, ponde o espirito nas brazas da devoção, & vossa viva fé no fogo da meditação, do jejum, da penitencia, que tal oração como essa sóbe depressa ao Ceo, & fica de suavissimo cheiro ao Senhor que a recebe. E para mais depressa subir ao Ceo, diz Santo Augustinho; que a oração tem duas azas ligeiras em voar às nuvens: estas são as que faz o jejum, & a esmola. August.

Consideração segunda.

A Oração he hum lugar de todo prazer, húa casa de recreação, aonde Deos põem aquelles que favorece: *Adducam eos in montem sanctum, & letificabo eos in domo orationis meae*, diz Deos por Isaias. Aos que eu trazer Isai. 53.

nos olhos, levallos hei ao monte santo, & na casa da oração os recrearei; porque nella acharão os Justos todos os prazeres que desejam: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos*, diz David. Naquelle lugar, Senhor, lhes dareis a beber enchentes de vosso ineffavel gosto. Destes arroyos de prazer celestial, & deste rio de mel da oração não goza o peccador, que anda afastado da graça de Deos, pelo qual se entende aquillo de Job: *Non videat rivulos fluminis, torrentes mellis, & butyri*. O homem que para o bem he cego, não veja as agradaveis correntes do rio, nem as abundancias de mel, & manteiga, de que Deos enche a alma do Justo. He a oração hum favo fermosissimo, que distilla mel suavissimo, de que Deos diz à Alma Santa: *Favus distillans labia tua*, porque da bocca do que ora se distilla mel de sabor agradavel a Deos, & tantas são as distillações deste mel, que cahem na bocca de Deos, quantas as vozes que se pronuncião com affecto da alma, & satisfeito Deos da doçura deste mel, diz à mesma alma: *Vox tua dulcis*. A vossa voz me fica sendo muito doce, as vossas palavras suavissimas, & quando na oração as ouço, tenho convite de mil sabores. Do mesmo modo he a oração aquella fita encarnada da cabeça da Pastora do Ceo, de que o Esposo Divino falando com ella diz: *Vita coccinea labia tua*. Semelhança de que usa para mostrar a força, valor, & graça da oração, que concerta, prende, & ata os cabellos da cabeça, como fita, a qual por isso se chama encarnada; porq̃ a oração fervorosa inflamma, & acêde a alma de divino amor, & caridade ardentissima, pondolhe diante dos olhos perfeições divinas, & merces celestiaes. E chama-se fita, porque prende à alma o habito da Fé, da esperança, & do temor de Deos: prende a caridade à humildade, quando considera a Christo humilde: prende a paciencia a essa caridade, quando medita em sua Morte, & Payxão. Prende deste modo todas as virtudes a mesma caridade, que he cabeça de todas ellas, com tal graça, & perfeição, que ficando a caridade fermosa,

&

& engraçada com tão rico enfeite, olhando para ella o Apóstolo S. Paulo, diz: *Charitas patiens est, benigna est, non æmulatur, non agit perperam, non inflatur.* A caridade está muito fermosa com a fita da oração em a cabeça, porque essa a faz parecer bella na paciencia, agradavel na condição, fermosa na bondade, modésta no procedimento, prompta para fazer a todos bem, & a ninguem mal. He mais a oração fita, porque recolhe, & prende os cuidados sobejos, entendidos nos cabellos; & para que não andem soltos, & espalhados, ata-os à cabeça, que he Christo nosso Deos, & Senhor: & ultimamente prende com a vontade do Justo todas as cousas criadas, & o mesmo Deos Creador dessas cousas. Prende as cousas criadas, porque com suas forças todas traz a si, & faz que obedeção a sua vontade. Orou Elias ao Ceo, que não desse agoa por muito tempo; bastou sua oração para prender o Ceo, que por muitos annos não chovesse. Orou Elias, & pedio ao Ceo que chovesse, eis que a oração de Elias traz a si nuvens carregadas de agoa, com que de repente cobrio a terra. Orou Josué, & pedio ao Sol que parasse, pára o Sol, & obedece à oração de Josué. Orou El-Rey Ezequias, & eis que sua oração faz tornar a sombra do Sol dez linhas atraz, o que como dizem os Doutores sagrados, não podia ser sem tornar atraz o movimento dos orbes celestes. Orou Eliseu, & com esta fita da oração trouxe a si do Ceo innumeraveis exercitos de Anjos. E com a mesma fita levou presos esquadrões del-Rey de Syria da Cidade de Dotaim até a de Samaria, donde sahirão os moradores a destruillos. Orão os Apóstolos em companhia da Virgem Maria Mãe de Jesu, & com esta fita da oração trouxerão a si o Espirito Santo, que desceo sobre elles em fôrma de fogo. Porém já esta fita da oração he mais forte, que se fora cadea de ferro. Perguntava Deos a Job, se teria elle força para tirar a Leviathan da agoa, & prendello com cordas, ou cadeas: *An extrahere poteris Leviathan hamo, & fune ligabis linguam ejus?* Dão a entender, que

1. Cor. 13

3. Reg. 17.

3. Reg. 11.

4. Reg. 20.

4. Reg. 6.

Act. 2.

Job 40.

Marc.

August.
Plutar.
Ovid.

Ex. 10.

Ex. 32.

que ninguem era tão forte, que tirasse ao demonio da lagoã infernal, aonde está, nem havia cadea tão grande, que o prendesse, & atasse. Mas depois que Deos veyo à terra para lançar della ao principe das trevas, ficou isso tão facil ao homem, q̃ com a fita da oração póde prender ao demonio, & atallo em cadeas de fogo; & não digo eu já com a fita da oração, mas com hum delicado, & subtil fio da oração. Esta força, & valor, que nella ha, deu o Senhor a entender naquellas palavras, que disse a seus sagrados Apostolos: *Hoc genus demoniorū in nullo potest ex ire nisi in oratione, & jejunio.* Se dizeis q̃ não podeis lançar o demonio do corpo deste homem, sabei que este genero de demonios só se prende, & ata com a fita da oração; só esta tem força para os lançar fóra. De Claudia Romana, donzella nobilissima, contão diversos Authores por grande prodigio, que para prova de sua pureza (que padecia infamia): estando hũa nao em secco, que mil homens a não pudérão mover, ella com hũa fita a trouxe a poz si. Pois se tal prodigio aconteceu a hũa donzella Gentia com hũa fita de seda, que atou à nao, que força, & que vigor não terá a fita da oração de hũa alma santa, para não trazer a si quanto quizer? Certamente que tudo lhe obedece quanto ha na terra, & no Ceo, aonde he mais para maravilhar, que o mesmo Deos, & Creador dos Ceos, obedece à oração, & se dà por vencido della. Estava muitas vezes Deos para com justas causas destruir o povo de Israel, punha-se Moyfes a orar, & via-se Deos tão impedido com a oração de Moyfes, para não ir avante, que lhe dizia: *Dimitte me, ut ira scatur furor meus.* Deixaime Moyfes, & não me ateis as mãos, para que eu deixe de castigar a este povo: deixaime com vossa oração, que esta me impede executar meu furor. Vós sois o que me fazeis grande força, vou para castigar, & não posso. Por fim vencia Moyfes, & assim lemos neste, & em outros lugares, que o Senhor se aquietava, & dimittia de sua ira: *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat.* Bem ad-
vertio

vertio esta força da oração de Moyses o Profeta Rey, quando diz: *Et dixit ut disperderet eos: si non Moyses electus ejus stetit in confractiōe ejus, & averteret iram ejus.* Bem determinava Deos destruir aos Israelitas, se Moyses seu escolhido não se pufesse de permeyo, com quebrar o idolo, que adoravão por Deos, & com lhe fazer notavel força com as armas da oração, para que os não destruiffe, & foi assim, que com ella venceo, & obrigou a que não executasse sua ira. E temos hum Deos tão bom, que quando està para fazer alguns castigos, espera que se lhe ponha alguem diante com as armas da oração, & o obriguem a não castigar. Disto se queixava por Ezequiel, dizendo que em algũas occasiões que houve de proceder com castigos, buscou quem se lhe pufesse diante a impedillo, & não o achãra. Busquei (diz elle) hum homem, que *Staret oppositus contra me pro terra, ne dissiparem eam, & non inveni.* Por isso a Alma Santa diz, que he muro, & castello, porque sendo dada à oração, & aproveitando-se destas armas para o que quer, fica sendo hũa torre inexpugnavel. Por isso a oração se chama cavallaria espiritual cõtra os inimigos da alma. Vinha Faraõ com innumeraveis exercitos para destruir o povo de Israel, põem-se diante delles a oração de Moyses feita a Deos, vence-os a todos, subvertendo-os no mar. Venha Lucifer com todas as furias do inferno, & tentações do mundo a guerrear o povo de Deos, ponha-se contra elle a oração de hum só Justo, & serà bastante para o destruir com todo seu poder, & manhas infernaes; porq̃ a oração faz as almas vittoriosas, & estas são as armas, com que se vencem os inimigos da alma. Com estas prevalecia David contra seus adversarios, & assim como outros Reys se valem de forças humanas, este santo Rey se valia das divinas, guarneendo dellas o seu campo; que a alma sem oração he como exercito sem vallo, como cidade sem muro, cercada de inimigos. E este he o presidio, que quem teme a Deos, ha de pòr em as

Ps. 105.

Ezec.

22.

Cant. 8.

Cant. 1.

Ex. 14.

virtudes que tem adquirido, oração para as conservar, & mais oração para as fortalecer; porque não basta ganhar a terra, para que esteja segura, senão que se lhe ha de pôr guarda, & presidio, que sustente o que está ganhado, como fez David em Syria, que depois de a conquistar, lhe poz presidio, em final, que não basta adquirir virtudes, se não houver conservallas com a fortaleza da oração. Estas são as armas, com que se alcançaõ illustres vittorias. E tem ellas esta differenea das armas do mundo, que o uso destas está só nas mãos dos que pelejaõ, ou sejaõ espadas, ou lanças; mas o uso das armas espirituales da oração está na bocca, & juntamente nas mãos: *Exaltationes Dei in gutture eorum, & gladii antipites in manibus eorum*, diz David; no que parece que nos dà a entender duas cousas; como he que os louvores de Deos, (que são as orações dos Justos) pronunciando se pela bocca, ficaõ sendo espadas de dous gumes nas mãos, para com ellas pelear, & vencer aos inimigos: ou tambem, que nesta guerra de cada dia ha mister oração em a bocca, & boas obras em as mãos. O Christão deve orar, & obrar bem, como o significou o Doutor das Gentes S. Paulo, dizendo: *Volo viros orare in omni loco, levantes manus puras*. Quero, & ordeno que os Fieis orem em todo lugar, com pureza de obras, que isto he orar com levantar mãos puras ao Ceo, & isto he ter espadas de dous gumes nas mãos, quando nellas se vem obras, & na bocca louvores de Deos. E estas são as mãos, que Moyfes levantava ao Ceo para vencer os inimigos, quando não sómente orava, mas juntamente levantava as mãos; porque a oração deve se acompanhar de boas obras. Estas são as espadas da oração, que tem nas mãos aquelles fortissimos varões, que rodeaõ o leito de Salamaõ: *Omnes tenentes gladium, & ad bella doctissimi*; porque aquelles que se chegaõ a Deos, & o cercaõ com santas meditações, sempre tem espadas

nas

nas mãos, que tem oração em a lingua, & entaõ são doutísimos, & muy aptos para as guerras do espirito, porque naõ tiraõ das mãos estas espadas: *Omnes tenentes gladium.*

Consideração terceira.

DIZ Santo Augustinho, que temos necessidade de *August.*
 orar huns pelos outros, & que mais depressa ouve Deos as orações de huns, que dos outros, porque differentemente lhe he aceita a oração do que vive, & obra bem, que do que naõ vive, & procede bem: *Orante homine probo nihil potentius*, diz Chrysoftomo, naõ ha cousa mais poderosa, que a oração de hum Justo. As nossas são *Chrysf.*
 frias, & muitas as cousas que as enfraquecem, & tiraõ o valor. E o mais certo he, que naõ sabemos orar como convem, sendo certo, que nos convem orar em todo tempo, como o encommendou o Filho de Deos: *Oportet orare, & non* *Luc. 18.*
deficere. E como o encommenda S. Paulo: *Sine intermissione orate*, o que declarando Beda diz, que aquelle ora de *Theff. 5.*
 continuo, que naõ cessa de obrar bem, sendo santo, & justo: *Beda.*
Non desistit orare, qui non desistit bene agendo, justus esse. E a pessoa que quizer orar, em todo lugar que estiver, & se recolher a orar, tem Deos apar de si, & junto a si para o ouvir; porque David diz que o Senhor està chegado aos que chamaõ por elle. E muito he o que Deos dà aos que *Ps. 144.*
 oraõ, muito o que concede aos que sabem bem pedir. Mas quando nossas orações naõ são ouvidas he, ou porque de nossa parte naõ vaõ bem dirigidas, ou porque na tardança de nos fazer as merces, que lhe pedimos, nos quer Deos habilitar de merecimentos, que por entaõ nos faltaõ, & com a dilatação do tempo se vaõ adquirindo.

Grandes são as excellencias da oração, a qual he o mesmo, que pratticar, & conversar com Deos, final de grande amor

para com elle, armas poderosissimas contra o demonio, me-
finha do Ceo para todas as enfermidades, & de tanto pro-
veito para os homens, que naõ he menos necessario o orar
para a vida espiritual, do que o comer para a vida corporal.
Orar a Deos he graça de Deos, & della carece quem naõ ora,
nem trabalha por isso. Nõs outros, ou façamos oraçaõ com a
voz, ou em silencio, o coração he o que fala, o que chama, &
o que ora: a este ouve Deos. E se quereis que Deos ouça bẽ
vossa petiçaõ, firmai em vosso coração a Ley de Deos, & ve-
de o que pedis, como pedis, & a quem pedis, que saõ tres cir-
cunstancias que haõ de andar junto a quem ora; & a oraçaõ
bem ordenada mais se deve fazer com affectos da alma, que
com clamores da bocca. E se quereis orar em o templo, que
he proprio lugar da oraçaõ, orai dentro em vòs, porque co-
mo diz S. Paulo: *Vos estis templum Dei*, vòs sois templo
de Deos, aonde elle deve ter sua morada, & naõ o demonio,
que a oraçaõ afugenta do aposento da alma.

2. Cor. 6.

Pois a oraçaõ he significada pelo incenso, seja este o que
de continuo offereçamos a Deos, para que de continuo lhe se-
jamos agradaveis; que se alguma cousa nos faz covardes pa-
ra as cousas de Deos, he o grande descuido que muitos te-
mos da oraçaõ, parendonos sem ella difficultoso, o que
com ella fica sendo muy suave. Esta pois seja a voz da ro-
la, que se ouça em a nossa terra: *Vox turturis audita est
in terra nostra*. E se como quer S. Gregorio, que pela nos-
sa terra se entenda o Ceo, patria nossa, ouça-se esta voz de
rola, que he nossa oraçaõ, de continuo nesse Ceo, para que
o Senhor delle tenha por bem concedernos o premio, que
esperamos por meyo da oraçaõ, que seja nosso exercicio quo-
tidiano.

Cant. 2.

Gregor.

Videira.

Alegria.

Consideração primeira.

Muito se dilata o glorioso Santo Ambrosio em louvores da videira, tantas vezes referida em a Escrittura sagrada. Dos significados que tem, o principal he de alegria. Collige se daquelle exemplo do nono capitulo dos Juizes, aonde cõmettendo as arvores à videira, se queria aceitar ser rainha de todas ellas, respondeo que não podia deixar o seu vinho, com o qual os homens se alegrão na terra, & os deoses no Ceo; mostrando nisto, que nenhũa cousa tinha mais propria, que alegrar a gente, & aonde tinha tão bom officio, não queria outro cargo, por honroso, & eminente que fosse. Assim diz Salamão, que o vinho bebido com moderação he contentamento da alma, & corpo. David tambem diz, que o vinho alegra o coração do homem. Os Medicos dizem, & a experiencia o mostra bem, que não ha melhor antidoto para a tristesa, que o vinho, & os que forem melancolicos, quanto mais subtil, & delicado vinho beberem, gerarão melhores humores, resistindo ao maligno que tem. Socrates dizia, que o bem que erão as mandragoras para a vida, o azeite para o fogo, esse he o vinho para o coração. Em os Proverbios se diz, que demos vinho aos que padecem amargura. S. Chrysostomo diz, que não ha mais presente remedio para a tristesa, que o uso do vinho, de forte que o excesso delle não prejudique ao bem que delle procede; porque da demasia do vinho nasce o demasiado prazer, que muitas vezes dà em furia, & deliramento do juizo. Donde dizia Plataõ, que nem se deve dar vinho aos que andão na milicia, nem aos servos, & escravos. E que tambem os pays de familias devem usar delle com temperança. Já os que forem Juizes, & Ministros pu-

*Jud. 9.**Eccl. 34.**Pf. 103.**Galen.**Socrat.**Prov. 31.**Chryf.**Plat.*

blicos, em nenhum modo o havião de beber. O que parece que tinha lido em Salamão, aonde a mãy de Lamuel (que quer dizer mãy daquelle, com quem Deos està) faz muita instancia em lhe encomendar que não dè vinho aos Reys, porque não ha segredo aonde reyna a intemperança deste licor:

- Eccl. 31.* *Noli Regibus dare vinum.* Alexandre Magno, sendo Principe de muita clemencia, & piedade, nunca fazia obras indignas de sua pessoa, senão quando bebia vinho, que alheyo de seu juizo matava os mayores amigos seus, de que depois lhe pesava muito. Cleomenes Rey dos Espartas, bebendo huma vez mais do que convinha, endoudeceo, & ficou furioso. Diz Santo Ambrosio, que não forão bastantes as agoas do diluvio para fazer despir a Noè, & ficar nù, & que o vinho o chegou a descompor de sorte, que ficou nù, descomposto, & fóra de seu juizo. Diz Hecateo, que nem os Sacerdotes Egypcios, nem os seus Reys bebião vinho, imaginando que a videira nascera do sangue dos Gigantes, que na terra se derramou, donde procedia, que o vinho tinha de propriedade causar furor, & doudice. Nem os Gentios offercião vinho a Mercurio, senão leite, porque o vinho assombra muito o entendimento, impedindo a expedição, & correntesa de falar, porque engrossa a lingua, & como Mercurio era deos da eloquência, não lhe podia ser aceito licor que tanto impede a subtilidade, & facilidade de bem dizer.

- Tornando ao significado, que a videira, & o vinho tem de alegria: alegres forão as novas que Joseph prognosticou ao Copeiro de Faraò, o qual estando preso, sonhara que vira tres varas, que procedião de hũa videira, carregadas de uvas. Assim tinhão os antigos, que aquelles que sonhavam có uvas, cachos, ou videiras, havião de ter successos venturófos, & ampliação de bens, como sonhou El-Rey Astyages, que vio hũa videira, cujas varas, & ramos fazião sombra a toda Asia, procedendo de hũa sua filha, da qual nasceo dahi a pouco Cyro seu neto, que sojugou, & se fez senhor de toda Asia. Anacarses

ses Filosofo dizia, que a videira tem tres varas, das quaes a primeira cauſava goſto, a ſegunda deliramento, & a terceira perdição, dando a entender, que o vinho moderado traz cõſigo alegria, & o exceſſo enfermidade; mas a intemperança ſem modo he total deſtruição da ſaude, & fazenda.

A ley do Convite Puteolano aſſinala o modo que ſe ha de ter em beber vinho: *Cum cautione tres creaturas haurias, primam ſitis cauſa, ſecundam ſis hilaritatis, tertiam ſodes voluptatis*, como ſe diſſera: Permittimos aos que ſe acharem em convites, que bebaõ com cautela tres veſes; a primeira por neceſſidade do comer, a ſegunda por alegria, & a terceira em ração da companhia; mas logo diz: *Cum cautione*, que haja cautela, & moderação. O vinho para ſer bom, & proveitoſo à ſaude, deve ſer conforme a pontão as regras da eſcola Salernitana:

Vinum ſit clarum, vetus, ſubtile, maturum,

Et bene lymphatum, ſaliens, moderamine ſumptum.

O vinho de quanto mais tempo for, quanto melhor, ſeja claro, ſeja maduro, & delicado, bem agoado, & beba-ſe com moderação. Diz Tertulliano, que os Romanos prohibião vinho às molheres, & por ley publica lhes era vedado. Por iſſo reynando Romulo, nenhum caſtigo ſe deu pelo Senado a hum homem que ſem cauſa matara ſua molher, & não teve que dizer em ſua deſenſaõ, ſenão que hũa vez a vira beber vinho, o que baſtou para o darem por livre. Muito ſe eſtranhou ſempre às molheres beber vinho, & não carece de myſterio defender o Anjo à mãy de Sanſaõ, que o não bebeſſe, nem outro licor ſemelhante, para Deos lhe fazer merce de lhe dar hum filho, como deu a Sanſaõ, ſendo dantes eſteril. Anna mãy de Samuel dizia a Heli Summo Sacerdote, que nunca bebera vinho, nem couſa que pudette perturbar o entendimento, pelo que mereceo hum filho de tanta alegria, & contentamento ſeu. Chama Moyſes ao vinho peçonha. Deve ſer aquelle, de que ſe uſa mal para exceſſos da gula: *Vinum eorum venenum*

Convit.
Puteol.

Schola
Salern.

Tertull.
Pier.

Jud. 13.

1. Reg. 1.

Deut. 32

aspidium insanabile. Chama ao vinho peçonha, & não qual-
 quer peçonha, senão de aspides, que mata sem remissão. Cõ-
Plinius. ta Plinio, que matando hum cavalleiro a hum aspide, correo
 a peçonha pela lança, & tirou a vida ao cavalleiro, & ao caval-
 lo. Semelhantes effeitos são os do vinho, & mais notaveis
 cousas faz. Considera S. Gregorio sair Loth de Sodoma, &
Gen. 19. não tirar della outra cousa, senão vinho para levar consigo a
 mais refinada peçonha que achou naquella Cidade, & veja-
 se o effeito della, pois o chegou a ter filhos de suas filhas, aca-
 bando com elle o vinho o que não acabou Sodoma. Pergüta
 neste passo Santo Ambrosio, como se chamarião aquelles
 meninos, & responde, que se chamarião filhos do vinho;
 porque para serem filhos de Loth, ficavão sendo irmãos das
 mãys que os géraraõ, & para serem filhos das mãys, ficavaõ
 sendo netos de Loth: & assim nem o pay, nem as mãys lhes
 podiaõ chamar filhos: chamemse logo filhos do vinho, que
 causa taes monstros, & enormidades.

Consideração segunda.

Ioan. 15.
Agath.

Isai. 56.

Luc. 2.
Isai. 9.

CHristo nosso bem disse por sua bocca, que era videira,
 & porque esta significa alegria, diz hum Padre antigo,
 que Christo he videira, cujo licor alegre o coração dos Fieis,
 quando sendo d'elle dignamente bebido seu divino, & precio-
 so Sangue, alegres, & contentes louvãõ, & engrandecem o ve-
 neravel Sacramento de sua Redempção. He Christo videi-
 ra, porque he a verdadeira alegria do Ceo, & da terra. Ale-
 grou o mundo antes de vir a elle, com as esperanças que lhe
 dava de sua vinda: alegrou-o quando nasceo, que os Anjos
 lhe deraõ as boas vindas com musica celestial: alegrou-o cõ
 sua gloriosa Resurreição, participando desta alegria os que
 estavaõ em trevas, & na região da morte. Tambem o alegrou
 com lhe mandar do Ceo o Espirito Santo: & finalmente foi
 causa de alegria a todos os Santos, que por elle padecêraõ,
 como

como conta S. Lucas, que hião os Apostolos alegres, & contentes da presença dos Juizes, porque chegavão a ser dignos de soffrerem injurias, & afrontas pelo nome de Jesu. He Christo verdadeira vide, não por essencia, senão por semelhança, porque mais em effeito sustenta aos seus Fieis, que a vide natural: assim como se chama luz verdadeira, não porque seja esta, que se deriva do Sol; & assim como se chama Paõ vivo, & verdadeiro, não porque propriamente seja paõ, mas porque sustenta melhor, & mais verdadeiramente, que o nosso paõ natural; assim he verdadeira vide, porque nos sustenta, & porque d'elle temos a substancia, & a elle devemos estar unidos, & sem elle não ha ter vida, nem gosto perfeito; sem elle não ha fazer nada (como elle diz) *Sine me nihil potestis facere*, pelo que diz Santo Augustinho: que Deos està em si mesmo como em principio, & fim: està no mundo como Author d'elle: nos Anjos como gloria, & ornamento desses Anjos: na Igreja como pay de orfaos em sua casa: em a alma como desposado em o seu thalamo: em os Justos como protector, em os reprobos como medo, & pavor. Como da vide se deriva toda a virtude às varas, & ramos della, assim de Christo se deriva todo o bem a seus Fieis: *De cujus plenitudine omnes accepimus*, diz S. Joaõ, todos os q̃ a elle estamos unidos por Fé, & caridade, participamos das enchentes de sua divina graça, porque assim como a fermosura, & bellesa dos ramos da arvore se deriva do tronco della; assim toda a riqueza, & fermosura de nossas almas procede de Christo: *In quo sunt omnes thesauri*, fonte donde mana toda a graça, & raiz donde procede todo o bem.

Act. 4.

Ioan. 8.

Ioan. 5.

Ioan. 15.

August.

Ioan. 1.

Coloss. 1.

Consideração terceira.

Considera-se ser Christo videira pela suavidade de seu fructo, que he dulcissimo, & suavissimo. Todos os mais fructos a respeito dos de Christo são amargófos como o fel.

fel. Os cachos da videira, que não he Christo, tem perverso labor: *Uva eorum, uva fellis, & botri amarissimi*, são uvas de fel, cachos amargosísimos, & estes ainda que no principio pareçam doces, ao longe mostram que amargam muito; mas os de Christo são sempre a mesma doçura, & suavidade. Fazei summario de todas as cousas mundanas, que tem apparencia de suavidade, em todas achareis pena, afflicção de espirito, & vaidade; só em Christo achareis todos os bens, verdadeiro descanso, eterna alegria, sustentação, & vida de nossas almas. Todos os fructos, que não procedem desta vide, não podem fartar, nem sustentar; porque em todos ha miserias, & defeitos. A carne darvos ha corrupção, o mundo vaidades, o demonio pedras, os homens males, os filhos desgostos, os parentes invejas, os amigos ingratições; só Christo sustenta, enche, & farta; recrea, & dá toda a doçura, & abundancia de cousas, que por isso diz que he flor do campo: *Flos campi*, ou como tem outra letra: *Flos saturitatis*, flor de fartura, flor de abundancia. Quem se não pagará mais desta flor, que de todas as que o mundo tem, por bellas, & fermosas que pareçam?

Porém se Christo (como temos dito) he nossa alegria, porque razão mostrou no Horto que tinha tristeza, devendo-se mostrar alegre, pois morria contente? Mas a isto se responde, que se entristeceu, tomando da tristeza, & temor o q̄ quiz, & se quizesse, pudera não temer, nem entristecer-se, porque nenhum mal do mundo podia chegar a elle, como David o tinha ditto: *Non accedet ad te malum*. Temeo porque quiz tomar nosso temor, & tristeza sobre si, communicandonos sua alegria, & fortaleza, como diz S. Leão Papa. Poz em os Santos seu esforço, seu valor, & alegria, & tomou sobre si nossa fraqueza, & temor. Por isso os Martyres não temem, porque como são ramos desta vide, della se lhes communica fortaleza, & valor.

Consideração quarta.

OS Authores Gregos quando queriaõ mostrar que suas alegrias se perturbavaõ com desgostos, & sobrefaltos que occurriaõ, pintavaõ hũa videira junto a hũa couve, porque he grande a contradicção, & inimidade que ha entre estas duas plantas, de forte, que aonde a couve està junto à videira, naõ a deixa crescer, nem ir avante; & como na videira se significa alegria, & a couve tenha propriedade abater sua belleza, & vigor, bem se significa nesta figura a alegria que he perturbada com algum desgosto, que se lhe põem à vista. Cicero no livro de divinatione diz, que assim fogem as videiras das couves, como de cousas pestíferas, & muy prejudiciaes à sua verdura. Beritio que escreveo das cousas do campo, diz que nas vinhas se naõ lance outra algũa semente, & particularmente afastem dellas couves, que lhes saõ nocivas, & contrarias. A ração he, porque pela natureza que tem secca, haõ mister muito humor, & este tomaõ ellas às videiras que lhe ficaõ perto, roubando-lhe seu alimento, & tem entre si taõ grande contradicção, & antipathia, q̃ se cozendo-se as couves, lhe lançarem em cima hũas pingas de vinho, naõ se cozem mais, & mudaõ a cor que tinhaõ. Tambem dizem Authores Gregos, que se alguem antes de beber vinho, comer hum talo de couve crua, por mais vinho que depois beba, naõ perderà o juizo, porque toda a força lhe abate o talo que primeiro comeo.

Pierio.

Cicero.

Beritio.

Consideração quinta.

ESte geroglyfico de alegrias perturbadas pertence a todos, naõ havendo quem no melhor de seus gostos naõ tenha algum successo que lhe mude tudo em confusão, & tristesa. O que Deos ordena, ou permite, para entendermos, que nesta vida naõ pòdem gostos, & alegrias ser de dura, &
para

August.

Ebryf.

Gregor.

para que vendo nós a pouca firmeza delles , aprendamos a buscar, & amar gostos eternos, que nunca deixaraõ de ser, naõ havendo molestia que os impida , nem sobressaltos q̃ os perturbem. Esta alegria que Santo Augustinho chama chea, & perfeita, só no Ceo (diz elle) se acha. A alegria desta vida comummente se converte em tristeza, & se nella ha ter alegria, tenhamola em o Senhor, & naõ em nós ; alegre-se o Justo em Deos, & naõ em si. E quando nosso coração se alegrar , juntamente tema. S. Chrystomo diz, que sempre Deos costuma misturar cousas alegres com tristes, & que o estar sempre alegre naõ he bom. Diz mais , que a Igreja naõ promete aos seus Fieis alegria, nem segurança na presente vida , porque : *Re vera omnis letitia periculosa est, omnis securitas castibus plena, omnis jucunditas laqueis impeditur.* Toda a alegria he perigosa, toda a segurança está cheia de successos , todo o gosto cercado de embaraços , saõ alegrias vespervas do desprazer, que vem ao outro dia : & S. Gregorio diz : *Præ nuntia tribulationis est letitia satietatis*, a alegria de fartura, & abundancia he mēlageira da tribulaçaõ, que vem por caminho. Apoz a festa, & prazer dos filhos de Job em o convite, veyo sua tribulaçaõ com a mesma morte. Pois logo naõ queiramos alegrias do mundo, senaõ as que Deos dà aos Justos : *Letitia tua justitia*, a vossa alegria seja a vossa justiça, a vossa virtude, o vosso procedimento santo.

Flor da vinha.

Bons intentos.

Consideração primeira.

DA flor da vinha se fala em a divina Escrittura, & os Doutores sagrados lhe daõ sua significação, & querem que por ella se entendaõ bons propositos, & louvaveis intentos. Estes saõ os que Deos busca em nós, & por isso em os

Can-

Cantares duas vezes sahe o Celestial Esposo ao campo ver se a sua vinha floresce: *Videamus si floruit vinea, si flores fructus parturiunt.* Que heo mesmo que buscar bons desejos com effeito de obras, que então se executão quando essas flores dão fructo. Vem o Senhor ver se a vinha de nossa alma (que como vinha ha mister continua cultura) floresce por intentos santos, & se essas flores dão fructo (postos por obra esses desejos, & santos propositos). S. Gregorio diz, que então florecem as vinhas, quando as almas fieis propõem boas obras, & que não se ha de attentar se as vinhas florecem, mas se essas flores chegão a dar seguro fructo, porque não he muito começar com bons intentos, se não ha perseverar na boa tenção, de que resultão boas obras.

Cant. 7.

Gregor.

Consideração segunda.

NO florecer da vinha se representa o estado dos que começam com bons desejos, & no dar as flores fructo se vem os que aproveitão por boas obras. Dous generos ha de intentos diversos entre si, como o são as flores da vinha, & as do campo; porque estas ainda que são fermosas, & agradaveis, com tudo com o ardor do Sol seccão, & murchão, & se as trazem nas mãos, de pressa perdem o cheiro, sem daré fructo algum, mais que serem flores que agradão. A flor da vinha além de sua belleza, & cheiro, dà de si fructo, & ainda que caher, deixa cachos de uvas, de que se faz bom vinho. Assim são os bons intentos de alguns, flores do campo, que com qualquer ardor do Sol, qualquer tentação, deixão de ser, & se tornão em nada, antes deixão pestifero cheiro de novo peccado, nova ingratitude para com Deos, dos quaes se póde dizer aquillo de Isaias: *Omnis gloria eorum sicut flos agri, exsiccatum est fœnum, & cecidit flos.* A sua gloria he como flor do campo, seccouse o feno, cahio a flor, tudo se tornou em nada. Outros intentos ha como a flor da vinha, daquelles que cul-

Isai. 40.

174 FLOR DE VINHA. BONS INTENTOS.

cultivando sua alma como a vinha, florecem em santos desejos, os quaes descubertos ao ardor da divina graça, ainda que parece que cahem quando se escondem aos olhos humanos, dão de si fruttos suavissimos de virtudes celestiaes, boas obras de devoção, contrição, & mortificação, o que dá a entender hũa versão Hebreia, que aonde nós lemos: *Videamus si floruit vinea*, vejamos se florece a vinha, tem ella: *Si floruit uva acerba*, se floreceo a uva azeda; porque se florecem bõs intentos, sempre são com asperesas, & rigores, com que hũa alma se quer dar a Deos, começando pela amargura de hũa boa confissão, por penitencia, jejuns, mortificações, & outras obras semelhantes, por onde começam os que de novo se convertem a Deos; & então se lhes pôde dizer: *Videamus si floruit uva acerba*. De continuo está Deos esperando que florecção em nossas almas estes bons propositos, para que de todo não pareção plantas mortas; porque nas plantas espirituales está a vida junta com as flores, & fruttos de sorte, que quem delles carece, fica carecendo de vida; & quando Deos não ache estas plantas com frutto de boas obras, pelo menos importa que as ache com flores de bons intentos. E quando a arvore espiritual sentir que está secca, & falta de alento celestial, recorra ao Ceo, que a regue com seu soberano orvalho, & agoas de graça, para que a renove, & lhe permitta reverdecer, & apparecer com algũas flores de santos desejos, & diga com a Esposa Divina: *Veniat dilectus meus in hortum suum*. Venha o meu querido Jesus a esta sua horta; visite esta alma desamparada de virtudes, & veja como sem sua graça vai seccando, & perdendo a belleza que algum hora teve.

Cant. 4.

Consideração terceira.

E Stas flores da vinha, que são os bons intentos, pretendem muito o demonio destruir, & lançar por terra em o principio, para q̃ não venhão a ter effeito, & produzir frutto.

Isto

Isto considerava, & lamentava Jeremias, quando via a pouca firmeza que havia em se conservarem bons propositos, dizendo: *Ascendit mors per fenestras, ingressa est domos nostras, Jerem. 9. disperdere parvulos de foris, & juvenes de plateis.* Subio a morte pelas janelas a lançar a perder as crianças tenras, que criavamos por fóra, & os moços grandes que traziamos pelas ruas. Aonde os Doutores sagrados entendem por isto a diligencia que o demonio põem em destruir nossos bõs propositos, que são como meninos de pouca idade, que criamos no interior de nossas almas, antes que sayão a luz; & pelos moços que andão nas ruas, se entendem as boas obras, & exercicios exteriores que fazemos diante do mundo, como he a confissão, as esmolas, & outras acções, que he bem que o mundo veja, para tomar bom exemplo dellas. Estes são os meninos pequenos, & grandes, que a morte entra a matar, subindo pelas janelas de nossos sentidos ao aposento da alma para lhe tirar a vida com a setta do peccado, & do perverso desejo, que commummente entra pelos sentidos; porque pelos descuidos delles se dà principio a muitos males. Faz nestas palavras o Profeta Jeremias comparação da alma a hũa fortaleza inexpugnavel, que não se podendo combater pelo sitio em que está, là descobrem os inimigos hũa porta falsa, ou hũa janela por onde entrão, & se apoderão della, matando a gente que dentro achão. Assim succede a muitas almas, que parecendo inexpugnaveis a todos os inimigos infernaes pelo muro da graça divina que as cerca, acertão de ter hum descuido com algum dos sentidos corporaes; olhão com pouca cautela dos olhos, admittem qualquer maligno pensamento; & eis que entra a morte pelas janelas dos olhos a destruir quantos bons intentos acha dentro na alma. Deste pouco recato dos sentidos, q' algum hora tivera, se queixava a Alma Santa; porque d'elle lhe nascião muitas guerras, & desconfortações, quando dizia: *Filii matris meae pugnaverunt adversus me, posuerunt me custodē in vineis.* Cant. 1.

Como

Como se dissera: Os filhos de minha mãy, que são os sentidos da minha alma. Estes sentidos meus, que estão juntos comigo de sorte, que sem elles não vivo, nem posso viver, irmãos gérados comigo da mesma mãy, pelos quaes me são ministrados os objectos, com que obro bem. Estes que me houverão de favorecer, pelejão de continuo contra mi, fazem-me guerra de portas a dentro, & andão todos por me destruir; os olhos querem que veja, & que deseje; o gosto, que coma, & me regale; o tacto, que use de todos os mimos, & branduras do mundo, & assim todos os mais sentidos querẽ que vã traz seus appetites, & com me guerrearem deste modo se chegão a me vencer, & cattivar meu entendimento, como me roubão o uso da razão: *Vineam meam non custodi* *divi*, fico não guardando a minha vinha, nem dando boa conta de mim; porque tanto que me descuido a abrir portas a meus inimigos, entra a morte por ellas: *Disperdere parvulos*, &c.

Cant. I.

Consideração quarta.

Bons intentos hãose de conservar com cautela, como flores delicadas que são, & hãose de executar com diligencia, para que não cayão, & se percão com qualquer vento de tentação, que sobrevenha. O glorioso Santo Augustinho depois de se converter a Deos, chorava muito o tempo q se detivera em executar os bons propositos, que trafia consigo. Chorava o muito tempo que os andou dilatando, sem suas flores acabarem de sair com fructo. Assim dizia elle: *Modò modò, ecce modò, sine paululum, sed modo, & modo non habebam modum, & istud paululum ibat in finem.* Queria me cada dia converter a Deos, & cada dia o dilatava para outro dia, & nunca chegava o dia de minha conversão; criava dentro na alma bons intentos, & não acabava de sair com elles a luz: *Modo modo, ecce modo.* Quando Deos me chamava, dizia,

August.

dizia, que logo hia, logo me partia, que me esperasse mais hū pouco, & este pouco crescia a muito, este logo nunca chegava; não tinha fim esta minha dilação, detinhame mais, & perdiame mais. Isto sinto agora, & disto tenho grande dor.

Estes bons intentos nos dà Deos muitas vezes, que nos incita com desejos santos, & nos chama com inspirações do Ceo; & quando vê que não acodimos a ellas, & nos não aproveitamos dos favores divinos, que nos dà, vem tempo em que chega a afastar-se de hūa alma, deixando a na obstinação, em que a achou. E então succede occasião, em que hūa alma obstinada queira o favor do Ceo, que se lhe nega em castigo, que quando se lhe offerencia, o não quiz aceitar. Assim diz o mesmo Santo Augustinho: *Cum voluit improbus peccator, August!*
non potuit, quia cum potuit, noluit. Quando o maligno peccador quiz a Deos, não o achou, porque quando o podia achar, não o quiz. Quando tinha favores do Ceo, não os quiz, agora que os quer, não os tenha. O mesmo diz este Santo em outro lugar por outras palavras: *Evigilabunt impii August!*
cum nolunt, si modò non evigilant, quando utile est. Os malignos estão adormecidos em o sono de seus vicios, pois ha de vir tempo, em que despertaraõ, quando não quizerem, se agora não despertaõ, quando lhes he proveitoso o seu não dormir. Pelo que se Deos nos dà bons intentos, trabalhemos de os exercitar: se o Ceo nos chama com suas vocações, despertemos a ellas: *Nemo obdormiscat, (diz S. Chrysostomo) Chryst. I*
nemo vel hebetior fiat, vel tardior ad salutem. Não haja quem adormeça, nem quem seja tibio, & vagaroso para couzas de sua salvação. Achenos sempre Deos com flores de vinha em nossas almas, que saõ bons intentos, apoz os quaes se seguem fruttos de boas obras, para que quando vier ao jardim das almas Christãs a ver se florecem as vinhas, ache as *Cant. 7.*
 flores, & fructo, que elle regue, & conserve com as agoas de sua divina graça.

Consideração quinta.

A Mesma obrigação, que temos de conservar bons intentos, nos fica também de acudirnos depressa com socorro a quem virmos com elles, desejo de os executar. Quando o pay do filho Prodigio vio que o filho vinha com bons propositos, & arrependimento de vida, abraçando-o, mandou que muito depressa lhe trouxessera vestidos para cobrir a quem via nù: *Citò proferte stollam.* No que se dà a entender, que aquelles que são Prelados, & Pastores de almas, quando virem que algúas se convertem a Deos, ou tem intentos de se dar a elle, com muito fervor do espirito os ajudem, & favoreção com o que nelles for. E assim devem os Confessores não dilatar absolvições a peccadores, que vão contritos à Confissão, por grandes peccados que levem, porque Deos não he vagaroso em perdoar, & no instante que o peccador se converte, logo perdoa, & ao filho Prodigio abraça, veste, & enriquece, não lhe dilatando a graça, & favor do Ceo. Devem se favorecer bons intentos de peccadores; porque como estes sejaõ nelles raros, & em muitos annos escassamente lhes entra hum bom desejo no aposento da alma, ha mister que os ajudem nas occasiões que os tiverem, porque de outro modo depressa lhes passaraõ os bons propositos, se depressa lhes não acodirem. Mandou Saul vestir a David de suas armas, & David vendo se cuberto dellas, com serem ricas, & fortes, estranhou as pelo descostume, que tinha de andar armado; se depressa as vestio, depressa as despio, & tirou de si, dizendo: *Non possum sic armatus incedere*, figura dos que não sendo costumados a se armar, & cobrir de bons intentos, hum instante que os tem, os largaõ com facilidade; porque não tem uso, nem exercicio de bons propositos, & desejos celestiaes. Por isso he bem que estes se favoreção, & não se lhes tarde com o favor, que o Senhor

Luc. 15

I. Reg. 17.

Senhor permitta que achemos todos em os santos intentos, de que temos mostrado ser figura a flor da vinha.

Folhas de vinha.

Esperanças perdidas.

Consideração primeira.

O Significado, que as folhas de vinha tem de esperanças perdidas, devia derivarse de hũas palavras, que o Profeta Isaias diz em o capitulo 34. *Sicut decidit folium de vinea*, aonde (como diz Dionysio) ameaça Deos com destruição universal a todo o mundo, ou como querem outros Padres, a Divina Justiça se arma contra os infieis Judeos. Diz pois o Profeta Santo em sentido mysterioso, que os Ceos se dobraraõ como hum livro, & a milicia delles cahira, como cahe a folha da vinha; & aponta mais a folha da vinha, que de outras arvores; porque esta no seu cair tem differença das mais; porque as outras folhas não cahem taõ depressa, nem seccaõ taõ de ligeiro, como as da videira, nem deixaõ a sua arvore nua taõ de repente, como ellas a sua parreira. A vinha em quanto tem folhas, mostra que tem frescura, parece agradavel, & representa tempo de Veraõ; porèm caindo lhe as folhas, que fica despojada de sua graça, & fermosura, parece que se perdem as esperanças de sua verdura, & que se acabou o Veraõ, entrando o Inverno com suas inclemencias, & rigores; despindo as plantas de seu ornamento, & começando pela videira com mais izenção, & se veridade. Por isso no cair destas folhas se pòdem significar esperanças perdidas, quando totalmente não fica lugar a se esperar mais algum bem, ficando de repente toda a confiança posta por terra, o desejo decepado, a imaginação destruida, & o effeito impossibilitado. Assim o ficaõ todas as esperanças postas em cousas do mundo, que (como diz Santo Augustinho)

Isai. 34.

August.

Gregor. são esperanças mortaes, transitorias, & caducas, & por isso se perdem; nem do mundo ha que esperar, senão enganos, trabalhos, & misérias hūas apoz outras. S. Gregorio diz, que quem nelle põem suas esperanças, depressa as verã perdidas, como o que fizesse fundamento das agoas que vaõ correndo.

Luc. 12. Aquelle rico, de que fala o Evangelista S. Lucas, punha todas suas esperanças em suas riquezas, & farturas, dizia que para largos annos tinha junto muitos bens, & que com essa confiança podia triunfar da vida, & dar-se a todos os gostos della; mas depressa se perdẽraõ esperanças taõ mal fundadas com a repentina morte, que deu com sua alma em o inferno, aquella mesma noite que era principio de suas esperanças vãs; castigo justamente merecido, porq̃ quem para taõ longo tempo fundava esperanças do mundo, justo foi que lhe faltasse logo, porque depressa corta Deos intentos de quem devagar determina offendello; de repente priva da vida a quem com a ter passado mal, ao diante determina passalla peyor. Por isso querendo Job notificar ao mundo, que nunca fora taõ louco, que puzesse sua esperança em cousa da vida, diz: *Si putavi aurum robur meum, & obrizo dixi, fiducia mea.* O que S. Gregorio declara, dizendo: nunca confiei em riquezas, nunca puz minhas esperanças no ouro, porque me não ficassem perdidas, como depressa houveraõ de ficar neste meu triste successo; esperanças se as tive, em Deos as tive, & tenho; nelle espero, em sua graça confio, a sua clemencia, & piedade recorro.

Job 31.

Consideração segunda.

Chryf.

A Cerca dos que em bens do mundo esperaõ, diz S. Chrysoftomo, que os pays que aos filhos procuraõ deixar riquezas, & tudo para elles ajuntaõ, os privaõ da esperança da salvação; porque riquezas convidaõ a esperar-se nellas com a agradavel apparencia que tem, & fechaõ

as portas a esperanças de bens eternos; porque estas se não compadecem com aquellas: & como diz o Senhor, ninguém póde servir a dous senhores, nem agradar a hum, & *Matth. 6* agradar a outro. Esperanças como se põem em cousas do *Luc. 16.* mundo, logo são perdidas: *Sicca spes est hujus sæculi,* (diz S. Gregorio Papa) *quia omnia, quæ hic amantur, cum festinatione marcescunt.* Secca he a esperança deste mundo, porque tudo o que nelle se ama, depressa se murcha. Por isso o Apostolo S. Pedro nos convida a asperar aquella herança incorruptivel, que nunca deixará de ser: *In hæreditatem incorruptibilem, incontaminatam, immarcescibilem.* Não perde tão boas esperanças de bens vindouros o que reconhece passadas merces; perdem-se as que se põem em o homem; perde-as quem a Deos não teme, porque se com o não temer ainda espera, em vão espera: *Frustra sperat qui Deum non timet,* diz S. Gregorio, de balde espera quem a Deos não teme. Os que perseverão em peccados, esperão salvar-se, desfazem em a justiça de Deos, & os que desesperão, porq̃ desconfião do perdão divino, negão a misericordia de Deos. Os que sentem bem de sua clemencia, esperão alcançar d'elle o q̃ não merecem por delittos seus: & ninguẽ deve esperar perdão d'elle, porque o mereça; mas porque he clemente, & misericordioso o Senhor que o dà; pelo que esperanças postas em Deos, são as que se ganhão, & aproveitão; as que se põem fóra de Deos, são as que se perdem, significadas em as folhas da vinha: *Sicut decidit folium de vinea.* *Isai. 34.*

Consideração terceira.

Dous homens heuve, que se parecerão na perdição, & nos meyo se encontrarão; hum em ter sobejas esperanças, outro em as perder de todo. Cain desesperou logo, *Gen. 4.* & Balão sendo peccador, & perseverando no peccado, esperava muito. Por isso diz o Apostolo Judas em a sua Epistola *Num. 24.*

Judas.

Canonica: *Vae illis, qui in via Cain abierunt, &c.* Coitados daquelles que vão pelo caminho de Cain, que para com Deos perdeu as esperanças de perdão. E também imitação a Balão, que com a perseverança do peccado esperava morte santa. Hum destes em tanto tempo, que Deos lhe deu de vida, nunca grangeou esperanças de seu remedio; o outro vivendo vida de peccador, teve sempre esperança de morrer como justo: locuras grandes, porque de ordinario qual he a vida, tal he a morte; nem tanto confiar sem fundamento, nem tanto desesperar com temor. Diz Santo Augustinho, que os homens perigão em duas cousas, esperando, & desesperando, em cousas contrarias, & em contrarios effeitos da alma. Esperando se engana o que diz: *Bonus est Deus*, tenho a hum Deos clemente, farei o que quizer, comprirei meus desejos. Bem se vê que quem isto diz, periga em a esperança: *Spe iste periclitatur*. Mas aquelles perigão na desesperação, que caindo em graves peccados, cuidando que não podem alcançar delles perdão, vão avante com as offensas de Deos, como gente que tem por certo haver de ser condenada: *Istos desperatione necat*, a estes mata sua desesperação. Pois façamos q̄ nem nos mate desconfiança, nem nos lance a perder a muita confiança. Aos muito confrados diz Deos: *Ne tardes converti ad Dominum, neque differas de die in diem*. Não cōfies homem tanto na vida, que tardes tanto em te converter a Deos, não dilates tua conversão de dia em dia. Aos que desesperão do perdão de peccados diz Deos: *In quacunque die ingemuerit peccator, omnium iniquitatum ejus non recordabor*. Em qualquer dia, & instante que o peccador der hum gemido de contrição, eu lhe perdoarei, & me esquecerei de todas suas maldades. Ponhamos pois nossas esperanças em Deos, para não serem perdidas, que temos hum Deos, & Senhor, q̄ olha para os mayores peccadores, para lhes perdoar, & trazellos a si: & de tal modo esperemos nelle, que com as esperanças ajutemos reformação de vida, & procedimêto sãto.

August.

Eccl. 2.

Ezec. 11

Macieira.

Macieira.

Amor.

Consideração primeira.

Commummente se diz que a Maçã significa discordia; mas esta se póde ter com aquelles que a tão excellente pomo dão tão differente significado, do que divinas, & humanas letras lhe dão, não havendo hum só Author, que lhe attribua discordia, & sendo muitos os que o fazem figura do amor: especialmente os Doutores sagrados, q̄ explicão aquellas palavras dos Canticos, aonde a Alma Santa diz, que seu querido Esposo he como a Macieira entre as outras arvores: *Sicut malus inter ligna sylvarum.* E se pela Macieira, ou maçã se entende discordia, mal se póde comparar a ella o q̄ he paz, concordia, & conformidade dos Ceos, & da terra. Já he possível, q̄ attribuirse discordia à maçã, fosse por respeito daquelle pomo, com que a serpente infernal enganou a Eva, & poz discordia entre Deos, & o homem. Mas assim como alguns dizem, que esse pomo foi maçã, dizem outros, como Origenes, Gennadio, Theodoreto, & outros mais, que não foi senão figo, & por tanto deve o figo significar discordia, o que não he assim. He pois a Macieira geroglyfico do Amor, porque dá esta planta de si o mais bello, feroso, & delicado pomo de todos os pomos, & fruttos da terra, & o mais alegre, & agradavel à vista, de melhor, & mais suave cheiro, mais doce, & deleitavel sabor; & porque tem a cor entre pallida, & rubicunda, entre brãca, & encarnada, no que se significão particulares effeitos do amor, que he pallido, pelos receyos, & temores de que se acompanha; he córado, & purpureo, pelo pejo, & vergonha de que se veste; he doce, & suave, porque das mayores penas, & tormentos faz mais laboróses manjares, convertendo males em bens, & penas em gestos, como

Bernar.

diz S. Bernardo, que faz o amor mel muito doce do fel mais amargo: *Amor fel quod est amarum, id mel facit.* A ma-

Pierius.

çã quanto mais participa dos rayos do Sol, mais fermosa cor tem. O amor quanto mais està à vista do bem, a que respeita, mais se inflamma, & veste do novo espirito, & fervor. Por isso significão os Siconios a Venus com hũa maçã na mão direi-

Ovid.

ta, em sinal de amor, sendolhe dedicada a mesma Macieira. Por isso muitas Rainhas, & Emperatrizes andavão esculpidas nas moedas com pomos em as mãos, sinal evidente do amor, que aos maridos tinhão; pelo que merecião andar retratadas juntamente com elles. A isto deferio tambem o dar

Plinius.

Páris a Venus hũa maçã, mostrando que a merecia pela fermosura, que a fazia mais amavel que todas as deusas. Pela mesma razão se fazião as estatuas de Apollo de Macieira, por-

que fingião nelle mais notaveis historias de amor, que em outro alguma deos da gentildade. Faz pelo mesmo hum pro-

verbio que diz: *Malis ferire*, ferir com maçãs, que he o mesmo que ferir, & magoar com amor; donde dizia Titero: *Ma-*

lo me Galatea petit. Pelo que não ha duvida, que se dê à ma-

çã o significado de amor, & não de discordia. O que muito melhor consta da Biblia sagrada.

Consideração segunda.

Cant. 2.

A Alma Santa entrando no conhecimento do infinito amor que Deos lhe tinha, & chegando com a conside-

ração a descobrillo, posto por amor dos homens em huma Cruz, dizia que lhe parecia seu Divino Esposo Macieira en-

tre as arvores dos bosques, não carecendo de altissimo myste-

rio o comparallo a esta arvore mais que a outras das que a terra cria, frescas, & agradaveis. A ella o compára, porque he

symbolo do amor, cuja figura està Christo representado muy ao vivo na planta da Cruz. Por isso diz, que lhe parece Ma-

cieira entre arvores sylvestres, porque ainda que o veja nessa Cruz.

Cruz como pomo pallido, perdida, & mudada a cor de seu bello, & fermoso rosto, ainda q̄ o veja desfigurado, & enfermo de sorte, que pareça leproso, & paralytico, entre arvores silvestres, como erão os ladrões, entre os quaes o puserão, & quaes erão os Gentios, & Fariseos, que o escarnecião, & blasfemavão; com tudo nesse lugar, & nessa postura o considerava como Macieira entre arvores agrestes, porque alli representava o que era no cheiro, & suavidade de sua divina virtude, na força com que attrahia, & chamava tudo a si na enchente de sua graça; na fermosura das Chagas, na alteza do amor, na belleza das flores, na doçura dos fruttos, & na perfeição dos Sacramentos. Macieira entre as outras arvores, porque as mais creaturas, ainda que Anjos, & os mais homês, ainda que santissimos, quando muito pôdem recrear, aliviar, ferver de amparo, & boa sombra, a quem a elles se chega, porém só Jesus he arvore, que pôde sustentar, & dar vida, & fruttos de graça; só à sua sombra se pôde descansar, & acharse remedio, & salvação; nelle està o comer substancial da gente; em suas palavras se acha verdadeira refeição; este he o q̄ inspira, & apascenta nossas almas. As outras arvores se algũa coufa boa tem, desta a tem: *Malus inter ligna sylvarum* he Christo na Cruz, porque ainda que peccados nossos o puserão nella, com tudo nesse lugar parece: *Speciosus formâ præ filiis hominum*. Não ha alli quem se lhe iguale entre os filhos dos homens. Alli coroado de espinhos, se coroa de gloria, ficando a todos superior. Donde dizia excellentemente S. Bernardo: *Quàm pulcher in sordibus videris mihi*. Ali Senhor! como me pareceis fermoso nesse vosso abatimento, nessa Cruz em que estais posto, nessas Chagas que têdes abertas, & nessas feridas que destillão sangue. Não ha ahi coufa que vos afee, tudo me parece fermoso, & engraçado. A mesma Alma Santa inflammada de divino amor, à vista destas considerações dizia, que a acompanhasssem com pomos, que significasssem seu grande amor: *Stipate me malis*, porque quando

Isai. 53.

Mat. 27.

Marc. 15

Thren 4.

Psal. 44.

Psal. 8.

Bernar.

Cant. 2.

quando a viffe sem dar acôrdo de si como desmayada, entendessem que força do amor a punha naquelle estado, & que se algũa enfermidade tinha, era de amor: *Quia amore langueo*, por isso não quer apar de si outro alivio, nem cousa que a recree, senão pomos significadores do muito que queria, & amava.

Consideração terceira.

Seneca.

Definindo Seneca Filósofo o amor, disse que era occupação de cuidados ociosos: *Amor est otiosa cura sollicitudinis*. E disse bem, porque semelhâtes cuidados achão-se em sogeitos, que não tendo em que se occupar, se occupão nisto. E mais claramente o disse Diogenes, que sendo

Laert.

perguntado que cousa era amor, respondeo: *Amor est otiosorum negotium*. He o amor trato de gente ociosa. Porque assim como outros tratão em negocios da vida, ociosos se occupão nos de amor. S. Chrystomo isto deu a entender,

Chryst.

quando definindo o mesmo amor, diz que he hũa payxaõ da alma, que estava livre de taes cuidados: *Amor est animæ vacantis passio*. Nasce este de tres principios, (como diz o mesmo Santo) ou da cousa que por si he digna de ser amada, ou da gratificação de quem se vê amado, ou de outras quaesquer merces recebidas. E Santo Augustinho diz, que procede o amor de algũa bondade, q̃ se representa no sogeito amado, & que não ha amar sem respeitar a algũa cousa que eleve o mesmo que ama. Ainda que este amor he imperfeito, & perfeito aquelle que se não leva de respeito algum, não esperando outro premio, nem querendo outro fim, mais q̃ amar.

August.

Esta perfeição de amor chegou elle a ter, quando disse, que amava a Deos só porque o amava. Dando a entender que erão de tanta finesa os quilates de seu amor para com Deos, q̃ o amava, não porque elle fosse seu Deos, nem porque morresse por elle em hũa Cruz, nem porque lhe houvesse de dar gloria, nem porque fosse taõ eterno, poderoso, & infinito,

nem

nem porque nelle houesse immensidade de todos os bens, nem por outro algum respeito; mas que sómente o amava, porque o amava. Querendo dizer, que dado caso, que elle não fora se u Deos, ainda que o não redemira, nemj morrera por elle, & ainda que lhe não houesse de dar gloria, nem outro algum galardão de seu amor, com tudo não houera de deixar de o amar, como o amava, & assim este seu amor não tinha outro fim, nem outro respeito, senão o mesmo amor, & amar por querer amar. Assim disse bem o Poeta profano, que o amor não tinha porque: *Quare non habet ullus amor*, não me perguntem porque quero, & amo, ou de que me pago, & & elevo, que o amor se he verdadeiro, não tem porque. A este proposito comparou Plutarco o amor à hera: *Amor est instar hederæ, semper invenit ubi se colligat*. O amor he como a hera, que trepa pelas paredes, que sempre acha aonde se pegue. Vereis hũa hera subir por hum muro a cima, pa mais do modo que tem para se arrimar, & prender, por onde sobe. Mas he hera, que indo crescendo, là acha aonde se pegue, & de q lance mão para se fortalecer. Assim faz o amor, que aonde quer que se emprega, là acha cousas a que se péga, & de q se satisfaz, & ainda que isso não seja manifesto a todos, elle alcança esses segredos: *Amor est instar hederæ*.

Consideração quarta.

Consideraõse no amor cinco notaveis segredos, & nelles se não differença o divino do humano, ainda que o fim de ambos seja differente, respeitando hum ao Ceo, outro à terra. O primeiro effeito do amor he ferir o coração. Assim se sentio ferido o daquelle Divino Amante, que dizia: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa*. Feristesme minha querida alma, feristesme este meu coração, final certo de vos amar muito, porque coração ferido he fonte manancial, de que sempre está correndo amor. O segundo effeito do amor he,

- Cant. 4.* he, que rouba este mesmo coração, & o tira a quem ama: *Ab-
stulisti cor meum*, trasladão os Settenta nas palavras referi-
das, que querem dizer, roubaste-me o coração. E Santo Am-
Ambr. brofio traslada: *Cepisti cor meum*, que vem a dizer o mesmo;
porque quem ama não tem o coração em si, mas aonde lho
roubãrão, & puserãõ em prisãõ. O terceiro effeito do amor he,
que se rouba o coração alheyo, tambem faz entrega do seu
deixa hum, & toma outro, faz troca igual. O Mestre do amor^o
1. Ioan. 4. S. João declara este effeito, quando diz: *Qui manet in cha-
ritate, in Deo manet, & Deus in eo.* Quem tem caridade, fi-
ca de tão bom partido, que se tem amor a Deos, tãbem Deos
lhe tem amor; se ama, tambem he amado; se Deos lhe rou-
bou o coração, tambem elle roubou o de Deos; ambos ficão
bem pagos, o coração do homem entregue a Deos, & o de
Deos entregue ao homem. Como estava o do Apostolo S.
Galat. 2. Paulo quando dizia: *Vivo ego, jam non ego, vivit verò in
me Christus*, como se dissera: Ainda que pareço que vivo,
ninguem me julgue assim, porque Christo, a quem amo, me
roubou o coração, & sem elle mal posso eu viver; com tudo
vivo, porque vive em mim Christo, o qual quando me rou-
bou este coração, juntamente me fez entrega do seu, & assim
nelle, & por elle tenho vida. Daqui nasce o quarto effeito do
amor, que he confiança, & fortaleza, para commetter gran-
des cousas, como mostrou o mesmo S. Paulo que a tinha, di-
zendo: *Omnia possum in eo, qui me confortat.* Como fuy
Philip. 4. cheyo de amor de Deos, logo fiquei forte, & generoso para
commetter as mayores difficuldades do mundo; atrevo-me a
grandes rigores, & apertos da vida, & posso com tudo, por-
que me ajuda, & conforta Deos, a quem amo; que o amor dà
forças, & alento, para húa alma commetter grandes cousas. O
quinto effeito do amor se chama Ectasis, hum pasmo, & ad-
miração que se tem da cousa amada, ou seja considerando-se
perfeições suas, ou que vehemencia do mesmo amor o po-
nha em desmayos. Diz Santo Ambrosio, que impaciencia do
amor,

amor, arrisca muitas vezes a propria vida: *Si desideranti non contingit desiderabile, deficit in illud, & quasi ipsam deponit animam.* Se desejos não vem a ser senhores do desejado effeito, desfallece a vida, & quasi que a alma se arranca. David quando via que se lhe dilatava verse com Deos, dizia: *Concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini.* Desejo verme nesse Ceo, & em quanto isto se me dilata, desfallece esta minha alma, & tem accidentes de morte. Estes são os cinco effeitos do amor; mas além disto, tem elle condições admiraveis, como he ser forte como a morte: *Fortis ut mors dilectio.* A morte tem isto, que nenhũa cousa lhe resiste, assim leva o grande, como o pequeno, assim o leão, como a ovelha, assim o elefante, como o mosquito. O amor ainda he mais forte, porque a morte (com ninguem lhe resistir) nunca teve atrevimento para acometer a Deos, & o amor acomete, não sómente o homem mortal, mas ao mesmo Deos immortal, vencendo ao que tudo vence. Estas forças do amor declara S. João, quando diz: *In hoc cognovimus charitatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit.* Nisto vemos quanto o amor rendeo a Deos, pois força do amor lhe tirou a vida, o que nunca a morte fiserá; & assim não sómente he o amor forte como a morte, mas muito mais forte que a mesma morte: esta como se a alma aparta do corpo, não tem alli mais que fazer; mas o amor não se aparta da alma, ainda que a alma se aparta do corpo depois da morte, ainda permanece, & vive: *Charitas nunquam excidit,* diz S. Paulo. Nunca a caridade deixa de ser. Acabarà tudo, mas ella não, cessarão as profecias, & emudecerão as linguas, deixarão todas as cousas de ser, mas ella não, porque o amor sempre vive, & acompanha a alma immortal. Tem o amor assento, & lugar no coração, aonde se acende, & levanta fogo, que o abraza vivo. Este lugar do amor conheceo o Evangelista S. João, quando na ultima Cea não quiz ficar aos pés de Christo, nem a outra qualquer parte, senão junto ao seu coração,

Ambr.

Psal. 83.

Cant. 8.

1. Ioan. 3.

Cor. 13.

Ioan. 21.

coração, sobre o qual se reclinou para participar das chãmas, que delle sahião; & de tal modo ficou inflammado com esta vilinhança do amor, que dalli por diante não sabia falar senão em amor, nem de sua bocca sahião palavras, que não fossem cheas de amor.

Consideração quinta.

PIntouse antiguamente o Amor por varias figuras; mas a que hoje mais serve ao Christão, & mais lhe deve contêtar, he, que Christo Jesu posto em o Presepio, fica parecendo verdadeiro retrato do Amor; porque se este se pinta menino, menino se deixa ver o Salvador do mundo, dizendo delle Isaias: *Parvulus natus est nobis*. O Amor pintava-se com hũa venda nos olhos, que o não deixava ver. Christo nosso bem fez tanto por amor dos homens, que excedendo o modo, parecia que não via, nem se conhecia a si, vendo elle, & conhecendo tudo. Abaixouse a tanto, que abaixando-se a lavar os pés dos Discipulos, lavou os do proprio Judas, que o havia de veader. Nisto, & em outras mais coulas parece que se não conhecia; mas a tudo isto o obrigou o amor: *Propter miseriam inopum, & gemitum pauperum*. Pintava-se o Amor com azas em sinal da prestesa, com que acode ao que lhe importa. Azas tem o Amor de Christo, que com tanta diligencia procurou o remedio do mundo, como o tinha profetizado Malaquias, dizendo que nasceria o Sol da Justiça, & que em suas azas traria saude, & salvação: *Orietur vobis Sol Justitiae, & sanitas in pennis ejus*. Aquellas palavras dos Canticos: *Lampades ejus, lampades ignis, atque flammaram*, traslada outra versão que diz: *Alae ejus, alae ignis flammæ ejus*. As azas deste Senhor são de fogo, & chammas de immensa caridade, amor o faz ligeiro, & apressado; porque quem ama, corre para o que quer; & não corre sómente, mas voa; tem azas, & não quaesquer azas, mas azas de fogo, que he

velo-

Isai. 9.

Mal. 4.

Cant. 8.

velocissimo. Pintava-se mais o Amor com arco, aljava, & set-
 tas. Todos estes instrumentos tem Jesus para ferir, & affetear
 corações. Tem arco, como diz David: *Intendit arcum suū. Psal. 57.*
 Tem aljava, como diz Isaías: *In pharetra sua abscondit me. Isai. 49.*
 Sobre o qual diz Procopio: *Bona pharetra, ex qua tā sua- Procop.*
via educuntur amoris jacula. Soberana aljava a do divino
 Amor, donde se tirão tão suaves settas de divino amor: Tem
 settas, como diz o mesmo David: *Sagittæ tuæ acutæ, settas Psal. 44.*
 que não ferem o corpo, mas passaõ o coração, não rompem a
 carne, mas ferem a alma. Ferida destas settas chama a Alma
 Santa, dizendo: *Vulnerata charitate ego sum.* Ferida estou
 de divino amor, contente estou com a ferida, gloriosa com a
 chaga. Pois pintem ao Amor como quiserem, já com venda,
 já sem ella, já com frechas de ouro, já de chumbo, já com fô-
 gos, rayos, flores, & redomas de agoas cheirosas, que a estam-
 pa natural do Deos de amor, he Christo no Presépio, ou nos
 braços da Virgem. Salamão o pintou em hum carro precio- *Cant. 3.*
 so com o espaldar de ouro, as columnas de prata, o assento de
 purpura, a madeira de cedro, & no meyo sentado o Amor, que
 he Christo Jesu, enriquecendo o mundo cõ seu divino amor.

Diz Santo Augustinho, que dous amores fiserão duas ci- *August.*
 dades. O amor proprio fez hũa cidade na terra com tanta so-
 berba, que chegou a desprezar o mesmo Deos. E o Amor di-
 vino edificou a Cidade Celestial com tanta humildade, que
 chegou a desprezarse a si mesmo. A cidade da terra gloria-se
 em si, & nas cousas que em si tem: a celestial gloria-se no Se-
 nhor. Aquella ama suas vaidades, & esta só a Deos diz: *Dili- Psal. 17.*
gam te Domine. Aquella busca gostos entre os homens, esta
 os reprova, & entre Anjos busca os verdadeiros. Aquella quer
 mandar, & ser senhora, esta pretende obedecer, & servir, para
 chegar a reynar para sempre.

Amen.

Amendoeira.

Esperanças seguras.

Consideração primeira.

A Amendoeira he arvore, que na sagrada Eserittura se acha muitas vezes referida, encobrando mysterios profundos, como ella sabe encobrir seu fructo, & ser mysteriosa nelle. Assim o ter Jeremias aquella visaõ da vara vigilante, que outra versaõ diz que foi Amendoeira, cousa foi que então lhe deu muito em que cuidar, & depois muito em que entender aos Expositores sagrados. Como tambem escondem mysterio aquellas palavras do Ecclesiastico. Que florecerá a Amendoeira, pela qual os Padres antigos entendem o mesmo Christo. Emfim he a Amendoeira cheia de altissimos segredos, & ainda que Gualfrido, & outros Autores queirão q̄ nella se signifiquem esperanças eternas, por conveniencias q̄ apontão; com tudo a commua opiniãõ tem, que ella he figura de esperanças bem fundadas, que promettem certos, & seguros bens; porque esta arvore não sõmente apregoa fertilidade em mostrar flores tanto na manhã da Primavera, mas tambem prognostica fartura de paõ, que esse anno se ha de seguir; porque escrevem os naturaes, que quando virmos as Amendoeiras carregadas de fructo, depois que lhe cahio a flor, he final de grande fertilidade, & abundancia de paõ, que esse anno haverá.

As flores em géral, como fica dito em o seu significado, dizem esperanças; mas porque as da Amendoeira apparecem primeiro que as demais, anticipando-se a todas para melhor vingarem o fructo, & se aproveitarem do primeiro Sol do Veraõ, que entãõ começa, saõ ellas figura das esperanças que se fundãõ bem.

A amendoa antes de ser madura, & prestar para se comer,
crece

crece devagar, & está mais tempo na arvore, que os outros fructos, sendo ella a primeira que sahio com flores, & ultimamente se recolheo. A sua casca interior he muy dura, & a de fóra muito amargosa, & emfim o fructo ainda que he doce, não se chega a comer sem trabalho; o fructo que apoz a esperança vem, devagar vem, & mais tempo se espera do que se goza. Nunca esse bem chega sem ansias, & cuidados, porque vencida húa difficuldade, se levanta outra, apoz hum inconveniente se segue outro, apoz húa tardança mayor tardança. Assim que este fructo se não colhe sem custar, & sempre custa muito, se se espera muito; muito cança, se chega devagar. Basta dizer o Espírito Santo, que a esperança que se dilata, afflige a alma. Doce he a amendoa, mas amargosa na casca. Dizia Diogenes, que não havia cousa mais doce, que a esperança; mas que o fructo della não se comia, senão depois de se provar em amarguras, visto que sem trabalho não chega o fructo que se espera.

Prov. 13.

Isto mesmo se deixa entender na vara que temos dito de Amendoeira, que Jeremias vio, a que elle chama Vigilante, vindo a concordar muito húa cousa com outra, porque como pela Amendoeira se signifique esperança segura, o mesmo he estar em vigia, que viver de esperanças; o mesmo he vigiar, que esperar; porque quem espera, sempre vigia com o pensamento, & como de hum alto ferro está atalayando o que póde vir; representando na imaginação o bem que espera, como se o tivera presente; pelo que delicadamente chamava Platão às esperanças, sonhos de quem está acordado. Porque assim como os que estão dormindo, sonhão hús que achão thesouros, outros que estão contando dinheiro, & com isso se alegrão: assim os que esperão, sonhão, & estando acordados, em outra cousa não cuidão, nem imaginão, senão em o que desejão, representando que já lhes chega esse bem, & entrão na posse delle. Quaes se estiverão sonhando, mandão, tirão, & dispõem, como de cousas possuidas, &

Jer. 1.

Plat.

tudo isto parecem sonhos, & suas esperanças o ficão sendo; de sorte que vigiar, & esperar tudo he hum, & hũa mesma cousa o ter visto Jeremias vara vigilante, que vara de Amendoeira. Senão quizermos dizer, que esta vara que elle vio de Amendoeira, erão segurissimas esperanças do Filho de Deos haver de encarnar cedo, & vestir-se de nossa humanidade; como alguns Authores qu' rem que se entẽdão por Christo nossa unica esperança, aquellas palavras do Ecclesiastes: *Florebit amygdalus*, que querem dizer: florecerã a Amendoeira. A qual tem cortiça amargosa, & o miolo faborosissimo; & Christo teve carne sujeita a amarguras, & teve Divindade cheia de toda a doçura. Esta singular Amendoeira entã se diz que mostrou flores, quando refloreceo em sua gloriosissima Resurreiçã, sendo primeiro secca, mortificada, & abatida em sua santissima Morte, & Payxão.

Consideraçã segunda.

O Lançar Jacob varas de Amendoeira no tanque, ou canal de agoas, aonde o gado hia beber: *Virgas populeas, & amygdalinas*, parece que foi indicio das esperanças, que fundava no favor do Ceo, que lhe tinha promettido grandes prosperidades; & bem se lhe seguiu o effeito de suas esperanças; pois o gado, diante do qual pusera as varas, se lhe multiplicou em tanto augmento. E quando em outro lugar o mesmo Jacob mandou aos filhos, que fossem mercar pão ao Egypto, & levassem alguns mimos ao Governador da terra, apontou logo, que dos licores levassem mel, & rezina aromatica, & dos fruttos nozes, & amendoas, em as quaes, sem advertir, parece que appresentava esperanças de ver ao filho, que era o mesmo Joseph, a quem mandava o presente, como succedeo, que dahi a pouco disse: *Vadam, & videbo, irei, & verei a este filho, que tanto desejava ver, & quasi por impossivel tinha ver.*

O florecer a vara de Aron, & dar milagrosamente amendoas, diz Santo Augustinho, que foi sinal, em que claramẽte mostrava Deos, como entre todos escolhia a Aron por Summo Sacerdote. Mas o mostrar Moyses esta mesma vara com folhas, & amendoas ao povo de Israel, que estava no deserto, parece que foi darlhe esperanças da possessão que havião de ter em a terra de Promissão, para a qual caminha-vão, como diz David; que guiou Deos ao seu povo, com esperanças de gozarem tão boa terra; & por isso não temião aos inimigos, porque os asseguravão esperanças do Ceo: *Eduxit in spem, & non timuerunt.* Mas olhai, diz Santo Augustinho, como Deos responde às esperanças que vos dà, muito àlem do que podeis esperar das suas promessas. Muito mais dà do que promette: *Attendite, unum promisit Deus in virga Aaron, sed plura dedit.* Prometteo que a vara de quem escolhesse para Summo Sacerdote, milagrosamente lançaria flores: *Quem ex eis elegero, germinabit virga ejus.* Isto he o que prometteo, & mais não; & com tudo ao cumprir da promessa accrescenta mais, & muito mais: *Produxit frondes, & protulit flores, & germinavit nuces,* porque este he Deos, dar muito mais do que promette.

O mesmo Santo Augustinho diz em outro lugar, acerca desta vara, que nas mãos de Aron floreceo, que todos os que governão tem vara para reger, & castigar; donde o Apóstolo S. Paulo (que tinha espirital governo) dizia aos de Corintho, que em a vara havia de ir castigar aos delinquentes. Porém hum só Senhor teve vara que floreceo, & deu fructo. E assim como a vara daquelle Summo Sacerdote floreceo em o povo dos Judeos, assim no povo gentilico floreceo outra vara excellentissima, que foi a Cruz de Christo, vara florida, & toda cheia de esperanças nossas, que só na Cruz se fundão bem. E que fructo he este que deu a vara? Amendoas, diz a Escriitura. Pois a amendoa fructo he de muito mysterio: na primeira casca amargoso, na segunda resguardado, & fortale-

Num. 17

Psal. 77.
August.

Num. 17

August.

I. Cor. 4.

cido, & no interior comer suavissimo, que sustenta, & conforta, dando saude, & vida. A Cruz à primeira vista mostra tormentos, dores, & penalidades, & quem diz Cruz, diz trabalhos, & afflicções, apoz isso já descobre fortaleza, & amparo, q̄ he do genero humano; he torre, & he castello, & espada com que o Senhor sopeou o mundo, & triunfou dos inimigos: àlê disso he muy suave, & saborosissima no fructo, que de si dà, como a Igreja canta em louvor da mesma Cruz, chamando doce Lenho, doce Planta, a que dà tão doce, & suave fructo: *Dulce lignū, dulces clavos, dulcia ferens pondera.* A casca da amendoa trabalhosa he de quebrar, o fructo facil de comer. O rigor da Cruz difficultoso he de passar, mas vencido elle, segue-se o gostar doçuras eternas, às quaes ninguem chega sem esperanças, q̄ sempre vai fundando na Fé, & caridade.

Acerca da vara de Amendoeira, que Jeremias vio, & depois lhe pareceo panela, ou caldeira cheia de fogo: *Quid tu vides? Ollam succensam.* Diz São Augustinho, que em lhe parecer vara de amendoas, foraõ significadas as esperanças da vida perduravel, & na panela de fogo morte eterna; porque diante de nossos olhos se nos põem sempre esperanças de vida, & juntamente temor da morte; a vida em as amendoas, que he o mesmo Christo, a morte na caldeira, que he o mesmo demonio. Se bem obrardes, comereis fructo de amendoas com Jesu Christo. Se mal obrardes, tereis lugar na caldeira, padecendo fogo eterno em compaphia do demonio.

Para a vida eterna, que he o premio da vida virtuosa, he necessario a vida virtuosa, que he o premio da vida virtuosa.

Flor de Amendoeira. Velhice do homem.

Consideração primeira.

DA flor de Amendoeira fala a sagrada Escriitura, quando no Ecclesiastes avila o Espirito Santo ao mancebo, que

que se lembre, que a mocidade passa de pressa, & a velhice vê a correr, trazendo junto a si a morte. E querendo significar isto por figuras, & metáforas, diz assim: *Florebit amygdalus*, *Gloss. impinguabitur locusta, dissipabitur cappari*. O que declarando a Glossa interlineal Lyrano, & S. Jeronymo dizem, que *Florebit amygdalus*, he o mesmo que dizer: *Caput incanescet*, florecer a Amendoeira, quer dizer, encherse o homem de cãs, & chegar à velhice: *Florem amygdali pro canis posuimus*, diz S. Jeronymo: Quando digo flor da Amendoeira, quero dizer as cãs do homem, & a sua velhice; porque a divina Escriitura costuma falar metaforicamente; & para dizer por figura que o homem envelhecerá, diz que a Amendoeira florecerá: *Florebit amygdalus*. Este he o sentido literal, q̄ estas palavras tem, & assim não ha que duvidar na significação dellas. As razões disso não as dão, pôde ser que seja huma dellas, o apressarse muito esta flor em vir antes que as outras; as cãs apressãose, & antecipaõse em vir aos homens, vem muito antes do que se esperão. Ou porque estas flores parecem se muito com as cãs dos homens; & a divina Escriitura quando quer dizer, que apparecem cãs em a cabeça do homem, diz que florecem cãs, como Oseas diz do peccador, que estando cheyo dellas, não entende que está perto da morte: *Canis floruerunt ei, & ipse ignoravit*. Como se dissera: Tem a cabeça cheia de cãs, como arvore que está cheia de flores, & elle não sabe disso. Aonde S. Jeronymo diz: *Multo tempore erravit, & nihilominus ignoravit senectutem*. O peccador toda a vida erra, & no fim della não sabe quão visinho está da morte. E porque do Justo se diz: *Canis hominis sapientia ejus*. Do peccador se pôde dizer: *Canis hominis stultia ejus*. É desta tal velhice, que se passa em vicios, como a mocidade, disse Daniel ao perverso Presbytero: *Inveterate dierum malorum*, o homem envelhecido em males.

Gloss.
Lyran.
Hieron.

Osea 7.

Hieron.

Sap. 4.

Dan. 13.

Consideração segunda.

O Utra ração desta flor significar velhice, póde ser, porque apparece ainda no Inverno, que as outras não se atrevem a sair. A velhice he Inverno das idades do homem, nella apparecê as cãs. Perguntarão a Solon hum dos sette Sabios de Grecia, que cousa era velhice, & respondeo: *Vitæ hyems*. He a velhice Inverno da vida. E Diogenes perguntado pelo mesmo, respondeo: *Vita brumalis, tempestatibus obnoxia*, he a velhice vida de Inverno fugeita a tempestades. Porque assim como no Inverno tudo são chuvas, frios, ventos, & tempestades, assim na velhice tudo são queixas, trabalhos, dores, molestias, & enfermidades. Que he o que disse David: *Amplius eorum labor, & dolor*, o mais que se passa da vida depois de certos annos, que o homem he velho, tudo he trabalho, & dor. He a velhice hum Inverno de adversidades, & tormentas grandes. E dizia Catão, que ainda que a velhice não tivesse nenhum mal consigo, bastavalhe ver os males, que vivendo o homem, cada dia vai vendo: *Quod diu vivendo, multa quæ non vult videt*. Quem vive muito tempo, vê muitas cousas, que não quísera ver. E sobre tudo, não ha mayor miseria para a velhice, diz Catão, que sentir os velhos, que por velhos são aborrecidos da gente: *Hoc in senectâ deputo miserrima sentire, ea ætate odiosum se alteri*. Isto julgo por cousa muito miseravel, sentir o velho, que na sua velhice he molesto, & pesado à gente, & por isso aborrecido della. Dizia hum Filosofo muito bem, que os velhos quanto mais vivem, mais se queixão, porque vem que tudo lhe vai para peyor: *Peculiaris querela est senibus de rebus in deterius prolapsis*. Perguntarão ao Poeta Alexis, indo hũa vez andãdo muito devagar, que fazia, & respondeo: *Paulatim morior*. Pouco, & pouco vou morrendo, dando nisso a entender, que os velhos não vivem, mas morrem devagar.

Consideração terceira.

A Velhice com tudo foi sempre muy venerada, & he bẽ que aos velhos se tenham devidos respeitos: *Tribuere plurimum senectuti debemus*, diz o Principe da eloquẽcia: Muito devemos attribuir à velhice, ou seja de honra com q̃a havemos de reverenciar, seja de favor, & socorro com que a devemos aliviar. Santo Ambrosio aconselha, que se faça muito caso dos velhos, & de sua conversação, por ser segura, & proveitosa: *Ut equalium usus dulcior, ita senum tutior est.* *Ambr.* Assim como o trato, & conversação dos iguaes he mais agradavel, assim a dos velhos mais segura; porque com sua doutrina, & bom exemplo dà ornato, & perfeição à idade juvenil. Se os que hão de passar por lugares perigófos, buscão quem os guie, & assegure, quanto mais devem os juniores em companhia dos velhos commetter o caminho da vida: *Quo minus errare possint, & à vero tramite virtutis deflectere.* *Ambr.* Para que commettão menos erros, & não se desviem do caminho da verdade.

A velhice se hoje não he estimada, & reverenciada, he porque està desacreditada, & não corresponde ao que se espera della. Dizia Catão Senior, que à velhice bastavão os defeitos da idade, para se lhe não accrescentarem os de malicia; porque estes afrontão, & aquelles não. Não he ignominia (diz elle) dizerse que o velho he fraco, comedor, impaciente, agastado, & esquecido: *Hæc ferre satis est*, bem he que se lhe sofra isto. Mas dizerse de hum velho, que he linguarês, murmurador, deshonesto, avarento, ou cousas semelhantes: *Hoc omnibus quidem fœdum, sed seni fœdissimum est.* Isto em todos he abominavel, & nos velhos muito mais sem comparação. Diz o Profeta Ezequiel, que vira por revelação muitas cousas, a que chama abominações, & entre ellas diz que vio huns velhos, que tinham as costas viradas ao Templo do

Senhor, & que estavam adorando ao nascimento do Sol: *Habentes dorsa contra templum Domini, & facies ad Orientem, & adorabant ad ortum Solis.* A isto chama elle abominação mayor de quantas tinha visto; porque homens que estando no fim da vida, então cuidão que começam a viver, & lhes nasce o Sol, & se lembrão dos vicios da mocidade, para na velhice os commetterem semelhantes, virando as costas a Deos, & a suas inspirações. Grande abominação esta! Que quando hum homem na velhice, que está com os pés na cova, houvera de olhar para o pôr do Sol, & cuidar que assim se lhe acaba a vida, como ao Sol o curso que vai fazendo, então olhe para o seu nascimento, & queira ser tão menino, como foi na meninice, grande abominação! E a estes taes parece que diz S. Paulo: *Nolite fieri pueri sensibus*, não queirais velhos tornarvos meninos, sentindo como elles sentem, & obrando como elles obrão, que se erros tem desculpa com a meninice, em os velhos são muito culpaveis, & de escandalo grandíssimo. Dizia Catão Mayor, que miseravel era a velhice, que só se defendia com palavras, & com ellas se authorizava. Velho sou eu, oitenta annos tenho, muita he a minha idade. Não são as cãs as que vos authorizão, não vos acreditão os muitos annos que vivestes, mas a vida que fizestes, o exemplo que de vós déstes, as virtudes que hoje tendes, & o modo com que procedeis. No demais dizerdes que sois velho: *Misera est senectus, quæ se oratione duntaxat defendit.* Nenhũa cousa (diz Cicero) se deve fugir mais em a velhice, que vicios, & maligno exemplo. Pois isto que he intemperança: *Cùm omni ætati turpe, tum senectuti fœdissima est.* Se este vicio he abominavel em a mocidade, muito mais o he em a velhice, antes mal dobrado, porque aos velhos he afronta, & aos mancebos causa de se perderem com semelhantes dissoluções.

1. Cor.

14.

Cat. Ma.

Cato.

Consideração quarta.

O Principal accusador, que os homens haõ de ter no Juizo de Deos, he o Tempo: *Vocavit adversum me tempus*, diz Jeremias. Como se dissera: O tempo chamarà contra mim os Ceos, o Sol, a Lua, as Estrellas, a terra, & o mar, a riqueza, a faude, & a fermosura, porque a todos darà por testemunhas de quaõ mal obrei, & me aproveitei do que Deos me deu. Dirà o tempo, que me servio tantos annos, que tive de vida, & que sendo velho, assim gastei o tempo, como na meninice; dar-se-ha por aggravado, & queixar-se-ha, que se o perdi na mocidade, o pudera ganhar na velhice. Por isso me accusarà: *Vocavit adversum me tempus*. A Ticyo fingiraõ os Antigos no inferno lançado no chaõ, & atado a cadeas de ferro, com hum Abutre, que de continuo lhe està comendo as entranhas, sem acabar de as comer, porque assim como as vai comendo, vaõ ellas crescendo. He o Abutre por particulares razões figura do tempo. Titio representa ao homem velho na idade, & verde em os vicios, que em muito tẽpo se naõ emenda, antes cresce nelles; pois a este tal Abutres lhe comaõ as entranhas em o inferno, sem se acabar seu tormento. Que se aos condenados daquelle lugar dessem a escolher hum instante de tempo, ou monarquias do mundo, lançaraõ maõ do tẽpo, com que puderaõ mercar Reyno eterno; pois he lastima ver o pouco caso que se faz do tempo, & quaõ mal o passaõ muitos em a mocidade, & peyor na velhice: *An ignoras quoniam benignitas Dei ad pœnitentiã te adducit?* diz o Apostolo S. Paulo. Naõ sabes homem, que a clemencia, & piedade de Deos te leva pelos cabellos a seus pés, para que lhe peças perdaõ; & tu convertes merces taõ grandes em offensas suas. Certamente que nisto enthesouras ira para o dia do Juizo, tornando mal por bem, que he terribel sorte de ingraticidaõ, & perverso final de tua salvaçaõ; porque o naõ obrar hũa pessoa bem

Thren. 1.

Rom. 2.

bem na mocidade, que tem forças para servir a Deos, & melhor disposição para isso, perverso final he. Não se converter a elle na idade de varaõ, peyor final he; porq̃ tem já annos, & defenganos; tem mais experiencia do mal, & do bem, & o entendimento mais perfeito. Mas que hũa pessoa não dê fructo na velhice, & outono da vida, malissimo final he de sua salvação. Que aquelles que por sua idade haviaõ de ser Mestres, ainda não sejaõ principiantes, & os que haviaõ de dar exemplo, sejaõ pedra de escandalo; os que haviaõ de aconselhar aos outros, hajaõ mister ser aconselhados; & os que haviaõ de ser espelho, em que outros se vissem, sejaõ nevoas em que outros se confundaõ; malissimo final he, & deste se diga: *Cani effloruerunt ei, & ipse ignoravit.* Tem a cabeça chea de cãs, como hũa Amendoeira que está florida, & elle não sabe que está velho, nem cahe na conta do estado em que está.

Osee 7.

Figueira.

Doçura.

Consideração primeira.

Plinius.

Nenhũa arvore he mais vezes referida na divina Escritura, que a Figueira, & de nenhũa falou mais vezes o Salvador do mundo em parabolos, & exemplos, que da Figueira; & assim não deixa esta arvore de ser muito mysteriosa. Pelo menos tem hũa particularidade, que nas outras se não acha; porque todas ellas, antes de dar fructo, apparecem com flores, & a Figueira sem dar flores, apparece com fructo. No que a deviaõ imitar os homens, que primeiro haviaõ de sair com obras, que deffem esperanças, & promessas de as fazer; porque a muitos tudo se lhes vai em prometter, & dar flores de esperanças, sem nunca apparecerem cõ o fructo das obras. Sejamos como a Figueira, que não promette, nem dà esperanças

ranças de dar fructo, senão que logo o dà, & apparece com elle, sem descobrir flores, em que ha enganos, & perigos do tempo.

Significa a Figueira doçura, & por isso os Gentios a dedicavaõ a Mercurio; & quando celebravaõ suas festas, costumavaõ offerecerlhe mel, & figos, em sinal da doçura que tinha no modo de dizer, & propor as embayxadas de Jupiter. Porém o significado de doçura que a Figueira tem, he notoria daquella comparaçaõ, tantas vezes referida, quando as arvores foraõ pedir à Figueira, fosse rainha dellas; ao que respondeo, que não podia desamparar sua doçura, & fructos muy suaves: *Nunquid possum deserere dulcedinem meam, fru-*

Pierius

ctusque suaves? De sorte, que só de doçura se jactou, & este he o significado que lhe compete, & os Doutores Theologos lhe attribuem, sendo Ireneo de opiniaõ, que a fruta, de q̄ nos primeiros pays comeraõ no Paraiso Terreal, não foi maçã, senão figos gostosos, & delectaveis à vista. E assim dizem os Santos, que nenhũa cousa nos lança fóra do Paraiso, & da graça de Deos, senão a doçura dos gostos da vida, que com serem falsos, & danosos, de alguns são buscados por doces, & seguidos por suaves; sendo elles por muy justas razões vedados aos que pretendem gostar fructos da gloria, fugindo a enganosas sombras de arvores, que significaõ doçura. Porque a desta vida (como diz Santo Augustinho) he transito-

Jud. 9.

Irenæus

ria, & se por tempos agrada, converte-se em amargura eterna, sendo os gostos limitados, & poucos. A verdadeira doçura està em Deos, & ninguem a conhece, senão quem a gosta: *Dulcis, & rectus Dominus*, diz David, & chama-lhe doce, porque só a suavidade de Deos he chea de sabor santo, que nos consola, & sustenta; que nos fortifica, & faz Bemaventurados, & a que nos dà firmeza, humildade, & caridade perfeitaissima; & os que chegaõ a alcançar estes bens pela suavidade que gostaõ de Deos, dizem com o mesmo Profeta: *Quonia suavis est misericordia tua.* Não basta Senhor, que

August.

Psal. 24.

Psal. 33.

ufais

ufais comigo de misericordia, senão que essa ainda para comigo he suave, pois me deixa cheyo de infinitas consoações, & deleites soberanos, de que minha alma goza.

Consideração segunda.

QUando a sagrada Escriitura quer dar a entender, que o povo de Israel algum tempo tinha paz, & quietação, que não era molestado de inimigos, diz que estava cada hum delles quieto debaixo da sua figueira gozando a doçura da paz. Mas então repousava esta gente debaixo da figueira, quando vivia em a doçura da sua Ley Velha, que (como diz Santo Ambrosio) era figueira, aonde tudo eraõ folhas, & quando muito fazialhes sombra; chamando S. Paulo à Ley antiga hũa sombra do que havia de ser. E daqui se fica entendendo a parabola, que o Senhor propoz na figueira, em que havia tres annos que o dono da vinha não colhia fruttos, pelo que mandando-a cortar, foilhe pedido por parte do quinteiro, q̄ esperasse mais hum anno, para ver se com a cultivarem bem, respondia melhor. A qual comparação (diz Santo Ambrosio) he muy apta, & conveniente à Synagoga, porque o povo Judaico com ração he comparado à figueira, que (como fica dito) se pagava muito da doçura da sua Ley, figueira em que tudo eraõ folhas, & nenhum frutto, que o Senhor colhesse della: pelo que chegou tempo em que por justo castigo foi esta figueira arrancada, & este povo ficou destruido para nunca mais ser Povo, nem Reyno, nem Sacerdocio.

Esta significação de doçura parece que tem a figueira, quando da parte de Deos promettia Moyses ao povo de Israel, que o havia de levar a hũa terra de todos os bens, que na vida se podiaõ desejar; & apontando alguns delles, dizia que era terra em que nasciaõ figueiras, oliveiras, & romãs: *Terra in qua ficus, & mala granata, & oliveta nascuntur.* Que em sentido mais alto parece significar Deos, haver de levar os seus

Ambr.

Hebr. 10

Ambr.

Deut. 8.

seus escolhidos àquella celestial terra de promissaõ, aonde tudo he doçura, paz, & conformidade, com abundancia de todos os bens, entendendo-se esta doçura em os figos, a paz nas oliveiras, & a conformidade em as romãs; bens que naquella soberana patria já mais hão de faltar. Tambem quando o mesmo povo de Israel se queixava a Moyses, q̃ o trouxera a hum lugar deserto, alheyo de toda a consolação humana; apontavão logo, que não achavão nelle figueiras, nem vinhas: *Qui nec ficum gignit, nec vineas*, como dando a entender, que não descobrião ainda alli a doçura, & alegria que esperavão ter, esta significada em as vinhas, & aquella em as figueiras.

Num. 20

Consideração terceira.

HE consideração de S. Jeronymo, acerca dos figos que Jeremias vio à porta do Templo, huns muito bons, & outros muito amargófos, que (seguinto se a simples historia) pelos figos bons se entendem as prosperidades, & bonanças q̃ Deos deu a Jeconias Rey de Israel, por obedecer a seus mandados, & seguir os côselhos de Jeremias; & pelos figos amargófos se entendem as afflicções, & amarguras, que padeceo Sedequias, por se não querer entregar a El-Rey de Babylo-nia, como o mesmo Profeta lhe dizia. E assim, ainda aqui parece que significão figos doçura, & suavidades da vida; mas os amargófos significão amarguras da mesma vida. Porém em outro sentido quer este São Doutor q̃ por estes dous açafates de figos se entendão os bõs, & malignos Christãos; aonde para os bons tem Deos aparelhado fruttos muy doces, & suaves, & para os perversos tormentos, & amarguras. De sorte, que sempre pelos figos se fica entendendo doçura. E não ha duvida, que nelles a achasse muita El Rey Artaxerxes, quando sendo vencido, & desbaratado em hũa guerra, chegou cançado a hũa aldeia, aonde lhe offerecêrão figos com pão de centeyo, & comendo-os elle com fome, disse suspirando:

Hier.

Jer. 24.

Pierius.

rando: que nunca em sua vida comera manjar de mais doçura, nem que melhor lhe soubesse.

He tambem consideração de alguns Authores, que das plantas, a Figueira mais em particular he geroglyfico do homem; porque esta arvore, com ter as folhas asperas, tem os fruttos suavissimos: assim o Christão com ter o semblante grave, & severo, as suas obras hão de ser saborosas como o figo. A madeira da Figueira he rugosa, & pouco tratavel, mas por dentro he branda, & molle. O homem ainda que tenha as palavras asperas, as entranhas hão de ser brandas como seda, taes as devem ter os q̄ mandão, & governão: *Cumque sederem quasi Rex, eram tamen merentium consolator*, diz Job: A minha gravidade era de Rey, mas as entranhas de pay, que consolava aos tristes, & remediava aos pobres. A Figueira dà dous fruttos, & o bom Christão das obras que faz nesta vida, vivendo já tem premio, & doçura dellas; & na outra, vida, & eterno galardão: *Qui servat ficum, comedet fructus ejus*, diz Salamão: quem guarda a figueira, comerà os fruttos della. Ha figos que se guardão, & outros que depressa apodrecem. Hũas obras ha que se guardão por boas, outras que se não pódem guardar por perdidas. O peccador não guarda suas obras, porque saõ titulos de sua condenação, & ninguem quer guardar o que ha de ser seu barão, & cutello. O Justo guarda suas obras, como quem enthefoua riquezas, o qual não colhe moeda de ouro, a que não dè perpetua clausura; assim guarda o Justo a sua esmola, o seu jejum, a sua oração, & as suas lagrymas; do que já nesta vida recebe gofsto, prazer, & doçura; & na outra aquelle agradavel frutto, que Deos promete aos que nesta bem souberem obrar.

Iob 29.

Prov. 27.

Figos lampos.

Bens anticipados.

Consideração primeira.

D Os figos lampos fala o Profeta Miqueas no capitulo settimo de sua profecia, de baixo destas palavras: *Præcoquas ficus desideravit anima mea*, que querem dizer: A minha alma desejou comer figos lampos. Tambem delles fala o Profeta Jeremias, quando gabando a bondade dos figos que vira em hum cesto à porta do Templo, diz, que erão tão bons, como costumão ser os figos lampos do primeiro tempo da fruta: *Calathus unus ficus bonas habebat nimis, ut solent ficus esse primi temporis*. Por estes figos se significão bens anticipados, que vem antes daquelle tempo em que se podião esperar, como chamamos *Præcox sapientia*, saber anticipado, aquelle que ante tempo tem muitos meninos, aos quaes se anticipa o saber, & aviso; ainda que Marcial dizia, que aborrecia esta sorte de moços avisados antes de tempo, porque os taes crescendo na idade, mostrão que não são o que no principio erão: *Odi puerulos præcoci sapientiâ*. O que se não deve entender pelo bom entendimento, que alguns mostrão de pequena idade, & conservão dahi por diante, mas por hum aviso leviano, & muito inquieto que alguns tem. Diz pois Miqueas, que desejou figos lampos, que erão bens anticipados em o povo de Israel, cuidando que se aprefasse aquella gente a se dar de todo o coração a Deos, & que às invejas andassem a quem mais o havia de amar, obrando melhor, & servindo-o com mais cuidado. Estes bens anticipados desejou, por estes figos lampos suspirou, & succedeo-lhe pelo contrario, que não havendo emenda neste povo, nê colheo fructo nelle antes do tempo, nem a seu tempo, & assim se queixa o mesmo Profeta, dando hum grande suspiro: *Væ michi, mibi,*

*Mich. 7.**Hier. 24.**Marcial**Mich. 7.**Mich. 7.*

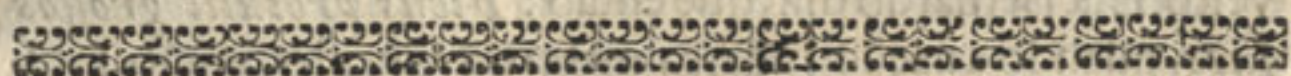
mibi, quia factus sum sicut qui colligit in autumno racemos vindemiae. Ah triste de mim! que me aconteceo, como àquelle que no Outono colhe cachos da vindima, & não acha nem sómente hum esgalho que coma; *Non est botrus ad comedendum.* Grande mal, notavel perda, que em tempo que a vinha deve estar chea de uvas para se vindimar, então se não ache hum cacho para se comer; não póde haver mayor miseria, nem desordem de cousas, que quando húa alma ha de responder a Deos com fructo abundantissimo, então esteja mais pobre, & falta delle! *Vae mibi.* Triste de mim, que sinto estes males como meus, porque sou hum dos jornaleiros que tracto da culturação desta vinha, & sinto na alma não ver fructo nella, nem antes de tempo, nem a seu tempo: *Præcoquas ficus desideravit anima mea.* Palavras estas, que a seu proposito podem dizer por si os que deseão, que se lhes anticipẽ alguns bens da vida, & vem que lhes faltão. E com mais razão as devem dizer, os que esperando bens, recebem males, & perdas, que não imaginavaõ.

Consideração segunda.

DEve-se considerar, que os bens desta vida, parecem q̃ para huns se apartaõ muito, & para outros sempre tardaõ, & nunca chegão. Anticipaõse para os ricos; & fogem dos pobres; antes de tempo vem aos grandes, & poderosos do mundo, & em nenhum tempo entraõ em casa do afflicto, & miseravel. Em nascendo os filhos de gente rica, & poderosa, os bens se lhes vem chegando, as heranças, os morgados, as rendas, & possessões, de sorte, que pelos grandes estaõ nesta vida esperando bens, & prosperidades; & pelos pobres, & necessitados esperaõ pobresas, miserias, trabalhos, & perseguições. Pois que fim ha isto de ter, & em que ha de parar? Grande consolação para os pobres do mundo. Que se pelos ricos estaõ esperando mais riquezas, & bonanças da vida, pelos pobres

pobres está esperando Christo Jesu, para ser seu Capitão, & para os remediar, & sustentar. Aos ricos anticipaõse bens da terra, mas aos pobres apressa-se Jesus, para os amparar, & socorrer; & mais quero eu, que se apresse Jesus, para me acodir com sua misericordia, que o mundo para me encher com suas abundancias. Estas me faltem, porque possua a meu Deos; nunca me estas venhão, se com ellas virem, ha Deos de deixar de vir a minha casa: *Similis est dilectus meus caprea, hinnuloque cervorum*, dizia a Alma Santa. O meu querido Esposo he semelhante à corça, & ao cervo das montanhas. Pois desse modo correrá muito? Não haverá quem o alcance indo apoz elle? Mas não vos enganeis, que meu Esposo corre, & voa como gamo; voa, & corre para me acodir, & socorrer; ligeiro he, para que vendo minha necessidade, seja depressa comigo. A sua ligeireza não he para fugir de mim, mas para correr a mim, que como de longe vê minhas miserias, mais depressa vem a me remediar, do que eu me apresso em lhas representar.

Cant. 2.



Figos verdes.

Frutos sem proveito.

Consideração primeira.

TRes vezes se fala em a divina Escrittura em figos verdes, debaixo desta palavra *Grossus*, & são aquelles que vem juntamente com as folhas, & pela mayor parte cahem no chão antes que amadureção, com qualquer vento que os abala, dando lugar a que outros figos cresção, & cheguem a ser maduros, o que elles não tem. Por isso no capitulo sexto do Apocalypse se diz, que cahirão Estrellas do Ceo, como se forão figos verdes, que com facilidade despede de si a figueira, quando algum pé de vento grande a move: *Stellæ de celo ceciderunt super terram, sicut ficus emittit grossos suos,*

Apoc. 6.

oidia

O

cum

210 FIGOS VERDES. FRUT. SEM PROV.

Nabũ 3.

cum à vento magno movetur. O mesmo diz o Profeta Nahum, falando da destruição de Ninive, que se não poderia evitar, por grande que fosse a fortaleza de seus muros, & castellos: *Omnes munitiones tuæ, sicut ficus cum grossis suis: si concussæ fuerint, cadent in os comedentis.* Por estes figos

Anselm.
Hieron.

verdes, que não chegão a ser maduros, quer Santo Anselmo, & S. Jeronymo, seião significados fruttos sem proveito; assim declara Anselmo aquellas palavras dos Cantares: *Ficus protulit grossos suos.* Sahio a figueira a luz com os seus figos verdes, pelos quaes entende os fruttos sem proveito, que deu a Synagoga, significada na figueira; a qual guardando a sua Ley Velha, segundo carnal entendimento, nunca chegou a amadurecer com seus fruttos: *Quia neminem ad perfectum adducit lex*, porque a ninguem levava aquella Ley a estado de perfeição. E S. Jeronymo explicando as mesmas palavras:

Hieron.

Ficus protulit grossos suos, diz: *Veteris legis præcepta deciderunt, intellige, ut inanes fructus.* Cahirão, & ficarão sem valor os preceitos da Ley Velha, como fruttos sem proveito. E S. Bernardo diz, que então:

Bernar.

Ficus protulit grossos suos, quando a nação Judaica matou a Christo, então mostrou esta maligna figueira os seus figos verdes, quando diante de Pilatos disse: *Crucifige, crucifige eum.* Então os mostrou, quando na Cruz lhe davão a beber fel amargofo. Então os mostrou, quando claramente manifestou seu odio, sua malicia, sua maligna inclinação, & seus grosseiros entendimentos.

Luc. 23.

Ioan. 19.

Mat. 27.

Consideração segunda.

Bernar.

O mesmo Santo quer tambem que por estes figos verdes se entendão imperfeições; porque assim como aquelles por fruta imperfeita não chegão a amadurecer, assim os actos imperfeitos não chegão a prestar, & adquirir o estado de perfeição, a que erão dirigidos. Pelo que se pôdem chamar figos verdes os imperfeitos Christãos, frios em a caridade,

tibios

FIGOS VERDES. FRUT. SEM PROV. 211

tibios em o fervor do espirito: *Cujus fructus adhuc grossi, & terreni.* Cujos fruttos ainda são grosseiros, & tem muito da fez da terra; gente que primeiro que tudo não sabe buscar a Deos, como diz o Apostolo: *Primum querite Regnum Dei, & justitiam ejus.* Só cuidão nas coulas que são do mundo, os maridos como hão de contentar as molheres, & ellas a elles. Mas então chegão esses fruttos a ser maduros, quando o serviço de Deos se antepõem a tudo; quando em tudo se obra bem, & se fazem as coulas em Christo, & por amor de Christo; porque sem elle não se póde fazer fructo que seja de proveito, como o mesmo Senhor disse: *Sine me nihil potestis facere.* E para este fructo ser proveitoso ha de ser feito com amor, & de puro coração: *De corde puro, & conscientia bona, & fide non ficta.* O mesmo Apostolo diz, que fructo he este naquellas palavras: *Fructus spiritus charitas est.* O fructo do espirito he a caridade. Como se desta fonte tudo manasse; porque da caridade procedem todas as graças, como são: *Gaudium, pax, longanimitas, benignitas, fides, mansuetudo, &c.* Estes são os fruttos que nascem da caridade; prazer da alma, quietação, & sossego della, longanimidade, benignidade, fé, mansidão, continencia, & castidade. Aonde diz Santo Augustinho: *Quis autem bene gaudet, qui bonum non diligit, unde gaudet?* Como póde ser ter hõa pessoa gosto de algũa coula, se não houver amar algum bem, donde proceda esse gosto: *Quis pacem veram nisi cum illo habere potest, quem veraciter diligit?* Quem póde ter verdadeira paz, senão com aquelle, que verdadeiramente ama. Quem he misericordioso, senão aquelle que ama o mesmo, de quem se cópadece? Pois para que nossos fruttos sejaõ de proveito, sejaõ de amor, & caridade perfeita, como diz o Apostolo: *Fructus spiritus charitas est.*

1. Cor. 7.

Ioan. 15.

1. Tim. 1.

Galat. 5.

August.

Galat. 5.

Folhas de figueira. Penitencia.

Consideração primeira.

Ireneus **P**Elas folhas da figueira, quer Ireneus; que se entenda a penitencia, tirando este significado do segundo capitulo do Genesis, quando Adão, & Eva se vestirão de folhas de figueira: *Consuerunt sibi folia ficuū*. Peccarão ambos, indo contra o preceito de Deos, & tendo-o ambos offendido, tratarão de fazer penitencia de seu peccado, mortificando seus corpos cõ a asperesa do vestido, & lançando os olhos às folhas das arvores, que havia naquelle lugar de tanta frescura, achãrão que entre todas, as da figueira erão asperas, & rigorosas, convenientes para a penitencia que querião fazer, por isso: *Consuerunt sibi folia ficuū*, de folhas de figueira, que cõseirão hñas com outras, fiserão vestido, de que se cobrirão, para se mortificarem. Naõ lhes faltavaõ outras grandes, & fermosas, de que se aproveitassem para esta obra, mas todas erão brandas, & macias a respeito das de figueira; estas lhe convinhaõ para seu intento, & as outras naõ, porque tratavaõ de cobrir o corpo de penitencia, & a alma de virtudes, de que estavaõ despojados.

Consideração segunda.

A Alma em peccando fica nua da graça de Deos, & vendo-se neste estado, deve procurar cobrirse de cousa que a agasalhe, & vista sua pobreza. Para isto não ha melhor vestido, que o da penitencia, do qual deviamos todos andar cubertos, porque com a penitencia se encobrem peccados, & ditófos aquelles que com ella encobrem os seus, como diz David: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates,*

Et quorum tecta sunt peccata. Bemaventurados aquelles cujas maldades estão perdoadas, & cujos peccados estão cubertos. O que Origenes declara excellentemente, dizendo, que pelo Bautismo se perdoão as maldades, & estas se cobrem ao diante com a cappa da penitencia amargosa: *Remittuntur iniquitates per sanctum Baptisma, teguntur per amarum peccati pœnitentiam* Perdoãse as maldades pelo santo Bautismo, cobremse com a amargosa penitencia do peccado. E Didymo a este proposito diz: *Beati quorum tecta sunt peccata, qui legi obtemperantes, quamprimùm pœnitentiam agunt.* Ditólos aquelles cujos peccados estão cubertos, os quaes obedecendo à ley, fazem logo penitencia, com a qual se vestem, & deixão de andar nus. E ha-se de advertir dizer este Author, que a penitencia se ha de fazer logo; porq̃ quando a alma dilata fazella logo, & tarda em se adornar deste vestido, depois sente o mal que fez, como o sentia aquella que lembrada de quão mal se soubera entender algum tempo, q̃ não dera por inspirações do Ceo, & se mostrara obstinada, & ingrata a seu Creador, repetia com magoa sua as mesmas palavras de obstinação, com que então respondia a Deos: *Expoliavi me tunicâ mea, quomodo induar illâ?* como se differa: Se eu de meu livre alvedrio, quando Deos me chamava, lancei de mi toda a mortificação, & actos de bem obrar, pelos quaes podia vir a entrar na verdadeira penitencia; se lancei de mim a tunica da penitencia com que me pudera cobrir, & não andar nua; se cheguei a estado que me contento de minha confusão, & miseria, & fujo de toda a obra porque pudera merecer, como tornarei ao que deixei, ou como me vestirei da roupa que despi por vontade minha? E este não querer a alma tornar-se a cobrir deste vestido, & mostrar-se alhea de fazer penitencia, he o peyor estado a que póde chegar. E he ameaça que Deos faz ao peccador que se não quer converter a elle, como por Oseas diz, que attente cada hum por sua alma, & responda às inspirações do Ceo: *Ne fortè expoliam*

Origen.

Didym.

Cant. 5.

Oseas 2.

eam nudam, & statuam eam secundum diem nativitatis suae. Olhe a alma como se dà comigo, & o caminho que leva com suas ingratições, não chegue a estado, que estando nua, eu a despoje, & a deixe como o dia em que nasceo. No que se devem ponderar duas cousas, a primeira, que ha Deos de deixar nua a alma; & a outra, que a ha de despojar. Nua fica a alma que commette peccado, mas algũas ha, que estando nelle, não deixão de fazer algũas obras boas; jejuaõ, dão esmolas, ouvem Missas, frequentão os Officios Divinos, porèm almas ha, que além de estarem nuas pelo peccado, nenhũa obra boa fazem; & fazem todas as que de males pódem commetter, tendo grande fastio, & aborrecimento às cousas do Ceo. E esta he a tunica de que Deos chega a despojar hũa alma: *Ne fortè expoliam eam nudam*, que he o mais miseravel estado a q̄ hum peccador póde chegar, desamparallo Deos de todo, em pena dos peccados que precederão, indolhe pouco, & pouco diminuindo os auxilios sufficientes que lhe dava. Este miseravel estado declara Deos por Joel, usando de hũa metafora da figueira, a qual quando alguem descarnasse, & tirasse a casca, que de fóra tem, deixando a nua, com lhe tirar esta tunica lhe ficava tirando a substancia, & a mesma vida: *Ficum meã decorticavit: nudans spoliavit eam, & projecit.* Esta arvore he qualquer alma Christã, que lança de si a tunica da penitência, & quer ficar nua, sem graça, sem virtude, & sem vida, como figueira sem a tunica exterior: *Ficum meam decorticavit.* O peccador (diz Deos) deixou a alma nua, & despida, & com a por neste estado, elle mesmo a despojou: *Nudans expoliavit eam*, fez-se incapaz, & inhabil para fazer qualquer boa obra, que he a ameaça de Deos muito para temer.

Joel I.

Phil.

Carp.

Cant. 6.

Com este vestido da penitencia quer Deos ver vestida, & adornada qualquer alma Christã; & nota singularmente Philo Carpacio, que esta he a rafaõ, porque quatro veses diz o Esposo Divino à Alma Santa, que se vire a elle, porque quer ver o seu rosto, vestido, & concerto: *Revertere, revertere Sulamitis,*

Sulamitis: revertere revertere, ut intueamur te. Quatro vezes diz que se vire a elle, que são quatro vocações com q̄ Deos chama a alma à penitencia. E assim verte elle deste modo as mesmas palavras: *Convertere, convertere Odollamitis, convertere, convertere, ut intueamur te.* Quatro vezes diz este Author chama Deos a alma à penitencia. Odollamitis quer dizer, testemunho em a agua, & na agua da regeneração confessa o penitente o mysterio da Santissima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo. Para fazer esta confissão a chama tres vezes, & feita ella, a chama a quarta vez para a santa conversação, & conservação da graça, pela qual mereça gloria, como se lhe dissera: *Converteivos alma por penitencia ao conhecimento, & confissão do Padre, converteivos ao Filho, converteivos ao Espírito Santo.* E por fim converteivos dos caminhos que antes seguieis ao estado da innocencia, & ao exercicio de boas obras, & augmento de todas as virtudes; cõ este ornato, & enfeite sereis digna de que as mesmas tres Pessoas olhem para vòs, & vos daremos o premio que merecerdes: *Ut intueamur te.*

Consideração terceira.

A Penitencia que Santo Augustinho chama máy de todos os bens, he a primeira virtude que Christo prégou no mundo, hum dos perfeitos dões que descendem do Pay dos lumes, como diz S. Gregorio, he renascença da alma, mé-
 finha de males, diluvio em que se afogão peccados, despesa de lagrymas, armas contra o demonio, & espada que lhe corta a cabeça, esperança da salvação, chave que abre as portas dos Ceos, que o peccado fechou, remedio de peccadores, q̄ não sómente apaga o delitto, mas grangea premio, mudando vicios em virtudes. Acompanha-se a penitencia de confiança, & quem a fizer, seguramente póde apparecer diante do Tribunal da Divina Justiça; mas nem por isso deve o peni-

*August.
Jac. I.
Gregor.*

Chryf.

tente dar-se por seguro, mas ser acautelado, que assim o diz S. Chryfostomo: *Pœnitentia nullum reddat securum, sed cautum.* Ninguem com fazer penitencia se tenha por seguro, antes seja acautelado.

Em casa da penitencia ha diversos officios; porque alli se acha o Promotor da justiça, que he hum pensamento accusador do delitto, que o peccador commetteo; a testemunha he a mesma consciencia, que não sabe encobrir a verdade. O algoz que sempre executa castigo, he o temor que atormenta a alma do delinquente, & delle procede a contrição, as lagrymas, & os gemidos. Tambem se alli acha o odio do peccado, & o amor de Deos, que são as duas principaes cousas, que fazem a verdadeira penitencia, como diz Santo Augu-

August.

tinho: *Pœnitentiam certam non facit nisi odium peccati, & amor Dei.* E a verdade he, que não pôde haver verdadeira penitencia aonde se não acha aborrecimento do peccado, & amor de Deos, que está firme em o não tornar mais a of-

Gregor.

fender. Assim diz S. Gregorio, que aquella penitencia he boa, a qual aborrece males commettidos, & chora os passados de forte, que nunca mais commetta os que chorou. E assim nenhũa outra cousa he penitencia, senão chorar erros passados, & não commetter de novo outros, que haja de chorar,

Gregor.

como diz S. Gregorio: *Pœnitentiam agere est perpetrata mala plangere, & plangenda non perpetrare.* Pelo que o penitente que chora peccados, & juntamente os torna a commetter, ainda não começou a fazer penitencia. Nem se envergonhe de a fazer o que se não envergonhou de peccar, q̄ se assim o fizer, não deixará Deos de aceitar penitencia de quem a elle se converte, nem elle costuma pedir conta do q̄ por penitencia perdoou. Nem ha tão grande culpa, que pela penitencia não alcance perdão.

Aponio.

Aponio diz, que está Deos de continuo com os olhos longos esperando por nossa penitencia, & assim quer este Au-

Cant. 2.

thor, que se entendão aquellas palavras dos Cantares: *En ipse*

ipse stat post parietem nostrum respiciens, &c. Porque está Deos esperando por nós, & chamandonos para a penitencia, detraz da parede de nossa incredulidade, & dureza de nossos corações: *Post parietem incredulitatis nostrae, pravorūque operum nostrorum expectat nos Deus, & vocat ad penitentiam.* Este mesmo Author quer que a penitencia seja aquelle precioso Nardo, de que a Alma Santa diz: *Dum esset Rex in accubitu suo, nardus mea dedit odorem suum.* Cant. 1. Porque a penitencia he de suavissimo, & muy agradavel cheiro à vista de Deos, & então lhe agrada mais, quando o Celestial Rey da Gloria descança em a humildade da carne: *In humilitate carnis accumbente Rege.*

Consideração quarta.

T Ambem he de ponderar que a penitencia tem dous gemidos, que dà ao Ceo, & despede a Deos, os quaes são figurados em os dous pombinhos, ou par de rolas que se offerenciação pelo peccado; hum, & outro em offerta, & sacrificio a Deos. O primeiro gemido da penitencia he aquelle que o penitente dà pelo peccado que commetteo: do outro faz sacrificio a Deos, quando se doe, & tem grande pesar do bem que deixou de fazer. Dous gemidos deve dar o peccador convertido, hum porque não fez o bem que era bem fazer; o outro, porque fez o mal que foi mal feito fazer; por isso pois mandava Deos no Levitico, que pelo peccado se offerencesse hũa rola, & outra em sacrificio. Levit. 5.

Estes dous gemidos parece que deu Job em figura do peccador, quando disse: *Unum locutus sum, quod utinam non dixissem: & alterum quibus, ultra non addam.* Job 39. Hũa cousa disse, que prouvera a Deos que não differa, da outra prometto de me emendar, & não tornar a cair nella, como se differa: Hum delitto commetti, de que me pesa muito, pelo qual dou hum gemido ao Ceo, & outro dou pelo bem que deixei de fazer

218 FIGUEIRA BRAVA. TEMPERANCA, A.
fazer, estando fóra da graça de Deos, & sem luz do Ceo; mas
de hũa, & outra cousa prometto emenda: *Quibus ultra non
addam.*

S. Bernardo diz, que a alma penitente he aquella, *Quae
ascendit per desertum sicut virgula fumi.* Sóbe esta pelo
deserto de seus peccados, lembrando se do desamparo della,
Ioan. 12. sóbe como lavareda de fumo: *Quia per plures peccatorum
species tanquã fumus de thuribulo, per plura foramina de-
rivatur.* Porque essa mesma penitencia pelas muitas varie-
dades dos peccados, qual cheiroso fumo vai saindo vaporádo
como por diversas partes do thuribulo; & ainda que o fumo
não tem resplendor, com tudo tem cheiro suavissimo, que só-
be às nuvens, & tal o tem a penitencia. Que assim como que-
brando a Magdalena o vaso aromatico, para ungir com elle
os pés de Christo, diz o Evangelista S. João, que a casa toda
ficou recendendo com a suavidade daquelle cheiro: *Impleta
est domus ex odore unguenti.* Assim do cheiro suave da pe-
nitencia se enche a terra, enche-se o Ceo, & o mesmo Deos
se agrada muito do sacrificio, aonde lhe se offerece incenso
no thuribulo da penitencia.

Figueira brava.

Temperança.

Consideração primeira.

O Nome que esta arvore tem, apregoa quem ella he: *In-
util, infruttuosa,* & nem boa para dar fructo, nem pa-
ra fazer sombra. Os Latinos lhe chamão *Caprificus*, que en-
tre nós quer dizer, figueira brava. Tem esta de tempo antigo
Pierius. (como diz Pierio tratando della) significado de Temperan-
ça, por hũa particular virtude, que a experiencia nella des-
cobrio, & he, que atando-se hum ramo desta arvore ao pes-
coço do touro, por bravo, & feroz que seja, perde a bravesa,
&

& se torna manso. Quiserão pois os Antigos, que arvore que tem virtude para temperar a ferocidade de tão furioso animal, fosse geroglyfico da temperança, que refrea os desordenados appetites do homem, que esta he a diffinição que Santo Augustinho lhe dà: *Temperantia est affectio coercens, & cohibens appetitum ab iis rebus, quæ turpiter appetuntur.* He a temperança hum affecto da alma que refrea, & subjuga o appetite daquellas cousas que se desejão mal; de modo, que o dom desta virtude consiste em resistir aos malignos desejos, que nos apartão da Ley de Deos, & do fructo de sua bondade, que he vida bemaventurada. He o seu dom despirnos do antigo Adão, & renovarnos em Deos, como diz S. Paulo: *Exuamus nos veterem hominem, & induamus novum.* Seneca diz: *Temperantia voluptatibus imperat, alias odit, atque abigit, alias dispensat, & ad sanum modum redigit.* A temperança como rainha em seu throno, he senhora que domina sobre gostos, & prazeres, a huns aborrece, & desterra de si, com outros dispensa, & os faz sofriveis com os reduzir a modo não vituperavel; porque só ella sabe o modo que nelles se ha de ter, não quanto os homens queirão, mas quanto a modestia permite: *Necesse est in immensum exeat cupiditas, quæ naturalem modum transiit.* Appetites que não sabem ter modo, nem meyo, de necessidade hão de ir sempre avante, sem terem termo, nem fim. Porque o modo das cousas tem seu fim bem ordenado, vaidades, & appetites das cousas não sabem ter fim limitado. Os que se dão a sobejos gostos, vem a telos por costumes de que não podem carecer, & por isso são miseraveis, porque chegarão a estado, que suas sobegidões vierão a ser suas necessidades. E assim estes já não gozão, mas são escravos de seus gostos. Santo Ambrosio diz, que na temperança se encerrão muitas mais virtudes, como sossego do espirito, mansidão da alma, graça de bom governo, cuidado de tudo o que he bem, & consideração do que he melhor. Diz mais, que tal ordem devemos ter em nossas cousas,

August.

Coloss. 3.
Senec.

Senec.

Ambr.

cousas, que pela virtude da temperança começemos a lançar nossos fundamentos, a qual por se acompanhar da quietação da alma, afugenta de si a maldade, escolhe o seguro, & busca o honesto, o honroso, & agradável a Deos,

Consideração segunda.

August.

Considéra Santo Augustinho, que a temperanea se acompaña de tres virtudes, que são clemencia, modestia, continencia. E definindo a cada hũa dellas, diz, que a clemencia he virtude, pela qual os corações temerariamente indignados se refreão com mansidão, & brandura. E a modestia he virtude, pela qual o pejo honesto alcança firme, & muy noble authoridade; & a continencia virtude, pela qual nossos desejos são governados com a luz de louvavel conselho. S.

Bernar.

Bernardo diz, que da temperança he fugir a prosperidades, & sofrer varonilmente as cousas adversas: *Temperantia est prospera declinare, & adversa viriliter tolerare.* E S. Gre-

Gregor.

Niss.

gorio Nisseno affirma, que a austera, & continente vida, he guarda dos bens que a temperança possue: *Austera, continensque, & aspera vita, fit custos bonorum temperantiae.*

Chryf.

S. Chrysoftomo diz, que nunca esta virtude tão excellente se alcança com ociosa, & regalada vida, mas com muitos trabalhos, muita mortificação, fervor, & amor de Deos: *Neque unquam otio temperantia paratur, sed multis sudoribus.*

1. Cor. 9.

Para a alcançar, dizia S. Paulo, que usava de grandissimos rigores para consigo: *Castigo corpus meum, & in servitutum redigo.*

Prov.

14.

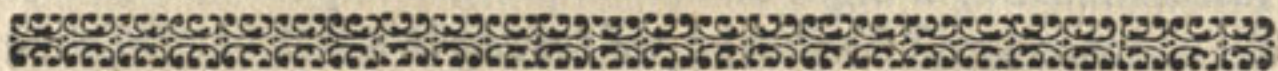
Temperança quer Deos que a tenhamos, assim no temporal, como no espirital, assim em gostos humanos, como em os divinos; porque apoz os humanos costumão vir lagrymas, como se diz nos Proverbios: *Extrema gaudii luctus occupat.* Apoz prazer se segue pranto. E apoz os espirituales se hão de temer tentações, que nunca faltão. Por isso quer Deos, que

que os seus servos vão sempre attento, & que quando tiverê algum gosto da alma, juntamente tenhaõ temor: *Exultate ei cum tremore*, diz o Profeta David: Alegraivos com ter- *Psal. 2.*
des igualmente temor. Contentes hjaõ os Apostolos em a na- *Mat. 8.*
vegação que faziaõ, pois levando comfigo a Christo por pi-
lotõ da nao, se davaõ por seguros, eis que depressa se vem
perturbados com tormenta desfeita, que foi necessario re-
correr ao favor divino: *Domine salvanos, perimus*. Para se
lhes dar a entender, que no mayor gosto, & tranquillidade do
espírito se ha de temer mayor perturbação. Assim dizia o
Anjo a Tobias: *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut* *Tob. 12.*
tentatio probaret te. Porque vòs Tobias ereis aceito a Deos,
foi necessario que tentações provassem vossa virtude, porque
quando esta he mais favorecida com auxilios celestiaes, não
lhe haõ de faltar tentações em que mostre suas excellencias.

Consideração terceira.

SEndo a figueira brava figura da Temperança, diz della
Plinio: *Caprificus immunis est omnibus morbis, & in- Plinius.*
juris, que accidunt arboribus. Com esta arvore ter inutil, &
infrutuosa, hũa excellencia tem, que não se acha em as ou-
tras, por boas que sejaõ. A figueira brava he izenta de todos os
contágios, doenças, & injurias, que succedem às outras arvo-
res. Todas ellas tem contrarios que lhes fazem mal, sejaõ bi-
chos, sejaõ males do tempo a que estaõ sujeitas, porèm a fi-
gueira brava he izenta, & como privilegiada entre todas. Es-
tas são as prerogativas da Temperança, que a todas as virtu-
des se avantaja, não ter contrario que a vença, & lhe faça
mal, nenhum maligno costume se lhe péga, he virtude izen-
ta de males, pela qual os homens ficaõ superiores a todos os
inimigos da alma, & habeis para participarem bens immor-
taes. Assim diz Santo Augustinho: *Per temperantiam re- August.*
bus spiritualiter pulchrioribus, & incorruptibiliter sua-
vioribus

viuoribus coaptamur. Pela Temperança nos applicamos a cousas que espiritualmente são mais fermosas, & incorrupti-
Bernar. velmente mais suaves. Por isso S. Bernardo diz, que a Vida de Christo nosso bem he espelho da Temperança: *Cujus vita speculum temperantiae.* E que esta se acha em toda a Vida de Christo, & que só se devem chamar temperados: *Qui illum imitari student,* aquelles que procurão imitar sua vida. A esta virtude chama este Santo santificação, & assim diz sobre aquellas palavras do Apostolo S. Paulo: *Hæc est enim voluntas Dei, sanctificatio vestra.* Diz que esta palavra *Sanctificatio,* he o mesmo que Temperança: *Sanctificationem pro temperantia ponit Apostolus.* Porque esta virtude he a que nos santifica, a que nos apura, & engrandece, esta a que na peregrinação desta vida nos guia direitos às partes do Ceo.



Figueira douda.

Vaidades.

Consideração primeira.

Luc. 19. **H**E commua opiniaõ, que o Sicomoro (arvore em que Zaqueo subio para ver a Christo) he a mesma a que chamamos figueira douda, da qual diz S. Jeronymo, & Eua-
Hieron. querio, que por ella se significaõ vaidades do mundo, as quaes põem debaixo dos pés aquelle que sendo pequeno, como Zaqueo em a humildade, & vil opiniaõ, que de si mesmo tem, tocado de bons pensamentos se levanta sobre si, & sobre toda a prudencia, & sabedoria da terra, para ver a Christo, & ir em seu seguimento. A figueira douda tem boas apparencias, & representação de dar fructo, como as arvores que o daõ bom; mas tudo nella he fantastico, & fingido, em tudo mente, em tudo engana. Taes são as vaidades do mundo, & quanto nelle ha. Mostra boas apparencias, que póde dar
 bens,

bens, & riquezas, gostos, & prazeres, que haõ de durar; representa que suas cousas tem sempre verdura de annos, & gostos que naõ haõ de faltar; porẽm em tudo mente, & engana; porque todas suas cousas saõ fingidas, & fantasticas, saõ pinturas, & retratos, que mostraõ à vista jardins, & bosques agradaveis, naõ sendo mais que tintas. Quem quizer gozar da companhia de Christo, ponha vaidades debaixo dos pès, como fez Zaqueo, quando para ver a Christo se subio em a figueira douda. Por isso quer Santo Ambrosio, que nesta figueira se significasse a naçaõ Judaica, a qual chea de suas vaidades, & sabedoria vã, naõ soube conhecer, & penetrar a sabedoria de Christo, que os Judeos tinhaõ por ignorancia. O divino Bernardo sobre aquellas palavras dos Cantares: *Ficus protulit grossos suos*, diz que este nome *grossos*, tambem quer dizer couza grosseira. Pois a figueira douda com q̃ fruttos podia vir, senaõ com rudesas, & obras de gente grosseira? E naquelle povo diz elle que naõ houve que naõ fosse grosseiro: *Quid non grossum in gente illa?* Grosseiro em os costumes, grosseiro em as obras, grosseiro em as palavras, & grosseiro em todo seu procedimento. Figueira douda foi esta naçaõ, que sempre tresvaliou em materias de Fé. Pois se Zaqueo que era desta naçaõ douda, quer ver a Christo, & seguir suas pizadas, suba ao Sicomoro, & fique pizaando com os pès as vaidades do seu povo, as rudesas, & ignorancias da sua naçaõ, significada em o mesmo Sicomoro: *Vanitatem Judæorum vestigio suo terens.*

Ambr.

Bernar.

Luc. 19.

Terebinto.

Augmento,

Consideração primeira.

O Terebinto he arvore que atégora se naõ vio nestas partes Occidentaes, por se dar só em as do Oriente, como
na

Plinius.

na Arabia, na Syria, na Macedonia; sendo as que se dão na Syria grandissimas por extremo, & da melhor, & mais preciosa goma, que vem do Oriente. Plinio diz, que o Terebinto dá incenso, & hũa rezina cheirosa, que se chama Terebintia. Dá tambem hum fructo de muy suave cheiro, & de cõr vermelha. A sua madeira he muy presada, & de muito resplendor; della se faziaõ antiguamente obras curiosas, & por isso foi celebre hum Thericles, que ao torno fazia côpos, & outros vasos de Terebinto, que erão estimados por toda a Grecia. A sua flor apparece em cachos, como a de oliveira, & só se differença na cõr purpurea que tem. As folhas nunca lhe cahem, & seus ramos se estendem muito, pelo que he a sua sombra muy agradavel. Nove vezes se faz menção desta arvore em a sagrada Escriitura, como quando no Ecclesiastico a Eterna Sabedoria se compãra ao Terebinto, dizendo:

Eccl. 24.

Ego quasi Terebintus extendi ramos meos, & rami mei honoris, & gratia. Eu como Terebinto estendi os meus ramos, & estes meus ramos são de honra, & graça. Tambem Isaias annunciando prosperidades ao povo Judaico, depois da transmigração de Babylonia, & de muitos açoutes que Deos lhe dava, diz, que se havia este povo de dilatar, & estender como

Isai. 6.

Terebinto: *Erit in ostensione sicut Terebintus.* E assim consideradas estas allegações, & palavras da divina Escriitura, quando fala do Terebinto, conforme a ethimologia do mesmo nome, parece que por elle se significa tudo o que diz augmento, & dilatação, & tudo o que se estende, reparte, & communica a muitos; perque he proprio desta arvore dilatar, & estender mais seus ramos, que outras algũas, dando de si goma aromatica, & cheiroso incenso. Sendo sua sombra deleitosa, & ella a mais bem feita, & fermosa arvore de todas, havendo valles em as divinas letras, que se chamavaõ do Terebinto. Taõ grandes, & fermosos eraõ alguns que havia em certos lugares.

1. Reg.

17.

Consideração segunda.

A Cerca do Terebyntho he celebre aquelle passo do Genesis, quando Jacob caminhando com toda a sua gente, mandou que lhe entregassem os idolos que alguns levavão, os quaes sendolhe entregues, diz a divina Escrittura, que os soterrou ao pé de hum Terebyntho, derretendo-os primeiro, como diz Abulense, para que derretido aquelle licor, minasse ao profundo da terra, & não apparecesse mais metal que servio de tão infame ministerio: *At ille infodit ea subter Terebynthum.* O soterrallos mais ao pé desta arvore que de outra, querem alguns Doutores sagrados que o Terebyntho seja figura da Cruz de Christo, arvore tão fermosa, de tão boa sombra, de tão suave fructo, & de ramos que tanto se estenderão, & dilatarão por toda a terra. Ao pé deste fermoso Terebintho esconde Jacob falsos deoses, porque ao pé da Cruz, & à vista della soterra o bom Christão vaidades, & pompas do mundo, que são idolos que elle mesmo adora. Ao pé da Cruz se sepultão vicios, & peccados, aqui se escondem enganos da vida, aqui se humilhão arrogancias, & altivezas dos homens, aqui se enterrão gostos, riquezas, & affeições, em que muitos idolatráo. A imitação de Jacob ao pé deste Terebyntho da Cruz, arvore tão estendida, & dilatada, houveramos todos de sepultar nossos idolos, pois raros são os que não tenham alguns a que adorão, ainda dos q morão em casa de Jacob, porque se entende a Igreja Catholica, aonde aquelles que ao pé deste Terebyntho devião sepultar falsos deoses, pelo contrario à sombra delle commettem grandes offensas de Deos; pelos quaes se póde entender em mais alto sentido o que Oseas diz daquelles que idolatráo, & offerecião sacrificios aos idolos à sombra do carvalho, do alemo, & Terebyntho: *Quia bona erat umbra illius,* achando que era boa a sombra do Terebyntho não

Gen. 35.

Abul.

Osee 2.

P

para

para sepultarem, & esconderem vicios ao pé delle, mas para cometerem novas offensas, & deleites. Males q̄ Deos castiga com tanto mayor severidade, quanto mayor he a malicia de quem tão atrevidamente os commette. Disto que fica declarado se entenda, qual seja a significação do Terebyntho; que como não he arvore conhecida nestas partes, nem anda tanto em prattica como as outras, não ha para que nella façamos largas considerações.

Murta.

Dor,

Consideração primeira.

A Murta he planta de que muitas vezes fala a divina Escrittura, dandolhe titulo de arvore fresca, & agradável, como quando Isaias profetizando alegres novas ao seu povo, dizia, que em lugar de ortigas crescerião murteiras em suas terras: *Pro urtica crescet myrtus*. E como quando esse povo de Israel, para fazer tabernaculos em hum dia de festa, sahio ao campo buscar ramos de murta, & de palma: *2. Esd. 8. Frondes myrti, & ramos palmarum*. Dos antigos não foi ella menos celebrada, assim por sua verdura, como suavidade de flor. De maneira que nas partes do Oriente he seu fructo de excellente sabor, em especial as que se dão junto ao mar, que he o proprio dellas em aquellas regiões. Foi esta planta consagrada a Venus, porque quando Juno, Pallas, & Venus, vierão ter com Pâris sobre a contenda de quem lhe parecia mais fermosa, deu elle a sentença por Venus, & lhe poz na cabeça hũa grinalda de murta, donde vem o pintarse Venus com hum ramo de murta, que lhe cerca a cabeça; & à sua imitação se coroou seu filho Eneas de murta em hũas festas aonde se achou. E por isto diz Nicandro Author Grego, que Juno, & Pallas ficãrão dalli por diante aborrecendo a murta.

Não

Não contém pouca difficuldade descobrir a ração, porque a murta significa dor, visto que as ha muy efficaces, para significar o contrario, que he prazer, & contentamento. E faz por isto, que quando os Antigos em seus convites estavam mais contentes, hião passando de mão em mão hum ramo de murta, em sinal de alegria; do que Plutarco faz menção, & Horacio em muitas partes que trata de convites, & da frescura do Verão, exhorta a que todos fação capellas de murta, que ponhão em a cabeça, em sinal de prazer. Tambem he notorio entre Authores Latinos, q̄ pela murta se significa o gosto, o mimo, & a natural inclinação do appetite, que he outra ração de esta planta ser dedicada a Venus, como deosa mimosa, & mais dada a gostos, que todas as outras, sendo esta planta de materia mais tenra, & delicada, que a das outras arvores, & a sua flor muy suave. Donde não carecia de singular doutrina a fabula que finge a Fauno solicitando a Hecates, a quem não podendo vencer com instancias de cada dia, tocou por fim com hum ramo de murta, que foi o mesmo q̄ tentalla com lascivo, & libidinoso desejo, o que tambem não moveo seu constante animo. No que se dava a entender, que a natureza humana significada em Hecates, he muy solicitada do sensual appetite, significado em Fauno, que de contino a toca com murta, que são lascivos cuidados, & torpes imaginações. E então chega Fauno a vencer, & se converte em cobra, como fez a Hecates, quando com enleyos, & embaraços, que busca, engana como serpente, & mata como inimigo. Mas porque não tiremos à murta a vulgar significação que tem de dor, he de saber. Que ha hũa especie de murteiras, que tem as folhas passadas de parte a parte, como feridas penetrantes. E como esta arvore seja dedicada à mãy do Amor, os feridos delle de contino se queixão, que tem os corações passados com settas, & daqui se tomou argumento, para se attribuir à murta o significado de dor, o qual devia ter de tempo antigo, pois o Principe dos Poetas, pintando

Plutar.
Horat.

Ovid.

Virgil.

o sitio do inferno, diz que a huma parte delle ficão os prifoneiros do amor, muy tristes, & melancolicos, em humas escuras encruzilhadas, que rodeão matas de murtas, como dando a entender que gente que padece tanta dor, acompa nhão arvores significadoras da mesma dor: *Quos myrtea circum sylva tegit*. Os Gregos tambem pela murta entendião coufas tristes, & dolorofas; pelo que em algumas solennidades funebres se coroavão de murta, em final da dor, & tristeza que sentião. Por isto quando na Cidade de Thebas se ajuntavão a celebrar as festas de Jolas, que adoravão por deos, aquelles que junto à sua sepultura se avantejavão em algũa habilidade de correr mais, ou pelear melhor, erão coroados de murta.

Gregor.

S. Gregorio Papa quer que pela murta se entenda a compayxão, & piedade, pela particular virtude que tem temperativa de mollificar, & abrandar; & assim interpretado aquelle lugar de Isaias, aonde Deos diz, que porã no deserto a murta, entende elle por esta planta a virtude da compayxão, a qual quer Deos que haja em a sua Igreja, que era deserto, quando era povo Gentilico. Nella quer que sejão todos caritativos, & tenham entranhas de piedade, para se compadecerem das miserias do proximo, & para os consolarem em suas afflicções. E se quem se compadece da dor alhea, igualmente a sente como se fora sua, sempre fica bẽ significar a murta dor, pois dor he a compayxão que se doe dos males alheyos.

Isai. 41.

Consideração segunda.

August.

A Dor chama Santo Augustinho mal grandissimo, porque não ha mayor mal, que aquelle que causa a morte, ou doenças gravissimas, como a dor muitas vezes causa, & pelo menos diz S. Chrystomo, que a dor sobeja causa doudice: *Dolor immedicus adducit insaniam*. Assim o vemos por experiencia; que muitos com a dor excessiva que padecem,

Chryf.

perdem

perdem o juizo, & daõ em furiofos. A definição da dor, conforme Santo Augustinho, he ser hum sentido impaciente de algum successo, divisaõ, ou corrupção. Seneca chama à dor cousa dura: *Dura res est dolor*. Mas o homem he fraco, pois a não pôde sofrer com paciencia. Porque se a dor he leve, sofra-se, & ferà leve o sofrimento. Se a dor he pesada, sofra-se, & não ferà pequena a gloria da paciencia. Quem a não sofre, infama a natureza, porque ella nos fez fortes contra os combates da dor, & nós não lhe sabemos resistir. Diz Cicero que na guerra ha soldados que cõ fraqueza fogem, & viraõ as costas ao inimigo, morrendo de puro medo, & outros que com animo resistem, & ficaõ vencedores. Assim ha homens pusillanimes, que se não atrevem a sofrer o semblante da dor, & por isso cahem muitas vezes, ou morrem desacorçoados: *Qui autem resistunt, fiunt sapissime superiores*. Mas aquelles q̄ resistem à dor, sahem vencedores, & livraõse de muitos males.

August.
Seneca.

Cicero.

A dor ainda que seja do corpo, sempre pertence à alma, q̄ esta he a que se queixa, & a sente muito mais. Tem a dor certas amigas, que já mais deixão de a acompanhar. Estas são as lagrymas, que nunca faltaõ a onde ha dores: *Dolor habet lacrymas, ut arbor fructus*, diz Plutarco, taõ proprio he ter a dor lagrymas, como a arvore fructos. Cresce a dor com muitas cousas, mas nada a accrescenta mais que a vista dos olhos. A onde quer que hũa pessoa se ache, pôde sentir algũa dor do que lhe dizem, ou imagina de mal; porèm isto que he ver cõ os olhos a causa de sua dor, he mal incomparavel: *Oculi au- gent dolorem, quia ea, quæ cæteri audiunt, intueri coguntur*. Os olhos accrescentaõ a dor do que se padece; porque são constringidos a ver o que os outros ouvem, & não podem apartar a imaginação do mal que vem. E assim he mais toleravel ouvir males, que vellos com os olhos. E os olhos do entendimento mais facilmente são levados àquillo que se vê, do que às cousas que se ouvem. Ninguem ha que escape de pa-

August.

Plutar.

Cicero.

Eurip.

decer dor: *Mortalium nemò est, quem non attingat dolor.*

Cicero

Dizia Euripides: Dos mortaes nenhum ha, que não participe de dor, mas esta hum bem tem, que he ser remediavel, & para se pôr em cura, tem hum medico muy experimentado, que he o tempo. Este he só o que tira, ou diminue a dor: *Dolori tempus medetur*, diz Augustinho. O tempo a meinha qual-

August.

quer dor, as horas a vaõ diminuindo, & os dias reduzindo a a menos. Não ha dor, que a distancia do tempo não diminua, & abrande. He verdade que para a dor não atormentar tanto, he meinha vagarosa a distancia do tempo, porèm a proveita, & he grande remedio pôr dias, & noites de por meyo.

Cicero

- *Ille quæm morbi admittit, non videtur esse in dolore, sed in timore.* *Consideração terceira.* *Quædam sunt, quæ non sunt in dolore, sed in timore.*

Gregor.

HE a dor confa que em toda a parte se acha, & fóra de

Cicero

Deos não acharemos senão dores. Na vida entaõ he a

August.

dor louvavel, quando a acompanha a penitencia, sem a qual

não he esta proveitosa. A dor que os Justos padecem nesta vida por qualquer tanto respeito que seja, será galardoadada com eterno prazer; & assim quando as padecem, já tem recreação em a lembrança do premio, que hão de ter apoz seu largo sofrimento. Por isso dizia David: *Secundùm multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tuæ lætificarunt animam meam.* Graças vos dou, meu Deus, que se as

Psal. 93.

dores que padeço, são muitas, muitas são as consolações de

Cicero

meu coração, vendo que as vossas promessas são certas, &

não póde faltar prazer a minha dor, nem premio a meu trabalho, segundo a multidaõ de minhas dores, são as consola-

ções, com que alegrais meu espirito. Aquelles que por bens

eternos receaõ padecer males, & a troco de transitorias dores

deixaõ prazer perduravel, não merecem nome de bons, co-

Gregor.

mo diz S. Gregorio: *Qui pro æternis bonis mala hic perpe-*

Iob 4.

ti metuunt, recti non sunt. Antes os malignos são aquelles q

semeaõ dores, & as colhem, entaõ as semeaõ quando com-

mettem

mettem males, & entaõ as colhem, quando saõ castigados pelos delittos que commettem, porque cada hum colhe segundo semea: *Quæ seminaverit homo, hæc & metet.* Quem dores semea, dores recolhe. *Galat. 6.*

As dores tem hum bem, que quando saõ muitas, levaõ hũa alma ao amor de Deos, & desejo de cousas celestiaes, & só nisto contentaõ, que fazem naõ contentar nenhũa cousa da vida; assim o diz o mesmo S. Gregorio: *Dolores in hoc mihi vehementer placent, quia placere in hoc mundo aliquid non permittunt.* Nisto me agradaõ muito as dores, que naõ permitem agradarme cousa algũa do mundo. A dor naõ tem outro remedio, senaõ a consolaçaõ, a qual para ser de proveito, aconselha o mesmo Santo, que se deve conformar com a dor, porque de outro modo mal póde ninguem consolar a quem se doe, se naõ concorda com sua magoa, & se com brandura naõ alivia a chaga de quem se doe. Ha mister para consolar o afflicto, sentir igual afflicçaõ, como os amigos de Job, que quando viraõ que sua dor era vehemente, querendo-o consolar, chegando à sua vista, rasgáraõ os vestidos, & lançando sobre as cabeças pó, se prostráraõ por terra, & estiveraõ sem falar sette dias, & noites, para que Job visse o sentimento que tinhaõ de seus males, & admittisse melhor as consolações do mal alheyo. *Gregor.*

Seneca diz, que he cousa escusada ter hũa pessoa dor daquillo que com dor se naõ remedeia. Para esta se por de parte, aponta elle duas condições, que se haõ de lançar fóra: *Futuri timor, & veteris incommodi memoria.* Receyo do que póde succeder, & lembrança de perdas passadas, porque estas já nos naõ pertencem, porque passáraõ, & aquelle ainda nos naõ toca, porque naõ chegou. E póstos nestas difficuldades digamos: *Forfan & hæc olim meminisse juvabit.* De sorte, que lembranças de males passados antes devem recrear ao diante, que entristecer. Quem peleja contra a dor, vencerà esta dor, quem lhe der entrada, serà vencido della. Pelo contra-

rio fazem muitos, que chamaõ a si os males, a que houveraõ de resistir. A dor acomete sempre para matar, & destruir. Naõ havendo quem lhe faça resistencia, alcaça ella seu fim, como inimigo que vai ferindo ao que lhe foge, & naõ se lhe atreve a resistir.

Pinheiro.

Morte.

*Consideração primeira.**Isai. 44.*

Duas vezes he o Pinheiro referido na sagrada Escriitura pelo Profeta Isaias; delle diz Santo Ambrosio, que he imagem da natureza humana, arvore que do principio do mundo foi sempre nascendo, & conservando se de propria semente. O abrirem se suas pinhas ao fogo, & a mesma pinha imitar a chamma de fogo, tem segredo. Foi antiguamente consagrado a Cybelles mãy de todas as cousas; porque como o Pinheiro era imagem da natureza, foi bem que se dedicasse à mãy da mesma natureza. A sua significação he da mais triste, & terribel cousa, que na vida ha, pois he a morte inimiga sua. A razão he manifesta, porque o Pinheiro cortado hũa vez naõ cresce, nem reverdece mais; pára, & deixa de ter vida; o que naõ succede às outras arvores, que cortadas naõ seccaõ, mas tornaõ a lançar ramos, & troncos, & crescem em igual altura que de antes, como a oliveira, a lorangeira, o alemo, os salgueiros, & quasi todas as mais arvores; & havendo quem diga que tambem o cipreste cortado hũa vez, naõ torna a reverdecer, & que por isso póde ser figura da morte, a isto se diz, que commummente os ciprestes cortados seccaõ logo; porèm já se viraõ alguns, que sendo cortados, tornaõ a crescer, & na Ilha de Candia assim se tem por experiencia, o que nunca se vio, nem ouvio dizer do Pinheiro. Pelo que assim como o Pinheiro cortado naõ reverdece, o homẽ hũa

hũa vez morto, & apartado dos viventes, não torna a viver, alli fenece, & acaba, alli perecem todas suas imaginações. Assim compára Job o homem à arvore, que sendo hũa vez cortada, não torna mais a ter vigor. E de semelhantes exemplos està chea a sagrada Escrittura, que mostra a impossibilidade do homem, para tornar da morte à vida.

*Pf. 145.
Iob 14.*

Nas partes de Hetruria diz Pierio, que em todas as campas, & pedras de sepulturas estão abertos Pinheiros, o que attribue à significação de morte, que esta arvore tem, & naquellas pedras està mostrando que a morte depositou debaixo dellas aquelles corpos defuntos, que como Pinheiros cortados não haõ de tornar a renascer, senão quando por divina virtude houverem de ser refuscitados. Bem claro he significar o Pinheiro morte, no que succedeo a El-Rey Cresso, como conta Herodoto, que estando apaixonado contra os Lampfacenos, os mandou ameaçar, que os havia de dessepar como a Pinheiros, dando a entender, que para sempre os havia de extinguir, sem ficar memoria delles.

Pierius.

Herod.

Consideração segunda.

A Morte he o fim de todas as cousas, & a mais terrivel dellas, produzida da raiz do peccado, semeada pela serpente, nascida da culpa do homem, temida de todos os viventes, mais cruel que todos os tormentos, & mais forte que todo o poder do mundo. Para mostrar este se pintou sempre com arco, & settas, fazendo tiros tanto ao longe, como ao perto, sem ninguem lhe fugir. Os Egypcios pintaraõ a morte em huns olhos cerrados; porque assim como no homem o coração he a primeira cousa que vive, os olhos saõ os que primeiro morrem, & donde a alma primeiro se despede. E porque Galeno chamou aos olhos divinos, por serem a melhor prenda da vida, do entendimento, & da alegria temporal, morrendo elles, morre a melhor cousa, que o homem possui, que

August.

Pierius.

Galeno.

Aristot.

que como diz Aristoteles, amamos aos olhos mais que a todos os outros sentidos.

Tambem os antigos quizerão significar a morte em a coruja ave triste, nocturna, & aborrecida de todas as aves. A razão he, que como a gralha seja figura da vida, a coruja lhe quer tanto mal, que de noite a anda buscando com odio natural, para a matar, & extinguir sua geração em os filhos. No que se representa a morte, que anda por matar a vida, & lhe té odio mortal. Outra razão ha, que a morte vem como ladraão de noite, & algũas vezes pela noite se entende a morte, como aquillo do Poeta.

In aeternam clauduntur lumina noctem.

Mat. 25.

Assim como pelo dia se entende na divina Escriitura a vida; a coruja em Latim tomou o nome de *Noctua*, que quer dizer ave nocturna, que de noite tem seu dominio. Tal he a morte, noite de trevas, & escura sombra de confusões, de noite vem, & à meya noite dà seus rebates, como o Salvador do mundo o deu a entender, para nos lembrar, que pois a morte he ladraão que vem de noite, vigiemos a sua chegada. Acerca desta triste ave significar morte, faz o que succedeo a Pyrrho Rey dos Epirotas, que vindo para cercar a Cidade de Argos, teve por agouro de sua morte, virselhe hũa coruja pòr sobre a lança, que trazia pelo caminho, & não passáráo muitos dias que elle não morresse junto aos muros da Cidade, q̄ tinha em cerco, de hũa pedrada que de cima lhe atirou huma molher. Acompanha-se a morte de amargura, & nas divinas letras o mesmo he morte, que amargura, como se vê nas palavras, que disserão os filhos dos Profetas a Eliseu, quando sentiraão o amargor de hũas hervas, que haviaão de comer?

4. Reg. 4.

Mors in olla vir Dei, como se disserão, estas hervas amargão como a mesma morte. Tambem a morte se chama solitaria, porque na hora em que vem, tudo he summo desamparo. Hia Isaac para haver de ser sacrificado, & até o pé do móte o acompanhavaão criados, com que podia aliviar o caminho;

Gen. 22.

inho; porèm já posto no alto do monte, não vio apar de si mais que a venda, para lhe cobrirem os olhos, cutello para sua garganta, lenha para o fogo, & fogo para o sacrificio. Estampa da hora da morte, aonde até entãõ na vida vos acompanhãõ parentes, criados, & amigos; porèm naquelle artigo, que a alma està para sair, não vedes apar de vòs, senãõ espada da Divina Justiça, que vos faz tremer, & fogo do inferno, q̃ vos ameaça, & muita lenha para elle, de muitos peccados, q̃ commettestes, & até alli levastes às costas. Não ha quem naquelle tempo vos valha, senãõ vossas obras, se foraõ boas: *Ipsi iustitiã sua liberabunt animas suas*, diz Ezequiel. Os que morrem conforme seu procedimẽto livraraõ suas almas, que outrem ninguem os ha de livrar. E no demais bem tem naquella hora que entender comfigo quem quer que morre: *Anima illius super semetipso dolebit*, diz Job: Quem està no artigo da morte, bem tem que entender comfigo, & com as dores, & agonias que padece. Não se lembra entãõ a pessoa mais que de seu aperto, & afflicçaõ.

Ezech.

14.

Iob 14.

Este caminho fazemos todos com Isaac ao monte, aonde havemos de fenecer: *Metam properamus ad unam*. Todos caminhamos depressa por chegar a hũa balisa; & se alguem cuida que não ha là de chegar, engana-se. Diz Seneca: *Tu autem non putabas te aliquando perventurum ad id, ad quod semper ibas*. Cuidaveis vòs que não havieis algũa hora de chegar ao lugar, para onde sempre caminhaveis: *Nullum sine exitu iter est*. Não ha caminho que não vã dar em alguma parte, & não tenha seu fim: *Malè vivunt, qui se semper vituros putant*. Aquelles que sempre cuidãõ que hãõ de viver, vivem mal, & morrem com queixas. Poucos saõ os que se contentãõ có o q̃ tem andado da vida. Ninguem ha q̃ diga:

Seneca;

Vixi, & quem dederat cursum natura, peregi.

Sinal de grande ingratiãõ, não nos contentarmos com a vida passada, quando os momentos da presente saõ continuadas merces do Ceo.

Con

Consideração terceira.

Apoc. 6.

O Evangelista S. João vio a morte posta a cavallo: *Ecce equus pallidus; & qui sedebat super eum; nomen illi mors.* Figura notavel, & a rafaõ he; porque a morte no principio do mundo era manca, & andava muito devagar. Primeiro que chegasse a casa de alguẽm, passavaõ se quasi mil annos, que a gente entãõ vivia. Seguiu-se o Diluvio universal, & nas agoas delle parece que tomou a morte forças, deixou as moletas, & sahio dellas tãõ robusta, que andando a pé, & a correr, deu dahi por diante os rebates mais apressados, & comecãõ as vidas a ser mais curtas; porque chegava a morte mais depressa. Porẽm no tempo de S. Joãõ poz-se a morte a cavallo para correr muito mais depressa, & acodir a infinitas partes; que jã hoje a morte nãõ espera para dar rebate em a velhice, a moços, & a meninos dà de continuo, & tãtos leva de huns, como de outros, abreviando a todos a vida.

Ambr.

Com tudo Santo Ambrosio em hum livro que faz de Bono mortis, considera muitos bens que a morte tem, & tras consigo. Assim nãõ quer elle que a morte se chame terribel, mas terribel a opiniãõ, que cada hum tem della, segundo estãõ afieçoado: *Non mors ipsa terribilis est, sed opinio de morte, quam quisque pro suo interpretatur affectu.* Porque cada hum tem medo della, confõrme tem a consciencia, & nãõ a teme quem na vida nãõ commette cousa que se haja de temer. A morte, diz este Santo, he divisaõ, & apartamento da alma, & do corpo; absolve-se a alma, & resolve-se o corpo, a que se absolve, fica desembaraçada, & o que se resolve em terra, fica nãõ sentindo nada; & assim tem os nescios a morte pelo mayor mal de todos, & os prudentes pelo mayor bem, & descanço da vida. Quereis saber, diz S. Chrysostomo, que cousa seja a morte? Pois adverti, que nãõ he mais que hum suave sono, hum fõssegado apartamento, hũa trasladação pacifica,

Chrysost.

cífica, hum seguro porto, hum descanso quieto, húa izençaõ de molestias, & perpetua absolução de cuidados. Nenhuma cousa tem pesada, em nada nos cança, a correr nos leva à terra da verdadeira quietação. A morte ainda que parece terrível, tem muy boas condições, porque primeiramente dà carta de alforria ao escravo, & o faz tão bom como ao amo:

Aequat omnes cinis, impares nascimur, pares morimur, Seneca.

diz Seneca: A todos iguala a morte, desiguaes nascemos, & todos morremos iguaes. Por esta alforria suspirava o Apóstolo S. Paulo, quando dizia: *Ipsi intrans nos gemimus, expectantes redemptionem corporis nostri.* De continuo estou suspirando, & gemendo dentro em mim, esperando pela redempção deste meu corpo, como cattivo por seu resgate, & como o encarcerado por livramento; & bem confirmava este desejo, quando com tantas ansias outras vezes se chamava

Rom. 8.

desditoso, pois se não via livre do carcere desta vida: *Infe-*

Rom. 7.

lim homo ego, quis me liberabit de corpore mortis hujus? Desejava ser livre do corpo desta morte, chamando à vida

morte, porque a vida não tem de vida mais que o nome. A morte chama-se livre: *Libera mors*, porque livra aos presos, & solta aos miseraveis. He a morte descanso de gente af-

licta, & desconfolada: *Ibi requieverunt quondam vincti*

Iob 3.

pariter sine molestia, diz Job: Em a morte achão descanso os presos, os tristes, & necessitados, tendo fim suas molestias.

He a morte hum sossegado remanso aonde aquietão os perseguidos, & atribulados de sorte, que se póde chamar rainha,

& protectora de gente pobre, & miseravel. Que assim como a David no deserto se ajuntavão os que tinhamo dividas, & se

vião apertados com afflicções, & molestias, & elle se fez capitão de todos: *Factus est eorum Princeps.* Assim se fez

I. Reg.

a morte princeza, & rainha dos que se vem em amarguras,

22.

& necessidades, & ella a todos he refugio, & consolação: *Ibi requieverunt quondam vincti.* Assim se entende a-

Eccl. 3.

amar.

amargosa; porque com a morte cessão todas as amarguras; & tem principio o descanso.

Consideração quarta.

A Morte he Medico de doenças incuraveis; porque o remedio que Medicos não podem dar com muitas visitas, q̄ fazê a casa do doente, dà ella com a primeira que faz; donde dizia o outro, que na medicina não achava remedio a seus males: *O mors Pæan medicus accede*, chegai morte, q̄ fois o mais excellente Medico, & o melhor Apollo que o mundo tem, para curar males que não tem cura; porque chegando vòs à vista do doente, cessão elles, & tem o enfermo o remedio. Bem desejava Seneca tomar resolução com ella, & com seus males, quando dizia: *Non potest istud toto sæculo fieri, aut ego febrem relinquam, aut ipsa me*. Não ha de ser assim, que sempre eu hey de lidar com achaques, & doenças; ou esta febre me ha de deixar, ou eu a ella; & se esta porfia ha de durar, venha a morte, que ella he porto de sossego para gente atribulada: *O mors Pæan medicus accede*.

Excelente ditto he o de Cicero acerca da morte, que só parecia terribel àquelles, com cuja vida acabavão todas as cousas, & não àquelles cujo louvor não podia fenecer: *Mors terribilis est iis, quorum cum vitæ omnia extinguuntur, non quorum laus emori non potest*. Não pareceo ella terribel a Socrates, o qual vendo-se sentenciado à morte, disse com rosto alegre, que tinha esperança de tudo lhe succeder bem, pois lhe denunciavão a morte, aonde havia de achar descanso; & assim se apressou para a haver de passar, dizendo: *Tempus est jam hinc abire me, ut moriar*. E foi tão invejada a alegria, com que este Filosofo morreo, que sendo Euclides outro Filosofo, perguntado: se tomara antes ser Cresso, que Socrates? respondeo: que na vida tomara ser Cresso, na morte Socrates, julgando que a morte dos Filozofos se podia de-

sejar

Seneca.

Parad. 2

Plutar.

Stobæus

sejar com a condição que tinham depois della, & que os ricos tendo na vida riquezas mal adquiridas, erão depois da morte atormentados. Este desejo de Euclides tem agora muitos Christãos, que fazendo vida de Epicuros, querem a morte dos Justos. Tal era o de Balão, que estando em peccado mortal, & aparelhado para amaldiçoar o povo de Deos, dizia: *Moriatur anima mea morte Justorum.* Permitta Deos, que morra eu como morrem os Santos, & os Justos. Bom desejo era este, pois era de boa morte, & de salvação; mas os meynos erão de peccados, que queria executar. Queixume he este, que S. Bernardo fazia a Deos, vendo que ninguém ha, que não deseje salvarse, & possuir gloria, sem querer merecella por obras santas: *Quàm pauci Domine post te ire volunt, cum tamen ad te pervenire nemo sit qui nolit; volunt omnes te frui, sed non te imitari.* Que poucos são, Senhor, os que querem ir apoz vòs, sendo assim que todos querem chegar a gozar de vòs, querem vossa gloria, & recusaõ vossa Cruz; pretendem salvação, & não curaõ de a merecer, & de tal modo vos querem gozar, que o alcancem sem vos imitar; desejos de Euclides, que desejava ser Cresso na vida, & na morte Socrates. Por estes taes diz David: *Mors depascet eos.* A morte se apascentará nelles: *Quia semper morientur ad vitam, & semper vivent ad mortem,* diz S. Bernardo: Serão pasto da morte, porque sempre morrerão para a vida, & sempre viverão para a morte, viverão como quiserão, a morte será como Deos quizer: *Hic caro vermibus, illic anima ignibus deputabitur.* O corpo ficará para os bichos da terra, a alma para o fogo do inferno.

Psal. 48.

Bernard.

Alémo.

Alemo.

Mudança.

Consideração primeira.

Gen. 30. **D**uas vezes se faz menção do Alemo em as divinas Letras; a primeira, quando Jacob lançou no tanque, ou represa de agoa, ramos de alemo verdes, para que vindo o gado beber, vendo a variedade de cores em a agoa, concebesse geração de varia cor. A outra, quando Deos por Oseas se queixa, que o seu povo fazia sacrificios debaixo de arvores frescas, como carvalhos, alemos, & terebynthos. Esta arvore ainda que era do numero das infelices, por não dar fructo, nem se semear, não deixou de ter veneração para com os Antigos. O ter significação de mudança, attribuem muitos à folha que lhe cahe, & o deixa sem frescura, no que ha engano, porque pela mesma razão convinha a outras arvores, que perdem a folha, o mesmo significado de mudança. O segredo consiste nisto, que a mesma folha do alemo branco tem em si variedade de cores, mostrando de hũa parte hũa brancura como de neve, & da outra hũa cor muito verde, de modo que em cada folha varia as cores, & essa foi a razão porque Jacob as lançou na agoa, fazendo a seu intento esta variedade. Na do alemo entendião os Antigos as duas principaes partes do tempo, que sempre se vão variando, succedendo hũa à outra, como he o dia, & a noite, figurados nas suas folhas. Por isso diz Probo, & Plinio, que he esta arvore dedicada a Hercules, porque os Filozofos por Hercules entendião o tempo, & o alemo tem isto commum com os tempos, que depois do Solsticio as suas folhas vão dando hũa volta, & fazendo mudança de si. Dizia mais a Antiguidade fabulosa, que o ter o alemo variedade em as folhas, nascera de quando Hercules fora ao inferno, que levàra na cabeça hũa capella de folhas de alemo,

alemo, & aquellas (que sendo de antes brancas , ficãrão da parte exterior) se fiserão pardas , & escuras com a negridão do lugar ; mas as que ficãrão da parte de dentro , receberão mais brancura , por serem lavadas com o suor da cabeça de Hercules. Isto são absurdos de Gentios , ainda que debaixo destes fingimentos não deixavaõ de encobrir muy boa , & proveitosa doutrina. A resolução he , que o alemo significa mudança pelo que temos dito , & não he espanto que à sua sombra fisessem os Israelitas sacrificios a deoses falsos , pois fazião mudança da adoração do verdadeiro Deos aos idolos , sendo varios na Fé , em cuja confissão devião perseverar. E desta mudança fala David , quando diz dos Israelitas : *Mutaverunt gloriam suam in similitudinem vituli comedentis fœnum.* Mudãrão a gloria de Deos em hum pedaço de idolo , que era semelhança de hum boy , que estava comendo feno. Do que Jeremias com rafaõ fazia tão grande queixa , dizendo , que considerassem bem , se a Gentilidade mudàra algũa vez os seus deoses , que na verdade não erão deoses : *Po-* Osee 4.
pulus verò meus mutavit gloriam suam in idolum. Nunca Gentios mudãrão os seus deoses , & o meu povo mudou a sua gloria em hum idolo. Grande cegueira deste povo , contentarse mais de deoses , que erão de pedra , & pao , que de hum Deos , & Senhor , de cuja Omnipotencia , & misericordia sabião tanto , & hum Deos que se de algum attributo se glorea , he de nunca se mudar : *Ego Deus , & non mutor.* O que Tobias lhe advertia em as praticas que fazia a alguns , dizendo que olhassem como vivião , & permanecião na Fé , porque erão filhos de santos , & esperavão aquella vida que Deos ha de dar : *Iis qui fidem nunquam mutant ab eo , àquelles que* Ps. 105.
nunca mudão a Fé , nem a vontade , nem o coração delle. O que tambem S. Paulo adverte , tratando daquelles , que tendo conhecimento de Deos , se deixão vencer de cousas do mundo , entregando-se a vicios , & peccados , de sorte que *Mutaverunt gloriam incorruptibilis Dei in similitudinem ima-* Jer. 2.
Mal. 3.
Tob. 2.
Rom. 1.
giniis

ginis corruptibilis hominis, &c. Mudarão a gloria de hum Deos immortal, & incorruptivel pela semelhança da imagẽ do homem corruptivel, serpentes, & bestas feras. Mudarão a verdade de Deos em mentira, & mais quiserão servir à creatura, que ao verdadeiro Creador. Tudo nos peccadores he mudança, & o serem mudaveis do peccado lhe vem. O que Jeremias diz em figura de Jerusalem: *Peccatum peccavit Hierusalem, propterea instabilis facta est.* E vem a dizer, que de hũa alma commetter peccados lhe nasce o ser mudavel, & inconstante.

Consideração segunda.

August.

Diz Santo Augustinho, que toda a creatura he mudavel, & todo o mudavel he vicioso. E que tudo se muda, senão Deos; mas todo o mudavel foi creado pelo incómutavel Deos. Da mudança he figura a Lua, porque cada dia a vemos mudada de menos chea a mais chea, & assim pelo contrario, padece defeito, & diminuição. Por isso o Espírito Santo diz, que o nescio se muda como a Lua: *Stultus ut Luna mutatur.* Todo o homem que se muda do bem para o mal, se pôde chamar nescio. E acerca da Lua significar mudança, diz

Eccl. 24.

Ambros.

Santo Ambrosio, que se a Lua tem suas mudanças, com mais razão as terão as cousas da vida, às quaes essa Lua serve com seu ministerio. Porque se essa Lua que tem effeitos na terra, cresce, & mingua, como não haverá variedades no que fica inferior a esse Ceo da Lua. Se vos entristece ver que a Lua (quãdo mais fermosa vos alumea de noite) se esconde no mar do Occidente, se vos molesta vela minguar de sua belleza, imaginai a vossa alma, que por ventura quando està mais chea de

Ambros.

resplendor de virtudes: *Per inconstantiam mentis studia sua sepe commutat.* Por sua inconstancia, & pouca firmeza do amor de Deos depressa muda os propositos, & bons intentos. O que he grande ignorancia. E do tal se diz: *Stultus mutatur ut Luna.* O nescio como Lua se muda. Por isso o sabio

Eccl. 27.

não

não se muda como a Lua, mas permanece com o Sol. Vede a diferença disto, que a Lua não se muda por sua vontade, & o homem por sua vontade se muda. Ella espera a vossa redempção, & o verse livre de sua obrigação, & vós impedis esta vossa redempção, & seu livramento: *Tua ergo stultitia est quod dum expectaris, & non converteris, adhuc & illa mutatur.* He pouco entendimento vosso, que em quanto se espera por vossa conversão, ella se muda, & vós não acabais de vos mudar, & converter a Deos. A Lua mingua para que encha os elementos, & essa vossa alma não se diminue de peccados, para que se encha de virtudes, & graça do Ceo.

Ambros.

Estranha muito S. Chrysofomo, que vejamos cada momento tão grandes mudanças, quantas vão na vida, & quantos successos nos contão admiraveis da variedade della. Tantas ruinas, & terremotos, tantas mortes, & castigos do Ceo, sem fazermos mudança de nossos males, ao bem perennal, que he Deos: *Celeres mutationes existunt, & ruinae, & neque sic corripimur.* Assim vivemos, como se não houveramos de morrer, assim edificamos, como se sempre houveramos de ficar.

Chryf.

Mudanças sofrerão se nos homens, se forão do mal para o bem, mas mudarem se do bem para o mal, he mal intoleravel: *Grave est mutari in peius*, diz Santo Ambrosio: Couisa pesada he mudar se o homem para o mal. E o que hoje he abstinente, à manhã seja comilão; o que he pacifico, de em ser inquieto, & o que he casto, se torne incontinente. Seja o homem como a imagem figurada na moeda, que sempre tem hũa figura immudavel: *Imago in drachma immutabilis eundem habitum servans.* Tenha sempre o mesmo ser, a mesma fé, & caridade, & havendo de se mudar, seja para mayor bem, & mais alta perfeição, indo de virtude em virtude. Diz Santo Augustinho, que ha hũa mudança que a graça faz para o bẽ; & outra, que a culpa faz para peyor: *Est mutatio in deterius, quam facit culpa, & in melius, quam facit gratia.* O mudarmonos para peyor, nossa maldade o faz, o mudarmonos para

Ambros.

Ambros.

August.

Cant. 3.

melhor bem, não he virtude nossa, mas graça do Omnipotente Deos: *Tenui eum, nec dimittam*, diz a Alma Santa: Como hũa vez tive a Deos, agasalhei-o para nunca o largar. Não me mudarei disto, nem o deixarei ir, por mil difficuldades que se me offereção: *Quæ tenetur, & tenet*, diz Bernardo: *Tenet fidei firmitate, tenet devotionis affectu, tenetur potentiâ, & misericordiâ Dei*. Aquella alma, que tẽ a Deos com a firmeza da Fé, & com o affecto da devoção, tambem Deos tem mão nella para se não mudar, com seu poder, & cõ sua misericordia infinita.

Bernar.

Bernar.

Consideração terceira.

Iob 3.

Gregor.

AS mudanças quer S. Bernardo que se louvem, ou vituperem, conforme a materia em que se fazem. He cousa afrontosa (diz elle) mudar parecer, & proposito, quando elle he bom, & ao não ser, fica a mudança delle sendo louvavel, & muito proveitosa. A maldiçoar Job o dia em que nasceu, & dizer: *Pereat dies, in qua natus sum*; pereça o dia em que eu nasci, diz S. Gregorio Papa que foi dizer mal da mudança desta vida transitoria, da qual se queria ver fóra, pela inconstancia, & variedade que nella ha. Pois por certo o mesmo foi a maldiçoar elle o dia de sua nascença, que dizer: *Dies mutabilitatis pereat, & lumen eternitatis erumpat*. Pereça o dia que consigo traz tantas mudanças, amanheça o da verdade, & say a o lume de eterno resplendor. Assim he de notar, que não disse Job: Pereça o dia em que fuy feito, mas o dia em que nasci, porque o homem foi feito em o dia da justiça, & nasceo no de sua propria culpa; a este póde aborrecer, & querer mal, ao outro engrandecer, & dar por isso muitas graças a Deos.

Chryf.

S. Chrystomo diz, que as mudanças desta vida são as horas, & os dias. E se formos fazendo consideração de todos os tempos, & idades do mundo, acharemos que sempre nelle houve mudanças de manhã para a tarde, q̄ quer dizer, do bem

para

para o mal. Pela manhã tudo hia bem, à tarde tudo estava mudado em mal, & hia para peyor. Foi manhã quando Adão foi criado, & teve luz dos preceitos, & mandados de Deos; foi tarde quando os peccados crescerão tanto, que foi necessario afogallos em hum diluvio de agoas. Tornou no tempo de Noe a haver outra manhã de bem, & boa ordem de cousas, & tornou a haver outra tarde de vicios, & peccados infames, q̃ foi necessario extinguillos com fogo do Ceo. E depois disso atégora forão succedendo outras tardes, & manhãs; estas de bens, & aquellas de males, com mudanças vituperaveis, pois são do bem para o mal. Nòs outros, vendo que as cousas da vida são mudaveis, & nada firmes, não deixamos de as amar; das permanentes que duraõ para sempre, nenhum caso fazemos. Amamos como permanentes, as cousas que se mudaõ; as que nunca passaõ, porque sempre duraõ, estimamos em pouco. Mas ainda he mais de notar, que a arvore que plantastes, fica para largos annos, as casas que fizestes, ficaõ para vidas compridas, & o que plantou a arvore feneceo, & o q̃ fez as casas acabou. E com ser isto assim: *Tanquam immortales* *hæc omnia comparamus*, como se fomos immortaes grangeamos cousas mudaveis da vida. Sendo assim, que não somente vemos as mudanças em nossos córpos, na faude, & na idade; mas em os elementos do mundo, & em suas cousas, q̃ por fim são todas vaidades, como disse Salamaõ: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.*

Gen. 2.

Gen. 7.

Gen. 18.

Chrysost.

Eccl. 2.

Salgueiro.

Herança.

Consideração primeira.

O Salgueiro he arvore esteril, & infecunda, como lhe chama Santo Augustinho, & S. Gregorio; & com tudo não deixa de ter bom significado; porque às vezes do que

August.

Gregor.

parece mais inutil, fahe mais proveito, & do mayor avarento melhor herança. Este he o salgueiro infruttuoso, que alcançou a tenção de herança, porque o seu proprio nome em lingua Hebraica quer dizer herança, ou alegria de herança. Assim como o salgueiro nasce junto aos rios, & fontes de agoas, que alegrão, & agradão muito com sua vista, & sombra, assim da abundancia de riquezas, que as heranças trazem consigo, & riquezas, que são significadas em as agoas, nascem as alegrias, & prazeres dos que as alcançãõ; porque às heranças andão juntos prazeres; & ainda que os herdeiros mostrão que chorão, & sentem a morte daquelles a quem succedem, com tudo diz muy bem Seneca, que o pranto do herdeiro he riso mascarado: *Hæredis fletus sub persona risus est.* Porque se o riso se houvesse de disfarçar, houvera de mudar-se em cousa contraria, para que não conhecessem que era o riso, pois se o quereis ver com mascara, vede o pranto de hũ herdeiro, que não he verdadeiramente pranto, mas riso que se encobre debaixo daquelle fingido pranto, & em nenhũa pessoa póde o riso fazer melhor esta figura, que no herdeiro, o qual finge que chora, mas interiormente se está rindo, alegre, & contente com a herança que lhe fica. E por isso conveniente cousa he, que o salgueiro em Hebreo queira dizer gostos das heranças, de que he proprio dar prazer, & alegria, como dizia Deos ao povo Idumeo por Ezequiel: *Gavisus es super hereditate domus Israel.* Folgaste com a herança da casa de Israel, a qual quifeste sopear, & senhorear como cousa tua. E o significar esta arvore heranças, não só se devem entender as temporaes desta vida, mas tambem as celestiaes que esperamos. Mandar Deos no Levitico, que o povo de Israel em certa solennidade colhesse ramos de salgueiros, junto das correntes de agoas, quando hia para a terra de Promissão, era darlhe certesa do contentamento, que havia de ter com a herança da boa terra, que cedo havia de possuir, como por muitas veses lhe disse: *Dabo vobis in hereditatem terram*

terram fluentem lacte, & melle. Heivos de dar por herança hũa terra que tem mananciaes de leite, & mel.

Consideração segunda.

T Ambem quando Deos por Isaias annunciou hum novo Bautismo ao povo de Israel, diz que aquelles que o recebessem: *Germinabunt quasi salices inter herbas*, florecerão como os salgueiros entre as hervas; porque como entre ellas os salgueiros significão herança, assim os novos bautizados ficão florecendo como salgueiros, porque pelo Bautismo ficão sendo filhos de Deos, & sendo filhos, logo são herdeiros, como diz S. Paulo: *Quòd si filii, & hæredes.* Porque em tendo nome de filhos, logo lhes pertence herança. E como elle diz escrevendo a Tito: Nos outros pela agoa do Bautismo, que he regeneração, & renovação do Espirito Santo: *Hæredes sumus secundum spem vitæ æternæ.* Justificados com a graça de Jesu Christo somos herdeiros da vida eterna, segundo a esperança que della nos dà. E o Apostolo S. Pedro dà muitas graças a Deos, porque segundo a sua grande misericordia nos regenerou para hũa viva esperança, pela Resurreição de Christo Jesu, da morte à vida: *In hæreditatem incorruptibilem, conservatam in Cælis in vobis.* Para por fim possuirmos hũa herança incorruptivel, & que nunca ha de mingoar, nem deixar de ser infinita, & immensa, como he, a qual està guardada, & cõservada para aquelles q̃ se conservẽ pela Fé, & boas obras, esperando a salvação que està aparelhada para se lhes manifestar no fim de sua vida. Pois por isso diz bẽ Isaias, que os bautizados florecerão como salgueiros, porque no florecer se significão as esperanças de que ficão vivendo, & nos salgueiros as heranças celestiaes, para as quaes são chamados, como diz S. Paulo: *Qui vocati sunt æternæ hæreditatis.* Por esta herança suspiremos, & esta pretendamos alcançar, lembrandonos da excellente herança que nos

Isai. 44.

Rom. 8.

Tit. 3.

1. Pet. 1.

Isai. 44.

Hebr. 9.

- Psal. 15.* pertence, como David lhe chama: *Hereditas mea praeclara est.* A qual he o mesmo Deos, & Senhor, que nos cabe em tão divina sorte, como dizia o mesmo David, que o Senhor he parte de sua herança: *Dominus pars hereditatis meae.* Elle o que lhe havia de restituir a herança que perdera em o primeiro Adaõ, recuperando-a em o segundo. E não cuidemos que para só a cousa em Deos ser nossa herança, porque elle nos estima tanto, que tambem diz, que nós somos a sua herança, & esta de que recebe cõtinuos fruttos, he hoje a sua Igreja Catholica, à qual por isso o Real Profeta chama gente bemaveturada: *Beata gens, cujus est Dominus Deus ejus: populus quem elegit in hereditatem sibi.* Ditosa a gente, de quem o Senhor he seu Deos, & ditoso o povo, que elle escolheo por herança sua. E quando Deos vè que hũa alma se aparta d'elle, & à redea solta corre a poz todos os vicios, parece que queixando se diz por ella aquellas palavras de Jeremias: *Facta est mihi hereditas mea quasi leo in sylva:* Esta alma que era minha herança, tornou se pelo peccado como hum leão, hũa besta fera, em as brenhas, & matas aonde vive; & eu com magoa minha: *Reliqui domum meam, dimisi hereditatem meam.* Deixei a casa que primeiro me deixou, sahime da herança donde me lançaraõ fóra; nunca eu sou o que deixo, se primeiro me não deixaõ; nunca eu engeito herança, porque tanto fiz, & me cancei. E pois o Senhor he nossa herança, como elle diz: *Ego pars, & hereditas tua;* & nós tambem o somos sua, já por herança nesta vida tomemos à nossa conta adquirir, & comprar seus preceitos, & seus testemunhos, como David dizia que o tinha feito: *Hereditate acquisivi testimonia tua in aeternum.* Porque recebia particular gofsto, & contentamento de guardar a Ley de Deos. E não sem mysterio, quando a sagrada Escrittura fala dos salgueiros, juntamente diz, que estaõ elles junto das correntes das agoas, porque junto ao Bautismo de agoa, q̄ he a materia deste Sacramento, andaõ as heranças do Reyno dos

dos Ceos, que o Senhor nos promette. E de que o Apostolo S. Pedro diz, que o Bautismo he o que nos salva, & enriquece pela Resurreição de Christo, o qual destruhio a morte: *Ut vitæ æternæ hæredes efficeremur.* Para nos fazer herdeiros da vida eterna, de cuja herança tenha por bem fazernos participantes, o que teve por bem participar de nossa humanidade, para a enriquecer de sorte, que sobindo-a sobre as Angelicas Potestades, a assentou à mão direita de Deos Padre. 1. Pet. 3.

Abeto.

Contemplaçãõ.

Consideração primeira.

E Sta arvore chamada em Latim Abies, não tem entre os Hespanhoes nome, pelo qual se conheça, deve ser porque em toda Hespanha não se acha tal arvore. Os Italianos lhe chamaõ Abete, ou Abeto. Fala-se nella muitas vezes na sagrada Escrittura, não sem notavel significação, a qual excellentemente descobrio o glorioso S. Gregorio Papa cõ muy proprias, & convenientes razões; dizendo que significa esta arvore a contemplaçãõ, porque commummente nasce em montes, & outeiros, levantando-se com seus ramos às nuvens. E assim diz elle, que por ella saõ significados aquelles, que no agradavel monte da santa Igreja, pôstos em terrenos cõrpos, se levantaõ à contemplaçãõ das cousas celestiaes. E posto que por nascimento sahiraõ da terra, em a qual se haõ de tornar, com tudo contemplando sobem ao alto Ceo, o qual esperaõ possuir, como dizia S. Paulo, que toda a sua conversação era em os Ceos. E quer Deos, que entendendo nõs a força, & virtude, que a contemplaçãõ tem de levantar os corações a desejos de eterna vida, não sabendo conversar senaõ com Anjos, sejamos acendidos a contemplar os immensos premios, que nos tem aparelhado. As arvores que muito crescem para cima, como

Gregor.

Phil. 3.

como esta de que tratamos, buscaõ o Sol, segundo dizem os Filósofos. O Divino Sol de Justiça buscaõ os contemplativos, naõ olhando para cousas da terra, mas buscando as que em cima estaõ, & entre tanto crescem, & sobem ao alto. As arvores postas nos altos montes, naõ deixaõ de ser combatidas de ventos, & tépestades. As almas dos escolhidos com a claridade da divina contemplaçaõ, quanto mayores, & mais graves perturbações das cousas temporaes padecem algũas vezes, tanto mais se alegraõ, deleitaõ, & crescem em a meditaçaõ da eterna felicidade, que se lhes ha de seguir; & quando exteriormente começaõ a sentir a desigualdade da humana perversidade, entaõ chegaõ a gostar a doçura da interior quietaçã. Porque como diz S. Paulo, todos os que querem viver santamente em Christo, haõ de padecer perseguiçaõ. E quando o Justo se vir nella, diga com David: Vós Senhor sois meu refugio na minha tribulaçaõ.

I. Tim. 3.

Psal. 31.

Gregor.

Iob 28.

Tem as arvores que mais se levantaõ, mayores combates dos ventos, & assim os que mais sobem, & se levantaõ ao Ceo pela contemplaçaõ, saõ muitas vezes abatidos com mayores tentações, como diz o mesmo S. Gregorio Papa. A cõpuncçaõ humilha, & a contemplaçaõ levanta; & quando levanta, segue-se a tentaçã, para que o espirito se naõ ensoberbeça; porque se a contemplaçaõ levantar de sorte, que totalmente falte a tentaçã, facilmente cahirà a alma em soberba; & se a tentaçã opprimir de modo, que a contemplaçaõ naõ dè alivio, cahirà o Justo em delitto, mas por maravilhosa dispensaçã põem Deos a alma em hum meyo igual, que nem se ensoberbeça em os bens, nem tropece em os males: pelo que diz Job, que Deos poz as agoas em medida: *Qui appendit aquas in mensura.* O que se entende quando Deos põem o nosso sentido entre prosperidades, & adversidades, entre favores, & disfavores, entre graças, & tentações, para que nem com hũas cousas se abata, nem cõ outras se ensoberbeça. Emfim por significar esta arvore contemplaçaõ, he hũa das que
Deos

Deos por Isaias manda que se ponha em o seu jardim, que he a sua Igreja, aonde não póde faltar esta taõ excellente, & serafica virtude, com a qual o homem que foi criado para contemplar grandezas do Eterno Deos, busque sempre a imagẽ desse mesmo Senhor, & faça assẽto na solidade de seu divino amor.

Isai. 41.

Consideração segunda.

A Contemplaçãõ (como diz Santo Augustinho) he aquelle grande bem, ao qual se pospõem todas as mais acções de virtudes; porque com muita ventagem vence todos os mais merecimentos de santidade. A sua definiçãõ cõfõrme este Santo Doutor, diz assim: *Contemplatio est perspicua veritatis jucunda admiratio.* He a contemplaçãõ hũa deleitosa admiraçãõ da reluzente verdade. Esta se não alcança sem oraçãõ, & sem ella, ou he rara, ou milagrosa; tem tres estradas por onde segue seu caminho, Purgativa, Illuminativa, & Unitiva. Saõ estas aquellas ricas despensas, aonde o Rey da Gloria agasalha a Alma Santa, a qual conhecida de taõ grande merce, diz: *Introduxit me Rex in cellaria sua: exultabimus, &c.* Em a primeira se achaõ comeres cõvenientes a hũa alma quando logo se converte a Deos, q̃ saõ lagrymas, gemidos, compuncções, paõ de dor, fruttos de penitencia, aborrecimento de peccados; com o alimento, que se acha nesta casa Purgativa, se entra na segunda, que he a Illuminativa, aonde vendo os Justos os resplandores das virtudes, & o lume da graça divina, se vaõ a Deos com toda a effiçacia, & por seu amor deixaõ todos os mais gostos do mundo. Apoz isto se entra em a sala Real, que chamaõ a Unitiva, aonde toda se une a Deos a alma, que toda se entrega a seu divino amor, pelo qual se levanta a grao de perfeiçãõ, dando a Deos tudo o que de si póde dar, & offerendolhe todos os actos de puro amor, dizendo com a Esposa Divina: *Omnia poma nova, & vetera servavi tibi, dilecte mi,* ou como tem
outra

August.

August.

Cant. 1.

Cant. 7.

outra verfaõ: *Amorem meum servavi tibi*. Naõ tenho, que-
rido Esposo, melhores coufas que vos offerecer, nem mimos
mais deleitõs que vos appresentar, que meu proprio amor,
disto se me segue alegria immensa: *Exultabis, & letabimur*.
Porque quem com vosco se une, goza de bens infinitos, &
possue ineffavel prazer, naõ taõ sõmente porque contempla
coufas alegres, mas porque ainda nas vossas mesmas Chagas,
& Payxaõ amargosa acha prazeres soberanos: *Qui adorat*
Deum, in oblectatione suscipietur, diz o Espirito Santo:
quẽ considerando grandezas de Deos, o adora, & reverencea,
ferà recebido em deleites, porque em quãto contẽpla a Deos,
se deleita nelle, & juntamente dà deleite ao mesmo Deos. E
no coraçãõ do contemplativo costuma levantar o mesmo Se-
nhor estandarte de seu divino amor: de sorte que põde a al-
ma contemplativa dizer: *Vexillum ejus super me charitas*,
que he outra verfaõ que tem aquellas palavras dos Cantares:
Ordinavit in me charitatem. Ordenou Deos em mim de
tal modo a caridade, que de seu divino amor arvorou estan-
darte em meu peito.

Consideraçãõ terceira.

Ricard. **O**S contemplativos saõ olhos de Deos, & da Igreja, por-
que como diz Ricardo de S. Victor, com a vista do
coraçãõ vem as coufas espirituas, & sobrenaturas, transfor-
mando-se em Deos, para o qual sõ olhaõ, naõ tirando delle a
vista. E he de saber, que a Igreja Catholica tem olhos puros,
dos quaes hum he o que fere o coraçãõ de Deos. Olhos da
Psal. 90. Igreja saõ os Anjos, que guardaõ os seus Fieis em todos seus
caminhos. Tambem os Reys, os Principes, & os Prelados,
saõ olhos que vigiaõ sobre as familias, & rebanhos que lhe
saõ commettidos. Os Sacerdotes, Doutores, & Mestres do
mesmo modo saõ olhos da Igreja, em cuja figura dizia Job:
Job 29. *Oculus fui cæco*. Os contemplativos tambem o saõ, os
quaes

quaes de continuo olhão para Deos, & de todos os olhos que temos dito, estes são os que ferem o coração de Deos. E por isso disse Christo, que melhor parte escolhia quem escolhia *Luc. 10.* ter taes olhos, pois com elles feria a Deos. Zacarias vio sette *Zach. 3.* olhos sobre hũa pedra approvada, pedra angular, & preciosa: *Septem oculos super lapidem probatum angularem pretiosum.* Mas destes sette olhos, o principal he o da contemplação, de que Deos se sente ferido: *Vulnerasti cor meum sponsa Cant. 4.*
in uno oculorum tuorum.

São os olhos dos contemplativos olhos de pombas. A pomba he figura do amor, & por isso o Espirito Santo fonte, & principio do amor, appareceo sobre Christo nosso bem em *Mat. 10.* fórma de pomba. Pombas que chorão são os contemplativos, porque como pombas com suspiros, & gemidos da alma *Marc. 1.* dão testemunho de seu amor; & ainda que não falão pelo *Luc. 3.* modo commum de falar, là tem hum particular, & mysterioso modo de significar seu amor, porque commummente em silencio falão, & sem palavras humanas declarão seus conceitos: *Oculi tui columbarum absque eo quod intrinsecus latet,* ou como tem outra letra: *Extra silentium tuum.* São os *Cant. 4.* vossos olhos (alma contemplativa) olhos de pomba, que falão sem terem voz, porque o vosso callar, & o vosso modo de silencio he mysterioso, significador de grandes cousas. Estes pois são os contemplativos significados nestas arvores altissimas, que se chamão Abetos. E assim aquellas palavras dos mesmos Cantares, aonde a Esposa Divina diz, que os cabelos de seu querido Esposo são como os mais altos ramos da palma: *Comae capitis ejus sicut elatae palmarum,* traslada Santo Ambrosio: *Crines ejus abietes.* E diz que estes são os *Ambrosio.* santos contemplativos, que procedem de Christo, Cabeça da Igreja, comparados aos Abetos, de que se fazê naos de Tharsis, que vão nadando sobre as ondas deste mundo, servindo de segura navegação para os que querem passar às Indias da gloria.

Buxo.

Innocencia.

*Consideração primeira.**Isai. 41.**Gregor.*

NÃO ficou esta arvore Buxo sem ter lugar em a divina Escrittura, sendo hũa das que Deos por Isaias manda que se trasplante em a sua Igreja, para nos dar a entender, como engenhosamente o considera S. Gregorio, que tambem na Igreja de Deos tem lugar hũa sorte de gente, que sem ter merecimentos proprios, nem obras porque mereça premio, se salva, & vai aos Ceos, como são os que estão no estado da innocencia, figurados no Buxo, do jardim do Senhor. Esta arvore diz o Santo que não se dilata, não se estende, não cresce, nem se levanta muito ao alto, & sobre tudo carece de fructo, & só tem não lhe faltar verdura, & frescura, o que bem considerado, por ella são significados aquelles que no gremio da Igreja pelo defeito da idade, ou lesão do entendimento, não pôdem fazer boas obras, nem occuparse em santos exercicios, nem crescer na perfeição de virtudes, mas participando da Fé dos pays pela agoa do Bautismo, tem, & conservão em si o final de perpetua verdura, com a qual ficão capazes da eterna bemaventurança.

*Ambros.**Isai. 30.*

Santo Ambrosio diz, que o Buxo era apto, & conveniente para nelle se fazerem escritturas, & que sobre elle costumavão antigamente escrever os meninos, por onde dizia Deos a Isaias que escrevesse em o Buxo: *Scribe super Buxum*, porque he o Buxo figura da innocencia, sobre a qual se escreve tudo bem, tudo se imprime melhor em aquella terra idade.

Con

Consideração segunda.

A Innocencia he dom de Deos, como diz Santo Augustinho, virtude mais preciosa que o ouro, & que todas as riquezas. E a verdadeira he aquella: *Quæ nec sibi, nec alteri nocet*, que nem faz mal a si, nem aos outros, ainda que sejam inimigos; porque quem ama a maldade, aborrece a sua alma, & ninguém pecca contra o proximo, que primeiro não peque contra si. S. Chrystomo diz, que a innocencia se acompanha de humildade, & por isso he significada na ovelha, que he animal innocente. O mesmo diz Pierio referendo a S. Cypriano, o qual diz, que nos lembremos do vocabulo, que Christo nosso bem tomou para si, & para os seus Fieis, aos quaes chama ovelhas, & quer que o sejam na innocencia Christã, que sempre hão de conservar: *Oves nominat, ut innocentia Christiana ovibus æquetur*. He a ovelha animal muito manso, & simples. O seu mesmo nome em Grego significa pureza, & castidade, condições da innocencia. Esta figuravão tambem os Antigos em o peixe, porque a todos elles tinhão por innocentes, porque para fazerem mal, nunca os virão sair fóra de seu elemento. E esta ração dão alguns ao preceito de Pythagoras, o qual mandava por edicto, que não comessem peixe, por tirar occasião de perseguirem animas innocentes.

Tambem a innocencia foi significada em duas mãos que lavavão hũa à outra, como que estão mostrando, que não professão estar maculadas, mas puras, & limpas. Esta figura da innocencia he muy antigua no mundo, porque quando os homens querião mostrar que estavão innocentes de algũa culpa, que se lhes impunha, à vista do povo costumavão lavar as mãos, para que daquella limpeza mostrassem a que tinham na consciencia, de que erão accusados. Faz a este proposito que na Ley Velha mandava Deos, que quando no campo

August.
Psal. 10.

Chrystom.

Pierio.
Cyprian.

Pierio.

Deut. 21

se

se achasse algum corpo de homem morto, de que se não sabia o matador, viessem os mais velhos da Cidade vizinha, & matando hũa beferra, lavassem todos as mãos sobre ella, para mostrar que estavão innocentes na morte daquelle cadaver, & assim dizião quando se lavavão: *Manus nostræ non effuderunt sanguine in hunc, nec oculi viderunt.* Dizia David, que se chegaria ao Altar do Senhor, & o cercaria lavando suas mãos entre os innocentes, mostrando que o estava tanto, como os que na realidade o erão. Assim Pilatos querendo lançar o delitto da Morte de Christo às costas dos Judeos, para dar testemunho de sua innocência, em publico lavou as mãos. Bem estava Job nesta figura da innocencia, quando dizia: *Munditiâ manuum suarum innocens salvabitur.* Na limpeza de suas mãos se salvarà o innocente. Sobre o qual diz S. Gregorio: Aquelle que nesta vida he dotado de tão excellentem dom, que alcance ser innocente, quando apparecer em juizo, serà remunerado por seu merecimento daquelle Deos, & Senhor, que paga a cada hum segundo suas obras. Pois aquelle salva a justiça de Deos no juizo final, a quem nesta vida livra sua innocencia de obras perversas. Verdade he que aquelle juizo he tão terribel, que nelle desconfia de si a mesma innocencia, porque não ha homem nascido de molher, que entenda poderse achar justo, à vista daquelle Senhor, do qual diz Job: *Stellæ in conspectu ejus non sunt mundæ.* As Estrellas diante delle não são puras, o Ceo não està sem crime, & nos mesmos Anjos achou maldade; aonde S. Chrysofomo diz, que se a natureza impeccavel das Estrellas, & do mesmo Ceo (quanto à justiça de Deos) se acha peccadora, como pôde ser que appareça o homem justo diante delle, cuja natureza (ainda sem vontade de peccar) he peccado, & delitto.

Deut. 21

Psal. 25

Mat. 27

Iob 21

Gregor.

Iob 25

Chryf.

Consideração terceira.

C Onsidéra Santo Augustinho, que Deos nos ensina a guardar innocencia, & que cada hum a deve procurar, não por temor da pena, mas por amor da justiça. O modo em que consiste este dom da innocencia, declara o Apostolo S. Pedro quando diz: *Deposita omni malitiâ, & omni dolo, & adulatione, & invidiâ, & detractione, tanquam modò geniti infantes, rationabile, sine dolo lac concupiscite: Alcançareis o dom da innocencia, ponde de parte toda a malicia, todo o engano, adulação, inveja, & murmuração, como meninos, que agora nascêrão, suspirai pelo alimento da razão, & innocencia, como meninos pelo leite da mãy, para q̄ nelle cresçais em augmento de salvação, se gostais da doçura, & suavidade de Deos. Tal innocencia como esta, diz Santo Augustinho: *Sic tenere debetis, ut eam crescendo non amittatis.* De tal modo deveis ter mão della, que crescendo o curso da vida, já mais a largueis, porque ella he filha da caridade, a qual não se deleita com a maldade, mas alegra-se com a bondade. He simples como pomba, & sagaz como serpente, não por intento de empecer a outrem, mas por se acautelar de quem lhe quer empecer. Para esta vos exhorto, porque dos taes he o Reyno do Ceo, dos humildes, dos innocêtes, & dos que espiritualmente são pequenos. Esta innocencia tinha Job quando dizia: *Donec deficiam, non recedam ab innocentia mea.* Até que morra não me apartarei da minha innocencia. Aonde S. Gregorio diz, que aquelle se aparta da innocencia, que julga o mal por bem, absolvendo o peccador, & condenando ao justo, dizendo Salamão: *Qui justificat impium, & qui condemnat justum, uterque abominabilis est ante Deum.* Duas sortes de gente ha abominavel diante de Deos, hũa que justifica ao perverso, a outra q̄ condena ao justo. Porque ha muitos que quando louvão ccusas que devião*

1. Pet. 2.

Job 27.

Gregor.

Ezech.
13.

vituperar, fazem o delitto maior, dos quaes diz Ezequiel:
Vae quae consuunt pulvillos sub omni cubito manus. Ay dos
que põem almofadas, & brandos encostos para outrem def-
cançar nelles. Todo o que lifongea ao perverso, todo o que
aprova o mal doutrem, põemlhe traviceiro em que se en-
coste, cama branda aonde se recline, porque aquelle que por
sua culpa devia ser reprehendido, reclinado nella, se deixa es-
tar branda, & soffegadamente, estribado em falsos louvores:

Gregor.
Chryf.

*Ut qui corripit ex culpa debuerat, in ea fultus laudibus
molliter conquiescat.* Da innocencia diz S. Chrysoftomo
grandes louvores, considerando ao casto Joseph afrontado,
& posto em hum publico carcere, estando sem culpa algũa.
Alegra-te innocencia, (diz elle) alegra-te, porque em toda a
parte estàs segura, & inculpavel: *Si tentaris proficis, si hu-
miliaris erigeris, si pugnas vincis, si occideris coronaris.*
Em as tentações aproveitas, no abatimêto te levâtas, se es cõ-
batida vences, se te tirão a vida, es coroada; no mayor catti-
veiro estàs mais livre, no mayor perigo mais resguardada, nas
perseguições alegre, nas injustiças paciente. Os poderófos te
honraõ, os Principes te reverenceaõ, os grandes te buscaõ, &
todos te obedecem. Os malignos te invejaõ, os bons te abra-
çaõ, os inimigos se fogeitaõ, & nunca deixas de ser vencedora,
ainda que entre os homens te falte bom julgador, & quem te
faça justiça.

Amoreira.

Prudencia.

Consideração primeira.

NÃO podia a Prudencia ser significada em mais conve-
niente planta, que em a Amoreira, como de tempo an-
tigo a quizerão significar os mais doutos Filósofos, q̃ o mun-
do teve, dando em rafaõ, q̃ esta arvore parece que em tudo se

ha

ha com prudencia, vindo os mais dos annos com abundancia de fruttos, q̄ sempre se lograõ, & raramente se perdem, cõ os quaes se não apressa a sair logo na Primavera, como fazem as outras arvores, q̄ em sentindo qualquer ar brando, & temperado, logo rebentaõ, & descobrem flores em fertilidade; pelo q̄ arriscão os fruttos a muitas adversidades do tempo, & mudanças do Ceo, fazendolhe mal os frios, as chuvas, os ventos, & outras muitas coufas, q̄ são causa de se não lograrem os fruttos. A Amoreira a respeito das outras arvores, parece q̄ só ella tem prudencia; porq̄ advertindo q̄ as chuvas, & frios são dous contrarios q̄ fazem muito mal a todo genero de plantas, sabe ella fogirlhe das mãos, dissimulando em não sair logo, que as outras de golpe sabem no principio do Verão; & deixando aquecer mais o tempo, espera q̄ o Sol suba mais, & o Inverno passe, então apparece, & descobre seus fruttos, vestindo-se de muitas, & muy grandes folhas. E tem mais de prudencia, que depois de sair cõ elles, poucos dias se detem em os dar maduros, o q̄ não tem as outras arvores, q̄ depois de manifestarẽ flores, vão tão devagar cõ o amadurecer dos fruttos, que nisso se passaõ muitos meses, cançando com os desejos a quem espera gozállos. No que a Amoreira he diferente, porq̄ de repente se veste de verdura, & de hum dia para o outro apparece cuberta de folhas, detendo-se muito pouco em dar maduras as suas amoras; de forte que quando o Estio entra com suas calmas, & a Canicula com seus ardores, já as tem entregues, ou em estado que nada lhes faça mal; dous notaveis effeitos, & sinaes de prudencia, descobrirse a tempo conveniente, & recolherse com melhor oportunidade.

Consideração segunda.

DA Amoreira faz menção a sagrada Escrittura, quando o Profeta David relata as muitas pragas, que vierão sobre a terra do Egypto, dizendo que lhe destruhio Deos as suas vinhas com pedra que do Ceo choveo, & as suas Amoreiras com chuva: *Moros eorum in pruina.* Aonde São Au-

Psal. 77

gustinho diz, que figurativamente pela chuva, que destruhio as amoreiras, se entende o vicio com que a caridade do proximo se esfria, & congela nas trevas da ignorancia, & que entao ficão as amoreiras perdidas, quando os prudentes, & sabios do mundo se hão como nescios, na pouca compayxaõ, & piedade que de seus proximos tem, como os prudentes do Egypto, aos quaes faltou a caridade para com os Israelitas, q̄ tanto perseguião, & por isso os matou, & destruhio sua propria dureza, & a muita frialdade de seus corações, que foi chuva que cahio sobre as amoreiras, significadas nos prudentes, & sabios daquelle povo.

Luc. 17.

Tambem o Salvador do mundo, estando à vista de hũa amoreira, disse a seus Discipulos, que se tivessem fé, & com ella mandassem àquella arvore que com seu tronco, & raiz se mudasse daquelle lugar, & fosse transplantar no meyo do mar, ella obedeceria logo: *Si dicetis huic arbori moro: Eradicare, & transplantare in mare: & obediet vobis.* E apõta S. Lucas, que esta arvore era amoreira, porque só os prudentes significados nella, sabem obedecer, ainda em cousas q̄

Pf. 118.

parecem impossiveis. Dizia David a Deos, que entao se soubera entender, que o soubera amar, & que entao chegara a ser prudente, que obedecia a seus mandados: *Prudentem me fecisti mandato tuo.* Fiestesme Senhor prudente para os vossos preceitos, o que não tem meus inimigos, que desprezaõ vossa Ley, sem a qual não ha prudência, pois não ha obedecer a vossos mandados. Por isso chamou o mesmo Christo fiel, & prudente àquelle servo, a quem commettendo o governo de sua familia, achou que obedecera bem a seus mandados: este tal

Mat. 24.

se chame: *Fidelis servus, & prudens.* E pelo contrario, aquellas Virgès, que não obedecendo a tantas admoestações do Ceo, se descuidarão do provimento necessario para a vin-

Mat. 25.

da do Esposo, se chamem nescias, & imprudentes: *Quinque autem ex eis erant fatue.* Porq̄ tal nome merece quem não vigia nas cousas que lhe são mandadas. Pois mande-se à

amo-

amoreira que se vâ pòr no meyo do mar, que ella obedecerà. Mande-se ao prudente que se ponha no meyo do mar das afficções, & de impossibilidades, que se lhe proponhão, que elle obedecerà a tudo, & nas mayores ondas de tribulações estará mais seguro. Esta sorte de prudencia escondeo Deos aos sabios, & prudentes do mundo, como Christo o significou a seu Eterno Pay: *Abcondisti hæc à sapientibus, & prudentibus.* Cujã prudencia se fundava em soberba, & vã gloria. Prudencia que elle reprova, como diz S. Paulo: *Prudentiam prudentium reprobabo.* Esta prudencia do mundo he a que não pôde obedecer à Ley de Deos, como diz Santo Ambrosio: *Talis prudentia non potest legi Dei obtemperare.* Por isso S. Paulo lhe chama prudencia da carne: *Prudentia carnis mors est,* porque por ella appetece o homem bês temporaes, que não perseveraõ com o homem, & algum hora se haõ de perder, & porque os taes prudentes só o saõ para offender a Deos. A sua prudencia he morte gerada de sua astucia. A prudencia do espirito he a que obedece a Deos, & não confia em cousas transitorias, nem teme males da vida. Tem prudencia da carne o que segue o mundo, tem prudencia do espirito o que o despreza, & busca a Deos, como a tinhaõ aquelles a que S. Paulo dizia: *Vos autem prudentes in Christo.* Esta prudencia do espirito he hũa das quatro virtudes Cardeaes, em que se funda o edificio de nossas almas, & della procedem todas as mais, como rios que sahem do Paraiso Terreal para regar toda a terra,

Mat. 11.

I. Cor. 1.

Ambros. Rom. 8.

I. Cor. 4.

Gen. 1.

Consideração terceira.

Santo Augustinho diz, que a prudencia he hũa sciencia das cousas, que devemos desejar, & daquellas que devemos fugir: *Prudentia est appetendarum, & vitandarum rerum scientia.* As partes de que consta, saõ memoria, entendimento, & providencia. Pela memoria se repetem as cousas q

August.

são passadas. Pelo entendimento se percebem as que de presente são. Pela prudencia se attenda a algúas que pôdem succeder. Em companhia destas aparta a prudencia bens de males, para que não haja erro em fugir destes, & buscar os outros. A prudencia ensina, que a pessoa não seja soberba, nem confie em cousas temporaes, & transitorias, quer que as possuamos como alheas, & emprestadas; ensina que em tudo sejais hum, assim nas bonanças, como nas adversidades. A prudencia ordena, como ordeneis as cousas de presente, & vos lembreis das passadas, provendo as vindouras. O prudente tem estas boas partes, que ama com temperança, serve com cuidado, fala por medida, manda com sossego, não se inquieta com adversidades, nem se queixa do que padece; não diz o que não pôde provar, nem compete com desigual, nem commette impossibilidades. O mandarnos Deos que sejamos prudentes como serpentes, declara o mesmo Santo em outro lugar, dizendo, que devemos imitar a serpente, que por defender, & conservar a cabeça, offerece todo o mais corpo ao inimigo. O Christão por defensão da cabeça, que he Deos sua verdade, & sua justiça, ha de offerecerse todo à morte, & tormentos, como sizerão os Martyres, & como dizia Matthathias:

1. Mac. 2 *Et si omnes obediunt Antiocho, sed non ego.* Aonde todos são tão nescios, que não acodem a defender a principal cabeça, não ferei eu assim, por grandes tormentos que haja de pade-

cer; despedace-se o corpo, perca-se a honra, a vida, & tudo o que nella ha, com tanto que se conserve a cabeça. A serpente antes de ir à agoa, põem de parte a peçonha. O que quizer beber agoas da graça, lance primeiro de si o veneno do peccado.

August. Dispa a pelle como faz a cobra: *Et nos pellem vitiorum deponamus, & per foramen stigmatum Christi transeamus, & pulchriores apparebimus.* Dispamos a pelle dos peccados, & passemos pelo rigor das Chagas de Christo, que assim appareceremos mais fermólos à vista de Deos. S. Jeronymo a este proposito diz, que pois Christo nos manda que sejamos

simples

simples como a pomba, & prudentes como a serpente, imitemos a simplicidade da pomba, & astucia da serpente, para que não façamos mal a outros, nem os outros a nós; mas que haja em nós hũa consonancia de simplicidade com prudencia: *Quia prudentia absque bonitate malitia est.* Prudencia sem bondade, não he prudencia, mas he malicia: *Et simplicitas absque ratione stultitia nominatur.* Simplicidade sem luz de razão he tontice, & ignorancia. Antisthenes Filosofo dizia, que a prudencia he muro fortissimo, que nunca vem ao chão, nem se toma por armas, nem à traição. He verdade que não ha muros tão seguros, nem torres tão fortes, que se não tomem, ou com instrumentos bellicos, ou estratagemas da guerra; mas o prudente he muro inexpugnavel, que com nenhũa cousa se vence, por mais que o combatão. Bion Borysthenes dava à prudencia tanto louvor, q̃ a avantejava às mais virtudes, como os olhos aos mais sentidos. Isocrates declarando os effeitos da prudencia, disse muito antes de Santo Augustinho, que a ella pertencia: *Præteritorum meminisse, agere præsentia, futura cavere.* Lembrarse do passado, tratar do presente, cuidar o vindouro. Seneca dando preceitos a hum amigo, que o ensinasse a ser prudente, lhe diz que quando a razão, & prudencia o governar, poderá elle governar a muitos: *Multos reges, si ratio rexerit.* Veja-se (diz elle) cada hum a si, & julgue o que acha em si. O que não tem largo patrimonio, não gaste mais do que he licito. O fraco não commetta cousas com que não póde, & ninguem comece cousas, cujo successo pende da ventura: *Malè geritur, quidquid geritur fortunæ fide.* Assim dizia Iphicrates Capitão astuto, que se não sofria hũa de sculpa que muitos dão, depois que as cousas lhe succedem mal: *Non putaram,* não cuidei isto, nunca tal imaginei, porque tudo o que póde acontecer ao homem, ha de ser tão escludado, & premeditado, que nunca diga, tal não cuidei.

Laerc.

Laerc.

Seneca.

Plutar.

Olmo.

Amparo, Favor.

*Consideração primeira.**Isai. 4.**Gregor.*

Diz Deos por Isaias, que havia de fazer do deserto hum jardim de deleites, no qual havia de pôr o cedro, a oliveira, o olmo, o buxo, & outras arvores. Palavras em q̄ quiz significar, que do deserto da Gentilidade havia de fazer hum vergel de frescura, que hoje he a sua Igreja Catholica, em a qual tem muitas virtudes significadas naquellas plantas. Agora he de perguntar, porque manda Deos que neste seu jardim se ache o olmo, ou que significação he a desta planta. O que inquirindo S. Gregorio Papa, diz que por ella se entende qualquer pessoa, que não podendo dar fructo espiritual, pela occupação de negocios que tem, necessarios ao trato da vida, com tudo serve de amparar, & remediar a outros, favorecendo a pobres, & ajudando a gente miseravel. O olmo (diz elle) he planta, que não dà de si fructo algum, mas cresce junto das agoas, faz sombra fresca a quem se a elle chega; serve sua madeira para sustentar as videiras, & estas mesmas se encostaõ, & arrimaõ aos mesmos olmos, enchendo seus troncos, & ramos de fermosos cachos de uvas. Por estes olmos se entendem os grandes, & poderosos, & em fim todos aquelles q̄ andaõ metidos em occupaões da vida, os quaes ainda que espiritualmente não daõ a Deos o fructo, que de continuo lhes daõ outras almas santas, porque negocios do mundo lhes não daõ tempo, nem lugar para isto; com tudo na Igreja de Deos he tambem necessaria esta sorte de gente, para se encostarem a ella as fracas, & humildes videiras, que saõ pobres, & necessitados; & para à sua sombra se agasalharem os afflictos, & atribulados, & para em seus ramos repousarem aves do Ceo, quando os grandes favorecem com suas esmolas a gente

gente estuudiofa, & aos que vivem em Religiões, que depen-
dem da efmola dos ricos, como as videiras de coufa em que fe
sustentem. Por isto he faõ conselho, que aquelles que naõ
põdem por si fazer excellentes obras de espirito, por anda-
rem occupados em tratos da vida, ou officios da Republica,
a que de necessidade haõ de acodir, pelo menos sejaõ olmos
que sirvaõ de sustentar plantas humildes, amparando aos po-
bres, remediando aos necessitados, & fazendo de continuo
muitas obras de misericordia; porque se Deos permite que
vivaõ, que floreaõ, & tenhaõ abundancia de bens dentro des-
te seu jardim da Igreja Catholica, naõ he para os guardarem,
mas para que com elles ajudem aos outros. Faz muito esta
doutrina com o entendimento de outro semelhante passo,
aonde nos Canticos apontando o Divino Esposo, em figura
de arvores, as virtudes que quer que se achem no seu Paraíso
da Igreja, depois de nomear o Nardo, o Cynamomo, Myr-
rha, & Sandalo, diz que entrem no numero todas as mais ar-
vores do monte Libano: *Cum universis lignis Libani*. Pe-
las quaes entende Ruperto os grandes, & poderófos do mû-
do, os quaes haõ de ser arvores que amparem aos pequenos,
porque pelas taes diz David: *Illic passeret nidificabunt*.
Alli se iraõ agasalhar os passarinhos, & aves do Ceo, que saõ
os Justos, & aquelles que professaõ religiaõ, & santidade, os
quaes achaõ sustentação, & amparo em casa dos grandes, &
com estas efmolas ficaõ os grandes supprindo tudo o que tem
menos de vida espiritual, os quaes ainda que andaõ occupa-
dos em negocios do mundo, com tudo saõ amigos dos po-
bres, & fazem muito boas obras às Igrejas, & Religiões, &
por tâto quer Deos, que estas arvores do monte Libano flo-
reçaõ no seu Paraíso da Igreja: *Myrrha, & aloes cum uni-*

Cant. 4.
Rupert.

Pf. 103.

Cant. 4.

versis lignis Libani.
Con-

Consideração segunda.

Assim como os olmos parecem muito bem cheyos de cachos de uvas, que as videiras arrimando-se a elles, cõfião de seus ramos, servindo os olmos a ellas de amparo, & ellas aos olmos de ornato, & fermosura, fazendo todos boa conformidade entre si, assim dos ricos, & dos pobres se faz na Igreja de Deos hũa conveniencia muy conforme, huma uniaõ muito igual, os ricos sustentando aos pobres, & os pobres dando merecimentos aos ricos, & esperanças de gloria aos que os favorecem. As videiras entregão seus cachos aos ramos dos olmos; os pobres isso que tem, & pódem dar, aos ricos o entregão: *Res pauperũ divitibus creditæ sunt, quomodocumque possident*, diz S. Chrysofomo: As riquezas dos pobres de qualquer modo que elles as possuem, aos ricos estão entreguas. Se os ricos repartem com elles de suas riquezas, tambem os pobres lhe entregão as suas, que são muito mais para estimar. E assim fazem boa conformidade ricos, & pobres neste mundo. No Exodo mandava Deos, que o Tabernaculo se cobrisse de grã muito fina, & de pelles asperas como cilicio. Pois que sympathya tem o cilicio com a grã? A seda com o burel? Para com Deos muito grande. Porque se agrada muito da conformidade que ha entre ricos, & pobres, communicando huns aos outros seus haveres, & riquezas, de sorte, que ajudando os ricos aos pobres, sejaõ tambem ajudados delles, Deos satisfeito, a Igreja bem servida, & o Tabernaculo de Deos cuberto com estas cortinas, que com igual uniaõ fazem entre si ricos, & pobres; purpura, & cilicio, não se faz esta conformidade dos olmos com as videiras, & dos ricos com os pobres, quando estes estão famintos, & aquelles fartos; estes caindo com fome, & sede, & aquelles cheyos de manjares, & comeres saborófos; os pobres despídos, & nus, & os ricos cubertos de roupas muito

ricas.

*Chrysof.**Ex. 27.*

ricas. Não se fazia esta conformidade entre Lazaro, & aquelle Rico avarento, que o via estar padecendo às suas portas, & morrendo de pura fome, & elle tão farto, & cheyo de abundancias de cousas, sem se compadecer delle. O Rico não podia andar de gordo, & Lazaro com as muitas chagas que tinha, não podia dar huma passada, & desejava comer as migalhas que cahião da mesa do Rico, sem haver quem o soccorresse; os cães compadeciaõse delle, em lhe lamberem as feridas, & os homens nenhũa compayxaõ tinhaõ de seus males. Disto ha hoje muito no mundo, ricos cheyos, & fartos, pobres desfavorecidos, sendo faltas de pobres sobejos de ricos; que assim como muitos regatos de agoa vem a fazer grandes rios, assim pobresas de muitos vem a fazer a abundancia dos ricos. Por Isaias diz Deos: *Vae qui consurgitis ad ebrietatem sectandam, & opus Domini non respicitis, nec opera manuum ejus consideratis.* Ay de vós outros, os que de manhã vos levantaiis tratando de como haveis de passar o dia em comeres, & gostos da vida, sem vos lembrar das necessidades dos proximos, nem da obrigação de vossas almas, nem das obras que Deos fez, nem dos pobres, & miseraveis, que são feitura de suas mãos, havendo entre vós, & elles tão grande desconformidade. É certamente, que não tem o mundo mayor crueldade, que a dos ricos pouco esmoleres; cousa que Jeremias chorava, quando dizia: *Parvuli petierunt panem, & non erat qui frangeret eis.* Pedem os meninos pão, & não ha quem lho dê. Não diz que não ha pão, porque os celleiros dos ricos estão cheyos delle, senão que elles o não querem repartir com os pobres, aos quaes aqui chama pequenos, porque estes são pobres neste mundo, pequenos, desprezados, & tidos em pouco. Mas a quem se não compadece dos pobres, não lhe queirais mayor castigo, que o que diz Job: *Non remansit de cibo ejus, propterea non permanebit de bonis ejus.* Aquelle que não tem cuidado que lhe sobeje algũa cousa para o pobre, não hajais medo que

Luc. 16.

Isai. 5.

Thren. 4.

Job 20.

lhe

He drem muito os bens, porque a cousa que mais assegura os bens da vida, he a piedade dos pobres, favor dos afflicto, amparo dos orfãos; estas cousas não sómente asseguraõ bens, senão que as prosperaõ, & accrescentaõ. Conforme isto procure cada hum ser olmo em o vergel do Senhor, que se estes crescem junto das agoas, por ellas se entendem os pobres, q̄ como agoas correm entre miserias, & necessidades para o mar da morte. Junto a estas agoas pódem crescer os ricos, fazendo o que diz o Espirito Santo: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, & post multa tempora invenies eum.* Lançai o vosso paõ sobre as agoas que vaõ correndo, & depois de muito tempo o achareis. Dai a vossa esmola aos pobres, que quando cuidardes que fica alli sumida, como quem lança paõ na agoa, depois de largo tempo que Deos vos darà de vida, achareis esta esmola depositada nas mãos dos Anjos nesse porto da Gloria, aonde vossas boas obras vos haõ de levar.

Eccl. 2.

Nogueira.

Virtude.

Consideração primeira.

DA Nogueira, ou do seu fructo fala a sagrada Escriitura em os Cantares, aonde se lem estas palavras: *Descendi in hortum nucum, ut viderem poma convallium.* Em as quaes diz o Divino Esposo, que desceo à horta das Nogueiras, para ver os pomos dos valles; palavras que não carecem de mysterio. Os Doutores sagrados, como S. Gregorio Papa, & Santo Anselmo, querem que pelo fructo desta arvore se entenda a virtude, a qual debaixo da dureza, & rigor da penitência, debaixo da asperesa do trabalho, encobre a doçura de sua graça, como a noz debaixo de sua dureza encerra suavissimo fructo. O mesmo vem a dizer Casiodoro, & Beda com
mais

Cant. 6.

Gregor.
Anselm.Casiod.
Beda.

mais outros Padres antigos. E quando pela dureza da noz se queira entender a dureza do peccador, como alguns neste lugar entendem a do povo Judaico, (ao qual desceo o Filho de Deos fazendo-se homem) seja assim, mas de sorte que quebrada essa dureza do peccador com a força da contrição, descubra dentro hũa doçura de lagrymas, de que se sustente esse peccador convertido, & ao diante se abrace com a virtude. Desce pois o Divino Esposo: *In hortum nucum*, quando vem ver as virtudes, que acha na sua Igreja escondidas em os corações dos seus Fieis. A esta horta desce, ver se estão aparelhados, a que como nozes sejam trilhados, & maltratados, para descobrirem o thesouro da virtude, que dentro encerrão, & se estão dispostos para o imitarem na Payxaõ, & mortificação.

Este significado que a noz tem da virtude, funda se nisto, que a virtude tem apparencias rigorosas, mas no interior suavidade escondida; outra cousa he do que parece, mais doce, & proveitosa he por dentro, do que por fóra mostra, como o fructo da Nogueira, que he differente por dentro do que por fóra se vê. Diz S. Chrysofomo, que quem attentar aos principios da virtude, achará que são todos duros, & trabalhófos, mas penetrando mais dentro, achará tudo facil, tudo agradável, & deleitoso. Nos vicios he o contrario; porque achando-se no principio gostos, & deleites, apoz elles se seguem castigos, & penas: *Virtus in arduo posita est*, (diz Seneca) & *quod vicinum honesto est*. A virtude está posta em difficuldades, & tudo o que está visinho a ella he difficuloso de se alcançar. Succedeo falar Socrates com Theodota famosissima na Grecia por sua fermosura, & solto modo de viver, & dizendo-lhe ella, que lhe levava muita ventagem, pois cada dia lhe tirava gente, que deixando a elle, se vinhaõ a ella, elle o não fazia assim, pois nenhum dos seus levava a si com sua doutrina, respondeo o Filosofo: *Non mirum: tu siquidem ad declivem tramitem omnes rapis, ego verò ad virtutem cogō*.

Chryf.

Seneca.

Laert.

go, *ad quam arduus ascensus est.* Não me espanto de ser assim, porque tu levas a gente de cabeça abaixo, por caminho que sempre desce, & eu a levo para a virtude, que he costa acima, por atalhos muy difficultófos. Esta he a condição da virtude, alcançarse com trabalho, mas seguirselhe immenso gofio, sendo o trabalho breve, & o gofio perduravel.

Consideração segunda.

Quem quizer saber o aposento, & lugar da virtude, considere a naquelle alto assento, aonde Santo Augustinho a confidérava: *Amans vitam beatam, timebam eam in sede sua.* Amava a vida santa, & bemaventurada, por sua nobreza, & fermosura, & temia a pela altura aonde a via posta, & eu me não atrevia a chegar. O Poeta Quincio pintou a virtude no mais alto de hũa palmeira, que estava sobre hũa fragosa penedia. Hesiodo a poz dentro de hũa cerca de suor, dizendo por essa tenção:

Hesiod.

Virtutem posuere dii sudore parandam.

Puserão os deoses a virtude em lugar, aonde com suor se ha de alcançar. Outra pintura teve antiguamente a virtude, que foi hũa molher anciã, encoftada a hũa coluna muito forte, com hum Hercules à sua ilharga. Pintava-se anciã, como alheya de liviandades, & louquices de gente moça; junto à coluna, porque a nenhũa cousa se rende a virtude; & Hercules apar della, que venceo tantos monstros, & a virtude tantas difficultades. Melhor figurão os Doutores sagrados a virtude na vara de Moyses, que venceo cousas tão prodigiosas, serpentes, rãs, molquitos, sangue, mortes, trevas, & outras grandes monstruosidades. Nem era possivel gozar a virtude de tanta gloria, se com difficultade se não alcançara, que como diz Santo Ambrosio, nunca he gloriosa a vittoria, se a guerra não for sanguinolenta. As façanhas de Hercules são famosas no mundo, porque seus perigos, & trabalhos

Ambros.

saõ

são estranhos em a gente. Macedonia deu braços aos mais
 esforçados Capitães, mas em cada hum delles pintavão o
 perigo do trabalho em que se vira; a hum escalando o muro,
 chovendo sobre elle settas de fogo, & pedaços de ameas; a
 outro cheyo de feridas, sustentando a bandeira com os co-
 tos das mãos. Dahi tomãrão as outras nações os escudos das
 armas, como em Hespanha os Castellos, as Serpentes, as
 Aguias, os Leões, os Grifos, as Colunas, as Estrellas, & as Co-
 roas; & ainda que muitos fundassem seus braços em verda-
 des, muitos os fundão em mentiras, porque andão estas mais
 correntes no mundo. Os Santos, que por virtudes suas entrã-
 rão em os Ceos, conquistando-os à força de braço, todos fo-
 rão valerófos soldados, porque como diz S. Paulo: *Señti sūt; Heb. II.*
tentati sūt, &c. Huns forão cortados, & despedaçados, ou-
 tros cerrados pelo meyo, outros assados, & fritos. Outros vè-
 cerão fógos, outros Ursos, & Leões. Todos emfim passárão
 por penas, & amarguras, & assim alcançaraõ o premio que
 hoje gozão. Tem pois (como fica dito) a virtude principios,
 & apparencias difficultosas, mas no interior encerra doçura,
 & suavidade; & como diz S. Gregorio, as virtudes por seus
 modos propios dão sustentação ao entendimento. E ca-
 da hũa dà convite em seu dia, como os filhos de Job tinham
 dias, em que davão os seus; porque a sabedoria tem seu dia; *Job I.*
 a fortaleza, a piedade, & temor de Deos tem os seus, quan-
 do alumeão nossos entendimentos, & nos dão gosto, &
 deleite dos effeitos que em nós fazem. E porque as virtu-
 des escondem commummente na vida seu resplendor, S.
 Bernardo lhe chamou Estrellas, que de dia estão escondidas,
 & de noite resplandecem: *Nocte lucent, in die latent.* Es-
 trellas são as virtudes, & se ellas são Estrellas, fica o virtuoso
 sendo Ceo esmaltado de Estrellas rutilantes. E ainda que
 das nozes temos feito geroglyfico das virtudes, não lhes
 tira isso serem Estrellas, & serem lirios, porque como elle
 diz: *Virtutes lilia dicuntur,* são as virtudes lirios, & os vir-
 tuófos

Seneca.

Plat.

Laert.

Herod.

Plutar.

tuosos gozaõ destes lirios; mas hũa coufa he ter lirios, & outra naõ ter fenaõ lirios. Em Deos tudo saõ lirios, & os Santos tem alguns lirios. Muito faz o que na sua terra planta tres, ou quatro lirios, havendo nella tantos espinhos, & abrolhos. Da virtude dizia Seneca, que tudo mudava o nome, fenaõ ella: *Præter virtutem omnia mutant nomen.* Dizia mais, que o preço, & valor della, estava nella, & que o bem fazer era paga da boa obra, & que naõ havia mayor premio para a virtude, que fer virtude. Dizia Plataõ, que quanto ouro havia sobre a terra, & debaixo da terra, naõ era comparavel à virtude. Diogenes dizia, que os virtuosos eraõ imagens dos deoses, porque dos deoses (por serem de boa natureza) era proprio fazer bem a todos, & naõ fazer mal a alguẽ. Antisthenes dizia, que a virtude era arma que nunca se apartava de quem a trazia, porque o elmo, & capacete muitas vezes eraõ lançados por terra, & as espadas cahiaõ no chaõ; mas a virtude se- pre anda armada, de sorte que a naõ pòdem vencer, & saõ suas armas immoveis. Agathocles sendo filho de pay olleiro, veyo por suas virtudes a ser Rey de Sicilia, & servindo-se à mesa com vasos de ouro, & de barro, tomando os de barro nas mãos, dizia aos que estavaõ presentes: Estes fazia algum tempo, mas agora faço estes (mostrando logo os de ouro) por industria da virtude, que he subtil, & engenhosa. Naõ se envergonhava este (diz Plutarco) do baixo estado que tivera, tendo por mayor gloria alcançar o Reyno por virtude, que herdallo por geraçaõ.

Giesta.

Lembrança.

*Consideração primeira.*3. Reg.
19.

A Giesta tem lugar na sagrada Escriitura, porque aonde em o terceiro livro dos Reys se diz, que caminhando
Elias

Elias pelo deserto, se assentou à sombra de hũa arvore chamada Zimbro; a versão Hebraica, & Caldaica diz, que foi Giesta, a cuja sombra o Profeta se assentou: *Sedit sub genista*. E ainda que esta planta não tenha folhas, & pareça que não he capaz de fazer sombra, com tudo em lugares desertos se vem commummente tão grandes arvores de giestas, & tão densas, & fechadas entre si, que ficão fazendo muy agradavel, & fresca sombra a quem a ellas se chega. Attribute-se à giesta o significar lembrança, ainda que as razões disso não se acham em algum Autor. Porém a ter este significado, conveniente foi por se Elias à sombra da giesta, que diz lembrança, pela q̃ elle levava dos males que a Rainha Jefabel lhe causava, & dos trabalhos com que injustamente o perseguia, os quaes erão tantos, que com a memoria delles, enfatiado da vida, pedia a Deos que o levasse para si. Pois bem era por se à vista da giesta o que sempre tinha diante dos olhos perseguições que outré lhe causava; porque injustiças que se fazem, lembrão muito a quem as padece, & andão males fixos na memoria de quem os passa.

Consideração segunda.

As lembranças (como diz Santo Augustinho) ou nascem de odio, ou de amor, porque commummente nos lembramos, ou daquillo que aborrecemos, ou do que amamos. Quando estas lembranças são de odio, dellas procedem ira, & desejos de vingança; quando são de amor, dellas nascem as saudades. Nem lembranças se tem, senão de cousas ausentes: *Eorum que absunt, meminimus*. Lembramonos do que temos ausente, & tambem nos lembramos do que nunca vimos, nem tivemos. As lembranças, como são de cousas licitas, sempre são louvaveis, & proveitosas, porque se são de merces recebidas, dellas nasce o agradecimento, & conhecimento da obrigação; pelo que fazia Deos tanto caso na Ley Velha de advertir muitas vezes ao seu povo de Israel, que se

Augusti

lembrasse das merces, que lhe tinha feito, para que com estas lembranças se mostrassem agradecidos; mas por muitas, que lhe fez, não foi bastante para elles as terem de suas misericordias, donde disse David: *Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae.* Não quizerão ser lembrados da multidão de vossa misericórdia. Pois se as lembranças são de Deos, muito levão a alma ao mesmo Deos, muito levantão os sentidos a desejos do Ceo. Por triste que David estivesse, em se lembrando de Deos, diz que logo sentia deleite celestial: *Memor fui Dei, & delectatus sum.* Lembrei-me de Deos, & fiquei alegre, & contentissimo. Porque nunca perdesse esta espiritual alegria, dizia o Apostolo S. Paulo, que a sua conversação era em os Ceos, ahi trazia os pensamentos, ahi as lembranças.

Ps. 104.

Psal. 76.

Consideração terceira.

Tambem a lembrança dos peccados commettidos, & de que já estamos livres, he muy proveitosa, & assim diz S. Chrysoftomo, que nascem dellas grandissimos bens; & que dahi vimos a conhecer melhor a tranquillidade, que de presente possuímos. Lembranças da morte são tambem muito necessarias, & em diversas partes da divina Escrittura nos avisa o Espirito Santo, que as tenhamos: *Memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis.* Lembraivos do que ultimamente haveis de passar, & já mais peccareis. Porque quem se lembra que ha de morrer, & que repentinamente póde morrer, não pecca; quem se lembra que ha inferno, & tormentos, que nunca hão de ter fim, não commette peccados; quem se lembra da estreita conta, que a Deos ha de dar de sua vida, não o offende; quem se lembra do dia do Juizo, ha medo de commetter novas culpas. E aqui se vê quão proveitosas sejam as lembranças da morte: *Memor esto quonia mors non tardat.* Lembraivos que a morte não tarda, se diz em o

Chrysf.

Eccl. 7.

Eccl. 14.

Ecclesiastico, porque à vista de lembranças da morte, cessão odios, payxões, desejos illicitos, pretensões vãs, & tudo o que não he de Deos. Com lembranças da morte podemos atalhar pensamentos innocivos. Tambem dos mortos devemos ter lembranças, para os ajudar com suffragios nossos, & para os encômendar a Deos nosso Senhor: porque estas lembranças diz o glorioso S. Chrylostomo, que são muy louvadas, & santamente ordenadas em a Igreja; & hũa das causas, q̄ as almas sentem muito no fogo do Purgatorio, he verẽ a pouca lembrança, que os parentes, & amigos tem de as soccorrer com orações, & suffragios divinos. As lembranças que os Santos nos dão, & deixãrão escrittas he, que nos lembremos dos pobres, & de gente afflicta, & miseravel. Lembremonos de soccorrer ao necessitado, de consolar os tristes, acodir ao enfermo, & encarcerado, q̄ assim dizia S. Paulo aos de Galacia, q̄ não reparou em trabalho algum que lhe succedesse, com tâto que se lembrasse de acodir aos pobres: *Tantum ut pauperum memores essemus*. Em alguns lugares da divina Escrittura se diz, que Deos tem lembrança de algũas cousas, que he o mesmo que fazer essas mesmas cousas; porque o lembrarse Deos, he obrar; a lembrança que tem, he a obra que executa: *Memnisse Dei est ipsius facere*, diz o grande Augustinho. Os homens se tem lembrança de necessidades alheyas, compadecemse pouco dellas; & se as vem com os olhos, dissimulão; & se lhas representão, dilatão o soccorro. Sõ Deos se lembra de nõs para nos remediar, porque em se lembrando, logo remedeia; & como só se lembra de misericordias, em vendo misérias, acode, & remedeia logo. Os que nos presamos de filhos de Deos, & imitadores de Jesus, tenhamos lembranças do que fica dito; lembrança das merces recebidas de Deos para lhas agradecermos; lembrança de Deos para amarmos a esse mesmo Deos; lembrança da morte para a esperarmos; lembrança do Juizo para o temermos, & lembrança dos pobres para os soccorrermos: que à sombra destas lembranças

Chryst.

Galat. 2.

August.

ças dorme o justo, como Elias à sombra da giesta, que tem a significação das mesmas lembranças: *Sedit subter genistã, & obdormiuit.*

Zimbro.

Peccado.

Consideração primeira.

3. Reg.
19.
Iob 30.

Mat. 27.
Marc.

15.
Ioan. 19.
Isai. 55.

3. Reg.
19.

Rom. 8.
August.

2. Cor. 5.

Esta arvore he a que em Latim se chama *Juniperus*, & em Hespanhol Enebro. Refere-se algũas vezes na sagrada Escrittura, aonde os Doutores sagrados considerando como toda ella he aspera, & que em lugar de folhas não tem senão espinhos, quizerão que nella se entendesse a maldade, ou o peccado, que fere, & magoa a alma. E por isso dizem elles, que puserão os Judeos em a Cabeça do Salvador coroa de espinhos, (que devião ser de semelhante planta espinhosa) porque o Profeta Isaias diz, que elle tomou sobre si nossos peccados: *Ipse peccata multorum tulit.* Tomou sobre si nossos peccados, porque fossemos livres de peccados; tomou sobre si espinhos, porque nós ficassemos sem elles. Por isso no deserto se lançou Elias a dormir à sombra do Zimbro: *Subter unam Juniperum*, figura de Christo nosso bem, que no deserto desta vida, aonde não achou senão trabalhos, & rigores, pareceo peccador posto à sombra do peccado, porque elle foi mandado a este mundo: *In similitudinem carnis peccati.* Em semelhança de carne do peccado: *Vera caro* (diz Augustinho) *mortalis caro, sed non peccati caro.* Verdadeira carne, mortal carne a de Christo, mas não carne de peccado. Foi semelhança de carne de peccado, para que do peccado condenasse o peccado em a carne; foi mādado em carne, mas não em carne de peccado, mas semelhança delle. Que he o mesmo que diz aos de Corinto: *Eum qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit.* Aquelle que não conhecera pec-

peccado, nem o podia commetter, porque repugna isso à sua divina natureza, fez Deos que por amor de nós tosse peccado, convém a saber, sacrificio pelo peccado; porque o sacrificio que pelo peccado se offerecia, chamava-se peccado: *Peccatum dicebatur sacrificium pro peccato*, diz Santo Augustinho. Pois à sombra do peccado adormeceo, como Elias à sombra do Junipero, aquelle Senhor que não tendo peccado, pareceo peccador, sendo castigado como peccador, o que não era, nem podia ser. Mas se por esta arvore se significa o peccado, como se entende aquelle verso de David: *Respexit in orationem humilium*, aonde outra letra tem: *Respexit in orationem Juniperi*. Attentou Deos para a oração do Junipero, que he a planta de que tratamos. Mas tira-le a difficuldade com se dizer, que attenta Deos para a oração do peccador significada no Zimbros, a qual então se chama humilde quando se converte a Deos, & humildemente pede perdaõ de seus peccados. A oração do peccador convertido ouve Deos, como ouvio a do Publicano, que conhecendo sua culpa com muita humildade batendo nos peitos, dizia: *Deus propitius esto mihi peccatori*. E quando este por sua humilde confissão foi para casa justificado, bem se lhe podia dizer, que ouvira Deos a oração do Junipero: *Respexit in orationem Juniperi*.

Olhou Deos a oração do Junipero, quando convertendo-se David a Deos, depois de o ter offendido disse: *Peccavi Domine*. Ao que logo se lhe respondeo, que o Senhor tambem, vendo sua confissão, lhe perdoava seu peccado: *Domini- nus quoque transtulit peccatum tuum à te*. Olhai, diz Chry- softomo, a ligeireza com que Deos olha para a oração do Junipero, em David abrindo a bocca para pedir perdaõ, já Deos dizia que lhe perdoava: *Velox confessio velocior medicina*. Apressada confissão, mais apressada mészinha. He verdade que o cego disse a Christo, que sabia muito bem que Deos não ouvia peccadores: *Scio enim quia peccatores Deus non*

Origen.
August.
Beda.

Luc. 18.
2. Reg.
12.

Ioan. 2.

Ezec. 33

exaudit. Mas como diz Origenes, Santo Augustinho; & Beda, falou este cego como homem ainda não bem instruido nos Artigos da Fé; porque nisto que disse, pronunciou hũa sentença, que géralmente não he recebida por verdadeira; porque Deos ouve a peccadores, & nenhũa cousa trazemos mais em prattica, que ouvir Deos a peccadores, como ao Publicano, como a David, & a Jonas nas entranhas da balea; & se não ouve a alguns peccadores, he porque os taes não chamão por elle, porque se chamassem, em a mesma hora serião ouvidos; & quando se vão a elle por humilde Confissão de seus peccados, logo Deos olha para a oração do Junipero.

Consideração segunda.

Gen. 4.

Ioan. I.

COm ração se entende por esta arvore o peccado, porque como he cheia de espinhos, que ferem, & magoão, effeitos são estes, que o peccado tem de ferir, lastimar, & agonizar. Assim o significou Deos, quando matando Cain a seu irmão Abel, lhe disse: *Si bene egeris, recipies, sin autem male, statim peccatum tuum in foribus aderit.* Cain, se vós obrardes bem, tereis bom galardão; & se mal, logo o peccado se vos porà à porta, para de continuo estar batendo no aposento da alma, dando nella terribes pancadas, & atormentando-a com remordimentos, & ansias do coração; effeitos do peccado, com que lastima, & fere. E se ha peccadores, que não sentem estas pancadas, que o peccado està dando às portas da alma, nem a dor que seus espinhos causão, he o mais certo final, que pódem ter de sua condenação; porque o não sentir estas cousas, não he porque o peccado deixe de morder, & aguilhoar a alma; mas porque essa alma està adormecida em o profundo sono da obstinação, como Jonas o estava, quando naquella tempestade, que a nao se hia ao fundo, & os gritos, & clamores da gente sobião ao Ceo, elle a esse tempo estava mais entregue ao sono: *Dormiebat sopore gravi.*

Antes

Antes aquillo q̄ o havia de despertar, isso o adormecia mais. Os ventos o arrulavão, os trovões lhe davão musica, as ondas o embalavão, os gritos, & clamores lhe accrescentavão o sono. Figura do peccador, que não sente remordimentos do peccado, nem ouve os gritos dos Prégadores, nem dà pelas moções do Ceo, nem pelos castigos, & tempestades, que na vida padece, antes aquillo que o houvera de fazer despertar, o adormece, & endurece mais. Propriedade de gente obstinada, que caminha direito para o inferno.

O peccado causa dor como o espinho quando fere, & a mesma morte muitas vezes, se ha descuido no curar da ferida. Que são duas cousas, que andão annexas ao peccado, Morte, & Dor, como aos espinhos. A Adão disse Deos, que em qual-
 Gen. 2.
 quer hora que comeffe do fructo da arvore vedada, morreria; eis a morte junta ao peccado, & a dor junta a elle, quando Deos disse a Eva, que pariria com dor: *In dolore paries.*
 Gen. 3.
 Mas nós nem temamos a dor, nem a morte, mas temamos o peccado de que procede a morte, & a dor. O peccado he ferida da morte, que magoa, & fere a alma, & para remedio desta ferida não ha coufa como a penitencia. E assim se o peccado traz consigo infamia, a penitencia traz consigo confiança. Na ferida ha podridão, & na mélinha remedio contra a podridão. No peccado ha afronta, no peccado dor, pena, & morte. Na penitencia ha saude, na penitencia confiança, liberdade, honra, sossego, & gloria.

Consideração terceira.

DEve se considerar, que o peccado trata peyor a alma, q̄ espinhos o corpo. Assim chama Chrysofomo ao peccado besta fera, que despedaça a alma: *Peccatum fera immanis.* Nenhũa coufa ha que lastime, & faça mal à alma, senão o peccado. A fome não lhe faz mal, nem a sede, nem o frio, nem a calma, nem todos os males da vida, só o peccado he o q̄ lhe

faz dano. Posto elle de parte, fica a alma quieta, & segura; & em quanto se não põem, tudo na alma são inquietações, & tempestades. O peccado he peyor que besta fera, porque esta ainda que não tem natural brandura, com tudo não engana na apparencia, antes he enganada, & tomada em laços; mas o peccado que se fconde no coração, sabe fingir apparencias de paz, sendo tyrão severo, que tomando posse delle, o atormenta, & despedaça. Por esta razão diz Santo Augustinho, q̄ o peccador para consigo mesmo he peyor que hũa besta fera: *Peccator sibi ipsi peior est bestia*, porque a besta fera pôde chegar a despedaçar corpos humanos com fereza, mas o peccador a seu proprio coração despedaça, a si mesmo está comendo, & tyrânizando, não ficando nelle cousa sã. Diz S. Chrylostomo, que mais affligem peccados a alma, que doencas o corpo: *Peccata magis animam affligunt, quam aegritudines corpus*. Porque mayores são as ansias, & tormentos, que a alma padece pela tyrânia do peccado, do que as dores que o corpo sofre pela malignidade da doença. Pois assim como os espinhos melhor se tiraõ quando logo se prégaõ na carne, que depois que essa carne apodrece com elles, assim os peccados no principio se arrancaõ com mais facilidade, que quando são envelhecidos. E assim como rara he a ferida que se não cure, applicado-se boa mézinha, assim não ha peccado, que não tenha remedio, querendosse buscar.

Os peccados ferem como espinhos, porque quando leuaõ ao deleite, lastimaõ, & magoaõ a alma, donde pela voz do justo penitente se diz: *Conversus sum in erumna mea, dum configitur spina*. Convertime em minha miseria em quanto se me préga o espinho; porque como diz S. Gregorio, entãõ se converte hũa alma em pranto, & amargura, que a culpa commettida se tem fixa na memoria. E estes são os espinhos, que como diz S. Jeronymo, afogaõ a semente do pay de familias; porque peccados não deixaõ crescer os bons intentos, & disposições com que a alma vai fruttificando a Deos.

August.

Chryst.

Psal. 31.

Gregor.

Hieron.

Luc. 8.

Mat. 7.

Marc. 4.

O Zimbro significa peccado, porque em lugar de folhas, não dá senão espinhos, & o seu fructo também he espinhos. Tal he o peccador, que tudo aquillo com que se cobre, são peccados, o seu fructo peccados, & as suas obras cheas de peccados. Estes em lugar de corresponder a Deos com bom fructo, não respondem senão com espinhos, que são seus vicios, & peccados. Por isso diz Euquerio, que o esperar Deos, que a vinha desse uvas, & responder ella com espinhos, são os vicios, & maldades com que peccadores respondem a Deos, quando delles espera bons fructos. O Apostolo S. Paulo diz, que a terra que sendo regada com chuva do Ceo, não lhe faltando beneficio algum para deixar de dar bom fructo, responde com espinhos, & abrolhos, he terra reprovada: *Proferēs spinas, ac tribulos reproba est.* A alma a que não faltando auxilios divinos, favores do Ceo, inspirações de Deos, responde com espinhos, he terra reprovada. Veja cada hum que terra he, & com que fructos responde ao Ceo. Assim como os espinhos huns com os outros se embaraçam, & prendem, assim os peccados huns com outros se misturão, & enlaçam; & também os peccadores entre si se amassaõ, & unem bem: *Sicut spina se invicem complectuntur*, são como espinhos, & tójos, que se prendem huns com outros, & para offender a Deos se conformaõ em hũa vontade. O Zimbro he arvore que se não veste de folhas, està nua dellas. O peccado deixa nua a alma de virtudes. Quereis ver como està nua, diz Chrystostomo? Qual he o vestido da alma? A virtude. Quem a despe, & deixa nua? O peccado. Pois se assim despillem a hũa pessoa nobre, he certo que se envergonharia, & fugiria por se ver nua. Assim se deve envergonhar a alma, que he nobilissima, vendo-se sem os seus vestidos, nua de graça, & de virtudes.

*Eucher.
Isai. 5.*

Hebr. 6.

Nab. 2.

Chryf.

Raiz de Zimbros.

Avareza.

Consideração primeira.

F Alando Job dos costumes, & condições dos hypocri-
 tas, diz, que o seu comer, & sustentação, he de raizes de
 Zimbros: *Radix juniperi erat cibus eorum*. Palavras mys-
 teriosas, aonde pela raiz do Zimbros S. Gregorio quer que se
 entenda o vicio da avareza, particular alimento dos hypocri-
 tes. E que outra cousa (diz este Santo) se póde entender pela
 raiz do Zimbros, senão a avareza, da qual procedem os espi-
 nhos de todos os peccados, dizendo della S. Paulo: *Radix*
omnium malorum est cupiditas. A raiz de todos os males he
 a cobiça, irmã da mesma avareza. Esta he a raiz que occulta-
 mente se cria na terra do coração, em quanto evidentemente
 põem por obra suas pretensões, descobrindo o throno de seus
 vicios, & os espinhos de peccados. Desta raiz procede a ma-
 teria de toda a maldade, quando com todo o pensamento co-
 bição os malignos algum bem da terra, & quasi se sustentão
 deste alimento, do qual sem duvida costumão nascer as cha-
 gas, & feridas do peccado. Pois com muita ração pela raiz
 do Zimbros he significada a avareza da qual procedem todos
 os peccados, como da raiz o tronco, & toda a mais arvore.
 Chama Santo Augustinho à avareza, fonte de todos os ma-
 les, & S. Chrystomo arte de todos os vicios, & causa de
 toda a injustiça, a qual de homens faz cães, & de cães os faz
 demonios; porque a todos os q̄ peccaõ de avareza faz crueis,
 & tyrannos contra si, & contra o proximo. E se o avarento a
 si mesmo tyranniza, não se lhe dando de si, que fará ao proxi-
 mo? *Tetra, & tyrannica hac passio est*. Esta payxaõ he ma-
 lissima, & tyrannica. Além de que o avarento em vida faz
 carcere donde nunca sahe, & masmorra aonde vive em tre-

vas.

Eucher.
Iob 30.
Gregor.

2. Tim. 6

August.
Chryf.

Chryf.

vas. Que assim como a raiz da arvore se esconde na terra, aonde não vê luz, assim o avarento he cego, & anda sem luz:

Avarus omnis cecus est. Todo o avarento he cego, pois em vida se sepulta, como se fora morto. Merca cattiveiro de *Chryf.*

que nunca se livra, (diz Seneca) que não se póde desejar maior mal ao avarento, senão vida prolongada; porque nella tem prolongado tormento: *Avaro quid mali optes, nisi ut* *Seneca.*

vivat diu? Que mal podeis desejar ao avarento, senão que viva muito tempo, para que por muito tempo esteja cattivo nos ferros de sua avareza, & viva em escuro carcere de sua cobiça, sepultura de sua liberdade, inferno de sua confusão:

Avarus ipse miseriae causa suae est, diz o mesmo Filosofo.

He o avarento causa de sua mesma miseria, se padece males, elle os quer; se deixa de comer, he porque quer; se vive em perpetua agonia, elle a procura; se lhe falta tudo para si, he porque quer tudo para si. Tudo lhe falta, não faltando tudo aos outros vicios, porque se aos outros faltaõ muitas cousas,

à avareza faltão todas: *Desunt luxuria multa, avaritia* *Seneca.*

omnia, diz o mesmo Seneca. A luxuria faltaõ muitas cousas, mas à avareza faltão todas. Porque o vicio da luxuria se carece de muitas que pretende, com tudo algũas tem, com que se embarça; mas a avareza de nenhũa cousa goza, tudo lhe falta, porque ainda que tenha tudo, assim tem tudo como se tivera nada; pois de nada se aproveita, & tanto lhe falta o que tem, como o que não tem, tendo as cousas como se as não tivera.

Consideração segunda.

Considéra S. Gregorio a avareza significada na raiz do Zimbro, como raiz que he de todo o peccado. Os ramos que desta raiz procedem, são perdição, o engano, o re-folho, perjurios, violencias, inquietação da alma, & todas as durezas do coração contra a misericordia. Pois porque estes

ramos

Gregor.

ramos não appareçam, corte-se a raiz; mas então crescẽ muito estes ramos, quando os avarentos levantados por soberba, desprezão aos proximos, & não se compadecem dos pobres. Então crescem estes ramos, quando os avarentos mataõ cada dia a tantos, quantos são os que opprimem com suas extorções, & aquelles a que negão o devido soccorro de misericordia. Então crescẽ, quando a mesma avareza se sobe em alto, como a pinta S. Bernardo, em cima de hũ carro de quatro rodas,

Bernar.

q̃ são quatro vicios, Pusillanidade, Deshumanidade, Desprezo de Deos, & Esquecimẽto da morte; sobre estes vicios se afiõta o carro da avareza, pelo qual puxão duas bestas feras, q̃ são Escaceza, & Ladroice. O cocheiro q̃ governa estes animaes, chama-se o Desejo de adquirir. E diz S. Bernardo, que se não serve a Avareza de mais criados, porque faz por ter os menos que póde; & aquelle que tem, occupa-o tanto, que de continuo anda em roda viva de trabalho, com a cobiça de adquirir, & medo de perder o que tem adquirido: *Libidine acquirendi, & metu amittendi.* Este carro se vai movendo entre o Ceo, & a terra, porque como diz S. Gregorio, os avarentos não parecem que são da terra, nem do Ceo; não são da terra, porque como se não fossem terrenos, não se compadecem dos homens, nem se lembraõ que são homens. Não são do Ceo, porque nem trazem nelle os pensamentos, nem os podem levantar ao alto; de sorte que estão entre o Ceo, & a terra, não tocando em hum, ou outro elemento, porque nem entre os homens tem entranhas de homens, nem entre os Anjos virtudes Angelicas. Ficão logo sendo demonios, que tem seu inferno entre Ceo, & terra. E com razão compãra Santo Augustinho a Avareza ao inferno, porque assim atormenta aos q̃ estão em seu poder, como inferno aos danados. Declara o Santo os tormentos, & penas que estes padecem, por taes termos, que não parece haver mayor mal, nem mais terribel inquietação, daquella em que o avarento miseravelmente vive.

Gregor.

Não faltão neste inferno bichos que roão o coração do avarento;

rento, acerca dos quaes diz Ifaias: *Vermes eorum non moriē-*
tur. Não morrerão os bichos q̄ roem aos avarentos, os quaes *Isai. 66.*
 lhes nascem da sobegidão de bens, como aos Israelitas nas-
 cêrão bichos no manà que guardarão: *Servaverunt de ma-*
na, & ebullierunt ex eo vermes, & computruit. Guardarão *Ex. 16.*
 mais do que havião mister para o outro dia, & logo o achã-
 rão podre com bichos; sendo assim, que quando o guarda-
 vão para os dias de festa, não lhes apodrecia. Os que querem
 ajuntar mais do que se lhes permite, & Deos quer, logo nes-
 tes bens que ajuntão, lhes nascem bichos, que são cuidados q̄
 os roem, inquietações que os affligem, receyos que os cer-
 ção, & anfiãs que os confundem.

Consideração segunda.

A Avareza tem a arca chea, & a consciencia vasia; he ido-
 lo a que muitos servem, & adorão, contra a qual orde-
 na Deos muitas cousas, & ella muitas contra Deos. He porta
 por onde se entra em casa da morte. He madrastra, & grande
 inimiga da justiça, como diz Santo Augustinho: *Noverca,*
& inimica summa justitiae. Todos os vicios chegão a enve-
 lhecer no homem, mas só a avareza sempre no homem rever-
 dece, sempre nelle tem idade juvenil. O luxurioso na velhice
 deixa de o ser. O jogador por tempo se vem a tirar disso. O la-
 drão chega a idade, que não póde usar do officio. Só o avare-
 to nunca deixa de o ser, antes cada vez o he mais. Dizia Ca-
 tãõ Mayor, que nenhũa cousa era mais para vituperar, que a *Plutar.*
 avareza em os velhos. E que mayor absurdo póde haver, que
 quanto menos caminho fica por andar a alguns, tanto buscão
 mayor provimento para elle? Ao que resta pouca vida, de
 que serve buscar tanto para remedio della? Se a avareza em
 os velhos he vicio tão grande, bem se diz, que nenhũa cou-
 sa faz o avarento de bem, senão quando morre: *Avarus nisi Pub. Mi.*
cum moritur, nihil rectè facit. Se na vida nada faz que
 seja

Plutar. feja bem feita em morrer lhe succede bem, pois com a morte deixa de obrar de continuo mal. Plutarco diz, que a cobiça das riquezas he hũa senhora muito soberba, & arrogante, que obriga a que lhe obedeçais, & prohibe que tenhais gostos; faz-vos appetite, & tira-vos o gosto delle. Assim ajūtão os avarentos riquezas, como generófos, & usaõ dellas como baixos, & infames; sofrem trabalhos, carecendo do fructo delles, q̄ faõ contentamentos. Que cousa mais baixa, & vil, que a avareza; nenhũa ha taõ santa, que este vicio naõ tenha contaminado? nenhũa taõ inexpugnavel, que a avareza naõ puzesse por terra; nenhũa taõ fortalecida, que ella naõ rendesse. O avarento sempre tem escusas que dar, sempre desculpas, & razões para negar o que lhe pedem. Pelo que dizia Socrates muito bem, que nem do morto se póde esperar conversação, nem do avarento merces: *Nec à mortuo petendum colloquium, nec ab avaro beneficium.* Porque naturalmente hũ, & outro estã impossibilitado para corresponder ao que quereis delles. Bion Sophista dizia, que a avareza era cidade metropoli de todas as maldades. Boristhenes dizia, que os ricos avarentos tinhaõ cuidado de suas riquezas, como proprias, & nenhum proveito tiravaõ dellas, como se fossen alheyas. Este vendo a hum rico miseravel, disse: Este coitado naõ possuiue suas riquezas, ellas saõ as que possuem a elle: *Hic facultates suas non possidet, sed ipsum possident facultates.* Demonax dizia, que havia homens que naõ viviaõ nesta vida, mas que se andavaõ aparelhando para viver em outra, como se com as riquezas que ajuntaõ, houvessem de viver, & principiar outra vida, & naõ passar a presente; notando nisto a infaciavel avareza de muitos, aos quaes nenhũa cousa basta, como se por morte houvessem de gozar as riquezas que adquirirem, & com ellas principiar vida nova.

August. O desventurado homem, (diz Santo Augustinho) considera o que fazes, & o que cuidas, em quanto já mais deixas de ajuntar, & adquirir; naõ sabes que ha tres cousas que nunca

ca se fartaõ, & a quarta, que nunca diz basta? Não sabes que a raiz de todos os males he a avareza, servidaõ da idolatria, mãy da usura, parenta da simonia, occasiaõ da culpa, estrada do inferno. Oh avareza, abismo insaciavel, que sempre tens fome, sempre sentes dor, tristesa, & agonia! Oh peste que não tem fim! Oh fome que se não mata! Todas as cousas tem seu limite, & fim: *Sola avaritia nullo clauditur fine.* Só a avareza não conhece modo, nem fim. A terra he limitada, a agoa tem seu termo; o ar certo espaço aonde anima as cousas, o Ceo com ser tão grande, tem seu limite. Só o não sabe ter a avareza: *Sola avaritia terminum nescit.* Só a avareza não tem limite, nem termo. Porque se dado caso chegar a possuir a terra, o mar, & o ar, apoz isso ha de cobiçar o mesmo Ceo, & se possuir o Ceo, ha de pretender igualarse a Deos, ou ficar superior ao Altissimo. Oh peste peyor que o demonio! Porque o demonio quiz ser semelhante ao Altissimo, mas o avarento se pudesse havia de pretender ficar acima de Deos. Per isso aos avarentos se guardão terribes penas no inferno; por isso elles são os que ouvirão aquella rigorosa sentença: *Ite maledicti in ignem eternum.*

Mat. 25.

Pereira.,

Ira, Indignação.

Consideração primeira.

NAõ ficou a Pereira sem della se fazer menção em dous 2. Reg. 5.
lugares da divina Escrittura, que ambos relatão a 1. Par.
mesma historia, como quando David sendo Rey de Israel, 13.
acometeo segunda vez os Filisteos, com aviso de Deos,
que lhes não dêsse a batalha como de antes, mas que ro-
deando com seu exercito os tomasse pelas costas, & aco-
metesse contra a parte aonde ficava hum campo plano,
que se chamava o Valle das Pereiras, & por outro nome,
Valle

Valle dos Gigantes, fertil, & abundante de arvores de frutto, particularmête de pereiras. Fica este valle no caminho de Jerusalẽ entre Sul, & Ponẽte, quãdo vão para Belẽm. Este nome Pyrus, q̃ significa a Pereira, he vocabulo Grego, & deriva-se de Pyr, q̃ quer dizer fogo, & chama-se em Grego a pera fogo; porq̃ este frutto he de fôrma pyramidal como o fogo, & tem muita semelhança cõ elle, & daqui vê o ser symbolo da ira, & indignação, porque a ira não he outra cousa, senão hũ fogo, que se gêra na potencia irascivel, & inflamma toda a alma. E nas divinas letras o mesmo he ira, que fogo, antes raramente se fala em ira, que se não fale em fogo, como o dizer David a

Psal. 88.

Deos: *Exardescet sicut ignis ira tua.* Arderã Senhor como fogo a vossa ira. E o mesmo Senhor diz por Moyfes: *Ignis succensus est in furore meo.* Acendeo se o fogo em o meu furor. E porque Deos era o que queria destruir, & acabar os

Deut.

32.

Filisteos, inimigos do seu povo, contra os quaes estava indignado, disse a David, que os não acometesse com seu exercito, senão quando ouvisse hum sonido de espirito, que andava por cima das pereiras, aonde os contrarios estavão:

2. Reg. 5.

Cum audieris sonitum gradientis in cacumine pyrorum. Então os acometerã, quando ouvires hum estrondo no mais alto das pereiras, que serã final da ira, & indignação com que dou sobre elles, porque não serã tu o que os venças, mas eu o que os destruo.

Hieron.

A pereira significa fogo, & Deos indignado por cima de arvores significadoras de fogo, bem se mostra, que essa mesma arvore, ou as suas peras, ficão sendo figura da ira, & de tudo o que diz furor, & indignação. Aonde S. Jeronymo diz, que andar o espirito de Deos por cima destas arvores, era manifestar a ira, com que descia sobre as cabeças daquelles barbaros: *In quorum capitibus furor Domini jam seviebat, quando ad eos ventum est.* Já sobre as cabeças dos inimigos se indignava Deos, quando a elles chegou David com sua gente: *Ex adverso pyrorum.* Se Deos mostrou ira, & furor

contra

contra seus inimigos; temão peccadores sua indignação, pois em sendo peccadores, ficão sendo inimigos seus; & em sendo amigos deste mundo, se fazem inimigos de Deos. Temão peccadores a ira de Deos, & suas ameaças; que se a indignação do Rey he mensageira da morte: *Indignatio Regis nuntius mortis*, que serà a ira de Deos, cujos executores são, morte, inferno, & furias infernaes. E com tudo he de advertir, que húa das grandes misericordias, que nesta vida pôde Deos usar com peccadores, he ameaçallos; porque não ha cousa que mais refree o coração humano, que húa ameaça de Deos; & tem estas hum bem, como diz Theodoretto, q̄ com mummmente não se dirigem a dar morte, mas vida, & salvação; porque assombrado o peccador se arrepende, & arrependido muda Deos suas ameaças em clemencia, que quanto para executar, parece que não tem condição: *Quis dabit me spinã, & veprem*, diz Deos por Isaias: Quem me farà hum espinho, hum tojo do mato? Quem mudará esta minha clemencia em severidade, para castigar peccadores como merecem? Mas he assim, que quando estou mais indignado contra elles, sou como hum pay de familias, que depois de reprehender os filhos, & de se agastar muito contra elles, dizendo que ha de fazer, & acontecer, por fim quando quer executar o castigo, lembra-se que he pay. E Deos do proprio modo, muitas vezes que ameaça, & vai para castigar, lembra-se que he Deos, & suspende o castigo: *Conversum est cor meum pariter, quoniam Deus ego sum, & non homo*. Determinava (diz Deos por Isaias) castigar aos Tribus de Israel por culpas commettidas, quando fuy para o fazer mudouseme a vontade, & o coração, porque por fim olho que sou Deos, & não homem. Se todas as vezes que Deos desembainha a espada, mandando a morte, ou ao demonio que nos assombre, houvesse de levar avante o castigo, & passasse a cousa de ameaça, que fora de nós? Mas elle lembra-se que he Deos, & converte iras em misericordias.

Iacob 4.

Prov. 19

Theodor.

Isai 27.

Osea 11.

Consideração segunda.

- Basil.** A Ira he hum affecto da natureza humana, que como diz S. Basilio, se póde moderar, & refrear com a consideração, & bom juizo. E se pelo contrario a deixaõ tomar imperio da alma, converte o homem em besta fera, & não o deixa ser senhor de si, & da razão. S. Bernardo diz, que a ira he aquelle aspid, & basilisco, & aquelle terribel dragaõ, que hũa pessoa ha de pisar aos pés, andando seguramente sobre elles: *Haud alium ego draconem hunc, quàm spiritum iracundiae reor.* E quantos houve, que por serem precipitados, & pouco acutelados, miseravelmente cahirão na bocca deste dragaõ? Pois saibamos sopear esta besta féra, porque não nos destrua. Tenhamos ira, não contra o proximo, mas contra nós mesmos, quando procedemos mal, & offendemos a nõsso Deos. S. Jeronymo diz, que do homem he agastarse, mas do prudente não se deixar senhorear da ira: *Turbatus sum, & non sum locutus*, diz David. Muitas vezes me cheguei a perturbar cõ indignação, mas nunca rompi em palavras, porque me sabia refrear. O coração do homem he inclinado ao mal, mas no homem està resistir a sua perversa inclinação. A ira (diz S. Augustinho) que he facil de refrear a quem cuidar nas culpas q̄ tem offendido a Deos, & incorrido em sua indignação. Refrea a ira quem cuida que tem a Deos presente, & quem medita na Morte, & Payxaõ de Christo; sabe ser sofrido o que se lembra ter muitos defeitos, que os outros lhe haõ de sofrer. E he de saber, diz este Santo, que ha hũa ira que nasce da impaciencia do homem, & outra que procede do zelo da justiça. Esta he boa, & louvavel, & aquella digna de pena, & castigo, porque nasce de vicio, & a boa da virtude. Esta teve
- Num. 25.** Phinees para acodir pela honra de Deos, & se Heli a tivera
- 1. Reg. 2.** para com ella castigar aos filhos, não incitara contra si a ira
- Psal. 4.** de Deos. E esta he a ira de que diz o Psalmista: *Ira scimini,*

Et nolite peccare. Se fomos obrigados a amar aos proximos como a nós mesmos, assim temos obrigação de nos agastar contra os delittos do proximo, como dos nossos. E de tal ira como esta, quando he para reprehender, diz Salamaõ:

Melior est ira risu, quia per tristitiam vultus corripitur animus delinquentis. Melhor he a ira que o riso, porque pe-

los sinaes do rosto agastado se emenda o que pecca, & se o vèrir não tem emenda; porque differente cousa he festejar ao delinquente, ou reprehender, & castigar sua maldade.

Moyfes na sagrada Escrittura tem nome de Mansissimo, & com tudo occasiões houve, em que cheyo de hũa santa ira tomou a espada na mão, dizendo aos Levitas, que fizessem o

mesmo, para darem a morte a gente innumeravel, que a merecia por sua desobediencia. Clementissimo era Samuel, & occasião houve em que por sua mão matou em publica praça a hum Rey, que Saul não quiz matar, indo contra o mandado de Deos, & Samuel tornando pela honra desse mesmo Deos. Mas como a ira não for por estes respeitos, que são tornar pela justiça, ou emenda do peccador, sempre he vituperada. Assim lhe chama S. Basilio mal, principio de

muitos males, perigosa doença da alma, trevas do entendimento, apartamento de Deos, esquecimento de si mesmo, origem de guerras, causa de dissensões, & enfim espirito diabolico, que possue as almas dos que não sabem refrear impetos de colera. Não ha cousa mais forte, que a mansidão, diz S. Joaõ Chrystomo: *Nibil mansuetudine violentius.* A fogueira quando està mais acesa, nenhũa cousa a apaga mais depressa que a agoa. A mayor furia se abranda com duas palavras pacificas, do que se seguem dous bês, convem a saber, mostrar o homem sua paciencia, & mansidão, & o outro ficar quieto, & sossegado. A ira he serpente terrivel, saibamola encantar com palavras, & sejaõ estas tiradas da sagrada Escrittura, que para suspendermos a esta fera nos ensina tantos versos de encantamento, lembrado ao homem, que he

terra,

T ij

terra,

terra,

terra,

Gen. 10
Ecc. 7
Job 14
Eccl. 7
Ex. 32
1. Reg. 15
Basil.
Chryst.
August.

Gen. 3.

Eccl. 10.

Job 14.

Matt. 5.

Ephes. 4.

terra, pó, & cinza, & que não tem de que se ensoberbecer, nê presumir; & he cheyo de muitas misérias, & todo cercado de fraqueza. A divina Escriptura diz, que a ira lança a perder os mais sabios, & q̄ donde ha furor, foge o Espírito Santo, & q̄ o homem agastado he maldito, & que não pôde haver coufa fá, aonde entra o mal da ira. E o mesmo Salvador do mundo diz, que se alguém sem causa se agastar, ficará sendo reo em juizo. E por S. Paulo nos acôselha: *Ita & omnis indignatio à vobis abscedat.* Sejão todas estas lembranças, & exhortações, palavras de encantamento, para encantar esta besta ferra da Ira, & passarmos pacificamente o caminho desta vida, que leva às portas do Ceo os que por paciencia, & penitencia caminhão a elle.

Zambugeiro.

Humildade.

Consideração primeira.

Rom. 15.

August.

DEsta arvore fala sómente o Apostolo S. Paulo, escrevêdo aos Romanos, cõparando a ella o povo Gêtilico, q̄ (por merce do celestial Plátador, & Creador de todas as coufas) sendo pláta inutil, & sem proveito, foi enxertada em boa, & proveitosa oliveira, dos ramos q̄ quebrarão daquella soberba arvore, q̄ foi a nação Judaica: *Tu autē ex naturali excisus es oleastro, & contra naturam insertus es in bonā olivam.* Foste povo Gentilico cortado do natural Zambugeiro, & contra tua natureza enxertado em boa oliveira. Por ti nenhũa coufa merecias, & por misericordia minha tens os bens, honra, & gloria que possues. Tua inclinação era infernal, & diabolica, mas eu olhei para ti, & compadecime de ti, mudãdote em outro povo, gente escolhida, & estimada de mim. Pelo Zambugeiro quer Santo Augustinho que se entēda a humildade; porque a Gentilidade significada nella pelo humilde

conhecimento que de si teve, veyo a ser fermosa, & rendosa oliveira, que o povo Judaico deixou de ser por sua grande soberba, & arrogancia. Quebrarão (diz elle) os ramos natu-
raes desta oliveira, que era a soberba Synagoga, & quebrarão por sua altiveza, & inchação; vem Deos, & toma estes ramos quebrados, & enxerta-os no Zambugeiro humilde, que era a humilde Gentilidade, a qual se tinha por incapaz, & indigna de tanto bem. Esta sua humildade representou aquella afflicta mulher Cananea, que prostrada diante de Christo disse com muita submissão: *Ita Domine canis sum*. Assim he Senhor, que se vos escusais de me fazerdes merces, porque como dizeis, não he bem tomar o pão da bocca aos filhos, para o lançar aos cães, eu cão sou, porque sou figura da Gentilidade; cão sou na vida, nos costumes, & ferocidade minha; mas ao cão se não negão as migalhas que cahem da mesa de seu senhor, nem vòs me haveis de negar estas; porque nunca negais misericordias a quem vos appresenta misérias. Nesta humildade contentou muito a Christo nosso bem aquelle Centurião, q̄ se achava por indigno de receber em sua casa o Salvador do mundo, offerecendo-se o Senhor para ir a ella dar faude ao seu moço. Não se atrevia (diz Santo Augustinho) receber em casa a quẽ já tinha recebido no coração: *Tantò humilior, tantò capacior, tantò plenior*. Tanto mais humilde, tanto mais capaz, tanto mais cheyo de divinas merces. Os montes, & oiteiros lanção, & despedem de si agoa, mas os valles, & campinas a recebem, & se enchem della. A graça dos Ceos, que os grandes de si lanção por suas soberbas, recebem os humildes por seu infimo conhecimento: *Radices gentium superbarum arefecit Deus, & plantavit humiles ex ipsis gentibus*, diz o Ecclesiastico: Seccou Deos as raizes das gentes soberbas, & dellas plantou os humildes. O que Rabano quer que se entenda pela soberba dos Judeos, que Deos abateo, dessepando esta maligna planta pelas raizes; & da mesma Gentilidade plantou outras arvo-

Mat. 15.

Matt. 8.

Luc. 7.

August.

Eccl. 10.

Rabano.

res, que são os humildes. Christo Senhor nosso foi o que secou as raizes daquella arvore soberba do povo Judaico, & poz o enxerto do Zambugeiro, figura da humildade; porque sempre Christo poz os olhos nos humildes para os levantar, & então fazia este enxerto em boa oliveira, quando dizia: *Non inveni tantam fidem in Israel.* Não achei tão grande fé no povo de Israel, como na Gentilidade, que esta Cananea representa, nem tal humildade, nem tão baixo conhecimento de si mesma; & por isso será bem favorecida, porque representa humildade.

Consideração segunda.

A Humildade he origem das virtudes, & mãy de todos os bens, raiz espiritual, de que procedem fructos soberanos, & augmento de graça. He virtude a que os Doutores chamão: *Maximum sacrificium*, muy grande sacrificio, sem o qual ninguem he aceito diante de Deos. Por ella se chega a Deos, que sendo inaccessible, só do humilde se deixa tocar. Por ella se levanta o coração ao Ceo, & se conserva a caridade, afugenta-se o demonio, & se adquire perpetua paz do espirito. He seguro, & verdadeiro caminho para a gloria, mézinha contra a soberba, & perfeição de todas as mais virtudes. He a humildade (como diz Santo Augustinho) assento agradavel aonde Deos descansa, porque elle diz por Isaias: *Super quem requiescam, nisi super humilem?* Sobre quem descansarei, senão sobre o humilde? Aqui acho o repouso, que não tenho em outra parte donde me lanção aggravado, & offendido de almas perversas. He a humildade aquella torre de David fortissima, & fermosissima, que sustenta sobre si a Deos. E S. Bernardo quer que seja a humildade aquella cheiroso Nardo, que deu de si olor suavissimo de que a Esposa diz: *Nardus mea dedit odorem suavitatis.* E o Santo sobre isto diz: *Bonus humilitatis odor qui de hac valle plorationis ascendit, ipsum quoque regiũ accubitum grate*

grata suavitate respersit. Bom he o cheiro da humildade, q̄ deste valle de lagrymas sobe ao Ceo, & enche de agradavel suavidade o mesmo assento, & morada do Rey celestial. **Rupert.** perto Abbade quer q̄ seja a humildade hũ deserto deleitoso por onde a Alma Sãta caminha para o Ceo, & vêdo os Anjos, como sóbe humilde pelos rigores, & difficuldades da vida, pergũtão: *Quæ est ista, quæ ascendit per desertũ?* Teve a hu- **Cant. 3.** mildade hũ soberano Mestre q̄ a ensinou ao mundo soberbo, este foi Christo, exẽplo da mesma humildade, a qual encomẽdou muito aos homẽs, & para a persuadir a seus corações, lavou elle os pés de seus Discipulos, elle por amor de nõs se fez **Ioan. 13.** humilde, & se humilhou feito obediente até a morte. Pois a- **Phil. 2.** prendamos a humildade, como diz S. Augustinho: *Disca-* **August.** *mus humilitatem, per quã Deo propinquare poterimus.* A- prendamos a humildade por cujos passos podemos chegar a Deos. Pela soberba cahio a maravilhosa creatura dos Anjos, & pela humildade de Deos se levantou ao Ceo a fragilidade da natureza humana. Salamão diz, q̄ aonde houver soberba, ahi se acha afrõta, & aonde ha humildade, ahi se acha sabedoria, porq̄ aos humildes descobre Deos o q̄ esconde aos arrogãtes: **Prov. 11.** *Ubi fuerit superbia, ibi erit Scõtumelia: ubi autẽ est humilitas, ibi, & sapientia.* Não pôde morar a graça divina em quẽ não for humilde. E cõ quãta humildade o coração humano se inclina ao mais baixo conhecimẽto, q̄ de si pôde ter, tanto mais aproveita no caminho espirital, & aquelle q̄ sem a humildade caminha por obras boas, debalde trabalha, & sem proveito se cança: *Descende ut ascendas, humiliare ut exalteris,* **August.** *ne exaltatus humiliaris,* diz o mesmo Santo Augustinho. Abaixai-vos para sobirdes, humilhai-vos para serdes levantado, para que por ventura se fordes sublimado, o Ceo vos não humilhe com algum castigo. Feroso he quem à vista de Deos he humilde. Muito contenta a Deos quem muito se descontenta de si. Sede pequeno aos vossos olhos, para serdes grande em os de Deos; & tanto mais sereis precioso

diante delle, quanto para com vosco fordes mais despresado. Na mayor honra fede mais humilde, que o louvor da honra he a humildade.

Ensinheiro.

Tristesa.

Consideração primeira.

NA sagrada Escrittura se fala hũa só vez desta arvore, q̄ chamamos Ensinheiro, & em Latim se chama *Ilex*. O Profeta Isaias estranhando a cegueira do povo Gentilico, diz, que era tão ignorãte, que cortava o Ensinheiro, & o Carvalhó, que estava em pé entre as arvores do bosque. E parte fazia em idolos que adorava, & parte em lenha que queimava no fogo para se aquentar: *Tulit ilicem, & quercum, quæ steterat inter ligna sylvarum: sumpsit ex eis, & calefactus est: de reliquo operatus est Deum, & adoravit.* Notavel cegueira de gente, que adorava madeiros, de que juntamente se aproveitava para o fogo. E quando se punha a cortar o tronco da arvore, logo fazia suas repartições, dizendo: Deste pedaço farei hum idolo que adorarei, & deste lenha com que me aquentarei. Não ha Author que dê significação ao Ensinheiro. Só Plinio he de opinião, que esta arvore significa tristesa, por ser a primeira do numero que se chamão arvores tristes. Diz elle, que nas arvores ha prazer, & que este prazer he as suas flores, porque quando as tem, dão mostras que estão alegres, & risonhas, desafiando hũas às outras, a qual está mais rica, & graciosa. Mas nem todas tem esta alegria, porque nem todas florecem, nem todas dão fructo. Assim como ha arvores alegres, tambem ha arvores tristes, que são symbolo da mesma tristesa; a qual parece que mostraõ, porque nem apparecem com flores, nem daõ fructo algum. Destas aponta o Ensinheiro por principal em não se vestir de flores. E assim

es-

escrevem della os naturaes, que *Nulla flore exhilaratur.*
 He triste, por não dar flores. Bartholino Poeta antigo cha-
 ma a esta arvore triste:

Lethiferam faxum, tristique ex ilice fronde.

Ruffo Fefto lhe chama escura: *Cum spinis ilicis atra.* Vir-
 gilio lhe chama negra.

Ruf. Fes.
 Virgil.

Ilice sub nigra pallentes ruminat herbas.

E confirma significar esta arvore tristesa, pois quando Meli-
 beo se queixava da sua pouca ventura, dizia: Que bem de
 antes lhe tinha hũa gralha prognosticado seus males desima
 de hum Ensinheiro; o agouro era de coufas tristes, que lhe
 haviaõ de succeder; por isso a ave era triste, triste a arvore
 aonde se punha a prognosticar tristesas. E como esta arvore
 tenha tal significado, não he de admirar, que della fisessem
 os Gentios idolos que adoravaõ, & não de cedro, nem de oli-
 veira, que tem boas significações, mas de Ensinheiro, que diz
 tristesas. E prognosticavaõ as que elles para sempre nos in-
 fernos haviaõ de padecer.

Consideração segunda.

A Tristesa he fructo do peccado, o qual como foi causa
 de todos os males, diz Santo Augustinho, que dos ma-
 les da vida, he a tristesa mal grandissimo, ferida que atormē-
 ta o coração, algoz que de continuo agoniza o espirito, dor
 inexplicavel que já mais se tira, bicho que sempre roe, & che-
 ga ao intimo da alma, veneno mortifero do genero humano,
 noite de trévas continuadas, tempestade que sempre cresce,
 nuvem escura que se põem sobre o coração, febre que lava,
 & não apparece, fogo que se acende, & não se apaga, & guer-
 ra que não descança senaõ com a morte. Acompanha-se a
 tristesa de soledade, & só tem em sua casa pensamentos pesa-
 dos, & cuidados nocivos; serve-se de suspiros, & lagrymas,
 & algúas vezes da ira, & furor; porque os tristes de ordinario
 são

são freneticos, & agastados, como pelo contrario os alegres
 são mansos, & pacificos. He a tristesa hũa enferma que já
 mais está sem se doer, & sentir achaques, insofrivel de servir,
 & trabalhosa de consolar; & com tudo se seu mal tem algum
 remedio, consiste na boa consolação; porque como diz S.
 Chrystomo, como a tristesa he chaga do coração, não ha
 para elle melhor pedra bazar, nem pões de ouro moido, que
 boas palavras, praticas alegres, conversação agradavel. Nem
 para tristes se ha de buscar melhor mélinha; & quando esta,
 & outras semelhantes não bastarem, espere-se pela morte,
 porque nenhũa cousa a traz mais depressa ao genero huma-
 no, que a tristesa. Via-se El-Rey Antioco cheyo de bens, &
 riquezas do mundo, servido de muita gente, & acompanha-
 do de innúmeraveis exercitos, & dádo-lhe hũa mortal doença,
 dizia elle, que nenhũa eouza o matava senão a tristesa que ti-
 nha no coração: *Ecce pereotristitiâ magna*, dizia o misera-
 vel homem. As dores aplacão-se, a febre diminue-se, a fraque-
 za não he muita, mas só a tristesa he grande, & poderosa para
 me tirar a vida; porque como ondas do mar, levantão cruel
 tempestade em meu coração; assim foi, que morreo de pura
 tristesa. Salamão nos dà muitos conselhos, que não demos
 lugar em nossas almas à tristesa, & que a afastemos muito lon-
 ge de nós: *Tristitiam non des animæ tuæ*. E logo aponta o
 muito que importa fogir deste mal, dizendo, q̄ a muitos deu
 a tristesa morte: *Multos enim occidit tristitia*. Este receyo
 parece q̄ tinha Jacob, quando queixando-se aos filhos, q̄ com
 suas importunações lhe tiravão a vida, disse q̄ temia que cõ a
 muita tristesa o fisessem ir velho, como era, aos infernos; no q̄
 (como S. Augustinho considéra) mostrou q̄ receava senho-
 rear-se d'elle tanto a tristesa, q̄ com a muita perturbação da al-
 ma perdesse o premio do Ceo, & fosse ao inferno: *Videtur
 hoc magis timuisse, ne nimia tristitiâ sic turbaretur, ut nõ
 ad requiem beatorũ iret, sed ad inferos peccatorũ*. Assim
 avisava o Apostolo S. Paulo aos de Corinthe, q̄ tivessem cuida-
 do

do de cōsolar a hū q̄ elle tinha reprehendido, & sabia que estava triste, temendo q̄ se houvesse quē o reprehendesse ainda mais, lhe accrescentassē tristesa sobre tristesa, & o confundissē: *Ne fortè abundantiori tristitiã absorbeat*. Cōsolai a esse peccador, cōpadeceivos delle, animai-o, & alegrai-o, porque por ventura não se afogue no mar da tristesa, como o que fez naufragio nas ondas do mar. O mesmo S. Paulo fugia desta sobegidão de tristesas, quando avisava os mesmos Corinthios, q̄ assim ordenassē bē suas cousas, q̄ quãdo elle fosse a Corintho, não as achasse tão mal ordenadas, q̄ lhe dessem tristesa sobre tristesa: *Ut non cū venero, tristitiã super tristitiã habeam*. Tãto perturba a demasiada tristesa, q̄ a temeo Jacob, temeo a Paulo. Com tudo diz S. Chrysostomo, q̄ se não pôde passar a vida sem tristesa; porque se a vida he fogueita a tantos trabalhos, & molestias, destas procedem de continuo as tristesas; mas nenhūas ha de q̄ não tenhamos consolação na sagrada Escriitura. Tendes tristesa, porque vos vedes cercado de cuidados, & negocios da vida? Ouvi a consolação q̄ David dà, quando pergunta à sua alma porque està triste? *Spera in Deo*: Esperai em Deos, ponde nelle vossa confiança, confessai-o por Deos, & Senhor vosso, q̄ vos ha de valer, & soccorrer na mayor inquietação de vosso espirito. Vedes-vos pobre, & por isso estais triste? Ouvi o Psalmista, q̄ diz: *Iacta super Dñm curam tuam, & ipse te enutriet*. Ponde vosso pensamēto em Deos, q̄ elle terà cuidado de vos sustetar. Vedes-vos perseguido, & murmurado da gēte? Fazei o q̄ fazia David: *Ipsi detrahebant mihi, ego autē orabā*. Tinha inimigos q̄ me perseguião, & cortavão por mim, & por minha honra, & eu orava, & encōmendava-os a Deos. A oração era meu refugio, & minha consolação. E quando via q̄ elles nem por isso deixavão de falar, & murmurar, porq̄ me queria Deos castigar nisso: *Ego autem tanquam surdus non audiebam, & sicut mutus non aperiens os suum*. Eu para não perder o merecimento de minha paciencia, fazia que os não ouvia, & já

2. Cor. 2.

2. Cor. 2.

Psal. 41.

Psal. 54.

Psal. 37.

já mais abri bocca para lhe responder, como se fora mudo. Esta lição he hum espiritual alimento do homem triste, que faz hũa alma forte, & constante para lançar fóra toda a confusão, & perturbação, que a tristesa lhe póde dar.

Seneca.

Seneca dà muitos conselhos para hũa pessoa dimittir de si a tristesa, & para a não haver diz, q̄ duas cousas havemos de por de parte, receyo do q̄ póde succeder, & lembrança do passado; porque isto já nos não pertence, & aquillo ainda não nos toca, & quando nos virmos com difficuldades presentes, digamos que algum hora nos agrada à lembrarnos dellas: *For san & hac olim meminisse juvabit.* Contra a tristesa

Virgil.

nos havemos de armar, porque de outro modo se nos acanhamos, vence ella; & se nos animamos, fica ella vencida. Muitos por si mesmos chamaõ a si os males a que haviaõ de resistir. O inimigo he mais pernicioso aos que fogem, & se lhe resistem, já a cousa vai de outra maneira. Não tenhamos pois tristesa senão de nossos peccados, que esta tristesa he boa, & proveitosa, esta não tira, nem consome a vida, antes a dà; & desta diz S. Paulo, que ha hũa tristesa segundo Deos, a qual

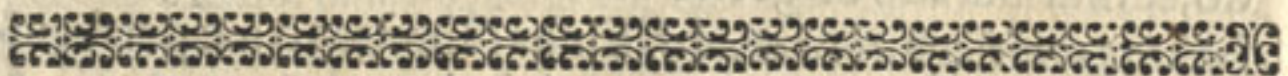
2. Cor. 7.

faz obrar penitencia para a salvação das almas: *Quæ secundum Deum tristitia est, pœnitentiam in salutem operatur.*

Aos que nesta vida se acompanhão desta tristesa, promete Deos bemaventurança, & gostos que nunca hão de ter fim:

Lnc. 6.

Gaudebit cor vestrum, & gaudium vestrum nemo tollet à vobis.



Casia.

Nobresa.

Consideração primeira.

Ex. 30.

Psal. 44.

A Divina Escrittura faz menção da Casia, que he hũa arvore aromatica, que se dà no Oriente, a qual por boas cófrontações se tem por sem duvida ser a mesma, cuja cortiça he

he a canella que da India vem. Tratando Plinio da Casia, isto dá a entender, dizendo della estas palavras: *Casia gustu est quàm maximè fervens, lento tempore leniter mordens, colore purpureo, quæque plurima, minimum ponderis habet.* A Casia mastigada na bocca queima devagar com hũa acrimonia, que lhe dà suave labor; a sua cor he purpurea, a casca dura, & forte, as folhas vermelhas como sangue, muita della em quantidade faz pouco peso. He pois a Casia, ou canella, significadora da nobresa; porque este nome Casia, que parece Caldeo, quer dizer nobresa. Por isso quando Job vio que Deos o restituia em dobro aos bens que lhe tinha tirado, & lhe dava tres filhas fermosissimas, chamou a hũa dellas Casia, ou Kesia, que quer dizer: *Nobilis ut Casia*, nobre como a canella, comparando a filha a esta arvore Casia, que assim como era tida pela mais nobre, & excellente das que havia no Oriente, assim né em belleza, & fermosura havia quẽ igualasse a Casia filha sua, dizendo a divina Escrittura: *Non sunt inventæ mulieres speciosæ sicut tres filie Job in universa terra.* Em toda a terra se não acharão molheres mais fermosas, que as tres filhas de Job. Chamando-se outra Jemina, que quer dizer: *Pulchra ut dies*, Fermosa como o dia. E a terceira: *Cornus tibia*, que quer dizer enfeite, & ornato das molheres, porque devia esta com ser fermosa, ser tambem amiga de se compor, & concertar bem, propriedade das que o são.

Plinio.

Iob 24.

Consideração segunda.

Quelle verso do Psalmo quarenta & quatro, aonde David apregoa mil graças, & perseguições que havia de ter o Messias vindo à terra: *Myrrha, & gutta, & casia à vestimentis tuis à domibus eburneis.* Quer dizer, segundo a doutrina dos Santos Padres, que tomando o Filho de Deos a natureza humana, como de vestido cercaria della sua Divindade,

dade, procedendo essa humildade santissima das entranhas da Virgem, mais puras que o branco marfim; & que essa natureza humana recebida delle lançaria de si Myrrha, Casia, & outras especies de cheiros aromaticos, & odoriferos; porque se entende que da Humanidade de Christo havia de manar fragrança de varias virtudes, & que nelle havia de haver nobresa, doutrina, milagres, & graças soberanas, com q̄ trouxesse a si as almas presas de seu divino amor. E por isso diz:

Psal. 44.

Adducentur regi virgines post eam. Apoz essa divindade vestida de nossa natureza, irão as almas dos escolhidos, & irão *In letitia, & exultatione*, com alegria, & contentamento, porque nenhum ha que chegue ao de quem deixando o mundo vai apoz Christo.

Consideração terceira.

Laert.

Aristoteles, & Platão apregoarão muitos louvores da nobresa, & fiserão varias especies della. A primeira daquelles que de seus primeiros progenitores tiverão ser nobres, & de sangue real. A segunda daquelles que por serem ricos, & poderosos vierão a ser nobres. A terceira daquelles, q̄ por feitos heroicos forão dignos de alcançar nobresa. Mas a quarta, que a todas leva ventagem, he daquelles que virtudes proprias, & raras excellencias do animo fiserão nobres. Aristoteles ajunta a quinta parte de nobresa, que attribue aos letrados, & sabios famosos, que as sciencias fiserão illustres, não sómente ennobrecendo a elles, & suas gerações, mas ainda as terras, & cidades donde forão naturaes. Estas duas ultimas especies de nobresa são as que mais se devem estimar. Da que procede de geração dizia S. Jeronymo, q̄ já mais se gloriará de pays nobres, & progenitores illustres; porque esta nobresa não parecia sua propria, mas de seus antepassados, como dizia Ulysses na opposição das armas de Aquilles.

Hieron.

*Sed genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi,
Vix ea nostra voco.*

Ovid.

Os feitos de meus antepassados refcaflamente os posso chamar meus, & a sua nobresa minha. Pois aquella he verdadeira nobresa, que consiste no esplendor de virtudes proprias:

Summa apud Deum nobilitas est clarum esse virtutibus.

Hieron.

Ser hũa pessoa dotada de virtudes he para com Deos grande nobresa. Seneca entendeo isto muito bẽ quando disse:

Quid stultius, quàm aliquem eo sibi placere, quod ipse non fecit?

Seneca.

Que cousa mais nescia, que gloriarse alguem daquillo q̃ não fez, como o filho das façanhas com que o pay se ennobreceo?

Non facit nobilem atrium plenum fumosis imaginibus.

Não vos faz nobre o pateo cheyo de imagens antigas de vofos antepassados, que forão dignos de eterna fama. Não viverão elles para nòs termos jactancia de seus merecimentos,

& gloria de suas proefas: *Animus facit nobilem.* O animo

faz a pessoa nobre, quando tem brio para se levantar sobre si, em qualquer estado, & condição que se veja. Queixava-se a

El-Rey Antigonõ hum mancebo, que sendo filho de hũ pay grande Capitão, & famoso por seus feitos, lhe não davão of-

ficio de preheminencia na guerra, ao que respondeo Antigonõ: Eu não dou premios aos merecimentos dos pays, mas

aos dos filhos: *Apud me, adolescens, virorum, non parentum virtuti premia sunt.*

Plutar.

Não se dão premios à virtude dos que forão, mas aos que hoje são. Porque os que forão para si forão, & não para nòs: *Nemo in nostram gloriam vivit.*

Seneca.

A proposito do que tratamos, foi avisada a reposta, que deu Affonso Rey de Aragão, celebre por sua sabedoria, ao

qual estando louvando hum vassallo seu da nobresa que tinha, & profapia de que descendia, respondeo elle: Que nar-

da menos estimava na vida, que aquillo de que elles fazião tanto caso; porque aquelle louvor que lhe davão, não

era seu, senão de seus antepassados, que viverão, & governarão o Reyno com justiça, inteireza, & verdade, deixando o

Reyno

Reyno a seus successores, não por herança, mas por encargo, & que então lhes ficava por honra, quando por virtude, & não por testamento aceitavão o governo della.

Consideração quarta.

SÃO Chrysoftomo diz, que ha hũa só verdadeira, & géral nobresa, a qual consiste em fazer a vontade de Deos; não ha nobresa, & fidalguia igual a esta. Se vos quereis jaçar que a tendes, mostrai a liberdade de vosso animo, que ha de ser, qual a tinhão os Profetas, & os Apostolos, que reprehendião, & admoestavão com fortaleza, & generosidade: *Si nobilitatem tuam ostentare placet, libertatem mihi animi ostende.*

Em outro lugar diz elle, que a todos deu o Senhor hũa igual nobresa, quando teve por bem chamar-se Pay de todos. E pois he Pay nobre, sejam os filhos nobres. Jaçtavaõse os Judeos, q̄ eraõ filhos de Abrahaõ Patriarca nobilissimo, mas não o que-rião imitar na virtude. Por onde o Senhor lhes disse, que se estimavaõ em tâto serem filhos de Abrahaõ, fizessem as obras que elle fazia. Os mesmos se gloriavaõ antigamente, que elles só eraõ filhos de Deos mais favorecidos d'elle, que outra algũa naçaõ; mas como deslustravaõ tudo com os vicios que tinhaõ, nada lhes aproveitava esta sua nobresa, da qual diz Chrysoftomo: *Judæi quondam filiorum Dei honore gaudebant, sed decoloratos vitiis, nihil juvit tanta nobilitas.* Por mais que vos jaçteis, que estais feito filho de Deos por adopçaõ, se a este nobre nome não ajuntais o merecimento da virtude, não sois nobre, senão baixo, & vil diante d'elle, & merecedor de muito mayor castigo. Por isso busquemos aquella nobresa, que consiste no esplendor das virtudes, & fujamos àquella vilesa que nos põem na miseria, & fealdade dos vicios.

Chryf.

Hieron.

A nobresa da alma he a que Deos estima, por isso diz S. Jeronymo, que dos homês ninguem para com Deos foi mais nobre

nobre que S. Pedro pobre pescador, & das molheres nenhũa mais illustre que Maria Esposa de hum carpinteiro; àquelle pobre pescador entregou as chaves do Ceo, & àquelle pobre Esposa deu ser Mãe de hum Filho Deos, & Homem, porque Deos escolheo as cousas mais desprezadas do mundo, para confundir as mais altas, & poderosas. O mesmo Santo escrevendo a Demetriade donzella santa, lhe aconselha, que ponha todo seu cuidado em adquirir virtudes, & graças do Ceo, & que se esqueça de riquezas, & bens da vida; de sorte, que com a nobresa que tinha, ajuntasse santidade, para que com o resplendor do sangue fosse mais nobre com a virtude da alma. Aquelle se tenha por nobre, aquelle por illustre, & sublime, que se despreza de servir aos vicios, & não ser vencido delles; porque daquelle he cada hum servo, de quem he vencido, & sojugado. Nem ha cousa mais indigna, que o cattiveiro da alma, nem cousa mais infame, que servir ao demonio. Nem ha para que ninguem se glorie da nobresa de geração, se da melhor, & mais nobre parte está cattivo. E peyor he ter cattiva a alma, q̃ o corpo: *Non est quòd sibi aliquis de nobilitate generis blandiatur, si ex meliore parte sit famulus.*

I. Cor. I.

Hieron.

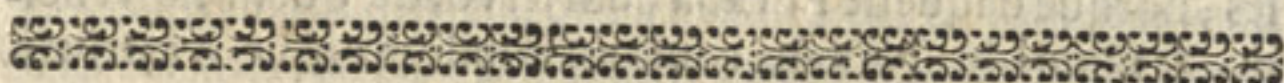
Santo Ambrosio estranha muito os que se ensoberbecem por se verem nobres, ou ricos: *Quid superbis dives, qui dicis pauperi: Noli me tangere?* De que te ensoberbeces rico, q̃ não queres que o pobre chegue a ti? Não es tu feito da terra, como o pobre o he? *Quid te jactas de nobilitate prosapia?* Que te jactas da nobresa de tua geração? Teme rico, que os merecimentos de teus antepassados não achem confusão em ti, & tu os afrontes com tuas dissoluções, & a elles se diga, porque gerarão tal filho, ignominia de sua geração. E porque elegirão tal herdeiro, que lhes herdou a fazenda, & não os bons costumes: *Mala nobilitas est, quæ se per superbiã apud Deum reddit ignobilem,* diz Santo Augustinho: Não he boa aquella nobresa, que por soberba sua para com Deos se faz vil, & baixa; nem a nobresa que o sangue traz apro-

Ambr.

August.

veita muito; mas aquella que a alma adquire por virtude, he a que Deos estima, esta se busque, desta se faça caso. A nobresa da Alma Santa consiste nas Chagas de Christo, na Cruz de Christo, & em Christo crucificado; porque elle quer que cada hum de nós o traga crucificado comfigo, & no seu coração, como anel no dedo, & como sinal sobre o peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* Deste modo o trazia S. Paulo, & por isso de nenhũa outra nobresa se gloriava, senão da Cruz de Christo, em o qual o mundo lhe estava crucificado, & elle ao mundo. Desta Cruz recebem nobresa, & gloria as almas santas, & o povo escolhido de Deos. E fóra de Deos não ha nobresa, & com ella toda a gloria, & luz de eterno resplendor.

Cant. 8.



Cypro.

Caridade.

Consideração primeira.

Cant. I.

Cant. 4.

Agath.

Cant. I.

O Cypro he planta referida em as divinas letras, arvore que se dà no Egypto, hũa das principaes que se chamão aromaticas, & cheirosas. O que esta arvore de si produz, dizem alguns Authores, que he o mesmo que entre nós se chama alcanfor; porque dà de si huns cachos como de uvas, que se compõem de huns grãos ao modo de incenso, que juntos em hum fazem hũa goma preciosa. Pelo q̄ Agathio Guidesserio varão doutissimo, interpretando aquellas palavras da Pastora do Ceo: *Botrus Cypri dilectus meus mihi*, verte elle deste modo: *Racemos Camphoræ amor meus mihi*: he para mim hum cacho de alcanfor o meu amor. Por isso nelle se significa a caridade, porque a experiencia mostra, q̄ acendendo-se qualquer grão de alcanfor, & pondo-se em agoa, não sómente se não apaga, mas antes a agoa lhe serve como de oleo que o acende mais. Assim que a agoa, q̄ costuma apagar

gar o fogo, faz arder, & levantar mayor chamma ao alcanfor. Notavel comparação da caridade, que quando se houvera de apagar com agoas de ingratições, ou perseguições, então se acende, & inflâma mais: *Aqua multa non potuerunt extinguere charitatem*, diz a mesma Esposa: Muitas agoas não puderão extinguir a caridade; vem sobre ella rios, & enchentes de agoas, vem males, & amarguras, & no meyo do mar tēpestuoso nenhūas ondas matão seu fogo. Por isso: *Racemus Camphoræ amor meus mihi*. He para mim o meu querido hum cacho de alcanfor; porque quando elle tinha muita razão de me não ter amor algum, pelas ingratições que em mim vê, culpas que commetto, & desserviços que lhe faço, então me quer, & se inflamma em meu amor: *Racemus Camphoræ*: Cacho de alcanfor que se acende com agoa, que apaga outro qualquer fogo. Tal era o fogo de nosso Deos, que quando na sua Payxaõ se havia de apagar com as ingratições do seu povo, & com os tormentos que lhe davão, a tempo que David, diz elle: *Intraverunt aqua usque ad animam meam*. Entrãrão-me as agoas das tribulações até a alma. Então se lhe acendia mais o fogo de seu divino amor; & por isso dizia na Cruz, que tinha sede, porque ainda que as agoas de seus tormentos forão muitas, a elle pareciaõ pequenas pingas, por isso pede mais agoa, porque lhe cresce a sede: *Racemus Camphoræ*, era cacho de alcanfor. O fogo de alcatraõ he tão forte, que só com vinagre se apaga; & o fogo de nosso Deos era tão intenso, que nem com vinagre que lhe derão a beber, se apagou: *O ignis qui semper ardes, & nunquam extingueris!* diz o grande Augustinho. Oh fogo de meu eterno Deos, que sempre ardeis, & nunca vos apagais, sempre ferveis, & nunca esfriais! porque quando friesas dos homens houverão de apagar as chammas de vosso divino amor, então são ellas mais ardentes, mais inflammadas. Esta he a condição da perfeita caridade, acenderse mais com as occasiões que pretendem consumilla, & apagalla, de que

Cant. 8.

Psal. 68.

Ioan. 19.

Mat. 27.

Ioan. 19.

August.

*Casiod.**Aponio.**Anselm.**Hugo.*

fica sendo conveniente figura o alcanfor, que produz o Cipro. Assim o dão a entender os Padres antigos que falão desta planta; ainda que Casiodoro quer, que por ella se entenda a Graça; Aponio, a Paciencia; Santo Anselmo, a Santidade, que cresce em grande altura, & produz cachos de boas obras, com q̄ se faz hum unguento, q̄ deleita muito a Deos. Hugo de S. Victore quer q̄ por ella se entenda o bom governo, os Prelados, & Reytores, q̄ tem à sua conta subditos a q̄ mandão.

Carvalho.

Fortaleza.

*Consideração primeira.**Plinius.**Plinius.**Plinius.**Plinius.*

O Carvalho he geroglyfico da Fortaleza, arvore de muita veneração para com os Antigos, os quaes tinham para si, que fora ella a primeira que a terra produziu; de cujo fructo se sustentarão os homens na primeira idade. Os Arcades, como se gloriavão q̄ forão os primeiros homens do mundo, antes q̄ houvesse Lua, Sol, & Estrellas, dizião q̄ tinham parentesco com os Carvalhos, por serem as primeiras arvores que na terra houve, como elles os primeiros que dessa terra nascerão, & por isso se chamavão Terrigenas, não querendo admittir, que nascessem de geração humana, como a mais gente, mas da mesma terra como Adão; assim que de Arcadia procedeo o uso antigo da coroa de carvalho, que para com elles era symbolo de Antiquidade; mas para com os Romanos o foi de Fortaleza, & assim davão elles coroa de Carvalho em sinal de Fortaleza, a quem defendia, ou livrava a patria dos inimigos, ou a quem com invencivel peito, & animo constante reprimira algũa conjuração contra ella: donde dizia Gellio, que bem se devia a Cicero coroa de Carvalho, pois com tanto esforço, & valentia livrara a patria de tão poderosos inimigos. Daqui vinha, que muitos Emperadores

man-

mandavão lavrar em os cunhos das moedas circulos de ramos de carvalho com letras em redor, que dizião serem elles defensores do Imperio. Tambem se dava esta coroa ao soldado, que na guerra livrava algum Cidadão de perigo de morte, ou de poder dos inimigos. E o que merecia esta coroa era muy venerado de todos, & tinha lugar em os jogos publicos junto aos Senadores; o Senado se lhe levantava, & não sómente elle, mas tambem o pay erão admittidos a dignidades publicas; o filho pelo merecer por seu esforço, & o pay por ter filho tão proveitoso ao bem publico. Não ha duvida em o carvalho significar fortaleza, conforme o diz Festo, & Ruffino, donde veyo, que Robur nome que em Latim significa o Carvalho, tambem significa Fortaleza, por ser a madeira desta arvore muito forte, & dura, chamandólhe alguns incorrupta. Assim não lemos, que a maça de Hercules fosse de ferro, como erão as outras, mas de carvalho, significador de sua invencivel fortaleza. O Profeta Amos, falando da muita que havia no Amorrheo, diz delle, que era forte como o carvalho: *Fortis ipse quasi quercus*. Não comparando suas forças a outra arvore senão a esta, donde lhe procede tal significação. Lucano quando louva a Pompeyo de valeroso, & esforçado, faz comparação delle ao carvalho.

*Festus.**Ruffin.**Amos**Lucan.**Consideração segunda.*

A Fortaleza dizem alguns Authores, que he hũa virtude, que peleja pelo que he justo, & defende a verdade. Outros, que he hũa louvavel ousadia contra os perigos em que se não teme a morte, nem se respeitão interesses da vida. Outros, que he hum affecto da alma, com que desprezamos todas as perdas, & danos que não estão em nossa mão. As partes da fortaleza são quatro, Magnificencia, Confiança, Paciencia, & Perseverança. A Magnificencia he hum generoso pensamento de cousas grandes com proposito de as acometer.

metter. A Confiança he hũa imaginação, que propõem em si firmes esperanças de alcançar algũa cousa. A Paciencia he hũ voluntario sofrimento de cousas arduas, & difficultosas, causa de muito louvor, & proveito proprio. A perseverança he hũa determinação estavel, & permanente em algũa ração bẽ considerada. Estas são as quatro partes da fortaleza com as quaes fica ella sendo Dom do Espirito Santo, quarto grao da sabedoria, nascido do amor de Deos, ornamento de todas as virtudes, desprezadora da morte, chave que abre a casa de Deos, vencedora de asperesas, pão celestial, que conforta a Elias em o deserto. Esta he a que prevalece contra a pobreza, para que não desmaye o coração do pobre voluntario. Esta he a que padecedor, & no mayor conflicto dà graças a Deos; esta a que nas tribulações acha delicias, & nos trabalhos riquezas, & no mayor mal mayor bem. Esta a que sustenta o edificio da boa obra, a qual se David tivera, não commettera tão graves peccados; & se Sansão se armara della, não o entregara sua mulher a seus inimigos; & se S. Pedro a conservara, não negara a Christo à voz de hũa escrava.

A fortaleza, diz Santo Ambrosio, não consiste nas forças do corpo, mas sua gloria està na virtude do coração, nem tanto em vingar aggravos, mas em os tirar, donde Moyles começou a mostrar que era forte, quando defendeo o Israelita, que o Egypcio injuriava, & o matou, & soterrou na areia. E Job querendo mostrar sua fortaleza, diz: Que muitas vezes tinha tirado o pobre das unhas do poderoso, & o desamparado das mãos de quem o affligia: *Salvum feci pauperem de manu potentis, & pupillum, cui non erat adjutor, adjuvi.*

Em duas cousas se vê a fortaleza do animo. A primeira, em desprezar grandes cousas, & vencerse a si mesmo no desejo dellas, não se deixar levar de gostos do mundo, nem se perturbar com as adversidades, nem levantar-se com as prosperidades. A segunda consiste em procurar todas as cousas, em que apparece virtude, & resplendor de santidade. Esta

3. Reg.
19.

Jud. 16.
Mat. 7.

Ambr.
Exod. 2.

Iob 25.

he a fortaleza que tem o soldado de Christo, o qual se não pe-
 lejar legitimamente, não será coroado. S. Gregorio diz, que 2. Tim. 2.
Gregor.
 a fortaleza dos Justos he hũa, & outra a dos peccadores. Por-
 que a do Justo he vencerse a si mesmo, & suas payxões, resis-
 tir aos appetites, amar as perseguições por alcançar premio eterno.
 Mas a fortaleza dos malignos he buscar, & amar as cousas
 transitorias, seguir as vaidades, & não dar orelhas aos avisos
 dos Ceos, nem sentir seus castigos, nem tratar de emenda.
 Por isso pelo Psalmista se diz aos escolhidos: *Viriliter agite,
 & confortetur cor vestrum, omnes qui speratis in Domi-* Psal. 30.
no. Todos os que tendes postas vossas esperanças em o Se-
 nhor, estai de bom coração, tende animo, & fortaleza, não
 duvidando, que aquelle em quem esperais, vos ha de acudir
 na mayor tentação com seu soccorro, & misericordia. Aos re-
 probos se diz por Isaias: *Vae qui potentes estis ad potandum* Isai. 3.
vinum, & viri fortes admiscendam ebrietatē. Ay de vós ri-
 cos, & poderosos do mundo, que se sois fortes, & valentes, só
 o sois para comerdes, & beberdes, nisso mostrais vossa fortaleza,
 & poder! Mas muito melhor se declara hũa, & outra fortaleza
 das q' agora tratamos, naquellas palavras do mesmo Isaias:
Qui timent Dominum, mutabunt fortitudinem. Os que te- Isai. 40.
 mem ao Senhor, mudarão sua fortaleza. Pois se os bons mu-
 dão a fortaleza, he para se melhorar de outra, deixando a for-
 taleza do mundo, & tomando a do Ceo. E por isso diz: *Muta-*
bunt. Mudarão hũa por outra. Porque os mundanos tem sua
 fortaleza com que sofrem, & padecem molestias por alcançar
 bens do mundo, & vencem mil contrariédades por sahirem
 com o que pretendem. Esta fortaleza mundana por favor do
 Ceo se muda em outra celestial, & soberana, quando hũa alma
 convertida a Deos, inflammada de seu divino amor, ne-
 hũa cousa da vida teme, & acomete as mais difficultosas por
 assegurar bens eternos.

Confideração terceira.

Muitos Filósofos Gentios forão dotados de fortaleza admiravel, mas como nella faltava o lume da verdadeira Fé, & a virtude da Caridade, não podia tal fortaleza ter em si perfeição. Pergunta Seneca, que cousa seja fortaleza, & responde, que he hum fortalecimento inexpugnavel da fraqueza humana, hum castello guarnecido de boa defensão: *Fortitudo munimentum est humanae imbecillitatis inexpugnabile.* Assim diz elle, que tem por forte, não o que vence grandes batalhas, mas o que se vence a si, & o que com nenhum maligno successo se perturba, & com o mesmo semblante de rosto ouve as tristes novas, que as boas, como o forte Eneas dizia à Sibylla Cumea:

Non ulla laborum

O virgo nova mi, facies inopina ve surgit.

Omnia percepi, atque animo mecum ipse peregi.

Para mim não ha genero de trabalhos, nenhum me pôde vir de repente, que tudo tenho já previsto, & premeditado. Nada me podem dizer, que eu a mim mesmo não tenha muito antes dito: *Hominem paravi ad humana*, diz Seneca. Como homem que sou, estou aparelhado para successos humanos, menos os hey de sentir, porque os soube prevenir, & golpes que se esperão sentemse menos, porque se reparaõ melhor. Socrates teve nome de forte, porque a nenhum mal se mostrou timido, nunca mudou, nem perdeu a cor do rosto por grandes sobressaltos que tivesse, nem algum hora mostrou o semblante, ou mais alegre, ou mais triste do que costumava, ainda que lhe publicassem sentença de morte apoz grãdes ignominias: *Aequalis fuit in tanta inaequalitate.* Igual foi em tão grande desigualdade. Invejavalhe Antisthenes esta fortaleza admiravel, & dizia, que para ter felicidade na vida tinha bastante virtude, & que só tinha necessidade da fortaleza de

So.

Socrates: *Ullare opus non habeo, nisi Socratico robore.* É dizia bem, porque Socrates tinha feito callo de sofrimento para todas as cousas que sobreviessem. *Plutar.*

Notavel fortaleza foi a de hũa molher Lacena, que ouvindo dizer que hum seu filho morrerã em a guerra, pelejando varonilmente, sem se perturbar, nem entristecer disse:

*Plorentur timidi, mi infletus humabere nate,
Et matre hac verè dignus es, & patriã.*

Os filhos cobardes, & timidos, sejam prãteados de suas mãys, mas vòs meu filho, sem lagrymas minhas fereis enterrado, que por forte, & valente sois digno de tal mãy, & de tão boa patria. Aquella santa matrona, mãy dos sette filhos Macabeos, quando vio a fortaleza com que os filhos padecẽrão tão grandes tormentos pela Fé do verdadeiro Deos, quasi que os desconhecia de filhos seus, não podendo crer que parira ella filhos dotados de tanta fortaleza: *Nescio qualiter in utero meo apparuistis*, dizia ella. Não sei como andastes nas minhas entranhas. Não fui eu a que vos dei esse espirito generoso, & essa vida tão despresadora da morte, porque de hũa molher tão fraca não podiaõ nascer filhos tão fortes, quasi que vos desconheço de meus; porque vòsso espirito he do Ceo, vòssa fortaleza he mais que humana. David dizia, que sua fortaleza era Deos: *Fortitudo mea, & laus mea Dominus.* *Có Ps. 117.* Com esta fortaleza venceo ao mundo, & suas vaidades, com esta despresou seus deleites, & fez penitencia dos passados. Desta se armou contra os combates do inimigo. Debalde agasalhamos alguns a Christo no aposento do coração, se à porta não puermos a pedra da fortaleza, para que com ella tolhamos a entrada dos inimigos, que são os vicios que combatem o bõ estado da vida santa, & procuraõ destruir o que louvavelmente està edificado para a vida eterna. Não vencem estes ao forte, & constante varaõ, porque este confiando em o Senhor, como monte de Sion: *Non movebitur in æternum.* *Ps. 124.* É ainda que com aduersidades, & tentaçõs pareça que o mundo

Horat.

mundo se acaba para elle: *Impavidum ferient ruinae*. Sem temor espera os golpes contrarios, & com o sofrimento vence qualquer tribulação.

Junco do Egypto.

Abstinencia.

Consideração primeira.

Isai. 18.

Pierio.

O Junco do Egypto he o que os Latinos chamão Papyrus, nome que agora significa o papel, porque primeiro se costumou escrever em hūas taboas desta planta Papyrus, ficando o mesmo nome ao papel, q̄ depois se inventou. Cresce esta arvore no Egypto de forte, que se fazem embarcações della; & disto faz menção Isaias, quando falando do Egypto, diz que he terra, que manda Embayxadores a outros Reynos: *In vasis papyri super aquas*. Em embarcações desta arvore Papyro, com que se navega sobre as agoas. E ainda agora nas partes do Oriente chamão Juncos a algūas em que navegão. Diz Plinio, que as raizes desta arvore se comem, & que são alimento de gente abstinente. He esta arvore figura da abstinencia, como diz Pierio. Por ser manjar, que com pouco trabalho se acha na terra, & satisfaz a fome. Procedeo isto, que os Egypcios no principio do mundo occupavāose em descobrir os movimentos do Ceo, o curso do Sol, & dos Planetas, & de todas as mais cousas, que pertencem à Astrologia, de que elles forão Authores, & por isso não comião carne, nem vinho, para terem os entendimentos claros, não os engrossando a sobegidão dos manjares; nem comião ovos, nē leite, dizendo, que os ovos he carne liquida, & o leite sangue, que muda sómente a cor de vermelho em branco. Não forão elles só os que passavão a vida com tanta abstinencia, porque tambem os Athenienses em seus principios se sustentavão só de figos; os Arcadios de lande; os Indios de hūas cannas

cha-

chamadas Calamo; os Egypcios das raizes desta arvore Papyro, os Carmanos das palmeiras, os Sauromatas de milho, os Persas de cardamo. E algũas nações hião com o gado pacer aos campos, comendo hervas que nelle achavão. Parece que advertião estes, que o primeiro manjar que Deos creou na terra, antes de crear o Sol, & as Estrellas, forão hervas do campo: *Germinet terra herbam virentem*. Hervas forão a primeira igoaria, que Deos appresentou ao homem, destas comião, & destas se sustentavão no principio do mundo, & estes manjares de hervas, & fruttos ordenou Deos para sustento dos homens; mas elles depois ordenarão outros por industria que a gula lhes administrou; & fez se a gula tão industriosa pelo tempo adiante, que depois de converter em manjares tanta variedade de carnes, & peixes, que cria a terra, & mar, chegou a fazer manjares de ouro moido, com suas quintas essencias destilladas. E Cleopatra Rainha do Egypto, dava a comer a Marco Antonio perolas preciosas de infinito valor, desfeitas em pó. Dizem os Filosofos, que por aquelles meynos, pelos quaes se recupera a faude, por esses mesmos se ha de conservar; quando perdemos a boa, pela abstinencia a recuperamos, logo pela abstinencia a devemos conservar. Diz o Comico, que os comerres leves refreão os appetites entre os limites da natureza, & os artificiosos os dilatão muito. Não sei (diz elle) como abominamos a gente que suspeitamos podernos dar peçonha em alguma beberagem, & não aborrecemos os cozinheiros, que nos matão com suas potagens, & variedade de igoarias. Daqui nascem as doenças, & enfermidades, as quaes quando as temos, somos como os Athenienses, dos quaes diz Demades, que não tratavão de paz com os inimigos, senão depois de deixarem passar as boas occasiões, que tinham de vittoria.

A nós outros nunca vem ao pensamento comer hervas, & comerres levissimos, senão quando estamos ardendo em febre, rodeados de mésinhas, & xaropes; tratamos de

paz

Gen. I.

Demad.

Seneca.

paz, depois que o inimigo está de portas a dentro. A muitos nos acontece o que Seneca conta de Lisimaco entre os Scythas, que vendo-se apertado de terrível sede, entregou a si, & seus exercitos aos inimigos, & pedindo logo hum pucaro de agoa, que bebo, disse: Ah por quaõ pequeno gosto perdi taõ grande felicidade!

Laert.

Quantos por appetite de hum manjar, ou por hum pucaro de agoa de neve fóra de tempo, perdem a saude que podiaõ conservar muito bem sem agoa de neve, & sem golodices de manjares; perder tanto bem por deleites taõ breves; nunca o comer pouco fez mal, nem os manjares leves deixãraõ de fazer bem. Ceando hum Filosofo com Plataõ, que vio o comer limitado da sua mesa, disse; Que quem hũ dia ceasse com Plataõ, ao seguinte se acharia com muy boa disposiçaõ, dando a entender, que das demasiadas ceas se seguem achaques ao outro dia, & que dos comeres passados procedem males presentes. Bem advertia nisto Alexandre, quando por tirar a occasiã da gula ao seu exercito, desterrou delles aos cozinheiros famosos, dizendo: Que comfigo levava bons mestres dessa arte, como era cançasso do caminho, para lhe saber o jantar, & temperança do jantar, para lhe saber a cea. Os pilotos, ou mestres das naos, levados da cobiça deixãõ meter nellas muita fazenda, & mercancia, depois vãõ sempre dando à bomba, & alijando ao mar, porque não pôde a nao levar tanto, & vai fazendo agoa por ir aberta. Os q̃ levados do vicio da gula se enchem de muitos manjares, & igoarias, carregando o corpo de humores grossos, vãõ toda a vida descarregando por purgas, xaropes, & sangrias, trabalhando por lançar fóra enfermidades, que grangeãraõ com muito comer, & depois não remedeãõ com dietas de todo o anno.

Espi.

Espinheiro.

Delicias.

Consideração primeira.

Duas vezes se fala na sagrada Escriitura de hũa baixa sorte de planta cheia de espinhos, que commummente se acha nos matos, & lugares incultos, à qual chama Rhamnus; & bem considerado o que Santo Augustinho diz, declarando hum verso de David, aonde fala desta arvore, & o nome que os Autores lhe dão, he este Rhamnus o que entre nós se chama Espinheiro. E porque nosso intento he tratar de todas as plantas referidas na sagrada Escriitura, não deve esta ficar sem declaração do significado que tem; porque a sagrada Escriitura não fala della sem mysterio.

August.

No livro dos Juizes fingio hum Abimelec a seu proposito hũa fabula, (quando lhe não quizermos dar nome de metaphora) que as arvores depois que commetterão muitas que fossem rainha de todas ellas, (que nenhũa quiz aceitar o sceptro, & mando) forão offerecer isto ao Rhamno, mata espinhosa, a qual ainda que conhecia sua baixa sorte, & inhabilidade para ser preferida às arvores, por fim aceitou a coroa, & determinou se governar seu Imperio, como que nenhũa tinha para essa dignidade mais partes que ella.

Jud. 9.

O Profeta Rey no Psalmo cincoenta & sexto, falando com os peccadores que se dão a gostos, & delicias da vida, ameaçando-os com castigo do Ceo, diz assim: *Priusquam intelligerent spinæ vestrae Rhamnum sicut viventes, sic in ira absorbet eos.* O que declarando Santo Augustinho diz, que por este Rhamno, ou Espinheiro se entende m delicias, gostos, & prazeres da vida, que por fim te em espinhos de perpetua dor, & tormento. E estes quer David que logo no principio os cortemos, antes que cresçam, & venhaõ a fazer grandes.

Psal. 57.

August.

August.

des. Por isso, oh peccadores: *Priusquam intelligerent spina vestra Rhamnum*. Antes que estes espinhos de deleites do mundo venhão a endurecer, & a vossa malicia a crescer de forte, que com os peccados cresção os espinhos dos remordimentos, & agonias, que elles trazem consigo, antes que vossas almas se fação espinheiros, & plantas do mato; converteivos a Deos, porque de outro modo a sua ira vos soverterà com a facilidade, que quando a terra se abre, soverte aos viventes. Pois olhai que por isso Deos repentinamente mata a muitos na flor da idade, que por fim em corpo, & alma hão de ser sovertidos nesse inferno. Tratai agora de arrancar de vossas almas estes espinhos, & cercaivos de outros, que vos sejam muito proveitosos, pois são de penitencia, quaes David os teve, & com a dor que lhe causavão, & elle não aborreçia, nos dà relação do effeito delles, dizendo: *Conversus sum in erumna mea, dum configitur spina*. Todo me converti em amargura, mas amargura suave, & proveitosa a minha alma, em quanto me traspassão, & ferem os espinhos de minha contrição, & arrependimento. Nestes nos deseja ver S. Chrystomo, quando diz, que estimara muito vernos a todos em delicias, não nestas, que como espinhos ferem, & matão nesta vida, mas naquellas que nascem das lagrymas, & penitencia; porque estas ainda que parecem rigorosas, & duras, cõ tudo dellas nascem as verdadeiras delicias, que sempre florecem.

Bem se chamão as delicias espinhos, porque fazem mal à alma, & corpo. A este de bem disposto fazem enfermo, de robusto fraco, de puro impuro, de casto torpe, de abstinente voraz; & assi por meyo destas delicias obra Satanàs males que não tem numero, & a alma cercada destes espinhos, fica naquelle estado em que a podemos imaginar debaixo daquelle nome de viuva, de que o Apostolo S. Paulo diz: *Quae in delitiis versatur, ea civis mortuae est*. O que S. Augustinho entende pela alma q̃ se dá a delicias, & nellas se occupa, a qual

Chryst.

August.

a qual sem duvida se póde ter por alma morta. Seneca diz, q̃ as delicias nos tem causado grandes males, & que estas lançarão a perder Imperios, & Reynos invenciveis. Nunca Roma declinou de sua felicidade, & Monarquia, senão depois que admittio em si as delicias de Reynos estrangeiros. A Annibal não vencerão, nem domarão inimigos, nem difficuldades de guerras prolixas, nem as neves dos montes Alpes, & por fim vencerão-no delicias de Campania: *Armis vicit, vitiis victus est*, diz Seneca, o que por armas era invencivel, veyo a ser vencido dos vicios. Acabão delicias o que armas não pódem, & são muitos os que dellas se deixão vencer, muitos os que as buscão com tantas offensas de Deos. Nos sacrificios da Ley Velha não lemos, que mandasse Deos se usasse de mel, sendo assim, que em muitos mandava se lançasse azeite, farinha, sal, & cousas semelhantes, tirando mel, o q̃ S. Chrystomo notando, diz que he o mel figura dos deleites, & suavidade mundana: *Mel voluptatis indicium est, & suavitatis*. Este não quer Deos que entre de mistura em cousa que se lhe offerece, porque a Deos não contentão deleites mundanos, nem suavidade da vida, nem tudo o que representa doçura della: *Nulla mundana voluptas Deo placet*. E pelo menos hemuito de considerar, não serem delicias significadas em outra arvore, senão no Espinheiro, & isto basta para qualquer contemplativo fazer neste passo largas considerações, de q̃ tire motivos para buscar só as verdadeiras delicias, que Deos tem aparelhadas para os que nesta vida sabem desprezar as mundanas.

Seneca.

Seneca.

Chryst.

Aroeira.

Serviço.

Consideração primeira.

HE opinião de alguns Authores, q̃ foi a Aroeira hũa das arvores q̃ nomearão os falsos velhos, q̃ acusarão a casta

Dan. 13.

Ma.

Rod. Fe.

Matrona Sufanna, dizendo que a viraõ estar: *Sub schino*, & deste nome *Schinus*, naõ se acha que particular arvore seja, & que nome tenha entre nòs, senaõ de Aroeira, como diz hũ grave Author; porèm a naõ haver certesa que arvore fosse, menos a pôde haver do significado q̄ tem. Nesta nossa Hespanha querem curiosos, que a Aroeira signifique serviço. Ralões disso naõ as sinto, nem fundamentos, senaõ for o que escrevem desta planta Authores Medicos, que serve para muitas, & varias enfermidades, fazendo de quanto tem bons serviços aos mortaes, das suas folhas, da sua raiz, & do seu mesmo tronco, & ramos. Do fructo que dà, se faz hum oleo muito proveitoso para certas doencas. Tambem serve de dar rezina, que chamaõ almastiga, ou almecega, ainda que esta daõ as Aroeiras de Chio, Egypto, & de Italia, & naõ estas que temos entre nòs. A Aroeira nunca perde as folhas, & tem perpetua verdura, & por todas estas ralões he possivel que parecesse bem dar-lhe o significado que tem de serviço.

Limaõ.

Vontade.

Consideração primeira.

HE para notar, que sendo o Limoeiro planta de tanta estima em toda a parte, pela variedade, & fermosura de seus limões, naõ haver Author antigo que fale della. Significado que tenha naõ ha descobrillo. Entre nòs o limaõ diz vòtade. E pondo de parte a commua rafaõ que todos sabem, outras pôde haver mais idoneas, como conservar o limoeiro seus fructos todo o tempo que lhos deixaõ estar, & as suas folhas naõ cahirem nunca. A vontade assim ha de ser, em todo o tempo se ha de conservar no coração do homem, & nunca ha de cair, nem deixar de ser a mesma. E assim como o limoeiro nunca se vê orfaõ de fructo, nem a vontade o ha de ser de bõs desejos,

desejos, & obras. A flor do limoeiro admiravelmente fortifica o coração. Nenhũa cousa anima, nem conforta mais o coração da gente, que a boa vontade que outrem lhe mostra. Todo genero de limão comido, he remedio contra a peçonha, & mordeduras de bichos peçonhentos. Hũa boa vontade he unico remedio de muitos males, & preserva de tudo o que póde empécer: porque aonde ha boa vontade, ha procuraremse bens, & nenhuns males; ou tambem porque hũa vontade muitas vezes prevalece contra a peçonha de quem lhe quer empécer, convertendo essa peçonha em bem, & vencendo com seu bom animo a perversidade de quem procura seu mal. Se por algũa destas razões o limão não significa vontade, apontem curiosos as suas, porque de nosso intento não he tratar de plantas, que nem são referidas na divina Escrittura, nem de Authores, que lhes dem significações proprias. E assim não fica aqui lugar de se dizer mais, senão que a vontade he para com a alma do homem, o que o coração para com o corpo humano. A vontade he a que dà ser a todas as acções do homem, & por ella se merece, ou desmerece; por ella se contém, ou descontenta a outrem; por ella se agradecem, ou desagradecem as cousas. Quem me a mim faz merces, (diz Seneca) deve não sómente fazerme bem, mas ter vontade de me fazer bem, que por isso não agradecemos às arvores darem-nos tantos fruttos, nem às fontes suas agoas, nem aos rios suas correntes, nem ao Sol que nos faça dia, nem à Lua, que saye de noite, porque quem nos houver de fazer bem, ha de ter vontade de o fazer, para nós a termos de lho agradecer.

Seneca.

Consideração segunda.

HE a vontade thesouro de impossibilitados, porq̃ aquillo que muitos não podem mostrar com o effeito, significação com a vontade, & com esta merecem o que com obras

não alcanção. He a vontade thesouro de pobres, porque o Reyno do Ceo, que muitos comprão com tantos trabalhos, & penitencias de toda a vida, outros com deixar quanto possuem, outros com dar grandes esmolas, esse ganhão pobres com a boa vontade: porque dado caso que alguem se veja impossibilitado para fazer grande penitência, & outras obras meritorias, & se for tão pobre, que não possa dar hum ceutil de esmola por amor de Deos, bastarlhe-ha a boa vontade de fazer, se pudera, essas, & outras cousas. E assim como Deos dà premio a esta boa vontade, como se fora obra, assim tambem dà pena, & tormento a essa vontade quando não he boa, como se por effeito se executara, porque na deliberação da vontade está a bondade, ou malicia da cousa; & ella he a que abre, ou fecha as portas, para Deos entrar no aposento de nossas almas, & quando he vontade propria, impede estar Deos presente à mesma alma, & he causa de muito mal, & inquietação do homem, indo sempre de mal em peyor. Louvou Deos a todas as cousas que tinha criado, dizendo que erão boas, só ao homem não louvou. E foi porque todas as mais cousas havião de perseverar no estado em que Deos as criou, o Ceo, a terra, as plantas, as aves, & os peixes; mas o homem que havia de pender de sua vontade, & mudar-se a momentos cõ ella, querendo agora hũa cousa, & logo outra, não convinha que Deos o louvasse, senão quando o merecesse sua firmeza, & eleição de firme vontade. Esta sempre está arriscada em fugeitos de gente que vive de seu gosto, & querer, como redoma de vidro finissimo nas mãos de hum menino de pouca idade. A vontade propria só na Religião achou quem a venceisse, & refreasse; & só ahi se sabe vencer, & refrear. Fingem os Poetas a Ulysses mandando-se atar ao pé do mastro, passando pelas ilhas das Sereas, porque ouvindo a suavidade de sua musica, não se lançasse ao mar, como fazião os mais navegantes, levados de sua melodia. Os votos das Religiões são ataduras que prendem os homens, tirando-

lhes

Gen. I.

*Ovid.
Homer.*

lhes a liberdade, & deixando os cattivos. Os que temem que a propria vontade lhes faça mal em a navegação deste mundo, ou que gostos, & deleites delles os levem traz si, & sejam causa de sua perdição, venhão-se à Religião, & atem-se com os vinculos, & apertos que ella tem, & verão como passão seguros este perigoso mar de Sereas encantadoras. Porque são infinitos os que por estarem presos na clausura dos Mosteyros, se salvão, que se estiverão no mundo em sua liberdade, corrião manifesto perigo: porque a liberdade a muitos não serve mais que de mayor pena, & tormento para os infernos, aonde os leva a vontade propria. Os filhos de Israel cattivos suspiravão por liberdade, & Jeremias lhes dizia, que essa liberdade havia de ser causa de mayores offensas de Deos. Triste do homem a quem sua liberdade ha de servir de sua destruição, & condenação! *Ephraim quasi avis avolavit*, diz Oseas. Ver hum passaro o mimmo que tem na gayola, sem lhe faltar nada, & em tendo occasião de fugir, foge, só por ter liberdade, ainda que morra de fome, & vã cair em algum laço. Este he o voluntario que assombra com se ver em clausura, & tudo deixa por viver à sua vontade, succedalhe o que succeder. Quantos morrem no mundo mal, & desastradamente, que se estiverão na Religião, estiverão seguros, & contentes? quantos engeitando a occasião do sossego monastico, que algum tempo se lhes offereceo, vem depois a morrer às punhaladas? *A seculo cõfregisti jugum, rupisti vincula, & dixisti: Non serviam*, diz Jeremias. Ah peccador morto por deixar o jugo da obediencia, por não viver sogeito a ninguem, & viver à vontade; sendo assim, que te fora muito melhor viver sem liberdade, que cõ ella merecer inferno para sempre! Importunado Isaac de Esau seu filho mais velho, que lhe lançasse a benção, lançouha elle, & entre outras cousas lhe disse, que havia de servir a seu irmão Jacob: *Fratris tuo servies*. Repara Philo nisto, & diz, que mais parece isto maldição, que bẽção de pay, pois

Jer. 34.

Osea 9.

Jer. 2.

Gen. 27.

Philo.

sendo Esau livre, o deixava escravo de Jacob. E responde, que não foi senão benção muito para estimar, & agradecer, porq̃ homens de que se presume, que haõ de usar mal da liberdade, he grande bem deixallos sem ella; & como Esau por hũ appetite de comer lentilhas, vendèra o morgado, diz o pay:

Gen. 25. Fratrituo servies. Porq̃ homem voluntario, & tanto de seu appetite, ha mister ter mão d'elle, & deixallo fugeito a outro.

Pessegueiro.

Guerra.

Consideração primeira.

Pierius. **O** Pessegueiro significa guerra; significação que se derivou dos Persas aos Romanos, & destes a toda a Europa, porque entre os Persas he o Pessegueiro geroglyfico da guerra, como diz Pierio Valeriano. E esta he a razão, porque os Reys da Persia costumão dar a mil soldados benemeritos mil peitos de armas, ricamente lavradas, com huns pessegos por divisa, que entre elles he sinal de honra, & nobresa adquirida por armas, & feitos generosos; como em Hespanha trazem os habitos de Christo, Santiago, & Aviz, aquelles que por seus illustres feitos, ou de seus antepassados os merecêrão em premio de seu trabalho. Outros dizem, que o Pessegueiro significa guerra, porque foi mandado da Persia a estas partes com intento de nos fazer mal, por ser o seu fructo peçonhento naquella regiaõ; o que succedeo ao contrario, porque transplantado o Pessegueiro na Europa, ficou sendo proveitoso, & medicinal, como diz Dioscorides, que o Pessego he comer que o estamago agasalha bem, & por ser à maneira de coração, dizem alguns que he agradavel a elle, & que por isso lhe deu a natureza semelhante forma: donde dizia Plutarco, que era esta arvore dedicada a Isis principal deos do Egypto, a quem se devia consagrar a principal

Diosc.

Plutar.

principal

principal arvore, pois dava pomos semelhantes na figura ao coração humano, & nas folhas à lingua do homem; & assim pessigos passados com settas, significão corações feridos com as do amor.

Pierio Valeriano diz, que o pessigo significa morte, feridas, golpes, & tudo o mais que diz guerra, & differença; porque em a noz, ou caroço que dentro se esconde, se estão vendo muitos golpes, & feridas, como feitos ao cutello, ou à ponta de faca, & elle todo está aberto, & retalhado de forte, que parece hum corpo ferido, & lastimado, & daqui lhe nasceo o proprio, & mais commum significado que tem de guerra. O que outros querem levar à interior guerra do espirito, & côtradicções que o coração padece; porque assim como o pessigo tendo de fóra tão fermosa, & agradavel apparencia, por dentro tem o caroço tão duro, & esse cheyo de feridas, & golpes, assim acontece a muitos, que mostrando alegre semblante, & boa presença, com tudo interiormente tem o coração ferido, & lastimado com molestias, & afflicções, que padecem.

Consideração segunda.

A Guerra, diz Santo Augustinho, que sempre nasce do amor de cousas do mundo, ou seja desejo de mandar, ou de adquirir bens da vida. E quando esta guerra se faz por desejo de Imperio, chama-se furto violento; quando por grangear bens, chama-se avaresa, como diz Chrysoftomo: *Bellorum causa est avaritia.* A primeira guerra que houve no mundo, ordenou a Nino Rey dos Assyrios, com tenção de sujeitar povos visinhos, & dilatar mais o Reyno. E he tanto o cuidado com que o demonio ordena que haja guerra entre os homens, que para os persuadir a isto, conta Santo Augustinho, que em hũa planicie de Campania os demonios fingirão visivelmente entre si guerras terribes com esquadrões

August.

Chrysf.

August.

ordenados em bandos contrarios, que fazião grande grita, & estrondo, ferindo, & matando se huns aos outros, para que vendo os homens, que os demonios (a que chamavão deoses) tinham guerras entre si, não duvidassem telas huns contra os outros: *Dæmones quos illi deos appellant, inter se pugnantes hominibus apparere voluerunt.* Para que elles não receassem commetter guerras, & a exemplo dos deoses matasem, & ferissem huns aos outros. Os leões, tigres, & dragões, já mais tiverão guerras tão crueis como os homens as tem entre sy. Estas tem commummente com intento de paz, & por ella se arriscão à morte; com esta pretensão de paz quebrão a paz, para que segundo suas vontades alcancem paz com instrumentos de guerra. Nunca esta deixa de ser sem peccado, porque quando se faz justa guerra de hũa parte, sempre da outra se peleja com injustiça, & ainda que desta fique a vittoria: *Omnis victoria malorum est divino iudicio.* Toda a victoria que malignos alcanção he por juizo divino. A guerra que se faz pela defensão da patria he justa; & Cicero diz, que a boa cidade não faz guerra: *Nisi aut pro fide, aut pro salute civitatis,* ou pela fé, ou conservação da patria. Os acontecimentos da guerra são incertos, & seus fins pendem da vontade divina, & muitas vezes são os encontros prosperos, ou adversos, conforme a diversidade dos peccados com que Deos he offendido, porque a Divina Providencia costuma dar as guerras pela medida dos peccados, & com estas emenda perversos costumes, & excessos de algũas nações.

August.

Cicero.

Consideração terceira.

O Utra guerra padecem os homens consigo, que os não deixa ter perfeita paz, & por isso impossivel he achar-se no mundo bemaventurança, nem estado de segura quietação. Esta he a que tem o espirito contra a carne, na qual não vence, senão quem he ajudado de Deos nosso Senhor, ao qual

qual se deve attribuir a vittoria. E nunca no mundo haveria tal guerra, se como diz Augustinho: *Natura humana in sua stetit rectitudine*, se a natureza humana perseverasse na inteireza, & rectidão que primeiro teve. Aquella que quando era ditosa não quiz ter paz consigo, consigo peleja agora, sendo nisso desgraçada. S. Chrysostomo diz, que esta vida se passa em guerra continua, & que ao Christão he ella necessaria, para que vencidos os inimigos, seja coroado para sempre. Dizendo o Apostolo: *Non coronabitur, nisi qui legitime certaverit*. Não póde receber coroa de gloria, senão que legitimamente pelejar. Por isso disse Christo nosso bem: *Adiebus Ioannis Baptistæ Regnum Cælorum vim patitur, & fortes rapiunt illud*. S. Jeronymo diz, que esta vida por ser campo de peleja, obriga a se pelejar nella, para que na outra sejamos coroados. Entretanto ha de haver vigiar com as armas nas mãos: *Nemo inter serpentes, & scorpiones securus ingreditur*. Ninguem se dê por seguro entre serpentes, & escorpiões. Se Deos disse, q̄ no Ceo tinha a espada chea de sangue: *Inebriatus est gladius meus in Cælo*; como imaginamos q̄ havemos de possuir paz na terra, q̄ de si não dà senão espinhos, & abrolhos? He verdade, q̄ esta guerra he cõ inimigos poderófos, pois he *Adversus principes, & potestates hujus mundi*. Mas estes ficão vencidos, tanto q̄ em nós mesmos vencermos os peccados: *Conculcabitur diaboli potentiã si peccata conculcaverimus*. Pisaremos aos pés o poder do demonio, se debaixo delle puermos os peccados, convem a saber, os appetites, as vaidades, os faustos, as pōpas, a soberba, & paixões do espirito. As armas com q̄ se peleja nesta guerra espiritual, são armas da luz, & principalmente o escudo da Fé, com a qual vencem, não sómente os esforçados varões, mas as moheres mais fracas, porque não pelejão cõ as forças do corpo, mas com a virtude, & fortaleza da Fé, não com lanças, & espadas de ferro, mas cõ vivas orações do espirito. E como diz Origenes: *Fides est qua in certamine tolerantiam prabet*.

August.

Chrysf.

2.Tim.2.

Mat.11.

Hieron.

Isai.24.

Ephes.6.

Origen.

Ephes. 6.

A Fé he a que na batalha dà sofrimento, & animo. Por isso quando o Apostolo S. Paulo nos aponta as armas de que nos havemos de valer para entrar nesta guerra, depois de a finalizar algũas, diz: *Super omnia autem scutum fidei assumite, in quo possitis jacula maligni extinguere.* Sobre tudo tomai o escudo da Fé, com o qual podeis quebrar a força das lanças, que o inimigo vos arrojar. Nesta guerra he de saber, que vence quem mais foge, & pelo menos vence o Chrião, que não fica abatido. Nos lutadores não basta ficarem ambos em pé sem nenhum cair, algum delles ha de ir ao chão, & o outro ficar em pé: *Hic viceris, si dejectus non fueris*, diz Chrysostomo, aqui ficais vencendo quando vos não lanção por terra.

Chryf.

Castanheiro.

Restauração.

Consideração.

DO Castanheiro se não faz menção em toda a sagrada Escrittura, mas he arvore de que Santo Ambrosio diz muitos louvores, chamandolhe planta dos bosques, & arvoredos, que cortada torna a reverdecer, & a viver de novo, & de hũa vergonta que fica, em breve tempo se levantão matas de castanheiros, pelo que tem significado de restauração; porque se as outras arvores hũa vez cortadas logo seccão, esta sendo cortada, se renova, & restaura sua substancia, & verdura em a successão dos herdeiros; o que lhe nasce (como diz este Santo) da fertil, & fecunda natureza que tem. E então dizemos que ha restauração, quando morta, & totalmente destruida algũa cousa, della se levanta, & renova outra, que a fica representando, & conservando em a geração, o que no castanheiro he mais proprio, q̃ nas outras arvores, por ser esta facil de produzir de si mesma outras plantas.

Teixo.

Teixo.

Dano.

Consideração.

O Teixo por sua malignidade não tem boa significação, & assim parece que por isso não teve lugar em toda a sagrada Escriitura, aonde se não fala desta arvore, sendo ella cheirosa de si, fermosa, & agradavel à vista, convidando com sua verdura a que se cheguem à sua sombra. Della diz Plinio, *Plinius.* que tem virtude maligna, & que as suas bagas são peçonhentas, especialmente em Hespanha. Sestio diz, que na Arcadia he o Teixo tão venenoso, que mata em breve tempo os que se chegão à sua sombra, ou comem das suas bagas, das quaes se faz hũa peçonha, que chamão em Latim Toxicum, & de antes chamavão Taxicum, desta arvore Taxus. Por isso significa dano, pois o causa em tanta maneira com a malignidade de sua sombra, dos seus fruttos, & do seu peçonhento sumo, com o qual em algũas partes costumaõ tingir as settas, q se chamaõ hervadas. Tambem o sumo da sua madeira mata a alguns animaes domesticos, como diz Plinio. Virgilio chama a esta arvore nociva, & por isso diz, que não ponhaõ colmeas aonde ella estiver. *Plinius.* *Virgil.*

Picea tantum, Taxique nocentes.

O mesmo diz Palladio Rutillio, que afastem estas arvores donde se criarem abelhas, & poemlhes nome de plantas inimigas. *Pallad.*

Sed Taxi removeantur inimica.

Ovidio lhe chama arvore funesta, & finge que està cheyo dellas o caminho que vai ao inferno. *Ovid.*

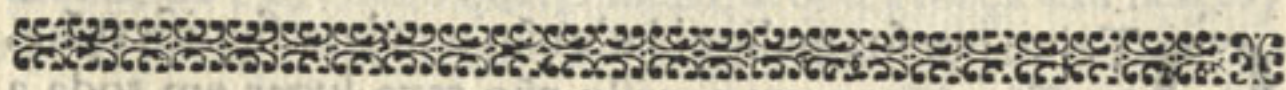
Est via declivis funesta nubila Taxo.

Claudio chama aos Teixos pestiferos: Mantuano *mortiferos.* Pamphilo dizia, q nunca tal arvore lhe entrasse das portas para dentro, pois tão nociva era. *Claud.* *Pamph.*

O

*Statius.**Onunquam venias lethalis limina Taxus.*

Estacio diz, que he arvore que se ha de temer pelo seu peço-
nhento sumo: *Metuendaque succo Taxus.* Por todas estas
rações ninguem porà duvida ao significado que o Teixo tem,
segundo seus efeitos.



Loureiro.

Triunfo.

Consideração primeira.

HE cousa digna de consideração, que fazendo a sagrada
Escrittura menção de muitas arvores, nenhũa faça do
Loureiro, nem a nomee em algum lugar, nomeando outras
que ficão muito inferiores ao Loureiro, que foi planta tão es-
timada entre os Romanos, como o Cedro, & Palma entre os
Hebreos. E já esta póde ser a razão, que não quizesse o Espiri-
to Santo na sua celestial Escrittura se falasse em arvore, que os
Gentios tinham em tanta estima, & de que se tratava em tan-
tas fabulas, & ficções poeticas, sendo dedicada a Apollo, ou
porque Daphne fora convertida em Loureiro, ou porque de-
pois que elle matàra a serpente Delfica, se costumou coroar
de Louro, como dizião que se coroàra Bacco depois que tri-
unfou dos Indos, & tãbem Esculapio deos da Medicina, não
por respeito de triunfo, mas porque he o Louro muito medi-
cinal, & remedio de muitas enfermidades. Tambem se conta,
que Tiberio Cesar trazia sempre na cabeça coroa de Louro,
porque lhe não désse nella algum corisco, tendo-se por certo
não se saber, q̄ cahisse corisco em parte aonde estivesse Louro.

O significado desta arvore he Triunfo, (como diz o glo-
rioso Santo Ambrosio) o qual antiguamente se seguia apoz a
vittoria, havendo muita differença de vittoria a triunfo; por-
que este era hũa solennidade de soberba, & apparatusa pom-
pa, com que os vencedores entravão em Roma com varios
des-

Ambr.

despojos da guerra, coroados de Louro em carros triunfantes, & chegando ao Capitolio, deixavão nas mãos de Jupiter Capitolino as coroas que levavão de Louro, dando a entender, que a elle attribuhiaõ as vittorias alcançadas, & não a forças, & proesas humanas. E muitas vezes succedia que algũs triunfadores não levavaõ coroa de Louro, mas de Murta, que era menos solennidade, & chamava-se isto Ovatio, & não Triunfo, significando-se na differença da coroa, que aquella vittoria se não alcançara com effusão de sangue dos inimigos, nem com apparatus bellico, como quando os inimigos se entregavaõ aos Romanos, ou desamparavaõ as cidades, & fortalezas.

Estas coroas, ou laureas, que os Emperadores levavaõ, faziaõse de particulares Loureiros, que estavaõ em hum bosque junto a Roma, chamado a Sylva Vejetana, lugar de muita veneração, & respeito para com elles, que depois veyo a ser quinta dos mesmos Emperadores, & cada hum delles punha naquelle lugar mais hum Loureiro. E tinhaõ advertido, que quando havia de morrer algum Emperador, seccava antes de sua morte hum destes Loureiros. E diz Pierio, que se-
Pierio.
 necendo em Nero a geração dos Cesares, seccou toda aquella mata Vejetana. E o mesmo conta, que nascendo Alexandre Sévêro, que foi Emperador, nasceo em o seu paço hum Loureiro, & depois partindo elle para a guerra contra os Germanos, cahio de subito o tal Loureiro, & se arrancou por si, prognosticando a morte, que depressa se seguiu ao Emperador.



BOURREIRO. TRONCO. deijos da guerra, corações de Louro em caros tim-
 SEGUNDA PARTE
 DAS
 PLANTAS,
 &
 FLORES,

REFERIDAS NA SAGRADA

Es crittura, com seus significados.

Rosa.

Graça,

Consideração primeira.



Sophus.

Ambr.

OR ser a graça a melhor, & mais preciosa
 prenda, que a alma possui, he significada na
 mais excellente flor, que a terra cria. Assim
 dizia a famosa Sappho em seus versos lyri-
 cos, que se Deos houvesse de dar rey às flo-
 res, só a Rosa o seria entre ellas, por ser a
 belleza das plantas, a graça das boninas, o mi-
 mo dos prados, fermosura do campo, & ornato da terra, que
 está vaporando amores, & attrahindo corações. S. Ambrosio,
 tratando

tratando das principaes flores, & plantas, que Deos pufera no Paraíso Terreal, começa pela Rosa, & pelo Lirio, dando o primeiro lugar a qualquer dellas, côm muitos louvores. Esta he a razão, porque seguindo a ordem deste glorioso Doutor, avantejamos a Rosa a todas as mais flores, de que agora havemos de tratar, pois por sentença de todos he a principal dellas, sendo o mesmo Santo de opiniaõ, que a Rosa no terrestre Paraíso fora criada sem espinhos. O mesmo quer S. Basilio, dizendo, que ficando a terra amaldiçoada pelo peccado de Adão, começou a dar espinhos, & abrolhos, que não tinha, & a Rosa começou a se rodear delles, em sinal que gostos da vida, peccando o primeiro homem, se cercaraõ de tormentos, como a Rosa de espinhos. E porque as mais plantas, & flores forão antiguamente dedicadas a particulares deoses, a Rosa o era à deoa Venus, em razão, que a mais generosa flor se devia consagrar à mais fermosa Deosa. Diziaõ tambem, que a Rosa no principio fora branca, mas que andando Venus entre huns rosas buscando a Adonis, se ferira em hum pé, & tocando com seu sangue nas Rosas, as tingira, & lhes dera a cor do proprio sangue, ficando em parte vermelha, & em parte branca. Outros attribuhiaõ a cor purpurea da Rosa à mesma Estrella de Venus, que por ser rubicunda, & inflamada, influhia mais nesta flor sua virtude, & effeitos particulares.

*Basilius.**Plinius.**Ovid.*

A Rosa considerada sem espinhos, significa Graça, como consta de divinas, & humanas letras. A eterna Sabedoria que no Ecclesiastico se compára na excellencia ao Cedro, na immortalidade ao Cipreste, na suavidade à Videira, tambem na graça se faz semelhante à Rosa, apontando apoz isso, que os seus ramos são de virtude, & graça, dando a entender, que ou se compare ao Cedro, ou Cipreste, à Videira, ou à Rosa, quanto della mana, & procede, tudo he virtude, & graça; tudo pureza, & fermosura. Tambem o Espirito Santo nos aconselha, que sejamos como a Rosa, plantada junto às correntes

*Eccl.24.**Eccl.39.*

das

das agoas, avisando logo que floreamos para a graça, como se differa, q̄ se desejamos ser planta do celestial Jardim, sejamos como a Rosa junto às agoas, aonde cresce com mais vigor, & aonde parece mais bella, & graciosa. Lancemos flores de graça, para sempre adquirirmos mais graça, & tudo em nós ser augmento de divina graça.

Dizia Deos por Esdras, que tinha aparelhado ao seu povo sette montes grandissimos, que só tinham Rosas, & Lirios: *Septem montes habentes rosam, & lilium.* Estes sette montes fertilissimos deu elle à sua Igreja em os sette Sacramentos que nella poz, os quaes montes tem Rosas, & Lirios, porque dão graça, & tem pureza, esta significada nos Lirios, & aquella nas Rosas. He esta Graça dom de Deos, effeito do Espirito Santo; chama-se Graça, porque se dà de graça, & dà-se por Jesu Christo, que he principio de toda a graça; & para se nos dar não precedem merecimentos nossos. He a Graça luz de nossas almas, que lançando fóra as trevas da ignorancia, deixa conhecer a qualidade das cousas. He a primeira estolla, que se dà ao filho redusido à casa do soberano Pay, & a que torna o homem ao primeiro estado que tinha perdido. He a que repára nossas ruinas, & interiormente remedeia nossas faltas. He a que apaga nossos delittos, sem a qual todos somos injustos, & por ella justificados. He a graça chuva, & orvalho do Ceo, que recrea nossas almas, & lhe dà alento, & vida; he hum muro inexpugnavel contra o poder do inferno.

Consideração segunda.

OS Antigos derão tambem à Rosa o significado da Graça, ou fosse a que naturalmente muitos tem, ou aquella que alguns desejão achar diante daquelles, aos quaes pretendem agradar. Do que fala com graça, anda em proverbio dizerse que lança Rosas pela bocca. Em algũas partes do Oriente costumão lavar o rosto com hũ licor de Rosas aquelles que

que vão pedir merces ao Rey, ou a pessoas grandes; tendo para si, que lavando-se com este oleo rosado, levão no rosto a graça com que procurão agradar, & achar graça entre os Principes. Do Emperador Elio Vero se conta, que desejando affeição a si os corações dos Persas, (que sojeitara por armas) em quanto esteve na Persia, mandava alastrar de rosas todo o seu paço, as salas, as cameras, & o mesmo leito aonde dormia, parecendolhe que como a Rosa significa graça, (q̄ ella com sua belleza está vaporando) esta podia elle grangear entre aquella feroz gente, não sómente com sua brandura, & affabilidade de bom Principe, mas tambem com estas flores de q̄ adornava seus aposentos, mostrâdo aos Persas toda a boa graça que estava em sua mão, & desejando alcançar a do povo, q̄ queria conservar na obediencia do Imperio Romano.

Consideração terceira.

O Nome de Rosa por significar Graça, convem propriamente à Rainha dos Anjos, & Senhora nossa, que toda foi cheia de graça, & por isso Rosa, que se entre as flores tem o primeiro lugar, esta Senhora o tem eminentissimo entre todas as mulheres, flor de todas as flores, & flor de todas as Virgens. Nasce a Rosa entre espinhos, & a Virgem de pays peccadores, pura, immaculada, & sem peccado algum. A Rosa tem cor com que attrahe, cheiro com que recrea, & virtude com que amésinha, & dà remedio. A Virgem (como diz S. Ambrosio) com a fermosura de seu rosto causava desejos do Ceo a quantos para ella olhavão; com sua belleza trouxe a si os divinos olhos da Magestade Suprema, & com o cheiro de suas virtudes leva correndo a poz si as almas puras, & corações limpos, & castos.

Rosa de Jericò chama a Igreja a esta Senhora, não sem mysterio. O que por hora se pôde saber he, que na Grecia, & em muitas partes do Oriente ha hũas Rosas, que chamão

Rosas

Ambr.

4. Reg. 2.

Rosas da Virgem Maria, maravilhosas no que nellas se experimenta em testemunho da pureza celestial da Mãe de Deos. Nascem estas Rosas junto à Cidade de Jericò, naquelles campos que são regados com a agoa da fonte, que sendo amargosa, Eliseu converteo em agoa doce, lançando nella hũas pedras de sal, com que perdeu o amargor, & a terra que em redor està, sendo antes esteril, dalli por diante ficou frutifera, & muy fertil. Nella nascem estas Rosas, que sendo levadas a diversas partes do mundo, seccas, & murchas, que todo o anno as guardão, vindo a noite do Natal, começam a abrir, & mostrar suas folhas naquella graça, & belleza que primeiro tiverão na terra aonde forão produzidas; assim estão, & se deixão ver por algum espaço de tempo, até que pouco, & pouco se tornão a cerrar, & ficar como de antes. Por isso chamadas Rosas da Virgem Maria, que mostrão nesta maravilha, como a Mãe de Deos foi Rosa pura, & immaculada, antes do parto, no parto, & depois do parto, sempre cheia de graça, sempre bella, & graciosa, sempre Rosa purissima, & agradavel a Deos.

Plinius.

Diz Plinio, que para a dor de cabeça, & outros males do corpo, he remedio salutifero ter Rosas à cabeceira. Pois se nos males da alma, & nos roins pensamentos, que o inimigo traz, tivermos na memoria, & dentro no coração esta divina Rosa, que he a Virgem cheia de graça, não haverá mal q̄ nos moleste, nem dor que nos afflija, nem tentação que nos vença, & faça cair.

Aqui he bem, que se saiba a razão que houve para todos os annos benzer o Summo Pontifice hũa Rosa de ouro em a quarta Dominga da Quaresma, que chamamos da Rosa. Esta foi, que estando por muitos annos o Reyno de Boemia apartado da união, & gremio da Igreja Catholica por heresias, & erros que seguia contra a verdade da Fé, havendo por este respeito entre os Boemios grandes inquietações, & guerras com mortes de muitos, foi Deos servido que aquella gente

se redusse, & tornasse ao conhecimento da verdade, do que resultou tão grãde alegria em todo o Reyno, que andavão os Boemios pelas ruas como doudos de prazer. E foi tão grande o que em Roma se recebeo com esta nova, que não cessavão de dar graças a Deos pela merce que fiserã àquelle arruinado Reyno; & em mystica significação do espirital gosto, que a Igreja Militante, & Triunfante recebèra com a cõversaõ desta gente, benzeo o Summo Pontifice hũa Rosa de ouro, que mandou de presente ao Rey de Boemia, dandolhe a entender, que naquella Rosa lhe mandava o final da graça em que elle, & o seu Reyno de Boemia ficava para com o Ceo, & Igreja, à qual se tinha reconciliado; & que assim como a Rosa alegre, & recrea com seu cheiro, & agradavel vista, assim elle, & a Cidade de Roma se alegrãra com a boa nova, que lhe viera de sua união ao corpo da Igreja. Dalli por diante ficou em antigo costume benzer o Papa todos os annos em a quarta Dominga da Quaresma hũa Rosa de ouro, que sempre manda de presente ao Rey de Boemia.

Rosa com espinhos.

Gostos da vida.

Consideração primeira.

Pela Rosa com espinhos quer Santo Augustinho, que se entendão gostos da vida, que sempre andão rodeados de amarguras, achando-se só em os Ceos prazeres, que se não misturão com males. O mesmo quer Santo Ambrosio, dizendo, que a gloria do mundo se rodea de cuidados, como a Rosa de espinhos, & que assim quer Deos, que o experimentemos, para que vendo a pouca firmesa das cousas da terra, aprendamos a amar as do Ceo, que tem eterna doçura. A boa apparencia da vista està cercada de muitas ansias, & à graça della anda junta tristeza, como espinhos à Rosa; pelo que diz

August.

Ambr.

Y

elle,

elle, que quando nos virmos contentes com gostos da vida, nos lembremos da culpa, pela qual nascêrão espinhos, & trabalhos aos homens, que florecião no Paraíso de toda a frescura. Andai cuberto de ouro, & diamâtes, tende os prazeres que quizerdes, trazeis ansias nesse contentamento, espinhos entre essas rosas, porque cõ gostos da vida mistura o mesmo Deos cuidados, dores, & tribulações.

Sap. 2.

Neste sentido que a Rosa tem de gostos transitorios, parece que no livro da Sabedoria, em figura dos peccadores, se estão convidando huns a se coroarem de Rosas antes que se murchem: *Coronemus nos rosis, antequam marcescant.*

Gregor.

Que he o mesmo que incitarem-se a seguir gostos, & prazeres da vida, antes que se passem, & vão das mãos. Aonde diz S. Gregorio, que não nos admiremos de ver florescer os peccadores nesta vida, que no fim della conhecem que seccão, & murchão, quando juntamente perdem a doçura dos gostos temporaes, & entrão em desconfiança de perderem tambem os eternos, que Deos tem aparelhado aos que o amão.

Neste significado se mostra, que se houverão prudentemente aquelles que com serem gentios, considerando a pouca firmeza dos gostos do mundo, deixavão por morte encarregado a seus herdeiros, que todos os annos levasssem às suas sepulturas Rosas, em final, que quando elles mais florecião, & gozavão da vida, então se murcharão em breve tempo, como Rosas. Assim o fez aquella nobilissima matrona Romana Publica Cornelia Annia, que vendo morrer ao marido, não se atrevendo a ficar com os trabalhos, & encargos de viuva, viva se enterrou com o proprio marido defunto, tendo por melhor partido enterrar-se em vida, que com a soledade, & desamparo de viuva padecer morte prolongada; & visto que seus gostos, & felicidades tão depressa tinham passado, mandou a seus herdeiros, que todos os annos levasssem Rosas à sua sepultura, aonde na morte acompanhara a quem em vida amara tanto.

Lirio.

Pureza.

Consideração primeira.

TEndo a Rosa o primeiro lugar entre as flores, diz Plínio, que abaixo della tem o Lirio o seu, de nobresa, & dignidade. He verdade, que da sagrada Escriitura se collige, que tem o Lirio preeminencia entre as flores, conforme o q̄ Esdras diz, falando com Deos, que de todas as cousas que elle criara, escolhèra para si hũa, a que particularmente chamava sua; como das aves a Pomba, & de todos os animaes a Ovelha, & de todos os povos a Sion, & de todas as flores ao Lirio; não nomeando de todas as flores que a terra cria, senão ao Lirio por sua flor: *Ex omnibus floribus elegisti tibi Liliium tuum.* Faz por isto que na fabrica do Templo de Jerusalem, mandava Deos que nos remates das columnas, & de outras obras, pusessem Lirios, não querendo ter à vista outras flores, que não fossem Lirios, como significadores da pureza, com que tão se recrea. E não carece de mysterio dizer Christo nosso bem a seus Discipulos, que considerassem com attenção os Lirios do campo, que Deos veste de tanta belleza: *Considerate lilia agri.* Como! que nesta flor, mais que em todas as outras tinhão que fazer muitas considerações. Aonde Santo Hilario sobre S. Mattheus, quer que se entendaõ aqui pelos Lirios os Anjos, que são creaturas purissimas. Estes *Non laborant, neque nent: quia virtutes Angelorum ex ea quam adeptæ sunt, originis suæ sortem, ut sint, semper accipiunt.* Não tem estes Lirios que trabalhar, nem que merecer, porque as virtudes Angelicas pela ditosa sorte que lhes coube de bemaventurança, tudo tem, & nada lhes falta, nem póde faltar. Assim nos convida Santo Ambrosio, que consideremos quão grande seja a nobresa, & fermosura do Lirio,

4. Esd. 5.

Ex. 25.

3. Reg. 7.

Matt. 6.

Luc. 12.

& como suas alegres folhas se começam a espalhar, de forte, que parece resplandecer por dentro dellas huma semelhança de fino ouro. Tomai na mão hũa destas flores, & vede se mão algũa de artifice, por subtil, & engenhoso que seja, a póde imitar tanto ao proprio, como elle o representa: flor tão bella, & excelente, que diz o Senhor, que nem Salamão na mayor gloria, em que se vio, se vestia tão rica, & ayre samente, como hum destes Lirios: *Quid Lilio speciosius*, diz S. Bernardo? Que cousa he mais fermosa, & bella, que o Lirio? Que flor mais engraçada? Que bonina mais cheirosa?

*Hieron.
Cyril.
Theod.*

Os Padres Santos, & Doutores sagrados, como S. Jeronymo, S. Cyrillo, Theodoretto, Theofilato, querem que pelo Lirio se entenda pureza, & tudo aquillo que diz limpeza da alma, & resplandor de virtudes. Assim diz Theofilato, que com ralaõ chamaremos Lirio àquelle que virmos viver limpamente, & resplandecer entre os homens com alguma luz de virtude, & perfeição. E S. Jeronymo diz, que quando Deos nos alumea, & das trevas do peccado traz à pureza, & luz da graça, então florecemos como Lirio.

Cant. 6.

Este significado de pureza dà a Igreja Catholica ao Lirio, quando entoando louvores das Virgens, repete aquellas palavras dos Cantares, dizendo, que seu Divino Esposo se apascenta entre Lirios, que são almas puras de que se acompanha; porque como elle seja Lirio em a pureza, não sabe conversar senão com Lirios, ou por ventura (como diz S.

Bernar.

Bernardo) o apascentarse Deos entre Lirios, he recrearse, & deleitarse na limpeza, & fragrancia de virtudes. Antes diz este Santo, já mais sabe estar sem Lirios, o que sempre de si desterra vicios: *Absque Liliis non est qui absque*

Prov. 13

Phil. 2.

vitiis est. Com Lirios está, & com Lirios conversa, q̄ são corações puros, a q̄ o Espirito Santo chama simples, dizendo, q̄ o seu praticar he com gente simples: *Sermocinatio mea cum simplicibus.* Qual o Apostolo quer que sejamos pacificos,

Mat. 5.

quietos,

quietos, & singelos filhos de Deos, que já nesta vida se chamão Bemaventurados.

Consideração segunda.

DO Lirio significar pureza, vem chamar-se o Salvador do mundo Lirio dos valles, aos quaes vem manando fontes de graças dos altos montes da eternidade: *Flos campi, & liliū convallium*. Lirio dos valles, que nos valles se acha; porque só nos humildes mora, & não com aquelles q̄ em suas opiniões são montes que tocão as Estrellas. Santo Ambrosio diz, que Christo nosso bem foi Lirio, porq̄ igualmente se achou nelle a brancura da Divindade, & o sangue da Humanidade. Euquerio diz, que he Lirio pela gloria da Ressurreição, branco por fóra quanto à gloria do Corpo, dourado por dentro pela gloria de sua bēditissima Alma, Lirio cerrado antes da Payxão, Lirio aberto depois da Ressurreição. Aponio diz, que era flor do campo antes da Encarnação, no celestial vergel do Paraíso, & quando se vestio de nossa humanidade, se fez Lirio dos valles, descendo ao valle de lagrymas, por nos levar aos outeiros da gloria. Foi Lirio, diz S. Bernardo, & Lirio tudo o que nelle consideramos. Lirio seu Cōcebimento, Lirio seu Nascimento, Lirio o seu Sātissimo Nome de Jesus, Lirios todas suas obras, suas palavras, seus milagres, sua pręgação, & seus divinos Sacramentos, porque em tudo entrou pureza, em tudo foi purissimo, & todas suas coufas cheirão a soberana limpessa.

Consideração terceira.

DO Lirio significar Pureza, nasce tambem que a Igreja Catholica se chama Lirio, o qual então se diz estar entre espinhos, quando (como affirma Santo Augustinho) a Igreja floresce entre as tribulações, & perseguições de crueis

Ambr.

Eucher.

Aponio.

Bernar.

August.

tyrannos, gentios que a maltratão, barbaros que a lastimão, peccadores que a defacatão, & hereges que com suas blasfemias a ferem. Qualquer alma santa he tambem Lirio, a qual

Gregor. (como diz S. Gregorio) levantando-se da raiz de sua mortalidade à celestial fermosura, guarda para consigo na alma, & no corpo a brancura da immaculada pureza, & alenta aos proximos com o cheiro da boa opinião. Origenes, & Santo Ambrosio dizem, que o Justo he Lirio entre espinhos, porq̃ sempre tem quem o perliga, & lhe dê em que merecer. E quando isto lhe falte, não faltão tentações, que o molestem, misérias que o opprimão, & receyos que de continuo o acompanhem. Está o Lirio entre espinhos, quando o bom permanece entre os malignos, o casto entre os deshonestos, o pacifico entre revoltosos, & o abstinente entre comilões. Os peccadores são como espinhos, aonde quer que estão, hão de molestar aos bons; mas aonde quer que estiverem, diz Oseas, que o Justo florecerá como Lirio. E de fengana se o mundo, que ninguem pôde ser Lirio sem estar entre espinhos: porque como diz S. *Bernar.* Bernardo, não poreis pé em parte algũa, aonde não acheis espinhos, não andareis palmo de terra, aonde estes vos não escandalizem, porque está o mundo cheyo delles: no ar estão, junto, & apar de vós estão, & na vossa mesma carne estão. Andar entre elles, sobre elles, & apar delles, sem vos ferirem, & magoarem, certamente que será por virtude divina, & não cautela vossa: porque sem particular favor do Ceo, não ha fugir de tantos laços, & tropeços.

E pois o Lirio significa pureza, procuremos todos ser Lirios, porque (como diz o mesmo S. Bernardo) não venha o amator dos Lirios, & ache tudo em nós espinhos. Vistãose de Lirios os que querem estar junto àquelle que só de Lirios se acompanha, & entre Lirios se recrea; a vossa obra, o vosso desejo, o vosso pensamento sejam Lirios de pureza, & suavidade de bons costumes, porque tambem os costumes tem seu cheiro, & suas cores, se conforme o que são, & o que mostrão

pódem

pódem contentar, ou descontentar àquelle Deos, & Senhor, que de si mesmo diz, que he flor do campo, & Lirio dos valles. Acerca do Lirio vem a proposito saberse aqui a ração, porque o Reyno de França tem por Armas as tres flores de Lirio, que chamamos Flor de Lises, as quaes lhe forão dadas do Ceo, como forão as Quinas de Portugal a El-Rey Dom Afonso Henriques. O que consta disto he, que convertendo-se Clodoveo Rey de França à Fé de Christo, com o seu Reyno, que até então era Gentilico, lhe forão dados do Ceo por novo brasaõ de suas Armas, & do Reyno, tres Lirios fermosissimos, em lugar de tres feissimos sapos, que tinham por insignia de suas Armas, antes de se converterem à Fé; no q̃o Ceo quiz mostrar a fealdade dos vicios, & cegueira em que aquella gente vivia, quando tinha sapos por divisa. E nos Lirios quiz significar a pureza da Fé, que recebião das tres Pessoas, & hum só Deos, que confessavão, pureza em que havião de viver, & a pureza em que se havião de conservar.

Lirio cessem.

Saudades.

Consideração primeira.

A Cessem, ou Açucena he o Lirio branco, que (conforme diz Abenesdras Rabino douto, interprete das derivações Hebraicas) se chama Susanna na lingua Hebraea, q̃ quer dizer Flor bellissima, nome que teve aquella casta matrona Susanna, molher de Joaquim, que era o mesmo que chamarse por sua fermosura Lirio branco, Rosa, ou Alegria, que tudo isto quer dizer Susanna, & por esta ração se chamou Susa aquella Cidade da Persia, nomeada em as divinas, & humanas letras pelas delicias, & frescura do lugar. O nome desta flor Açucena, ou Cessem, se conserva entre nós mudadas, poucas letras de Susanna, que em Hebraico se chama. Os Latinos

Abenesdr

Gregor

Placian

a nomeação por *Flos Regia*, Flor Real, por ser mais que todas fermosa, & suavíssima em o cheiro. Entre nós significa saudades, nome que a lingua Hespanholanãotem, nem os Latinos; declarando huns, & outros saudades por este nome de *seos*, & *desiderium*: ficando nisto a lingua Portuguesa de ventagem, pois para hũa cousa tem esta palavra desejos, & saudades para outra. O serem estas significadas na *Cessem*, deve ser pela propriedade desta flor, que sendo cortada, ou arrancada da raiz, & terra aonde se cria, mudada dahi para outro lugar, não secca, nem se murcha, antes abre, & descobre suas flores, fazendo no gomil aonde a põem, o mesmo que houvera de fazer na terra aonde dantes estava, & isto pela virtude que intrinsicamente conserva da propria natureza; o que não faz a rosa, nem o cravo, nem outra flor, que hũa vez cortadas não tornão a reverdecer. Pois se a *Cessem* apartada de sua raiz não deixa de lançar flores, assim o que tem amor ausente, & apartado do bem que ama, não deixa de amar, & florecer nas lembranças que sempre tem vivas, de que procedem as saudades. Para a *Cessem* florecer, tanto lhe monta estar unida à planta donde nasceo, como apartada della. O mesmo faz em huma parte, que na outra. E para o que ama mostrar que tem verdadeiro amor, tanto lhe faz estar à vista do bem que ama, como afastado delle: igualmente ama presente, que ausente; se não houvermos de dizer, que nas ausencias mostra o puro amor finelas, que em presença não descobre, como a *Cessem*, que cortada começa a descobrir flores, que dantes não manifestava: aonde S. Gregorio diz, que quando as saudades são de verdadeiro amor, na mayor dilação de ausencia crescem, & vão avante, como crescião as de David, antes de ver, & gozar a face de seu Deos. E Nazianzeno diz, que em nenhuma cousa mostra mais o amor suas falhas, ou perfeições, que nas ausencias, & que a experiencia delle não se faz na conversação de cada dia, mas nos intervallos de comprido tempo, aonde mostra suas saudades, como o pintor, que para julgar-se

Gregor.

Nazian.

se a pintura tem imperfeições, não a vê de perto, mas afasta-se ao longe, donde vê, & julga melhor o estado da pintura; assim as experiencias do amor de longe, & não de perto se hão de fazer, porque dos longes se vem seus quilates, & perfeições. Por isso quando a Pastora dos Ceos era rogada de seu Divino Esposo, que em presença de seus amigos lhe mostrasse o muito que della era querido, respondeo singularmente, que fugisse elle, & se ausentasse ao longe, dando a entender, que não era seu amor de tão baixa liga, que só em presença houvesse de mostrar o muito que o amava. Fugi (dizia ella) querido Esposo meu, a esses altos montes da eternidade; ausentaivos por algum tempo de mim, & então vereis o que vos quero, que nesse apartamento mostrarão saudades minhas a alteza de meu amor, nas ausencias quero que vejais quanto vos amo. E assim he, que amor que só de presença se satisfaz, he amor de principiantes, que não sabem querer sem ver, nem amão mais que em quanto possuem. Amor de presenças mostrar-se ha firme, mas nem por isso he mais forte, & permanente. Amor de ausencias de veras he firme, & constante; porque he independente de exteriores. O fogo que dà na polvora, levanta mais fumaças, & lavaredas, faz mais estrondos, porém logo passa, & cessaõ elles. O fogo que està apartado na suprema região, he subtilissimo, tem mayor actividade, & sustenta-se sem materia; assim o amor na materia que tem presente, pôde fazer mayores estrondos, & dar mayores sinais da muita força que tem, em querer, & amar muito; porém o amor que se conserva nas ausencias, independente de vistas, & sem objectos presentes, he o que tem mayor vigor, & actividade, & o que mais consiste em sua perfeição, como fogo em sua esfera. De tal amor como este procedem as saudades, cuja significação se manifesta em a Cessem.

Cant. 8.

8. 1001

Cant. 4.

Con.

el-afleis 2am, otroq ab sv a oñ, adpibitq mi ma sturciq a el
 miltis, sturciq ab *Consideração segunda.* so longe, donde vñ obnoh, ognoh os
 ab oñ el otroq ab oñ, & no de pto se hão de

Cant. 8.

Fica bem saberse aqui, porque rafaõ em todas as pinturas,
 onde a Virgem Senhora Nossa està ouvindo a Embay-
 xada do Paraninfo S. Gabriel, vemos junto a ella hum gomil
 cheyo de Açucenas. E ainda que muitos attribuão isto à pu-
 reza da Virgem, com tudo segredo tem pintaremse as Cessens
 neste só mysterio, & não em outros. E assim havemos de di-
 zer, que as Cessens neste lugar significaõ as saudades, & dese-
 jos que a Virgem tinha de ver o Verbo Eterno no mundo,
 para remedio d'elle. Isto desejava, & por isto suspirava de cõ-
 tinuo. Que se Abrahamõ, & os mais Patriarcas, & Profetas de-
 sejàraõ summamente ver em seus dias a Deos humanado, &
 com estes desejos se despediaõ da vida, quaes seriaõ os da
 Virgem Senhora Nossa, que em outra cousa não cuidava,
 nem contemplava, não fazia outras instanciaõs ao Ceo, senão
 aquellas da Divina Esposa: *Veniat dilectus in hortum suum.*

Ioan. 8.

Cant. 4.

Que quer dizer, acabe já de vir o Amado ao vergel, & jar-
 dim de seus deleites. Eraõ estas saudades em a Virgem taõ
 grandes, que considerando-as alguns Santos Prelados da
 Igreja, vieraõ a assinalar particular dia, em que celebravaõ a
 Festa da Expectação da Virgem Maria, que quer dizer:
 Festa das Saudades, & Desejos com que a Senhora esperava
 ver a Deos encarnado para remedio dos homens. Por isto só
 neste mysterio (em que as saudades da Mãe de Deos eraõ
 mais intensas, & já começavaõ a ter o fim que desejavaõ) se
 pintaõ as Cessens, significadoras dellas. Mas os que não ficaõ
 satisfeitos deste sentido, vejaõ o que se segue.

Con-

Consideração terceira.

A Cefem cortada, parece que lhe cortão as esperanças de florecer ao diante, & pela mesma rafaõ que a cortão, a deixaõ impossibilitada para reverdecer; mas com tudo ella cortada entãõ reflorece, & mostra mais sua belleza, & suavidade. A Virgem Maria, quando com o voto de perpetua castidade que tinha feito, parece que cortava, & impossibilitava as esperanças de dar fructo, & ser mãy, porque se não compadecia com o estado de Virgem a dignidade de Mãy, vem a poderosa Mão de Deos, & faz que essas esperanças cortadas em a Virgem, reflorecão por Fé; porque quando a natureza as corta, a Fé as refuscita; quando a rafaõ as impossibilita, faz o Ceo que reverdeção, ordenando que hũa Virgem seja Mãy, não de outrem, senãõ do proprio Deos. Diz a rafaõ natural, que com o titulo de Virgem se não compadecẽ o de Mãy, corta, & dessepa estas esperanças, porem ellas cortadas reflorecem com virtude divina, mostrando que podia hũa Virgem juntamente ser Mãy, como o tinha profetizado Isaias, dizendo: *Ecce Virgo concipiet, & pariet.* Olhai a grande maravilha fora de toda a ordem, & disposição natural, que hũa Virgem ha de conceber, & ser Mãy, não perdendo a excellencia de Virgem, nem deixando de alcançar a dignidade de Mãy de Deos, que abaixo de Deos não a ha mayor; & assim parece que tem este sentido mais conveniência a respeito das Cessens que se pintão junto à Senhora no mysterio da Encarnação.

Isai. 7.

A
Lirio

Lirio de cor do Ceo.

Eloquencia.

*Consideração primeira.**Cel. Aug.**Homer.**Lucian.**Seneca.*

O Lirio de cor do Ceo, que os Hespanhoes chamão Cardeno, os Latinos chamãrão Iris, pela semelhança que tem com o arco celeste, nas flores que mostra brancas, verdes, amarellas, vermelhas, & azuis: da qual variedade de cores tem entre nós o nome de cor do Ceo. Celio Augusto, Author gravissimo, diz que este Lirio he figura da eloquencia, & que por esta ração, quando Homero trata das Embayxadas que os Oradores Troyanos levavão da parte del-Rey Priamo ao arrayal dos Gregos, (que tinham em cerco a Cidade de Troya) finge o Poeta, que para estes Embayxadores se mostrarem rhetoricos, & eloquêtes nas praticas, que propunhaõ, comiaõ primeiro Lirios de cor do Ceo, porque esta flor na variedade, & ornato de cores agradaveis, he semelhãte à Iris, a qual para com os Antigos era tida por deosa da eloquencia, & dizião que servia de levar recados, & embayxadas a Juno, que era a mayor de todas as deosas; & por isto comiaõ destas flores variadas de cores, porq̃ como diz Luciano, a oração ha de ter variedade de cores rhetoricas, figura, & comparações convenientes. E como Seneca o diz melhor: *Nihil est jucundum, nisi quod reficit varietas*, nenhũa cousa póde ser agradável, se com a variedade se não realça, & aperfeiçoa.

Consideração segunda.

A Lem disto, tem este Lirio muitas propriedades, pelas quaes he symbolo da eloquencia, como ser unico remedio contra a peçonha, & mélinha saudavel contra as dores de cabeça. Move a lagrymas, provoca a sono, com outras
mais

mais virtudes semelhantes às que a eloquencia tem, de mover a lagrymas quando he necessario, & ser excellente remedio contra o veneno da inveja, ou payxão que outrem nos tem. Ella abranda, & aquieta corações perturbados, & ella cõ seu suave modo de dizer suspende, & deixa a gente adormecida; donde dizia Seneca: *Habet venenum suum blanda oratio.* A oração branda, & eloquente tem seu veneno, porque persuade quanto quer, & alcança quanto pretende. O concerto de suas palavras he como peçonha que se gosta, & não se sente. Assim dizia o Principe dos Oradores: *Nihil est tam incredibile, quod dicendo non fiat probabile*, não ha cousa tão incrível, que com o bom modo de dizer não fique provavel. Da eloquencia dizia Demetrio Falereo, que quanto na guerra montavão as armas, tanto na paz valia a eloquencia; porque na guerra determinãose as cousas por armas, & na paz por persuasio de palavras. E Pyrrho Rey dos Epirotas dizia, que com a eloquencia de Cineas seu Embayxador se tinhão acrescentado mais Cidades ao seu Imperio, que com os esquadões de seus soldados. Cicero de claris Orat. dizia: *Ut hominis decus est imperium, sic ingenii lumen est eloquentia*, assim como o engenho ennobrece o homem, assim a eloquencia he a que dà nobresa, & lume ao engenho. Pelo que serve esta de muito ornato, & perfeição aos Principes; ainda que he cousa rara acharse ella em alguem na perfeição que se require: pelo que costumava dizer Marco Antonio, a quem em seu tempo (como diz Cicero) se deu o primeiro lugar da eloquencia: *Disertos se vidisse multos, eloquentem omnino neminem.* Que elle tinha visto a muitos avisados no falar, & a nenhum eloquente no dizer. E que trazendo elle no entendimento debuxada a imagem da verdadeira eloquencia, em nenhum sugeito a achava tão propria, como elle a representava na imaginação. Seneca em poucos a achou perfeita, & em muitos a descobrio com muitas faltas. A de Cicero louva elle, & engrandece muito, & por isso diz falando d'elle: *Compositio*

Cicero.

Val. Ma.

Cicero.

Seneca.

350 FLORES JACINTHAS. SABEDORIA.

positio ejus una est, pedem servat, curata, lenta, & sine infamia mollis. A sua composição he sempre hũa, tem medida, he concertada, branda, & delicada, sem que se note nella algum defeito. Esta confessa elle que dava musica a suas orelhas, parecendo-lhe a dos outros muy desentoadada. O mesmo parecia àquelle famoso sabio, & Rey de Aragaõ Affonso, o qual estando ouvindo hũa musica de bons, & suaves instrumentos, mandou que se fossem embora os musicos que a davaõ; porque tinha outra que ouvir de mais suavidade, & harmonia, como era a lição de Cicero, fonte da eloquencia Romana: *Abite, (disse elle) abite musici, adest enim qui dulciora nobis loquatur, Cicero Romanæ fons eloquentiæ.* Cefai musicos, & idevos dahi, porque em casa fica quem me de musica melhor, fica Cicero o Principe da eloquencia, cuja lição me recrea, & agrada muito,

Flores Jacinthas.

Sabedoria.

Consideração primeira.

Cel. Aug.

O Jacintho he hũa flor, & especie de Lirio, que os Poetas fingiraõ que fora algum tempo hum fermoso menino, que Apollo convertèra nesta flor, que ficou retendo o mesmo nome de Jacintho que dantes tinha. E por esta flor diz o mesmo Celio Augusto (conforme o tinha descoberto em Authores antigos) que se entende a Sabedoria; porque como Apollo fosse tido por Deos das Mufas, & do engenho, veyo-se a dizer, que o sentido natural em quanto se naõ corrompe cõ algũa malicia, he como hum menino innocente, que carece de aviso, & discrição; mas que entaõ he esse sentido bello, & fermoso, quando se levanta à contemplação de cousas altas; donde se segue, que levantado sobre si, & alumiado com a razão, ponha de parte o fervor juvenil, & se converta, & transforme

forme em flor de sabedoria, juizo, & discricao, lançando de si suavissimo cheiro de virtudes. Isto he o que os Filozofos antigos doutamente consideravaõ, quando a esta flor attribui- raõ a significação da sabedoria. E he de advertir, que supposto que haja nos campos outra flor chamada Jacintho, que tam- bem os Poetas fingiraõ que nascera do sangue de Ajax, quan- do por suas mãos se matou, vendo que lhe não davaõ as ar- mas de Aquilles, a que era oppositor com Ulysses, achando- se em as folhas desta flor escritas estas letras A Y. Com tudo quer Pausanias que não seja este o verdadeiro Jacintho signifi- cador da sabedoria; mas aquelle que florece no fim de Março, & entrada de Abril, juntamente com as Violetas, produzin- do muitas flores juntas, & estas violadas com algũas nodos negras, & distintas entre si.

Ovidio.

Pausan.

Consideração segunda.

Seneca Filozofo, com ser Gentio, chegou a descobrir grã- des effeitos da sabedoria, & os bens que nella se conti- nhaõ, dizendo, que he a sabedoria hum dom, que nesta vida nos leva ao estado de bẽaventurança, para ella nos guia, & vai mostrando o caminho; dirigindonos a tudo o que he bem, & desviandonos de tudo o que he maligno; livra o entendimẽ- to de vaidades, & ensina que só aquelle he felicissimo, q̃ não tem necessidade de felicidade algũa, & que só aquelle he po- deroso, que a si mesmo tem em poder, & só aquelle he sabio, que tem louvavel composição dos effeitos da alma, procedẽ- do sempre com justiça, & verdade, não se levantando em cou- sas prosperas, nem abatendo com as adversas, nem estiman- do as cousas conforme opiniaõ, mas segundo a natureza del- las, mostrando se superior a todos os acontecimentos, em tu- do fermofo, em tudo bem affombrado, sem temor, & pertur- bação algũa, prevendo o que ha de fazer, & o que não ha de fazer, & em tudo o mais governãdo a vida, & acções della em

Seneca.

boa

Chryf.

Eccl. 24.

libro

capitulum

Eccl. 24.

Rom. 12.

Bernar.

boa conformidade. S. Chrysoftomo diz, que he difficulto-
 fimmo achar a verdadeira Sabedoria: *Sapientiam veram dif-*
ficilime est invenire. E o Espirito Santo diz, que quem acha
 Sabedoria, acha mel de que se sustente, & logo avisa que se
 coma pouco d'elle, porque não haja vomitallo: *Sapientiam*
invenisti, mel invenisti, ne multum comedas, ne satiatus
evomas illud. O que S. Bernardo declarando diz, que aquel-
 le come mel de Sabedoria, que aprende a viver, & proceder
 bem, com virtude, & justiça. E aquelle vomita este mel de fa-
 bedoria, que se ensoberbece com ella, como farto de muito
 saber. E quer que o prudente coma deste mel, de sorte, que
 sabendo muito, fique sempre com fome de saber mais, & cui-
 de que ainda não sabe tudo, & que lhe resta muito por saber;
 porque a mesma Sabedoria diz: *Qui edunt me, adhuc esuri-*
ent. Aquelles que se sustentão de manjares meus, com come-
 rem muito, sempre ficão com fome, Por isso o Apostolo S.
 Paulo diz, que bom he saber, mas que esse saber não seja mais
 do que releva, & o que baste com temperança: *Sapere ad*
sobrietatem. Saber o que basta, he procurar cada hum saber
 o que lhe releva, & o que ante tudo lhe releva, que he fazer
 só caso das cousas que permanecem para sempre; & saber que
 Deos he a mesma Sabedoria, que sábia, & prudentemête quer
 ser amado de nós. E se dizeis que sois sabio, que sabedoria he
 a vossa, diz S. Bernardo, senão alcançais a Christo, virtude, &
 sabedoria de Deos? Aonde está a verdadeira prudencia, se-
 não na doutrina de Christo? Aonde ha verdadeira temperã-
 ça, senão em sua santissima vida? Aonde ha verdadeira fortã-
 leza, senão na sua Morte, & Payxão? Por isso só aquelles se hão
 de chamar sabios, que aprendem a doutrina de Christo, a qual
 não entra pelos olhos, nem sentidos do corpo, mas pelos in-
 teriores da alma, fervor de espirito, & effeitos do coração. Os
 sabios antigos não souberão inquirir, & buscar a verdadeira
 Sabedoria; porque quando a buscãrão não se lhes escondèra
 de sorte, que de algum modo se lhes não manifestasse. Mas

mod

como

como se occupavão em outras vãs inquirições, diz S. Chry-
 sostomo, que assim acabarão, como começarão. Começa-
 vão por ignorancias, nellas acabavão; por isso nosso Redem-
 ptor disse, que aos sabios, & prudentes se escondião myste-
 rios dos Ceos: porque como diz S. Jeronymo, erão huns
 animaes que se sustentavaõ só de vã gloria, & louvor do mun-
 do, eraõ escravos da fama popular, que só por esse respeito se
 avantejavão em algũas cousas. E mais procuravão inquirir a
 natureza das cousas criadas, que ao mesmo Creador dellas.
 Sabios ignorantissimos, que assim acabarão como começã-
 rão. E pois a verdadeira sabedoria consiste no conhecimen-
 to, & amor de nosso Deos, saibamolo conhecer, & amar
 como temos obrigação, não querendo saber mais, que saber
 amar a Deos.

Chryf.

Mat. II.

Flores Narcisas.

Gentileza.

Consideração primeira.

HUmas flores ha no campo fermosas, & agradaveis à
 vista, & de poucos conhecidas pelo nome, porque
 quem as vê, as julga por Lirios, a que ellas são muito seme-
 lhantes, parecendo quasi da mesma fôrma, mas bem confide-
 radas, logo se vê a differença que tem em muitas cousas. Cha-
 maõse estas flores Narcisas, nome que se lhe deu daquelle
 fermoso mancebo, juntamente muito nescio, o qual (como
 na sua transformação se conta) vendo sua sombra representa-
 da na agoa, tanto se affeioou, & namorou della, que lan-
 dando-se no poço, aonde se estava revendo, por se chegar
 mais perto à imagem que via, se afogou, & logo por compai-
 xaõ dos deoses foi convertido em flor do seu proprio nome.
 Alguns dos que contão o fingimento dão o sentido delle,
 não havendo fabula que careça de algum segredo. E quizerão

Ovid.

Cel. Aug.

Z

elles

elles que nesta flor se significasse a gentileza do corpo, que como flor do campo com pequenas alterações se muda, & deixa de ser. E porque Narciso se namorou de sua propria gentileza, a elles são comparados aquelles, que dotados de algũa, se pagão tanto destes dões naturaes, que na complacencia delles descobrem muitas vezes faltas de juizo, & entendimento, que não deixão de ser grandes absurdos, & devanejos. E succede assim, que quando alguns destes não occupem os sentidos em affeições alhejas, para consigo as tem. Narcisos que se affeioão da propria gentileza, não lhes pensando de serem nascidos, & trabalhando quanto podem por conservar as boas apparencias, & partes que tem. Estes com rafaão se chamaão Narcisos loucos, que revendo se nas agoas de suas ignorancias, se afogaão nellas.

Consideração segunda.

Chryf. **A** Gentileza (diz S. Chrysoftomo) he dom de Deos, q̃ elle dà mais a hũas creaturas, que a outras, & a fermosura por si he amavel (diz Santo Augustinho.) Mas que cousa he gentileza? que cousa he fermosura, (torna S. Chrysoftomo a perguntar) se não pô. & lodo da terra? Ha cousa no mundo mais fea, vil, & disforme, que pô, & lodo? Pois olhai para as sepulturas dos homens, & não vereis nellas senão pô, cinza, & lodo abominavel: porque quando o corpo por morte deixa a vida presente, então se vê que gentileza he a sua, vestindo-se de cor pallida, & amarellidaõ medonha, & convertendo-se brevemente em corrupçaõ de torpe, & immundo lodo. E se Deos (como sabio Artifice) de taõ baixa, & vil materia quiz fazer taõ grande belleza, & fermosura de corpo, não he para que tu creatura sua te aproveites mal della, mas para que louves a Sabedoria de Deos, que fabrica taõ boas cousas. Não façais pois injuria a taõ excellente Artifice, & não queirais que a obra de sua Sabedoria seja receptaculo de vossa torpessa.

torpeza. Olhai para tão boa obra, para que louveis tão bõ Artifice. E olhando para ella, não passeis a terdes outro pensamento, que não seja louvardes a Deos. Porém se neste olhar correis perigo, não olheis; ponde guarda em vossos olhos, ponde cautela em a vista, porque pelas janelas dos olhos entra a morte no aposento da alma para lhe tirar a vida, por isso: *Jerem. 9. Oculos tuos obstrue, impone legem oculis tuis*, fechai os olhos, ponde leys, & preceitos aos olhos, para q̃ não vejaõ cousa que lhes faça mal. Se amais a fermosura, (diz Santo Augustinho) amai a Deos; porque não ha cousa mais fermosa que Deos: *Pulchrius Deo nihil est*. Elle he Author de tudo o q̃ he fermoso, & bello, & elle muito mais bello, & fermoso. Não vos digo, que não ameis, porque quem não ama, ou he pedra, ou não usa de rafaõ. Amai a fermosura, mas aquella que se vê com os olhos da alma. Amai a belleza, mas seja aquella que he permanente. Não quero belleza exterior, (diz Chryso-
Bernar.
August.
Chryso.

mo) fermosura da alma he a que busco. Que cousa he a pessoa bella, & fermosa? *Sepulchrum dealbatum*. Hũa sepultura curiosa, & concertada: de sorte, que se na pessoa não houver pureza, castidade, temor de Deos, & humildade, a sua gentileza he fealdade, he peçonha, & laço do demonio, para destruir a muitos.

A fermosura da alma (diz S. Bernardo) he a que se deve
Bernar.
Cant. 1.

estimar, & esta consiste na boa tenção, na innocencia, & na humildade. Aquella alma verdadeiramente he fermosa, a qual interiorment e adorna a celestial fermosura, & a Angelica alteza a acompanha, a divina caridade a inflamma, & o fervor do espirito a acende: *Nigra sum, sed formosa*, se pôde dizer pela tal alma. Negra, & descorada sou, tal o pareço, & tal o quero ser, porque he bem que a carne ande mortificada, o corpo fraco, & penitente, o rosto pallido, & macilento: *Nigra sum*, porque não me faltaõ tribulações, & angustias; sirvo, trabalho, & obedeço como servo, como escravo: porem a alma he fermosa, porq̃ da fermosura da alma ando sollicita, & não da do

corpo. Ferosa fou por juizo de Deos, & dos Anjos, que af-
 fim o julgaõ: os homens pódem julgar outra coufa, porque
 vem só o que no rofto apparece, mas Deos vê o coração, &
 do concerto defte fe agrada. Os homens vem esta negridaõ
 de rofto, vem estas minhas enfermidades, males que me af-
 fligem, & trabalhos que me canção, mas Deos a fermofura
 da alma, & della fe namora: *Felix nigredo, quæ mentis cã-
 dorem parit*, diz este Sãto, ditosa negridaõ, de q̄ nasce tal brã-
 cura do entendimento, tanto lume de sciencia, & tão grande
 pureza da consciencia: *Lumen scientiæ, conscientia puritas.*

Violas.

Conhecimento.

Consideração primeira.

AS Violas são flores tão estimadas por seu cheiro, &
 suavidade, que lhes deraõ os Antigos eminente lugar
 entre as flores. E Plinio quer, que apoz as Rosas se figaõ as
 Violas, & nenhũas outras flores se lhes prefiraõ: *Violis honos
 proximus*, diz elle. Junto às Rosas tem as Violas lugar de ex-
 cellencia, porque não ha flores mais cheirosas que ellas, nem
 mais medicinaes para a saude. São flores que de roxo escuro
 tiraõ a purpureas, & nascem cõmummente em lugares fres-
 cos, & sombrios. Virgilio lhes chama amarellas, quando diz:
Pallentes violas, & summa papavera carpit.
 Mantua. Mantuaõ lhes dà appellido de purpureas, dizendo:
Purpureas passim violas, & candida passim lilia.
 Significão estas flores conhecimento. As razões cuide-as ca-
 da hum como quizer, porque não consta este significado de
 Authores que o confirmem. E já he verosimil significarẽ co-
 nhecimento, por serẽ as Violas as primeiras flores, q̄ daõ noti-
 cia, & conhecimento do Veraõ q̄ vem; como q̄ este as mãda
 diante por mensageiras, & annunciadoras de sua alegre vinda.

E

E he assim, porque passado o Inverno, nenhūas flores vemos primeiro nos campos, que as Violas, as quaes nos dão a entender ser chegada a Primavera com sua belleza, & variedade de flores. Quando esta rafaõ não basta, tão difficultoso será descobrir o significado do conhecimento, como o he alcançallo cada hum de si. Pelo que sendo Diogenes perguntado, *Laert.* que cousa havia no mundo mais difficultosa de se alcançar, respondeo, que o conhecerse hūa pessoa a si: *Nosce te ipsum.* Porque he certo, que o amor proprio faz desconhecer a cada hum, & attribuir a si mais do que tem em si, donde disse muito bem Seneca: *Nemo se avarum intelligit, nemo cupidum.* *Seneca.* *Cæci ducem quærun, nos sine duce erramus.* Nenhū avaro se tem por avaro, nenhum cobiçoso se conhece por tal. Os cegos buscão quem os guie, & nós sem guia erramos: grande cegueira! notavel engano o nosso! Diz Plutarco, *Plutar,* que sendo assim, que ninguem chama fraude à sua doença, nem frio à sua febre, nem fraqueza à sua boa disposição; com tudo às suas doenças da alma chamão muitas virtudes, & aos vicios excellencias; porque muitos tem a sua ira por fortaleza, a sua inveja por zelo santo, a sua luxuria por necessidade, o seu odio por honra, & o seu medo; por sua cautela. E se o negocio entra em cada hum conhecer o que alcança de juizo, ninguem ha que se conheça. Dizia Socrates, que se em hum publico *Stobæus* theatro mandassem levantar os sapateiros, & alfayates, elles se havião de levantar logo; se os barbeiros, & ferreiros, do mesmo modo se levantarião, & assim a mais gente: porèm se mandassem que se levantassem os prudentes, & avisados, neste passo se havião todos de levantar, & pòr em pé, porque todos se tem por avisados, & não ha ignorante que se não tenha por prudentissimo. E isto he muito pernicioso ao governo do mundo, & boa ordem das cousas, que sendo (como diz este Filosofo) os mais dos homens ignorantes, com tudo cuidem que entendem, & alcançao as cousas melhor que todos. Esopo dizia galantemente, que cada hum de nós traz com- *Esopus*

Herod.

figo duas cevadeiras às costas como passageiros ; hũa fica para tras, outra para diante ; nesta lançamos defeitos alheios q̄ trazemos à vista para os notar. Na outra lançamos proprias culpas ; & porque ficaõ detras das costas, nunca as vemos, nê conhecemos por taes. A Leão Beantino, Filosofo avisado, lançaraõ em rosto certo defeito, que tinha nos olhos, ao que elle respondeo: *Humanum opprobriasti vitium, cū ipse Nemesis in tergo portes*. Notavel passo, que me lanceis em rosto hum defeito natural, de que não tenho culpa, trazendo vòs às costas cargas de vicios, porque haveis mitter ser açoutado, & bem castigado. Neste particular podiamos todos tomar exemplo de Seneca, o qual dizia, que não passava dia q̄ não conhecesse de si, como juiz do delinquente: *Quotidie apud me causam dico*, diz elle. Não passa dia, em que comigo não entre em juizo, a mim mesmo me accuso, & defendo, & conforme a ligeireza, ou excesso das culpas me condeno, ou absolvo dellas. Lançado na cama, que me afastaõ a candeia dos olhos, & a casa està quieta, me ponho a cuidar no que fiz aquelle dia, em que errei, & pudéra não errar, na la escondo a mim mesmo ; basta que me conheço por culpado, alcanço minha insufficiencia, & melhor me reprehendo, do que me pudéra reprehender Nemesis, a mesma deosa da reprehensãõ.

Seneca.

me causam dico, diz elle. Não passa dia, em que comigo não entre em juizo, a mim mesmo me accuso, & defendo, & conforme a ligeireza, ou excesso das culpas me condeno, ou absolvo dellas. Lançado na cama, que me afastaõ a candeia dos olhos, & a casa està quieta, me ponho a cuidar no que fiz aquelle dia, em que errei, & pudéra não errar, na la escondo a mim mesmo ; basta que me conheço por culpado, alcanço minha insufficiencia, & melhor me reprehendo, do que me pudéra reprehender Nemesis, a mesma deosa da reprehensãõ.

Consideração segunda.

Bernar.

Muito necessario he tratar cada hum de se conhecer a si, porque procede disso grande proveito: *Volo animam* (diz S. Bernardo) *primò omnium scire se ipsam*. Quifera que a alma Christã primeiro de tudo tratara de se conhecer a si, porque a ração o pede assim, & a boa ordem o ensina ; & por interesse nos fica a sciencia que alcançamos do procedimento da vida para a pretensãõ do Ceo ; que a faltar esta, mal se pôde começar fundamento para o edificio celestial.

tial. Do conhecimento de si sóbe a pessoa como por degraus ao conhecimento de Deos: *Ate tua consideratio inchoet*: (diz este Santo) De vòs deve começar a vossa consideração, & o vosso conhecimento, & sem este, por mais segredos dos Ceos que alcanceis, & por mais sabedoria de que vos adorneis, tanto que não souberdes, nem vos conhecerdes a vòs mesmo, fareis edificio que depressa ha de cair. Tudo o que edificardes fóra de vòs, he pó que o vento leva. Nenhuma cousa sabe quem a si mesmo não sabe. David trabalhou muito por se conhecer a si, & do proprio conhecimento alcançou muito daquelle Deos, & Senhor, que de outro modo he incomprehensivel. Assim dizia elle falando com o mesmo Deos: *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* O conhecimento que tenho de vòs, meu Deos, de mim nasce, & do que tenho alcançado de mim, & do que sou; & este he tão admiravel, que totalmente não posso chegar a elle, fico muito por baixo, muito a perder de vista; porèm isso que de vòs alcanço, nasce do que de mim alcanço, & de me eu conhecer, alcanço o conhecervos a vòs. Quando os Levitas na Ley Velha hião a entrar no Templo, primeiro se lavavão em hum lavatorio de espelhos de crystal, que Moyfes por ordem de Deos mandou fazer à entrada do Templo; & quando nelle se lavavão, juntamente se estavão vendo no transparente crystal, em sinal, que não sómente os Sacerdotes, mas todas as almas Christãs, a que pertence o conhecimento de cousas divinas, se hão de ver como em espelhos, & conheceremse a si mesmos, para entrar a conhecer a Deos, & tratar de o servirem, & amarem. Os Genticos não deixarão de entender quaõ necessario era conhecerse cada hum a si mesmo; & conta Platão, que no templo de Apollo Delphico tinhão à entrada hum letreiro que dizia: *Nosce te ipsum.* Conheceivos a vòs mesmo. E querião nisso significar, que antes de apparecerem à vista do deos Apollo, tratasem de conhecerse a si, para o conhecerem a elle.

Prov.
19.

Gen. 26.

Gregor.

Com isto conformavão os Egypcios, quando mandavão que as molheres nos templos tivessem espelhos nas mãos, em que se vissem todo o tempo que duravão os sacrificios, & ceremonias gentilicas, como avifando-as, que aquelle era o lugar, aonde deixando praticas, & conversações impertinentes, havião de tratar de olhar para si, & conhecerse a si mesmas, para que dahi entrassem no conhecimento das cousas divinas, que alli vinhão buscar. E para que vendo-se aos espelhos, considerassem, que a fermosura que tinhão, depressa havia de passar, ou que a belleza da alma respondesse à do corpo, ou que por esta julgassem, qual seria a de quem lhes deu a mesma q̄ tinhaõ. Salamão nos Proverbios diz, que aonde não ha conhecerse a pessoa a si mesma, não póde haver bem algum: *Ubi non est scientia animæ, non est bonum*. Pelo menos de se não conhecer a si, vem o desconhecer a Deos; & de penetrar suas proprias cousas, nasce descobrir agoas de conhecimento celestial. Procurava Isaac que a sua gente, & gado não morresse de sede, & tivesse agoa em terra, que era falta della. Para isso abria poços, & mais poços, mas não faltavão inimigos que logo lhos entupião com a mesma terra que tirava delles. Diz S. Gregorio, que quem procura conhecerse a si mesmo, abre poços como Isaac, porque na peregrinação desta vida he necessario penetrar cada hum o profundo de feu coração, & não descansar até descobrir a agoa de verdadeiro entendimento. Estes poços determinão entupir nossos inimigos, porque os espiritos immundos, quando nos vem entrar no interior de nossas almas, & no mais profundo de nossas consciencias, lanção sobre nós terra de tentações, entulho de pensamentos, & ferras de desconfianças, para que nunca nos aproveitemos da agoa do bom entendimento, & cheguemos a conhecer o que somos, & em que nos havemos de tornar.

Hera.

Ambição.

Consideração primeira.

FOi a Hera celebre entre os Antigos, porque he verde, & nunca lhe cahe a folha. Dedicou-se a Baccho, que sempre se pintou verde na idade, como a Hera nas folhas; dando a antiguidade a Baccho, & ao Sol perpetua mocidade, & verdura de annos. Tambem os Poetas se coroavão de Hera, porque suas poesias merecião perpetua verdura, & agradavão tanto como a frescura do campo. Da divina Escrittura consta, q̄ nas festas que os Gentios fazião a Baccho, se coroavão todos de Hera, & porque os Judeos o não querião fazer, se diz em o segundo livro dos Macabeos: *Cogitabant hederã coronari.* Erão os miseraveis Judeos constangidos a se coroarem cõ Hera, & a celebrarem juntamente com os idolatras as festas de Baccho, & aquelles que o não querião fazer, padecião varios generos de tormentos.

A Hera significa ambição pelas propriedades que tem de sobir sempre mais alto que todas as plantas, que lhes ficão vizinhas, arrimando-se ao que acha diante, com laços estreitos, & apertados, condição do ambicioso, que aonde quer que está, pretende subir, & ser mais que todos; & para haver de sobir usa dos meynos possiveis, ajudando-se de tudo o que pôde para effeito de sua ambição. Tem mais a Hera, que depois de trepar por hũa parede, & se senhorear della, vem por tempo a dar com ella no chão de forte, que cahe a parede, & juntamente a Hera. Propriedade da ambição, que depois de levantar hũa pessoa, dà com ella no chão, derribando-a do mais sobido lugar ao mais infimo da terra, do que cada dia vemos admiraveis exemplos. A Hera he fresca, & agradavel, parece que sua verdura he perpetua; mas com facilidade sec-

Plinius.
Horat.

2. Mac. 6

ca,

Jon. 4.

ca, & fica murcha, como se vio na que fazia sombra ao Profeta Jonas, & de repente se lhe seccou, & o deixou ao ardor do Sol. As honras, & dignidades, que a ambição alcança, são alegres, & agradaveis, & com tudo nada ha de menos dura, & perseverança; depressa passão, depressa deixão de ser. Pelo significado que a Hera tem de ambição, vem ella a ter appellido de ambiciosa, como lhe chama o Poeta Cremonense, quando diz:

Cremon.

Si hederæ assurgens ambitiosa manu.

E Horacio:

Horat.

Lasceivis hederis ambitiosior.

Na Hera quem bem advertir, notará duas cores, hũa pallida, & amarella, outra verde escura, donde o Poeta Sidonio lhe pos nome de cor dobrada.

Sidon.

Fleētis penniferos hederis bicoloribus armos.

A ambição duas cores tem, hũa de virtude fingida, com que se mostra muy alheya de honras, & outra de cobiça infaciavel, com que aspira a dignidades. Ou como diz S. Gregorio, dous generos, & duas cores ha de ambição: hũa daquelles que com palavras brandas, & córadas vão dispondo os intentos que tem de subir: outra daquelles, que desembuadamente pretendem as cousas.

Gregor.

A Hera pretende subir mais alto que as outras plantas, por mais nobres, & levantadas que seião, sendo ella em comparação das outras de baixa forte. Condição do ambicioso, que deseja ser preferido aos que são mais nobres que elle; a estes quer dominar, & ter debaixo dos pés: *Ambitiosi præesse cæteris etiam melioribus concupiscunt*, diz S. Gregorio. Desejão os ambiciosos ser superiores aos que são melhores que elles, por isto suspirão, por isto se canção, & inquietão, vencendo difficuldades, & padecendo molestias, & amarguras. Isto experimentou Santo Augustinho algum tempo que viveo no mundo, antes de se converter a Deos: *Inhiabam* (diz elle) *honoribus, lucris conjugio, & tu irridebas*. Eu andava

August.

mor-

morrendo por honras, por interesses, & gostos meus, & vòs Senhor estaveis rindo de minha louquice. Eu nestas minhas pretensões padecia amargosísimas dificuldades, & vòs Senhor não permittieis que eu achasse doçura nellas, porque não se acha esta aonde vòs não estais.

Consideração segunda.

S Aõ Bernardo diz, que a ambição he mãy da hypocrisia, *Bernar.* que commummente quer estar escondida. He a ambição cruz intoleravel dos cobiçosos, que os atormenta, & agoniza. He cruel, & sem piedade, porque para effectuar o que pretende, não repàra em maldade algũa, por enorme que seja. He a ambição hũ alto monte aonde muitos deseirão subir, não se escarmentando nas quedas q̄ vem dar aos cutros, nasce isto da natural propensão, que todos temos de subir. He a ambição raiz da impiedade, mal subtilíssimo, peçonha secreta, péste escondida, mestra de enganos, obreira de maldades, parenta da inveja, fonte de vicios, occasião de peccados, traça da virtude, bicho da santidade, doença da alma, cegueira dos corações, sede insaciavel, furor implacavel, principio de todos os males. O Filosofo Timon, por sobrenome Misanthropos, que quer dizer aborrecedor dos homens, dizia, que os elementos dos males erão avareza, & ambição, porque como daquelles primeiros, & segundos principios naturalmente se gérão todas as cousas, assim da avareza, & ambição se gérão todos os mais vicios. Pavorino outro Filosofo dizia avizadamente, que parte dos homens erão dignos de escarneo, parte delles odiosos, & aborrecidos, parte miseraveis. Dignos de escarneo erão os que ambiciosamente aspiravão a cousas maiores; aborrecidos aquelles, que as alcançãõ com ambição conhecida. Miseraveis aquelles que se enganão com

August.

com suas esperanças, pois naquillo que com desejo buscão, nada achão menos, que aquillo que esperão alcançar. Santo Augustinho quer, que a ambição seja aquella cadeira pestilencial, aonde se não assenta o que procura ser bemaventurado; porque assim como a peste he hum mal commum, que anda por diversas partes, & aonde dà, fere a muitos, & a outros mata; assim esta doença de mandar, & ter dominio, a muitos toca, & a muitos contamina, he peste geral no mundo; he no coração do homem hũa tempestade desfeita, que com a força dos ventos envolve as agoas do mar, & as areas que no fundo estão. Assim as perturbações do ambicioso revolvem interiormente todas suas potencias da alma, & cegão o lume do entendimento de sorte, que não repára em commetter grandes delittos. Por ambição quiz Absalaõ matar a seu proprio pay, & aonde os pays havião de achar consolação em rasão de piedade, ahi achão a morte em respeito de ambição. Esta ensina a fazer o que a natureza não alcançou, & o que a piedade tem horror de commetter. As bestas feras reconhecem as mesmas que as gerãõ, para se apiedarem dellas; os ambiciosos nem perdoão aos pays, nem aos mais chegados parentes. Estas são as razões porque a ambição he significada pela Hera, a qual já mais deixa de sobir: *Quem enim ambitiosum vidimus aliquando contentum adeptis dignitatibus ad alias non anhelare?* Diz S. Bernardo. Que ambicioso vimos nunca contente de sobir a hũa, & outra dignidade, se não que sempre aspira por sobir a outras mayores? As folhas da Hera comidas causão furor; este trazem consigo os que se sustentão do manjar da ambição, que como gente que perdeu o juizo, anda anelando a seus intentos com cego furor, que precipitadamente os leva à execução delles.

Bernar.

Quem enim ambitiosum vidimus aliquando contentum adeptis dignitatibus ad alias non anhelare? Diz S. Bernardo. Que ambicioso vimos nunca contente de sobir a hũa, & outra dignidade, se não que sempre aspira por sobir a outras mayores? As folhas da Hera comidas causão furor; este trazem consigo os que se sustentão do manjar da ambição, que como gente que perdeu o juizo, anda anelando a seus intentos com cego furor, que precipitadamente os leva à execução delles.

Espigas.

Espigas.

Fartura.

Consideração primeira.

E Spigas dizem fartura, & abundancia; significado que os Latinos lhe deraõ daquelle primeiro tempo que os Romanos costumáraõ trazer por divisa de suas bandeiras, & estandartes hũas espigas pintadas nelles, dando nisto a entender, que outros Reynos do mundo podiaõ ter mais prata, & ouro, mais diamantes, & pedras preciosas, porẽm que nenhum delles tinha fartura, & abundancia de paõ, como o povo Romano; & por isso todas as nações do mundo podiaõ viver seguramente debaixo de seu Imperio, pois tinha paõ para fartar a todos. Tomáraõ os Romanos motivo de sair com esta tenção, vendo que os homens de nenhũa cousa tem mais necessidade, que de paõ, & nenhũa cousa procurão mais que fartura de paõ, & nada temem, & receaõ mais que a inopia, & falta delle. Pois mostremos ao mundo, diziaõ elles, quaõ poderosos somos, & que bom governo he o do Senado Romano, pois tem paõ para todo o seu povo, & para todos os mais que se sogeitaõ a elle, & assim naõ haverà Reyno que nos naõ queira por senhor, ou por amigos confederados. Ponhamos em nossos estandartes espigas de paõ, significadoras de nossa fartura, & todo o mundo se virà a nós. Por esta ração houve muitos Emperadores, que nas moedas mã-
Pierius.
 davaõ esculpir espigas de paõ, para mostrar que de nenhũa cousa se gloriavaõ mais, que de procurarem fartura para seu Imperio, & que naõ lhe faltasse paõ: porque havendo em seu tempo fartura, nem elles tinhaõ mais que dar, nem menos que procurar ao seu povo. Isto fez o Emperador Vespasiano, Antonino, & Adriano. E Levinio Regulo para mostrar, que todo o tempo, que governou o povo Romano, fora abundan-

dantíssimo, nos cunhos das moedas mandou figurar hũa dona cheia de uvas, rodeada de espigas, dando a entender, que não faltara em seu tẽpo fartura de pão, & vinho, que são duas cousas que fazem o anno ditoso, & o tempo felicissimo. Tambem he de considerar, que para se mostrar como tudo no Verão he frescura, & fertilidade de fructo, se pinta hum homem coroado de flores, & nas mãos molhos de espigas, figura propria do Verão, que nas flores manifesta frescura, & nas espigas fartura de pão. Ovidio quando quiz pintar o Estio, disse que estava nũ, em respeito das calmas, & porque com o verem nũ, não cuidassem que estava pobre, & falto de cousas, diz q̃ tinha nas mãos molhos de espigas, ou na cabeça capellas de espigas, que era indicio de sua fertilidade.

Ovid.

Stabat nuda æstas, & spicea ferta gerebat.

No povo Gentilico, quando alguns sonhãõ com espigas, prognosticavãõ os agoureiros, que era sinal de muito cedo haverem de ter abundancia, & fartura de bens, significada nas espigas, como o conta Pierio.

Consideração segunda.

AS sette primeiras espigas que Faraõ vio em sonhos, cheas, & carregadas de grãos de trigo, significadoras forãõ da muita abundancia de pão, que logo se seguiu por espaço de sette annos, conforme Joseph interpretou o sonho:

Gen. 41.

Septem spicæ plenæ, septem ubertatis anni sunt. As sette espigas cheas significãõ sette annos de fertilidade. Como também as sette que vio sem grãos de trigo, significavãõ esterilidade, que apoz a fartura se havia de seguir. Mas porque communmente quem diz Espigas, entende espigas cheas, & fermosas, por ellas se entende tudo o que diz fartura, abundancia, & fertilidade. Isto parece que se dava a entender, quando no Levitico mandava Deos, que entrando os filhos de Israel na terra de Promissaõ, tanto que chegassem a recolher

Lev. 23.

pão

pão de suas sementeiras, levassem molhos de espigas, & as offerecessem ao Sacerdote, o qual tinha obrigação de as levantar diante do Senhor, como dandolhe graças de lhe dar tanta fartura, & fertilidade como elles tinhão. Sobre o que diz Radulfo, que então fazemos espiritualmente o mesmo, quando contemplando a abundancia dos eternos bens, lhe damos graças por esses mesmos bens que nos tem promettido. No que contemplava David, quando dizia, que esperava ver, & gozar os bens do Senhor em a terra dos viventes, aonde tudo he fartura, & nenhuma falta se póde sentir. Das espigas diz Santo Augustinho, que postas nas mãos dos homens significão fartura, bens, & prosperidades da vida; mas espigas nas mãos dos Apostolos significão mortificação, & rigor da carne: como quando elles obrigados da fome colhião por onde passavaõ espigas, cujos grãos comião depois de os debulharem, & alimparem entre as mãos, em final que ninguem chega a se encorporar com Christo, senão mortificado, & despido de toda a carnalidade, como diz S. Paulo: *Expoliantes vos veterem hominem.* Para serdes graõ da sementeira do Senhor, haveis de ser trilhado, & mortificado; & então o chegais a ser, quando vos despis do antigo homem de vossos proprios appetites, & irracionaes desejos.

Radulp.

Psal.26.

Mat.12.

Luc.6.

Colos.3.

Graõ de Mostarda.

Fé.

Consideração primeira.

O Graõ de Mostarda diz Fé, & he figura da verdadeira, que confessamos. Baste q̄ para o ser o disse a Súma Verdade por sua bocca, falando com seus Discipulos: *Si habueritis fidem, sicut granum sinapis, &c.* Se tiverdes Fé, como hum graõ de Mostarda, & disserdes a este monte, que se passe

Mat.17.

passé

Luc. 13.
 Marc. 4.
 Mat. 13.
 August.

passe da outra banda, veloséis logo passar: nada com a Fé vos será impossível. Também por S. Lucas faz o mesmo Senhor semelhante o Reyno dos Ceos ao grão de mostarda, q̄ lançado na terra cresce até se fazer arvore, aonde vieraõ defcançar aves do Ceo. A ração deste significado dá Santo Augustinho, dizendo, que a comparação he singular. Porque assim como o grão de mostarda he pequeno, vil, & desprezado, sem apparencia que possa ser proveitoso, com tudo trilhado, & mastigado, já delle sahe hũa acrimonia, & viveza, q̄ desperta, & fortifica, já de si lança cheiro, & suavidade delectosa, já tem sabor appetitoso, & confortativo; com tal effeito de calor, que causa espanto, ver que em tão pequena cousa se esconde tão vivo fogo. Assim a Fé, à primeira vista parece pequena, humilde, pobre, desprezível, que nem mostra potencia, nem arrogancia, nem manifesta forças, & virtudes, q̄ tenha; & com tudo, começando-se essa Fé a trilhar, & acometer com varias tentações, & perseguições, logo mostra seu vigor, & acrimonia; descobre fortaleza, brio, & coração, faz praça de virtudes, & proesas, que tinha encuberto, & espalha tão grande calor, & fragrancia de sua credulidade, taes chãmas de divino amor, que cresce a olhos vistos, arde, & inflamma-se, & faz arder, & inflamar os mesmos que della participão, como aconteceu àquelles que ouvindo ao Author da mesma Fé, diziaõ: *Nonne cor nostrum ardens erat in via, dum aperiret nobis Scripturas?* Quando este Senhor nos hia no caminho declarando as scritturas, & mysterios da Fé, por ventura não sentiamos nós já alli o calor, & fogo que elle acendia em nossos corações? Pois assim como o grão da mostarda aquece as entranhas, assim o vigor da Fé inflamma o peito com fogo celestial, queimando, & abrazando nelle tudo o que diz frieza de peccado, consumindo os malignos pêfamentos, & extinguindo todo o humor de luxuria. E se aquelles grãos são proveitosos para a cabeça, a Fé redundou em grande proveito, & gloria da nossa espiritual Cabeça, que he

Luc. 24.

he Christo, o qual sem a Fé dos que havião de crer, & salvar-se, achava que ficava só, & sem companhia. Athaneo diz, que o grão de mostarda sendo pequeno, cresce mais lançado na terra que outras sementes, que nella se lanção, & que do mesmo modo a Igreja de Deos, do pouco que era em seu principio, creceu em tal augmento, que ficou sendo arvore, em cujos ramos se vem agasalhar as aves do Ceo: porque aquelles que com suas sciencias cuidavão que voavão sobre as nuvens, conhecendo o erro de suas falsas feitas, descendo de suas opiniões, se vem agasalhar nos ramos desta arvore, que he a Fé de Christo. E aquellas provincias, & nações do mundo, que imaginavão levantar-se às Estrellas com a adoração de seus idolos, entendendo o engano de suas idolatrias, vem cõ ligeiro voo tomar lugar nesta arvore da santa Fé, aonde achão o seguro, & verdadeiro repouso. E então se diz, que esta arvore se faz mayor que as demais hortaliças, que se semeão, quando a nossa Fé fica sendo superior a todas as feitas, & falsas doutrinas, que no mundo se semearão, & crescerão muito em algũas partes da terra.

Athaneo

Consideração segunda.

A Fé em seu principio podia-se chamar (como diz Isaias, *Isai. 14.* & os Padres antigos querem entender por ella) *Pau-* *Theoph.*
percula, & tempestate convulsa, absque ulla consolatione. *Euthim.*
 Pobre parecia, sem amparo, sem consolação, combatida de *Hieron.*
 tempestades como a nao no meyo do mar. Tão pequena, que *Beda.*
 por ella se póde entender aquillo dos Cantares: *Soror nostra* *Cant. 8.*
parvula est, & ubera non habet. Pequena foi, mas creceu tão *August.*
 to, que diz Santo Augustinho, que foi tão grande milagre subir a Igreja a tanta prosperidade de tão fracos principios, fogueitando-se os ricos à pobreza, & os poderófos à fraqueza, que basta só isto para fazer crente no mundo a Fé de Christo. Todas as feitas de Estoicos, Peripateticos, Platonicos,

Academicos, & Epicuros, começaraõ, ou com poder, ou com razões rhetoricas, ou com dissoluções, & liberdades da consciencia. Mas a Fé de Christo começou pela humildade do mesmo Christo, & por doze pobres idiotas. Dahi cresceu tanto, que della se entende aquillo de Isaias: *Erit germen Domini in magnificentia, & fructus terræ sublimis*. A plânta do Senhor crescerá em magnificencia, & o fructo que dará na terra, será sublime, & levantado. E David diz: *Operuit montes umbra ejus, & arbusta ejus cedros Dei*. A sombra desta arvore cobrio os montes, & as plantas que se levantaraõ em redor, cresceráõ mais que os cedros do Libano.

Isai. 4.

Psal. 79.

O graõ de mostarda he semelhante ao Reyno do Ceo, porque pela Fé entra o Christaõ em o Reyno de Deos. Este graõ he pequeno, porque a Fé faz pequenos por humildade aos que a professaõ, & por isso diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvulus iste, non intrabitis in Regnum Cælorum*. Se vos não fiserdes pequenos como este menino, não entrareis no Reyno dos Ceos. Por isso S. Paulo estimava em muito o ser pequeno, & nomearse por minimo: *Ego autem sum minimus Apostolorum*. Plinio diz, que a mostarda ló com o cheiro lastima os olhos, & provoca a lagrymas. A Fé de Christo, & a sua Evangelica doutrina, bem vista, & bem considerada, deve provocar a hũa santa tristeza, a pranto, & a lagrymas: porque considerando o Christaõ o bem que tem em ter a Fé de Christo, chore sua tibieza, & ingraticidaõ para cõ Deos, faça penitencia de seus peccados, & seus olhos de continuo se jaõ fontes de lagrymas, como eraõ os daquelles Santos antigos, que de continuo andavaõ tristes, derramando rios de lagrymas, vivendo em desertos, & lugares solitarios. As merces de Deos quando chegaõ a hũa alma tibia, & froxa, ficaõ sendo como a fazenda perdida: *Misit eas in sacculum pertusum*. Diz Aggeu, lançou a esta alma ignorante em hum sacco roto; mas quando daõ em huma alma honrada, & agradeida: *In meditatione mea exardescet ignis*. Na minha medita-

Mat. 18.

I. Cor. 15

Aggeus.

ção,

ção, diz David, se acendem chammãs de fogo. E se estas se não acêdem nos peitos dos malignos, he porque como diz Isaias: *Opus Domini non respicitis, neque opera manuum ejus cōsideratis.* Não attentais as merces do Senhor, nem considerais peccadores as obras de suas mãos. Tambem se póde dizer, que o Justo he graõ de mostarda, porque he humilde, & na sua opiniaõ inferior a todos. He despresado, & folga de offer: deste modo vai crescendo, & augmentando-se em graças, & virtudes, & as aves do Ceo, que são inspirações do Espirito Santo, os bons pensamentos, & santos propositos, se vem recolher em sua alma. E tambem esse Justo, que parece pequeno, & vil, tratado, & conversado, já tem acrimonia, & mostra cheiro, & fragrancia de virtudes. Por todas estas razões convem ao graõ de mostarda o significado da Fé q̄ fica dito.

Madresylva.

Entendimento.

Consideração primeira.

A Madresylva que os Latinos chamaõ *Caprifolium*, ainda que particularmente não seja referida na sagrada Escrittura, tratar-se-ha aqui della, & do significado que tem entre nós, porque quando na mesma Escrittura sagrada se faz menção de flores, certo he que se não entende hũa só flor, mas toda a variedade de flores, que o campo cria, & por isso he bem que aqui se trate de muitas, como a Madresylva, Violas, Jasmims, & outras semelhantes, que por serem flores, tem aqui seu lugar debaixo deste nome Flores. A Madresylva significa Entendimento, & deve ser, porque esta pequena, & humilde planta, produzindo de si com iguaidade a certos passos humas folhas pequenas que atiraõ a brancas com flores suavissimas, & muy cheirosas, parece que mostra entendimento em não sair logo com todas ellas

Aa ij

abertas,

abertas, como com mummête succede às demais flores, senão que apoz hūas vai abrindo outras, repartindo-as para largo tempo do Verão, com que sempre parece que o festeja, mostrando nelle a fragrancia de suas flores. Parece mais que mostra entendimento no modo que busca para se conservar, & pôr em lugar alto, porque sendo ella planta humilde, & fraca, que por si não tem forças, nem tronco para se levantar do chão, sabe-se aproveitar de todas as plantas que lhe ficão visinhas, pegando em os ramos de hūas, & outras, com todas se enlaça, de todas se ajuda, para ficar de alto, mostrando suas agradaveis flores de forte, que por artificio parece que alcança o que por natureza não tem. Mostra mais parecer, que se entende em se não dar em partes aonde outras flores escureção, & abatão sua belleza, senão aonde ella só manifesta a sua, & todas as mais lhe fiquem inferiores: porque sempre a Madresylva se dà em vallados, & matas cheas de sylvas, & outras plantas asperas, entre as quaes està pendendo superior a todas no cheiro, & suavidade. Finalmente significa entendimento, porque então floresce quando as rosas, & as mais flores seccão, & deixio de reverdecer. As outras flores apressão-se por vir no principio do Verão, & padecem muitas desgraças do tempo, outras vem tão tarde, que por serem de Outono, não agradão tanto, & tambem tem seus inconvenientes; a Madresylva nem apparece com suas flores logo no principio, nem no fim do Verão, senão no meyo delle, que o tempo està seguro, o campo mais alegre, os bosques mais frescos, as arvores mais cheas de fructo. E para se amparar, & defender das calmas, busca lugares sombrios, & companhia de plantas que a resguardem. Todos estes lanços são proprios dos que bem se entendem, que sem fazerem aggravo a outrem, buscão modos de valer, & manifestar seu talento, & industria. Em tudo são advertidos, & acautelados, em tudo prudentes para saberem viver, & proceder de sorte, que a todos agradem, & a ninguem sejam

sejão molestos. Assim são muitos os louvores que a sagrada
 Escrittura dá aos que bem se entendem. O Espirito Santo nos
 Proverbios diz: *Intelligens gubernacula possidebit.* A pes- *Prov. 1.*
 soa que se sabe entender, merece que se lhe commetta tudo o
 que he governar, & estar em lugar alto para reger, & mandar;
 com segurança se lhe póde entregar o leme da nao, porque se
 elle he bem entendido, dará boa conta do que se lhe com-
 mette. Assim não possue, nem póde o homem possuir me-
 lhor, nem mais proveitoso dom, que o entendimento. Entre *August.*
 elle, & a alma faz Santo Augustinho casamento, chamando
 ao entendimento legitimo marido da alma. S. Chrystomo *Chryf.*
 lhe chama guia do homem, que lhe mostra o caminho por
 onde ha de ir, & piloto que o governa nas perigosas ondas
 desta vida; o qual se por ventura adoece, ou desfallece de for-
 te, que não possa marear, de necessidade ha a nao de correr
 perigo, espere-se sua perda, tenha-se por certa sua destruição.

Consideração segunda.

Confidéra S. Gregorio, que o dom do entendimento sé- *Gregor.*
 pre se deve exercitar, porque com a tibiesca, & froxi-
 daõ da alma não entorpeça, & que do proprio modo se de-
 ve procurar que este mesmo entendimento com o exercicio
 da boa obra não se ensoberbeça. Confidéra tambem, que o
 entendimento he dado ao homem, como dinheiro empre-
 tado, o qual sempre o devedor o tras no sentido para o haver
 de pagar a quem lho emprestou; porque o bom entendimẽ-
 to he thesouro, & cofre de inestimaveis riquezas, de que Deos
 faz depositarios a huns mais que a outros. E diz o Santo, que
 devemos responder bem com esta divida, & deposito a quem
 o confiou de nós: porque ha muitos, que quanto mais sobi-
 do entendimento tem, mayor arrogancia, & soberba tem,
 cousa que Job dizia que não passára por elle: *Si letatus sum
 super divitiis multis, & quia plurima reperit manus mea.*

Gregor.

Palavras que moralizando S. Gregorio, diz, que nellas quiz Job dar a entender, que dandolhe Deos bom, & delicado entendimento, (que erão as mayores riquezas que elle na vida

Gregor.

podia possuir) nunca vamente se alegrara, nem ensoberbecera com ellas, pormais que descobrisse, & alcançasse do conhecimento, & verdade das cousas. O entendimento humano, diz elle em outro lugar, he como hũa roda de moinho, que sempre anda com ligeireza, sempre se occupa, & distrahe a diversos cuidados, & imaginações de forte, que muitas vezes o mesmo entendimento a si mesmo se não conhece, nem sabe parte de si: porque padecendo muitas molestias, não dá fé do que padece, nem sabe o que padece; & a razão he, que em quanto o entendimento se espalha por varias imaginações, afasta-se do interno conhecimento de si mesmo, & não adverte, nem repára nos males presentes, servindolhe este descuido de espanto futuro, maravillando-se depois como pode sofrer, & padecer tanto sem perigo, & lesão sua. Sendo assim, que nas occasiões de grandes males perigaõ bons entendimentos, que vem a delirar com a força delles. Com tudo não havemos de negar que molestias, tribulações, & apertos, são os que muitas vezes apuraõ, & aviventaõ o

Isai. 28.

entendimento, donde procedeo o proverbio: *Vexatio dat intellectum*. O qual se tirou de Isaias, que ameaçando ao povo Judaico com castigos, que do Ceo havia de ter, diz: *Sola vexatio intellectum dabit*. Como se dissera, vos outros não vos quereis entender, nem cais na conta dos males, & peccados que fazeis; pois esperai, que eu vos prometto, que trabalhos, & angustias vos haõ de dar entendimento; padecereis males immensos, & entendereis a causa delles, pois sois gente rude, que não entende nada. Assim se queixa Deos pelo mesmo Profeta deste perverso povo, notado o do pouco que entende. O boy conhece a seu possuidor, & o jumento o presepio de seu senhor: *Populus autem meus non intellexit*. Só o meu povo não conhece a seu Deos, & Senhor, só

Isai. 1.

elle

elle não entende, quem he o que tantas merces lhe faz. Em fim he gente boçal; mas pois he povo que não entende, será açoutado como menino, que por acinte, & mà natureza que tem, não quer entender o que lhe dizem: *Populus non intelligēs* Oseas 4. *vapulabit*. Diz Oseas. O povo que não entende, será açoutado, porque açoutes merece quem podendo entender, não quer entender, *Vapulabit*. Que o castiguem, que o açoutē, que lhe dem infinitas tribulações, quaes são as que de continuo padecem, sem nunca se quererem entender, & cair na conta de sua pertinacia, & obstinação: *Nescierunt, neque intellexerunt*, (diz David) *in tenebris ambulant*. Sempre foraõ nescios, sempre ignorātes, andaõ em trevas, nellas haõ de acabar, moverse haõ os fundamentos da terra, & elles se não moveraõ de sua cegueira, & ignorancia; em todas as partes do mundo se moveraõ os homēs a conhecer o verdadeiro Deos, & Redemptor do mundo, só elles o não querem conhecer, pois por isso: *Vapulabit*, será açoutado, & irã a vergonha à vista de todo o mūdo: *Donec erubescat in circumcisa mens eorum*. Diz Deos no Levitico, que se envergonhe o indomavel, & grosseiro entendimento desta gente, nação barbara, condições emperradas, costumes infernaes.

Psal. 81.

Osea 54.

Lev. 26.

Consideração terceira.

Compára S. Gregorio o entendimento humano à arvore, a qual antes de sair sobre a terra, já tem vigor, & principio para nascer, & nascendo cresce até lançar folhas, & fazerse grande de sorte, q̄ prevalece cõtra as injurias do tempo. Assim o entendimento he o que concebe a cousa, delle nasce a obra, & dahi vai crescendo a grande fructo, & proveito. Mas quando a algum levanta seu proprio entendimento, já se corrompe a arvore que havia de crescer, & quando depois de bem obrar, se deixa levar da vã gloria, & elação, secca a arvore que tinha crescido; & quando totalmente se não sabe guardar dos

Gregor.

louvores, & lisonjas com que o combatem, entaõ arrancaõ
 ventos da vã gloria a arvore de raiz, com quanto tinha sobre
 si: porque quanto a arvore se levanta ao alto, mais combati-
 da he da força dos ventos. Para fugir a estes inconvenientes,
 procure toda a pessoa em qualquer estado que estiver, enten-
 der inteiramente, qual seja, attentando o bem dos outros, &
 vendo o que nella não ha; para que da fortuna dos bons to-
 me medida do que lhe falta para chegar a essa bondade, de q̃
 sua propria malicia a vai afastando. Do muito que em outros
 vemos, alcançamos o pouco que em nós ha, & na bondade
 alheya conhecemos nossa malicia. Quem quer julgar das tre-
 vas, deve ver a luz. O peccador se se vir a si, sem ver ao jus-
 to, não se conhecerà por peccador, porque não conhece ao
 justo. Mas elle não se pôde ver a si, porque não conhecendo
 a luz, quando se ve a si, não vê senão trevas, & escuridão. Pois
 vejamos a vida dos justos, para que entendamos a nossa; a
 imagem delles seja a fôrma que havemos de imitar: *Quia vi-
 va lectio est vita justorum.* A vida dos justos he viva lição
 por onde havemos de ler, & na sagrada Escriitura os justos
 são chamados livros abertos, porque por elles lemos, & aprê-
 demos a amar a Deos, como elles nos ensinão com sua vida,
 procedimento, & acções della. Só nisto haviamos de enten-
 der, & só para isto deviamos pedir a Deos entendimento, co-
 mo David lho pedia com tantas instancias para o servir, &
 amar: *Da mihi intellectum, ut discam mandata tua.* E em
 outro lugar: *Da mihi intellectum, & scrutabor mandata*
tua. E assim nada mais pedia a Deos, que entendimento pa-
 ra o conhecer, & amar. E depois que o alcançou, não cessa de
 lhe dar as graças por tão grande merce, dizendo: *Benedicã*
Dominum, qui tribuit mihi intellectum. Engrandecerei, &
 louvarei ao Senhor, que me deu entendimento, & hum entẽ-
 dimento santo, puro, & claro, que elle dà aos humildes de co-
 ração: *Intellectum dat parvulis.* Que só aos que são peque-
 nos em sua propria opinião, dà elle o entendimẽto, q̃ esconde
 aos soberbos, & arrogantes.

Na divina Escrittura ha letra, & entendimêto della, o qual diz S. Bernardo, que sempre devemos tirar, & buscar, porque a letra (como diz S. Paulo) per si he morta, & o entendimêto he o que dà vida: & este não està manifesto, nem na superficie da coufa; dentro se esconde, interiormente o haveis de achar, entre tanto não vos pegueis aos de fóra. Mádava Deos aos Judeos, que não comessem porco, isto achais na letra, isto vedes de fóra: pois que se lhe dava a Deos, que os Judeos comessem, ou não comessem carne de porco? Não pareis naquella letra, buscailhe o entendimento, que dà vida: achareis que o mandar Deos, que não comessem porco, era mandar lhes que não fossem torpes, & deshonestos; porque o porco he figura da torpeza, & da luxuria, & o mesmo era vedarlhes a carne de porco, que afastallos de immundicias, & vicios da carne. Mandava Deos que não tocassem em homem doente de lepra; isto dizia a letra. E a Deos que lhe hia em elles tocarem, ou não tocarem leprosos? Passai avante, & tirai o entendimento da letra, achareis que pela lepra se entende o peccado, & assim prohibir Deos, que não tocassem em lepra, foi mandar lhes que não fizessem peccado, nem tocassem coufa aonde houvesse offender a Deos. E este he o entendimento que S. Paulo diz, que dà vida. E S. Bernardo, que este he o verdadeiro pão da alma, que conforta nossos corações, & os faz fortes, & robustos para toda a boa obra, & para todo o exercicio espiritual. O homem carnal não alcança as coufas que são do espirito, mas estas lhe parecem louquice, & ignorancia. Este não he muito que gema, & algum hora com soluços diga: *Arui cor meum*. Seccouse este meu coração, porque me esqueci comer o meu pão, pão de doçura, pão de vida, & refrigerio, com o qual apascenta Deos aos Santos, dâdolhes a beber agoa de salvação.

Bernar.

2. Cor. 3.

Lev. 11.

Deut. 14

Lev. 13.

2. Cor. 8.

Bernar.

1. Cor. 2.

Pf. 101.

Genes.

Cor.

Cornucopia.

Liberalidade.

Consideração primeira.

A Figura que em Latim se chama Cornucopia, pela copia, & abundancia de flores, pomos, & fruttos, que de si lança, foi celebrada dos Antigos, significando-se por ella tudo o que diz liberalidade, & condição dadivosa: pelo que muitos Emperadores, & Monarcas do mundo, que forão liberaes para com os seus, mandavão esculpir em as moedas de seu tempo semelhante figura com letras que dizião: *Liberalitas augusta*, outras *Felicitas*, outras *Concordia*, palavras em que estes Principes queriaõ significar suas grandezas, liberalidades para com o povo. E assim querendo Horacio mostrar a abundancia de cousas que em Italia havia em tempo de Claudio, diz:

*Aurea fruges**Italiae pleno diffudit copia cornu.*

A ração deste significado pende disto, que esta figura começando em hum minimo ponto, vai-se dilatando, & ampliando mais, até lançar de si muitas flores, & fruttos, com que parece que convida a todos. A liberalidade isto tem, que sempre cresce a mais, & lhe parece pouco quanto atrás tem feito, dà sem medo, & sem limite. Os rios de ordinario quando se pintaõ, he com hũa Cornucopia nas mãos, mostrando que são liberalissimos em dar, & repartir suas agoas, para regarem, & fertilizarem os campos, não cessando já mais de correrem com ellas em abundancia para o mar. Condição do liberal, q sempre dà com larguesa, & nunca cessa de dar. Assim aconselhava Seneca a hum seu amigo: *Ne cessaveris dare, opus tuum perage, & partes boni viri exequere*. Como se dissera. Sede rio caudaloso, que de continuo deis, & repartais
com

Seneca.

com todos abundantemente, não cesseis de dar, & fazer merces, que nisso fazeis o que he em vós, & satisfazeis à obrigação de homem honrado: *Alium re, alium fide, alium gratiâ, alium consilio, alium præceptis salutaribus adjuva.* Ajudai a todos, pois o podeis fazer, soccorrendo a huns, favorecendo a outros, aconselhando, & ensinando a outros, que não consiste só o ser liberal em dardes prata, & ouro, mas em communicardes o bom talento que Deos vos deu, & não ferdes avarenro de vossa habilidade. A liberalidade isto tem, que se não louva pelo que dà, mas pela facilidade, & alegria com que dà as cousas. A prata, & ouro, que outrem vos dà, não he a merce que se vos faz, mas he a vontade com que a cousa se vos dà. Quem pouco alcança, tem por merce o que lhe dão, mas o prudente só tem por merce a vontade com que lha dão, & ve-se que acerta, porque commummente as cousas que nos dão, perecem, & acabão, mas a vontade com que essas cousas se derão, dura depois de se consumir o que vos derão. Se as merces consistissem no que se dà, segue-se que quanto mayores fossem essas cousas, mayores seriam as merces, mas he assim, que às vezes mais nos obriga quem nos dà pouco com grande vontade, que quem com pequena offerece muito. Mais aceito he o que se dà com facil mão, que com mão chea, faltando a facilidade. Quem pouco me dà, por ventura não póde dar mais; porèm isso que me dà he muito, porque de boamente mo dà, & sem dilação, & sem murmuração, & sem duvidar, nem cuidar se dará, ou não. Assim diz Seneca: *Ante omnia libenter da, cito, & sine ulla dubitatione.* A merce que houverdes de fazer, fazei-a de boa vontade, depressa, & sem duvidardes de a fazer. E em outro lugar diz: *Sigratos vis habere quos obligas, nan tantum des oportet beneficia, sed ames.* Se quereis que vos agradeção o que fazeis, mostrai que folgais de fazer bem, & que mais o fazeis por amor, que por outro respeito. Daqui vem que a liberalidade he virtude alegre, que

Plutar.

que se acompanha de gosto, & prazer, porque este lhe fica sempre do bem que faz. Epicuro com ser hum dissoluto, que poz a bemaventurança em gostos da vida, dizia que não fômente era fermoso ser o homem liberal, mas que nada havia mais agradavel, que fazer bem de boa vontade. E como nenhuma cousa conserve mais a vida que alegria, & prazer, daqui viria, que sendo perguntado Theofrasto, que cousa ajudava mais a

Stobæus

natureza humana, respondeo, que a liberalidade, porque o liberal que folga de fazer bem, sempre anda alegre, & nunca

Herod.

tem mayor gosto, que quando dà. Sem este ficou Cesar Vespasiano, que lembrando-se hũa noite, que não tinha aquelle dia feito merce algũa, mostrando o rosto triste, deu hũ grande suspiro, dizendo para os amigos que o acompanhavão: *Amici diem perdidit.* Amigos, estou triste quanto pôde ser, porque passei o dia de hoje sem fazer merces, que para mim he dia perdido, pois perdi occasiões de meu gosto, que era dar, & dispende.

Sueton.

Notavel condição de Principe, diz Suetonio, que tinha por perdido o tempo que gastava sem fazer merces. E bem se pareceo com elle El-Rey Affonso de Aragaõ, q̃ ouvindo contar este dito de Vespasiano, deu graças a Deos, dizendo, que daquelle modo, nem elle deixava perder os dias, pois em todos costumava fazer merces.

Panor.

O liberal sempre quer dar muito, & ainda quando dà muito, lhe parece que dà pouco. Alexandre Magno, como era liberalissimo, não sabia dar senão grandes cousas, nem em seu peito concebia pouquidades. Assim foi, que dando hũa vez a certo homem hũa Cidade de merce, achando-se o homem incapaz de bem tão grande, recusou aceitalla, & elle lhe respondeo: *Non quero quid te accipere deceat, sed quid me dare.* Eu sou Alexandre liberal, & dadivoso, não attento a vosso sugeito, mas à minha grandesa, attento ao que me convem dar, & não ao que vòs podeis receber. Quasi o mesmo lhe succedeo com Perillo, que pedindolhe dote para hũas filhas,

Plutar.

Alexandre lhe mandou dar quarenta mil cruzados, & dizêdo

Perillo,

Perillo, que dez mil lhe bastavão para dote de ambas, responde Alexandre: *Tibi accipere, sed mihi nequaquam satis est dare.* Vós Perillo como para com vosco sois pouco, contentaisvos com pouco, & bastavos receberdes pouco, para cuidardes que ficais muito rico; mas a mim não me basta dar pouco, porque com dar muito pareceme que não dou nada.

O liberal com dar muito, he sempre rico, porque sempre tem o que deu. E o avarento com ter muito, não tem nada, pois não he feu o que de nada lhe serve. Marco Antonio foi pouco liberal, & vendo-se perseguido da fortuna, que lhe não restava mais que morrer miseravelmente, sem ter quem d'elle se compadecesse, disse: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* Tenho agora o que dei, & como não dei nada, com nenhũa cousa me acho, fuy só para comigo, & só comigo me acho; se fiser a bẽ, achára quem me fiser a bem: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* Ao avarento succede assim, se em vida não deu esmola, senão soccorreo a necessidade do proximo, se se não compadeceo do afflicto, na hora da morte se achará como em vida procedeo, & entã pôde dizer: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* S. Chry. *Chryf.* foltomo nos encomenda muito, que sejamos liberaes para com os pobres, lembrandonos do galardão que por isso nos promette Deos: *Liberalitatis in pauperes specimen exhibeamus.* Mostremonos liberaes para com os pobres, pois a esta liberalidade se promette tão grande premio, sendo a compaixão do pobre empréstimo que fazemos a Deos; antes onzena de que nos vem tanto ganho, vede que raro, & admiravel modo de usura: *Nam qui miseretur pauperi, fieneratur Deo.* Quem neste mundo tendo abundancia de cousas, não reparte dellas com os pobres, acharseha (como o rico Avarento) desamparado de todos, faltandolhe hũa pinga de agoa; porque rico que em sua abundancia se não compadece da pobreza de Lazaro, não achará em Lazaro glorioso final algum de compaixão, quando se vir em summa miseria.

Seneca.

S. Chry. Chryf.

Prov. 19

Canna.

Canna.

Inconstancia.

Consideração primeira.

A Canna he geroglyfico da inconstancia, como se colige das divinas, & humanas letras : porque assim como a canna he de muito fraca substancia, que com qualquer ar de vento se move a hũa, & outra parte, & com pouco peso quebra, não sendo por dentro o que por fóra mostra; assim são os inconstantes cannas, que facilmente se mudão, & movem a diversas cousas; pouca força se ha mister para os trazerem a contrarios pareceres, qualquer ar de adulação os levanta, qualquer injuria os abate, & se tem algũa apparencia de bem, não he por dentro o que por fóra apparece: *Per arundinem*

Gregor. mobilitas mentis designatur, diz S. Gregorio. Pela canna se entende a pouca firmeza da alma, pouca segurança da vontade, inconstancia do entendimento, fraqueza do coração, variedade do espirito, hũa condição mudavel, hum querer incerto, natureza inconstante, amor nada seguro, & emfim tudo o que não persevera, nem permanece na mesma cousa. Por isso quando Christo nosso bem, falando com os Judeos, disse que o grande Baptista não era canna, que se movia com o vento, quiz dar a entender a elles, & a todo o mundo, que era o seu divino Precursor finissimo, & constantissimo em todas suas palavras, obras, & virtudes; & que o que hũa vez dizia, não havia de tornar a desfizer, nem se havia de mover com louvores humanos, nem com offerecimentos q̄ lhe fizessem de ser Messias, & Rey de todo o mundo. Pelo q̄ se o Baptista tinha dito delle, q̄ era o Cordeiro de Deos, & Messias esperado no mundo, entendessem que assim era, porque suas palavras erão verdadeirissimas, & seu testemunho infallivel, & que não cuidassem outra cousa, nem que o Baptista se mudaria desta verdade,

verdade, para seguir outra opinião, & dizer o contrario do q̄
 tinha dito, porq̄ elle não era mudavel como a canna, q̄ se mo- Ioan. I.
 ve a húa, & outra parte. Nem podia ser canna aquelle, cuja al-
 ma fortalecia a graça do Espirito Santo, para que nem gloria
 humana o levantasse, nem adulação o movesse. Aquelle q̄ era
 imagem do mesmo Christo, Paraninfo do Esposo, Homem
 na especie, mas por graça Anjo, Apostolo do Padre Eterno,
 Profeta antes de nascer, & nascido, silencio de todos os Profe-
 tas; aquelle que foi Estrella da Alva, que sahio antes do Sol,
 Monte altissimo que primeiro recebeu os rayos do Divino
 Sol de Justiça, Pregoeiro do Reyno Celestial, Annunciador
 da vida eterna, Testemunho da verdade, Lume da sabedoria,
 Forma da innocencia, Espelho da humildade, Mestre da ab-
 stinencia, Figura da penitencia, Generalissimo de todas as
 Religiões, Rosa do deserto, Lirio da pureza, & Escola de vir-
 tudes. Isto he o que os Judeos hião ver ao deserto, & não can-
 na que se move com o vento, como elles por ventura imagi-
 navaõ, que o haviaõ de mover com os intentos que levavaõ.

Consideração segunda.

Pela canna se entende a inconstancia, & pouca firmeza da
 vontade; porque ameaçando Deos por Ezequiel a El- Ezec.
 Rey Faraõ, que o havia de castigar severamente, aponta lo- 29.
 go a causa disso, dizendo que foi inconstante na fé que devia
 guardar com o povo de Israel, o qual confiando em seu fa-
 vor, & amparo, quando se quiz valer d'elle, achou-o bordaõ
 de canna sem firmeza, sem segurança, sem fé, & sem palavra de
 Rey, que por confederação de Reynos estava obrigado a
 guardar: *Eo quòd fuisti baculus arundineus domui Israel.*
 Por isso te hey de castigar, (injusto Rey) porque para a casa
 de Israel foste bordaõ de canna, que quando se quiz encostar
 em ti, & valer de teu favor, & amparo, não achou em que segu-
 rar o braço, que buscava socorro teu, achouse com húa bordaõ
 de

de canna, que nenhũa segurança tem, & menos firmeza. Também Salmanazar Rey dos Assyrios, mandou dizer a Ezequias Rey de Israel, que não tivesse pensamento de rebellar contra elle, confiado na amizade do Rey do Egypto, que era bordão de canna já quebrado, & quem a elle se arriasse, havia de cair, & ficar ferido das quebras da canna: *An speras in baculo arundineo, atque confracto?* Para que he por esperanças em hum bordão de canna, o qual quebrando não somente faz cair no chão, mas fere, & magoa a mão de quem a elle se encosta, que são dous males juntos, cairdes aonde esperaveis socorro, & além deste vos faltar, ficardes ferido, & afrontado. Assim succede a quem confia em cousas do mundo, que não somente faltão quando quereis pegar nellas, mas fazendovos cair, deixão-vos magoado com outras sem razões, & injustiças, que experimentais, novas injurias que vos fazem, novas perdas, & danos que vos dão. O dizer Job, que a serpente dorme: *In secreto calami*, no escondido da canna, se entende pelo demonio, que dorme quando está senhor da consciencia fraca, & inconstante, que se deixa soprar de torpes, & deshonestos pensamentos. Pela canna quer Caietano que se entenda o homem fingido, que tem apparencia de virtudes por fóra, sendo por dentro vazio della, & sem bondade algũa. No coração destes dorme o demonio: *In secreto calami*, porque estes que assim fingem verdura de boas plantas, por dentro tem vicios enormes, & incontinencia indomavel. Os peccadores reprovados são comparados às cannas, & assim se entendem aquellas palavras da Sabedoria, que os Justos resplandecerão, & como faiscas de fogo rutilante, andarão a hũa, & outra parte do cannaveal, julgando as nações do mundo: *Fulgebunt justi, & tanquam scintille in arundinetis discurrent. Judicabunt nationes.* Porque os Justos, & Varrões Apostolicos (como neste lugar interpreta Lyrano, & a Glossa) hão de julgar no dia do Juizo aos peccadores; & as suas palavras, & sentenças que daraõ, seraõ faiscas, & rayos de fogo,

Job 40.

Sap. 3.

fogo, que abrazarão os peccadores, entendidos pelas cânas, que estão no cannaveal, aonde se acenderà o fogo da Divina Justiça. Pelas cannas se entendem os peccadores, como se vê naquellas palavras de Isaias: *Calamum quassatum non confringet*. Aonde se declarava a clemencia, & piedade do Salvador do mundo, quando a elle houvesse de vir, dizendo, que não teria condição para quebrar a canna, que já visse abalada, & quasi arrancada da terra, não teria condição para destruir, & castigar o peccador, que de algum modo visse já disposto para fazer penitencia, nem o poria em desesperação de perdão, (como S. Jeronymo declara estas palavras) mas que para com todos seria facil, & misericordioso, como o mostrou ser para com a Magdalena, quando sendo canna, que já se movia a fazer penitencia, lhe disse: *Remittuntur tibi peccata tua*. E quando disse à mulher adúltera, que ainda que era peccadora, a não queria condenar. Bem disse logo Isaias: *Calamum quassatum non confringet*. Bem se entendem pelas cânas os peccadores inconstantes naquellas palavras do Psalmista, quando pede a Deos que os castigue, chamandolhes serpentes, & feras, que andão entre as cannas: *Increpa feras arundinis*. Aonde a versão Caldaica tem: *Increpa exercitum peccatorum, sicut cannam*. Castigai Senhor, & reprehendei o exercito dos peccadores, que são como cannas cheyos de vã gloria, & vaidade do mundo, cannas que facilmente se movem a commetter vicios, & abominações; a estes dai castigos, & quebrantai-os, & pois são feras nos costumes: *Reges eos in virga ferrea, & tanquam vas figuli confringes eos*. Mas se a canna diz inconstancia, & fraquesa, porque razão em algũas partes da divina Escrittura se fala em canna de ouro? No Apocalypse se diz, que andava hum Anjo fazendo certas medidas com hũa canna de ouro. Como se compadece canna que diz fraquesa, com ouro que diz firmesa? Sim, diz Santo Augustinho, que por essa canna de ouro se entende o bom Christão, canna em a fragilidade humana, de que he composto,

Isai. 42.

Hieron.

Luc. 7.

Psal. 67.

Chald.

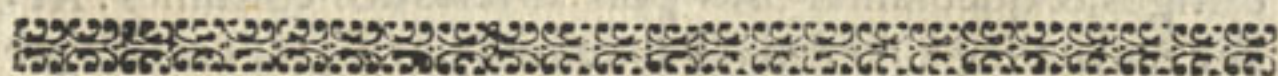
Psal. 2.

Apoc. 2.

August.

posto, mas canna de ouro em a firmeza da Fé que tem, & nas virtudes de que se veste, & adorna; porque o Christão em vasos de terra, & lodo encobre preciosísimos thesouros. Assim o diz o mesmo Santo, que a Igreja Catholica he de ouro, porque a sua Fé, & as suas virtudes resplandecem como ouro: *Ecclesia aurea est, quia fides ejus velut aurum splendet.* Tudo Deos quer que seja ouro na sua Igreja, como no Templo de Salamão tudo era ouro, o Altar de ouro, os castiças de ouro, os Calices, & mais vasos de ouro, porque não quer que diante d'elle appareça cousa que não seja pura como o ouro; & esta pureza se manifesta na Fé, na caridade, & limpeza da alma, no resplendor de virtudes, & no exemplo de vida. De ouro quer que sejam os Sacerdotes, que andão à vista do Senhor, & são ministros de seus Sacramentos, de ouro os Religiosos, que estão dedicados a seu serviço; & em fim de ouro haõ de ser todos os que estão dentro da Igreja Catholica, os quaes ainda que sejam cannas na fragilidade humana, quando tiverem firme Fé acompanhada de boas obras, ficaraõ sendo cannas de ouro, na conformidade que o mesmo Deos quer que sejamos: *In arundine aurea homines Ecclesiae, ostendit fragili quidem carne, sed aurea fide fundati*, diz o grande Augustinho. Na canna de ouro se entendem os Fieis Christãos, que constando de fragilidade humana, & humilde natureza, com tudo a sua Fé não he fraca, & inconstante, senão firme, pura, & permanente, he Fé de ouro purissimo.

August.



Aboboreira.

Esperanças vãs.

Consideração primeira.

DAs flores fica dito em seu lugar, que significão Esperanças, as quaes quando se fundaõ bem, na amendoeira o mostraõ, mas quando são vãs, & sem fundamento, na

Aboboreira.

Aboboreira se representaõ melhor; da qual diz Plinio, que na grandesa das folhas, & fruttos excede a todas as outras plântas; & com tudo effes fruttos por dentro são vãos, & de muy pouca substancia, o seu alimento leve, as suas folhas de pouca dura; muito promette, muito representa, & tudo he fingido, & vão: pelo que querem alguns Authores, que a Aboboreira seja symbolo de Esperanças vãs. O que muito melhor se collige do que Santo Augustinho diz acerca desta planta, a qual (he elle de opiniaõ) que fosse a que fez fresca, & agradavel sombra ao Profeta Jonas, quando estava à vista da Cidade de Ninive, esperando que se sovertesse: porque aonde na profecia de Jonas està escrito, que hũa hera lhe fez laçada sobre a cabeça, tem outra versãõ, que foi Aboboreira, & aonde nós lemos: *Paravit Deus hederam*, trasladaõ os Settenta: *Cucurbitam*. E Santo Augustinho he de parecer, que não foi hera a que fez sombra a Jonas, mas Aboboreira, a qual se levantou, & cresceu depressa sobre o lugar aonde Jonas estava, servindolhe de impedir que o Sol o não tratasse mal. Com o que se dava Jonas por contentissimo, & muito consolado: *Letatus est Jonas letitiã magna*. Mas quando sua alegria se acompanhava de mayores esperanças, que poderia gozar daquella frescura o tempo que alli estivesse, de repente se lhe seccou, & murchiou a Aboboreira, deixando o sem sombra, posto à calma, & ardor do Sol; ficaraõ suas esperanças vãs, & enganofas.

Quer o mesmo Santo que esta Aboboreira fosse figura das esperanças, & promessas do Testamento Velho, ao qual S. Paulo chama: *Umbra futurorum*. A Ley Velha era hũa sombra do que havia de ser. Pois a esta sombra da Ley estava o povo Judaico figurado em Jonas, contente, & alegre: *Unusquisque sub ficu sua*. Quando veyo o bichinho da manhã, Christo Jesu, o qual de si diz: *Ego autem vermis sum*, & tocando em o pé desta Aboboreira, a seccou com sua divina virtude, ficando aquella Ley sem vigor, & sem substancia, &

Plinius.

August.

Jonas 4.
August.

Jonas 4.

August.

Hebr. 10

3. Reg. 4.

Psal. 21.

o povo que nella tinha suas esperanças, sem sombra, posto à calma, offerecido a chamma, & fogos de continuas tribulações. Pede entã este povo como Jonas a morte, & de todo lhe não vem, porque devagar o quer Deos castigar, q̄ he terribel genero de castigo dilatar os tormentos aos culpados. A estes de veras foi a sua Ley Velha (como diz Santo Augustinho) Aboboreira de esperanças vãs, a qual Christo com sua divina bocca, & palavras de vida eterna tocou, para não reverdecer mais, & perder o valor que tinha.

Consideração segunda.

DEve-se considerar, que esta planta para crescer sóbe pelas arvores, que lhe ficaõ visinhas, arrima-se ao q̄ diante acha, & se acerta de cair isso, de que ella depende, hũa, & outra cousa vem ao chaõ, & tudo fica por terra. Não ha na vida cousa tão segura, & firme, de q̄ o homem possa confiar, que não esteja sujeita a lhe faltar quando menos cuida; não se podem assegurar nossas esperanças em cousas transitorias. Só Deos tẽ este louvor, porque nunca falta, se nõs lhe não quizermos faltar, nunca deixa frustradas esperanças que nelle se ponhaõ.

August. Assim diz Santo Augustinho delicadamente: *Nemo te amittit, nisi qui te dimittit.* Mente Senhor quem diz que vòs lhe faltais, porq̄ nunca faltais, senãõ a quem primeiro vos falta; nunca deixais, senãõ a quẽ vos deixa. Bẽ se arrimava S. Paulo à

Rom. 8. arvore segura, quando dizia: *Quis nos separabit à charitate Christi?* Bem sei a quem me cheguei, & aonde puz minhas esperanças, porque estou preso, & unido com hum Senhor q̄ nunca me pôde faltar; & porque eu !me! não aparto, elle se não aparta, & eu não me posso apartar, nem apartarei nunca, porque estou bem preso, & sei o que interesse de tão boa prisaõ. Anna mulher de Tobias, bem imaginava de seu marido, que não empregara bem suas esperanças, pois

Tob. 2. Deos lhe respondia com adversidades: *Manifestè vana facta est spes tua.* Dizia ella: agora se vè manifestamente, que

que sahio vã a vossa esperança, final he que a não empregastes bem. Mas falava como quem temia pouco a Deos, & tinha delle menos conhecimento, falava como mulher imprudente, & muito ignorante, porque esperanças postas em Deos nunca ficão frustradas, nem podem ser vãs. O mesmo lhe dizião os amigos: *Ubi est spes tua*, aonde està a vossa esperança, que tanto confiaveis no Senhor do Ceo, que em lugar de premio vos dà castigos. Tambem estes falavão como ignorantes, que alcançavão pouco da clemencia, & misericordia de Deos, porque o santo velho Tobias tinha bem fundadas suas esperanças, & assim não lhe podia Deos faltar com misericordias suas. Os mundanos são os que fundão mal as suas, & por isso diz David, que o coração delles he vão: *Cor eorum vanum est*. O coração dos mundanos he vão, & de coração vão procedem cuidados vãos, & esperanças vãs, das quaes nunca alcanção desejados effeitos, & quando vão para lançar mão delles, achão se frustrados; & de qualquer destes se pôde dizer o que Oseas diz em figura da mulher adúltera: *Seque- tur amatores suos, & non apprehendet illos*. A alma q̄ faz adulterio a Deos, pondo seus desejos, & esperanças nos gostos da vida que lhe agradão, irá apoz esses gostos, apoz esses contentamentos que ama, & não os alcançará, porque quando lançar mão delles, para os ter seguros, não os achará, nem terá nelles o que esperava; ver-se-ha frustrada em suas esperanças, como se virão aquelles, que por ditos de falsos profetas, estando cattivos em Babylonia, esperavão liberdade, passado certo tempo que elles limitavão a seu cattiveiro; & quando se achãrão enganados em suas esperanças, disserão: *Transiit mensis, finita est aestas, & nos salvati non sumus*. Basta que passou o Verão, passou o Estio, passou hum anno, & outro anno, & nós cattivos como dantes, sem chegar dia de nossa liberdade; mas que muito, pois confiamos em palavras de homens, & nelles fundamos nossas esperanças, que por isso são vãs, porque se põem nelles; não são assim as que se põem em Deos,

porque ellas são seguras, & não podem faltar. Assim diz Da-

Psal. 21. vid, que nunca ficavão frustradas as esperanças daquelles Pa-
dres, & Patriarcas antigos, que esperavaõ em Deos: *In te
speraverunt patres nostri, in te speraverunt, & non sunt
confusi.* Nem elles ficavão confusos, nem suas esperanças
perdidas, porque as sabião pôr em Deos, & não em os ho-

Psal. 24. xão de alcançar fins desejados: *Qui sustinent te, non confun-
dentur*, diz o Psalmista. Os que esperão em Deos, & por
mais que esperão, não canção de esperar, & perseverão nisso,
não ficarão confusos, como não ficou aquella mulher Cana-
nea, que tirando suas esperanças do mundo, & pondo-as no

Mat. 15. Senhor, esperou d'elle remedio para sua filha, & por mais q̄
lhe impedião o falar, & representar sua angustia a Christo, não
deixou de ir apoz elle, & esperar d'elle o que buscava. E quan-
do parecia q̄ o mesmo Senhor a não ouvia, & que dissimulava
com a resposta, então mereceo ser despachada, & louvada por
bocca do mesmo Salvador. Soube chegar-se a elle, & esperar
nelle, soube perseverar nas esperanças, & não lhe sabião frus-
tradas: *Accedite ad eum, & illuminamini, & facies vestrae
non confundentur*, diz David: chegaivos a Deos com dese-

Psal. 33. jos da alma, & esperanças firmes, que eu vos asseguro que não
fiqueis corridos, & envergonhados, como ficaõ os q̄ se achão
enganados de outrem, ou os que não alcançãõ o que hião pe-
dir a outrem, que pedindo, & não alcançando o que pedem,
ficão corridos, & envergonhados. Assim o ficou a mãy dos fi-

Mat. 20. lhos do Zebedeo, & os mesmos filhos, quando pedirão a Chris-
to a mão direita, & esquerda no seu Reyno, & não alcançãõ
o que esperavaõ, antes ouvirão resposta esquiva, & severa:
Nescitis quid petatis; ficando confusos, & envergonha-
dos, porque se chegarão a Christo com pés corporaes, & não
com affectos da alma. Não puserão nelle esperanças sobre-

Chrys. naturaes de premio soberano, mas esperanças humanas de
Reyno temporal: *Nihil spirituale petebant*, diz Chrysof-
tomo.

tomo. Não pedião cousa espiritual, erão suas esperanças vãs, por isso ficarão frustradas, elles confusos, & a mãy não menos envergonhada. Quem não quizer que suas esperanças se-
 jão vãs, ponha-as em Deos, & não nos homês, nem em cousa da vida, & não lhe ficarão perdidas, nem elles com as faces vermelhas, como o experimentava o Profeta Rey, que não sabendo esperar mais que em Deos, tinha confiança de nunca se achar confuso, nem frustrado de suas esperanças, quando dizia: *In te Domine speravi, non confundar in eternũ.* Porque eu Senhor esperei em vòs, nunca me confundirei, ne acharei enganado de pôr minhas esperanças em vòs, que remediais, & salvais a quem espera em vòs. *Psal. 30.*

Hervas.

Brevidade.

Consideração primeira.

Assim como as flores em gèral significão esperanças, as Hervas dizem Brevidade da vida; & este significado consta da divina Escrittura; pelo que tratãdo o Profeta Rey da limitada vida do homem, diz: *Mane sicut herba transeat: mane floreat, & transeat; vespere decidat, induret, & arefcat;* como se dissera. Por determinação do Eterno, & Poderoso Deos he o homem semelhante à herva, que se na sua primeira idade florece, depressa se murcha: porque assim como pela manhã quando o Sol nasce, a herva parece que toma novo ser, & vigor, cresce, alenta-se, & por augmentos se veste de mais perfeita verdura; mas depois vindo o ardor do mesmo Sol, a queima, & despoja de sua belleza, até que desfamparada do radical humor, vem a seccar. Assim o homem no principio de sua vida, & manhã de sua mocidade, saindo como das trevas da noite, florece, cresce, & augmenta se nas forças, valor, & vigor da idade; mas à tarde, que os annos

August.

Psal. 36.

creſcem, a velhice ſe chega, & o tempo o deſengana, como de repente ſe vê privado de ſua verdura, & flor da idade, faltando-lhe o natural humor, & finalmente ſeccando com ſe lhe acabar a vida. Acerca diſto diz o grande Auguſtinho, que o homem floresce pela manhã como herua, & à tarde cahe quando ſe vê nas mãos da morte; apoz iſſo endurece no cadaver, & na ſepultura ſecca, & murcha: *Decidit in morte, dureſcit in cadavere, areſcit in pulvere.* O que tudo lhe naſceo do peccado; daqui procede ſua pena, & o breve limite da vida que tem. Melhor ſe declara eſta figura no Pſalmo trinta & ſeis, aonde (porque quando alguns vem florescer aos peccadores, ſe admirão de Deos lhes dar tantos bens, & prosperidades) David os exhorta, que ſe não maravilhem diſſo; porque riqueſas, & felicidades dos peccadores aſſim acabão, & deixão de ſer, como hervas, que ſe florescem por breve tempo, depreſſa perdem a verdura com a quentura do Sol: *Quæ admodum olera herbarum citò decident.* Não ſão permanentes as prosperidades dos homens, mas enganofas, de pouca dura, & de nenhũa firmeza; & elles quando parece que florescem na vida, depreſſa ſão privados de ſuas bonanças, & variedades; tem a firmeza que as hervas tem, as meſmas mudanças, & variedades: *Vidi impium ſuper exaltatum, & elevatum ſicut cedros Libani, & tranſivi, & ecce non erat.* Diz o meſmo David, vião peccador exalçado, & levantado, como os cedros do monte Libano: tornei a paſſar, & já o não vi, porque já não havia roſto, nem memoria delle; depreſſa ſe lhe paſſou ſua gloria, ſeus deleites, & ſuas felicidades.

Conſideração ſegunda.

A Vida por comprida que ſeja, he breviſſima a reſpeito da eterna que eſperamos alcançar. A brevidade da preſente he grande miſericordia de Deos, pois em tanta brevidade ſe nos dá occaſião de adquirir tão grande bem, como

he

he gloria que não tem fim. E se esta se não adquire sem trabalho, he Deos tão misericordioso, que com a brevidade dà vida nos diminue este trabalho, & não quer que os Justos por largos annos padeção miserias, & tribulações. Fez Deos esta vida breve, porque a não amassemos, como se fora permanente, & para que só tivessemos desejo da que sempre ha de durar. Mas para que he vida comprida, a que he hum vivo tormento, hũa pena prolixa, hũa peregrinação molesta, hum desterro miseravel, sombra da morte, aposento de tribulações, deserto em que nos perdemos, estrada chea de ladrões, doença incuravel, penitencia rigorosa, guerra que sempre afflige, & tentação que de continuo cança, & inquieta: *Vita Job 9. mea levior cursore*, diz Job, considerando a brevidade da vida. A minha vida he mais ligeira que hum homem q̄ corre por posta, porque este por muito que corra, & apressado que vâ, de algum modo para, & por pouco que seja, alguma vez descança; mas a vida do homem he hum caminhante que já mais para, hum correyo de posta que em nenhũa parte descança. Tudo o que nella se vive, se tira do espaço della, sendo cada dia menos o que lhe resta por andar; he estrada em que se não permite ir devagar, mas correm todos por ella em igual momento, & chegão a hum fim por atalhos differêtes. He a vida na sua brevidade comparada a hum rio, que com as enchentes do inverno corre com ligeireza para o mar, tornando desse mar a sair outros rios. Os homens, diz Santo Augustinho: *Nascuntur, vivunt, moriuntur, & aliis morientibus, alii nascuntur: rursusque aliis nascentibus, alii moriuntur*. Nascem os homens, vivem, & morrem: morrendo huns, nascem outros; nascendo outros, morrem outros; assim vão succedendo huns aos outros; & todos por fim entraõ no mar da morte, & não permanecem, porque saõ como hervas, que se pela manhã florecem, à tarde seccaõ. Tem os homens duas vidas, hũa a que de presente passaõ, outra a que esperaõ possuir; esta transitoria, a outra sem fim. Quem quizer possuir

August.

Eccl. I.

sua eterna, sofra a que hoje tem transitoria: *Tolera in qua es, & habebis quam non dum habes.* Sofrei esta em que estais, & alcançareis a que esperais, & para terdes lembrança da celestial, esqueceivos desta mortal, porque nossa verdadeira vida não está neste mundo, aonde quanto debaixo do Sol está, he fugeito a vaidade, & mais vaõ que tudo o homem, que faz caso de vida tão breve, incerta, & variavel.

Feno.

Gloria do mundo.

Consideração primeira.

1. Pet. I.

OFeno significa gloria do mundo, como claramente se collige da divina Escriitura, que em diversas partes faz comparação das cousas do mundo ao Feno. O Apostolo S. Pedro diz: *Omnis gloria ejus tanquam flos feni: exaruit fenu, & flos ejus decidit.* A gloria tēporal he como a flor do feno, que em se elle seccando, cahe ella. O mesmo quasi diz o Apostolo Santiago na sua Canonica Epistola: *Quoniam sicut flos feni transibit: Exortus est enim Sol cum ardore, & arefecit fenum, & flos ejus decidit, & decor ejus deperit.* Glorie-se o humilde, porque ha de ser levantado, & o rico veja seu abatimento; porque assim ha de passar, & deixar de ser o que he, como passa, & deixa de ser a flor do feno. Hum dia que o Sol saya com ardor, basta para o seccar, cahe a flor, & fenece a sua graça. Assim succede ao rico em seus caminhos, & intentos. Cuida que tem ainda jornada comprida que andar até a morte, mas hum dia que lhe dà hũa febre apressada: *Arefecit fenum, & flos ejus decidit.* Secca-se o feno, & cahe a sua flor. Como succedeo àquelle rico Avarento, que estando hum dia à noite fazendo largas contas das obras que havia de fazer, & da boa vida que havia de levar ao diante, ouviu hũa voz que lhe disse: *Sulte, hac nocte animam tuam reptunt*

Luc. 12.

tunt à te. Homê tonto, q̄ pensamêtos, & traças saõ as tuas, q̄ esta noite has de morrer, & baixar aos infernos: *Noli emulari in malignantibus*, diz David. Quando virdes que os malignos florecem nesta vida em prosperidades, & gloria do mundo, naõ cuideis que Deos se descuida dos bons, que padecem miserias, & se lembra dos malignos, que tem todos os bens da vida, porque a verdade he, que Deos se lembra de vòs, & delles se descuida: *Quoniam tanquam fenum velociter arescent*, porque elles como feno muy depressa murcharaõ, & deixaraõ de ser. Tudo se lhes ha de passar a correr, porque tudo o que tem, & possuem, he comparado ao feno.

Psal. 36.

Consideração segunda.

Esta gloria temporal, & estes bens do mundo que saõ feno, inveja o demonio quando vê, que alguns com elles fazem bem a outros; como os invejou a Job, que lhos tirou em hum momento, & entaõ se entendem pelo demonio aquellas palavras: *Fenum quasi bos comedet*. O demonio comerà feno, como se fosse boy. Porque o demonio tem isto, que a alguns offerece este feno de bens, riquezas, & gloria do mundo, & a outros o tira. Offerece-o a quem entende que póde levar aos infernos, com lhe grangear prosperidades, & bens do mundo; & tira este feno a quem vê, que com os bês da terra sabe fazer thesouro para o Ceo, dando esmolas, & fazendo bem com elles. Offereceo-o a Christo nosso bẽ, quando lhe mostrou de hum alto monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum*. E com esta tentação acomete a muitos q̄ quer levar por avaresa, & ambição. A outros tira o que tem por divina permissaõ, a fim de lhes fazer perder a paciencia, & entaõ se diz delle: *Fenum quasi bos comedet*. E assim he de advertir, que o demonio busca todos os meynos possiveis para enganar, & levar almas ao inferno; porque se o homem he feno,

Iob 40.

Matt. 4.

Iob 40.

no,

- no, elle se faz boy para comer esse feno: *Fænū quasi bos comedet*. Se o homem he terra, elle se faz fapo, q̄ coma essa terra: *Terram comedes*. Se o homem he carne, & sangue, elle he corvo que se ceva nella. Se o homem he caminhante q̄ passa seu caminho, elle he leaõ que lhe sahe ao encontro para o despedaçar. E se o homem para lhe fugir se põem a cavallo, elle he *Cerastes in semita mordens unguam equi, ut cadat ascensor ejus*. He hũa serpente, que pondo-se no caminho, & cobrindo o corpo de terra, para que o não vejaõ, passando o cavalleiro, morde a unha do cavallo, & tem sua peçonha tal força, que faz cair delle abaixo a quem vai em cima delle. E se o homem se faz lavrador para se mear na terra de seu coração bons pensamentos, & propósitos, elle entãõ se faz ave do Ceo, que come os grãos lançados nessa terra. Se andamos no mar desta vida como peixes, ahi he balea que nos traga. E se o homem he Estrella, elle se faz dragaõ do Apocalypse para dar com elle em terra. Se somos casa, & edificio, elle se faz vento furioso para o derribar, & pôr por terra. Se somos somente do pay de familias, elle he o inimigo do homem, que por cima lança sizania. Em fim elle se converte em todas as figuras, com as quaes nos possa destruir, & enganar. E quanto mais perfeito o homem he, procura ter melhor bocado nelle, como diz Abacuc: *Cibus ejus electus*. Sempre o demonio anda ao melhor bocado; o mais perfeito pretende que seja seu manjar.

De tudo se conclue, que o feno significa gloria mundana, dizendo Santo Ambrosio: *Hujusmodi est gloria hominis sicut flos fæni*. Da mesma maneira he a gloria do homem, como a flor do feno. Ao Profeta Isaias disse Deos, que clamasse, & levantasse a voz, & elle respondeo: *Quid clamabo? Senhor, que hey de dizer? Que hey de clamar? Omnis caro fenum*, (diz Deos) *& omnis gloria hominis ut flos fæni. Aruit fenum, & flos decidit*. Clama em voz alta, que toda a carne he feno, & toda a gloria do homem he como a flor do feno; sec-

seccoule o feno, & eis a sua flor cahida no chaõ. Vereis hoje a hum homem bem disposto, & bem proporcionado, deulhe hũa doença, já o naõ conheceis de desfigurado: *Aruiit fennum*. Vereis a outro rico, & estimado, teve hum triste successo, cahio em pobreza, já niuguem o vê. Que foi isto? *Omnis gloria hominis sicut flos feni*. Foi a sua gloria como a flor do feno, que de pressa passou. Não pretendamos gloria, que se compãra ao feno, mas aquella que com nenhũa cousa da vida tem comparaçãõ, a qual alcançaõ aquelles que plantados em a casa do Senhor, sempre florecem, & daõ fruttos de graça. *Psal. 91.*

Arruda.

Castidade.

Consideraçãõ primeira.

QUatro hervas nomeou por sua propria bocca Christo Senhor Nosso, como he a Arruda, a Ortelã, o Endro, & os Cominhos, quando hũa vez reprehendendo aos Fariseos de muitos vicios, & maldades que tinham, entre outras cousas lhes disse: Coitados de vós Fariseos, que fazeis muito caso de desimar a Arruda, a Ortelã, o Endro, & os Cominhos, sendo cousas minimas, & de pouca substancia, & das grandes nenhum eserupulo fazeis, pervertendo a justiça, & a caridade de Deos; sendo assim que vos importava muito fazer isto bê, & com tudo não passardes por aquillo, ainda que seja de pouco valor: *Vae vobis scribe, qui decimatis mentam, & anethum, & cymium*. Esta excellencia tem estas hervas de as nomear o Author das cousas por sua propria bocca. As significações dellas não são taõ manifestas, porque não houve Authores que se cançassem em as descobrir: com tudo da Arruda diz Pierio, que significa castidade, & foi geroglyfico della de tempo antigo; porque he esta herba quente, & secca em

*Mat. 23.
Luc. 11.**Pieriusi*

terceiro

Plinius.

terceiro grao, & consta de partes subtilissimas; & assim tomada no comer, ou beber, secca, & queima toda a potencia de gézar, endurecendo-a pela seccura, & queimando-a pelo calor que tem. E porque todas as serpentes, & bichos peçonhentos fogem da visinhança da Arruda, assim do coração do casto fogem as torpezas, & malignos pensamentos. He esta herua grande remedio contra a peçonha, posto que alguns animaes antes de pelejarem com outros, que são venenosos, primeiro comem folhas de Arruda, para lhes não empeceré as mordeduras dos bichos peçonhentos. De Mithridates Rey do Ponto se conta, que receando-se muito de lhe darem peçonha, costumava todos os dias comer em jejum vinte folhas de Arruda metidas dentro em hum figo, com duas nozes, & sua pedra de sal, por ser unico preservativo contra a peçonha, & contra a peste.

Consideração segunda.

*August.**Chryf.*

A Castidade he virtude Angelica, que faz os homens semelhantes aos Anjos, sendo a dos homens mais louvada, que a dos Anjos, porque estes a tem naturalmente, & a conservaõ sem guerra, ou contradicção algũa, & os homens a guardão entre continuos combates dos inimigos, estando sempre o appetite em armas, as payxões em desafio, o demonio em campo, & todo o mundo contra ella. Assim diz S. Jeronymo, que os demais vicios são menos poderólos, porque tem as armas com que nos offendem, fóra de nós outros, mas a carne he inimigo caseiro, & viver em carne sem carne he cousa rara. Santo Augustinho diz, que a peleja da castidade he de cada dia, & que entre as guerras do Christão são mais duras as que a castidade padece, porque o combate he continuo, & a vittoria rara. S. Chrystomo diz, que Deos he amador da castidade, & Author della. Pelas castissimas entranhas da Virgem veyo Deos ao mundo, para mostrar que he Deos Author

Author da Castidade. O Evangelista S. João diz, que vio a Christo cingido pelos peitos de hum cinto de ouro purissimo, que denota sua purissima limpeza (porque entre os peitos fica o coração) sinalando o ouro a pureza que nelle havia. Como este Senhor seja amador da pureza, não quer companhia senão de castos, & virgens. Estes o seguem para onde quer que vai. Assim diz o mesmo Evangelista, que vio ao Cordeiro em cima do monte de Sion, acompanhado de cento quarenta & quatro mil Virgens. E S. Gregorio diz, que com rafaõ forão vistos os Virgens em lugar alto, porq̃ aquelles que excedem as forças da natureza, em altissimo cume das virtudes devem estar collocados. S. Jeronymo diz, que entre todas as virtudes tem a castidade o mais eminente lugar, & entre os homens os que se sinalãraõ por melhores forão Virgens. Em os limites da natureza, sem comparação algũa, o melhor homem foi Christo Senhor nosso, & este Virgem, entre as mulheres a melhor foi a Virgem Senhora nossa, & esta foi Virgem: entre todos os Apostolos, o que por excellencia teve nome de Apostolo, foi S. Paulo, & este Virgem: entre os Evangelistas o que mais se levantou com o voo de Aguia, foi S. Joaõ, & tambem Virgem. Entre os Martyres Sãto Estevão, que foi Virgem: entre os Confessores S. Bento, S. Domingos, & S. Bernardo, que forão Virgens: de sorte q̃ o escolhido, & melhor da humana natureza, o mais sublime, & excellente he o estado dos Virgens. E tudo o mais lhe fica distante a perder de vista: *Sicut se habent hæc metalla, fer- rum, argentum, & aurum, ita se habent conjugium, viduitas, & virginitas.* Diz S. Jeronymo, a differença que vai do ferro à prata, & da prata ao ouro, essa ha entre o estado dos casados ao das viugas, & do estado das viugas aos que são virgens: porque a virgindade he ouro purissimo, & os mais estados huns são de ferro, outros de estanho, outros de terra. Agora vede a ventagem que o ouro leva à prata, ao ferro, & ao estanho, & vereis a que esta virtude leva às outras: *Sicut se habent*

Apoc. 1.

Apoc. 14

Gregor.

Hieron.

Hieron.

- August.* *habent Stella, Luna, & Sol, (diz Santo Augustinho) ita tres illi status, virginitas autem Solest.* A virgindade a respeito dos outros estados he hum Sol resplandecente, & claro. Os outros serão Estrellas, serão como a Lua, mas a virgindade Sol, que sem comparação vence os demais Astros em resplandor, & claridade. Daqui veyó dizer Eusebio do Emperador Constantino, que tinha tão grande respeito às Virgens consagradas a Deos, que não lhe faltava mais que adorallas: *Virginum chorum tantum non adorabat.* Toda a mais reverencia lhe fazia, & fóra de as venerar como a Deos, davalhes toda a honra que se póde dar a quem vive sobre a terra. Respeitaria por ventura, que a alma he hũa pessoa casta, & pura, he templo aonde Deos mora, & aonde o Espirito Santo faz sua habitação: *Qui castum habet cor, ibi discumbit Christus.*
- Chrysof.* Diz Chrysofotomo, aquelle que tem coração casto, tem mesa posta aonde se assenta Christo a comer saborólos manjares. Quem pois quizer dar convite a Christo, seja casto, & tenha pureza, porque quem assim a não tiver, não póde possuir a Christo, nem trazer a Christo no seu coração, porque este Senhor só habita em corações castos. A castidade purifica o entendimento, & dispõem para receber os rayos da divina luz. A castidade não se ajunta com a malicia, nem com a inveja, nem com a cobiça, nem com a avareza, nem com outro meyo algum, mas acompanha-se de cautela, & prudencia, de caridade, & misericordia, de temor de Deos, & de fortaleza.
- Gen. 21.* Por isso lancemse fóra de casa, que he o aposento da alma, os filhos da escrava, que são os vicios, fiquem os filhos da mulher livre, que são os castos, & santos pensamentos; fiquem as virtudes, que são os lirios aonde o Esposo Celestial se apascēta; fiquem as virtudes, que todas são Angelicas, & principalmente a Castidade, que he Angelica, pela qual os homens singularmente se fazem semelhantes aos Anjos, & a natureza humana se fortalece de soberanas graças, por onde disse Christo dos castos: *Neque nubent, neque nubentur: sed erunt sicut Angeli*

Angeli Dei in Celo. Os castos permanecem na castidade, não casão, nem admittem casamento, mas são como Anjos de Deos em o Ceo: *O castitas Deo chara!* diz Chrystomo. *Chryf.* O castidade agradavel a Deos, amada de Christo, morada do Espirito Santo, semelhança do Reyno dos Ceos, quem te tivera, quem te possuira, para que contigo possuira a Deos, & só tivera a Deos em seu coração, como o tiverão os castos, q̄ vivendo santamente na terra, forão nella o que são Anjos de Deos em o Ceo!

Ortelá.

Cruesa.

Consideração primeira.

A Ortelá he herva, que como acima fica dito, Christo *Mat. 23.* nosso bem a nomeou por sua bocca: tem ella tantas vir- *Luc. 11,* tudes, & he tão proveitosa para muitas enfermidades, que alcançou entre os Hespanhoes nome de yerva buena, & com fer boa, querem que signifique cruesa, sendo grande darselhe tão cruel significado. Fundamento dello não ha descobrirse, senão for pela virtude que esta herva tem estitica, calida, & desseccativa, qualidades proprias de pessoas crueis, q̄ se pelo contrário tivessem qualidades frias, seriaõ fleumaticos, & brandos, não colericos, & agastados, como são muitos.

Consideração segunda.

A Crueldade he vicio enorme, porque he inimigo da mayor virtude, que he a misericordia. Procede da muita colera, & assim lhe chama Seneca filha da ira, quando aconselha a hum seu amigo, que não seja cruel, & que deixe a crueldade, & a mãy da crueldade, que he a ira: *Seneca.*
Respue crudelitatem, & matrem crudelitatis, iram.

- Este vicio nunca se achou senão em gente malissima, & o Espírito Santo diz nos Proverbios, que as entranhas dos maos
- Prov. 12* são crueis: *Viscera impiorum crudelia*, porque ainda que estes sendo maos, não fação mal a ninguem, baste que fação mal a suas consciencias, para terem nomes de crueis. Cruel he para comfigo (diz Santo Augustinho) o que corrompendo-se com péssimos costumes, destroe em si mesmo o templo de Deos, aonde elle devia fazer sua habitação; cruel para comfigo o que ama a maldade, porque Christo diz, que quem ama a maldade, aborrece a sua alma. Cruel he para comfigo aquelle que para com o proximo não sabe ser misericordioso; porque primeiro faz mal a si o que aos outros não quizer fazer bem, & em lugar de lhes fazer bem lhes faz mal: *Qui autem crudelis est, etiam propinquos abjicit*, diz Salamaõ, ou como tem outra versão: *Qui turbat proximum suum, crudelis est*. Quem perturba ao seu proximo, quem o inquieta, quem lhe faz mal, he cruel, porque antes de o inquietar se inquieta a si, antes de lhe fazer mal, faz mal a si: *Crudelis est*. E a quem he cruel está promettida morte cruel. Porque se o Christão tem nome de cruel, porque se não compadece do pobre, & cerra as orelhas ao clamor do afflicto, também Deos se não compadecerá d'elle na morte, & terá para com elle cerradas suas orelhas: *Clamabit, & non audiet*. Clamará, & não ferá ouvido. Se o homem tem duro coração para nunca se emendar, nem arrepender:
- Prov. 15* *Cor durum male habebit in novissimo*. Diz o Espírito Santo. O coração duro passará mal em a hora novissima, alli lhe faltará a piedade de Deos, de que seu obstinado coração se não quiz aproveitar na vida. Para estes crueis, & outros semelhantes ha de ser cruel o dia do Juizo, como diz Isaias: *Dies Domini crudelis, & indignationis plenus*. Virá o cruel dia do Senhor, cheyo de indignação, ira, & furor; dia que particularmente ferá cruel para os que vivem em fartura, & abundancia de riquezas, como diz Oseas:

Vae qui opulenti estis in Sion. Ay de vòs, os que sois ricos, & fartos, & não tendes mais certo indício de serdes reprovados, que o fastio que tendes do pobre, & passardes por elle, sem delle fazerdes caso. Ay de vòs: *Quia servati estis in diem malum*; porque estais guardados para hum dia maligno, dia cruel para quem foi cruel, & para hum fim da vida, que Deos dà cruel a quem o foi para com os proximos. Como Nabal o teve, acabando mal, & repentinamente, porque mostrou entranhas de crueldade ao pobre David, que morria de fome: *Percussit eum Dominus, & mortuus est.* 2. Reg. Como a cruel que era, Deos foi o que o ferio, & matou, 15. porque aborrece tanto gente sem piedade, & misericordia, que quando quer que morrão, elle he o que com suas mãos os fere: *Percussit eum Dominus.*

Consideração terceira.

T Ambem ha outro genero de crueldade, que S. Bernardo aponta, dizendo, que são crueis na Igreja de Deos todos os Ecclesiasticos, & Religiosos, que retém consigo mais do que haõ mister para o sustento, & vestido. Não quer Deos que a sua gente escólhida para o ministerio santo, possua mais do que ha mister, para remedio da vida; por isso mandava que o Tribu Sacerdotal de Levi não possuísse terra algũa, nem tivesse quinhaõ entre os mais Tribus; porque o mesmo Deos tomava à sua conta sustentallos, elle quiz ser sua possessão. Nunca Abrahaõ quiz possuir terra em quanto viveo, mais que hũa lapa que comprou para sepultura sua, & de seus descendentes. Que só para enterros quiz ter propria terra. E hoje todos a procuraõ ter para regalos, & contentamentos seus. Pois vejaõ os Ministros da Igreja não fiquem com o nome de crueis, que S. Bernardo lhes dà, retendo em si coufas que pòdem escusar: vejaõ que haõ de ser esmoleres com os pobres das rendas que Deos manda depositar em suas

Osee 10. mãos. Quando não, temãose da ameaça que por Oseas fez Deos aos ricos, & abastados do mundo: *Quia servati estis in diem malum.* Olhai que estais guardados para hum dia mau.

August. A proposito da cruesa natural, que em muitos homens ha, diz Santo Augustinho, que a crueldade dos homens he mayor que a das bestas feras, & deixa-se ver em muitos feitos cruellissimos, que homens obrãõ, & tigres de Hircania não fiserãõ. As crueldades dos tyrannos com que por tantos annos combateraõ a Igreja de Deos, foraõ grandissimas, & as mais dellas invétadas pelos demonios: & com encherem taõ grande numero de Martyres, não prevalecêraõ, porq̃ tinha dito Christo, que todo o poder do inferno não havia de prevalecer contra ella. As crueldades de Nero, & Caligula foraõ famosas; porque este tinha taõ cruel condiçaõ, que dizia: Que nenhũa cousa estimãra mais, que ter o povo Romano só hũa garganta, para de hum golpe do seu cutello matar a todos juntos: & aquelle foi taõ cruel, que mandando pôr fogo à sua Cidade de Roma, de hũa janela o estava vendo, dizendo que se deleitava na fermosura daquellas chammas, & entre tanto cantava hũa poesia que tinha composto do incendio de Troya. Chegou apoz isso sua crueldade a mandar matar sua mãy Agripina, & ella vendo diante de si o ministro cõ a espada desembainhada, que hia para lhe tirar a vida, lhe disse: Que justo era que com ferro lhe passassem as entranhas, & esta fosse sua morte; porque entranhas que tinhaõ gérado tal monstro, bem era que tivessem tal fim. Bem mostrou a cruel natureza que tinha Annibal, vêdo hũa grande cova cheia de sangue humano, q̃ levantou a voz, dizendo: Oh que taõ alegre vista, que taõ fermoso espectaculo! *O formosum spectaculum!*

Seneca.

Endro.

Endro.

Preguiça.

Consideração primeira.

O Endro que em Latim se chama Anethum, he ortaliga muito conhecida, & póde-se jactar, que a nomeou Christo nosso bem por sua bocca, como atras fica referido; por ella se significa a preguiça, & descuido; a razão he, porque esta herua provoca muito a sono, por ser quente, & secca: & por isso quando os antigos se assentavão nos convites, se coroavão com Endro, porque da mesa querião pegar no sono, & depois de fartos adormecer logo. E porque quem muito dorme, he muy preguiçoso, daqui vem que quem diz sono, diz preguiça, significada nesta herua. Plinio diz, que o Endro nasce para as cosinhas, & a preguiça para os comilões: porque como hũa pessoa dà em muito comer, pelo conseguinte he dada ao sono, à preguiça, & descuido de todas as cousas, não se lembrando mais que do seu estamago, & das horas que ha de dormir. Dos quaes diz S. Paulo: *Quorum Deus venter est.* O seu estamago he seu deos, a este adorão, & para este buscão os regalos, & bons comerres. Dos preguiçosos he proprio dormir muito, & assim os desperta Salamão, dizendo: *Usquequo piger dormies?* Preguiçoso, atéquando has de dormir? Em que ha de parar este teu sono? Que he hũa carga pesada, porq̃ tudo te faz pesado, & carregado. Dizia Cato, que a preguiça era causa de muitos males, porq̃ os preguiçosos não fazendo couza bem feita, aprendião a fazer tudo mal, dando a entender, que era a preguiça origem de todos os males. A preguiça, a froxidão, o descuido, & negligencia (diz Augustinho) são vicios que fogem a todo o trabalho, ficando lhes penoso aquelle que a todos he proveitoso. E no outro lugar diz, que por preguiça fugimos ao trabalho de que

*Mat. 23.**Luc. 11.**Philip. 3**Prov. 6.**Cato.**August.*

nos vem proveito, & interesse, & que não queiramos ser preguiçosos na obra de que esperamos paga, & galardão: *Noli piger esse in opere, cujus mercedem desideras*. Pois se desejais gloria, se salvação, não sejais descuidado em materia de vossa salvação. Mas he o que diz o Espirito Santo: *Vult, & non vult piger*. O preguiçoso quer, & não quer. Perguntai a hum peccador se quer salvação, diz que si. Dizeis lhe que para se salvar ha mister fazer penitencia, diz que não quer: *Vult, & non vult*. Quer ir ao Ceo, mas não quer os meyoys por onde se vai ao Ceo. He doente, & não quer ser saõ; padece males, & com elles quer viver: *Pigrum dejicit timor*. O temor faz cobarde ao preguiçoso, diz o mesmò Espirito Santo, porque nada se dispõem a fazer com o temor que tem a tudo o q̄ tem semblante de rigor. Não jejua o preguiçoso, porque recea a fome, & a abstinencia do jejum: não se levanta cedo, porque teme o frio da manhã; não quer trabalhar, porque o assombra a asperesa do trabalho; não caminha, porque teme cançar; não navega, porque ha medo do mar. Tudo lhe põem terror, tudo o faz timido, & cobarde para não fazer cousa de proveito, que he o que nos mesmos Proverbios se diz: *Propter frigus piger arare non vult*. O preguiçoso por amor do frio não quer lavrar a terra, & morre de fome. Aquelle grande Capitão da Grecia Themistocles dizia, que a preguiça era sepultura de hum homem vivo, porque o preguiçoso he como cousa morta no mundo, nada faz, em nada se occupa, vive como se não vivèra, he hum corpo que occupa lugar, & serve de sepultura a hũa alma viva. Donde passando Seneca algũas vezes por hũa quinta, aonde hum ministro do Emperador se tinha recolhido, por fugir do tumulto da Cidade, & levar boa vida, dizia: *Hic situs est Vacua*. Aqui està sepultado Vacua, que assim se chamava o retirado da Corte. Aqui jaz sepultado o que vivendo não vive, pois querendo só viver para si, & para seu regalo, fica sendo morto para a mais gente. E ainda que he louvavel o buscar hũa pessoa o sossego da alma,

alma, & fugir a negocios, & tratos da vida; com tudo vituperava Seneca a vida deste Vacio, que por ser idiota, & muito rico, tratava só de se regalar naquelle sitio, sem cuidar de mais nada. E dizia delle: *Non vivere, sed latere*. Que aquillo não era viver, mas estar escondido, & estar sepultado, entendendo que nenhũa differença havia entre hum homem morto, & hũ que só tratava de seu descanso, & ociosidade. A este proposito dizia Catão, que o homem que não procurava fazer sempre algũa cousa boa, não devia chamar-se homem. E que de tres cousas tinha pezar: a primeira, de ter descoberto algum segredo a sua mulher: a segunda, de ter navegado por mar o que pudéra andar por terra: a terceira, de algum dia que por preguiça deixára de fazer algũa boa cousa.

Cat. Sen.

Consideração segunda.

CHama S. João Chrysofomo à preguiça ferrugem da alma, que lhe gasta o resplendor, & viveza, como a ferrugem gasta o lustre da espada, & do metal bornido. O exercicio das tribulações não deixa criar esta ferrugem, porque estas dão muita viveza, & proveito à alma, & a fazem apta para todos os bens. Ver como este Santo Doutor pinta a hũ preguiçoso. Nasce o Sol, diz elle, descobre seus fermosos rayos, desperta a todos para o trabalho. Sahe o lavrador a entender com sua lavoura, o hortelão com sua horta, todos os officiaes com suas artes mecanicas; só o preguiçoso se deixa estar, dorme toda a noite, dorme toda a manhã, & quando se levanta he para comer, & encher o estamago, cousa propria de bruto, tratar logo pela manhã de se fartar. Levanta-se este, quando já os outros estão cançados de trabalhar, apparece: *Nil habens hominis*. Tendo nenhũa ccusa de homem, & muitas de animal, que na humana fórma se deixaõ ver. Apparece, & sentando-se, faz, ou ordena cousas, que melhor lhe fora estar dormindo, que vigiar, porque só vigia para comer,

Chryf.

Herod.

Diodor.

August.

Prov. 31

Rom. 12.

Sap. 3.

Chryf.

& fartar-se. No demais, se lhe dizem que ha trabalhos no mudo, não se lhe dà disso; se lhe contaõ misérias de outrem, não se compadece dellas; se guerras, se dissensões, não se cança cõ isso. Assim vive, assim passa, assim morre como besta: *Cinis, & pulvis fit.* Resolve-se em terra, & põ. Achavão os Antigos, que era tão prejudicial esta sorte de gente ociosa na Republica, que entre as leys notaveis de Dacro havia hũa, em que se mandava, que aquelles que fossem julgados por ociosos, morressem morte natural. E dos Egypcios escreve Diodoro, que tinham ley, que obrigava irem todos em certos tempos apparecer diante dos Governadores das Cidades, & fazer certo officio que tinham, & de que se sustentavão; & se achavão que alguns mentião, ou erão ociosos, passavão pela mesma pena de Dacro. Tambem era notavel hũa ley de Solon, em q mandava, que nenhum filho tivesse obrigação de sustentar o pay velho, nem de o soccorrer em suas misérias, do qual não aprendeo algũa arte proveitosa para remedio da vida. Santo Augustinho diz, que na casa do sabio não ha preguiçoso algũ: *Nullus est piger in domo sapientis*, porque o homem sabio, que bem se entende, trata que todos em sua casa se occupem, & ninguém esteja ocioso. Por isso o Espirito Santo louva tanto aquella mulher, que era tão diligente em se occupar bem, & fazer trabalhar a gente de sua casa, sem comer o pão ociosa: *Panem otiosa non comedit.* Sendo neste tempo raras as q imitem os costumes desta forte mulher. Pois sejamos todos como o Apostolo S. Paulo nos aconselha q sejamos: *Solicitudine non pigri.* Não preguiçosos, & descuidados na solicidãõ q nos importa ter, principalmẽte nas cousas de nossa salvaçãõ, não nos descuidemos della, vigiemos, & trabalhemos, porque dos nossos bons trabalhos se segue fructo glorioso. Se nisto nos descuidamos, tudo o q fisermos de mal, à nossa preguiça se ha de pôr a culpa, como diz Chrysofostomo: *Constat pigritiæ nostræ quidquid perperã facimus ascribendũ.* A nossa preguiça se ha de lançar tudo o q fazemos mal, & deixamos fazer de bem.

Cominhos.

Cominhos.

Pragas, Maldições.

Consideração primeira.

OS Cominhos não tiveram estimação com os homens, pois com falar delles o Salvador do mundo, nomeando-os por sua bocca a certo proposito, não bastou isso para terem bom significado. E seria porque de tempo antigo procedia o significar Cominhos pragas, maldições, ignomias, & todas as mais execrações com que se roga mal aos homens. Assim diz Plutarco, que quando se semeavão os Cominhos, costumavão lançar-nos na terra com lhes dizerem muitas pragas, & maldições, que nunca elles nascessem, nem crescessem, &c. E que quanto estas pragas erão mayores, tanto mais crescião os Cominhos, & davão fructo. Daqui se derivou hum proverbio que diz: *Serere cuminum*, semear Cominhos, que queria dizer praguejar, & amaldiçoar. E dizião isto da pessoa praguejadora, & de mà lingua, que semeava Cominhos, quando pela bocca lançava pragas, & maldições.

Tambem pelos Cominhos erão significados os homens baixos, & viz; pelo que quando querião zombar de algum, chamavão-lhe: *Cumini sator*, semeador de Cominhos, dando a entender, que era tão baixo, & vil, que se occupava em semear Cominhos, fazenda vil, & de pouco momento, de q se póde tirar pouco proveito; mas o avarento ainda nisso cuida que o póde ter. De gente baixa, & de vil trato, se costuma dizer, que vende Cominhos. Porém o commum significado delles, he o de maldições. Estas forão sempre reprovadas de Deos, & assim o saõ em a divina Escrittura, dizendo S. Paulo, *1. Cor. 6.* que aquelles que lanção maldições, não possuirão o Reyno de Deos. E em outro lugar admoesta, que ninguem as diga: *Benedicite, & nolite maledicere.* Rogai bens aos proximos,

Rom. 12.
&

Gregor.

& não os queirais amaldiçoar. As pragas que se lanção com inadvertencia, diz S. Gregorio, que não deixarão de ter severo castigo: porque se de hũa palavra ociosa ha Deos de pedir estreita conta, quanto mais das pragas, & maldições, ainda q̄

Ier. 20.

Iob 3.

repentinhas, & não pensadas. Na sagrada Escrittura parece q̄ muitos Santos, & Profetas rogão pragas, como Jeremias diz, que maldito seja o homem que levou a nova a seu pay, que ti-

Gregor.

nha hum filho; & assim as roga Job, & David em muitos lugares. Mas como diz S. Gregorio em os Moraes, debaixo destas palavras que parecem maldições, se entendem outras cousas mysteriosas. Quanto mais que (como elle diz) ha tres modos de maldições. Hũas de justiça, como a que Deos lan-

Gen. 2.

çou a Adão porque peccou: *Maledicta terra in opere tuo.* A terra em o teu trabalho seja maldita, porque peccaste. Outras se chamão maldições em juizo de justiça, como quando

Gen. 12.

Deos disse a Abrahão: *Maledicam maledicentibus te.* Amaldiçoarei a quem te amaldiçoar. Estes dous modos só a Deos pertencem. E o terceiro a ninguem, porque esse he quando se lanção maldições com desejo de vingança, & com dõr, & payxão de algum aggravo recebido, do qual diz S. Paulo, que a ninguem que iramos amaldiçoar, porque os taes: *Regnum Dei non possidebunt.* E o Apostolo S. Pedro diz, que

1. Cor. 6.

1. Pet. 3.

Lactan.

não demos mal por mal: *Nec maledictum pro maledicto.*

Nem maldição. Aonde Lactancio diz, que havemos de responder com bemdizer a quem nos maldiz: *Maledicenti benedictio respondeat.* Nunca nõs sejamos os que lancemos maldição, nem de nossa bocca proceda palavra que escandalize, nem por nossa culpa façamos o inimigo, se queremos ter a Deos por amigo, que elle sabe ser de quem de veras o quer ser seu.

Coentro.

Esquecimento.

Consideração primeira.

NO capitulo de assis do Exodo, & no onzeno dos Numeros se fala de Coentro, que em Latim se chama *Coriandrum*, & em Hespanhol Culantro. A respeito da se nos dar noticia de que feição era o Mânã, que do Ceo chovia aos filhos de Israel, quando caminhavaõ pelo deserto, dizendo a divina Escriitura, que era como semente alva de Coentro: *Erat quasi semen coriandri album*. E no sabor se parecia cõ certo manjar que se usava naquelle povo, de mel, & farinha. He esta ortaliga muito conhecida, por servir commummente em concertos, & adubios de diversos manjares. Da significação que tem, se pôde colligir seus effeitos, & propriedades. Quem diz Coentro, diz esquecimento, & tambem pudéra dizer pafmo, desvario, & morte, porque tudo pôde significar a malignidade desta ortaliga, da qual diz Dioscorides, que comida em quantidade perturba gravemente o cerebro, & causa grande detrimento ao juizo. E que bebido o sumo d'elle, tira logo a fala, & faz esquecer, & delirar a pessoa, até que por fim mata. Como quer que o esquecimento procede de lesão da cabeça, à qual acomete logo a virtude nociva desta herba, com razão se lhe attribuhio o significado do esquecimento q̃ ella causa. Porem vindo agora ao que deste significado se pôde dizer, he de saber, que o esquecimento he pay da ingratição; porque como na pessoa ha esquecerse da obrigação que tem, logo ha ser ingrata, & desconhecida ao que deve; nem ha cousa na vida que mais depressa esqueça, que a merce recebida. Perguntarão a Diogenes, qual era a cousa que mais depressa envelhecia? E respondeo, que o bem recebido; porque não se pôde dizer quaõ grande seja o esquecimento, que
muitos

Ex. 16.
Num. 11.

Dioscor.

Stobæus.

Cicero.

muitos tem das merces que recebem. Por isso avisadamente dizia Cicero, que se não podião fazer merces a meninos nem a velhos; porque os velhos, ou se esqueciaõ com os achaques da velhice, ou morrião sem as agradecer; & os meninos, nem as sabião estimar, nem conhecer, & por isso menos as sabião gratificar; & porque em fim velhos, & meninos andão em o mesmo grao. Seneca contando os diversos graos que ha de ingratições, diz que o mayor de todos he aquelle que se esquece. Ingrato he (diz elle) o que nega ter recebido bem, que outrem lhe fez. Ingrato o que dissimula: ingrato o que não corresponde bem: ingratisimo de todos o que se esquece: *Ingratissimus omnium qui obliviscitur*. Dã elle em razão, que todos os mais ingratos, com facilidade pôdem vir a ser gratos, & conhecidos; porèm o que se esquece do que recebeo, já mais pôde ser agradecido, pois perdeo a memoria, & cahio no esquecimento. Diz S. Bernardo, que o mandar Christo nosso bem recolher os sobejos das mesas no convite que deu no deserto, para que se não perdessem, foi darnos a entender, que nem de minimas merces nos deviamos esquecer, mas estimar tanto as pequenas, como as grandes: *Iube-*

Seneca.

mur colligere fragmenta, ne pereant, idest, nec minima beneficia oblivisci. Somos mandado s recolher da mesa os pedaços de paõ, porque nem de mininas merces ha de haver esquecimento; todas se devem ter em muita estima. Considerai Christaõ (diz este Santo) o que de contino se vos põem diante, & as merces que o Ceo vos offerece, para que os dões de Deos não fiquem sem devidos agradecimentos, ou sejam grandes, ou mediocres, ou pequenos, hús, & outros se devem gratificar, & conhecer. Não fiquem merces de Deos frustradas de gratificações, de qualquer sorte que sejaõ, se devem agradecer, que são merces do Altissimo, feitas a quem per si nada merece.

Ioan.6.

Mat.11.

Bernar.

mur colligere fragmenta, ne pereant, idest, nec minima beneficia oblivisci. Somos mandado s recolher da mesa os pedaços de paõ, porque nem de mininas merces ha de haver esquecimento; todas se devem ter em muita estima. Considerai Christaõ (diz este Santo) o que de contino se vos põem diante, & as merces que o Ceo vos offerece, para que os dões de Deos não fiquem sem devidos agradecimentos, ou sejam grandes, ou mediocres, ou pequenos, hús, & outros se devem gratificar, & conhecer. Não fiquem merces de Deos frustradas de gratificações, de qualquer sorte que sejaõ, se devem agradecer, que são merces do Altissimo, feitas a quem per si nada merece.

Consideração segunda.

ESquecimento deviamos todos ter das cousas do mundo, lembrandonos só as de Deos. Na divina Escrittura pela mão direita se entendem bens do Ceo, & pela esquerda bens do mundo. O Patriarca Joseph teve dous filhos Manasses, & Efraim, Manasses quer dizer esquecimento, Efraim alma que fruttifica. Pois quando Jacob pay de Joseph houve de lançar sua benção a estes dous netos, troca as mãos, & põem a esquerda sobre Manasses, que foi pòr bens temporaes sobre esquecimento, & a mão direita sobre Efraim, que foi pòr bês do Ceo sobre quem fruttifica: porque o certo he, que como houver esquecimento de cousas da terra, logo crescerão as do Ceo em Efraim, que fruttifica para elle. Bens da vida haõ-se de pòr em esquecimento, como mão esquerda de Jacob sobre Manasses. Bens do Ceo em pretensão de merecimentos, como mão direita de Jacob sobre Efraim, que trata dar fructo celestial. Acerca de Manasses, que quer dizer esquecimento, he de notar, que ao passar do rio Jordão para a terra de Promissão, parte do Tribu de Manasses passou da outra banda, parte se deixou ficar dàquem do rio, contente da terra em que achavaõ bom pasto para seus gados; huns se esquecerão da terra que tinham presente, por alcançarem a da Promissão, que era melhor; outros se esquecerão desta que podiaõ tam-bem possuir, por se ficarem contentes com a que tinham dàquem do rio, respeitando só a presentes bonanças, figura dos que nesta vida se contentão com bens presentes, esquecendo-se dos vindouros da celestial terra da Promissão; mas outros lembrados só desta celestial, se esquecem da que fica à quem do Jordão; esquecem-se de bens desta vida, por desejarem adquirir a eterna. Este pensamento he de S. Bernardo, o qual diz: *Uterque Manasses, uterque obliviosus, sed alter quidem Hierusalem, alter Babylonis oblitus.* Huns, & outros

Gen. 46.

Gen. 48.

Num. 32.

Bernar.

crão

erão do Tribu de Manasses, huns, & outros esquecidos, huns da soberana Cidade de Jerusaleem, outros de Babylonia. Estes deixarão Babylonia, lembrados de Jerusaleem, aquelles esquecerão de Jerusaleem por se lembrarem de Babylonia. Pois saiba o mundo, que Deos não se deixa ver, nem gozar, senão de tres sortes de gente, significada naquelle verso do Psalmo

Psal. 79. setenta & nove: *Appare coram Ephraim, Benjamin, & Manasse.* Aonde David falando com Deos, lhe diz: Bem he Senhor que appareçais, & vos deixeis ver de Efraim, que são aquelles que fruttificação para o Ceo; & dos que são filhos da mão direita; como Benjamin o significa, & dos que esquecendo-se do que fica atras, passam dalem do Jordão, como Manasses; por isso *Appare coram Ephraim, Benjamin, &*

Chryf. Manasse. Diz S. Chrysofotomo, que o esquecimento do mundo causa fermosura na alma; porque tanto que hũa pessoa dá em se esquecer das vaidades da vida, logo sua alma se torna tão bella, & fermosa, que folga Deos de olhar para ella: *Audi filia, & vide,* diz o Espirito Santo por David: Ouvi alma, vede, & escutai, & esqueceivos do vosso povo, & da casa de vosso pay: *Obliviscere populum tuum, & domum patris tui.*

Porque como houver esquecerdesvos destas cousas, desejará o Celestial Rey olhar para a fermosura de vosso rosto. Olhai (diz Chrysofotomo) como o esquecimento da alma causa admiravel fermosura: *Oblivio animæ facit pulchritudinē:*

Quæ tamen oblivio? Peccatorum. Se o esquecimento causa belleza na alma, que esquecimento he este? Dos peccados por certo, dos quaes nem nos deviamos lembrar para os cometer, nem nomear para lhe saber o nome, como dizia Da-

Psal. 15. vid: *Nec memor ero nominum eorum per labia mea.* Tão longe estou de commetter peccados, & tão esquecido de offender a Deos, que nem o nome de peccados me vem à imaginação para falar nelles, nem lembranças para os nomear; o que he grande virtude, não sómente não fazer peccados, mas nem virem à memoria; porque da lembrança delles se vem
a buscar

a buscar razões para os commetter, & das razões procedem as palavras, que logo apoz a imaginação vem, & apoz as palavras obras: *Vide quot nobis vias obstruxit Deus, quantis nos intervallis elongavit.* Olhai (diz Chrysoftomo) quantos modos buscou Deus para nos impedir os caminhos da maldade, que intervallos poz entre o peccado.

Consideração terceira.

EM Deus não cabe esquecimento, nem se póde dizer del-
le que se esquece de algũa cousa; & com tudo dizemos muitas vezes, que Deus se esquece de peccadores, que he o mesmo que não os conhecer; porque não está bem com elles. E quando alguns entendem que Deus se esquece delles, & sentem seu esquecimento, he bom sinal; como o era em David, quando queixoso dizia: *Usquequo Domine oblivisceris me in finem?* Que não he tão pequeno bem sentir o esquecimento de Deus, que he o mesmo que desamparallo Deus por algum tempo. Porque ha muitos que entendem q̄ Deus se tem esquecido delles, & nem o sentem, nem o chorão, nem sabem dizer com David: Até quando Senhor vos haveis de esquecer de mim? Quem se alegra, quando entende que Deus se lembra d'elle, esse se magoa quando experimenta que Deus se esquece d'elle; & esse tal sabe discernir esquecimento, & memoria em Deus, segundo este nosso modo de falar. Muitos quando se vem em bonanças, & prosperidades, & que apoz huns bens lhes vão succedendo outros bens, cuidão que então se lembra Deus delles, & por isso nem alcançã quando Deus se esquece delles; porque se não entendem o sinal da memoria de Deus, menos entendem o de seu esquecimento. E se não tem noticia de sua amisade, menos a tem de sua inimidade: porque muitas vezes se esquece Deus de alguns que possuem, & tem muitas coulas; & muitas vezes se lembra de outros que padecem males, & adversidades. E nenhũa cousa faz
mais

mais lembrar-se Deos de alguém, que os bons intêtos, & obras de virtude, que vê em alguns, como nenhũa cousa he causa de se Deos esquecer de muitos, como ver a muitos em peccados, & vicios, de que não se acabaõ de despedir. Grande he o esquecimento dos homens para com Deos. E mais digno de reprehensãõ, & castigo, o que alguns tem quando deviaõ lembrar-se mais das misericordias que Deos usa cõ elles. Ver a muitos sair da Igreja, & levantar-se dos pés do Confessor com as lagrymas nos olhos, & protestos de não tornar mais ao peccado. Vem outros da Mesa do Altar, aonde receberãõ o divinissimó Sacramêto com muita devoçãõ das mãos do Sacerdote, & quando se deviaõ mostrar agradecidos a taõ grandes merces, depressa o tornaõ a offender de novo, depressa se esquecem da obrigaçãõ que tinhaõ de o servir, & amarem muito. Tratando David das grandes merces, q̃ Deos fiserã aos Israelitas, quando os tirou do poder de Faraõ com mão poderosa, & do pouco q̃ lhes durou a memoria de cousas taõ estranhas, & espantosas, diz que em saindo do mar Roxo, aonde lhes fez caminho a pé enxuto, o louvãõ com musicas, & instrumentos alegres, mas que taõ depressa o louvãõ, como depressa se esquecerãõ delle: *Citò fecerunt, oblitì sunt operum ejus.* Se se apressãõ a lhe dar graças devidas, tambem se apressãõ para se esquecerem de quanto tinhaõ recebido. Estava Moyses no monte Sinay recebendo a Ley da mão de Deos, & o povo ao pé do monte idolatrando, & adorando hum beferro de ouro. Nunca se vio povo, nẽ multidãõ de tanta gente taõ confôrme, & unida para taõ grande cegueira. O imaginar nisto foi depressa, o dar os pendentés, & braceletes de ouro depressa, o forjar o beferro depressa, o solennizar a festa apressada, apressada a adoraçãõ, & tudo disse David em hũa palavra: *Citò fecerunt.* Ou como diz o Exodo: *Recesserunt.* Depressa se afastãõ, depressa se esquecerãõ. Como o mesmo Profeta diz em outro lugar: *Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuae.* Grande foi

Ps. 105.

Ex. 32.

Ps. 105.

Senhor

Senhor a ingratitude deste povo, grande sua maldade, que quando lhes fizestes merces soberanissimas, entao se nao se u-beraõ lembrar da multidão de vossas misericordias. E isto se póde dizer por muitos, que se algum tempo tiveraõ lem-brança de agradecer merces, que Deos lhes fez, & por isso o começavão a servir, & amar fielmente, de pressa se esque-cerão desta obrigação. Aos quaes està S. Paulo dizendo: *Miror quòd sic tã citò transferimini ab eo qui vos vocavit.* Não sabeis como ando attonito, & admirado de ver, que tão cedo, & tão de pressa vos afastais daquelle Deos, & Se-nhor, que vos chamou, & trouxe a si com tão divinas voca-ções: *Currebatis benè, quis vos impedit?* Se corrieis cõ tanta ligeireza pelo caminho da verdade, se hieis avante, & aproveitaveis tanto na perfeição Evangelica, quem vos im-pedio tão de pressa o caminho? Quem vos detem o passo? Quem vos engana? Quem vos diverte? *Si sic futurum erat, quid necesse fuit concipere?* Dizia Rebecca, vendo-se em perigo antes do tempo de seu parto. Se eu me havia de ver neste perigo de não vir a luz com a geração que pedi a Deos, para que me cancei em lhe fazer tantas petições, que me desse filhos? Assim podem dizer muitas almas, que começam bem, & logo desistem das boas obras. Se nisto havia de parar meu fervor, para que comecei tão a fervorado? Se nisto havia de vir a dar minha devoção, que me montou o ser devoto?

Galat. 1.

Galat. 5.

Junco.

Fingimento, hypocrisia.

Consideração primeira.

O Junco he figura do fingimento, & hypocrisia, o que delicadamente declara S. Gregorio nos Moraes, além de constar assim da divina Escrittura, aonde dizendo-se no oitavo livro de Job: *Nunquid virere potest scirpus absque*

Gregor.

Job 8.

Dd

humore?

418 *FUNCO. FINGIMENTO, HYPOCRISIA.*

humore. Por ventura póde o junco reverdecer sem humor da terra? diz logo abaixo o por quem entende isto: *Et spes hypocrita peribit.* A esperança do hypocrita perecerá: porque elle, & toda a pessoa fingida he comparada ao junco. E que outra couza (diz S. Gregorio) se póde entender pelo junco, senão a hypocrisia, & qualquer homem fingido, porque o junco tem apparencia de verdura, mas nenhum fructo dá; por fóra he verde, & por dentro vão. Tal he o homem fingido, tal o hypocrita, apparencias tem de virtudes, & boas obras, mas não passa dahi, bem parece por de fóra, & por dentro vasio está de todo o bem. Verdura tem, mas he estéril de fructo, como o junco; porque busca gloria sua, & não a de Deos. Os juncos quanto mais crescem para cima, mais parece que se vão armando contra o Ceo com suas agudas pontas; os hypocritas quanto mais se levantão com o louvor do mundo, mais se ensoberbecem, & armão contra Deos, porque aquillo que os houvera de obrigar a ser humildes, he augmento de sua condemnação. Humor tem como o junco, porque tem auxilios do Ceo como os mais, & por permissão divina chegão a obrar bem, lançando demonios da gente, & tendo dom de profecia, outros fazendo, outros convertendo almas a Deos. O que tudo he ter humor, & ser regado com as agoas do Ceo; mas tomão esta verdura dada pelo Ceo, tomão estas boas obras, & convertem-nas em uso de proprio louvor. Com ellas se levantão contra Deos, como junco contra o Ceo: *In aqua quidem virides, sed tamen inanes crescunt.* Verdes estão na agoa, bem parecem, & boas mostras dão, mas por dentro estão vacios.

Consideração segunda.

Job 8.

O Junco diz Job: *Cum adhuc sit in flore, nec carpatur manu, ante omnes herbas arefcit.* O junco estando ainda em flor, antes que o colhão, secca primeiro que as outras

outras hervas. O junco na flor he o hypocrita no sentimento, secca-se este primeiro que as outras hervas; porque todos os justos são tambem hervas, segundo a carne, como diz Isaias: *Omnis caro fœnum*. Tambem os Justos hão de deixar de ser, pois são mortaes, & são feno, & terra. Mas os hypocritas seccão antes que as outras hervas; porque os escolhidos permanecem até a morte na estabilidade de sua verdura, conservão-se em as suas boas obras, & as dos hypocritas descobrem-se antes que morrão, seccão, & deixão de ser, porque quer Deos que se descubra a sua malicia. E se tambem os Justos como hervas que são, seccão, he verdade, que como são mortaes, com a vida acabão as suas obras, com que de novo renascem para Deos. E os hypocritas antes da morte, mostrão a falsidade dellas. E delles se entende o que David diz: *Fiant sicut fœnum tectorum, quod priusquam evellatur, exaruit*. Se são feitos como o feno, que nasce em os telhados, o qual porque não tem aonde lance raizes, antes que o arranquem se secca.

Isai. 40.

Pf. 128.

O junco não esconde raizes na terra, porque quasi não as tem. Nenhũas raizes tem o hypocrita na virtude, nem encobre na terra as obras que faz, porque não pretende mais que mostrallas ao mundo. E então as mostra, quando se mortifica, jejua, reza, he paciente, casto, & penitente; debaixo disso he lobo, que despedaça, & tem vicios enormes, que antes de tempo permite o Ceo que se descubrao, & manifestem ao mundo, por isso *Priusquam evellatur exaruit*. Seccaõ estas suas obras antes que a morte os leve: *Nemo potest personam diu ferre fictam*, diz Seneca, ninguem por muito tempo pôde representar fingida pessoa, & porque o hypocrita sendo maligno, quer representar figura de bom, não o pôde fazer por tanto tempo, que se não entenda seu fingimento: *Ficta citò in naturam suam transeunt*, diz elle. As cousas fingidas de pressa tornaõ ao seu natural, se o lobo se quer fingir ovelha, de pressa ha de tornar à sua natureza de lobo,

Pf. 128.

Seneca.

Plato.

bo, & ha de mostrar que o he. E ahi não ha mayor perversidade, como diz Platao: *Cum omni iustitia vaces ad id niti, ut bonus esse videaris.* Quando totalmente careceis de toda a virtude, trabalhades por parecerdes santo, & virtuoso, he o

Pub. Mi.

extremo de toda a maldade, como dizia outro Filosofo: *Malus ubi bonum se esse simulat, tunc est pessimus.* Aonde o maligno se finge que he bom, então he maligno, & não pôde

Apoc. 17

sua maldade chegar a mais. Aquella mulher do Apocalypse, que estava ricamente vestida, & cuberta de ouro, & pedras preciosas, com hum calix de ouro na mão, he figura da hypocrisia, que se veste de apparencias de virtude, bom exemplo, & boas obras, tudo nella parecem pedras preciosas; outro mostra nas mãos, que são obras que faz; porém aquelle calix, que a mulher tinha de ouro, por dentro: *Plenum erat*

1827

abominationibus, & immunditia. Estava cheyo de abominações, & immundicias. Os hypocritas por fóra parecem

puros, & limpos como ouro, & resplandecem em virtudes como ouro finissimo, mas por dentro tudo nelles são abomi-

nações; fingem castidade, & encobrem torpezas, mostram humildade, & escondem soberba; fazemse abstinentes, & em

segredo são dados à gula. Por isso levava aquella mulher na

testa hum rotulo que dizia: *Mysterium.* Aqui tudo he mysterio, tudo segredo. Porque aonde ha fingir, & enganar, ha

segredos que os homens devem saber advertir. Aonde Santo

August. 1

Augustinho diz: *Nulla est superstitio, quae fronte det signum, nisi hypocrisis.* Não ha superstição, nem maldade que mais

traga no rosto o sobrescritto de quem he, que a hypocrisia.

Matt. 7.

Facil he de conhecer: *A fructibus eorum cognoscetis eos,* diz Christo nosso bem, pelos fruttos que fazem, os podeis co-

nhecer.

do

do

Açafrão.

Paciencia.

Consideração primeira.

T Ambem o Açafrão he planta duas vezes referida na divina Escriptura, debaixo deste nome *Crocus*, hũa das que o Esposo Divino aponta haver de estar no jardim da Alma Santa: *Emissiones tuæ paradysus*, &c. *Nardus*, & *crocus*. O vocabulo per si he Grego, & como na Grecia tiverão principio todas as fabulas, hũa dellas foi, que hum mancebo chamado *Crocus*, depois de grandes excessos de amor se veio a converter nesta planta, de cujas flores nasce o Açafrão. A Glossa ordinaria sobre o lugar referido dos Cantares diz, que por esta planta, que tem as flores de cõr dourada, se entendem as almas dotadas de sabedoria divina. E Santo Thomàs em os Commentarios quer que por ella se entenda a Caridade. E Theodoretto, considerando que o Açafrão tem igual força entre quentura, & frialdade, sem extremo de hũa, ou outra cousa, he de parecer, que por elle seja significada a justiça que entre brandura, & rigor segue hum meyo conveniente, sem excessõ de muita clemencia, ou sobeja severidade. Filo Carpathio diz, que o Açafrão he de excellente cheiro, & que suas flores são perfêitissimamente purpureas, das quaes pendem huns fios roxos, fortalecidos de todas as partes, & porque são de muito proveito para varios medicamentos, & composição de manjares. Tem o Açafrão lugar entre as plantas aromaticas. Tem particular virtude de alegrar, & confortar o coração, tira o fastio, & dà cõr graciosa a tudo o que o applicão. Plinio diz delle muitos louvores, & hũ que faz a proposito da propria significação que tem, he que o Açafrão estando ainda em herva, folga que o pizem, & trilhem aos pés, & quanto mais trilhado, & mortificado he,

Cant. 4.

Ovid.

D. Tho.

Theod.

Philo.

Plinius.

Dd iij

cresce

crece com mais vigor, & fertilidade; pelo que o que se semeia junto das estradas, he mais viçoso, porque he mais pisado, de forte, que com o peyor tratamento cresce, & fertiliza mais: *Gaudet calcari, & conteri pede, pererundoque meliùs provenit*, diz Plinio, que quer dizer o que acima fica dito.

Apon.

Aponio diz, que o Açafrão refrigera as febres ardentes, & por estes, & outros effeitos, que nelle considerarão alguns Padres, & Doutores sagrados, quizerão que por elle se significasse o sofrimento, & paciencia: porque quando hũa pessoa sendo maltratada, & afrontada, sofre injurias, & roim tratamento, cresce por ahi a grande perfeição, & folga com os motivos da paciencia, folga que a afrontem, & lhe dem em que padecer, como Açafrão: *Gaudet calcari, & conteri pede*.

Act. 5.

Assim lemos, que quando os Apostolos erão mais perseguidos, & maltratados, hião contentes, & alegres à vista dos Presidentes, porque erão tidos por merecedores de sofrer afrontas pelo nome de Jesu; não havendo mayor gosto, que sofrer por elle, nem mayor consolação, que padecer por seu amor. Cresce aquella planta com a maltratarem, cresce a paciencia com a atribularem, & a tribulação he a que approva,

Rom. 5.

& experimenta seus quilates, como diz S. Paulo, que a tribulação tras paciencia, & a paciencia he prova da esperança, q̄ não confunde; porque quando as adversidades vem hũas a poz outras, & o homem nellas permanece forte, & constante, bem provado fica na paciencia, como diz S. Chrysothomo. Cresce com as afrontas a paciencia a grande perfeição, com as enfermidades, & angustias, como dizia o mesmo S.

Chryf.

1. Cor. 12

Paulo, que se contentava muito com padecer enfermidades, necessidades, & amarguras, porque então: *Cum infirmor, fortior sum*. Então sou mais forte, porque a minha fortaleza consiste na minha oppressão; & o caso he, que opprimo, não

2. Cor. 12

sou opprimido, porque o Senhor me tem dito: *Virtus in infirmitate perficitur*. A virtude na enfermidade se aperfeiçoa, & esta virtude he a fortaleza da paciencia; dizendo Salomão:

mão:

mão: *Melior est patiens viro forti.* Melhor he o Varão que sofre, que o muito esforçado, & quer isto dizer, que ainda que a pessoa espiritualmente seja forte em obrar bem, comparando-se com o sofredor, fica seu inferior, porque quẽ por amor de Deos sabe sofrer, mais faz do que aquelle que por amor d'elle faz obras de misericordia, & ainda que em as fazer seja forte, mais forte he quem sofre por seu amor; por isso *Melior est patiens viro forti.* E ainda que a qualquer obra de misericordia se conceda Reyno do Ceo, mais seguro o tem quem he paciente, & sofredor, porque estes são os fortes, & valentes, que o conquistão, & alcanção à força do braço, dos quaes disse Christo: *Regnum Cælorum vim patitur, & fortes rapiunt illud.* Estes fortes são os sofredores, que como torres, & castellos fortissimos, resistem aos ventos das mayores tribulações. Por isto disse Christo a seus Discipulos, que na sua paciencia possuirião suas almas: porque como diz S. Gregorio, quem possui paciencia, possui sua alma, & isto que he possuir a alma, he ter fortaleza para sujeitar movimentos da mesma alma com o imperio da virtude da paciencia. Pois logo quem não sabe sofrer, & ter paciencia, testemunho dà de si mesmo, que não he forte, nem perfeito, nem possuidor de sua alma. Por isto diz o mesmo Santo, que a paciência he guarda de nossa condição. Fez-nos Deos de modo, que a razão possuísse a alma, & a alma possuísse o corpo; mas então não tem a alma posse do corpo, quando a razão não tem primeiro posse da alma; pois seja a paciencia guarda de nossa condição, porque com ella possuiremos a nós mesmos; & então nos começamos a dominar quando começamos a possuir o que somos: *Dum nobis dominamur, incipimus possidere quod sumus.* E então deixamos de ter dominio em nós, quando nos deixamos possuir da impaciencia; porque esta quando se mostra, furiosamente sujeita tudo. Pelo que disse Salamão: *Totum spiritum suum profert stultus; sapiens differt, & reservat in posterum.* No que dà a entender, que o nescio

Prov. 16

Luc. 21.

Gregor.

Gregor.

Prov. 26

quando se agasta, vem a luz com todo seu espirito de impaciencia, & descomposição da alma; mas o sabio dissimula, sofre, & dilata o espirito para mais tempo, porque offendido não def-ja vingarse no presente tempo, antes perdoa; & com tudo sabe muy bem, que cousas mal feitas justamente se castigão na outra vida, para então reserva a vingança: *Reservat in posterum*. Tudo deixa, & põem nas mãos de Deos.

Ha pessoas que não possuem a alma deste modo que Deos diz, por paciencia, porque em lhes succedendo cousas adversas, perdendo a paciencia, rompem em grandes iras, & indignações: *Feras, non culpes quod mutari non potest*, diz Seneca. Sofrei, & não cuspeis o que se não pôde mudar depois que succedeo. Tenha o sofrimento imperio no coração, & sem queixa paguemos tributo à humanidade. Se he Inverno, ha de fazer frio; se he Estio, ha de fazer calma. Intemperanças do ar hão de causar doenças. Vem as chuvas quando não as queremos, as nevoas quando nos fazem mal. Este nos faz a agoa, este nos faz o fogo: *Hanc rerum conditionem mutare non possumus*. Não podemos mudar a ordem destas cousas, sofri-as, & não as culpeis, que assim como a natureza as ordena, tambem as tempéra com mudanças: às tormentas succedem serenidades, a poz a noite se segue o dia, aquietão se os mares depois que se turbão, os ventos deixão de assoprar; hũa parte do Ceo se vai levantando, & outra escondendo. Conformemnos com tudo, & não tomemos molestia com o que na vida succede. Não ha que espantar de chegarem males a nós, que sempre andão apar de nós; quem navega sempre teme tempestade, & raro he o que havendo de navegar, não cuida no que pôde succeder.

Consideração segunda.

Bernar. Diz S. Bernardo, que a paciencia he manjar excellente: *Bonus cibus est patientia*. Deste nos deyemos susten-
tar

tar toda a vida, porque ou nesta, ou na outra havemos de sofrer; a quem a presente não for de paciencia, a vindoura será de ira, o que nesta sofremos, peccados nossos o merecem; & diz S. Gregorio, que menos padecemos do que merecemos; *Gregor.* pelo que aconselha, que no tempo do sofrimento levantemos a esperança ao Ceo, para que tanto mais alto suba nosso pensamento, quanto a pena nos aba te. Ninguem he perfeito, que não he paciente. E a prudencia está em sofrer com alegria, & amar de verdade o que de necessidade ha de sofrer, porque a verdadeira paciencia consiste em se amar o mesmo que se sofre, & padece. Santo Ambrosio diz, que a paciencia he o collar de ouro, que a Alma Santa tras ao pescoço: *Collum tuum Cant. 1. sicut monilia.* Porque a alma que imita a seu Deos, guardando seus preceitos, & sofrendo as tribulações, que na vida lhe não hão de faltar, he fermosa, & bella à vista desse Senhor, mostrando no rosto a fermosura da castidade, & sobre os hō-bros o rico collar da paciência, enfeites que lhe dão muita graça. He a paciencia hum sinal que Deos dà aos Justos. E este lhe pedia David, quando depois de lhe chamar Deos misericordioso, Deos paciente, & compassivo, lhe pede, que para se parecer com elle, lhe dê hum sinal para bem: *Fac mecum Psal. 85. signum in bonum.* Porque quando seus inimigos vissem sua paciencia, ficassem confusos, entendendo que he muito ajudado de Deos, & tem sinal do mesmo Deos quem sofre sem perder ponto de paciencia: *Ut videant qui oderunt me, & Psal. 85. confundantur, quoniam tu Domine adjuvisti me.* Assim he, que os proprios demonios se confundem de ver hũa alma sofredora de trabalhos, não se espantando muito de a verem adornada de outras virtudes. E por isso se confundem, porque vem na alma do paciente hũas labaredas, & chammas de fogo que os espantão: *Lampades ignis, atque flammarum. Cant. 8.* Não se espantou Satan de ver a innocencia, de Job, o seu temor de Deos, a sua devoção, a sua justiça, & rara pobreza de espirito, só o confundia sua grande paciencia, & por isso pedia *Iob 1. licença*

licença a Deos para nella o tentar com toda a força que pudesse, para ver se o podia trazer à impaciencia. Deulha Deos, & tentou-o nella; tiroulhe a fazenda, tiroulhe os filhos, encheo-o de lepra, deu com elle em hum monturo, alli o desampararão todos, & a propria molher o amaldiçoou, sem elle em todas estas adversidades mostrar sinal de impaciência:

Cant. 8.

Lampades ejus, lampades ignis, atque flammaram. Era seu sofrimento chammas de fogo, & chammas que espantavão o demonio, & porque erão fogo aceso: *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.* Tantas agoas de tribulações não puderão apagar sua caridade, porque a paciencia he hum fogo que se atea mais na lenha das tribulações, acompanhando-se da caridade, que vence tudo. E assim se trabalhos, fome, sede, miserias, afrontas, & enfermidades, são materia de paciencia, he a paciencia fogo que nessa lenha se atea bem. As brazas em que este fogo se conserva, ou os remedios para a paciencia se não perder, são lembranças do Céu, para que nos lembremos, que por pouco tempo de padecer ganhemos eterno tempo de gozar a Deos; & do que somos, porq̃ nos lembremos que somos pó, & cinza, & que havemos de morrer, para não desejar vingança de quem nos aggrava. E pois somos filhos de Deos, lembremonos que elle na terra padecio, & soffreo tanto por amor de nós, que rogou pelos proprios inimigos; somos filhos, imitemos ao Pay. Estas lembranças tinha o divino Paulo, quando soffrendo trabalhos cōtinuos por Christo, dizia: *Usque in hanc horam, & esurimus, & sitimus, & nudi sumus, & colaphis cadimur.* Atégora não sei mais que padecer fomes, sedes, afrontas, necessidades, & angustias, este he o meu pão, em que me sustento, outra cousa não quero da vida, que sou nella passageiro, & vou seguindo a meu Christo; elle por aqui caminhou, por aqui me importa ir, & eu de boamente quero ir. Estas lembranças tinha o glorioso S. Bernardo, quando nas occasiões de padecer falando com Christo, dizia: *Utrumque es mihi*

I. Cor. 4.

Bernar.

Domine

Domine Iesu, & speculum patiendi, & præmium patientis.
 Hũa, & outra cousa me ficais vòs sendo, meu doce Jesu, espe-
 lho da paciencia, & premio do que padeço. Vòs ensinai mi-
 nhas mãos para a guerra com exemplo de vossa virtude. Vòs
 depois da vittoria coroais minha cabeça com a magestade de
 vossa presença, ou porque eu vos vejo pelejar por mim, ou
 coroarme a mim, sendo vòs a mesma coroa; em hũa, & ou-
 tra cousa maravilhosamente me attrahis, & levais a vòs, quero
 ir a poz vòs, & seguir vossas pisadas.

Consideração terceira.

AS mesmas lembranças de paciencia tinha o grande Au-
 gustinho quando falando com o mesmo Christo, dizia: *August.*
Fecisti Domine de corpore tuo speculum animæ meæ. Basta
 Senhor, que fisestes de vosso corpo hum espelho, em que mi-
 nha alma se visse, & aprendesse a vos imitar. Olho para vòs, &
 vejo-vos crucificado com tanta paciencia, que nem abris a
 bocca para vos queixardes, & se a abris, he para rogardes pe-
 los mesmos que vos crucificação, & atormentaõ. Notavel espe-
 lho aonde vejo taõ divina paciencia, & a pouca que em mim
 ha para me sofrer a mim, & sofrer ao proximo, quanto mais
 de rogar por elle; mas pois me dais tal exemplo, assim o farei,
 & olhando para este espelho, me conformarei com a imagem
 que nelle vejo. Este modo de padecer, & rogar pelos perse-
 guidores, he o mayor de todos os que ha nos limites da pa-
 ciencia. Sendo o primeiro, sofrer, & dar bem por bem, o se-
 gundo não dar mal por mal, & o terceiro dar por males bens.

A paciencia he escudo que se põem diante das adversida-
 des, & remedio para toda a dõr, porque nenhũa ha que com
 o sofrimento se não tempere, & abrande. He verdade, que
 não sentir a dõr não parece que he de homem, mas não a so-
 frer, não he de Varaõ, que assim o diz Seneca: *Non sentire*
mala sua non est hominis, & non ferre non est viri. A paci-
 cia

Seneca.

Laert.

Stobæus.

Laert.

2. Cor. 4.

cia devem todos procurar ter de assento, porque sempre a hão mister, mas se a alguns importa mais ter paciencia que a outros, são os Prelados, & os que governão, porque de continuo tem occasiões de se ampararem com este escudo, sofrendo hũas cousas, & dissimulando com outras, nem ha conservar dignidades aonde falta o sofrimento. Quem este não té, não he digno de as ter. Queixando-se Chilon Lacedemonio a hum seu irmão de não ser eleyto em Presidente da Cidade como elle, respondeo: *Ego injuriam ferre novi, tu non.* Eu tenho bojo para sofrer injurias, & vòs não. Eu nas dignidades fei sofrer impertinencias, & defacatos de subditos, & vòs tendes natureza bem contraria disso. Ninguem he idoneo para governar, que não sabe dissimular, porque muitas cousas se fazem mal feitas, que se não pôdem castigar como algũs cuidão, & murmurão disso. Pyttaco dizia, que dos prudêtes Varões era acautelar que não succeda mal, & dos fortes sofrer moderadamente o que succedeo mal. E Bion Boristhenes dizia, que era grande mal, não se sofrer o mal, porque sem isto a ninguem pôde ser a vida suave: *Magnum malum est non ferre malum.* Isto fica dito acerca da paciencia, que he significada em o Açafrão, àlem de folgar de ser pisado, como diz Philo Carpathio, & Plinio, tambem depois mostra seu cheiro quando he moido, & feito em pô. E assim manifestão os Justos o cheiro de sua paciencia, quando são mortificados, & abatidos com perseguições, fazendo-se com ellas immortaes, como diz Nazianzeno, alludindo ao que S. Pedro diz: *Tribulationem patimur, sed non angustiamur.* Padecemos tribulações, mas não nos angustiamos. Verdade he, que tribulações angustiaõ, mas a nòs outros daõ ellas prazer, que temos natureza de Açafrão, que pisado, & moido tem mais fragrancia. Por isso he esta planta hũa das que estão no vergel do Esposo Divino, que he a Igreja de Deos. Porque como nella se signifique a paciencia, bem se vê que a Igreja Catholica teve no principio trabalhos, & perseguições grandissimas,

as quaes soffreo com muita constancia, & alegria, dizendo muitos Martyres, quando es atormentavaõ, que nunca tiveraõ horas, nem dias de mayor prazer: com estas tribulações creſceo a Igreja, & deu ao Ceo fructo de suavidade. O qual adquirem aquelles q̄ nesta vida ſaõ abatidos, & atribulados, dando de ſi aquelle bom cheiro de que o Apoftolo diz: *Christi bonus odor ſumus.* 2. Cor. 2.

Losna.

Remordimento da alma.

Consideração primeira.

A Losna he planta muitas vezes referida na ſagrada Eſcrittura por eſta palavra Absinthium, que em Hebrayco quer dizer Laanah, donde parece que ſe derivou chamar ſe Losna em Portuguez, mudadas poucas letras, conſervando ſe entre nõs o proprio vocabulo Hebreo, como ſe conſervãõ outros muitos. He eſta planta de cheiro pouco agradável, & de ſabor amargoſo, & com tudo muito proveitoſa, & medicinal para doenças, & enfermidades do corpo, como diz Plinio. Na divina Eſcrittura metaforicamente ſe ſignifica pela Losna o remordimento da consciencia depois do peccado, o qual coſtuma converter qualquer doçura de prazer illicito em amargura de cruel remordimento, como ſe alguem depois de comer hum favo de mel, comeſſe Losna, que he mãjar amargoſiſſimo, cõforme diz Origenes, explicãdo aquellas palavras dos Proverbios: *Favus enim diſtillans labia meretricis. Noviſſima autẽ illius amara quaſi abſinthiũ.* Aonde quer que pelo Absinthio, ſem duvida ſe entenda a amargura, inquietaçãõ, & deſaſtoſſego, que o peccado deixa depois de commettido. Acerca do que lemos em Jeremias: *Scito, & vide quã amaram eſt reliquiſſe te Dominum Deum tuũ.* Sabei, & vede peccador, vede, & experimentai quã amargosa

Plinius.

Origen.
Prov. 5.

Jerem. 4.

gosa

gosa cousa he terdes deixado a vosso Deos, & Senhor, apartando-vos delle pelo consentimento do peccado, & sentindo agora o remordimento que vos atormenta na alma, & já mais deixa de inquietar. Bem vio, & sentio esta inquietação da alma o Apostolo S. Pedro, quando depois de tres vezes ter negado a Christo, caindo na gravosa de seu delitto, saindo fóra da casa aonde o negara, chorou amargamente seu peccado: *Egressus foras fleuit amarè*. Bem experimentou isto aquella ditosa mulher, que (como S. Lucas conta) sendo primeiro: *In civitate peccatrix*, caindo na conta de seu erro, se veyo lançar aos pés do Salvador, aonde com muita amargura sua chorou seus peccados. Diz o Espirito Santo, que o coração que conhece a amargura de sua alma, nunca estrangeiro entrara de mistura em gostos seus: *Cor quod cognovit amaritudinem anime sue, in gaudio ejus non miscebitur extraneus*. O que Lyrano explicando diz, q̄ o coração daquelle q̄ depois de peccar, sente remordimento, & amargura da alma, quando se reprehender, & tiver perdaõ de sua culpa, sentirá hũ gosto, & contentamento, q̄ não sabe, nem póde sentir, o q̄ está longe, & muy remoto de fazer penitencia, o qual cõ ração se chama estrangeiro. porq̄ para com Deos he estranho o peccador, q̄ não trata de se reconciliar com elle. Pois quem poderá dizer o gosto que sentiria aquella bemaventurada mulher, quando ouvisse dizer por bocca do Salvador do mudo, q̄ seus peccados lhe erão perdoados: *Remittuntur ei peccata multa*. Neste mesmo sentido explica S. Bernardo aquellas palavras do Cantico de Isaias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anime mee*. Aonde hũa alma convertida a Deos, promete de ter perpetua dõr dos peccados commettidos, trazendo-os sempre na memoria para ter pesar, & arrependimento delles, & isso com grande pena, & amargura sua. O que S. Pedro fez, que em todo o processo da vida depois que negou a seu Mestre, chorou sempre o peccado que contra elle commetteo. Isto he o que o peccado traz cõsigo,

amar-

amargura da alma, & remordimento da consciencia; & se nas primeiras apparencias mostra algũa semelhança de bem, fingido interiormente esconde a peçonha de seu mal. Aquelle copo de ouro que tinha aquella mulher do Apocalypse, chamada mãy de todas as maldades, no que por fóra mostrava parecia bem; ouro finissimo, & resplandecente mostrava aos olhos, dentro tinha peçonha. Taes são as apparencias do peccado; doce, & suave parece; doçura tem de mel, mas provado mostra amargura de fel. E se o peccador não sente esta amargura, ou confessa que lhe não parece senão doçura: miseravel d'elle, pois chega a estado, que não sente o sabor das cousas, antes as julga pelo contrario do que são: *Vae Isai. 5.*
qui dicitis dulce amarum, & amarum dulce; diz Isaias. Tristes daquelles, que nos peccados achão doçura, nos vicios suavidade, & pelo contrario na virtude sentem fel, & na penitencia amargor. Quasi no mesmo sentido se toma esta plãta pela amargura com que Deos castiga a peccadores, não sómente para mostrar o rigor de sua divina Justiça, mas para faude, & remedio da alma enferma, que pela confissão, & arrependimento de seus peccados lança fóra a peçonha que dentro tem, como Absinthio, que comido causa grandes vomitos. Assim explica S. Jeronymo aquellas palavras de Jeremias: *Ecce ego, dicit Dominus, cibabo populum hunc Hieron. Jerem. 9.*
absinthio. Aonde Deos ameaça ao povo de Israel, que por peccados commettidos contra sua divina clemencia, o havia de castigar, & mandar cattivo a Babilonia, para que com a amargura dos trabalhos, & misérias que havia de padecer naquelle dilatado cattiveiro, se convertesse a elle. E o mesmo era dizer, que havia de dar a comer Losna a este miseravel povo, que ameaçallo com apertos, angustias, & afflicções, em que se havia de ver por peccados seus, até que de torção se convertesse a elle.
 E não he tão pequena merce do mesmo Deos, quando nesta vida offerece a muitos este manjar de Absinthio, que

que são tribulações, & tormentos temporaes, méinha fauda-
Luc. 23. vel para bem do peccador. Este manjar offereceo ao Ladrão,
Mat. 19. que padecendo tormentos em hũa Cruz, convertendo-se a
 Deos, pedio misericordia, & alcançou perdaõ. Assim acon-
 teceo à Cananea, que vendo-se atribulada com o tormento, q̃
 à sua filha via padecer, recorreo à clemencia, & piedade de
Mat. 9. Christo, & foi ouvida em sua petição. Assim ao Principe da
 Synagoga, que com tão grande afflicção da alma pedia vida
 para a filha morta, & alcançou que Christo lha resuscitasse.

Consideração segunda.

O Absinthio por ser amargoso, significa remordimento
 da alma, que causa penosa amargura depois do pecca-
 do commettido: *Cum cantico non bibent vinum: amara*
Isai. 24. *erit potio bibentibus illam*, diz Isaias, entendendo isto (co-
Hieron. mo quer S. Jeronymo) por aquelles a quem lembranças de
 gostos passados haõ de ser materia de graves tormentos, vin-
 do tempo em que já rindo, & folgando não bebaõ o vinho
 das alegrias, & contentamentos que tiveraõ em vida, antes
 echorando, & penando sintaõ o trago de amargura eterna,
 porque no fim da vida começaõ estes a sentir quaõ amargoso
Deut. 32 he o manjar que de antes julgavaõ por laborosissimo: *Uva*
eorum uva fellis, & botri amarissimi. As uvas que lhes
 pareciaõ doces, já lhes parecem uvas de fel, & cachos amar-
 gosissimos; o que se entende pelas delicias da vida, que na ho-
 ra da morte se convertem em fel, & manjar de amargura, &
 aquillo que de antes parecia mel, & comer de suavidade, en-
 taõ se vê claramente, que era mais amargoso que o mesmo
 fel. Pelo que he grande merce de Deos, quando em tempo
 conveniente dà a comer este Absinthio ao peccador, para que
 vomite a peçonha do peccado antes do rebate da morte. E
 he grande misericordia sua, dar a muitos nesta vida trabalhos,
 & tribulações, entendidos pela amargura desta planta;

os quaes a huns'da por mais tempo, a outros por menos, & a outros por toda a vida. Em figura do peccador diz Job a Deos *Scribis enim contra me amaritudines, & consume-* Iob 13.
ne me vis peccatis adolescentia mea. Basta Senhor, que de

propósito parece que vos pondes a escrever, & fazer contra mim provisões de perpetuas amarguras, & castigos sobre castigos, consumindo-me com os peccados de minha mocidade. Muito rigor usais comigo. Nota S. Gregorio o modo de falar da Escriptura sagrada, & diz, que Deos hũas vezes escreve amarguras, & outras vezes as diz de palavra. De palavra as diz, quando os castigos que dà, passãõ depressa, como a palavra que da bocca sahe; mas então parece que escreve amarguras, quando as dà por muito tempo, como o que por letra se escreve, e costuma durar por muito tempo. Mas então dà multidão de amarguras, quando se diz, que dà em fartura a comer Absinthio. Como diz Jeremias em figura da afflicta Jeusalém: *Replevit me amaritudinibus, inebriavit me ab-* Thren. 3.
sinthio. Encheo-me o Senhor de amarguras, & com a muita copia de Absinthio que me fez tragar, quasi que delirei, & perdi o juizo. Bem parece que contra aquelle enfermo da Piscina Probatica tinha o Senhor escripto amarguras, pois as padecia por espaço de trinta & oito annos, mas por fim o remediou, dandolhe a saude que desejava.

No oitavo capitulo do Apocalypse se diz, que cahio hũa grande estrella chamada Absinthio na terceira parte dos rios, & que convertèra todas as agoas no mesmo Absinthio: *Nomen stelle dicitur Absinthiũ, & facta est tertia pars aquarum in absinthium.* O qual lugar interpretando Santo Augustinho, diz, que essa estrella chamada Absinthio, são os doutores de falsos erros, que tomãõ as Escripturas santas, significadas pelas agoas doces, & as convertem em sentidos pestilenciaes, & peçonhentos. O mesmo diz Santo Thomàs, & Lyrano. E que os homens inficionados das heresias, & falsas feitas, espiritualmente morrem, como na realidade morrem

Apoc. 8.

August.

D. Th.
Lyrano.

434 LOSNA. REMORDIMENTO DALMA.

os que bebem algum licor peçonhento. E não se admire al-
 guem de se chamarem estrellas os hereges, & dogmatistas de
 falsos erros, porque estes com a claridade da virtude que fin-
 gem, & com o resplandor da luz que enganosamente mos-
 trão, parecem estrellas a esses ignorantes, que seguem sua dia-
 bólica doutrina. E pelo muito que sabem fingir de resplan-
 dor de virtudes, & santidade, acautelou Christo nosso bem
 aos seus, dizendo: *Attendite à falsis prophetis, qui veniūt
 ad vos in vestimentis ovium.* Olhai que vos saibais guardar
 de huns enganadores, profetas falsos, & santos fingidos, que se
 vos appresentão à vista com hũa humildade, & innocencia de
 ovelhas, sendo elles pelo contrario lobos carniceiros, que se
 puderem vos comerão as entranhas. Estes pelos fruttos que
 dão, os podeis conhecer, porque logo são fruttos amargófos,
 como Absinthio são suas obras mortíferas, venenosas, & alheas
 de todo bem, & principalmente da paz, caridade, & amor fra-
 ternal. E quando estas cousas se lhes não entenderem logo no
 principio, manifestar-se-hão por fim; porque as obras que faz
 o hypocrita, o falso doutor, & finalmente as que comigo en-
 volvem peccados, mostrão por fim que são amargosas como
 a Losna: *Novissima autem amara quasi absinthium.* A estes
 taes parece que está Deus ameaçando por Amos, quando diz:
*Qui convertitis in absinthium judicium, & justitiam in ter-
 ra relinquitis.* Sois tão perversos, que converteis o juizo em
 Losna, converteis a verdade em mentira, a virtude em vicio,
 a suavidade da Escrittura em amargura de falsos erros, & dei-
 xais o que he justo, & conveniente que sigais; grande castigo
 se vos guarda, penas eternas vos ficão esperando. Por todas
 estas razões fica claro que pela Losna se entendem os signifi-
 cados que ficão dittos, amargura, & remordimento da alma,
 tão manifestos na divina Escrittura, & confirmação de Dou-
 tores Theologos.

Aypo.

Pranto.

Consideração primeira.

Conveniente cousa he, que apoz a Lofna se trate do Aypo, como o Pranto anda junto a amarguras, & remordimentos das almas. Esta planta por triste, & funebre foi antiguamente dedicada às ezequias funeraes, como significadora do Pranto que com ellas assiste. Por isso a alstravaõ com Aypo o lugar aonde havião de pòr qualquer corpo defunto; com este cobriaõ as sepulturas, & delle adornavão os aposentos de gente que morria. He esta planta terrestre, & participa muito do humor, & fez da mesma terra. Nasce em lugares escuros, & sombrios, & dizião della, que primeiro intenta ir ao inferno, que apparecer sobre a terra, porque cresce muito para baixo com a raiz, detendo-se largo tempo em sair a luz. Entre os Gregos andava hum proverbio, & era, que quando vião algum doente de enfermidade incuravel, dizião delle, q̃ tinha necessidade de Aypo, dando a entender, que estava visinho da morte, & que se podia buscar Aypo para o enterramento de seu corpo. Os mesmos Antigos, que em seus convites, & ajuntamentos festivaes usavaõ de capellas nas cabeças de toda a variedade de flores, não querião que entre ellas viesse por descuido alguma folha desta triste planta, porque nem sinal de tristeza querião, aonde tudo era prazer, & alegria. Significa o Aypo pranto, o qual (como diz Santo Augustinho) he tristeza da perda que temos de cousas a que muito queremos. Nasce o pranto da fraqueza, & pusillanidade humana: & acerca do effeito, & officio que tem, contou certo Filosofo huma fabula graciosa à Rainha Arsinoes, que estava enojada por morte de seu marido, & foi. Que

*Pierius.**Plinius.**August.*

Ec ij

deoses

deuses da terra, & do inferno, ficando todos contentes com a forte que lhes coubera: succedeo não se achar presente o Pranto, & vindo depois das repartições feitas, mostrou grande sentimento, sendolhe facil derramar lagrymas, porque jūto aos olhos traz nuvens dellas que o não deixão ver. Pedio que lhe dessem algũa cousa, & Jupiter pelo contentar, & lhe fazer merces, não tendo que lhe dar cousa da vida, deu-lhe as que na morte se achão, Sentimento, Dór, & Tristesa, mandandolhe que assistisse com os defuntos. Com estas merces se despedio o Pranto, dando-se por satisfeito da forte que lhe coubera em entender com mortos, & exequias funeraes, aonde heitão certo, como com elle se façõ lagrymas, & amarguras, de que sempre se acompaña. Feve pois o Pranto cuidado de se achar em casas, aonde ha defuntos, & por isso nunca se estranhãõ lagrymas, & sentimento aonde ha morte de gente, que por qualquer respeito se amava, & queria muito; & ainda que nestas occasiões não ha o Pranto reprehendido, reprehende-se com tudo o excesso d'elle. Assim dizia S. Chrysofostomo, que não estranhava chorar a mãy pelo filho defunto, o irmão pelo irmão, ou o amigo pelo amigo, porque a natureza ha-se de doer, & achar menos o bẽ q̃ lhe falta. A gente ha de ter effeitos humanos. Chorou Christo na morte de Lazaro: chorai vós na de vosso amigo. Segui o exemplo de Christo: *Lacrymare, sed leniter, & prudenter, & cum Deo timore.* Chorai, mas com temperança, & prudencia, & com temor de Deos. Sentio a partamento, mas não como que desconfia do melhoramento do defunto. Aos que se apartão de nós por irem a terras remotas, choramos, & com amorosas lagrymas nos despedimos d'elles; o mesmo fazemos com os q̃ morrem, & se apartão de nós, até que nós tornemos a ver. A viuva de Naim, que chorava pela morte do filho que levava a enterrar, disse Christo, que não chorasse: *Noli flere.* E não lhe tolhe o que não chorasse, & mostrasse o devido sentimento, mas que não chorasse excessivamente, & por isso lhe não disse,

Chryf.

Prov.

Augu.

Luc. 7.

disse, que não chorasse, mas que não quisesse chorar: *Noli flere*, no q̄ lhe tolheo o pranto immoderado. E he o mesmo que S. Paulo diz: *Nolumus vos ignorare de dormientibus, ut non contristemini sicut & cæteri, qui spem non habent.* Não quero que fiqueis sem saberdes acerca dos vossos defuntos, que não sejais tristes pela morte delles, como os Gétios, que sentem muito aos que enterraõ, porque nenhũa esperança tem de os verem resuscitados; mas vòs outros, a quem a Fé ensina outra couza, não tendes para que ter excessiva tristeza. O Espirito Santo no Ecclesiastico diz, q̄ choremos ao morto, & ao tonto: *Super mortuum tuum plora, & super fatuum plora.* E logo se vai declarando, dizendo que choremos hum pouco a morte do nosso defunto, dando esse alivio à natureza, consolando-nos logo, porque elle descança; mas o que muito se ha de chorar, he a morte do nescio; & chama nescio ao peccador; sendo grande lastima que choremos muito a morte corporal de nossos irmãos, & amigos, & não sintamos mais a morte espiritual de nossas almas, & dos nossos proximos. Não tendes entranhas de caridade, (diz o grande Augustinho) se chorais o corpo, do qual se apartou a alma, & não chorais a alma, da qual se apartou Deos: *Non sunt in te viscera charitatis, si fles corpus, à quo recessit anima, & non fles animam, à qua recessit Deus.* Na alma defunta são as lagrymas bem empregadas. E isto he o que os servos de Deos sentem, & chorão. Morte, & perdição de tantas almas, quantas o peccado mata cada momento. E aquelles que sabem chorar estas perdas, são os servos de Deos, que elle manda affinalar com o seu final de salvação, como Ezequiel em hũa visão vio a hum homem vestido de branco, com seu tin-teiro, & pēna na mão, & hũa voz que lhe dizia: *Passa pelo meyo da Cidade, & affinala com o final de Thau aquelles que chorão pelos peccados, & abominações desta Cidade.* Donde se segue, que aquelles são servos de Deos, affinalados para o Ceo, que fazem pranto, & derramão lagrymas, não

Thess. 4.

Eccl. 22.

Ezéc. 9.

2. Cor. 1.

por defuntos que morrem ao mudo, mas por almas que morrem a Deos. E desta maneira quem chorar hum pouco pelo q̄ morre, chore grande espaço pelo que offende a Deos, q̄ este he o nescio, & o tonto, que o Espírito Santo manda chorar. Bẽ servo de Deos era aquelle que sentindo as feridas dos proximos, como se forão suas, dizia: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que proximo meu està enfermo, que eu me não cõpadeça delle, & sinta seu mal, como proprio meu? Quem padece algũa dõr, que eu com elle igualmente a não padeça.

Consideração segunda.

Ioan. 19.

Luc. 7.

Ioan. 12.

August.

Ps. 136.

DEve-se considerar pelo que fica dito, que são tres as cousas porque devemos fazer pranto excessivo: peccados propios, peccados alheyos, & por lembranças, & saudades do Ceo. Destes tres prantos se compõem o livro das lamentações de Jeremias: porque nelle se chorão culpas proprias, & alheyas, quaes eraõ as de seu povo. Com estas agoas dos olhos devemos regar a terra de nosso entendimento, para q̄ della nascão fruttos de boas obras, & flores de diversas virtudes. A Virgem Senhora nossa chorou, & fez pranto ao pé da Cruz, não de peccados, que nunca os commetteo, mas da Payxão de seu divinissimo Filho, & condenação do povo Judaico. A Magdalena aos pés de Christo, & depois por largo tempo no deserto chorou erros propios da vida passada. Quando por nenhũa destas razões quizerdes chorar, chorai pela terceira, como diz Santo Augustinho: *Et tu sume plantum pro caelestibus.* Já que vòs não chorais males propios, nem alheyos, fazei pranto pelos bens celestiaes. Chorai como os filhos de Israel, junto às correntes dos rios de Babylonia. Chorai lembranças de Sion, & da celestial Cidade de Jerusalem. Estas saudades vos obriguem a dizer com gemidos da alma, que sentis muito tão grande desterro, & tão prolongadas ausencias, como de veras as sentia aquelle que dizia:

Heu

Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est. Os que deste modo chorão são Bemaventurados, que assim o disse Christo por sua bocca: *Beati qui lugent.* Elle mesmo lhes promette a consolação, elle diz, que lhes ha de alimpar as lagrymas de seus olhos. Ps. 119.
Matt. 5.

Diz S. Bernardo, que cada momento tem motivos de chorar, quem a momentos cuidar nas miserias que na vida padece, & nas que ha de padecer na hora da morte: quem se lembrar da brevidade da vida, & pouca firmeza das cousas do mundo. Quem puser os olhos em sua peregrinação, & molestias de cada dia; & por fim bem tem que chorar, quem de continuo tem occasião de novos prantos. O leão bravo açoutes o abrandão, o coração duro lagrymas o abrandão. Bernar.

Hyssopo.

Limpeza.

Consideração primeira.

HYSSOPO he hũa pequena, & humilde herva, que communmente nasce pela paredes, & telhados das casas, referida muitas vezes em as divinas letras; donde se collige, q̃ assim como das arvores, entre os Hebreos, o Cedro era a mais excellente, & a quem se dava o primeiro lugar nas plátas mais nobres; assim das hervas, era o Hyssopo a minima para cõ elles, ainda que o significado não era de pouca excellencia. No terceiro livro dos Reys se conta, como Salamão cõ a sciencia q̃ do Ceo teve das cousas naturaes, tratou da natureza, & virtude de todas as plantas, & para dizer que não ficou planta de q̃ não tratasse, diz que fez Salamão tratado de particulares disputas, & questões acerca das plantas, começando do Cedro até o Hyssopo, herva que nasce nas paredes: *Disputavit super lignis à Cedrousq̃ ad Hyssopum, quæ egreditur de pariete.* Assim he de notar, que sendo esta herva a minima 3. Reg. 4.

Exod.

12.

Lev. 14.

Num. 19.

Hebr. 9.

Psal. 50.

de todas, & de menos estima, seja tantas vezes referida na sagrada Escriitura, como se póde ver no Exodo, no Levitico, & no livro dos Numeros: mandádo Deos fazer com ella certas ceremonias da Ley Velha; pelo que não ha duvida, que deixe de ter esta herua algum significado. Este tem de limpeza, & particularmente limpeza da alma, pela qual os que estão maculados de algũa nodoa, ou fealdade do espirito, ficão limpos. E por isso mandava Deos, que aspergissem com esta herua certa especie de lepra, com que ficavão limpos os doentes della. E pela lepra claro está que se entendem os peccados, ou as maculas, & nodoas que esses peccados fazem em a alma: donde David vendo que não estava limpo, mas com maculas da alma, & nodoas do peccado, pedia com muitas lagrymas a Deos, que como a doente de lepra o alimpasse, aspergindo-o com o Hyfopo, que he limpeza do espirito:

Asperges me hyssopo, & mundabor, lavabis me, & super nivem de alabor. Como se differa: Porque Senhor eu me conheço por polluto, & cheyo de muitas torpesas, vós me alimpai invisivelmente, como com o hyfopo, que diz limpeza, mandais alimpar a lepra, & outras cousas immundas: porque da mesma maneira que os Sacerdotes do vosso Templo, para a expiação da gente contaminada, borrifaõ com o hyfopo o corpo enfermo, assim vós alimpai o meu espirito cõ as agoas do vosso espirito, & com o sangue de vosso Filho para perfeita expiação de meus peccados, significada no exterior borrifo do hyfopo. Se fiserdes isto: *Mundabor*, ficarei limpo segundo a alma, que estava polluta com peccados.

Se tiverdes por bem de me lavar, & alimpar com o licor de vossa graça, sem duvida que ficarei mais alvo, & puro, que a alva, & pura neve. Esta limpeza da alma he a que David pede a Deos, & devemos todos procurar mais que a do corpo, porque a do corpo não he de nenhum proveito ao homem para com Deos; & a da alma he proveitosissima, & muito necessaria, & esta não consta de lavar as mãos, ou o corpo de maculas

maculas que tenha, fenaõ a alma de vicios que tem. Donde quando Deos por Isaias nos diz que nos lavemos, & sejamos limpos: *Lavamini, mundi estote*; não nos manda aos rios, *Isai. 1.* ou às fontes, para que nos lavemos nellas, mas às proprias almas, & a nõs mesmos, dizendo: *Auferte iniquitates vestras ab oculis meis*. Afastai de meus olhos vossas maldades: este he o lavatorio que haveis de fazer, não fazer peccados, & se os tendes feitos, emendar delles, & alimpar a alma delles. Esta he a limpeza que os justos tem, que quanto a do corpo peccadores a tem, homicidas, adulteros, & deshonestos; antes estes para andarem mais limpos, & cheirosos, trazem comfigo os cheiros, & unguentos preciosos, vèstem sedas, & brocados, & conforme os dias mudão os vestidos, tendo por dentro a alma morta: *Nihil est magnum, si corpus abluas*, diz Chrysoftomo. Não fazeis muito em lavardes o corpo, porq̃ *Chryso.* isso fazem hoje Mouros, & Judeos. Lavai, & alimpai a consciencia, que isso quer Deos; & por isso dizia David: *Cor mundum crea in me Deus*. Por isso o mesmo Senhor por Jeremias diz ao peccador: *Ablue à malitia cor tuum*. Por isso o Salvador do mundo disse, que erão béaventurados os limpos do coração, & não do corpo: *Beati mundo corde*. E a *Mat. 5.* estes diz, que verão com seus olhos a Deos; porque só de limpos de coração se deixa ver o mesmo Deos. E como diz São Augustinho, a pureza, & limpeza do coração são os olhos com que se vê a Deos; em cuja guarda ha mister tanta cautela, quanto esta pedindo a magestade da cousa que de taes olhos se deixa ver. E he de considerar dizer Christo, que só os limpos de coração verão a Deos, porque alli estão os olhos aonde Deos se vê, & estes olhos desejava o Apostolo S. Paulo que tivessem aquelles a quem dizia: *Illuminatos oculos cordis vestri*. *Ephes. 1.* Permitta o Senhor do Ceo darvos hús olhos do coração que tenham lume, para que com elles vejais a Deos. E para estes olhos pedia o Profeta Rey a Deos com tanta instancia, que lhe dèsse luz nelles, para nunca o offèder:

Illumina

Psal. 12.

Illumina oculos meos. He verdade que a estes olhos he cousa difficultosissima, não succeder algum contagio de vicio humano, que costuma contaminar nossas boas obras, as quaes quando são melhores, & mais excellentes, são mais acometidas de louvores humanos; mas o que for de limpo, & simples coração, que não faz as cousas a respeito dos homens, nem por contentar ao mundo, quando se vir acometido de gloria mūdāna, diga com David: *In Domino laudabitur anima mea,*

Psal. 33.

audiant mansueti, & letentur. Nos louvores que a Deos se dão, se glorea a minha alma, & não nos que os homēs me querem dar a mim. Oução isto os que pela mansidão do espirito se não inquietão, nem perturbão com louvores do mundo; oução isto, & alegremse, que os ha Deos de guardar de males com que o mundo os acomete. Esta he a limpessa da alma (figurificada na planta de que tratamos) a qual ninguem se póde gloriar que a tem, porque para com Deos ninguem he limpo de coração, porque a possibilidade da natureza humana,

Iob 25.

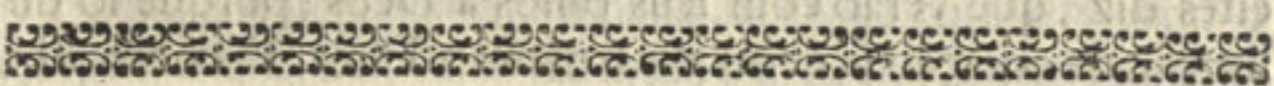
como diz S. Augustinho: *Vulnerata, sauciata, vexata, per-*

August.

ditata est. Está ferida, chea de chagas, maltratada, vexada, & per-

Rom. 3.

dida, necessidade tem da graça de Deos que a restitua, alimpe, & reforme, sem a qual ninguem he justificado.



Mandragora.

Boa fama.

Consideração primeira.

Gen. 30.

DAs Mandragoras se faz menção em as divinas letras, especialmente em o Genesis, aonde Raquel fez tanto por ficar com ellas para as comer, como manjar de muita estima. Confessa Santo Augustinho, que lhe deu muito em que entender, alcançar o segredo das Mandragoras, & a ração porque sobre ellas houvesse contendas entre Raquel, & Lia. E assim diz elle, que fez diligencia em as ver, para dahi

dahi considerar a natureza, & propriedade dellas; dandolhe idoneo significado, para interpretar os passos aonde na sagrada Escrittura se fala dellas. Diz pois que as vio, & considerou com attenção; & que não julgando a propriedade das Mandragoras por sciencia que tivesse das virtudes, & effeito das hervas, mas conforme ao que via com os olhos, do cheiro, & labor que tinham, achou que erão agradaveis à vista, & tinham cheiro suave, mas que não tinham bom labor, nem erão gostosas; & assim não podia deliberar comfigo, porque ralaõ Raquel fuisse tâtos extremos pelas Mandragoras, se por ventura não as desejou mais que por hervas raras, & pela suavidade do cheiro. E quanto ao não passar a sagrada Escrittura por este appetite de Raquel, sem o contar miudamente como foi, diz o Santo, que isto mysterio encerra; mas que elle não pode conjecturar outra cousa, senão que por aquelle fructo das Mandragoras se entende a boa fama: *Non intelligo aliquid ex ipso Mandragorico pomo posse figurari, nisi bonam famam.* Não aquella fama que tão sómente procede da opiniaõ dos Santos, & Justos, mas tambem a fama popular, & a boa opiniaõ, que alguns tem com o povo, a qual he necessaria para os que governaõ, & tem algumas dignidades publicas, os quaes ainda que na realidade não sejaõ bons, & que em segredo tenhaõ alguns defeitos, com tudo saõ louvados, & bem accitos pela boa fama, que delles corre, estando bem acreditados com a gente. E este credito (diz o Apostolo S. Paulo) que he necessario para os que haõ de ter officios publicos: *Oportet autem testimonium habere bonum ab eis, qui foris sunt.* 1. Tim. 3. Importa que a gente popular deõ testemunho bom de sua vida, & procedimento. Porque ainda que os taes saibaõ pouco a respeito de outros, com tudo sabem dar de si exemplo de boa vida, & cheiro de boa opiniaõ àquelles dos quaes tem cuidado, pelo que merecem louvor, & reputaçãõ, o qual não alcançaõ tanto os que saõ particulares, & buscão proprio sossego; mas aquelles que
andaõ

Geu. 30.

andão no trabalho, & perigos das acções. Por isso o filho de Lia achou as Mandragoras, porque sahio ao campo; *Exiens in agrum*, quer dizer, *honestè ambulans ad eos qui foris sunt*. Sahio de casa ao campo, a ver se fãta, & honestamente com os que estão fóra, para os ensinar, para os admoestar, & consolar em suas afflicções. De modo, que não basta ter hũa pessoa partes para ensinar, & governar, senão que ha de exercitar, & communicar essa doutrina, andando em o meyo do povo, & communicando a todos donde vem achar as Mandragoras, que he alcançar a boa fama, de que se ha de acompanhar. É posto que he conselho Evangelico, que os Varões Apostolicos padeção afrontas, & injurias, & folgué de serem afrontados com vituperios, & falsos testemunhos, com tudo occasiões ha em que não sómente hão de mostrar sua inculpavel vida, mas ainda manifestar ao mundo virtudes suas, como as manifestou o Apostolo S. Paulo, quando andãdo infamado, & murmurado de muitos inimigos que tinha, & o queriaõ inimistar com o povo, importandolhe conservar o credito, & acodir por sua honra, escrevendo aos de Corintho, faz hũa grande escrittura de virtudes, & excellencias suas, começando pela nobresa, & sangue que tinha, logo das letras, & partes de que era dotado, & das muitas vezes que fora açoutado por Christo, as fomes, sede, trabalhos, & misérias, que padecera, & por fim, que fora arrebatado ao terceiro Ceo. Sendo assim, que o Apostolo era muito humilde, & nada amigo de publicar seus bens. Mas: *Vos me coegistis*, (diz elle) vòs outros com as cousas que dizeis de mim, me forçastes a isto, que nunca eu tinha para que me louvar, vòs ereis os que me houvereis de louvar: *Tamet si nihil sum*. Bê sei que sou ninguem, mas pois afrontais a quem està posto em dignidade, que ha mister conservar credito, & boa fama, direi o que ha em mim, & publicarei virtudes minhas, porque vos não atrevais a pòr bocca em Ministros, & Prelados publicos, que devem conservar honra, credito, & authoridade.

2. Cor.
12.2. Cor.
12.

As Mandragoras pois por ditto de Santo Augustinho, significação esta boa fama, como fica referido. Parece que por isso convidava a Pastora do Ceo ao querido Esposo, que sahisse ao campo a ver se florecerão as vinhas, & dalhe por novas, q̄ as Mandragoras derão o seu bom cheiro: *Mandragoræ dederunt odorem.* Tão proprio he destas hervas darem fructo cheiroso. E parece que nisto se nos quer dar a entender, que se alegra muito a Igreja Esposa de Christo, quando saindo a tirar a formação dos costumes, & procedimento dos q̄ nella tem officios, & dignidades publicas, acha que procedem bẽ, & que dão de si o exemplo, & boa fama, que se esperava delles: *Mandragoræ dederunt odorem.* O Apostolo S. Paulo diz de si, & dos que governaõ, & sãõ cabeças: *Christi bonus odor sumus.* Somos o bom cheiro de Christo, saibamolo conservar, para que possamos grangear almas com a doutrina, & exemplo de vida que lhe dermos. Disto se queixava Deos por Jeremias, que os Ecclesiasticos do seu povo estavaõ mudados do que eraõ, & tinhaõ perdido honra, & authoridade, quando dizia: *Mutatus est color optimus.* Mudouse a boa cor que tinhaõ os Sacerdotes, & Ministros do meu Templo. Aonde S. Jeronymo diz, que entãõ se muda a boa cor: *Cum quorundam, qui agere religiosè videbantur, religiosa existimatio minuitur, & quasi pallefcit.* Quando se diminue o credito, & fama daquelles que pareciam viver, & proceder santa, & religiosamente. Pelo que diz o Espirito Santo: *Currant habe de bono nomine.* Não f. çais pouco caso de terdes bom nome, & estardes em boa reputação com a gente: porque se sois Ecclesiastico, importa isso muito para exemplo, & edificação do povo. Por isso disse Christo a seus Discipulos: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra.* Assim resplandeça vossa luz diante dos homens, que vejaõ elles vossas boas obras, & tomem disso exemplo, & dahi se siga darem elles honra, & gloria a Deos, que de tão bõs Ministros sabe adornar a sua Igreja. Para com os Gentios teve

August.

Cant. 7.

2. Cor. 2.

Ibren. 4.

Eccl. 4.

Pierius.

a Man.

a Mandragora significado de descuido, & negligencia, donde se originou hum adagio que diz: *Mandragoram bibere*, que quer dizer, ser froxo, tibio, & mui descuidado. Tirouse o adagio do effeito, & propriedade desta herua, que lançando-se no vinho, causa a quem o bebe taõ profundo sono, que parece estar morto, & não usar de espiritos vitais. Por onde se dava a beber antigualmente a muitos que por justiça havião de padecer tormentos, cortandolhes partes de seus membros, sem os sentirem, nem darem acordo disso. Pelo que se chega muito esta herua a peçonha, ainda que de todo o não he. E affirm aquellas Mandragoras que Rubem achou no campo, & por mimo levou a sua mãy Lia, que depois as deu a Raquel, devião ser outras, que tivessem diferente virtude sem suspeita de prejudiciaes. E não faltão Authores que digão, que as desejou Raquel, porque como era esteril, entendeu que tinhão as Mandragoras virtude de affugentar a esterilidade, a quem as comesse.

Gen. 30.

Linho.

Santidade, Justificação.

Consideração primeira.

Tambem aqui se ha de tratar do Linho, & do significado que tem: pois he planta que a terra dà, como outras de que remos tratado; & tem esta excellencia, que o mesmo Espirito Santo declarou o que por ella se entendia. Fala-se do Linho em muitos lugares das divinas letras, debaixo desta palavra *Linum*, *Byssus*, ou *Byssinum*, que todas ellas querem dizer Linho, & de todos estes Lugares se collige, que a significação do Linho he Santidade, ou Justificação, como se deixa ver no decimo nono capitulo do Apocalypse, aonde o Evangelista S. Joã diz, que depois da Divina Justiça tomar vingança daquella infame molher, que derramou o sangue

Apoc. 19

fangue dos Santos, houve no Ceo hum grande contentamento, & huma voz como de trombeta, entre outras cousas differa que se alegrassem interiormente todos, & dessem mostras exteriores de prazer, & alegria, porque erão chegadas as bodas do Divino Cordeiro, & sua Esposa se aparelhava para as bodas, nas quaes se lhe concedera por merce, vestir-se de Linho branco, & resplandecente: *Datum est ei ut cooperiat se byssino splendenti, & candido.* Trata aqui o Evangelista sagrado daquelles soberanos desposorios, que houve entre Christo, & a Igreja; & logo declara o que significa vestir-se a Esposa de Linho mais que de outra cousa, dizendo, que o Linho são as justificações dos Santos, a santidade dos escolhidos, & as boas obras que nesta vida fiserão: *Byssinum enim justificationes sunt Sanctorum.* E porque (como diz Santo Augustinho) as justificações do Justo são dões de Deos, por isso diz, que foi merce a que se fez à Esposa, adornarse de Linho, & todo este tempo que ha daqui ao dia do Juizo, se dà à Igreja, para que se aparelhe, & adorne de mais santidade, & justificações, para o dia de suas bodas, quando por meyo daquella bemaventurada uniaõ se ajuntarem perfeitamente, para nunca mais se apartarem. Serà este dia de singular contentamento, pelo que se alegrão os que são chamados às festas do Cordeiro. Não parou aqui o Evangelista, senão que levantando os olhos, vio que acompanhavão ao Cordeiro esquadrões de gente vestida de Linho branco, & limpissimo: de sorte, que a Esposa vinha adornada de Linho, os que acompanhavão o Esposo vestião a mesma libré, & o Esposo trazia a roupa rociada de fangue. Vejamos porque o Linho significa Justificação, que tambem daquella forte molher dos Proverbios diz o Espirito Santo, que vestia Linho, & purpura: *Byssus, & purpura indumentum ejus.* Que segredo he este *Prov. 31* vestir-se a Esposa, & os Justos de Linho mais que de outro pano? Para declaração disto, considere cada hum o que o Linho

448 LINHO. SANTIDADE, JUSTIFICACAO, AM
passa para chegar a ser branco, & resplandecente, & entao en-
tendera, porque a santidade se significa no Linho. E conside-
re como o Linho he semeado, & lançado na terra, como o ar-
rancaõ depois de nascido, como o põem em tanques de agoa,
ou correntes de rios, & o carregaõ de pedras, como apoz
illo o mortificaõ, como o maltrataõ, & golpeaõ, & passaõ por
dentes de ferro, & finalmente o muito que ainda depois de
tudo isto padece primeiro que chegue a ser posto no tear, &
depois para o curar o que se lhe faz para vir a ser branco. Que
isto notar, facilmente entendera, porque a santidade, & justi-
ficaçãõ he significada pelo Linho. E entenda o servo de Deos,
que para ser santo, & entrar justificado, limpo, & resplande-
cente no Ceo, ha de passar trabalhos, mortificações, deshon-
ras, & afrontas, apertos, & miserias: porque nem a Esposa
Divina se dà entrada no Ceo, se primeiro se não aparelha cõ
isto, nem ao Esposo seguem senão os que se vestem de Linho.
Mas não he muito que os Justos se vistão de trabalhos, pois o
Esposo entra nestas bodas com a vestidura rociada de sangue.
Esta he a preparaçãõ que haõ de fazer os Fieis de Deos: &
saibaõ que he particular merce, & dom de Deos darlhes tem-
po, & occasiãõ para taõ rico aparelho. O que além de dizer o
Evangelista S. Joãõ, como fica declarado, tambem o Aposto-
lo S. Paulo o diz por hũas palavras que enearcem a excellẽ-
cia, & grandesa deste favor: *Vobis datum est, non solum ut in*
eo credatis, sed ut & pro eo patiamini. A vós outros que se-
guis o Cordeiro para onde quer que vai, vós que sois escolhi-
dos seus, vos he concedido por merce, que não sómete creais
em Christo Jesu, mas tambem que padeçais por elle. Por on-
de não temos que nos admirar, que na casa do Justo vejamos
angustias, tribulações, & necessidades, para que haja santida-
de, & justificaçãõ, que tudo isto he purificar-se o Linho, para
que com o vestido desta librẽ se prepare a gente para a entra-
da do Ceo. Estas angustias, & apertos não afeãõ ao Justo, mas
fazem-no mais fermoso, & puro. Os males da vida quando
lhes

Phil. I.

lhes vem, não he para os abaterem, mas para realçarem mais seu valor: *Diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum*, diz o Apostolo S. Paulo. Aos que amão a Deos tudo

Rom. 8.

lhes està bem, & tudo ajuda aos fazer mais bellos, & engraçados: porque nas prosperidades exercitão a virtude do agradecimento, dando graças a Deos, porque os consola, & visita, & nas afflicções exercitão a paciencia, que he hum grande bem, como diz o Apostolo Santiago: *Quoniam tribulatio*

Iacob. 1.

patientiam operatur. Nas perseguições exercitão a benevolencia, nas contradicções a sabedoria: & em fim todos os males se lhes convertem em bem, ficando na prova delles mais santos, mais justos, mais humildes, & acautelados; como ficou David, quando disse: *Bonum mihi, quia humiliasti me, ut discam justificationes tuas*. Para eu Senhor ficar alvo, &

Pf. 118.

puro, limpo, & resplandecente como o Linho já curado, cousa boa, & conveniente me foi, terdesme vòs humilhado, para que eu aprenda vossas justificações. Este he o singular privilegio dos Justos, converterse lhe tudo em bem. Del-Rey Mydas fingirão os Antigos, que por agasalhar em sua casa a certo deos, lhe concedeo em galardão da boa hospedagem, que tudo quanto tocasse se lhe convertesse em ouro. Assim são os Justos, que tratao de ter a Deos por hospede, que tudo se lhes converte em ouro de merecimento, com que haõ de comprar hũa gloria que não ha de ter fim. Hia Balão para amaldiçoar o povo de Deos, & Deos cõverteo as maldições em benções,

Num. 22

23. & 24.

& castigou aos que procuravão q fosse maldito: *Quis est qui vobis noceat, si boni emulatores fueritis?* diz S. Pedro. Que cousa ha irmãos, q vos possa empecer, se quiserdes imitar o bẽ: *Non contristabit justũ, quidquid ei acciderit*, diz o Espirito Sãto nos Proverbios. Nenhũa cousa pôde acõtecer ao Justo q o entristeça, porq como não deseja mais q a gloria de Deos, & sabe q seus trabalhos os ordena Deos para gloria sua, em todos elles està com rosto alegre, nada o inquieta, nenhum mal offende seu valor, nenhũas trevas escurecem seu resplendor.

Favas.

Demandas.

Consideração primeira.

2. Reg.

17.

Ezec 4.

EM dous lugares da divina Escrittura são as Favas referidas, & supposto que entre Authores sagrados não ha descobri-se a significação que tem, consta de letras humanas, que de tempo antigo lhe attribuirão a de demandas, & porfias. Para cujo entendimento he de saber, que as Favas foraõ sempre muy aborrecidas de quem alcançou sua malignidade, porque causaõ grande guerra, & inquietação em o estamago, inchando dentro nelle, & levantando ventosidades que o offendem, & canção: sendo difficultosas de digerir, & causando terribes sonhos: condições proprias de demãdas, aonde tudo he inquietação da alma, & do corpo, tudo guerras, & teimas, cuidados, & imaginações de vinganças. E estavaõ os Antigos tanto nesta verdade, que com grandes penas eraõ prohibidas as Favas aos Pythagoricos, porq̃ não comessem cousas que os inquietassẽ, & lhes causassẽ variedade de sonhos: ainda que outros dizem, que os Pythagoricos tinhaõ para si que as almas dos que morriaõ se recolhiaõ em as Favas, & assim conta Festo Pompeo, que succedeo a Pythagoras, indo fugindo a quem o queria matar, & podendo-se esconder em hum faval, elle o não quiz fazer por não pizar as Favas, que eraõ recolhimentos das almas, querendo que antes o matasem seus inimigos, que cõmetter tal sacrilegio.

*Plinius.**Festus.**Pierius.*

Os Egypcios não semeavaõ, nem comiaõ Favas. Dizem alguns, que o faziaõ por imaginarem que dentro dellas se escondia alguma divindade. Mas outros affirmaõ, que o não faziaõ, senão por ser legume péssimo, grosseiro, & de humor muito melancolico; por onde não sómente não as comiaõ, mas nem ainda as queriaõ ver com os olhos. Entre os

Romanos

Romanos eraõ as Favas tidas por impuras, & abominaveis, & ao seu summo Sacerdote naõ era licito tocar Favas. Offereciaõ-nas aos deoses do inferno, & nas ezequias dos seus defuntos faziaõ hum manjar de Favas para comerem os mesmos que imaginavaõ estar em companhia dos deoses infernaes. Na flor da Fava pôdem advertir os curiosos, que se representa hum nojo, & luto triste. O significarem demandas, nasceo de hum proverbio, que Suidas declara, o qual diz: *Neque allium comedendum, nec fabas.* E quera dizer, *Suidas.* que naõ haviaõ os homens de comer Favas, nem alho, entendendo, que haviaõ os homens de fugir de demandas, & guerras, porque o alho he symbolo da guerra, por ser comer commum aos soldados, & as Favas symbolo das demandas, porque commumente as comiaõ os que estavaõ ouvindo causas, & demandas, para naõ adormecerem, & estarem attento; & diz Pierio, que se mudou este costume em *Pierio.* Roma nos jogos do Amfitheatro, aonde para senaõ enfadarem os Romanos em quanto tardavaõ as festas, costumavaõ os Judeos andar vendendo tramoços cortidos em agoas pelos assentos, & estancias do Amfitheatro, & que delles passou este costume às negras, que hoje os andão vendendo pelas ruas, que até este genero de mercancia manou desta gente, que inventou todo genero de trato, de que pudesse viver, & enriquecer.

Consideração segunda.

Demandas nunca as houvera de haver entre gente que procura viver pacifica, & quietamente, & ser do numero daquelles, a q̃ já nesta vida o Salvador do mundo chama Bemaventurados, dizendo: *Beatipacifici, quoniã filii Dei vocabuntur.* *Matt. 5.* Bãaventurados os pacificos, porq̃ elles serão chamados filhos de Deos. Não são demãdas, & litigios da profissãõ do Christão, q̃ professa paz, concordia, & caridade cõ o proximo. Assi nos acõselhaõ os Sãtos, & particularmẽte

August.

Santo Augustinho, que fuja a demandas, & quando estas se não puderem escusar, depressa ponhamos fim a ellas por meyo de composição: *Ne ira crescat, & trabem faciat de festuca.* Acabem se demandas, componhão se contendas, porque a vossa tenção não venha a ser payxaõ, a vossa pertinacia não seja odio, & o vosso odio obstinaçaõ da alma, & assim o que no principio he hum pequeno argueiro, venha por tempo a ser trave de proprio escandalo, que dè com vosco no inferno, ficando a pobre da alma sendo homicida, pois por sentença de Christo nosso bem o he aquelle que a outrem aborrece, o que agrava, & molesta o proximo, o que com satisfação não remedeya o mal que fez, & offendendo não pede perdaõ. Os que cahem nestes cõmissos, & não se emendaõ, são homicidas. Diz S. Chrysofomo, que os pacificos, & mansos de coraçãõ fogem a litigios, & controversias, & para não as terem buscaõ os modos possiveis, ainda que seja cortando por si. Houve brigas, & contendas entre os pastores de Loth, & Abrahaõ, & podendo por esse respeito haver vellas grandes entre os amos, pois as havia entre os criados; ver o como Abrahaõ acodio depressa a isso, & atalhou a fastios, & payxões: ver o como foi o primeiro que cõmetteo partido ao proprio sobrinho, sendo assim, que devera Abrahaõ ser rogado d'elle. Vinde cá, (diz elle) sobrinho Loth, porq̃ entre nós não haja demandas, & dissencões, tratemos de nos compor ambos: *Ne fortè sit iurgium inter me, & te.* Não são estas cousas que hajaõ de passar avante, aqui lhes havemos de dar fim: se as controversias são sobre quem terá melhor terra para os pastos de nossos gados, escolhei vòs a q̃ melhor vos parecer, & ide logo para ella, que se vòs por melhor escolherdes a da mão direita, eu ficarei com a da parte esquerda, & assim ficaremos ambos taõ amigos, como sempre fomos: não haja entre nós litigios, cessem fastios, & payxões. Notai (diz S. Joaõ Chrysofomo) como hum Justo se sabe haver, para não perder sua quietaçãõ, & estar com todos em paz,

*Chryf.**Gen. 13.**Chryf.*

ensinando-nos, que nem com os inferiores tenhamos porfias, de que nascão odios: *Justus æquabiliter omnia facit, docens nunquam cum proximis esse litigandum, etiam cum inferioribus.* Tinha mysterio mandar Deos na Ley Velha, que os pleitos, & demandas se julgassem, & sentenciassem às portas da Cidade. Alli fazião suas audiencias, aquelles erão os lugares de suas Relações. Alli assistião os Juizes, & Julgadores. Alli tinhão as Justiças seus tribunaes, aonde o povo que entrava, & sahia, via, & ouvia quanto passava. O que considerando S. Gregorio Papa, diz, que era ordem dada do Ceo, sentenciam-se às demandas às portas da Cidade, porque não era bem que com discordia entrassem nella aquelles que na mesma Cidade tinhão necessidade de viver com paz, & concordia. Se ha contendas, se differenças, se payxões, logo aqui se julguem, & componhão as partes, não haja entrar, ou tornar para dentro da Cidade com fastios aquelles que em tudo devem procurar quietação. Por isso se fação as audiencias às portas, como diz Deos pelo Profeta Amos: *Constituete iudicium in portis.* A razão seja a que dà S. Gregorio: *Quatenus urbem, in qua concorditer vivere oporteret, discordes minimè intrarent.* Porque não era bem que os homens entrassem com differença na Cidade, aonde importa viverem todos concordes, & unidos em caridade. Com tudo ha demandas, & contendas no mundo, ha inimilades entre a gente, & ha odios entre Christãos, nascendo tudo isto da cobiça, & avareza, da inveja, soberba, & vaidades da vida: *Tolle hæc, & nulla discordia invenietur,* diz S. Chrystomo. Pende estas couças de parte, & não haverá no mundo discordia. Não haja inveja, não haverá má tenção. Não haja soberba, não haverá desprezar, & afrontar o proximo. Não haja avareza, não haverá furtos, ladroices, tratos illicitos, & extorções tyrannicas. Não haja vaidades, & não haverá presumpção, & destruição da fazenda. Em fim cessando viciós, & excessos, cessarão demandas, & litigios. E porque a justiça, & boa ordem das

Amos 5.
Gregor.

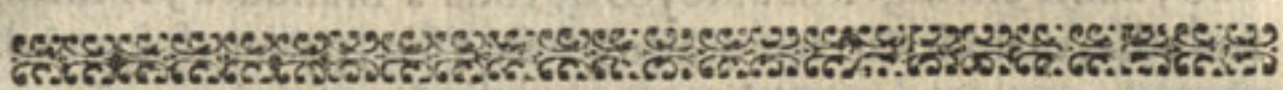
Chryf.

cousas procuraõ que em tudo haja bom procedimento, faz o que hum official de qualquer officio que seja, costuma fazer, que he pòr à vista dos que passãõ as melhores cousas que tem feito, para prova de seu talento, & habilidade. Os Reys para os officios escolhem os mais dignos, mais astutos, & avilados; a Igreja para Bispos, & Prelados os melhores, & mais qualificados varões: para Sacerdotes, & Ministros os mais exemplares, & virtuosos Christãos: os quaes com sua vida, saber, & aviso, componhão, & governem o mundo, julgando as cousas com justiça, & igualdade, & pondo em paz os que de algum modo estaõ diferentes, que he grande obra de misericordia pacificar os desconformes. Para se escusar todo genero de demandas, dà Santo Augustinho hum conselho, & diz, q̃ quem houver de litigar com o proximo, primeiro se ponha em demanda com sua consciencia, & lhe faça a saber o perigo em que se põem, da guerra em que entra, & da inquietação que quer começar, & assim lhe requeira, que desista de toda a payxaõ que tem, que corte por si, que dimitta de seu direito, que trate de paz, & concordia, & naõ queira pòr a alma a perigo de morte eterna. E quando por ventura a mesma alma estando cega de algũa payxaõ, se mostra triste, & perturbada com estes santos requerimentos, que se lhe fazem, porq̃ quer antes executar seu intento, & payxaõ, digamos a essa alma:

Psal. 42. *Quare tristis es anima mea, & quare conturbas me?* Alma minha, se te perturbas com cuidar que has de perdoar, & dimittir de tua determinação, & contumacia, & por isso estàs triste, olha que te perdes, & condenas. Se te naõ queres condenar: *Noli odiffe.* Naõ queiras aborrecer, naõ procures vingança, naõ molestes o proximo. E se isso te parece duro: *Spera in Deo.* Põem tuas esperanças em Deos: elle he Medico, curarteha. He pacificador, elle te aquietará. He Justo, elle te fará justiça. Põem tuas cousas em suas mãos, & ficaraõ seguras, & remediadas. Olha para elle, & vellohas pendendo em hũa Cruz por amor de ti, que o puseste nella, & nem

com

com tudo se vinga de tua ingraticidã : & tu queres te vingar de pequenos aggravos, que te fiserãõ. Olha para elle, & verã, que sendo offendido, estã pedindo perdaõ para os mefmos que o offendem. E se dizes que Christo pode fazer isto, & tu naõ, porque elle he Deos, & tu homem, verdade he, que he Deos, mas tambem he Homem : & tu homem sempre es homem. Porem homem era Santo Estevaõ, como tu es, & cõ tudo, quando Judeos o perseguaõ, elle os amava de coraçãõ: & quando o apedrejavaõ, rogava por elles a Deos. Assim o fiserãõ outros Sãtos. Assim o podes tu fazer, & imitar os Sãtos, & o mesmo Rey dos Ceos, que só a Santos dà lugares nelles.



Espinhos.

Riquezas.

Consideração primeira.

Diz S. Gregorio Papa, que naõ fora possivel darlhe al- *Gregor.*
 guem credito, ouvindo lhe dizer, que pelos espinhos
 saõ significadas as riquezas, sendo assim, que estas deleitaõ, &
 aquelles magoãõ. Mas he significação, (diz elle) que Christo
 nosso bem lhes deu, & declarou por sua bocca, & o que a ver-
 dade disse, naõ tem nossa fraquesa para que imaginar cutra
 cousa : elle por si mesmo declarou que os espinhos (entre os
 quaes cahio parte da semente do lavrador que semeou em *Mat. 13.*
 quatro partes da terra) erãõ as riquezas, o campo, o mundo, a *Marc. 4.*
 semente a palavra de Deos. E declarou isto, para q̃ tambem nõs *Luc. 6.*
 aprendessemos a declarar, & dar sentido às mais cousas, a que
 elle por si mesmo naõ quiz dar declaração. As riquezas saõ es-
 pinhos, porq̃ magoãõ a alma com agudas pontas de cuida-
 dos, & inquietações : & entãõ a ferem cõ crueis feridas, quã-
 do a levãõ a commetter algum peccado: *Divitie spinæ sũt, Chryf.*
quæ cogitationum suarum punctiõibus mentem lacerant.

S. Chrysoftomo tambem diz o mesmo: *Spinæ sunt divitie,*

nullam afferentes fructum, & aspectu deformes, & usu injucunda, &c. As riquezas são espinhos, que nenhum fructo dão, disformes à vista, no trato insofríveis, que fazem mal aos que as tocão, & não sómente não prestão para dar fructo, mas impedem o que nasce ao redor dellas. Os espinhos são manjar de Camelos, & alimento do fogo. As riquezas não servẽ para outro uso, mais que para incendio do inferno, & para sustento dos appetites irrationaes. Os espinhos são duros, & asperos, nascem em lugares seccos, aonde não ha humidade; quando o lavrador os tira da terra, para o fogo os tira. As riquezas duras são, & intrataveis, pelo cruel tratamento que dão; dãose em fugeitos alheyos de toda a brandura, & misericordia, quando são arrancados desta vida, para o fogo vão. Antes quando querem alimpar a terra dos espinhos, não os cortão com ferro, que alli mesmo lhe põem o fogo. Os espinhos dão dor, & sentimento, & as riquezas dizem os Santos que tem por premio tormento eterno. Os espinhos fazem mal a outras plantas. Os ricos opprimem, & fazem mal aos outros, como diz Santiago na sua Epistola Canonica: *Nonne divites per potentiam vos opprimunt?* Quem vos opprime, se não os ricos pelo poder que tem? Se os espinhos não dão fructo, nem sustentão: *Divitiae non nutriunt, sed verbum Dei*, diz Chrysofomo. Não são riquezas as que sustentão, senão a palavra de Deos. E Santo Augustinho diz, que os ricos são tão necessitados, que até o pão lhes falta: *Divites egent, & quod plus est, egent pane.* Tem os ricos necessidade; & o que he mais, tem necessidade de pão. Os espinhos tratão mal a quem com elles se não acautela; do mesmo modo: *Divitiae incautos perdere consueverunt*, as riquezas sempre costumarão lançar a perder os mal advertidos, & descuidados. Os espinhos prendem, & embaração, assim o fazem as riquezas, que são prisões, & laços em que muitos estão presos, & embaraçados. O tratar com espinhos he mais perigo, que segurança: as riquezas tem muitos perigos para o mal, & nenhũa

Gregor.
Chryf.

August.

Chryf.

nenhũa segurança para o bem. Pois assim como dos espinhos se não faz caso, assim se devem ter em pouco as riquezas, & não fazer caso dellas, pois não aproveitaõ senão para levar ao inferno, sendo infinitos os caminhos por onde leuão a elle.

Consideração segunda.

NA gente rica não se reprehendem as riquezas, mas a avareza de as possuir, nem se lhes attenta a abundancia de bens, como a fome de sua cobiza. Reprehende-se o aproveitar se mal dellas, o não se repartir dellas com pobres, o entesourarse sem meyo, & sem fim, pondo-se nellas sua felicidade da vida. Aos taes reprehende aiperamente Santiago, quando diz. Andai ricos, chorai, & gemei vossas misérias, porque ellas haõ de vir sobre vós: *Divitia vestra putrefacta sunt.* Vossas riquezas apodrecerão, a vossa prata, & ouro tem ferrugem, os vossos vestidos estão comidos da traça: isso será testemunho de vossos corações: bichos vos comerão, o fogo vos consumirá. Aonde Ecumeno diz, que esta podridão de riquezas, esta ferrugem de prata, & corrupção de vestidos, darão testemunho contra os ricos, accusando sua avareza, & cõdição miseravel: *Arguent tenacitatem vestram.* As riquezas deste modo saõ as que se reprovão, & das quaes diz David: *Melius est modicum justo. super divitias peccatorum multas.* Melhor he o pouco do Justo, que as muitas riquezas dos peccadores, porque ellas o condenaõ mais, & o pouco do Justo ajuda o mais a se dar a Deos. Não ha riquezas como a virtude. Nenhũa cousa lhes he igual, nenhũa mais poderosa; os Principes, & Reys da terra possuirão Reynos, & Provincias, mas não tendo virtude, nenhũa cousa tem. Qualquer delles: *Panniculo so paupere miserior est,* diz Chrylostomo: mais miseravel he que hum pobre remendado: porque riquezas não se haõ de ter por nada, se lhes falta virtude: & que

esta

esta tiver, não cure daquellas; porque quem ama a Deos aborrece riquezas, visto que estas impedem voar para o Ceo, ao qual com muita difficuldade vão os ricos, porque como nesta vida vão carregados com o peso de suas riquezas, não podem voar a elle. Pelo que diz S. Jeronymo: *Difficile intrant divites in Regnum Cælorum, quod expeditos, & alarum levitate subnixos habitatores desiderat.* Difficultosamente entraõ ricos no Reyno dos Ceos, porque o voo, que para elles se faz, ha de ser leve, & desembaraçado, haõse mister azas ligeiras, & expeditas, o que ricos não tem, que caminhaõ muito carregados, não para esses Ceos, mas para o inferno. Salvaõse estes com difficuldade, porque como diz S. Augustinho, he cousa difficullosa que ricos não commetão muitos peccados, sendo a occasião delles a sobegidão de bens, as rapinas, os furtos, os illicitos contratos, as usuras, & injustiças que fazem, & sobre tudo sua grande cobiça, & avareza, como a pouca misericordia, que tem com os pobres, dos quaes os fez Deos dispenseiros em materia de riquezas: & tem alguns ricos nomes de ladrões, porque possuem bens dos pobres, sem lhos quererem restituir. Por todas estas razões comparou o Salvador do mundo as riquezas aos espinhos, de cuja significação não ha que descontentar, aonde ella a declarou assim. Pelo que como S. Gregorio diz: *Si verè fratres divites esse vultis, veras divitias amate.* Os q̄ verdadeiramente quereis ser ricos, amai as verdadeiras riquezas. Levãtai o pensamento ao Ceo, nelle ponde vossos desejos, & cuidados. Alli fazei vosso thesouro, considerando as riquezas de Christo, que por nós se fez tão pobre, para enriquecer a pobres, trazendo do Ceo à terra riquezas para encher dellas aos que achasse pobres, & defenganasse a ricos.

August.

Gregor.

Consideração terceira.

Diz Seneca, que a natureza a nenhum vicio nos sujeitou, *Seneca.*
 livres nos gerou, & desapegados de tudo, & por isso
 não poz em descuberto cousa que nos causasse avareza. A pra-
 ta, & ouro nos poz debaixo dos pés, para que com elles pi-
 zassemos, & opprimissemos aquillo porque somos pizados,
 & opprimidos. Levantounos o rosto ao Ceo, para que olhas-
 semos para elle, & vissemos grandezas que desejassemos. O
 ouro escondeo o para que o não cobicássemos. Nós somos
 os que buscamos debaixo da terra o instrumêto de nossos pe-
 rigos, nós entregamos à fortuna os males com que nos per-
 segue, & não nos corremos de ter por cousa mais sobida o
 que he a cousa mais baixa da terra. Em outro lugar diz, que
 as riquezas, & honras apartão do bom caminho, sendo ellas *Seneca.*
 por opinião dos homens agradaveis, & por sua estimação
 muito baixas, & viz. Não são as riquezas mais do que as que-
 rem estimar; nem se louvão, porque se cobicem, mas cobi-
 ção se, porque se louvão, & em tudo ha engano. Estas cau-
 são soberba, & arrogancia, adquirem inveja, grangeão odios,
 & se são muitas, fazem cobiça de mais, subindo de grandes
 cousas a mayores, sempre com esperanças malissimas. O sa-
 bio não ama riquezas, & se as tem em casa, não as tem no co-
 ração, & se lhe fogem, nenhuma cousa levão, senão a si
 mesmas; & se fogem a outros, pasmão; porque sem ellas
 se achão sós, que o coração com ellas se foi. Para comigo
 (diz elle) terão riquezas algum lugar, para com outros
 muy grande lugar. Serão as riquezas minhas, que outros
 são das riquezas. Estas se não devem impedir a sabios,
 porque a sabedoria não se condena com pobreza. O sabio
 pôde ter riquezas, porque a ninguem as toma, sem inju-
 rias de outrem as alcança, & sem tratos illicitos com tanta
 honra entrão em casa, como sahem della. O caminhante
 que

que vai a pé, se acha coche, ou andas em que possa ir, bem he que vá nelle, & deixe de ir a pé. Assim o que na vida caminha com pobreza, se póde ser rico, seja rico, mas cuide que essas riquezas voão, & não tem firmeza. As riquezas haõ de ter differença entre o nescio, & o sabio, se hum, & outro as querem ter. O sabio tem-nas para serviço, o nescio para imperio. O sabio nada permite a suas riquezas, ao nescio tudo permittem seus thesouros: este tem-nas por eternas, o outro por transitorias. Quem ao sabio tirar riquezas, ainda lhe deixa tudo, o que he seu sempre possue, & vive contente, alegre com as cousas presentes, seguro com as vindouras. Estas dizia Bias que levava comfigo, quando sem levar nada fugia da Cidade rendida aos inimigos. Costumava tambem dizer este insigne Filosofo, que por opiniaõ do povo era bemaventurado que alcançava riquezas, mas sem duvida o era mais o que nem ainda as desejava. E Socrates sendo perguntado, quem lhe parecia que era rico entre os homens, respondeo: *Qui paucissimis contentus esset.* Aquelle que com muito pouco se contenta, he rico, porque escusa sobegidões que fazem mal.

Cicero.

Laert.

Abrolhos.

Trabalhos.

Consideração primeira.

Gen. 3.

A Maldição ou Deos a terra pelo peccado de Adão, dizendo, que ella dali por diante daria espinhos, & abrolhos, que o ferissem, & magoassem; & aonde cuidasse colher fructo, os acharia occupando a terra sem deixarem dar fructo às demais plantas. Em outros lugares da sagrada Escriitura se fala de abrolhos debaixo deste nome *Tribulus*, q se deriva do verbo *Tribulo*, & quer dizer, atribular: E assim pelos abrolhos claro se deixa ver, que se significão trabalhos, angustias, & afflicções: pois magoãõ, & atribulaõ a quem os padece.

padece. Isto quiz Deos dizer a Adão nas palavras de que tra-
 tamos, que a terra lhe não daria, senão trabalhos, suores, af-
 flicções, & penas. Pelo que accrescentou logo: *In sudore vul-* Gen. 3.
tus tui vesceris panetuo. No suor de vosso rosto comereis
 o vosso pão, que tudo na vida ha de ser cansaço, & angustia
 vossa, até que vos convertais em pó, & cinza, de que fostes
 formado. S. Chrysofomo chama à vida do homem: *Certa-* Chryf.
minum cavea, lugar publico aonde lançavão feras para as ve-
 rem pelear hūas com as outras, & aonde em Roma fahião a
 pelear homens com homens até se matarem. Sahe hum tou-
 ro, & eis que de hūa, & outra parte lhe gritão, o ferem, & ma-
 goão, de sorte, que vendo-se apertado, remete a entrar por
 onde fahio, que às vezes he o açougue aonde o hão de matar.
 Em o homem nascendo, sahe a hum publico terreiro do mū-
 do, aonde de hūa parte, & da outra o começo a acometer
 males, doenças, miserias, trabalhos, perseguições. Estes são os
 inimigos que o ferem, & lastimaõ. E Santo Ambrosio os no-
 mea: *Humores corrumpunt, dolores extenuant, ardores*
exiccant, escæ inflant, jejunia macerant, tristitia consu-
munt. Em o homem apparecendo no theatro desta vida, ini-
 migos o perseguem, humores o corrompem, dores o debili-
 tãõ, febres o myrrhãõ, comeres o engrossãõ, jejuns o emma-
 grecem, tristezas o consomem, males todos o atribulãõ. Que
 mais? *Solicitude coarctat, paupertas dejicit, juvenus ex-*
tollit, senectus incurvat. Cuidados o apertãõ, pobreza o
 abate, mocidade o levanta, velhice o derruba, & a vida ven-
 do-se tão acofada, busca aonde se recolha, & acabe, tendo al-
 guns por melhor perdella antes que verse em tantas afflic-
 ções, como fez hūa Porcia, Matrona Romana, que comendo
 brazas, & carvões acesos, se afogou. Marco Antonio matou-
 se com suas mãos, Cleopatra deixou-se morder de aspides,
 Narbano na praça de Rodes com hum punhal se atravessou.
 Huns se afogãõ no mar, outros se lançãõ no fogo, huns
 acabãõ com peçonha, outros com ferro, tomando a morte

por

por re paro de suas afflicções. Isto he o que na vida temos, trabalhos, & afflicções, significados nos Abrolhos; destes está o mundo cheyo, & não ha pòr pé aonde os não achemos, para nos ferirem, & maltratarem.

Iob 31.

Quando Job diz: *Pro frumento oriatur mihi tribulus*: pelo que de cima vinha dizendo, quer dizer, que se elle co- meo fruttos alheyos sem primeiro os pagar; & se elle não satisfez ao jornaleiro por inteiro o que lhe devia, em lugar do trigo lhe nascessem abrolhos; & he, que todas as cousas suaves se lhe convertessem em amarguras, & afflicções, signifi-

Gregor.

cadas neste lugar nos Abrolhos, de que tratamos. S. Gregorio quer, que Job dè nestas palavras a entender, que se elle fez algũa cousa injusta contra seus subditos, & que se não pagou o que devia, ou pedio o que lhe não era devido, na outra vida se lhe dem os males que atormentaõ, que he acharse com Abrolhos, quando cuidasse achar trigo: *Pro bonis, que in eternum reficiunt, retribuuntur mihi mala que pungunt.* Em lugar de alcançar os bens que para sempre dão refeição, se me dem em paga males que ferem, & lastimaõ como Abrolhos, que são perpetuas afflicções.

Consideração segunda.

*August.
Gen. 3.
Iob 5.*

O Trabalho a que Santo Augustinho chama fructo, que o peccado deu de si, & semente da mesma maldade, com ser natural ao homem depois de sua ruina, como ao passaro o voar, com tudo he aborrecido do homem, & sempre mal aceito delle: sendo assim, que ao trabalho do homem limitou Deos fim, & ao seu descanso neahum fim: não devendo parecer carregado trabalho momentaneo, com que se adquire gloria. He regra dos Theologos, que do ponto que Deos predestinou alguem para o Ceo, logo lhe assinala os trabalhos por onde ha de chegar a esse Ceo; tanto de tristeza, tanto de doenças, tanto de fome, tanto de perseguições, & trabalhos.

2. Cor. 4.

lhos. Grande consolação para a gloria, & grande desconso-
 lação dos que passaõ a vida sem trabalhos, pois naõ parecem es-
 colhidos para ella. Prova o Apostolo S. Paulo esta conclusãõ, *Hebr. 10*
 dizendo, que os Santos chegarão a merecer o Reyno dos
 Ceos por trabalhos, & grandes afflicções, sendo huns cerra-
 dos, outros apedrejados; huns degollados, outros despedaça-
 dos; estas foraõ as historias, & successos de suas vidas, traba-
 lhos, angustias, apertos, fome, tormentos, & morte, & aquel-
 les que o mundo de si lançou como gente desprezada, o Ceo
 os recebeo com braços abertos. Quando os servos de Deos
 toda a vida naõ passarẽ com trabalhos, naõ pòdem estar
 muito tempo sem elles, & ainda que muitas vezes tenhaõ ali-
 vio, & consolação do Ceo, naõ he para por muito tempo es-
 tarem izentos de trabalhos. Chamou o Salvador do mundo a
 si os que estavaõ cançados das afflicções, promettendolhes
 refrigerio: *Et ego recifiam vos.* Mas apoz esse refrigerio lo-
 go diz: *Tollite jugum meum.* A refeição que nesta vida vos *Mat. 11,*
 dou, naõ he para vos izentar para sempre do trabalho, senaõ
 para aliviar delle a tempos: tomai o meu jugo sobre vòs, & ide
 avante, que tendes grande caminho que andar. Assim succe-
 deo ao Profeta Elias, que chegando cançado de ter andado
 grande caminho, lançando-se à sombra de hũa giesta, que hũ
 Anjo lhe trouxe de comer, & o consolou, podia elle cuidar
 que naõ tinha mais trabalho que passar, & que alli se ficaria de
 vagar; adormece com esta imaginação, mas logo o Anjo o
 desperta: *Surge, grandis tibi restat via.* Levantai-vos *E. 4. Reg.*
 Elias, naõ cuideis que o vosso trabalho já tem fim; ainda ten- *19.*
 des muito que passar, & grande caminho que andar. Que
 nesta vida naõ ha descansar por muito tempo. S. Paulo arre- *2. Cor.*
 batado ao terceiro Ceo, podia cuidar que já ficava izento de *12.*
 molestias da vida, mas a lição que neste Ceo ouviu, devia ser,
 que tinha ainda grandissimos trabalhos que passar, & por isso
 dizia elle, que sabia muito bem quantas tribulações estavam
 em Jerusalem esperando por elle. Regala Deos a Virgem Se- *Act. 20.*
 nhora

Luc. 1.

nhora nossa com a visita de hum Anjo, & com aquella ineffavel merce de se ver Mãy do Eterno Creador, & quando parecia, que para toda a vida se lhe guardava grande descanso, no

Luc. 1.

mesmo tempo: *Surgens abiit in montana.* Levantando-se do sossego, & quietação de seu recolhimento, tomou o aspero caminho das montanhas a visitar a pé sua prima S. Isabel.

Luc. 2.

No Nascimento de seu divinissimo Filho grande foi a consolação, & prazer de sua alma; eis que apoz isso começaram receyos, & temores, & por fim fugir com elle para o Egypto.

Matt. 2.

Bem estava o Santo Job nestas variedades da vida do homẽ, quando falando com Deos dizia: *Visitas eum diluculo, &*

Iob 7.

subito probas illum. Os termos Senhor que tendes com o homem, são que pela manhã o visitaes com algum alivio, ou consolação vossa, não esperais que venha a noite, nem o meyo dia para lhe dardes trabalhos, senão que logo, & de repente o provais com tentações, & molestias. Mas pois trabalhos

Iob 2.

vem da mão de Deos, sofraose, & recebeose como merces dadas da mão de Deos: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Dizia o mesmo Job a sua mulher, a qual tinha trabalhos por triste sorte do mundo, & a Deos por injusto, pois os dava aos homens; pelo que Job lhe chamou nescia, porque se os bens da vida, que bem considerados, nem são bens, nem males, se recebem com alegre rosto, os males da vida, que resultaõ em bens do Ceo, porque os não sofremos com igual semblante; & mais quando effes

Prov. 3.

males são dados da mão de Deos? *Longitudo dierum in dextera ejus, & in sinistra illius divitiae, & gloria.* As mãos de Deos estão cheas de todos os bens, vida, riquezas, & honra.

Cant. 5.

Nenhũa cousa nos póde vir dellas que não seja bem, & proveito nosso. Nos Cantares se diz, que as mãos do Divino Esposo são de ouro finissimo, & estão semeadas de jacinthos, & pedras preciosas, porque quanto ha nas mãos de Deos são riquezas de inestimavel valor. Pois de mãos divinas recebemos os bẽs, os males porque os não receberemos com igual gosto, se

se effes males são ouro, perolas, & pedras preciosas? Fugia Elias (como fica ditto) da Rainha Jesabel, que lhe queria tirar a vida, lança-se cançado ao pé da giesta, & cuidando no q̄ lhe podia agradar mais naquella occasião, achou que a morte. E assim pediu a Deos que o levasse para si. Santo Profeta, se desejas a morte, Jesabel pudéra comprir vossio desejo, em vos tirar a vida, para que fugis della? Mas olhai que se Elias deseja a morte, não a quer da mão de hũa Rainha cruel, se não da mão de hum Rey clemente, hum Deos amoroso, que tem mãos de ouro cubertas de jacinthos; porque quanto dellas vem, sejam bens, sejam males, & a mesma morte, são mimos, & favores seus, são flores, & boninas do seu Paraíso, são pedras preciosas de suas mãos. Não tem pois para que se estranhar trabalhos, que elle nos dê. Antes quem já nesta vida quizer fazer parcialidade com elle, ha-se de haver com elle, como quẽ com mercadores vai à perda, & ao ganho. Igualmente ha de levar os bens, & os males, os prosperos successos, como os adversos. Assim o dà a entender Salamão, quando diz: *In die bona frueret bonis, & malam diem precare.* O dia que Deos te der bens, ou algum contentamento, goza-o, mas não percas de vista os males: porque bens, & males; gostos, & trabalhos andão de parrelha. E assim como Deos fez o dia bom, fez o dia maligno, & como o homem não despreza o dia bom, não deve aborrecer o maligno, para tudo ha de estar aparelhado: & entretanto não tem que representar queixas a Deos: *Qui timet Deum, nihil negligit.* Ou como lê S. Jeronymo: *Egredietur ad omnia.* Quem teme a Deos, & procura telo por amigo, ha de sair a qualquer condição, & partido que elle lhe ponha, porque esta he a primeira ley de boa amizade. Se Deos nos quer levar por trabalhos, sahi a essa sua vontade; se vos dà pobreza, & necessidades, estai por esse concerto, como jornaleiro que ha de estar por aquillo que o amo lhe manda fazer. Todos somos obreiros, & trabalhadores nesta vinha do Senhor, todos nella havemos de trabalhar, & não estar ociosos.

4. Reg.
19.

Eccl. 7.

Eccl. 7.
Hieron.

fos. Que he vergonha ver que trabalhem, & se cansem tantos por fazerem sua obrigação, & muitos por preguiça não queiramos fazer o mesmo. Determinando Filippe pay de Alexandre Magno dar sobre a Cidade de Corintho, souberão no os Corinthios, & com muita pressa, & diligencia se aparelhãrão para a guerra; & vendo Diogenes que huns concertavaõ as armas, outros refaziaõ os muros, & todos finalmente se occupavaõ em trabalhar, poz-se elle a revolver a pipa que tinha por seu aposento: & levando-a a hũa, & outra parte cõ muita presteza, perguntoulhe hum amigo, para que fazia aquillo, & respondeo, que o fazia, porque não era bem, que aonde todos trabalhavaõ, só elle estivesse ocioso, olhando para os que trabalhavaõ: *Ne unus inter tot operi intentissimos cessator esse videar.* O homem que vê, & sabe muito bem que a sua vida he vida de trabalho, & que na pretensão do Ceo se occupaõ tantos com tantas vigílias, & jejuns, & com taõ grandes penitencias, & elle entre tanto não faz nada, nem em pouco imita os que fazem muito por irem ao Ceo, nenhũa desculpa tem. Trate de fazer de sua parte algũa cousa: occupe se, & trabalhe, como trabalhaõ os que temem seu perigo: porque o Christão ha de viver, & morrer trabalhãdo. Padecia o Emperador Vespasiano grandes enfermidades, & com tudo na cama aonde estava, fazia seu officio, ouvia, & despachava requerente, & Embayxadores. Dizendolhes alguns amigos, que se não cansasse tanto, pois lhe bastavaõ seus males, respondeo elle: que a hum Emperador convinha morrer em pé, & acabar trabalhando: *Imperatore in stantem mori oportet.* Reposta esta que devia dar qualquer Christão, quando trabalhando muito por acodir a sua obrigação, & imperio de seus sentidos, & appetites, havendo pensamento algum q̃ o queira dissuadir de seus intentos, deve responder com muita izeção, que ao Christão importa morrer em pé, com as armas na mão, trabalhando até a morte, & não descansando até alcançar o premio q̃ pretende. Quanto mais q̃ seus trabalhos

Guido.
Bitur.

Sueton.

por

por grandes que sejam, não são nada a respeito do que por elles ha de alcançar, nem os que Deos nesta vida dà, são mais que sombra de trabalhos. Conta o Evangelista S. João, que *Ioan. 2.* para Christo lançar do Templo os que nelle tinhaõ trato, & commercio, fez como hum açoute: *Et cum fecisset quasi flagellum.* Não lhe chama açoute, mas como hum açoute: porque na realidade he assim, que os castigos, & trabalhos q̃ Deos nesta vida nos dà, não são verdadeiros castigos, nem verdadeiros trabalhos, mas semelhança delles. No Apocalypse diz o mesmo Evangelista, que da bocca do Senhor sahia hũa espada de dous gumes: *Ex ore ejus procedebat gladius Apoc. 4.* *ex utraque parte acutus.* E aqui no Templo não diz que tinha espada, mas hum como flagello na mão. A differença de hũa, & outra cousa està clara: porque a espada he para matar, & o açoute para emendar. No dia do Juizo usará Deos de espada de dous gumes, para destruir alma, & corpo dos condemnados: agora tão somente quer castigar a huns, & dar era que merecer a outros, & por isso usa como de flagello, que he o mesmo a que David chama vara de encaminhar quem vai errado: *Virga directionis, virga regni tui.* A vara Senhor eõ *Psal. 44.* que governais o vosso Reyno, não he de bronze, nem espada de ferro; he vara branda para emendar errados, he como hũ açoute. Bem estava nisto o Apostolo S. Paulo, quando aos trabalhos dos bons Christãos chamava, como trabalhos, & *2. Cor. 6.* aos castigos, como castigos, & à pobreza, como pobreza: *Quasi morientes, & ecce vivimus.* Não diz que os servos de Deos com os trabalhos da vida morrem, mas como que morrem: não diz que são castigados, mas como que são castigados: *Ut castigati:* não diz que vivem pobres, mas como pobres: *Sicut egentes.* E finalmente não diz que não tem nada, mas que são como os que nada tem: porque o morrer, & ser mortificado, o padecer necessidades nesta vida, & ter trabalhos não he outra cousa, senão hũa semelhança do que se padecer. Por isso quando o Redemptor do mundo apontou as

Mat. 24.

tribulações, guerras, & terremotos, que ha de haver antes do dia do Juizo, conclue por fim, dizendo que todas aquellas cousas hão de ser principio de dores: *Hæc autem omnia initia sunt dolorum*. Porque cousas q̄ hão de ter fim, não se podem chamar senão principio. Dores, trabalhos, perseguições, q̄ se hão de acabar: *Initia sunt doloris*, chamem-se principio de dores. E estes são os trabalhos significados nos Abrolhos, a que damos fim, por tratarmos de outra semelhante planta.

Sylva.

Prisaõ.

Consideração primeira.

Job 30.

A Mata espinhosa que entre nós se chama Sylva, he referida na sagrada Escrittura por este nome *Sentis*, ou *Rutus*; & ainda que a significação que communmente se lhe dà de prisão, não conste de algum Author grave, & só pareça que modernos lha derão, pela propriedade que tem de prender a quem a ella se chega: com tudo em hum lugar da sagrada Escrittura parece appropriar-se este significado, porque querendo Job dar a entender que muitos peccadores folgavam de estar presos a seus peccados, & tinham gosto de suas prisões, disse: *Esse sub sentibus delicias computabant*. Tinhaõ por delicias estar debaixo das Sylvas. Como se dissera, tão cegos estão, tão cattivos, & presos a seus appetites, q̄ sendo peccados sylvas, & espinhos, pelo que ferem, & magoão a alma com perpetuos remordimentos, folgão peccadores de estar nessas sylvas, & matas asperas de seus vicios. E tem isto por delicias, como a féra peçonhenta folga de estar nas brehas, & sylvados; & como o porco tem por delicias estar metido no lodo, & a rã no charco.

Quem se vê em prisão deseja communmente sair della, & ver-se em liberdade: mas ha pessoas que sentiando-se presas, não

não querem sair de suas prisões, porque nellas achão gosto: estes taes tempor delicias estar debaixo das sylvas: entendem que estão doentes, & estão contentes com seus males, tem feridas, & vivem dellas, chamão gloria à sua prisão, chamão gosto a seu cattiveiro: *Cæcus eram, & cæcitatem amabam*, dizia Santo Augustinho do tempo que vivera no mundo. Eu era cego, & não me bastava ter cegueira, mas o peyor era q̄ amava essa minha cegueira; as trevas me parecião luz, a noite dia, estava preso, & não me queria soltar, porque amava minha prisão. He verdade, que o peccado sempre se acompanha de tristeza, receyo, & temor; he carga muito pesada, & carregada; & com tudo o amor carnal cega de sorte a alma, que a não deixa ver, nem sentir estes males: *Amor carnalis devietam tenet animam*, (diz elle). Tem o amor carnal a alma em prisão, & o deixar-se estar nella, he que não conhece a prisão em que está, & não a conhecer he mal grandissimo. Os peccados (diz elle) são grilhões que nos prendem: *Peccata nostra quasi compedibus nos premunt*. Os nossos peccados são algemas, & grilhões que nos prendem, & de tal sorte se prendem, & atão huns com outros: *Ut non solum sint vincula, sed flagella*. Não sómente são prisões, mas flagellos que nos açoutão.

August.

August.

S. Chrysoftomo diz, q̄ as prisões são ordenadas pelo amor, & que o corporal de tal modo ata, & prende a si a alma, que a retira de todos os actos necessarios, constringe a afastar-se de tudo, & occupar-se só na cousa que ama, tendo seu cuidado, & sentido nella. Estas são as prisões, estas as sylvas, que alguns té por suas delicias: *Esse sub sentibus delicias computabāt*. Mas se o amor carnal tem esta propriedade, que muito ferà o amor de Christo não apartar hũa alma de todas as mais cousas do mundo, prendendo-a, & ajuntando-a a si com hũas ataduras, & cadeas de perpetua caridade? Com estas se sentia preso o Apostolo S. Paulo de sorte, que com ellas não sentia as prisões exteriores: hũas, & outras estimava muito, os gri-

Chrysf.

Iob 30.

lhões de ferro que o cercavaõ, tinha por suas delicias, pois eraõ por amor de Christo, & a prisaõ da alma com que andava unido a Christo, tinha por gloria sua: esta da alma lhe fazia naõ sentir nada a do corpo; & tinha tanto gosto de se ver em grilhões por Christo, que quando desejava que todos fossem como elle, & tivessem a sua Fé, & amor de Deos, logo fazia exceiçaõ dos seus grilhões: *Exceptis vinculis his*. Porque este gosto, & esta gloria de se ver preso por Christo, queria elle só para si: porque lhe era occasiaõ de estar mais preso com Christo: *Ut inhabitet in me virtus Christi*. Por isso só se gloriava destes ferros, & destas prisões.

O mundo tem prisões em que encarcera aos seus amadores, os que nellas prende, tarde, ou nunca os solta: *Vinculum illius vinculum æneum est*, diz o Ecclesiastico. A sua cadea he cadea de bronze, & metal. Quando David se vio livre della, fez promessas a Deos de lhe offerecer sacrificios de louvor, & agradecimento: *Dirupisti Domine vincula mea, tibi sacrificabo hostiam laudis*. Vós Senhor quebrastes estas prisões em que estava, eternamente vo lo agradecerei, sacrificandovos offerta de louvor. E pois as prisões do mundo são tão perigosas, fujamos de entrar nellas: cheguemonos às de Christo, entremos nellas, deixemonos estar nellas, & não em as do mundo; porque quem nestas se embarça, busca lanças com que se mate, como diz Santo Augustinho: *Qui se mundanis implicat, tela parit, quibus confodiatur*. Quem se embarça com cousas do mundo, busca armas para se matar. Para Christo nos livrar das prisões da maldade se quiz prender com as ataduras da misericórdia, como diz o mesmo Santo: *Christus misericordie vinculo ligatus, iniquitatis vincula dirupit*. Aonde elle quebrou, & rompeo as prisões da maldade, não haja ovelha sua que se torne a ellas, aproveite-se de sua immensa misericórdia, para que não seja condemnada a eternas prisões de trevas, & confusaõ, para as quaes reservou os Anjos q̄ desampararão seu principado, como diz o Apóstolo

tolo S. Judas. A maldade a muitos prende, & o demonio a
 muitos tem cattivos para fazer delles o que quizer, dos quaes
 diz S. Pauló: *A quo captivi tenentur ad ipsius voluntatem.*
 Estão como servos, & escravos vendidos, carecendo de von-
 tade, & fazendo só a de seu senhor, & como o que se vendeo
 para remar nas galés o atão logo com cadeas, & põem ao re-
 mo. Assim estes se renderão aos vicios de sorte, que supposto
 que tem vontade, com tudo a tem entregue ao demonio, &
 elle os tem enlaçados com as ataduras dos peccados tão for-
 temente, que não tem força para se valerem do alvedrio, &
 vivem remando, & trabalhando como em galé, sem saberem
 livrar-se de seu cattiveiro. Estes são os que tem lançado gran-
 des raizes na maldade, acrescentando a sua má inclinação
 mayor contrapeso, que he o mau costume; o qual se faz da
 perversa vontade, & quando se lhe não resiste, vem esta von-
 tade a ser necessidade, das quaes cousas, como de fusis engra-
 zados huns nos outros, se vem a fazer a cadeia que prende a
 peccadores obltinados, os quaes são semelhantes aos Israelita-
 tas, de que diz a Escriitura, que se ajuntarão com os Genticos,
 & venderão-se para fazer mal, fiserão-se cattivos do peccado:
Venundati sunt, ut facerent malum. Dos peccadores que
 chegão a este miseravel estado, erão figura aquelles escravos,
 aos quaes o Summo Sacerdote da Ley Velha furava as ore-
 lhas o anno do Jubileo, perguntandolhes se querião liberda-
 de: & se os escravos diziaõ que estavaõ contentes com seu
 cattiveiro, & não querião deixar a seu senhor, logo os marca-
 vaõ, furandolhes as orelhas em final que ficavaõ para sempre
 sendo escravos sem remissaõ algũa. Olhe cada hum por si, q̃
 se estando preso de algum vicio, deseja liberdade, o Senhor lha
 dará. Mas se està contente com o cattiveiro do demonio, &
 prisaõ de seu antigo vicio, que remedio ha de ter para ter li-
 berdade; senão ficar-se cattivo ferrado do mesmo demonio,
 com esperanças perdidas de a tornar a ter, pois chegou ho-
 ra em que a pedra da obstinação tapou o bocal do poço, &

Iudas.

2. Tim. 2.

1. Mac. 1

estando dentro nelle o peccador, fica no mais miseravel estado que se póde imaginar. Por isso pedia David a Deos, que se algum hora cahisse em algum poço de peccados, não permittisse elle estar nelle tanto tempo, que acertasse de se lhe tapar a bocca do poço: *Neque urgeat super me puteus os suum.* Senhor não me venha eu a enredar tanto nos vicios, q̄ nunca me saiba desembaraçar delles: nem caya eu em algũa cisterna, donde me não seja possível tornar mais a sair.

Ortigas.

Murmurações.

Consideração primeira.

Prov.
24.

Isai. 34.
Osee 9.

NÃO ficarão as Ortigas sem falar dellas a divina Escritura em muitos lugares, com serem tão nocivas, que os Gregos lhe chamarão Acaliphas, por sua maligna natureza, que he de ferir, magoar, & lastimar a todos, sendo por isso conhecidas aonde quer que estão, & arrancadas de entre as boas hervas, pelo dano que lhes causão: propriedades de murmuradores, & linguarazes, que aonde quer que estão são conhecidos por esses, & não se podem encobrir, porque suas mãs linguas os descobrem: a todos ferem, & lastimão com suas palavras, & por isso de todos são aborrecidos.

Prov.
24.

Chrys.

Diz Salamão em os Proverbios, que passou pelo campo do nescio, & o achou todo cuberto de ortigas: *Et ecce totum repleverant urticae.* Murmurações significadas nas ortigas, só se achão em casa do nescio, & na bocca do ignorante, & não do prudente, & avisado. Santo Augustinho diz, que o murmurar he de ignorantes: *Murmurare, & detrahene ignorantium est.* E S. Chrysostomo diz, que o murmurar he de gente baixa, & de pouco entendimento: *Est enim marmurare servorum, & insensatorum.* O mesmo Salamão diz: *Omniem spiritum profert stultus, sapiens autem servat*

servat in posterum. E he dizer, que o nescio tem o coração na bocca, & o avisado a bocca no coração. Que o avisado tem a bocca guardada no coração, & o nescio nem tem guarda na bocca, nem no coração. O prudente considera o que diz, & primeiro se aconselha com o coração; o nescio diz quanto lhe vem à bocca, sem ponderar nada. Os Antigos offerecião linguas cortadas em pratos a seus deoses, em sinal que o prato do silencio dava grande gosto à mesa divina. Tambem adoravão o Corcodilo, animal que não tem lingua, mas muy sagaz, & entendido, significando que o homem que não tem lingua para morder, ou aggravar ao proximo, merece que o honrem como a Deos. Pintavão os Egepcios húa lingua apertada em o punho da mão, em sinal que quando os homens caindo na conta de algum erro, que tinham feito, lançavão mãos às barbas, melhor fora lançallas à lingua, que tantos erros, & faltas lhes faz commetter: ou davão a entender, que a lingua se ha de apertar, & refrear, para que não fale mal, ainda que o Apostolo Santiago diz, que a lingua he húa fera que nenhum homem póde domar: *Linguam nullus hominum domare potest.* Mal inquieto, que inflamma todo o curso de nossa vida. O soberbo qualquer enfermidade o faz humilde. O deshonesto o tempo o tira de o ser. O invejoso nem sempre o he, não durão os outros vicios toda a vida, mas a lingua toda a vida inflamma, & faz seu officio de acender fogo. Porque o que de menino começa a ser linguaraz, tãbem em moço o he, sendo homem o he, & sendo velho, não deixa de o ser. Acrescenta mais o Apostolo, que a lingua està inflamada do inferno (*Inflamata à gehenna*) como que se lhe comunica o mesmo fogo do inferno, que he duravel, & perpetuo, como seu vicio o he. Na vida se pega fogo do inferno à lingua, & na outra este a atormenta mais. A pena intoleravel que orico Avarento dizia a Abrahão que padecia no inferno, era o fogo da lingua, & por isso lhe pedia com instancia húa gotta de agoa fria, que lha refrigerasse: *Ut refrigeret linguam*

Pierius.

Iac. c. 3.

Luc. 16.

guam

quam meam, quia crucior in hac flamma. A causa disto era, que com ser rico, & avarento, juntamente tinha mã lingua para murmurar do proximo, & particularmente dos pobres: já em vida tinha lingua infernal: *Inflammata à geheenna*: na outra sentia a dõr vehemente deste fogo na mesma lingua, q̄ desejava refrescar. E eis aqui as ortigas de q̄ Salamão achou cheyo o campo do homem nescio, murmurações, afrontas, injurias, & falsos testemunhos.

Consideração segunda.

I Saías falando do peccador, diz, que em sua casa nascem espinhos, & ortigas, que são peccados de murmurações, q̄ se achão em peccadores, & não em Justos: *Orientur in domibus ejus spinae, & urticae.* Tão longe está o Justo de se acharem murmurações em sua casa, que por não se arriscar a falar mal, deixa muitas vezes de falar bem: *Obmutui, & sibi à bonis.* Tanto se acautela, que ainda no bem se calla. Mas em casa do peccador só estas hervas se achão, porpue só com elle se dão as murmurações; tudo nelle são ortigas, para ferir, & lastimar a todos: desta tem abundancia, como diz David: *Os tuum abundavit malitiã, & lingua tua concinnabat dolos.* A tua bocca teve abundancia de malicia, & a tua lingua enfeitava enganõs. Presaõse os malignos tanto de terem ortigas em casa, que não querem ter outras insignias, nem outras armas, senão as da lingua, que são murmurações, afrontas, vituperios: não pelejão com outras armas, senão com as da lingua, com estas se vingão, com estas ferem, & matão: *Filii hominum dentes eorum arma, & sagittae, & lingua eorum gladius acutus.* Filhos dos homens, cujos dentes são suas armas; a lingua delles he a sua espada aguda, alfange que dessepa, montante que por tudo corta: *Sagitta vulnerans lingua eorum,* diz Jeremias. A lingua dos murmuradores he setta q̄ fere, & mata. Mata aquelle de quem murmura, & mata aos que

que folgão de o ouvirem murmurar, & mata ao mesmo que usa desta setta. O murmurador se não mata de todo aquelle de quem diz mal, porque o acha innocente, pelo menos deixalhe algum final no lugar aonde o ferio. Dizia hum falador de Alexandre Magno, homem de mà lingua, que ninguem temesse murmurar de outrem, & levantar os aleives que quizesse, porque quãdo as feridas que fizessem com a lingua, acertassem sarar, sempre fica final dellas: *Ut maximè sanet vulnus, manet tamen cicatrix.* Porque nas cousas que se dizem mal de outrem, ainda que se mostre innocencia, sempre fica lugar a cada hum de cuidar o que quizer. E sempre se pôde dizer ao ferido: Dissirão isto, & isto de vòs. São murmurações feridas, de que pelo menos ficão sinaes. Zoilo Amfipolitano foi homem de malissima lingua, que de todos dizia mal, não perdoando a Homero, nem a Platão, nem a outros insignes Varões, & perguntado, porque de todos dizia mal, respondeo: *Male facere cum velim, non possum.* A todos desejo fazer mal, & pois com os feitos não posso, vingo-me na lingua. Nisto declarou a natureza dos murmuradores, que não tendo com que empecer, empecem com os dentes que tem de cão: *Dentes eorum arma, & sagittæ.* Com estas armas ferem, & matão: & se quem mata tem pena de morte, murmuradores a devião ter semelhante, pois matão a honra, que se estima mais que a vida. Não querendo muitos vida, se ha de carecer de honra. Pelo peccado da lingua mādava a Ley *Levit. 5.* Vella que offerecessem hũa cabra, ou hũa ovelha; & quando fossem pobres, offerecessem hum par de rolas, ou dous pombinhos, aos quaes torcerião as cabeças, deixando-os pendurados em as portas do Tabernaculo: parece q̄ quiz Deos; que o murmurador morresse enforcado, pelo menos no sacrificio que lhe offerecião. Tal morte merece quem mata a outros, & a si. A si matão, como diz Oseas: *Cadent in gladio Osea 7.* *principes eorum à furore linguæ suæ.* Como se dissera: aquelles que matão aos outros com a espada de sua mà lingua, com

com essa mesma espada cahirão mortos, porque o furor da sua lingua ferá o cutello do Divino Juiz, com que para sempre os matará, lançando-os no inferno.

Estas ortigas que nascem em casa do peccador, devem se arrancar, não se permittindo que entre boas plantas estejão tão malignaservas. Assim dizia S. Paulo aos de Corinto: *Utinam & abscindantur qui vos conturbant.* Oxalà vira eu arrácadas essas malignaservas, que estão entre as boas: essas perversas linguas que vos perturbão, esses murmuradores que vos inquietão: porque aonde quer que está esta sorte de gente, tudo perturbão, & inquietão. Por isso desejava a Alma Santa que lhe tomassem às mãos as raposas que lhe destruhião a sua vinha: *Capite vobis vulpes parvulas, quæ demoliuntur vineas.* Tomai-me estas pequenas raposas, que me destroem as vinhas: pelas quaes quer S. Bernardo que se entendão murmuradores, & malignos, que manhosamente andão inquirindo, & esmerilhando o que passa para murmurarem disso: raposas pequenas, porque aonde menos imaginais, se esconde às vezes hum grande murmurador; pequenas são, porque murmuradores são vis, & baixos nos espiritos, gente apoucada, que aquillo que outros fazem à ponta da espada, fazem elles com a lingua: pois estes taes tomem-se em laços, & tirem-lhes a vida, pois destroem as vinhas, que por mais florentes, & viçosas que estejão: *Nam vinea nostra floruit.* Por quieta que esteja hũa comunidade, ou hũa familia, havendo nella estas raposas, tudo he destruição. Por isso: *Utinã & abscindantur qui vos conturbant*, diz Paulo, oxalà se arranquem tão máservas. Santo Augustinho em hum Sermão que faz aos Monges do ermo, diz, que queria mais hum Monge deshonesto, que não murmurador, não porque a murmuração do tal seja mais grave, senão porque sendo a deshonestidade mais fea, mais depressa se chora, & se remedeia o mal; mas a murmuração de maravilha se remedeia nunca, nem se chora, nem ha emenda della: *Quid detur tibi, aut quid apponatur*

ponatur tibi ad linguam dolosam? Faz David hũa pergunta, que se vòs viveis bem, que se vos dà de hũa maligna lingua, & responde elle mesmo! *Sagittæ potentis acutæ cum carbonibus desolatoriis.* Mal sabeis que grande mal he hũa lingua maligna, & o dâno que faz, & as perdas, & destruições que causa: he hũa setta despedida de hũa mão poderosa, he hum fogo de alcatraõ, hũas brazas de carvaõ muito acesas, q̃ queimaõ, & abrazaõ tudo quanto alcançaõ, balte que sejaõ acendidas com fogo do inferno.

Taeservas como estas haõse de apartar das boas, & naõ querer mistura com ellas: *Cum detractoribus non commiscearis, quoniam repente consurget perditio eorũ.* Diz o Es- Prov. 24.

pirito Santo. Naõ vos mistureis com murmuradores, & gente que detrahe dos outros, porque cedo lhe virà sua destruição, de repente lhe entrarà a perdição pela porta dentro. Porque permite Deos, que quem teve lingua para dizer mal dos outros, & toda a vida falou mal, na hora da morte se cerre, & naõ possa falar, nem confessar suas culpas; bocca que nunca soube falar bem, entaõ nem bem, nem mal sabe falar. Alèm q̃ sempre Deos apressa a morte desta sorte de gente: *Vir linguosus non dirigetur in terra.* Diz David, o homem que tẽ lingua para falar mal, naõ vai bem encaminhado, nem viverà muito: porque Deos o castigará cedo: *Disperdat Dominus labia dolosa.* Boccas de murmuradores, linguas desenfreadas, tem Deos cuidado de as destruir. Até os Gentios experimentavaõ que gente linguaraz viva pouco. Vendo Aristoteles Stagirites a Callisthenes seu discipulo, que tinha lingua muy livre, & mordaz, respondeo com hum verso de Homero que diz: Ps. 139.

Taliamate loquens, haud multo tempore vives. Laert.
E quer dizer. Tendo vòs a lingua que tendes, naõ podereis viver muito tempo: porque abrevia o Ceo a vida de quem muito fala.

Consideração terceira.

AS murmurações he verdade que lastimaõ, & magoaõ como ortigas, mas magoaõ a quem naõ as sabe sofrer com paciencia: *Nihil suavius, quàm si posses equo animo ferro convitia.* Diz Plutarco: Naõ ha cousa mais suave, que ser possivel ao homem sofrer pacientemente as afrontas: as quaes melhor he soffrellas, que fazellas, porque mais se offende o que as faz, do que aquelle a que saõ feitas. Quem me faz injuria, (diz Seneca) não me afronta, como nem afronta aos deoses quem por desprezo lhe derriba seus altares. A si se afronta quem isto faz, & mostra sua vontade, & maligno intento, que quanto os deoses nada perdem dos que saõ murmuradores, naõ fazem mal, mas bem a alguns, porque os fazem viver acautelados na vida. Excellentemente dizia Antisthenes, que para hũa pessoa viver bem, tinha necessidade, ou de bons amigos, ou de cruéis inimigos; porque o bom amigo quando vos admoesta do vosso defeito, tira-vos d'elle; & o inimigo, quando murmura do vosso mal, faz-vos desviar d'elle. Mas porque neste tempo a verdade he muda, & a adulação palreira, só nos fica que ouçamos essa verdade da bocca dos inimigos. Assim dava muitas graças aos deoses Filippo de Macedonia, porque lhes davaõ inimigos que o faziaõ ser bom, & viver acautelado, para que suas murmurações ficassem enganosas. Eu, dizia elle, procurando que meus emulos fiquem mentirosos, quando vou para fazer cousas mal ordenadas, mudo o conselho: *Muto consilium, & pœnitentiã emendo factum.* Porque naõ commettendo males, faço mentirosos a meus contrarios. O mesmo acontecço a Plataõ, o qual sendo avisado que muitos invejosos murmuravão d'elle, respondeo: *Ego sic vivam, ut illis non habeatur fides.* Se murmurão de mim, eu viverei de modo, que se lhes naõ dè credito, & se nas suas mãos està o murmurar, na minha està

estã mostrar que mentem, com meu bom procedimento.

Para os que se inquietã com murmurações, que delles correm, he notavel aviso o que dà Seneca, dizendo, que tem por doudo o que recea ser infamado por gente infame: *Quãta dementia est vereri ne infameris ab infamibus*. Aonde chama infames aos murmuradores, & com rafaõ. No Levitico mandava Deos, que fugisse cada hum de ser accusador, & murmurador, como que erã officios infames: *Non eris criminator, neque susurro in populo*. Olhai que nem seiais de mexiricos, nem de murmurações no povo, q̃ vos terão por infame. Adverti mais, que nem digais mal do surdo, nem ao cego façais cair: *Non maledices surdo, neque coram cæco pones offendiculum*. O que interpretando Marulo, diz, que aquelle diz mal do surdo, que murmura do ausente, que o não ouve para lhe poder responder, & aquelle offende ao cego, que de repente afronta o que não estava acautelado: *Maledicit surdo qui de absente loquitur; cæcum offendit qui opprimit incautum*. Pois por isso se chamaõ infames os murmuradores que taes officios tem. E se o murmurar de ausentes he taõ estranho, como dizer mal do surdo, quanto mais o ferã murmurar dos que são mortos, não perdoando linguas malignas, nem aos ossos frios que estão nas sepulturas. Dizia Chilon Lacedemonio, que era de gente muy baixa murmurar dos mortos, porque parecia grande infamia morder na vida daquelles, que já não podem responder. E querer dizer mal de outrem aquelle, de quem se póde dizer muito mal, grande doudice. E murmurar hum do vicio, que se lhe póde lançar em rosto, grande desenvoltura: *Nihil turpius convitio, quod in auctore incidit*. Diz Plutarco, que não ha mayor infamia, que a murmuraçã do vicio, que se póde lançar ao mesmo que murmura: que parece cousa ridicula quererdes dizer do outro o que elle póde dizer de vós. E quando não apregoar o mesmo, não lhe saltará outra cousa, que diga de vós, que permite Deos, que se o murmurador diz do outro,

Seneca.

Levit.

19.

Marul.

Laert.

Plutar.

tro, que he hum soberbo, delle digão que he hum luxurioso; & se elle diz do outro, que he hum nescio, delle digão q̄ he hum doudo de pedras, & se elle diz deste, que he hum miseravel, digão delle, que he hum dissipador de quanto tem: a hum murmurador não falta outro que o persiga. Havia em Roma hum homem doudo chamado Laurencio Valla, grande linguaraz, que a ninguem perdoava com murmurações, & este tinha hum competidor, que tambem murmurava delle altissimamente. Assim como na vida hum era contra o outro, assim na morte hum foi a pos outro. Morreo Valla primeiro, & o seu emulo mandou pòr este epitafio na sua sepultura.

Tandem Valla jacet, solitus qui parcere nulli est.

Si queris quid agat, nunc quoque mordet humum.
E quer isto dizer. Emfim morreo Valla, morreo aquelle que com a lingua a ninguem costumou perdoar, se perguntais o que agora faz aqui na terra, digo-vos, q̄ ainda aqui està mordendo a terra: porque nunca esteja sem morder. Morreo a pos isso o seu emulo chamado Bartholomeo Facio, & não faltou hum curioso que lhe fez este epitafio para a sepultura, & diz assim:

Ne velin Elisis sine vindice Valla susurret.

Facius haud multos post obiit ipse dies.

E quer dizer. Porque Valla na outra vida não murmure sem ter quem murmure delle, morreo seu emulo Facio poucos dias depois, porque vai a pos elle hum murmurador, para murmurar de outro murmurador. Não falta quem persiga a hũa maligna lingua, que persegue a outros, & nesta materia o que hum semea, isso colhe. Estava Marco Servilio para fazer tirar hũa ley, que Marco Pinario seu antecessor no Consulado tinha feito, & para dissuadir o povo, havia forçosamente de dizer mal de Pinario, que estava presente. Indo para o fazer olhou para elle, & disse. Pois Pinario, se eu disser mal de vòs, haveis vòs tambem de dizer mal de mim? Respondeo

Pi.

Pinario: *Ut sementem feceris, ita & metes.* Assim como se-
meardes colhereis, ameaçando-o por allegoria que se falasse
mal delle, ouviria mal de si.

Cardo.

Tormento.

Consideração primeira.

DO Cardo se fala em dous lugares da divina Escrittura,
referindo-se nelles a mesma historia, quando Joás Rey
de Israel mandou dizer a Amafias Rey de Juda: *Carduus Li-*
bani misit ad cedrum, dicens: Da filiam tuã filio meo uxo-
rem. Palavras em que por desprezo o comparava ao Cardo,
& elle a si mesmo ao Cedro. E supposto que destes lugares se
podia inferir, que o Cardo significa tudo o que diz baixesa, &
vileza, com tudo como estas plantas asperas de que vamos
tratando, tenhaõ os significados conforme as apparencias, &
as tenções segundo os effeitos, pelo Cardo convenientemen-
te he significado o Tormento, ou seja o que elle causa ferin-
do, & tratando mal as mãos que o tocaõ, ou aquelle que elle
padece antes de prestar para se comer: como se pôde ver no
mao tratamento que se lhe faz quando o ataõ, & cobrem de
terra, & nella o mortificaõ até vir a perder o amargor q̄ tem.
Significado he este que a muitos pertence, porque raros saõ
os que nesta vida naõ padeçaõ algum tormento, ou seja cor-
poral, ou espiritual; & diz Santo Augustinho, que assim co-
mo fazemos tanto por ser livres de tormentos que daõ pena
ao corpo, façamos muito por fugir daquelles que para sem-
pre haõ de affligir, & atormentar a alma no fogo eterno: an-
tes se sofraõ os mayores da vida, por se evitarem os que nun-
ca haõ de ter fim. Porque os menores tormentos do inferno
saõ os mayores, & mais terribes que nesta vida se pôdem
imaginar: *Quaecumque ibi mitiora tormenta sunt, peiora*

4. Reg.

14.

2. Par.

25.

August.

Hh

sunt,

Chryf.
Matt. 5.

sunt, quàm quæ formidas in hoc sæculo. Nenhũa compara-
ção tem huns tormentos com os outros. Os eternos (como
diz S. Chrysoftomo) não podemos fugir, se nos não dispo-
mos a sofrer afflicções: *Nisi paraverimus nos ad ferendas
afflictiones,* & se conforme a doutrina do Senhor, não rogar-
mos a Deos por aquelles que nos affligem, & perseguem.
Isto he o que nos alcançará premio soberano, & livrará de
penas eternas, não fazer mal ao proximo, & sofrer o que se
nos fizer de boa vontade, rogando pelos mesmos que nos fa-
zem dâno. E porque tudo o que pertence a tormento, fica
ditto nas considerações da Murta, geroglyfico da dor, &
de outras plantas que quasi tem o mesmo significado, a ellas
nos reportamos, dando lugar a outras, de que agora have-
mos de tratar.

Grãos.

Conservação.

Consideração primeira.

3. Reg.
17.

FAla-se dos Grãos no segundo livro dos Reys, capitulo
desafette, & por isso devemos darlhe significado neste
jardim de plantas da divina Escrittura. E ainda que Authores
sagrados lho não deraõ, consta de letras humanas, que pelos
Grãos he significada a conservação, & tudo aquillo que por
muito tempo se conserva sem contradição de cousas adverfa-
rias. A rafaõ he, que todos os outros legumes, ou estejaõ ainda
na terra que os produzio, ou aonde quer que depois os guar-
daõ, não lhes faltaõ contrarios, que os corrompaõ, & bichos
que os comaõ, & destruaõ: só nos Grãos se não yio entrar bi-
cho algum, nem padecer outros inconvenientes que os cor-
rompaõ, donde quizerãõ os Antigos, que por elles se sig-
nificasse a conservação das cousas. E he isto tanto assim,
que escrevem os naturaes, que para a hortaliça nas hortas
naõ

naõ ter lagarta, nem bichos, que a comaõ, costumãõ os bem experimentados semear Grãos entre ella, porque naõ sómente fogem estes delles, mas ainda de toda a mais hortaliça, &ervas que lhe ficaõ visinhas. Conta Pierio Valeriano, que em Florença Cidade nobilissima de Italia, costumavaõ os moradores no dia de S. Joãõ Bautista (que entre elles he solennissimo) alastrar as ruas de grãos verdes: a ração disto naõ se sabe, nem elle alcançou mais que ser costume antigo. Senãõ quizermos dizer, que nisto quer aquella gente dar a entender, que para sempre se ha de conservar entre elles a admiravel devoçaõ, que tem ao grande Bautista, festejando seu dia com a possivel solennidade. No segundo livro dos Reys se conta, que vindo El-Rey David com seu exercito cançado, & afflicto, porque seu filho Absalaõ vinha com maõ armada contra elle, huns amigos de David lhe sahiraõ ao encontro, & appresentaraõ socorro de comer, que elle, & seu exercito haviaõ mister, aonde particularmente se aponta que traziaõ: *Frixum oleo cicer*. Grãos fritos em azeite, que devia ser algum manjar costumado na Palestina; de que naõ temos noticia: ainda que se póde dizer, que como aquella gente vinha debilitada, & cançada, de proposito se lhe offerencia aquelle manjar de grãos, que por extremo saõ confortativos, muito substanciaes, & medicinaes, com outras mais virtudes que saõ notorias; pelo que Cicero, sendo algũas vezes persuadido dos amigos, que deixasse o appellido que tinha deste legume, que em Latim se chama Cicer, (donde o seu nome se derivava) dizia, que como havia elle de deixar hum appellido taõ honrado, pois outros mais honrados que elle os tomaraõ tambem de legumes inferiores, dos quaes se presavaõ, & honravaõ muito, como os Fabios, que tomaraõ nome das Favas, & os Lentulos das Lentilhas, & elle Cicero de Cicer, que significa os Grãos.

Pierius;

2. Reg;

17.

Milho.

Multidaõ.

*Consideração primeira.**Didim.
Pier.**Isai. 28.**Ezec. 4.**Didim.*

Conta Didimo Author Grego, referido por Pierio Valeriano, que o Milho por muitas virtudes que tẽ pro-
veitosas ao genero humano, mereceo que se fizesse delle caso,
& fosse tambem geroglyfico de algũa cousa. Duas vezes se fa-
la do Milho na sagrada Escrittura. Isaias no capitulo 28. tra-
tando como Deos havia de castigar o povo de Israel, & por
fim o havia de consolar, & livrar de seus inimigos, diz que co-
meçaria seu descanso quãdo semeasse o trigo por sua ordem,
a cevada, & o milho: *Ponet triticum per ordinem, & hor-*
deum, & milium. Tambem ao Profeta Ezequiel mandou
Deos que fizesse hum bolo de farinha de trigo, de cevada, de
favas, lentilhas, & milho: *Et tu sume tibi frumentum, &*
hordeum, & fabam, & lentem, & milium. E isto era para
dar a entender a fome, & miserias em que cedo se havia de
ver aquelle povo por peccados seus. Ainda que do sentido da
sagrada Escrittura se podia colligir que o Milho significa fo-
me, & miserias; com tudo parece mais conveniente dar-se-
lhe agora o significado que os Antigos lhe attribuirãõ de
qualquer numero infinito, & multidaõ de cousas que se não
põdem contar; donde disserãõ alguns que este nome *Mille*,
que quer dizer mil, se derivou de *Milium*, que quer dizer
Milho: a razão disto he, que como hum monte de Milho
tem tantos grãos, que quasi se não põdem contar, assim as
cousas que por encarecimento queremos significar que são
muitas, & que não tem numero, costumamos compa-
rallas ao Milho. Didimo he o que lhe dà este significado,
& Pierio o que o refere em breves palavras. Com as mes-
mas diremos agora, q̃ multidaõ de cousas, ou seja de riquezas,

ou

ou de outros quaesquer bens temporaes, não se póde deſejar
 neſta vida, na qual ſomos hoſpedes, & paſſageiros, que vamos
 de caminho para a outra. E porqñe o contrario do muito he
 o pouco, & da multidão a ſoledade, o avifo he deixar o mu-
 to deſte mundo, & contentar com o pouco della, apartar da
 multidão, & buscar em tudo retrahimento; donde dizia Se-
 neca muito bem, eſcrevendo a hum ſeu amigo: *Fuge multi-* Seneca.
tudinem, fuge paucitatem, fuge etiam unum non invenio, cū
quo te malim, quàm tecum. Amigo meu, ſe buscais a quieta-
 ção, fugi à multidão, fugi da pouca gente, fugi de hum ſó ho-
 mem. O caſo he, que não acho com quem vos aſſegure, ſe-
 não com voſco, ſe buscais quietação, & eſtado de innocencia,
 porque innocentemente vive quem busca a ſoledade: *Cum* Seneca,
innocentibus vult vivere qui ſolitudinem querit. Affim he,
 que o ſoſſego que entre a gēte ſe perde, na ſoledade ſe adqui-
 re. Duas vezes vio Ezequiel aquella viſão que chama da glo-
 ria do Senhor: *Viſio ſimilitudinis gloriae Dei.* Vio a entre a
 multidão do povo de Iſraell, que eſtava cattivo em Babylo-
 nia, & então a vio com tanta preſſa, que lhe pareceo hum ra-
 yo de coriſco, que apparece, & logo deſapparece: *In ſimili-* Ezech. 8.
tudinem fulguris coruſcantis. Depois a tornou a ver, eſtan-
 do elle no campo, & já então eſtava a gloria de Deos para-
 da, & quieta: *Ecce ibi gloria Domini ſtabat.* Sobre o qual Ezech. 3.
 diz S. Jeronymo, que a gloria do Senhor, que Ezequiel vio à
 maneira de coriſco entre os cattivos de Iſrael, depois lhe ap-
 pareceo muy de eſpaço, & de vagar, eſtando no campo; por-
 que os favores que Deos nega a hũa alma no meyo da inquie-
 tação de negocios, & tratos que tem, depois os faz muy gran-
 des, & vagarofos a quem ſe recolhe com ſigo, & ſobre ſi à ſole-
 dade de ſeu coração: *Gloria Domini ſtans, & perſeverans* Hieron.
cum ſtante Prophetâ videtur in campo, quæ in medio capti-
vorum nec ſtaret poterat, nec videri. Retirai vos a tratar, &
 converſar com Deos, recórrer a hũa boa confiſſão, entrar em
 hũa Religião, ahi vos apparecerã a gloria de Deos, que em

quanto vos detendes no trafego do mundo, não se vos póde manifestar.

O mesmo Seneca diz a hum seu amigo, que nunca conversára com muita gente, que não sahisse diferente do que entrara na conversação, & que sempre achára em si menos alguma cousa dos costumes, & bom procedimento de vida. Entrava hum, diz elle, & sahia outro, já mais soberbo do que era, mais invejoso, menos recolhido. Na conversação de muitos não faltão alguns de vituperavel exemplo, contamos hum successo de incontinencia que vos inquieta, hũa historia de vinganças, que vos parece bem, em fim aonde os que conversão com vosco não são Socrates, nem Platão: *Recede in te ipsum quantum potes; cum his versare, qui te meliorem facturi sunt.* Recolheivos com vosco quanto vos for possivel, conversai com quem vos faça melhor. Feras ha que por não serem achadas nas covas aonde se escondem, apagam ao redor as pégadas, & vestigios por onde as podem descobrir. Aprendeí destas a fazer o mesmo quando haja quem vos inquiete, porque de outro modo não ha de faltar quem vos perturbe: *Tibi tecum optimè convenit.* O tratardes com vosco he o que vos convém. Se assim o fiserdes, vivereis consolado. Que quem mais se esconde, melhor vive. Assim o dizia o Poeta desterrado a hum seu amigo.

Ovid.

*Crede mihi, bene qui latuit, bene vixit, & intra
Fortunam debet quisque manere suam.*

Plat.

E ainda que Platão dizia, que o homẽ solitario, ou era Deus, ou besta fãra: *Homo solitarius aut Deus, aut bestia.* Entende-se isto por certos sujeitos intrataveis, & fóra de toda a humanidade, & policia de gente, que naturalmente aborrecem conversação, & sociedade. Porque de outro modo amar a solidade por sossego da alma he louvavel, & buscalla por rudeza, & aspera inclinação, he vituperado. Pyrrho Eliense sendo hũa vez achado só, que o estava elle de ordinario, perguntado que fazia? respondeo: *Meditor esse bonus*: Estou meditando

Plutar.

tando

tando como seja bom. Sentindo que para o ser he proveitosa a soledade, & a multidão do povo danosa. Perguntarão a Antisthenes, que proveito tirara do estudo de tantos annos; respondeo: *Ut mecum loqui, sive vivere possim.* Não tirei tão pouco, q̄ não ficasse com tão boa sorte, que posso em todo tempo falar comigo, & viver comigo: porque o homem douto, se está só, não sente molestia, porque conversa, & fala consigo, & com os seus livros, que são os amigos com quem as pessoas avisadas devem conversar de continuo: porque ainda q̄ são amigos mudos, linguas tem com que falão, & se declarão a nossos entendimentos; mortos parecem, mas effeitos tem de vivos: estes nos aconselhão, estes nos consolão, & recreão; não ha melhor practica, & conversação, que a dos livros. Assim poz hum curioso em Alemanha hum letreiro em hũa sua livraria, que tinha muito curiosa.

Laert.

Nullus amicus magis libet, quàm liber.

Nenhum amigo nos convém mais que o livro. Por isso a soledade he molesta a gente indouta, que não tem noticia de letras, & se a tem, não gostou do fructo dellas.

Joyo.

Inveja.

Consideração primeira.

O Joyo he aquella maligna, & perniciosa herva de que o Salvador do mundo falou muitas vezes em parabolâs, & semelhanças, chamandolhe cizania, pela qual he significada a inveja: porque assim como esta prejudicial herva nasce entre o trigo, para o afogar, & não deixar crescer; assim entre a gente boa se acha commummente inveja de malignos para abaterem os bons, & não deixarem crescer os merecedores de grandes bens. He semente esta, que o demonio lança entre os homens: porque hũa semente he a de Deos, outra a do demonio. A de Deos (diz Santo Ambrosio) que se se-

Mat. 13;

Ambr.

mea para justiça: *Seritur ad justitiã*: Que he fructo de eterna gloria. A do demonio semea-se para perdição. O q̄ Christo semea he Reyno dos Ceos: o que o demonio semea he cõdenação eterna: por isso tambem pelo Joyo era significado o peccado, donde procedeo hum adagio que se dizia de gente perversa, & peccadora: *Lolio victitant*. E quer dizer, que se sustentão de Joyo aquelles que vivem em algum peccado, de que se não apartão por acharem nelle cousa de que se pagão, sendo elle hum pão amargoso, & manjar do mesmo fel. E vindo ao significado que o Joyo tem de Inveja, dizia o Filosofo

Laert.

Antisthenes: *Absurdum esse triticum à lolio non repurgare*. Que era grande absurdo não alimpar o trigo do Joyo, dando nisto a entender que os invejosos havião de ser afastados das Republicas, & comunidades, porque são nellas tão prejudiciaes, como o Joyo nas searas de trigo, não servindo mais que de inquietar, & perturbar o commum estado, & governo publico. O mesmo costumava dizer, que assim como o ferro se consome com a ferrugem, assim os invejosos com seu proprio vicio se vão consumindo. O ferro sem que ninguem lhe faça mal, de si proprio gera o que lhe faz mal. Os invejosos sem ninguem lhes fazer dano, dentro em si tem o mal que os dâna, & corrompe. Por esta ração dizia Hippias

Stobæus.

Filosofo Grego, que os invejosos tinham dobrado mal, a respeito dos que só padecem algum mal. Porque estes miseraveis não sômente são atormentados com os males que padecem, como os outros, mas tambem com os bens alheyos, que

Ant. Me.

para elles são graves tormentos: donde perguntado Socrates, que cousa havia mais penosa para os malignos, respondeo, q̄ a prosperidade dos bons: *Bonorum prosperitas*. Nada mais atormenta aos invejosos, que as bonanças, & felicidades dos bons. Não sem ração fingirão os Poetas, que a inveja morava nos infernos, aonde de continuo se apascentava em serpentes, & viboras, para mostrarem, que os invejosos estão sempre tragando peçonha, & vomitando veneno. Porque os bens

Ovid.

alheyos

alhejos he o toxico dos invejosos, & a sua alegria he o mal dos seus proximos. Não havendo cousa mais contra a humanidade, que alegrarse a pessoa com o mal alhejo, & ser atormentado com o bem do proximo, caindo o invejoso em hũa, & outra cousa. Bion Borysthenes vendo hum dia a hum homem notavelmente triste, (o qual era tido por invejoso) disse-lhe, que não sabia se por ventura lhe tinha acontecido algũ mal, ou a outrem algum bem. Palavras avisadas, porque o invejoso não menos se entristece com a prosperidade alhea, que com seus proprios males. Estavão diante del-Rey Federico muitos Medicos, & Filósofos excellentes tratando que cousa havia melhor para apurar, & conservar a vista, & dando cada hum diversos remedios com razões provaveis, & apparentes. Levantouse Actio Syncero, Varão prudentissimo, & disse, que nenhũa cousa havia melhor para a vista dos olhos, que a inveja. Ficarão todos attonitos, & elle confirmando seu parecer, disse, que aquillo era melhor para os olhos, que fazia a vista mayor, & mais aguda, & que a inveja isto tinha, que fazia ver todas as cousas mayores do que na realidade crão. Tudo-lhe parece melhor, & mais fermoso. Donde disse Ovidio.

Fertilior seges est alienis semper in agris,

Vicinumque pecus grandius uber habet.

He a inveja aquelle espirito diabolico, que atormentava a Saul, & o trazia tão inquieto, vendo crescer a David em credito, & reputação para com todo o povo de Israel. He a que trazia melancolico, & rayvoso a Amaõ, privado del-Rey Assuero, porque via a Mardoqueo introduzido no paço, que o não reverenciava como os outros. He tentação de que o coração humano se vê mais combatido. Pela inveja entrou o peccado no mundo, por ella cahirão os Anjos de sua felicidade, porque esta foi a semente, que primeiro Lucifer semeou no Ceo entre Deos, & os Anjos, logo no Paraiso entre Deos, & os homens, & cada dia a semea entre os mesmos homens. He semente que contamina o mais precioso, porque o

cuidado

Laert.

Pontan.

Ovid.

1. Reg.

16.

Esth. 3.

Sap. 2.

cuidado do demonio he semear este peccado entre os mais santos, heresias entre os Fieis Christãos, discordias entre os pacificos, malicias entre os innocentes, torpelas entre os limpos, mentiras entre os mais verdadeiros, & entre o melhor trigo mayor cizania, não tanto por multiplicar a cizania, quanto por lançar a perder o trigo.

Basilus.

S. Basilio chama à inveja vicio proprio do demonio, porque elle foi o primeiro invejoso que o mundo teve, & ainda que este vicio he diabolico, nos homens cõ tudo he mayor que nos demonios, porque (como diz S. Chrysofomo) hã

Chryf.

demonio não tem inveja a outro, mas o homem tem inveja ao homem, hum invejoso a outro invejoso. Santo Augustinho compãra a inveja a viboras, cuja natureza he roer as entranhas da propria mãy que as gérou. Assim o Espirito Santo chama

August.

Prov.

à inveja: *Putredo ossium invidia.* Podridão dos ossos, porq̃ o invejoso perpetuamente no interior se està roendo, & corrompendo tanto, que diz Chrysofomo, que teria por menor mal ter hã serpente em suas proprias entranhas, que as estivesse comendo, q̃ ter inveja roedora da alma, & consciência: porque com mais facilidade se acharia remedio para vomitar a serpente, ou darlhe a morte aonde quer que estivesse,

14.

Chryf.

que livrar-se da inveja, que pela mayor parte he doença incuravel, como foi no peito de Cain, que por fim chegou a matar seu irmão Abel, & como o foi no coração dos irmãos de Joseph, que os obrigou ao fazerem escravo dos Israelitas a quem o vendêraõ.

Gen. 4.

Gen. 37.

que livrar-se da inveja, que pela mayor parte he doença incuravel, como foi no peito de Cain, que por fim chegou a matar seu irmão Abel, & como o foi no coração dos irmãos de Joseph, que os obrigou ao fazerem escravo dos Israelitas a quem o vendêraõ.

~~.....~~

Feto.

Segurança.

Consideração primeira.

NÃO ficou o Feto sem significação para com Authores Latinos, & Gregos, os quaes lhe attribuirãõ o gregolyfico

roglyfico da segurança, em respeito, que raramente se vê bicho peçonhento aonde esteja Feto, porque tem virtude para com seu cheiro afugentar de si animaes venenosos: donde os que vivem no campo, se tem receyo delles, costumão dormir sobre Feto, seguros que lhes não faça mal algum bicho peçonhento. A segurança he hũ bem que todos desejaõ possuir em qualquer estado que tenhaõ. Mas não quer Deos que em cousas da vida haja segurança: *Nihil securum in hac vita*, diz Santo Augustinho. Não ha na vida cousa segura, nem nella pôde haver estado em que se não tema mudança, perigos, & sobressaltos. Mas quando alguem vir que possui as cousas com segurança, engana-se, porque a mesma segurança he seu proprio engano, & o mayor perigo que lhe pôde succeder. S. Gregorio diz, que por isso permite Deos ser o Justo tentado muitas vezes, porque pelo descuido da segurança se não venha a perder: sendo assim, que a segurança he mãy da negligencia, secreta inimiga da alma. Só a consciencia bem ordenada se pôde dizer que possui segurança, & com ella hũ perpetuo convite, como diz o Espirito Santo: *Securamens, jube convivium*. A alma que anda segura, & não se conhece por culpada, & comprehendida em algum delitto, goza de eterno banquete, sempre tem gosto, sempre alegria, vive em hũa perpetua continuação de refeição espiritual. Não havendo cousa mais agradavel que a consciencia quieta, nada mais deleitoso, que o coração quieto, o qual de sua simplicidade faz fortaleza invencivel para os assaltos do inimigo. Os peccadores não gozaõ deste convite, nem tem noticia deste bem, porque não estaõ seguros, nem o podem estar, faltandolhes este sossego da segurança, que procede do concerto da alma, & quietação da consciencia. Antes pelo contrario (como diz Job) sempre trazem as orelhas atroadas com os espantos do terror: *Et cum pax sit, ille insidias suspicatur*. Vive com tal medo, que ainda quando tudo he paz, suspeita elle que tudo são traições, & silladas que se lhe fazem. Dizia Euripides,

Job 15.

Laert.
des,

des, que não podia a maldade fazer boa companhia com a segurança, porque esta se aparta donde a consciencia he perversa. Nem he possível gozar da tranquillidade do espirito: *Qui deos sibi non habebat propitios*. Couisa admiravel, q̄ os mesmos Filozofos Gentios alcançaraõ, que peccados offendiaõ os deoses, & causavaõ inquietação na alma de quem os commettia. Certamente que se do não peccar não resultara outro bem, mais que a segurança, & liberdade do espirito, só por isso se não houvera de peccar, porque não tem comparação com nenhum gosto do mundo o sossego da segurança de hũa alma santa, quanto mais que juntamente com esse bem tem outros, de que o Ceo a faz digna, para a seu tempo lhos manifestar. Pois grande bem he não peccar, & com tudo se houver peccar, grande bem doerse o peccador, & sentir que tem offendido a Deos, porque quando succeder, que hum peccador em seu vicio não sente couisa que o inquiete, final he de sua obstinação, porque aos taes ordena o demonio quietação

August. (como diz Santo Augustinho) *Ut inferat perditionem*. Para Ihes acarretar sua total perdição.

Feto, & cãna.

Odio capital.

Consideração primeira.

Plinius. Quando os Antigos queraõ significar odios capitaes, q̄ havia entre algũas pessoas, pintavaõ hum Feto apar de hũa cãna, porque escrevem os naturaes, que tem estas duas plantas grande odio, & inimidade entre si: donde diz Plinio, que os Fetões que são cortados com cãna, não tornaõ a nascer naquelle lugar. E se quando lavraõ a terra, puserem no arado hum Feto, não nasceraõ nella cãnas; & se o ferro levar hũa cãna, não nasceraõ Fetões nella. As feridas que a cãna faz, remedeia, & sãra com prestela o Feto pisado: & assim pelo

pelo contrario as que o Feto faz, amésinha a canna. Por estas razões he o odio significado nestas plantas, que parece quereremse mal entre si. O odio he o peyor vicio que o mundo tem, porque tras consigo todos os males, & não repára em commetter enormes delittos, com tanto que fique vingado: a razão he, porque a payxão do odio cega, & escurece os olhos da alma, que a não deixa ver a luz do Ceo. Donde chamou S. Chrystostomo ao odio: *Spiritum tenebrarum*, hum espirito de trevas, & escuridão, que aonde está escurece toda a belleza, & fermosura da alma, offuscando o juizo, a razão, & entendimento: & pela mesma razão que chama ao odio espirito de trevas, lhe chama tambem demonio voluntario: *Odiū demon est voluntarius*. He demonio por vontade, porque ha demonios por natureza, os quaes quando se apartarão de Deos, ficarão logo com odio contra Deos, & quasi por natureza o tem. Mas os que agora tem odio ao proximo, são demonios por vontade: *Insania optata*, diz o mesmo Santo: he o odio hũa doudice desejada, porque ha doudos por successos, & doenças; mas os que tem odio, são doudos, & perdem o juizo porque querem. S. Gregorio diz, que qualquer culpa faz dano à alma, como a espada no corpo: & se logo se não tira, fica a cura mais irremediavel, & entretanto não aproveitão as orações do que está ferido deste mal, porque mal se póde applicar mézinha ao coração que tem a lâca pregada em si. Por isso disse o Amador da paz: *Dimittite & dimittetur vobis* Perdoai, & sereis perdoados: deixai o odio, & sereis ouvidos. Os que tem odio a seu proximo, (diz Chrystostomo) não são dignos que Deos se chame Pay delles, nem elles tem acção para dizerem Padre nosso, porque falando Christo dos que não perdoavaõ ao proximo, disse: *Pater meus sic faciet vobis, si non dimiseritis*. Assim o fará com voseo meu Pay Celestial, senão perdoardes, que he condenarvos a perpetuos tormentos. E notem, que diz Christo meu Pay, & não vosso Pay, nem o que he Pay de todos, senão meu Pay, porque

Chryf.

Gregor.

Luc. 6.

Marc.

II.

Chryf.

Mat. 6.

porque Deos não quer ser, nem chamar-se Pay de gente que
 não perdoa, nem dimitte do odio, & maligna vontade que
 tem. E em outro lugar diz o mesmo Santo. Por grandes ma-
 les que vosso inimigo vos faça, não são mayores do que vós
 fazeis à vossa propria consciencia em quanto não perdoais, &
 largais a payxaõ que tendes. E não deveis attentar tanto às in-
 jurias, que outrem vos faz, como à oportunidade que se vos
 offerece de largo merecimento, em lhe perdoardes quantas
 vezes vos offende: & se quereis mal, a vós mesmo fazeis o mal:
 & se perdoais ao inimigo, mais perdoais a vós, que a elle. Mã-
 dou Cesar levantar as estatuas de Pompeyo seu inimigo, que
 estavaõ lançadas por terra, a fim de comprazerem nisso a Ce-
 sar, & Cicero quando vio isto, lhe disse: *Cum statuas Pompei
 collocasti, tuas stabilisti.* Quando (Cesar) mandastes levan-
 tar as estatuas de Pompeyo, entaõ assegurastes as vossas, por-
 que homem que põem de parte a payxaõ, & odio de seu ini-
 migo, para o honrar, & engrandecer, merece que se lhe con-
 firme sceptro, & coroa para sempre. Matemos pois o odio
 quando o tivermos, & não matemos com a vontade a quem
 o temos. Matemos a inimidade, & não ao inimigo, imitando
 a Christo, que he a nossa paz, & summa concordia, de quem
 diz S. Paulo: *Christus est pax nostra, qui fecit utraque unū
 interficiens inimicitias in semetipso.* Christo he nossa paz, o
 qual unio duas cousas contrarias em hũa, extinguiu as inimi-
 dades em si mesmo, não extinguiu aos inimigos, mas as ini-
 midades, porque elle morrendo deu a vida aos inimigos, &
 matou as inimidades quando reconciliou a Deos os mesmos
 inimigos, & os poz em segura amizade com elle. Couza nota-
 vel he, que se ponhaõ homens, & gastem tempo em amansar
 animaes ferozes, & não se disponhaõ em amansar inimigos
 com a paciencia, & dissimulaçaõ.

Seneca.

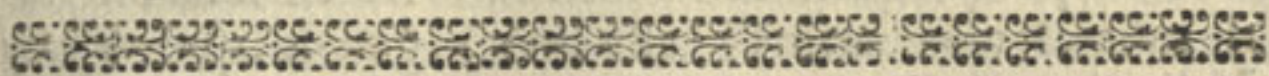
Ephes. 2.

Consideração segunda.

Diz Seneca, que aquelles que nos querem mal, são como os minhotos, que acodem figeiros aos corpos corruptos, & podres, & não aos que estão inteiros, & com bom cheiro. Os que nos tem à vontade, acodem ligeiros a nossas faltas, & defeitos, se os ha, ao vicio, ao descuido, & imperfeição nossa, aqui se enseva, aqui corta, & despedaça; mas não fala em o bem que tendes, nem nas virtudes de que vos acompanhais. Não tenhamos odio a proximo algum, senão for a nós mesmos, que he o que disse Christo: *Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam eternam custodit eam.* *Ioan. 7.* O que aborrece a sua alma, quer dizer, o que aborrece a sua propria vontade, o seu appetite, a sua condição, & à natureza, este tal poupa a alma para bens eternos. Conta Sozomeno, que Dorotheo Monge Thebano tinha por exercicio ir de continuo muito longe à costa do mar buscar pedras para fazer aposentos para enfermos, & peregrinos, & perguntandolhe hum homem, que o encontrava muitas vezes, porque tyrannizava seu corpo como a inimigo, a quem queria mal, respondeo elle: *Quia me illud occidit.* Rasaõ tenho de tyrannizar o corpo que me matou. Licitto he vingarme de inimigo tão prejudicial, & porque me não lance a perder, he-me necessario opprimillo tanto agora. Odios nunca os queiramos ter, nem dar occasião que os tenhaõ contra nós, senão for por defender a justiça, & a verdade: *Odia pro amore Dei optanda sunt,* diz Chrysostomo, pelo amor de Deos póde a gente de-sejar ser aborreida, & perseguida: porque já isso he parte de martyrio muito meritorio. E S. Gregorio diz: *Odia pro veritate sustinere non renuas.* Não fujais de padecerdes odios, & malquerenças por sustentar a verdade, porque acheis tanto mayor fructo de premio, quanto mais sofrerdes em defensão, & favor da justiça, antepondo a tudo os preceitos de Deos. *Hist. Tr.* *Chryf.* *Gregor.*

- Deos. Os bons he certo que sempre são aborrecidos dos malignos sem razão, & sem porque. Assim tiverão odio a Christo, que por elle se entende aquelle verso de David: *Odio habuerunt me gratis*: tiverão-me odio sem lho eu merecer. Mas ainda que outros nos perseguaõ com odios, não devemos nós pagarlhe na mesma moeda: porque nunca ao Christão he decente ter odio a alguem: *Christianus nullius est hostis*, diz Tertulliano: Deve o Christão fazer certo ao mundo, que não póde caber odio, ou malquerença em seu peito, sobpena de não parecer filho das entranhas de Christo, que amou a todos, & a ninguem quiz mal. E basta mandarnos elle, que amemos, não só aos amigos, mas tambem aos inimigos; para isto nos deu exemplo, & para isto nos dà ajuda, & favor. Os peccadores amaõ o mundo, & o demonio, que são seus capitães inimigos, & não lhes dà por isso galardão algum, & não querem a Deos, nem ao proximo, como elle manda, sendo tão grande o premio que por isso nos promette, & tanto o favor que dà para soffrermos com paciencia as perseguições, & afrontas: *Veruntamen Deo subjecta esto anima mea, quoniam ab ipso patientia mea*, dizia David. Se me custara alguma cousa do meu soffrer eu as sem razões de meus inimigos, razão tinha de me enfadar, & ter nisso molestia, mas quando este Senhor (que me manda soffrer) me dà o soffrimento, & gosto de soffrer, porque não terei paciencia? Pois por isso: *Deo subjecta esto anima mea*. Determinai-vos alma minha a soffrerdes, & serdes sujeita aos mandados do Ceo, pois tantos auxilios dà para os comprirdes à risca! E quando virdes que sois muy perseguida, & que dizem de vós grandes males, lembre-vos que disse o Senhor a seus Discipulos, que quando os amaldiçoassem, & dissessem delles todos os males, então eraõ Bemaventurados: *Beati estis*. E quando não quizerdes ter tão alto pensamento, lembre-vos alma, que ninguem nesta vida padece sem causa: *Omnis iniquè agit, nullus injustè patitur*, diz Tertulliano, não ha quem viva sem peccado,

peccado, nem quem padeça sem causa; & por isso não attendeis para quem vos persegue, mas para os peccados que tendes commettido, & cuidai que por castigo delles padeceis, & sois castigados.



Alecrim.

Ciumes.

Consideração primeira.

NA divina Escrittura se fala muitas vezes em zelo, & ciumes, aonde os Doutores sagrados fazem esta differença, dizendo, que o zelo he hum fervor vehemente, acompanhado de hum forte desejo de tornar pela honra da cousa amada, com o qual cresce a mayor perfeição, não sofrendo ver defeito, ou dâno algum no bem que ama. Mas os ciumes são hũas inquietações, & impetos de vehemente amor, nascidos de algũas sospeitas de injuria, que se faz à mesma pessoa q̄ os padece, com desejo de tomar vingança do adversario. No que se differença ciumes do zelo, que este deseja vingar, não injurias feitas a si, mas à cousa amada, & os ciumes desejão vingar afrontas feitas ao mesmo que os tem. São estes significados no Alecrim, planta benedicta, hũa das que tem nome de aromatica por sua virtude, & por se parecer muito (como escrevem os naturaes) no cheiro com o incenso, que em Grego se chama Libanotis, & na mesma lingua se chama tambem o Alecrim Libanotis. O attribuirselhe este significado, deve ser pela natureza que tem de fogo, ou pela sua flor, q̄ he azul, (cor que tambem significa ciumes.) O que nisto se póde ter por mais certo he, que o Alecrim tem particular effeito de despertar os sentidos com a virtude de seu cheiro, ou com a efficacia de seu çumo, & com a viveza, & fortaleza de sua quinta essencia. E na vida não ha cousa que mais desperte, & inquiete o coração humano, que o fogo dos ciumes, quando

nelle tem entrada: porque ahi não ha tormenta mais desfeita, nem tempestade mais medonha, nem mar Oceano mais alterado, que aquelles cuidados que se levantão no peito aonde ha ciumes. Assim se chama este mal, ou doença de ciumes, infernal, porque quem delles enferma, vive em hum inferno de ansias, & tormentos. He este mal tão grande, que na Ley Velha lhe quiz Deos applicar remedio, porque a falta delle não fosse occasião de mayores males no povo Judaico, que por ser gente terrivel, & muito voluntaria, por muy leves causas matarião as mulheres, como diz Abulense. Por isso fez Deos a Moyses particulares apontamentos, referidos no quinto capitulo dos Numeros, que quando os maridos tivessem quaesquer ciumes, pudessem levar as mulheres ao Têplo, aonde offerecendo certo sacrificio, tomaria o Sacerdote hum vaso de agoa, no qual lançaria põ, ou terra do pavimento do Templo, & depois de lançar muitas maldições sobre aquella agoa, a dava a beber à mulher de que o marido tivesse sospeitas; a qual estado innocente, nenhum dâno recebia de a beber, antes permittia Deos, que lhe aproveitasse para não ser esteril de filhos; mas se estava culpada, com aquella beberagem pouco, & pouco se lhe corrompião, & apodrecião as entranhas até morrer. Este remedio applicou Deos aos ciumes, & com ser tão aspero, dizem os Doutores sagrados, que foi dado em favor das mulheres, que de dous males estivessem antes offerecidas ao menor, de ser provada sua innocencia neste particular, antes que por leves sospeitas perderem a vida: & dos males sempre se permite o menor, o que hoje não tem lugar: porque a nossa Ley Nova he Ley de Graça, & perfeição, que nenhum mal permite, nem mayor, nem menor: àquella gente permittia Deos isso por ser imperfeita, como tambem permittia, que pudessem os maridos dar libello de repudio às mulheres quando querião, ainda que não houvesse causa algũa, mais que descontentaremse dellas, porque menor mal era repudiarem as, que tirarlhes a vida, conforme

erão

Abul.

Num. 5.

Dent.

24.

eraõ mal inclinados. O que não ficou sem Christo nosso benedizer aos mesmos Judeos, que pela dureza de seus corações lhes permittio Moyses, que pudessem repudiar as mulheres, sendo assim, que no principio não foi assim: *Ad duritiã cordis permittit vobis dimittere Moyses uxores vestras: ab initio autem non fuit sic.* Não era assim de antes, nem nunca tal houvera de ser, mas vossas perversas naturezas vieraõ a ter esta permissãõ. Porém agora não quero que haja tal permissãõ, nem tenha isto lugar na Ley da Graça, aonde se não permite deixar a mulher, senão pela causa que logo aponta: *Dico autem vobis, quia quicumque dimiserit uxorem suam, nisi ob fornicationem, & aliam duxerit, mœchatur.* Isto he o que na sagrada Escrittura se contém àcerca dos ciumes, que quando são da parte das mulheres, diz o Espírito Santo no Ecclesiastico, que não ha dõr como a sua: *Dolor cordis, & luctus mulier zelotypa.* A mulher ciosa padece tanta dõr de coração, taes angustias, & tormentos, que fica representãdo a mesma figura da Dõr, de Angustia, & Pranto. E ainda que nisto haja grandes excessos de sua parte, permite com tudo Santo Augustinho, que as mulheres sejam ciosas dos maridos, para que lhes não deixem commetter offensas contra Deos: & quando sentirem que as ha, quer que não tenham paciencia para as soffrerem: *Mulieres Christianæ prorsus zelentur viros suos, non propter carnem suam, sed propter animas illorum.* Quando as mulheres entenderem, que os maridos lhes não guardaõ a devida fé, tenham brio, & fervor para zelar, & reprehender seus defeitos, & intemperanças, a mem-se contra elles com hum santo zelo, & espirito do Ceo, não tanto pelo que lhes pertence a ellas, como pelo que a elles convem, & à salvação de suas almas. E quando virem que não ha emenda nelles, recorraõ a Deos, & à sua Igreja, não aos Juizes, & potestades da terra. No demais sejaõ para com elles, não senhoras, mas servas obedientes, humildes, & sujeitas. S. Chrysofostomo diz, que não ha ciumes senão aonde entra

Mat. 19.

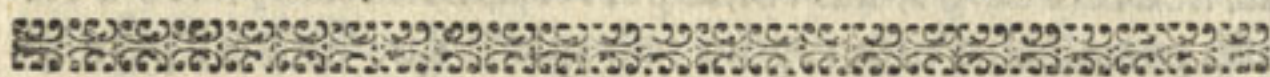
Mat. 19.

Eccl. 26.

August.

Chrysf.

amor carnal, porque só quem humanamente ama a outrem, de necessidade ha de amar, & juntamente ter ciumes pestilenciaes no processo do tempo: *Quisquis carnaliter amat, necesse est, ut cum zelo pestifero amet.* Porque quando o amor he bem ordenado, & conforme a Ley de Deos, não admitte excessos, & perturbações de ciumes.



Jasmim.

Perigo.

*Consideração primeira.**Seneca.*2. Cor.
13.

HE o Jasmim flor muito conhecida, & tem significação de perigo, ainda que esta não conste de particular Author que o declare. Em quanto não houver descobrir a razão desse significado, saiba-se que tudo o que he, & diz perigo, he muy certo entre os homens, durando a vida entre elles: porque como diz Seneca, cousas ha que raramente succedê: como he o naufragio, o queimar se ves a casa, o cair vos a parede, o roubarem vos ladrões: mas isto que são perigos dos homens, para com homens he cousa quotidiana: *Ab homine homini quotidianum periculum.* O perigo do homem he de cada dia, & a momentos os ha: contra estes ha mister summa vigilancia, & cautela, porq̃ vem a miude, & quãto mais perto estaõ de nòs, mais se nos encobrem, & menos se alcançaõ. A tempestade antes de vir dà final q̃ vem: a casa antes de cair ameaça ruina: o fumo diz q̃ ha incendio: todos estes perigos se pôdem prevenir, mas os que vem da parte dos mesmos homens, de repente vem, & não daõ lugar de lhes resistir. O Apostolo S. Paulo contando os muitos que tinha padecido no mar, na terra, nos desertos, & nas cidades, sentia por defiguaes os q̃ lhe tinhaõ vindo de parte de falsos irmãos, q̃ era o mayor mal que lhe podia vir, & o q̃ lhe dava mais desconsoação. Mas como em todos os trabalhos recorria a Deos, a elle dava

dava immensas graças, porque o tinha livre de tantos perigos, & ainda o havia de livrar ao diante: *Qui de tantis periculis nos eripuit, & eruit: in quem speramus, quoniam & adhuc eripiet.* Mas por isso tinha Deos cuidado de o livrar de perigos, porque elle era o que o metia em muitos, para ver o como se havia nelles. E quando Deos põem nelles a alguém, elle he o que os tira com vittoria: porque não se compadece com sua bondade fazer outra cousa. Vião-se os Apostolos em grande perigo, com grande tempestade do mar, sendo de noite, & a embarcação perto de se ir ao fundo: mas teve Deos cuidado de os livrar della, porque por ordem sua se virão nella. Quem crera que hum moço de pouca idade como Joseph, na occasião que tinha de perigar com hũa senhora, Egytana, que só pelo ser lhe não havião de faltar manhas para o solicitar, se havia elle de haver com tal fortaleza, & raras mostras de virtude. Mas como Deos o punha a estes combates, claro era que delles o havia de tirar victorioso. Clamava David a Deos, que o tinha posto em muitos apertos, & tribulações, & que se vira no extremo de trabalhos, & afflicções: mas quando menos cuidava, se via livre de todos os males, & dando graças ao mesmo Deos, dizia: *Transivimus per ignem, & aquã, & eduxisti nos in refrigerium.* Passámos por fogo, & agoa, vimo-nos nos mayores perigos da vida, mas vós Senhor tivestes cuidado de nos livrar delles, & darnos refrigerio, & consolação. Pelo contrario, o que voluntariamente se põem em perigos, permite Deos que caya nelles. Ninguem mais forte que David, pois com tão animo matava urfos, & leões, vencía gigantes, & destruhia exercitos; mas porque hũa vez por sua vontade quiz ver, & olhar devagar a hũa molher, o que vencía urfos, & gigantes, veyo a ser vencido de hũa molher; porque quem ama o perigo, perece nelle. Dos outros livrava-o Deos, porque o mesmo Deos o metia nelles, daquelle não, porque elle mesmo o buscou, & quiz cair nelle. E com tudo para sermos livres de perigos, que Deos nos orde-

2. Cor. 1.

Marc. 6.

Gen. 39.

Psal. 63.

Eccl. 3.

na, sempre ha mister chamar por Deos, & fazer entretanto de
 nossa parte o possível por sermos livres, como fazião os A-
 postolos, que naquelle perigo da tempestade em que se vião,
Marc. 6. não deixavão de remar, & trabalhar: *Erant laborantes in re-*
migando O mesmo façamos de nossa parte, & em qualquer
 perigo que nos vejamos, recorramos logo a Deos, como fez
 Esther, que temendo o perigo da extincção do seu povo, an-
 tes de buscar remedio humano, recorreo à misericordia di-
Esth. 14. vina: *Pavens periculum quod imminabat, confugit ad Do-*
minum.

Dormideira.

Justiça.

Consideração primeira.

Esta herva, que em Latim se chama *Papaver*, foi esti-
 mada dos Antigos, & teve varias significações, das quaes
 a principal he a da Justiça, pela igualdade das divisões, & re-
 partições que faz uniformes no concerto, & ordem dos ca-
 sulos, aonde tem innumeraveis grãos; pelo que tambem qui-
 serão que fosse a Dormideira symbolo de qualquer Commu-
 nidade, ou Cidade bem ordenada. Esta foi a razão porq̃ nesta
 herva quizerão significar a Justiça, que a cada hum dà o seu,
 & faz suas repartições muy iguaes, pondo tudo em paz, boa
 ordem, & bom concerto. Pelo que dizia Seneca, que os An-
Seneca. tigos isto falavão, isto escrevião, & ensinavão: *Absque justi-*
tia principatum rectè gerere, nec fovem quidem posse. Que
 sem justiça, nem Jupiter seria Deos, nem poderia governar o
 mundo: porque he esta virtude muy necessaria ao bom go-
 verno, & conservação d'elle. O Espirito Santo nenhũa outra
 cousa encommenda mais, que amarem a justiça os que go-
Sap. 1. vernão a terra; esta he a primeira lembrança que lhes dà, esta
 he a primeira palavra por onde começa: *Diligite justitiam*
 qui

qui iudicatis terram. Amai a justiça os que julgais a terra: outra cousa vos não lembre, senão fazer justiça, & dar a cada hum o seu. Excelente geroglyfico he da justiça aquelle que se pinta de hũa figura humana, que tem os pés na terra, tem a cabeça nos Ceos, carecendo de mãos, & de braços. Porque a justiça na terra anda, na terra tem os pés, aonde he necessaria; porèm nos Ceos ha de ter a cabeça, a tenção, o respeito, & o fim de suas acções. Não ha a justiça de ter braços; porque quando queremos dizer, que na justiça tambem ha poderse dar algum favor, ou haver respeito particular, dizemos que tambem a justiça tem suas mangas; pois porque não haja dizerse que na justiça ha respeitos, tire-se lhe toda a occasião de os haver: não tenha braços, porque quem não tem braços, não ha mister mangas, & quem não tem mangas, não té aonde esconda, nem recolha nada; pois nem mãos, nem braços tem para o fazer. E com tudo ainda que a justiça não tenha braços, nem por isso fica desayrosa, & mal parecida. Diz S. Gregorio, que a boa justiça he gloria de quem a faz, & que assim como o vestido cobre o corpo, & defende o frio, assim a justiça livra da morte, & dà muita graça a quem della se rodea; donde dizia David: *Sacerdotes tui induantur justitiã.* Ps. 131. Os vossos Sacerdotes Senhor vistão-se de justiça, que he o melhor, & mais bem feito vestido que podem ter.

A justiça, diz o mesmo Santo, ha de ter hũa cousa, que se ha de acompanhar de compayxão: *Vera justitia compassionem habet.* A verdadeira justiça ha de ter compayxão, & não ha de ser tudo nella rigor, & asperesa. Pelo que muito he o q̄ Deos se agrada daquelles que julgando, ou governando, misturão com a justiça clemencia, mansidão, & misericordia, porque nisto se parecem muito com Deos, que mais se preza de misericordioso, que justioso. Diz Christo por S. João, que o Padre Eterno lhe commetteo: *Judicium facere, quia Filius hominis est.* Deulhe o fazer justiça, & julgar, porque he Filho do homem, que quer dizer: porque he homem que tem cle-

- mencia, tem piedade, & compayxão. Sendo assim, que muitos em materia de fazer justiça, não parecem filhos de homens, mas de tigres, leões, & bestas feras. Quando Deos veyo ser hospede de Abrahão, vierão tres Anjos que representavão a Santissima Trindade, & quando logo houve de ir destruir a Sodoma, forão dous Anjos, & Procopio diz, que hião dous, porque a Pessoa do Padre se ficou, & a do Filho veyo com a do Espirito Santo, porque não quer o Filho castigar, nem fazer justiça, sem ter apar de si o Espirito Santo, que todo he Amor, misericordia, & bondade; de sorte, que nem aos Sodomitas quiz dar castigo, sem clemencia, & piedade. A justiça que destas virtudes se acompanha, he boa, a que sem ellas se faz he crueldade. Dizia Socrates, que de todos os animaes he melhor o homem que vive segundo a boa razão, & que de todos era peyor o homem, que se aparta da boa justiça. Seneca diz: *Præstabis amicis fidem, omnibus equitatem*. Bem he que tenhais amor aos parentes, lealdade com os amigos, & com todos usai justiça, & igualdade. E S. Gregorio diz, que não podem os Reys ter mayor bem, que guardarem boa justiça: *Summum in Regibus bonum est justitiam colere, ac sua cuique jura servare*. Nos Reys, & nos que governão he o mayor bem que pôde ser, guardar justiça, & dar a cada hum o seu, cortando por tudo o mais, por se não cortar pelo que he justo, & recto. He celebre o que aconteceu a El-Rey Artaxerxes com hum seu privado Satibarzanes, o qual pedindo a El Rey hũa cousa pouco justa, & o Rey tivesse noticia que lhe tinhamo promettido trinta mil cruzados, se alcançasse isto d'elle, mandou ao thesoureiro mór, que lhe trouxesse esta quantia de dinheiro, & trazendo-os, disse a Satibarzanes: Toma este dinheiro, que te dou de boamente, porque com te dar tão grande quantia, antes quero ficar pobre, que injusto, quanto mais que falta de dinheiro não faz pobre a El-Rey, & a falta de justiça o faz miseravel, & pauperrimo: *Justitia firmatur solium*, diz o Espirito Santo: O throno do Rey na justiça

justiça se assegura, & fortalece. E Santo Augustinho diz, que não alcanção os homens quanto val haver justiça no que mada: porque a justiça he paz do povo, segurança da patria, defensão da gente, méfina de doenças, alegria dos homens, fertilidade da terra, consolação dos pobres, herança dos filhos, & esperança de gloria, a quem a guarda.

August.

Legação.

Verdade.

Consideração primeira.

E Sta cheirosa herva, a que os Latinos chamão *Smilax*, teve significado entre os antigos Escrittores: o que de presente se lhe attribue he da Verdade; & deve ser, porque esta pequena planta entre hús delicados espinhos que lança, descobre flores de muy suave cheiro, & brancura notavel: & tem por natureza subir, & trepar ao mais alto de qualquer arvore, a que se encosta, à semelhança da Hera; por onde tambem em Latim he chamada: *Hedera spinosa*: cousas são estas que muito dizem com as condições da verdade, porque esta entre espinhos mostra flores, entre reprehensões asperas descobre suas virtudes, parece trabalhosa de sofrer, mas dà cheiro suave. A verdade (diz Santo Augustinho) he amargo pão aos peccadores; porèm ahi não ha cousa mais suave que ella, esta aonde quer que està, sempre vence, & sóbe acima de tudo, sempre fica superior, algũas vezes succede andar arrastada, outras escondida, porèm he como a boya, que supposto que por algum tempo se cubra com a agoa, depressa torna acima della: *Veritas tamet si supprimitur, non extinguitur*, diz Seneca: Ainda que a verdade seja opprimida, nunca se extingue, nem afoga, que he o que diz Cicero: *Multorum improbitate depressa veritas emergit*. A verdade que com a maldade de muitos muitas vezes se afun-

August.

Seneca.
Cicero.

da,

da, & cobre de agoa, de pressa vem acima, & mostra seu rosto a todos. Infinitos são os louvores que os Santos escrevem da verdade. S. Bernardo diz, que he ella hum dos lirios, entre os quaes se apascenta Christo: *Bonum liliū veritas, candore conspicuum, odore præcipuum.* Bom lirio he a verdade, resplandecente na alvura, & no cheiro, principalissimo a todas as mais virtudes. Santo Augustinho diz, que só a verdade nos faz bemaventurados: *Veritas sola beatos facit.* He a verdade tão alta, & excellente, que nenhũa cousa nos pôde fazer mais semelhantes a Deos, que ella. Perguntado Pythagoras, por onde podião os homens parecerse mais com Deos, respondeo, que com falarem verdade. Esta mandava Deos que o Summo Sacerdote trouxesse no Racional sobre o peito: *Pones in rationali iudicii doctrinam, & veritatem, que erunt in pectore Aaron.* Porque o Sacerdote nestas duas cousas ha de resplandecer, que são doutrina, que ha de dar ao povo, & verdade que sempre ha de falar, & pregar ao mundo. Esta andava antiguamente nos peitos dos Sacerdotes, dos Reys, & Monarcas da terra, que a estimavão muito. Mas teve a mentira pelo discurso do tempo tanto ardid para contentar aos homens, que Principes, & Senhores lhe derão lugar em seus paços, lançando fora delles a verdade, que lhes honrava, & authorizava suas Cortes, & nellas dahi por diante não foi mais conhecida a verdade. Dondo veyo que indo hum Profeta ao paço dar hũas boas novas a Jehu, que Deos o fazia Rey, & com ser a nova de gosto, & alegria, não o crem, chamãolhe tonto, & nescio, dizemlhe que mente, & não fala verdade: *Falsum est.* Porque falava aonde outra cousa se não ouvia mais que mentiras, & falsidades.

Como a verdade se ausentou das Cortes, & das Cidades, foi-se para os montes, fez-se aldeã, & solitaria. Donde vem, que a verdade que hoje não achamos nas Cidades, ella achamos nas pobres aldeas, na bocca de gente simples, & sem refolho. Degradada a verdade da Corte, meteo-se pelo mais intimo

intimo do deserto, & nelle a achou o grande Bautista, quando compadecendo-se de a ver tão desprezada, & perseguida, querendo-a trazer outra vez à Cidade, & introduzilla no paço, não lhe custou seu zelo menos, que cortarem-lhe a cabeça, & a verdade tornar-se para o deserto, por se ver tão aborrecida dos homens. Ao voltar cahio, que assim o diz Isaias: *Isai. 59.*

Corruit veritas in plateis. Cahio a verdade nas ruas, vierão seus contrarios, & prenderão-na. Em ferros está agora, & muitos são os que a tem presa em suas casas, & dentro em seus corações, que com roins procedimentos, com mentiras, & falsidades cuidão que a hão de esconder aos olhos do mundo, para os quaes se guarda grande castigo: *Revelatur ira Dei, in eos qui veritatē Dei in injustitia detinent.* A ira de Deos está reservada para aquelles que tem presa, & encarcerada a verdade no carcere da injustiça que fazem, & da sem rasão que usão com o proximo. Por isso havendo occasiões em que muitos pôdem falar verdade, todos se callão, porque não está a verdade posta em sua liberdade, & da cadeia mal pôde o preso ser ouvido. Prendem a verdade todos os que entendendo o que he bem, fazem mal, & todos os que cõ me-yos illicitos querem esconder o que he bem, & sair com o que he mal. Pois a estes diz S. Paulo: *Revelatur ira Dei,* já se lhe vai revelando, & descobrindo a ira da divina Justiça.

Rom. I.

Consideração segunda.

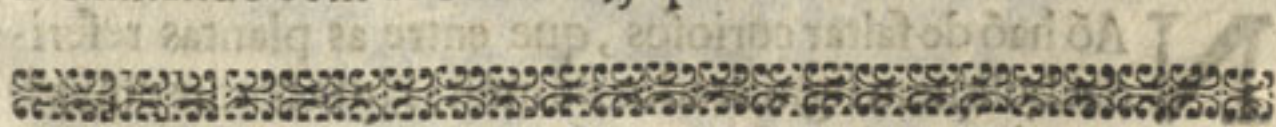
HE a Verdade aborrecida no mundo, porém a que reprehende. Que quanto a verdade tomada em commū com a belleza, & fermosura que mostra, diz Santo Thomàs, que essa de ninguem he aborrecida. E Santo Augustinho diz, *D. Th.* que os homens amão a verdade resplandecente, & aborrecem a que particularmente lhes toca em algum vicio, ou defeito feu: como o mel, que tomado per si, he muy doce, & applicado às feridas, & chagas causa pena, & dor. Ninguem gosta de

de ouvir verdades com que o reprehendão, & por nenhuma
 couza padecem os virtuosos mayores perseguições, que por
 dizerem verdades. De nenhũa couza tem o mundo mais ne-
 cessidade, que de quem diga verdades, & desengane a gente.
 Já os Principes, & grandes da terra possuindo muitas couzas,
 só esta lhes falta, que he haver quem lhes diga verdades, &
 não os lisongee. Diz Seneca Filosofo acerca disto. Mostrar-
 voshey a falta que vay de certa couza nas grandes casas, & pa-
 ços reaes. Declararvoshey o q̄ não possui quem tudo possui:
Scilicet ille qui verum dicat: Falta aos grandes quem lhes
 diga verdades, & os desengane. Andando El-Rey Antioco à
 caça, & perdendo-se em hũa floresta, ficouse de noite desco-
 nhecido em hũa pobre casa de hum lavrador, & como à cea
 disseffem muitos males do governo del-Rey, que se regia por
 gente mal inclinada, callouse elle, & quando pela manhã o
 vierão buscar, que lhe trazião huns vestidos, com que havia
 de voltar para a Cidade. Dai-os cà (disse elle) *Quia ex quo
 vos indui, heri quidem de me vera audivi*. Depois que vesti
 purpura Real, que ouvi falar a muitos, só hontem à noite ou-
 vi quem me falasse verdade, & me disseffem minhas virtudes.
 Achei hum homem que me reprehendeo, & declarou o que
 vòs me encobris.

Alguns ha que quando hão de dizer algũa verdade, vão
 tanto a medo, que a envolvem, & misturão com tantos cir-
 cumloquios, & cautelas de palavras, que lhe ficão abatendo
 a força, & vigor que tinha. Envolvem-na em tantas flores, &
 mollificativos, que perde sua natural virtude, como o q̄ ha-
 vendo de dar purga de importancia, com o ruybarbo mistu-
 rasse liquores, & mèsinhas suaves, que abatessem a virtude do
 ruybarbo. E como os que havendo de dar convites, não cu-
 rão tanto da bondade dos comeres, como do modo, & novi-
 dade com que hão de fer guisados, & appresentados na mesa.
 Dos taes se póde dizer a quillo de David: *Diminuta sunt
 veritates à filiis hominum*. Derão os filhos dos homens
 em

em cercearem, & diminuir em as verdades, sendo assim que (como diz S. Chrysoftomo) as mais das cousas se podem cortar, & dividir, mas a verdade não permite divisaõ, nem diminuiçaõ, & com tudo derão õs homens em a diminuir, como moeda que ladrões cerceão, & diminuem: *Diminutæ sunt veritates.*

Sobre aquellas palavras do mesmo Psalmista: *Veritas tua usque ad nubes;* dizem alguns que a verdade nunca decco, nem chegou à terra, nem passou das nuvens para baixo, porque vindo ella de cima para fazer assento na terra, vio que a mentira tinha tomado posse della, sem lhe deixar lugar, aonde se ella recolhesse. Por isso não passou dalli: *Veritas tua usque ad nubes.* Mas a germana explicaçaõ destas palavras he, que entaõ se ha ultimamente de manifestar a verdade, quando Deos vier no ultimo dia a julgar o mundo, sobre as nuvens, que seraõ thronos de sua Magestade: ou como diz Jásenio. A verdade de Deos espalha-se por todas as partes, & não ha lugar aonde não esteja: da terra se levanta até as nuvens, ficando sua divina bondade, & constancia mais alta do que humano entendimento a póde imaginar. Thales Milefio, hum dos sette Sabios de Grecia, sendo perguntado, *Laert.* que distancia havia da verdade à mentira? Respondeo sabiamente: que tanto distava hũa cousa da outra, quanto os olhos dos ouvidos: dando a entender, que não devemos ter por certas as cousas que ouvimos, mas as que vemos cõ os olhos: & assim as cousas avisinhandõ com a vista, são verdade, & avisinhandõ com os ouvidos, já pódem ser mentira.



Mangerona.

Prazer.

Consideração.

A Mangerona he herua agradável a todos, & estimada em toda a parte pelo suayissimo cheiro que de si lança, por

por isso se costuma pôr nas capellas, & grinaldas de flores, às quaes não dà pouca graça, nem menos fragrancia. Tem significado de Prazer, porque particularmente o causa seu cheiro mais q̄ outras flores cheirosas: porque como a natureza deu a cada planta particular virtude, a esta deu alegrar com sua suavidade. He verdade que este seu significado he de cousa vã, & transitoria, porq̄ prazeres da vida (como diz S. Chrysofostomo) são vãos, & com a mesma vaidade que vem, depressa se perturbaõ, & mudaõ o nome de prazeres em prantos, q̄ ficaõ sendo a quem em casa por pouco tempo os admittio. São prazeres senhores injustos, a quem se pagaõ intoleraveis tributos: são inimigos, que com falsa apparencia de bens nos grangeaõ males immensos. Quem quizer possuir gostos verdadeiros, não os busque no mundo, mas em Deos, que he seguro prazer, & contentamento da alma. Não vos digo (diz Santo Augustinho) que não tenhais, & busqueis prazeres, mas sejaõ aquelles, cujos fins não occupaõ prantos: sejaõ os que sempre são, & haõ de ser, sempre florecem, & nunca haõ de deixar de florecer: porque quem tiver os desta vida, carecerà dos que na outra tem Deos para dar a seus escolhidos: que de outro modo: *Non possumus hic gaudere cum saeculo, & illic regnare cum Christo.* Não he possivel ter aqui prazer com o mundo, & alli reynar com Christo para todos os fins de eterna gloria, que elle a todos nos conceda. Amen.

Chrysf.

Prov.
14.*Fim do significado das plantas.*

NÃO haõ de faltar curiosos, que entre as plantas referidas busquem significados de muitas, que commummente andaõ na bocca de todos, não se tratando aqui dellas: a razão he, porque o principal intento do Author, foi tratar das plantas, de que na sagrada Escriitura de alguma modo se faz menção: & se com tudo de algũas se trata aqui, que não são daquelle numero, cõstaõ de graves Authores os significados que

que tem de tempo antigo. Porèm destas, que por ventura de-
sejaõ agora curiosos saber, naõ consta mais que da commua
prattica que anda no povo: o que naõ basta para se haver de
tratar dellas, visto que com nenhum Author grave se pòdem
authorizar os significados, que se lhes daõ: & assim mal se pó-
de dar sufficiente ração, porque Goyvos signifiquem Senti-
mento, Mangericão Memoria, Trevo Apartamento, Salsa
Gosto, Cravo Afeicão, Mosqueta Ferosura, Rosmaninho
Aborrecimento, & assim de outras plantas, a que alguns daõ
significações, como lhes vem à vontade, & naõ conforme os
fundamentos que os Antigos tiveraõ para darem as de que
temos tratado: pelo que naõ admittimos as que de presente
correm por incertas, & sem probabilidades, & fundamentos
que as confirmem.

LAUS DEO.



SACRÆ

()

SACRÆ SCRIPTURÆ

LOCA, QUÆ IN HOC OPERE,
vel exponuntur, vel illustrantur.

Numerus demonstrat paginam.

Ex Genesi.

- 1 **E**rminet terra herbam
virentem, pag. 315.
* Vidit Deus quòd
esset bonum, benedixit eis. 322.
- 2 Consuerunt sibi folia ficuum.
27. & 212.
- 3 Eritis sicut Dii. 111.
* Terram edes. 396.
* In sudore vultus tui vesceres
pane. 461.
- 4 Statim peccatum tuum in fori-
bus aderit. 44. & 278.
- 8 Portans ramum olivæ virenti-
bus foliis. 91.
- 13 Ne quæso sit iurgiū inter me,
& te. 452.
- 19 Dederunt patri suo bibere vi-
num nocte illa. 168.
* Venerunt duo Angeli Sodo-
mam vesperi. 504.
21 Ejice ancillā, & filiū ejus. 400.

- 23 Dabo pecuniā pro agro. 403.
25 Si sic futurum erat, quid ne-
cesse fuit concipere? 417,
26 Venerunt ipso die servi Isaac
annuntiantes ei de puteo. 360.
27 Fratri tuo servies. 497.
30 Reperit mandragoras, quas
matri Liæ detulit. 442.
* Virgas populeas, & amygdali-
nas. 194.
- 15 At ille infodit ea subter Te-
rebinthum. 225.
- 41 Septem spicæ plenæ septem
ubertatis anni sunt. 466.
- 48 Posuit manum dexteram su-
per caput Ephraim. 413.
- 49 Cerasites in via mordens un-
gulam equi. 396.

Ex Exodo.

- 4 Sponsus sanguinum tu mihi es.
126.
10 Dimitte me ut irascatur furor
meus. 160.

19 Ser-

16 Servaverunt de mánà, & ebullierunt vermes, 285.

* Erat quasi semen Coriandri album, 411.

19 Coeperunt audiri tonitrua, 74.

20 Deus zelotes, 76.

26 Pones in rationali iudicii doctrinam, & veritatem, 266.

32 Fecit, populus quæ jusseratque deferens in aures, 416.

38 Labrum fecit Moyses de speculis mulierum, 411.

Ex Levitico.

5 Offerat de gregibus agnam, & capram, 475.

11 Sus, quæ cum unguam dividam, non ruminat, 377.

13 Caro viva si leprâ aspergitur, ibid.

19 Non eris criminator, neque susurro, 479.

* Neque coram cæco pones offendiculum, ibid.

Ex Libro Numerorum.

5 Si spiritus zelotypiæ concitaverit virum, 498.

8 Levitæ radant omnes pilos carnis, 47.

11 Sepulchra cõcupiscentiæ, 30.

17 Turgentibus gemmis eruperrant flores, 17.

* Quem ex eis elegero, germinabit virga ejus, 195.

23 Moriatur anima mea morte justorum, 239.

24 Quasi Cedri prope aquas, 83.

Ex Deuteronomio:

15 Omnino non erit indigens, & mendicus inter vos, 60.

19 Vinum eorum venenum aspidum insanabile, 167.

21 Non plantabis lucum, & arborem juxta altare, 27.

* Manus nostræ non effuderunt sanguinem hunc, 256.

24 Scribet libellum repudii, & dabit in manus ejus, 498.

32 Uva eorum, uva fellis, & botri amarissimi, 170. & 432.

Ex Libro Judicum.

9 Nunquid deserere possum vinum, quod lætificat Deum, & homines? 165.

* Nunquid deserere possû dulcedinem meam? 203.

* Dixerunt omnia ligna ad Rhânun: Veni, & impera nobis, 317.

14 De comedente exivit cibus, & de forti egressa est fortitudo, 127.

Ex Libro I. Regum.

1 Vulnus illius non sunt in diversa mutati, 17.

5 Dagon jacebat pronus in terra, 76.

17 Non possum sic armatus incedere, 178.

22 Factus est eorum dux, 76.

Ex 2. Regum.

15 Percussit eum Dominus, & mortuus est, 403.

12 Dominus quoque abstulit peccatum tuum, 277.

Ex 3. Regum.

8 Dominus dixit, ut habitaret in nebula, 86.

9 Cum perfecisset Solomon ædificium domus Domini, 141.

19 Zelo zelatus sum pro Domino, 77.

* Sedit subter unā Juniperū, 276

* Surge, grandis tibi restat via, 463.

Ex 4. Regum.

9 Quid venit insanus iste? 507.

14 Carduus Libani misit ad Cedrum, 84.

20 Vidi lacrymam tuam, 153.

23 Contrivit statuas, & succidit lucos, 12.

Ex 4. Esdrae.

2 Septem montes habentes rosam, & lilium, 334.

5 Ex omnibus floribus elegisti tibi lilium tuum, 339.

9 Manducabis solummodo de floribus, 20.

14 Depene molestissima tibi cogitamenta, 49.

Ex Tobia,

2 Manifeste vana facta est spes tua, 388.

* Iis qui nunquam mutant fidem ab eo, 241.

12 Ego sum qui orationem tuam obtuli ante Deum, 157.

* Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te, 224.

Ex Job.

1 Ibant filii ejus, & faciebant convivium, 134.

2 Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare, & c. 464.

3 Pereat dies, in qua natus sum, 244.

* Contra folium, quod vento rapitur, ostendis, & c. 40.

* Ibi requieverūt quondam vineæ, 237.

6 Qui timent pruina, irruet super eos nix, 117.

7 Visitas eum diluculo, & subito probas illum, 464.

8 Nunquid virere potest scirpus absque humore? 417.

9 Vita mea levior cursore, 393.

10 Quid faciam tibi, o custos hominum? 116.

13 Scribis enim contra me amaritudines, 433.

14 Anima illius super semetipso dolebit, 235.

15 Nec mittet in terra radicē, 42.

* Et cum pax sit, ille insidias suspicatur, 491.

Nun-

- 16 Nunquid finem habebunt
verba ventosa? 40.
- 20 Non remansit de cibo ejus, &
propterea nihil permanebit de
bonis ejus, 267.
- * Non videat rivulos fluminis,
torrentes, &c. 158.
- 21 Munditia manuum suarum
innocens salvabitur, 256.
- 25 Stellæ in conspectu ejus non
sunt mundæ, ibid.
- 26 Radix mea aperta est secus
aquas, 42.
- 27 Donec deficiam, non recedam
ab innocentia mea, 257.
- 28 Qui appendit aquas in men-
sura, 250.
- 29 Cum sederem quasi Rex, erā
tamen moerentium consolator,
206.
- 30 Radix Juniperi erat cibus eo-
rum, 282.
- * Esse sub sentibus delicias com-
putabant, 268.
- 31 Si lætatus sum super divitias
multas, 373.
- * Si putavi aurum robur meum,
180.
- 39 Unum loquutus sum, quod
utinam non dixissem, 217.
- 40 Fœnum quasi bos comedet,
395.
- * In secreto calami, 384.
- * An extrahere poteris Leviathā
hamo, 159.

51 Pro frumento oriatur mihi
tribulus, 462.

Ex Psalmis.

- 1 Fructum suum dabit in tem-
pore suo, 27.
- * Et folium ejus non defluet, 35.
- 7 Factus sum mihi metipsi gra-
vis, 97.
- 11 In circuitu impii ambulāt, 32.
- * Secundū altitudinē tuā multi-
plicasti filios hominum, 110.
- * Diminutæ sunt veritates à filiis
hominum, 508.
- 16 Vita in voluntate ejus, 57.
- 17 Dolores inferni circumdederunt
me, 78. & 105.
- 21 In te speraverunt patres no-
stri, 390.
- * Sicut aqua effusus sum, 87.
- 26 Ut inhabitem in domo Do-
mini, 33.
- 31 Beati quorum remissæ sunt
iniquitates, 212.
- * Conversus sū in ærūna mea, dū
configitur spina, 280. & 318.
- * Dixi: Confitebor adversū me
injustitiam meam, 119.
- 36 Quemadmodum olera her-
barum cito decident, 392.
- 38 Mirabilis facta est scientia tua
ex me, 359.
- 40 Beatus qui intelligit super
egenum, 61.
- 42 Quare tristis es anima mea?
454

- 43 Tota die verecundia mea cōtra me est, 146.
- 44 Myrrha, & Gutta, & Casia, &c. 301.
- * Virga directionis virga Regni tui, 477.
- * Audi filia, & vide, & obliviscere, 414.
- 49 Redde Altissimo vota tua. 110
- 50 Tibi soli peccavi, 277.
- * Asperges me hyssopo, & mundabor, 440.
- 55 Posuisti lacrymas meas in conspectu tuo, 150.
- 57 Priusquam intelligerent spinæ vestræ rhamnum, 317.
- 62 Sicut adipe, & pinguedine repleatur, &c. 66.
- 65 Transivimus per ignem, & aquam, &c. 501.
- 68 Zelus domus tuæ comedit me, 77.
- 70 Cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me, 20.
- 71 Orietur in diebus ejus justitia, &c. 94.
- 72 Pacem peccatorū videns. 99.
- 77 Moros eorum in pruina, 259.
- 78 Operuit montes umbra ejus, 82.
- 79 Appare corā Ephraim, 414.
- 81 Ego dixi: Dji estis, 26.
- 88 Misericordias Domini in ænum cantabo, 58.
- 89 Mane sicut herba transeat, &c. 391.
- 91 Justus ut palma florebit, 65.
- * Sicut Cedrus Libani multiplicabitur, 82.
- * Cum cantico, & cithara, 39.
- 93 Secundum multitudinem dolorum meorum consolationes tuæ lætificaverunt animam meam, 230.
- 101 Qui replet in bonis desiderium tuum. 34.
- 103 De fructu operum tuorum satiabitur terra, 25.
- 105 Mutaverunt gloriam suam in similitudinem vituli comedentis fœnum, 241.
- * Et dixit ut disperderet eos, 161
- * Non fuerunt memores multitudinis misericordiae tuæ. 58.
- * Cito fecerunt, obliti sunt operum ejus. 416.
- 111 Concupivit anima mea desiderare, &c. 34.
- 118 Ignitum eloquium tuū, 36.
- * In corde meo abscondi eloquia tua, ibid.
- * Tabescere me fecit zelus meus 78.
- 119 Quid detur tibi, aut, &c. 476.
- 121 Fiat pax in virtute tua, 94.
- 125 Euntes ibant, & flebant, 152.
- 126 Beatus vir qui implevit desiderium suum, 35.

Sicut

132 Sicut incehsum in capite quod
&c. 132.

139 Vir linguosus non dirigetur
in terra, 477.

140 Respexit in orationem hu-
milium, 277.

* Dirigatur Domine oratio mea
sicut, &c. 156.

147 Qui posuit fines tuos pacem,
&c. 95.

148 Ligna fructifera, & omnes
Cedri, 83.

149 Exaltationes Dei in gutture
eorum, 162.

Ex Proverbiis.

3 Spes quae differtur, affligit ani-
mam, 20. & 21.

* Ne dicas amico tuo vade, & cras
tibi dabo, 61.

* Longitudo dierum in dextera
ejus, &c. 472.

5 Novissima autem amara quasi
absinthium, 429.

6 Usquequò piger dormies, 405.

11 Qui autem crudelis est, etiam
propinquos abjicit, 402.

12 Viscera impiorum crudelia,
ibid.

13 De fructu manuum suarum
plantavit vineam, 25.

* Vult, & non vult piger, 406.

14 Extrema gaudii luctus occu-
pat, 220.

* Putredo ossium invidia, 490.

* In gaudio ejus non miscebitur
extraneus, 430.

15 Secura mens quasi iuge con-
vivium, 491.

* Cor durum male habebit in no-
vissimo, 402.

16 Justitia firmatur solium, 504.

* Melior est patiens viro forti,
&c. 423.

18 Amicitia fratrum, & concor-
dia proximorum, &c. 135.

* Pigrum dejicit timor, 406.

* Frater à fratre adjutus quasi ci-
vitas firma, 136.

* Peccator cum venerit in pro-
fundum malorum, contemnit,
117.

19 Indignatio regis nuntius mor-
tis, 389.

* Fœneratur Domino qui mise-
retur pauperis, 60.

* Ubi non est scientia animæ,
non est bonum, 360.

21 Vir, qui erraverit à via doctri-
næ, in coetu gigantum commo-
rabitur, 37.

* Secretum extraneo ne reveles,
51.

24 Cum detractoribus non coma-
miscearis, 477.

* Ecce totum repleverant spicæ,
&c. 472.

26 Totum spiritum suum pro-
fert stultus, &c. 423.

27 Qui servat ficum, comedet
fructum eius. 206.

28 Qui abscondit scelera sua, non
dirigetur, &c. 116.

31 Byssus, & purpura indumentū
eius. 447.

Ex Ecclesiaste.

1 Flumina intrant in mare. 152.

3 Qui amat periculum, in illo pe-
ribit. 501.

7 Qui timet Deum, nihil negli-
git. 465.

* In die bona fruire bonis. ibi. 3.

10 Stultus multiplicat verba. 39.

* Muscæ morientes perdunt sua-
vitatē unguenti. 45.

* Vidi malum quasi per errorem
egrediens à facie principis, po-
situm stultum in dignitate, 14.

11 Mitte panem tuum super trās-
euntē aquas, &c. 268.

Ex Canticis.

1 Quia meliora sunt ubera tua
vino. 36.

* Trahe me post te, curremus in
odorem. 128.

* Filii matris meæ pugnaverunt
contra me. 175.

* Pulchræ sunt genæ tuæ. 146.

* Collum tuū sicut monilia. 425.

* Nigra sum, sed formosa. 355.

* Cum esset Rex in accubitu suo
&c. 90. & 216.

* Fasciculus myrrhæ dilectus
meus mihi. 104.

* Botrus Cypri dilectus meus
mihi. 307.

2 Ego flos campi. 23.

* Sub umbra illius, quem deside-
raveram, sedi. 34.

* Fructus ejus dulcis gutturi meo
98.

* Stipate me malis, quia amore
langueo. 185.

* Adjuro vos filiæ Hierusalem ne
suscitetis, neq̄ evigilare faciatis
dilectam, quoadusque ipsa ve-
lit. 89.

* Similis est dilectus meus ca-
preæ, hinnuloque cervorū. 209

* En ipse stat post parietem. 216
& 44.

* Flores apparuerunt in terra
nostra. 115.

* Vox turturis audita est in terra
nostra. 164.

* Capite nobis vulpes parvulas,
&c. 476. & 49.

* Ficus protulit grossos suos. 210
& 223.

3 In lectulo meo per noctes quæ-
sivi quem diligit anima mea. 97

* Tenui eum, nec dimittā. 244.

* Quæ est ista, quæ ascendit per
desertum. 86. & 218.

* Omnes tenentes gladios, & ad
bella doctissimi. 162.

4 Vita coccinea labia tua. 158.

* Vadam ad montē myrrhæ. 101

De

- * De cubilibus leonum, & de montibus pardorum. 33.
- * Vulnerasti cor meum soror mea, 88. & 187.
- * Favus distillans labia tua sponsa. 158.
- * Odor unguentorum tuorum super omnia aromata. 63.
- * Emissiones tuæ paradyfus, &c. Cypri cum Nardo, Nardus, & Crocus, fistula, & cinnamomum. 75.
- 5 Veni in hortum meum, soror mea, 125.
- * Expoliavi me tunica mea, quomodo induar illa? 213.
- * Surrexi, ut aperirem dilecto meo, 102. & 116.
- * Dilectus meus candidus, & rubicundus. 57.
- * Comæ ejus sicut elatæ palmarum. 65.
- * Labia ejus lilia distillantia myrrham. 102.
- * Electus ut cedri. 81.
- 6 Qui pascitur inter lilia. 340.
- * Terribilis ut castrorum acies ordinata. 136.
- * Sicut cortex mali punici, sic genæ tuæ. 142.
- * Descendi in hortum nucû. 268
- 7 Oculi tui sicut piscinæ in Hesebon. 154.
- * Dixit: Ascendâ in palmâ. 66. & 70.
- * Egrediamur in agrum, 19. & 89
- * Videamus si floruit vinea. 173. & 174.
- * Si floruerunt mala punica. 133. & 138.
- * Mandragoræ dederunt odorem. 445.
- * Omnia poma nova, & vetera, servavi tibi. 251.
- 8 Dabo tibi poculum ex vino condito, & mustum malorum granatorum meorum. 149.
- * Fortis ut mors dilectio. 189.
- * Dura sicut infernus æmulatio, 78.
- * Lampades ejus lampades ignis, atque flammaram. 191. & 425.
- * Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem. 307.
- * Facta sum coram eo quasi pacem reperiens. 97.
- * Fuge dilecte mi, & assimilare capræ. 345.

Ex Sapientia.

- 1 Diligite justitiam, qui judicatis terram. 502.
- 2 Coronemus nos rosis, antequâ marcescant. 338.
- 3 Fulgebunt justî, & tanquam scintillæ in arundineto discurrant. 384.
- * Spes illorû immortalitate plena est. 24.

- * Gloriosus fructus laborum nostrorum. 23.
- 4 Cani hominis sapientia. 197.
- * Consummatus in brevi, explevit tempora multa. 22.
- 6 Custoditio legum consummatio incorruptionis est. 124.

Ex Ecclesiastico.

- 2 Ne tardes converti ad Dominum, 182.
- 4 Curam habe de bono nomine, 445.
- * Non reverearis confiteri peccata tua. 114.
- * Est confusio adducens peccatum. 117. & 145.
- 7 Memorare novissima tua. 274.
- * Melior est ira risu, 291.
- 10 Radices gentium superbarum arefecit Deus. 293.
- 12 Florebit amygdalus, 185. & 197.
- 17 A mortuo, velut qui non sit, perit confessio. 117.
- 19 Ab occurso faciei cognoscitur sensatus. 143.
- * Amictus hominis, & risus dentium, & ingressus hominis enuntiant de eo. ibid.
- 20 Fatuo non erit amicus. 137.
- 22 Super mortuum plora, & super fatuum plora, 437.
- 24 Quasi Cedrus exaltata sum. 81.

- * Quasi Cypressus in monte Sion, 121.
- * Sicut balsamum aromatizans odorem dedi. 55.
- * Quasi Platanus exaltata sum. 108.
- * Quasi myrrha electa dedi suavitatem. 101.
- * Ego quasi Terebinthus extendi ramos meos. 224.
- * Sapientiam invenisti, mel invenisti. 352.
- * Qui edunt me, adhuc esurient, ibid.

- 26 Dolor cordis, & luctus mulier zelotypa. 499.
- 27 Stultus ut Luna mutatur. 242.
- 28 Vinculum illius, vinculum æneum. 470.
- 30 Cypressus in altitudinem se extollens, 122.
- 31 Noli Regibus vinum dare, 166.
- 35 In omni dato hilarem fac vultum tuum, 60.
- 36 Qui adorat Deum in oblatione suscipietur, 252.

Ex Isaia.

- 1 Lavamini, mundi estote. 441.
- * Principes tui infideles, socii furum, 14.
- * Heu consolabor super hostibus meis, 57.
- 3 Peccatum suum sicut Sodoma

- 2 ma prædicaverunt, 146.
 4 Dabo in solitudine Cedrū, 83.
 5 Væ qui confurgitis ad ebrietatem, 267.
 * Væ qui dicitis dulce amarum, & amarum dulce, 431.
 6 Vidi Dominum sedentem super solium, 109.
 9 Parvulus natus est nobis, 191.
 14 Similis ero Altissimo, 111.
 15 Dies Domini crudelis, & indignatione plenus, 402.
 18 In vasis papiri, super aquas, 314.
 24 Cum cantico non bibent vinum, 432.
 26 Anima mea desideravit te in nocte, 33.
 * Miscuit eis Dominus spiritum vertiginis, 111.
 27 Quis dabit me spinam, & veprem, 289.
 28 Irascetur ut faciat opus suum, alienum opus ejus, 57.
 * Sola vexatio intellectum dabit, 374.
 30 Scribe super buxum, 254.
 * Exaltabitur Deus parcens vobis, 56.
 * Sperantes in auxilio, & fortitudine Pharaonis, 23.
 34 Sicut decidit folium de vinea, 179.
 * Audi terram, & plenitudo ejus, 5.
 37 Mittet radicem deorsum, 42.

- 38 Recogitabo tibi omnes annos meos, 430.
 40 Quid clamabo? omnis caro fœnum, 396.
 42 Calamum quassatum non confringet, 385.
 43 Dic tu prior peccata tua, 113.
 48 Non est pax impiis, 99.
 53 Adducam eos in montem factum, 157.
 55 Ipse peccata multorum tulit, 276.
 57 Veniat pax, requiescat in cubili suo, 97.
 59 Corruit veritas in plateis, 507.
 66 Super quem requiescam, nisi super humilem, 294.

Ex Hieremia.

- 1 Quid tu vides? ollam succensam, 196.
 2 Populus verò meus mutavit gloriam suam in idolum, 241.
 * A sæculo confregisti jugū, 323.
 4 Scito, & vide quàm amarum est reliqui esse te Dominum Deū tuum, 429.
 9 Cibabo populum hunc absinthio, 431.
 * Sagitta vulnerans lingua eorū, 474.
 * Ascendit mors per fenestras, 175.
 12 Facta est mihi hæreditas mea quasi leo in sylva, 248.

17 Maledictus homo, qui confidit in homine, 22.

22 Quoniã confert te Cedro, 82.

31 Adhuc recordabor ejus, idcirco conturbata sunt viscera mea, 76.

Ex Threnis.

1 Vocavit adversus me tēpus, 201

2 Deduc quasi torrentem lacrymas, 153.

* Effunde sicut aquã cor tuũ, 87.

3 Replevit me amaritudinibus, 101. & 433.

● Oculus meus afflictus est, nec tacuit, 150.

4 Mutatus est color optimus, 445

* Parvuli petierunt panem, 267.

Ex Ezechiele.

1 Visio similitudinis gloriæ Dei, 485.

3 Et ecce ibi gloria Domini stabat, ibid.

8 Habentes dorsa contra templũ, & facies ad Orientem, 200.

9 Signa Thau super frontes virorum, 437.

10 Nunquid voluntatis meæ est mors impii? 57.

11 In quacunque die ingemuerit peccator, 182.

13 Væ qui consuunt pulvillos sub omni cubito, 258.

14 Ipsi iustitiã suã liberabunt animas suas, 235.

17 Erit in Cedrum magnam, & habitabunt sub ea volucres, 81.

29 Eo quòd fuisti baculus arundineus domui Israel, 383.

Ex Daniele.

4 Arbor in medio terræ, & altitudo ejus nimia, 12.

* Succidite arborem, 14.

* Peccata tua eleemosynis redime, 62.

12 Qui erudiunt multos quasi stellæ in perpetuas æternitates, 71.

Ex Osea.

1 Sequetur amatores suos, & non apprehendet eos, 389.

2 Ne fortè expoliam eam nudam, 213.

4 Populus non intelligens vapulabit, 375.

6 Misericordia! vestra quasi nubes matutina, 142.

* Misericordiam volo, & non sacrificium, 62.

7 Omnes calefacti sunt quasi cibus, 32.

* Cadent in gladio principes eorum, 375.

* Cani effusi sunt in eo, & ipse ignoravit, 197.

9 Ephraim quasi avis avolavit, 323.

11 Conversum est cor meum pariter, 289.

12 In fortitudine sua directus est
cum Angelo, & invaluit, 154.

14 Germinabit sicut lilium, 342.

* Diligam eos spontaneè, 96.

Ex Joële.

1 Ficum meam decorticavit, nu-
dans spoliavit eam, 214.

Ex Amos.

2 Fortis ipse ut quercus, 309.

5 Constituite iudicium in por-
tis, 453.

* Qui convertitis in absynthium
iudicium, 434.

Ex Jona.

4 Dormiebat sopore gravi, 278.

4 Lætatus est Jonas super hede-
ra, 387.

Ex Michæa.

7 Væ mihi, quia factus sum sicut
qui colligit in autumnno race-
mos, 208.

* Nolite credere amico, 22.

Ex Habacu.

1 Cibusejus electus, 396.

2 Scribæ visum, veniens veniet, &
non tardabit, 99.

Ex Malachia.

1 Si ergo pater, ubi est honor me-
us, 114.

4 Orietur vobis Sol Justitiæ, &
sanitas in pennis ejus, 190.

Ex I. Machabæorum.

1 Venundati sunt ut facerét ma-
lum, 471.

2 Et si omnes gentes Regi An-
tiocho obediunt, & c. 262.

6 Ecce pereō justitiâ magna, 298
Ex II. Machabæorum.

6 Cogebantur hedera coronari,
361.

7 Nescio qualiter in utero meo
apparuiſti, 303.

Ex Matthæo.

2 Ubi est qui natus est Rex Ju-
dæorum, 109.

3 Securis ad radicem posita est. 9

5 Estote misericordes, sicut &
Pater, & c. 56.

* Beati qui lugent, 151.

* Beati mundo corde, 441.

6 Considerate lilia campi, 339.

* Pater meus sic faciet vobis, 493

7 Intrate per angustâ portâ. 118.

8 Domine salva nos, perimus, 221

9 Et cum ejecta esset turba, intra-
vit, 45.

11 Abscondisti hæc à sapienti-
bus, & c. 261.

* Et ego reficiam vos, 493.

13 Superseminavit zizania, 487.

15 Ita Domine canis sum, 293. &
390.

17 Si habueritis fidem sicut gra-
num sinapis, 367.

* Nisi per orationem, & jejuniû,
160.

19 Ad duritiam cordis permisit
vobis dimittere Moyſes uxo-
res

- res vestras, 499.
 20 Nescitis quid petatis, 390.
 22 Neque nubent, neque nubentur, 400.
 23 Væ vobis scribæ, qui decimatis mentam, & anethum, & cuminum, 397.
 24 Væ prægnantibus, & nutribus, 117.
 * Hæc omnia initia sunt dolorum, 468.
 26 Flevit amarè, 150.
 27 Dederunt ei bibere vinum cū felle mistum, 105.

Ex Marco.

- 6 Erant laborantes in remigando, 502.
 8 Video homines velut arbores, 4
 10 Stans autem Jesus, 61.
 11 Non erat tempus ficorum, 26
 15 Dabant ei bibere myrrhatum vinum, 105.
 19 In nullo potest exire, nisi in orationem, 160.

Ex Luca.

- 1 Surgens abiit in montana, 464.
 7 Noli flere, 436.
 8 Aliud cecidit inter spinas, 455.
 11 Mentam, & rutam, & omne olus, 397.
 12 Stultè hac nocte morieris, 394
 13 Domine dimitte illam & hoc anno, 15.
 2 Succidite illam, &c. 15.

- 14 Hic homo coepit ædificare, &c. 142.
 15 Cito proferte stollam, 178.
 16 Ut mittat guttam aquæ in os meum, 153. & 267.
 * Et refrigeret linguam meã. 473
 17 Si dicetis huic arbori moro: Eradicare, 260.
 18. Qui Deum non timebat, nec homines, 146.
 * Deus propitius esto mihi peccatori, 277.
 19 Festinans descendit in domū suam, 62.

- * Quia si cognovisses & tu, quæ ad pacem tibi, 92.
 21 In patientia vestra possidebitis animas vestras, 423.
 25 Egressus foras flevit amarè, 430.
 24 Nonne cor nostrum ardens erat in via, 368.

Ex Joanne.

- 1 Gratia, & veritas per Jesum Christum facta est, 55.
 2 Et cum fecisset quasi flagellū, 467.
 5 Potestatem dedit ei iudicium facere, quia filius hominis est, 503.
 7 Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam, 495.
 9 Scio enim quia peccatores Deus

- Deus non exaudit, 277.
- 12 In mundo pressuram habebitis, 127.
- 14 Pacē relinquo vobis, &c. 96.
- 25 Ego sum vitis vera, &c. 169.
- * Ego posui vos, ut eatis, & fructum afferatis, 110.
- * Si me persecuti sunt, & vos persequentur, 125.
- 16 Cōfidite ego vici mundū, 65.
- Ex Actis Apostolorum.*
- 3 Argentum, & aurum non est mihi, quod autem, &c. 140.
- 26 Exceptis vinculis his, 470.
- Ex Epistola ad Romanos.*
- 1 Revelatur ira Dei in eos, qui veritatem in injustitia detinent. 507.
- * Mutaverunt gloriam incorruptibilis Dei, &c. 123.
- 2 Gloriam, & honorem, & incorruptionem, &c. 123.
- * An ignoras quia benignitas Dei ad poenitentiam te adducit? 201
- 3 Omnes peccaverunt, & egent gloriā Dei, 50.
- * Per omnia inutiles facti, 5.
- 7 Infelix homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus? 237
- * Carnalis ego sum venundato sub peccato, 102.
- 8 Prudentia carnis mors est, 261.
- * Ipsi intra nos gemimus, 237.
- * Quomodo non cum ipso om-

- nia nobis donavit, 24.
- * Per patientiā expectamus, 17.
- * Diligentibus Deū omnia cooperantur in bonum, 449.
- 11 Si radix sancta, etiam rami sancti erunt, 35.
- 14 Regnum Dei non est esca, & potus, 98.
- 15 Tu autem ex naturali excisa es oleastro, 292.
- Ex Epist. 1. ad Corinth.*
- 1 Sicut abundant passiones Christi, &c. 127.
- 2 Hæc autem in figura facta sūt, ut non sitis concupiscentes malorum, 31.
- 3 Omnia vestra sunt, vos autem Christi, 230.
- 4 Usque in hanc horam, & esurimus, &c. 426.
- 6 Qui adhæret Deo, unus spiritus est, 88.
- 13 Charitas nunquam excidit, 139. 156. & 189.
- 14 Nolite fieri pueri sēsis, 200.
- Ex 2. ad Corinth.*
- 1 Qui de tantis periculis nos eripuit, &c. 501.
- 2 Christi bonus odor sumus, 445
- 3 Litera occidit. 377.
- 4 Persecutionem patimur, & non angustiamur, 428.
- 5 Charitas Christi urget nos, 87.
- 6 Quasi morientes, & ecce vivimus, &c. 467.
- 7 Re-

7 Repletus sum consolatione, superabundo gaudio, 103.

9 Hilarem enim datorem diligit Deus, 60.

12 Placeo mihi in infirmitatibus meis, 126.

* Quis infirmatur, & ego non infirmor, 79.

* Vos me coegistis, 444.

6 Mihi mundus crucifixus est, 105.
Ex Epist. ad Galatas.

1 Miror quod tam cito transferimini ab eo, qui vos vocavit, 211.

2 Vivo ego, sed non ego, 188.

5 Fructus spiritus charitas est, 211

* Currebatis bene, quis vos impedivit? 417.

* Utinam abscindantur qui vos conturbant. 476.

Ex Epist. ad Ephesios.

2 Cujus gratia estis salvati, 56.

3 Hostiam viventem in odorem suavitatis, 87.

Ex Epist. ad Philip.

1 Repleti fructu justitiae, 29.

* Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo, 33.

* Vobis datum est non solum ut in eo credatis, sed & ut pro eo patiamini, 448.

4 Modestia vestra nota sit omnibus hominibus: Dominus enim prope est, 143.

* Omnia possum in eo, qui me confortat, 188.

Ex Epist. ad Thessal.

4 Nolo vos ignorare fratres de dormientibus, ut non contristemini sicut & caeteri, qui spiritum non habent. 437.

5 Sine intermissione orate, 163.

Ex Epist. 1. ad Timoth.

1 Radix enim malorum est cupiditas, 151.

3 Oportet autem testimonium habere bonum ab iis, qui foris sunt. 443.

6 Nec sperare in incerto divitiarum, 23.

Ex Epist. 2. ad Timoth.

1 Desidero videre te memor lacrymarum tuarum, 151.

2 Noli erubescere testimonium Domini, & me vincitum ejus, 145.

* Volo viros orate in omni loco, 162.

* A quo captivi tenentur ad ipsius voluntatem. 471.

Ex Epist. ad Hebraeos.

1 Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahamae apprehendit, 111.

3 Talibus enim hostiis placatur Deus, 62.

10 Secti sunt, tetati sunt, &c. 463.

12 Quem diligit Deus castigat, 127.

* Tanquam filiis se offert Deus,
193.

Ex Epist. Jacobi.

1 Quoniam sicut flos fœni transibit, exortus est enim Sol cum ardore, &c. 394.

3 Linguam nullus hominum domare potest, 473.

5 Divitiæ vestræ putrefactæ sunt 457.

Ex Epist. I. Petri.

1 Omnis gloria ejus tâquam flos fœni, 394.

* In hæreditatem incorruptibilem, & incontaminatâ, &c. 123

2 Deposita omni malitiâ, & omni dolo, &c. 257.

3 Quis est qui vobis noceat, si boni æmulatores fueritis. 449.

4 Si quis patiatur ut Christianus glorificet Deum in isto nomine, 126.

* Communicantes Christi passionibus gaudete, 103.

5 Quia adversarius vester diabolus; tanquam leo, &c. 33.

Ex Epist. I. Joannis.

3 In hoc cognoscimus charitatē Dei, quoniam ille animam suā pro nobis posuit, 189.

4 Qui manet in charitate, in Deo manet, & Deus in eo, 188.

Ex Epist. Judæ.

Arbores autumnales, infructuosæ, bis mortuæ, eradicatæ, 9.

Væ illis qui in via Cain abierunt &c. 182.

Ex Apocalypsi.

2 Vincenti dabo mannâ absconditum, 98.

4 Ex ore ejus procedebat gladius ex utraque parte acutus, 467.

6 Ecce equus pallidus, & qui sedebat super eum mors illi nomen, 236.

7 Et palmæ in manibus eorum, 65.

8 Nomen stellæ dicitur absynthium, 433.

14 Virgines enim sunt, & sequuntur agnum, 399.

16 Beatus qui vigilat, & custodit vestimenta sua, 27.

17 Plenum erat abominationibus, & immunditiâ, 420.

19 Datum est ei ut cooperiat se byssino, &c. 447.

21 Mensus est de arundine aurea, 385.

* Absterget Deus omnem lacrymam ab oculis sanctorum, 155.

F I N I S.

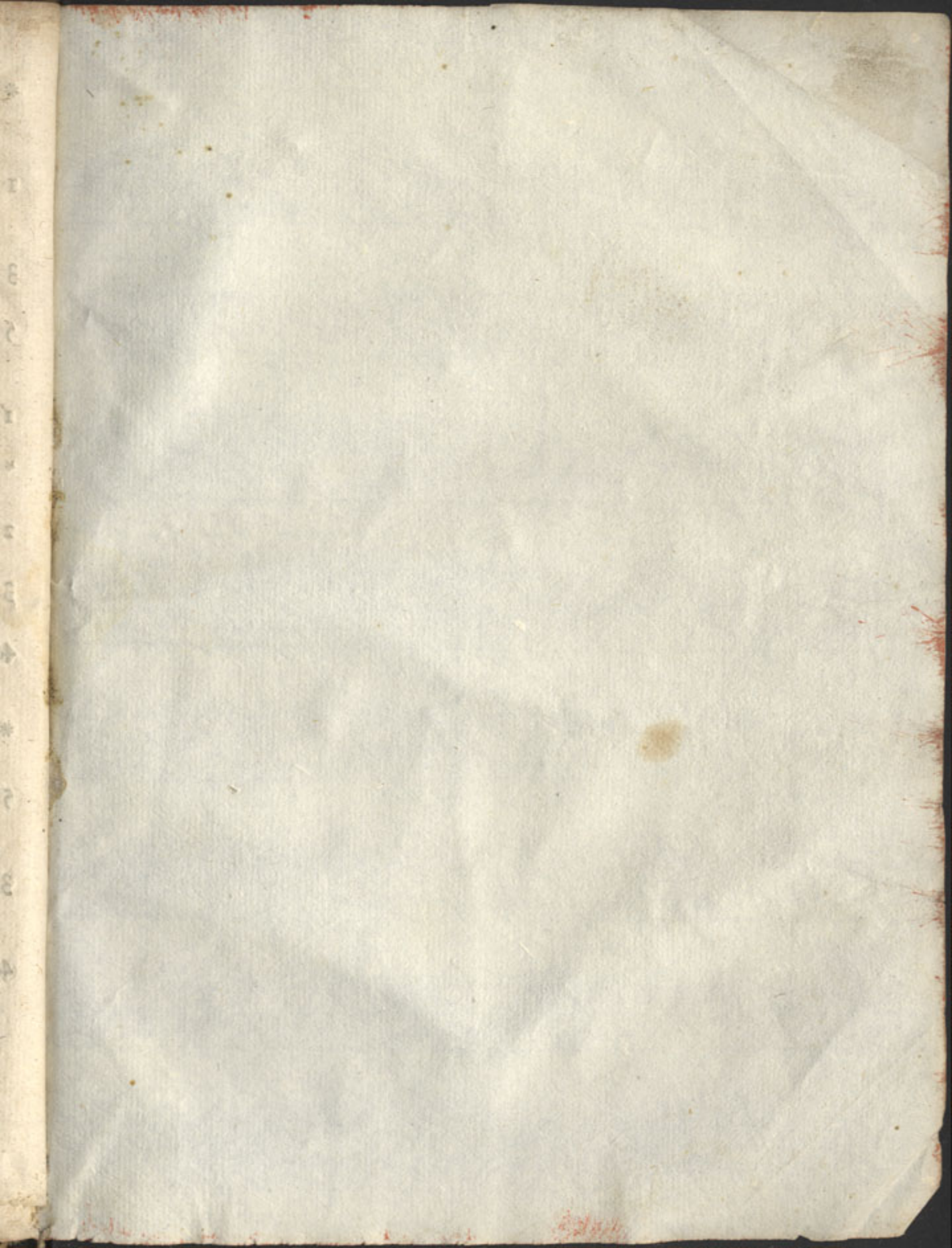


1. Quoniam hoc est semper
 hoc ex necessitate semper
 2. Inquam enim hoc semper de
 3. Divina voluntate semper est
 4. Omnia gloria eius semper sunt
 5. In hereditatem incommutabilem
 6. Deposita omnia malis de omni
 7. Quis est qui vobis nocet ista
 8. Si quis dicitur in Communionem
 9. gloriatur in nomine illius
 10. Communionem Christi per
 11. Quis est qui vobis nocet ista
 12. In hoc agnoscimus charitatem
 13. De quoniam ille amantissimus
 14. pro nobis dicitur
 15. Qui manet in charitate in Deo
 16. manet & Deus in eo
 17. Et quoniam hoc est semper
 18. hoc ex necessitate semper
 19. Inquam enim hoc semper de
 20. Divina voluntate semper est
 21. Omnia gloria eius semper sunt
 22. In hereditatem incommutabilem
 23. Deposita omnia malis de omni
 24. Quis est qui vobis nocet ista
 25. Si quis dicitur in Communionem
 26. gloriatur in nomine illius
 27. Communionem Christi per
 28. Quis est qui vobis nocet ista
 29. In hoc agnoscimus charitatem
 30. De quoniam ille amantissimus
 31. pro nobis dicitur
 32. Qui manet in charitate in Deo
 33. manet & Deus in eo

1. Quoniam hoc est semper
 hoc ex necessitate semper
 2. Inquam enim hoc semper de
 3. Divina voluntate semper est
 4. Omnia gloria eius semper sunt
 5. In hereditatem incommutabilem
 6. Deposita omnia malis de omni
 7. Quis est qui vobis nocet ista
 8. Si quis dicitur in Communionem
 9. gloriatur in nomine illius
 10. Communionem Christi per
 11. Quis est qui vobis nocet ista
 12. In hoc agnoscimus charitatem
 13. De quoniam ille amantissimus
 14. pro nobis dicitur
 15. Qui manet in charitate in Deo
 16. manet & Deus in eo
 17. Et quoniam hoc est semper
 18. hoc ex necessitate semper
 19. Inquam enim hoc semper de
 20. Divina voluntate semper est
 21. Omnia gloria eius semper sunt
 22. In hereditatem incommutabilem
 23. Deposita omnia malis de omni
 24. Quis est qui vobis nocet ista
 25. Si quis dicitur in Communionem
 26. gloriatur in nomine illius
 27. Communionem Christi per
 28. Quis est qui vobis nocet ista
 29. In hoc agnoscimus charitatem
 30. De quoniam ille amantissimus
 31. pro nobis dicitur
 32. Qui manet in charitate in Deo
 33. manet & Deus in eo

F I N I S





Compt. Rendu de l'Ac. 132



SEWELL

SEWELL

SE



 UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras



1315608197

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

1800

[Redacted]

CF
A
1
29